

A Operação Cavalo de Troia terminou, mas...

O DIA DO RELÂMPAGO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JJ BENÍTEZ
O DIA DO
RELÂMPAGO

JJ BENÍTEZ
O DIA DO
RELÂMPAGO

Tradução

Sandra Martha Dolinsky

 Planeta

Copyright © J. J. Benítez, 2013
Título original: El día del relámpago

Preparação: Malu Rangel
Revisão: Gabriela Ghetti
Diagramação: Thiago Sousa | all4type editorial
Capa: Adaptada do projeto gráfico original
Imagem da capa: Opalworks
Produção digital: [Hondana](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Benítez, Juan José, 1946-
O dia do relâmpago / J. J. Benítez ; tradução Sandra Martha Dolinsky. - 1. ed. - São Paulo : Planeta, 2014.

B415d Tradução de: El día del relámpago
ISBN 978-85-422-0318-9

1. Jesus Cristo - Ficção. 2. Cristianismo - Ficção. 3. Ficção espanhola. I. Dolinsky, Sandra Martha. II. Título.

14-
08305

CDD: 863
CDU: 821.134.2-3

2014
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo-SP
www.editoraplaneta.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

A OPERAÇÃO CAVALO DE TROIA

TERMINOU, SIM, MAS...

A Patxi Loidi, o primeiro a me
falar do “outro” Jesus de Nazaré.
E a Marcos Gabriyeh e Laurencio
Rodarte, por suas lealdades.

O DIÁRIO (DÉCIMA PARTE)

28 DE JUNHO (1973)

4 DE JULHO

10 DE JULHO

14 DE JULHO

16 DE JULHO

22 DE JULHO

23 DE JULHO

26 DE JULHO

29 DE JULHO

31 DE JULHO

1º DE AGOSTO

10 DE AGOSTO

11 DE AGOSTO

14 DE AGOSTO

16 DE AGOSTO

18 DE AGOSTO

20 DE AGOSTO

21 DE AGOSTO

26 DE AGOSTO

5 DE SETEMBRO

7 DE SETEMBRO

8 DE SETEMBRO

1º DE OUTUBRO

2 DE OUTUBRO

3 DE OUTUBRO

4 DE OUTUBRO

5 DE OUTUBRO

6 DE OUTUBRO

O diário

(Décima parte)

28 de junho (1973)

Lembro-me de um sol laranja, fugindo além do oásis de Ein Gedi, na costa oeste do mar Morto.

Recordava os relógios da nave.

Indicavam 21 horas da quinta-feira, 28 de junho de 1973. Eu estava de novo em meu tempo.

Logo escureceria.

Havíamos falhado!

O “berço” havia acabado de se precipitar às águas do mar de Sal. Eu pulei primeiro. Ou melhor, Eliseu, meu colega, me empurrou. E afundei.

Depois, contemplei a nave, espantado. Ela afundava e se perdia nas profundezas.

O que havia acontecido?

O módulo deveria ter aterrissado no alto da meseta de Massada. Era o programado. Mas falhamos.

Pensei no combustível. Acabou.

Não, não era verdade. Poderíamos ter pousado na “piscina”. Por que não fizemos isso?

Eu estava meio inconsciente. Era Eliseu quem pilotava.

Não conseguia compreender.

Olhei a minha volta.

Negativo.

Nem rastro de meu colega.

“Ele é esperto”, disse a mim mesmo, tentando me tranquilizar. “Deve ter nadado até a margem.”

Eu me sentia sem forças.

“Onde estava?”

Quis me orientar, mas não consegui muito bem. Reconheci a costa oriental do mar Morto (atual Jordânia). Isso foi tudo. Eu estava a uns 200 metros.

O lógico teria sido nadar em sentido oposto e tentar encontrar a margem judaica. Desisti. Era muito longe. Quase 15 quilômetros.

Depois eu soube: o “berço” havia caído no mar em frente à desembocadura do *wadi* Mujib, ou leito seco do rio Árnon (Mujib). Nessa área do citado mar Morto – entre Mujib e Ein Gedi –, a profundidade é máxima: cerca de 300 metros. A nave, provavelmente, havia ido parar no fundo: um leito de lodo de cem metros de espessura. Verdadeiras e perigosíssimas areias movediças. Tudo que cai nesse lugar desaparece para sempre.¹

Tentei nadar. Não consegui. Estava esgotado.

Deixei-me arrastar pelo vento e pela corrente. Não tinha alternativa.

O vento soprava sem muita convicção, mas soprava. Empurrava-me para o sudeste.

Eu sabia que, nessa época do ano, coincidindo com o verão, os ventos apareciam antes do meio-dia e morriam pouco antes do crepúsculo. Quanto às correntes, no mês de junho, eram suaves: da ordem de 15 centímetros por segundo e seguindo a direção anti-horária.² À noite,

as correntes ficavam mais intensas e ultrapassavam meio metro por segundo. Enfim, vento e correntes me empurravam, irremediavelmente, para a citada costa leste e, especificamente, para o sul do *wadi* Mujib.

Agora, ao escrever esta parte dos diários, compreendo. Eliseu, que conhecia essas circunstâncias, havia calculado tudo. Mas devo ir passo a passo.

Reparei, então, no traje de astronauta. O instinto me preveniu. Eu tinha que me livrar dele. Se os judeus ou jordanianos me localizassem, o que poderia lhes dizer? O que um ianque vestido de astronauta estava fazendo na árida costa do mar Morto?

Livre-me do pesado e chamativo traje e ele ali ficou, flutuando nas águas vermelhas.

O sol desapareceu às 21 horas e 36 minutos.

E o silêncio, curioso, olhou-me do alto. A lua havia mudado fazia tempo.

Senti tristeza. Uma profunda e intensa tristeza.

Tudo havia terminado. A Operação Cavalo de Troia era fumaça. Ele não estava mais aqui.

Joguei a cabeça para trás e me deixei nas mãos do Pai Azul, uma vez mais. Ele sabia. E rezei: “Pai, recebe-me! Eu me consagro a ti agora, no tempo”.

E as doces ondas, quase de brincadeira, me consolaram.

“O que havia acontecido? Jesus de Nazaré... O Mestre ergueu o braço esquerdo e acenou com a mão. Estava se despedindo de quem isto escreve. Eu nunca mais tornaria a vê-lo.”

Era tudo que eu recordava.

Já avançada a noite, alcancei a margem.

Tudo era silêncio e escuridão. As luzes mais próximas se encontravam na zona judaica, escondidas aqui e ali. Ninguém parecia ter notado a presença e o posterior afundamento do “berço”. Mas eu não devia confiar.

Acaricieei as pedras que formavam a praia. Mostraram-se mornas e dóceis. Agradei. Estava exausto. Precisava de um pouco (muito) de ternura. Meu coração também havia voado pelos ares. Também não tornaria a vê-la... Minha querida Rute...

Explorei com o olhar tudo que tinha a meu alcance, mas foi uma inspeção quase inútil. Atrás de mim erguiam-se os negros penhascos que eu conhecia bem. Um pouco mais acima, para o norte, intuí o leito seco do Mujib, semeado de desolação e de serpentes. No alto, em branco e preto, um firmamento espetacular.

Fiquei deitado na margem – não sei dizer quanto tempo –, em uma vã tentativa de organizar ideias e sentimentos. Tudo era confuso e obscuro, como aquele mar de morte.

“O que devia fazer? Como entrar em contato com o pessoal do projeto? Como explicar o que nem eu mesmo sabia? Devia tentar chegar a Massada? Estávamos em junho. O mais provável era que os homens do Cavalo de Troia já não estivessem na meseta. Eu tinha, sim, um problema... Um?”

Ri sem querer.

Lutei para me levantar, várias vezes.

Não consegui. Minhas forças haviam ficado pelo caminho.

E ali continuei, desabado, tendo a mim mesmo como minha única companhia.

Prestei atenção na superfície do lago. Quis ver ou ouvir meu colega, mas foi só isso: pura

boa-fé. Não havia ninguém ali. O mar continuava levemente encrespado e hostil.

Eu teria gostado de chorar a morte de Eliseu, mas também não foi possível. Não me restavam lágrimas.

As estrelas, como outrora, me compreenderam. Algumas brilharam com mais intensidade, dando a entender que também se sentiam sozinhas e desamparadas. Agradei e acabei me acomodando no leito de pedras e na vontade do Pai.

Foi assim que adormeci profundamente.

Estava precisando.

E me vi assaltado por uma série de pesadelos absurdos e angustiantes.

Um deles me pareceu especialmente duro e macabro. No sonho, o “berço” afundava no mar de Sal. Eu subia para a superfície. Nadava com urgência. E então, eu o vi.

Era Eliseu, meu irmão. Estava dentro da nave. Olhava por uma das vigias. Vomitava sangue e sorria com maldade.

Afundava na escuridão.

Eu quis nadar ao encontro do módulo, mas não foi possível. A salinidade, como uma sereia, puxava quem isto escreve para o alto.

Em outra janelinha apareceu o general Curtiss, chefe da missão. Também me olhava.

Na mão esquerda mostrava o cilindro de aço que continha as amos-tras de sangue e cabelo do Mestre, da Senhora, de José, o pai terreno de Jesus, e de Amós, o irmão do rabi. Na direita segurava um daqueles enormes charutos.

O que Curtiss estava fazendo no “berço”? Não era o lugar dele. E o general gritou no sonho: “Acabou o prazo, maldito subalterno!”.

Eu sabia. Estava se referindo ao ultimato que Eliseu me dera no dia 24 de dezembro do ano 26. Eu tinha o prazo de um mês para devolver o maldito cilindro.

E gritei, também no pesadelo: “E se eu não o devolver?”. Curtiss clamou: “Então, voltarei sem você”.

Isso foi o que Eliseu replicou naquela oportunidade.³ Como podia saber?

Que absurdo!

Nunca voltei a Beit Ids, nem pretendia. O cilindro de aço foi roubado pela menina selvagem. Eu quis gritar isso para ele, mas a nave se perdeu no fundo.

Nadei no sonho com desespero. Queria fugir daquele lugar. Estava me afogando. A salinidade continuava me puxando como uma criatura infernal. Mas consegui alcançar a superfície e nadei para a margem oriental do lago.

Estava escurecendo. Naquele 28 de junho de 1973 – eu sabia – o sol se esconderia às 21 horas, 36 minutos e 53 segundos. Como eu podia saber uma coisa dessas em pleno sonho?

Mas logo a salinidade se voltou contra mim. Pegou-me pelos pés e a senti puxando quem isto escreve.

Estava afundando!

Não era possível... no mar Morto isso não acontece. Ao contrário. Além do mais, a salinidade não age assim. Engoli água. Era amarga, sem vestígios de sal. Oh, Deus!

Eu estava a um passo da margem.

Senti as forças me abandonarem. E ela continuava me arrastando.

Então, escutei um riso distante. Era Curtiss. Vinha do fundo.

Achei que havia chegado minha hora.

E estava quase desaparecendo sob as águas quando o vi na margem. Ele me fez sinais com os braços. Era ele outra vez!

Jogou-me uma corda e me segurei nela.

Mas a salinidade percebeu a manobra e puxou este explorador com maior violência. Afundei de novo.

Continuei segurando a corda com todas as minhas forças. Senti a corda me puxando para a superfície.

E a minha volta surgiram centenas de borbulhas. Vinham das profundezas. Chegavam apressadas.

Meu Deus!

Dentro de cada borbulha pairavam os diabólicos sorrisos de Eliseu e do general. Estavam por todos os lados.

Mas a salinidade acabou vencida e a corda foi me puxando para a costa.

Lá estava ele.

Recolheu a corda e, sem uma palavra, deu meia-volta e se afastou.

Era o homem de dois metros de altura. O sujeito do sorriso encantador!

Fiquei perplexo.

Em seguida, aquele fascinante personagem se voltou para quem isto escreve, olhou-me, e ouvi uma voz em minha cabeça. Não o vi mexer os lábios. E a “voz” disse: “Você vai voltar”.

O sorriso era incrível. Espetacular. Enchia tudo no sonho.

E repetiu:

“Vai voltar para ele.”

Depois se afastou, pulando ágil por entre as rochas.

Não tardaria a escurecer no sonho...

Acordei já bem avançada a manhã.

O sol morno me acariciou com delicadeza. Era como se soubesse.

Fiquei um tempo sem me mexer. E da memória voltaram algumas das imagens vividas (ou sofridas) em um dos pesadelos da noite anterior.

Por que o sujeito do sorriso encantador havia me puxado, salvando-me? Eu já não tinha nenhum papel naquela história. E, acima de tudo, o que quis dizer com aquele “Você vai voltar para ele”? Mais ainda: por que escrevi “ele” com inicial minúscula? Não se referia a Jesus de Nazaré?

Descartei as reflexões. Era só um sonho. Um sonho ruim. Ou não? E recordei igualmente a recomendação do Mestre: “Procura a pérola em cada sonho”.

O que o homem de dois metros quis transmitir?

A realidade tocou meu ombro e me obrigou a voltar ao presente.

O mar continuava azul e quieto, como se não houvesse acontecido nada.

Levantei-me com dificuldade e verifiquei o que já suspeitava: estava muito perto da desembocadura do *wadi*. A uns 50 metros ao sul.

Procurei ansiosamente com o olhar. Nem rastro de Eliseu ou do “berço”.

E o pressentimento (?) (não sei como chamá-lo) se tornou pesado como chumbo. Tinha que me acostumar com a ideia: meu colega estava no fundo do mar de Sal, morto.

A memória continuava me negando informações. Recordava o vômito na praia de Saidan. Recordava Zal correndo para o Mestre. Recordava despertar na nave e, finalmente, o empurrão do engenheiro. Isso era tudo.

De repente, escutei algo.

Era o típico e tranquilo soar de sinos de um rebanho.

De fato, eram cabras. Exploravam e se equilibravam entre as pedras cor de laranja que se derramavam no *wadi*.

Não demorei a ver o pastor.

Era um menino.

Estava de cócoras sobre um dos penhascos, me observando. Segurava um bastão.

Havia quanto tempo me contemplava? E o que isso importava?

Procurei pensar rapidamente. O que devia fazer? Pedir ajuda? Talvez o garoto soubesse.

Acabei erguendo a mão direita e gritando. Em inglês.

Não houve resposta. Ou melhor, ele respondeu a sua maneira.

Compreendeu que alguma coisa estranha estava acontecendo e que aquele velho magrelo e seminu precisava de auxílio. Levantou-se e se afastou correndo. Eu o vi desaparecer rumo ao Mujib. Ali ficaram as cabras, indiferentes.

E eu me sentei na margem, decepcionado.

Tinha que encontrar uma solução.

Tentei caminhar. Dei apenas três passos. Tive que parar. Aquela dor de estômago insuportável retornou e me fez me dobrar. Caí de joelhos. Comecei a transpirar copiosamente. E os calafrios voltaram.

O vômito de sangue não tardaria a aparecer.

Mas meu coração foi se tranquilizando e a dor se afastou momentaneamente. Fiquei imóvel. Sabia que tipo de mal me rondava, e isso multiplicou minha angústia.

Em seguida, ouvi vozes.

Levantei-me como pude e reconheci o pastor. Estava se aproximando. Com ele, também apressados, aproximavam-se três homens. Pareciam árabes. Usavam as grandes *dishdashas* (túnicas beduínas) e turbantes brancos. Era provável que eu estivesse diante de uma família *badawi* (nômades).

Pararam a pouca distância e me observaram. Compreendi sua estranheza.

Dois dos homens eram jovens. O terceiro andava pelos 50 anos de idade. Era gordo e de baixa estatura. Percorreram-me com o olhar, de cima a baixo, e eu fiz o mesmo. Os jovens ostentavam no cinto as *khanjas*, umas adagas curvas e largas mais que assustadoras.

Conversaram entre si, mas não consegui escutar. O menino ficou em silêncio. De vez em quando pegava uma pedra e endireitava os maus passos das cabras.

Sinceramente, não gostei deles.

O mais baixo avançou e se colocou a uns três metros de quem isto escreve. Tornou a me avaliar com o olhar e perguntou em árabe quem eu era e o que havia acontecido.

Seus olhos estavam vermelhos, como se não houvesse dormido, e sua barba era preta e densa.

Não respondi. Não sabia o que dizer.

O árabe, sem se alterar, perguntou novamente. Dessa vez em inglês.

Também não respondi. Tentava pensar, mas minha mente estava vazia. Dei de ombros.

Acho que o homem gordo percebeu minha angústia e parou de me interrogar. Voltou para junto dos outros e conversaram. Um dos jovens apontou para mim e me chamou de “velho louco”. Continuaram discutindo em voz alta.

Aquele que havia me chamado de “louco” queria dar meia-volta e me abandonar à própria sorte. O de barba fechada o recriminou, acusando-o de falta de humanidade. E invocou o Deus dos cristãos. Estava eu diante de um grupo de árabes cristãos?

A discussão se prolongou por alguns minutos.

Não havia jeito de entrarem em acordo.

E, de repente, um dos jovens (o que menos falava) se distanciou do grupo. Caminhou para este desconcertado explorador e, ao chegar até mim, parou e puxou sua adaga de aço.

A *khanja* me advertiu com sua cintilação. E, instintivamente, dei um passo para trás.

O que ele pretendia? Eu estava nu; não tinha nada de valor.

O árabe de baixa estatura gritou para o da adaga, advertindo-o de que não fizesse nenhuma bobagem.

O da *khanja* não lhe deu atenção. Continuou mudo, observando-me; ou melhor, observando meu pescoço. Naquele momento crítico não me dei conta...

E o segundo jovem seguiu os passos do primeiro.

Colocou-se atrás de mim, mas não disse nada. Quando passou, observei sua *khanja* desafiadora. Continuava na cintura do árabe.

Senti falta da “pele de serpente”.

Eu não tinha forças. Estava desarmado. Aqueles miseráveis podiam me degolar por simples prazer.

Eu não tinha saída.

Aquele que segurava a adaga continuou com o olhar fixo em meu pescoço. Parecia interessado na placa de latão, minha placa de identidade. Foi o que pensei. Mas não.

De repente, falou em árabe; disse algo sobre uma pérola.

Eu não sabia a que se referia. Não tinha nenhuma pérola.

Meu silêncio o irritou. Moveu a *khanja* lentamente e a ponta foi buscar o cordão do qual pendia a placa metálica.

O árabe baixinho tornou a gritar, ameaçador. E ordenou que os jovens das adagas se retirassem de imediato.

Não obedeceram.

– Quero a pérola! – exigiu de novo o que estava na minha frente.

Neguei com a cabeça, mas o árabe interpretou mal meu gesto. Eu só queria dizer que não tinha pérola nenhuma.

O segundo árabe, que permanecia atrás de mim, insultou-me e me aconselhou a dar ouvidos a seu comparsa.

– A pérola!

A adaga levantou o cordãozinho e agitou a placa. Foi quando a “pérola” tilintou ao contato com a placa de latão. Só então a vi.

Não havia reparado nela; ou melhor, “naquilo”.

Estava no referido cordão, presa por uma pequena argola de ouro.

– A pérola, maldito estrangeiro!

Senti a segunda adaga em minhas costas.

E ambos exigiram a “pérola” que estava pendurada em meu pescoço. Uma “pérola” negra de dimensões reduzidas. Como havia chegado até mim? Não me lembrava.

– Pela última vez, entregue a pérola!

O jovem que estava a minha frente aproximou a *khanja* e a afundou levemente em minha pele.

Levantei a cabeça e tentei dizer algo. Não podia explicar a eles. Teria sido inútil e absurdo.

Pensei que havia chegado minha hora.

Por fim, balbuciei:

– Não é uma pérola.

Foi quando o terceiro árabe, o de baixa estatura, deu um grito e se precipitou para nós.

Seus companheiros o olharam desconcertados.

E o da barba preta fechada se colocou próximo ao que me ameaçava com a adaga no pescoço. Segurava um revólver na mão direita.

Agiu com rapidez e precisão. Apontou a arma a poucos centímetros da têmpora esquerda do indivíduo da *khanja* e instou os dois sujeitos a guardarem as adagas e voltarem ao acampamento.

Hesitaram.

Era um revólver que jamais esquecerei. Tinha cabo de marfim. Provavelmente era um Smith & Wesson calibre 44 Magnum, com um cano enorme, de 8 5/8 polegadas.

A mão do que segurava a Magnum 44 não tremeu em nenhum momento. O homem sabia o que queria, e especialmente como conseguir.

Engatilhou o revólver e o cilindro girou obediente. Era um tambor de seis balas. A mira era ajustável, com um clique micrométrico.

Os árabes se olharam, temerosos.

Então, reparei no dedo indicador do que segurava o assustador Magnum 44. Acariciava o gatilho pela parte de baixo, fazendo alavanca. Isso significava que estava pronto para atirar.

Não foi necessário.

Os árabes compreenderam, guardaram as adagas e se retiraram, murmurando palavrões e obscenidades. Afastaram-se em direção ao Mujib.

Meu salvador guardou o revólver de cabo de marfim e sorriu brevemente. Ele estava suando.

Foi nessas circunstâncias que conheci Marcos, o árabe que empunhara a Magnum; um homem muito bom.

Muito possivelmente salvara minha vida.

Marcos, de fato, era um árabe cristão. Era guia profissional. Morava habitualmente em Belém, mas podia ser encontrado em qualquer parte do mundo. Falava sete idiomas.

Estava no *wadi* Mujib – segundo disse – preparando uma expedição arqueológica conjunta da qual participavam a Associação de Expedições de Israel e o Departamento de Antiguidades de Amã (Jordânia). Havia sido contratado por um velho amigo, o célebre arqueólogo judeu Dan Urman (nesse momento na Galileia). Os arqueólogos pretendiam escavar quatro das grandes covas do *nahal*, ou rio Ánon, e para isso montaram um pequeno

acampamento no referido leito seco do Mujib. Marcos era o chefe nesse momento. A campanha de escavações começaria no outono.

O bondoso árabe trocou algumas palavras com quem isto escreve. Tranquilizou-me, e o fiz entender que eu não estava bem. Ele pediu calma. Voltou ao *wadi* e o vi retornar pouco depois com uma mula e outro árabe, tão velho quanto eu, sem dentes e sem voz. Era mudo.

Ajudaram-me a montar na mula e me levaram ao acampamento.

Ali, deram-me roupa e leite.

A dor havia ficado na margem do mar de Sal. Foi o que pensei.

Conversamos um pouco, e Marcos chegou à conclusão de que estava diante de um ianque que talvez houvesse sofrido um acidente e era vítima de amnésia transitória.

Não lhe dei muitas explicações. Também não teria feito sentido, e, além de tudo, eu estava proibido de falar. A ideia da amnésia me pareceu oportuna e muito aproximada. Deixei como estava.

Marcos sugeriu que eu descansasse e me recuperasse. Haveria tempo para entrar em contato com as autoridades e decidir sobre minha sorte.

Agradei o novo gesto de generosidade e fiquei observando os que me cercavam. Lá estavam os sujeitos das adagas. De vez em quando me contemplavam com desprezo. Os demais árabes, contratados pelo Departamento de Antiguidades, eram igualmente *badawi* (beduínos). A maioria pertencia à família Di' Ab, do clã dos Hamaideh, assentados na região do Árnon desde tempos imemoriais. Eram pastores e contrabandistas. Na região do Mujib viviam também os Haweitah, os Sararat, os Atawneh, os Sehour, os Gahalin e os Azazmeh, entre outras tribos que não recordo. Odiavam-se e se suportavam na mesma medida.

Marcos deu uma ordem seca a Daher, chefe da família Di' Ab. Ninguém devia me incomodar. E a voz correu pelo acampamento. O “ianque louco” era amigo de Marcos. Ou seja, intocável.

Assim se passaram cinco dias.

Procurei me recuperar, mas não consegui muito.

Toda manhã ia ao mar de Sal e esperava, em vão, um sinal dos céus. Do “berço” e de Eliseu não detectei rastro nenhum.

Mas acho que estou esquecendo algo importante: a erroneamente chamada “pérola”.

O que estava fazendo ali? Alguém, obviamente, a colocara em meu pescoço. Mas quem?

A pergunta era estúpida. Se não fui eu (pelo menos não me lembrava), só podia ter sido o engenheiro.

Acaricieei-a e mergulhei em outro mar de dúvidas.

Como insinuei, a “pérola” (gosto do nome que o árabe lhe deu) não era de fato uma joia. Na realidade, tratava-se de um “DR”, um *Dream Reader*, ou “leitor de sonhos”, no jargão dos homens do Cavalo de Troia.

O “DR” era um delicadíssimo dispositivo (miniaturizado) de cinco milímetros de diâmetro, esférico, com um brilho negro (daí a confusão com uma pérola negra) e quatro gramas de peso.

Que eu tivesse conhecimento, nunca havia sido utilizado nas diversas missões.

O interior, como disse, não tinha relação alguma com uma pérola.

Em palavras compreensíveis: era (e é) uma revolucionária descoberta (de origem militar) que poderíamos definir como “captador de sonhos”, com o correspondente arquivo de

memória.

Em suma: em um “DR” é possível armazenar todos os sonhos e memórias de um mamífero (ao longo de sua vida).

Ao conectar a “pérola” ao crânio, um complexo sistema magnético (relativamente similar aos “nemos”) procura os “armazéns” das memórias (em especial as recordações codificadas nos milhões de neurônios do hipocampo), copia-as e as transfere para o arquivo do “leitor de sonhos”. Memórias e sonhos são armazenados como em uma videoteca.⁴

A velocidade de captação do “DR” é de 12,5 milésimos de segundo. É o tempo que um pensamento necessita para se formar (gosto mais da expressão “recepção do pensamento”).⁵

A “pérola”, contudo, não foi incluída na bagagem científica do “berço” com a única missão de conhecer os sonhos e memórias dos personagens que devíamos acompanhar e estudar. O mais interessante do “DR” era sua capacidade de memória, similar à dos cristais de titânio⁶ que configuravam a essência do fiel computador central, “Papai Noel”, com a vantagem de seu volume mínimo. Não vou chatear o hipotético leitor destas memórias com dados técnicos sobre o “leitor de sonhos”. Direi, simplesmente, que sua capacidade de armazenamento de informação é ilimitada. Nós a chamávamos de memória “Alfabit”; ou seja, com início e sem fim. Atingia (teoricamente) um milhão de micabytes (1.010 brontos). Em outras palavras: um bilhão de vezes as letras contidas na Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América. A potência de transmissão era impressionante: bilhões de operações por femtosegundo (um fem, como deve recordar, é equivalente a 10^{-15} segundos), com uma “latência” inferior a 0,01 fem.

A memória sem fim do “DR” era igualmente ilimitada no tempo, podendo se manter intacta e limpa por milhares de anos (em tese, até um milhão de anos).⁷ Foi blindada. Podia resistir a temperaturas de 1.200 °C, bem como a imersões em ácidos ou em águas especialmente salinas.

Sim, eu a acariciei e a contemplei durante muito tempo.

O que continha a “pérola”? Por que apareceu pendurada em meu pescoço? Por que neste momento crítico?

Minha mente naufragou, uma vez mais.

Eu não conseguia lembrar. Não sabia.

E o mar de dúvidas acabou me engolindo. O Mujib não era o lugar adequado para responder a tais perguntas. A única coisa clara em minha memória é que o “DR” não foi utilizado por quem isto escreve. A não ser que o tenha feito durante o tempo em que não conseguia me manter em pé.

Eu me debati na dúvida.

E por que iria utilizar um “leitor de sonhos”? Não vi sentido nisso.

Pobre idiota. Nunca aprenderei.

Assim vi passarem aqueles dias, imerso no medo.

Sentia medo de tudo, e por qualquer motivo.

Medo da dor... Sabia que voltaria.

Medo do Destino... O que teria me reservado?

Medo dos que me cercavam...

Medo da solidão...

Eu havia vivido a Seu lado. Havia me acostumado. Seria capaz de viver sem Ele?

Como tinha saudades Dele!

Sentado nos penhascos, com o mar de Sal a meus pés, pensei, pensei...

Em primeiro lugar, o que faria da vida? Deveria voltar à base de Edwards, na Califórnia? A ideia não me tentou. Depois de descobrir as verdadeiras intenções dos militares de meu país em relação ao projeto Cavalo de Troia, sinceramente não me senti atraído.⁸ Odiava Curtiss e toda sua gente.

Pensei em desaparecer. Podia fugir. Não era difícil conseguir uma identidade falsa. Arranjaria um lugar remoto e aprazível e ali esperaria o final. Segundo todos os indícios, não estava muito distante.

A ideia foi me conquistando.

E me deixei levar pela imaginação.

Eu tinha algumas economias. Seriam suficientes. E dedicaria meu tempo a escrever nossa experiência com o Filho do Homem. Ninguém havia vivido uma aventura igual. Eu tinha que fazer isso. Era minha obrigação. Precisava contar ao mundo.

Essa era a chave: a verdade sobre a vida e a mensagem de Jesus de Nazaré não devia permanecer oculta. A história e a tradição são traidoras.

Eu me lembrava de tudo (ou de quase tudo). Minha memória era panorâmica.

Porém, enquanto me deixava levar por essas fantasias (ou não eram fantasias?), em minha mente se materializava também a crua e triste realidade: “Eles vão procurá-lo e o encontrarão”.

Sorri para mim mesmo e escutei dentro de mim a voz calorosa do Mestre: “Deixe que *Abba* faça seu trabalho”.

Contar a vida do Galileu exatamente como foi? Gostei do desafio. De fato, já havia começado. Ali estavam os diários.

Mas o que estava pensando? Os diários estavam na base de dados do “Papai Noel”. A nave estava perdida.

“Não importa”, disse a mim mesmo. Começaria do zero. Procuraria esse refúgio e me entregaria de corpo e alma à missão de escrever.

E o Pai Azul, suponho, sorriu com benevolência.

Sim, tudo está medido, e bem medido.

E meus pensamentos voltaram ao “berço” e ao desastre final.

Curioso Destino...

Recordava como havia planejado a destruição da nave caso as amos-tras de sangue e de cabelo do Mestre e de sua família houvessem retornado a nosso tempo. Recordava o que havia dito a Eliseu naquele agosto do ano 25 de nossa era: “Quando chegar a hora, quando a nave decolar do Ravid, não pergunte sobre o que vir. Simplesmente aceite”.

Sim, estranho Destino...

Nada disso aconteceu. O cilindro de aço, como disse, foi roubado pela menina selvagem de Beit Ids, e o “berço”, muito a meu pesar, afundou no mar de Sal.

Durante aqueles dias no Mujib, meu olhar e meus pensamentos voaram também para o alto da meseta de Massada. Podia vê-la daquela margem. Estava relativamente perto. Era de

se supor que os israelitas continuassem na “piscina”, no comando da estação receptora de fotografias (via satélite).⁹ Nosso retorno foi programado para a noite de 19 para 20 de março desse ano, 1973. O combinado estabelecia que os militares judeus começariam a recepção de imagens no dia 1º de abril. Lamentavelmente (?), nosso retorno ocorreu em 28 de junho: quase três meses depois do determinado pelo Cavalo de Troia.

Imaginei que Curtiss e o resto das equipes teriam resistido ao máximo, até o último momento. Depois, deviam ter calculado o pior: havíamos morrido ou estávamos presos no passado.

Compreendi a dramática situação. Curtiss e seus homens não tiveram alternativa. Não deviam revelar seu segredo aos judeus. Destruíram o instrumental “confidencial” e voltaram ao deserto do Mojave.

A Operação Cavalo de Troia havia fracassado.

Acertei em tudo, exceto em uma coisa: o Cavalo de Troia terminou, mas não foi um fracasso. Não para mim, e muito menos para Ele. Ele soube mexer os fiozinhos com perfeição.

Mas quem isto escreve, naquele momento, estava cego. Não soube ver.

¹ Segundo nossas notícias, o ritmo de sedimentação nos últimos 15 mil anos é de 6,5 milímetros por ano, em média. Dada a inclinação do fundo do mar Morto, a maior parte do lodo foi se acumulando nas duas grandes concavidades existentes ao norte (em frente ao rio Nahalíel) e no centro (Ein Gedi-Mujib). (N. do Major.)

² Ao longo das costas do mar Morto, as correntes de água circulam em sentido anti-horário, como consequência do efeito Coriolis (uma força que tem origem na rotação da Terra e que move os líquidos para a direita na metade setentrional do globo e para a esquerda no hemisfério sul). Na costa oeste do mar de Sal, a direção da corrente é para o sul, e na margem oriental circula ao contrário: para o norte. (N. do M.)

³ Ampla informação sobre o acontecido em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ Não estou autorizado a descrever em profundidade os delicados mecanismos do “DR”. Pertence ao sigilo militar. Mas posso dizer que uma das “portas” de conexão com os “armazéns” das memórias é o sono REM, ou paradoxal, já comentado anteriormente nestes diários. O cérebro classifica nossas memórias graças, justamente, ao sono REM. Durante esse tempo, o que chamamos de memória “de curto prazo” é descartada. Trata-se de cenas, objetos ou sensações que não interessa guardar. O normal é que sejam “apagados” em menos de 30 segundos. A memória “de longo prazo”, porém, sobrevive, e é armazenada quimicamente. Estaríamos diante de tudo aquilo que, por uma razão ou outra, nos marca na vida. Ou seja: aquilo que vale a pena ser guardado. Pois bem, a consolidação dessa memória “indelével” acontece enquanto dormimos; mais exatamente, enquanto sonhamos (períodos REM). O “leitor de sonhos” aproveita essa via REM para acessar os citados “armazéns” e absorver a informação. A propósito, sempre me perguntei: qual “criatura” decide o que conservar na memória e o que apagar? (N. do M.)

⁵ Com o Mestre aprendi que os pensamentos não se formam, e sim são recebidos. (N. do M.)

⁶ Ampla informação em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

⁷ Atualmente (2012), os discos rígidos têm uma expectativa de “vida” que dificilmente supera os 50 anos. A partir de então, entram em um período de “escuridão digital” e “morrem”. Quanto à capacidade de memória dos computadores (não militares), entendo que foram comercializados até 4 tera. As unidades conhecidas em informática são as seguintes: bit, a menor unidade (valor “0” ou “1”); byte, equivalente a 8 bits; kilobyte, 1.024 bytes; megabyte, 1.024 kilobytes; gigabyte, 1.024 megabytes; terabyte, 1.024 gigabytes; petabyte, 1.024 terabytes; exabyte, 1.024 petabytes; zebibyte, 1.024 exabytes; yottabyte, 1.024 zebibytes; e brontobyte, 1.024 yottabytes. O micabyte não consta da informática civil. (N. de J. J. Benítez.)

⁸ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁹ Ampla informação sobre o Big Bird e a estação receptora de fotografias na meseta de Massada em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

Naquela quarta-feira, 4 de julho (1973), tudo escureceu de novo.

A dor voltou sem piedade.

A hematêmese (vômito de sangue) tornou-se intensa. Foi um sangue negro, de evidente origem gástrica, precedido por uma tosse suspeita e estranha. As fezes também eram negras como alcatrão.

Não tive dúvidas. O sangue estava sendo digerido.

O diagnóstico, a meu entender, parecia claro: eu era vítima de uma hemorragia digestiva.

Mau sinal.

Se fosse o que eu imaginava, e se quisesse sair vivo dali, não tinha alternativa a não ser me colocar nas mãos dos médicos, e com urgência.

Tive clareza disso em questão de minutos.

Para cumprir o grande objetivo, se pretendesse escrever sobre o que havíamos vivido na Palestina de Jesus de Nazaré, era necessário que voltasse à base da Força Aérea em Edwards (Califórnia). Cedo ou tarde saberiam que eu estava vivo.

Além do mais, havia o assunto da “pérola”. Para decifrar e conhecer o conteúdo, eu só podia recorrer à tecnologia do Cavalo de Troia. Só assim poderia “abrir” o “DR”.

Em Edwards, evidentemente, eu poderia ser atendido pelos melhores médicos e especialistas.

E me perguntei: por que sentia medo? Por que entrar no Mojave me preocupava?

Procurei me acalmar.

Eu havia cumprido minha parte. Ninguém podia me censurar por nada.

Contaria a verdade.

E o Destino, suponho, sorriu, entretido.

Marcos e os beduínos não tardaram a perceber minha precária situação. Não foi possível evitar o vômito de sangue. Eu me sentia novamente fraco. Quase não me aguentava em pé.

E o árabe fez os preparativos. Ele me levaria a um hospital imediatamente.

Digo que o céu me iluminou e consegui convencê-lo a que, antes de mais nada, me permitisse falar com a embaixada de meu país em Amã, capital da Jordânia. Marcos aceitou. Ficava no caminho do hospital.

Ele não fez perguntas, e eu agradeci.

E, no meio da manhã, montados em mulas, divisávamos a aldeia de Mathlutha. Não houve jeito de contatar a delegação norte-americana. O único telefone dos beduínos não funcionava. Marcos decidiu. Iríamos de carro até Amã. Era o mais sensato. Ali, ele falaria com a embaixada.

Em Madaba tivemos que trocar de transporte. A velha caminhonete alugada em Mathlutha era um suplício a mais. Parava a cada quilômetro.

Por fim, bem avançada a tarde, paramos em frente à embaixada dos Estados Unidos em Amã. Fingi que me sentia melhor e pedi a Marcos que voltasse para o Mujib. Na embaixada cuidariam de mim.

Foi uma despedida breve e emotiva. E compreendi melhor o Mestre: despedidas não são agradáveis.

– Voltarei – disse a ele.

O bondoso árabe assentiu com a cabeça. Quis sorrir, mas não conseguiu. Deu meia-volta, entrou no carro e arrancou a toda velocidade.

Naquele momento eu não imaginava que Marcos se transformaria em um homem crucial para a transmissão de meu legado. Mas isso aconteceria algum tempo depois.¹

Meu pulso acelerou. E a frequência superou os 110. Eu não sabia se era por conta da perda de sangue ou da lógica agitação ao responder às perguntas do policial militar que me interrogou.

Mostrei a placa metálica. Identifiquei-me, e, após duas chamadas telefônicas, a maquinaria norte-americana foi acionada. O próprio embaixador se colocou à frente da operação de resgate daquele explorador. Dean era discreto e eficaz. Havia sido cônsul no Congo Belga e embaixador em Senegal e Gâmbia. Sabia o que fazer.

Vereker, sua esposa, fez de tudo por aquele compatriota doente e per-dido. Sempre estarei em dívida com eles.

Depois de anoitecer, uma ambulância fortemente escoltada me levou à fronteira com Israel. Ali, na ponte Allenby, fui sedado. Minhas recordações são confusas.

Seguimos para o sul. Vi as placas da cidade de Bersebá. Depois, nada. Adormeci.

Quando acordei, estava na cama de um hospital.

Interroguei as enfermeiras que entravam e saíam, mas nenhuma me respondeu. Só me davam intermináveis sorrisos.

Depois, descobri.

Eu havia ido parar no deserto do Negev, ao sul. Naquele momento não sabia se no centro nuclear de Dimona ou na base de Nevatim. Ambos ficavam relativamente próximos e rumo ao leste.

Mas o que importava onde estava?

A dor desapareceu graças à medicação administrada na embaixada, em Amã. Eu continuava fraco e com a mente confusa.

E ali começou uma nova e inquietante aventura.

Após dar entrada no hospital da base judia (?), tudo foi “de primeira”: rápido, positivo e gentil.

Fui submetido aos exames necessários e, no início da tarde de quinta-feira, 5 de julho, entrava em cirurgia. Eu não tinha ali meu histórico clínico, e isso complicou, de início, o diagnóstico diferencial. Os médicos suspeitavam qual era o problema, mas não tinham total certeza. Podia se tratar de uma úlcera péptica ou talvez de varizes esofágicas.

Um jovem médico negro quis me tranquilizar.

– Fazemos essas intervenções 200 vezes por dia – sussurrou. – Anime-se!

Ele estava mentindo, mas lhe agradei.

Meus últimos pensamentos antes de cair no poço da anestesia foram para Ele e para ela.

Horas depois acordei em um quarto pequeno, ensolarado e espartano. Minha única

companhia era um soro. Brilhava no alto.

Uma janela, timidíssima, mostrou-me o deserto do Negev. Ali eu passaria quase uma semana.

Naquela mesma noite, o cirurgião negro – eu nunca soube seu nome – foi a meu quarto e me informou.

A intervenção havia sido um sucesso.

Não se tratava de uma síndrome de Mallory-Weiss, felizmente.² Isso teria complicado as coisas.

Também foi descartada uma origem respiratória do vômito de sangue (hemoptise).

O problema era uma úlcera péptica que estava prejudicando a artéria gastroduodenal e ocasionando hemorragias digestivas preocupantes.³ Enfim, o ácido clorídrico, ao perfurar a mucosa, provocava aquela dor intensa.

A intervenção (uma vagotomia troncular com piloroplastia) foi limpa e relativamente confortável. A úlcera era oval, com um diâmetro de 1,2 centímetro.

O cirurgião não falou sobre a origem da úlcera. Podia ser variada, mas intuí que a causa tivesse sido o estresse provocado no processo de inversão de massa dos *swivels* e também, com certeza, na excitação vivida durante o terceiro “salto” no tempo.

Evidentemente, fiquei em silêncio sobre a suspeita.

O que interessava era que o mal havia sido afastado.

Seja como for, tinha que ficar alerta. Não era bom abusar de determinados medicamentos. A úlcera podia aparecer de novo.⁴ Teria que controlar as doses de antioxidante.

O pós-operatório foi bom e tranquilo. Minto: foi tudo, menos tranquilo, mas por razões alheias à cirurgia.

Vejamos.

Devo continuar narrando, mas em ordem.

Não houve novos episódios de dor ou de vômitos de sangue. Recuperei a normalidade da pressão sanguínea, o pulso se estabilizou e a anemia foi melhorando. Também não houve recorrência de fezes escuras.

Em pouco tempo, para satisfação da equipe médica, comecei a fazer curtas caminhadas e a ingerir alimentos que não irritavam o estômago (especialmente leite e doses de antiácidos). Os israelitas me deram hidróxido de alumínio, com um laxante que continha, acho, hidróxido de magnésio (o hidróxido de alumínio, como é sabido, pode causar um impacto ou impactação fecal após o desenvolvimento de uma hemorragia gastrointestinal).

Naquela noite de quinta-feira, 5 de julho, fui sedado com fenobarbital, à razão de 15 miligramas por dose.

Dormi tranquilamente.

E chegou a sexta-feira, dia 6, com outra surpresa.

Após o café da manhã, fui surpreendido pela visita do general Curtiss, chefe do Cavalo de Troia. Estava de uniforme, acompanhado pelos diretores do projeto e de um terceiro homem, à paisana, que eu não conhecia.

Ficaram alguns segundos na porta, desconcertados.

Compreendi.

Aquele major não era o que haviam visto partir em 10 de março (1973), quando se realizara o segundo “salto” no tempo.⁵

Eu sabia bem. Minha aparência era a de um velho.

Andaram devagar em direção à cama sem acreditar no que tinham diante de seus olhos.

Não sorri. Não mereciam.

Curtiss, provavelmente, foi o mais afetado.

E ali continuaram durante dois pesados segundos, sem saber o que dizer.

Não os ajudei.

O general estava pálido. Ele queria falar, mas não sabia por onde começar.

Olhavam-me como se eu fosse um fantasma; um velho fantasma de cabelo branco e pele enrugada como uma múmia chilena.

– O que aconteceu? – conseguiu balbuciar um dos diretores.

Respondi com a verdade. Não sabia.

– Mas como pode ser? – soltou Curtiss.

Os diretores pediram calma. O terceiro indivíduo permanecia mudo e impassível, contemplando-me aos pés da cama.

Insisti. Não sabia o que havia acontecido nos minutos finais, quando o “berço” se precipitara nas águas do mar Morto. Na realidade, não sabia nada desde muito antes. Mas me limitei a comentar o estritamente necessário. Não confiava neles.

– A nave ficou estacionária – recordei – e meu colega acabou me empurrando. Eu não estava bem.

Ficaram em um silêncio tenso.

– Então, caí e afundei. A intensa salinidade acabou me levando para a superfície. Foi quando vi o módulo. Estava afundando.

– E Eliseu?

– Não sei dele. Não cheguei a vê-lo dentro da nave. Acho que pulou.

– Acha?

A pergunta do general era dinamite pura. Mas eu fiquei frio:

– Não cheguei a vê-lo – repeti. – Depois, fui arrastado pela correnteza e apareci perto do *wadi* Mujib, na costa oriental.

Curtiss, irritado, não me permitiu terminar.

– Sabemos onde fica o Mujib – disse, e insistiu: – O que aconteceu com seu copiloto?

– Não era eu quem pilotava – repliquei com frieza. – Eu estava meio inconsciente. Era Eliseu quem pilotava o “berço”.

Um dos diretores mediu conciliador:

– O que aconteceu? Por que estava meio inconsciente?

– Não sei... Não consigo me lembrar.

– Está mentindo!

O general urrava.

– Calma! – exigiu o diretor que havia acabado de perguntar. – Assim não chegaremos a lugar nenhum.

Tinha razão. E todos tentamos nos acalmar.

– É possível que a hemorragia interna tenha me debilitado – esclareci.

Disso eles sabiam. Curtiss e os demais estavam a par da intervenção cirúrgica.

– Depois, um grupo de beduínos me resgatou.

– Por que não nos ligou imediatamente?

Justifiquei-me lembrando-os de meu estado precário. Acho que não consegui convencê-los.

Não importava. A verdade, como relatei, é que naqueles momentos iniciais eu não queria voltar. Não me interessava o projeto, e muito menos o general e sua gente.

– Perdemos um tempo precioso.

O lamento de Curtiss não foi dirigido a ninguém em particular. Andou até a janela e ali permaneceu, absorto. Duvido que estivesse observando as dunas amarelas do Negev.

Naquele momento, não compreendi o verdadeiro significado das últimas palavras de Curtiss: “Perdemos um tempo precioso”.

A seguir, ele se voltou para quem isto escreve e continuou me contemplando, muito sério.

Dessa vez, fui eu quem perguntou:

– O que sabem de Eliseu?

Não houve resposta por parte de ninguém.

Mensagem recebida.

O silêncio confirmou minhas suposições. O engenheiro não havia dado sinal de vida. Teria se afogado no mar de Sal?

– Eliseu? Você acabou de dizer que afundou com o “berço”.

Retifiquei o general. Eu não havia dito isso. A nave desapareceu nas profundezas, mas eu não vi meu colega dentro dela.

– Em que lugar afundou?

A súbita irrupção de uma enfermeira com um termômetro na mão interrompeu a conversa.

Ficaram em silêncio.

Quando a jovem fechou a porta e desapareceu, Curtiss repetiu a pergunta de um dos diretores:

– Onde caiu a nave, lembra?

Seu tom havia se suavizado. O general era esperto, muito esperto.

– Acho que a vi desaparecer não muito longe do Mujib.

– O mar tem quase 17 quilômetros de largura. Não pode ser mais específico?

Entendi.

O sujeito à paisana – que eu não conhecia – pegou uma caderneta de capa preta e começou a escrever.

Contemplei-o, intrigado. Quem era?

Mas voltei ao que importava.

– Não tenho certeza – hesitei. – Estava anoitecendo.

Fiz cálculos, embora um pouco absurdos.

– Deve ter sido a menos de uma milha do *wadi*.

– Bem, já é alguma coisa – replicou o general. – Uma milha, ou menos, a oeste do Mujib.

Assenti com a cabeça e acrescentei:

– Mais ou menos.

O sujeito da caderneta rabiscou a localização que eu havia acabado de dar e continuou me olhando, com a caneta no ar. Parecia aguardar mais informações.

Ficou na vontade.

– Esperamos na “piscina” até o último instante – declarou um dos diretores.

– Eu sei.

– Meu Deus! – exclamou Curtiss. – Tanto esforço... para nada!

E murmurou quase para si:

– Não temos nada!

Julguei adivinhar o porquê de seus lamentos.

Maldito bastardo!

E me alegrei pela “perda” do cilindro de aço com as amostras de sangue e cabelos do Mestre e dos seus.

Eu não disse nada. Escolhi o silêncio.

Naquele momento, a enfermeira voltou. Consultou o termômetro e sorriu satisfeita. A temperatura estava normal. Despediu-se e se retirou.

E o silêncio tornou a ficar denso.

Fingi que não lembrava e perguntei pela segunda vez por meu cole-ga, o engenheiro.

Olharam-se entre si, perplexos.

Um dos diretores apontou:

– Já lhe dissemos: não sabemos dele. Achamos que você poderia nos informar. Desde que saímos de Massada, no final de março, tudo tem sido angústia e desconcerto. Demos vocês dois por mortos ou perdidos naquele “agora”.

Eu também deduzi isso enquanto estive com Marcos, no leito seco do Áron.

Quanto à “angústia”, eu me permiti duvidar. As intenções de alguns eram outras.

A visita terminou e eu continuei com o olhar perdido nas dunas do Negev. E tentei ordenar os pensamentos.

A maquinaria militar havia sido acionada.

Eliseu era esperto. Para mim, era difícil aceitar que houvesse cometido a besteira de ficar preso no “berço”. Algo me dizia que o engenheiro estava vivo. Mas onde? O que acontecera realmente? E, se havia sobrevivido, por que não dera sinal de vida? Ele tinha os recursos necessários para entrar em contato com Edwards.

Eliseu era mais esperto que eu.

Alguma coisa ali não se encaixava.

Eu não devia esquecer – de jeito nenhum – que Eliseu era um “escuro”.⁶ Em outras palavras, um indesejável com um extraordinário coeficiente intelectual. Não importava o que houvesse acontecido. Não importava que houvesse sido curado pelo Galileu. O engenheiro era um *demn dark*, um “maldito escuro” até a morte, e talvez além.

Ou eu estava me precipitando uma vez mais?

E se ele estivesse morto?

Não podia descartar nenhuma possibilidade.

No dia seguinte, sábado, Curtiss voltou ao hospital. Dessa vez sozinho, e à paisana. Parecia mais calmo.

Pediu desculpas pelo tom e pela agressividade da visita anterior e se interessou por

minha saúde.

Sorri brevemente e com desconfiança. Ele sabia bem qual era meu estado.

Ambos, acho, odiávamos enfrentamentos.

O general segurava um grande envelope laranja. Sentou-se a meu lado, na beira da cama, e me observou durante um tempo. Sei que tentou penetrar meus pensamentos, mas não conseguiu. Curtiss não era Ele.

O instinto me preveniu.

Curtiss era portador de más notícias. Não sei como eu sabia, mas sabia.

Por último, entregou-me o envelope, incitando-me a abri-lo.

Hesitei.

O general se levantou e caminhou até a janela. Ali permaneceu, em silêncio.

Algo me dizia que não abrisse o envelope.

E continuei hesitando.

O militar não se alterou. Mantinha a vista fixa naquela paisagem árida e amarela.

Teria as provas da morte de Eliseu?

Apertei os olhos e me neguei a abri-los.

Assim se passaram dois ou três minutos.

O general me olhou e notou que o envelope não havia sido aberto.

Também hesitou.

Finalmente se aproximou e extraiu do envelope o conteúdo.

Fechei os olhos.

Curtiss sabia que eu não estava dormindo, e comentou:

– Dê uma olhada.

Neguei com a cabeça.

– Por favor – insistiu o general. – É importante.

Não tive opção.

Olhei o material várias vezes.

Curtiss observava, atento ao menor movimento. Não disse nada.

– E então?

– Não sei interpretá-las – menti.

Eram fotografias tiradas pelo satélite KH II, também conhecido como “Big Bird” (Grande Pássaro). Tratava-se de imagens recebidas na estação de Massada, a 34 quilômetros de onde eu estava.

Na legenda liam-se as coordenadas, a altitude, o dia e a hora, com os minutos e segundos em que foi efetuada cada tomada. O Big Bird havia fotografado tudo do mar Morto em uma órbita de 120 quilômetros e em faixas que varriam o lago longitudinalmente. Cada varredura examinava uma área de 20 mil metros.⁷ O satélite fora direcionado e baixado à órbita já mencionada. Dava uma volta no terreno a cada 90 minutos. A resolução era espetacular: fotografava o número de série gravado na culatra de um fuzil.

“Eles foram rápidos”, pensei.

As fotos eram do dia anterior, sexta-feira, 6 de julho. A última fora tirada às 21 horas, 5 minutos e 32 segundos; ou seja, pouco antes do ocaso.

Curtiss insistiu. Sabia que eu estava treinado para “ler” esse tipo de imagem aérea.

– O que acha?

– Não tenho certeza – tornei a mentir. – Faz muito tempo que...

E senti um calafrio.

“Aquilo” era...

Acho que empalideci.

O general notou. Sorriu condescendente, pegou uma das fotografias e apontou a mancha laranja que eu havia detectado.

Não era possível...

Curtiss tentou dirimir minhas dúvidas de uma vez. Esse era seu estilo:

– A nave pode estar aí.

Era um ponto próximo à costa do *wadi* Mujib.

E acrescentou:

– A profundidade foi estimada em 330 metros.

Meu Deus!

Inspecionei de novo a fotografia. Não havia dúvida. A mancha aparecia em uma das duas grandes fossas existentes no mar de Sal.⁸ O resto eram tonalidades verdes, azuis, pretas e violeta, correspondentes às temperaturas esperadas para o lago naquele momento. Nada que se destacasse.

– Trata-se de uma fonte de calor, como você sabe.

Assenti.

Os sensores do infravermelho térmico e as micro-ondas passivas do Big Bird haviam localizado um “corpo” (?) capaz de emitir energia calorífica. O laranja avermelhado era inconfundível. “Aquilo” exalava calor.

– Mas isso é impossível – balbuciei sem muita convicção. – Não há vida no leite do mar Morto. Nada pode emitir calor, e muito menos nessa quantidade.

– A resolução dos sensores – argumentou Curtiss, com razão – é boa.

Eu sabia. Os infravermelhos térmicos atingiam naquele tempo algo da ordem de aproximadamente um quilômetro.

Curtiss indicou de novo a mancha laranja e admitiu:

– Você tinha razão. Encontra-se a 500 metros da costa da Jordânia, quase em frente à foz do Mujib.

E perguntou:

– Foi aí que a nave caiu?

– Acho que sim.

Senti minha boca seca. Puro medo. E tentei esclarecer a questão fundamental:

– O “berço” continua ativo?

O general não respondeu de imediato. Caminhou de novo até a janela, meditou a resposta e comentou sem afastar o olhar do Negev:

– Não sabemos. Precisamos de mais informações. Temos que checar se...

Voltou, recolheu as fotografias e as guardou no envelope.

Olhou-me em silêncio. Estava lívido.

Pensei velozmente. O afundamento do “berço” ocorreu ao entardecer de 28 de junho. As imagens eram de 6 de julho. Haviam se passado oito dias.

– Não é possível – titubeei. – Essa fonte de calor não pertence ao módulo.

– Por quê?

O chefe do projeto conhecia a resposta melhor que eu. Mas falei mesmo assim:

– O motor principal não poderia ter ficado ligado debaixo d’água.

Curtiss continuou atento.

– Além do mais, quando estávamos estacionários, mal restava combustível.

– A fonte de calor – interrompeu o general – não tem que necessariamente proceder do

J85.

– O que está insinuando?

– Há outras fontes de energia na nave, você sabe disso.

Certo. A bateria atômica era uma delas. Sua capacidade teórica era de dez anos. Se Eliseu havia conseguido sobreviver, era possível que tivesse mantido a SNAP 27 ativa.

Percebi o fogo dentro de mim.

– Assim sendo – repliquei –, Eliseu estaria vivo.

Curtiss deu de ombros e insistiu:

– Especulações...

Eu me rebeleí e tentei me sentar, clamando:

– Mas você não compreende? Ele pode estar vivo! Temos que descer e tirar o “berço” de lá!

Curtiss pediu calma.

– Não é tão fácil.

– Eu liderarei...

– Não é tão simples, você sabe.

Protestei.

– A situação – acrescentou o general – continua piorando.

– O que quer dizer?

– Você devia saber. Esse maldito Nixon quer nos arrastar a uma terceira guerra mundial.

E conta com o apoio dos russos.

Curtiss se incendiou.

– Malditos comunistas!

Eu tinha ideia do que ele estava falando, mas não me desviei do assunto capital: o resgate do “berço”.

O general disse uma única vez:

– Neste momento, uma operação dessas no mar Morto não é viável, e muito menos do lado jordaniano.

E concluiu, categórico:

– Uma guerra está sendo preparada, não se esqueça.

A conversa acabou aí.

Curtiss, de fato, havia falado demais.

– Estimo suas melhoras – foi sua última frase. – Espero-o em casa semana que vem.

Não tornaria a vê-lo até meu retorno à base de Edwards, no deserto do Mojave.

Naqueles dias no hospital militar, achei que fosse enlouquecer.

Se a informação fosse exata, o “berço” se encontrava a 330 metros de profundidade na fossa sul do mar de Sal, e ativo!

Deus dos céus! E eu não podia fazer nada!

Havia a possibilidade de meu irmão estar dentro da nave, e vivo!

Fiz meus cálculos. Coloquei-me em seu lugar. O que teria feito se ficasse preso no “berço”, no fundo do mar Morto?

Pensei no oxigênio. Impossível calcular a reserva. Não sabia se a nave havia sofrido algum dano. Senão, o “Papai Noel” administraria a mistura. O engenheiro dispunha de oxigênio para duas semanas, no máximo.

Deus! Haviam se passado oito dias!

Será que conseguiu acionar a escotilha hidráulica e escapar?

A pressão o teria feito explodir.

Não, esse não era o caminho.

Avaliei outros parâmetros.

Estaria o “berço” preparado para resistir à imensa salinidade do mar Morto?⁹ A alta concentração de íons de cálcio era outro grande inimigo.

Fiquei mais tranquilo. A blindagem resistiria. O módulo foi fabricado com uma liga especialíssima de tório (a 4%), alumínio e outros materiais “confidenciais”. A nave toda era banhada em uma consistente solução de óxido de alumínio (Al_2O_3), que multiplicava a capacidade anticorrosiva.¹⁰ A condutividade térmica e elétrica era elevada (80 a 230 W/mK e entre 34 e 38 m [W mm²], respectivamente). O ponto de fusão a 933 K era outro dado a considerar. A nave era quase indestrutível do ponto de vista de uma agressão química.

Quanto ao teor de oxigênio e enxofre do lago, sinceramente, não me preocupei.¹¹ Em relação à concentração de íons de magnésio (44,2 gramas por litro: altíssima), isso sim me pareceu comprometedor para a “membrana” protetora do “berço”. Sua estrutura, como detalhei anteriormente, era extremamente complexa e delicada.¹²

A propósito, ao estudar o fator enxofre, percebi algo: seria o hidrogênio sulfuroso existente no fundo do lago o causador da emissão de calor que o satélite artificial havia detectado? Não demorei a descartar a ideia. Se o H_2S houvesse sido responsável por tais emissões, parte do fundo do mar Morto se transformaria em um permanente emissor de calor. Eu sabia que isso não era verdade.

E, de repente, naquela loucura de cálculos e mais cálculos, veio a minha mente um “detalhe” que havia passado despercebido: o cinturão gravitacional que protegia o “berço” como se fosse um vento de furacão. Como já expliquei anteriormente, os pilotos, ou o “Papai Noel”, estavam capacitados para ativar uma emissão de ondas gravitacionais (algo somente intuído hoje pelos cientistas civis) que partia da mencionada “membrana” externa, sendo projetada, conforme a vontade, tanto em distância quanto em intensidade. O cinturão gravitacional envolvia o módulo como uma esfera invisível, ou meia laranja, segundo o caso.

“Se o Eliseu ou o computador central tivessem ativado o vento de furacão”, pensei, “a nave teria acabado flutuando no meio do lago”.

Era elementar. As ondas gravitacionais teriam servido como “salva-vidas”.

Mas eu sabia que isso não havia acontecido. O “berço” não retornou à superfície do mar Morto. O engenheiro poderia ter ativado a defesa, mas, infelizmente, isso não aconteceu.

E tornei a cair no abatimento.

Eliseu estava morto? Por que não ativou o cinturão gravitacional? Por que não permitiu

que o fiel “Papai Noel” realizasse a manobra? Teria sido tão fácil...

E as elucubrações se sucederam com idêntico e frustrante resultado: eu não sabia de nada.

Recuperei-me fisicamente, sim, mas meu coração continuou afogado em tristeza e incertezas.

Eu não podia fazer nada por Eliseu.

¹ O Major se refere a Marcos Gabriyeh, que residiu em Belém. Ampla informação em *Cavalo de Troia 3 – Saidan*. (N. de J. J. Benítez.)

² A síndrome de Mallory-Weiss consiste, fundamentalmente, em lacerações no esôfago distal. Acompanha hemorragia gastrointestinal de origem arterial. Aparece em alcoólatras, mas pode se dar em qualquer tipo de doente. Se fosse um problema assim, teria sido bastante grave. (N. do M.)

³ A úlcera ou *ulcus* péptico costuma aparecer nos primeiros centímetros do duodeno (bulbo duodenal). Trata-se de uma ulceração circunscrita da mucosa que perfura a *muscularis mucosae*. Costuma encontrar-se em áreas banhadas por pepsina e ácido. Esse tipo de úlcera é frequente também ao longo da curvatura menor do estômago (gástrica). As chamadas pilóricas surgem, com menor frequência, no ducto pilórico. O mesmo acontece com as pós-bulbares. Também aparecem no divertículo de Meckel. (N. do M.)

⁴ Existem medicamentos, como é o caso da aspirina e de alguns anti-inflamatórios não esteroides (corticosteroides e reserpina, por exemplo), que podem predispor ao aparecimento de úlcera (mas não necessariamente do tipo péptico). (N. do M.)

⁵ Ampla informação sobre o “salto” em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

⁶ Assim eram chamados os agentes especiais do Serviço de Investigação da Defesa (DRS). Todos eram militares. Ampla informação em *Cavalo de Troia 8 – Jordão* e *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁷ O Big Bird, como já expliquei anteriormente, era um satélite de quarta geração. Para construí-lo, o Pentágono se associou a empresas como Itek, Perkin-Elmer e Kodak. A missão principal do Grande Pássaro era vigiar áreas instáveis (politicamente falando), como as fronteiras da URSS com o Irã e o Afeganistão, bem como o golfo Pérsico e parte do Oriente Médio. A estação receptora de imagens de Massada estava capacitada para receber centenas de fotografias dessas áreas três minutos depois de terem sido sobrevoadas. Uma vez terminada a missão, o satélite era devolvido à órbita original: 150 quilômetros da superfície terrestre. (N. do M.)

⁸ O leito do mar Morto, como referi em outro momento destes diários, está atravessado por duas fossas (de leste a oeste), com uma profundidade que oscila entre 322 e 350 metros. A situada ao norte aparece em frente ao *wadi* Zarqa. A segunda, praticamente na “cintura” do lago, estende-se do *wadi* Mujib ao oásis de Ein Gedi, na margem judia. (N. do M.)

⁹ Sendo um lago meromítico, as águas do fundo apresentavam maior salinidade que as da camada superior. Naquele momento (1973), a salinidade era de 332 gramas por litro (a uma temperatura de 21 °C). A densidade da água era de 1,234 gramas por centímetro cúbico. A salinidade das águas superiores oscilava entre 284 e 290 gramas por litro, com uma densidade, em superfície, de 1,201 grama. (N. do M.)

¹⁰ Nos testes feitos previamente, comprovou-se que a corrosão afetava minimamente a blindagem: cerca de 0,015 milésimo de milímetro a cada dez anos. Em um ambiente como o fundo do mar Morto, para atingir uma corrosão de três milímetros teriam sido necessários dois mil anos. A segurança do “berço”, nesse sentido, estava garantida. O alume proporcionava à nave um belo e atraente tom avermelhado (tipo rubi), quando não estava envolvida por uma projeção de IV (infravermelho). (N. do M.)

¹¹ A presença de oxigênio é mínima. Isso aliviava ainda mais os efeitos da corrosão. O enxofre, por sua vez, estava presente em forma de H₂S, e especialmente nas águas inferiores. O sulfato se transforma em hidrogênio sulfuroso diante de um processo redutivo, favorecido pela mencionada falta de oxigênio. Pois bem, segundo nossas informações, o hidrogênio sulfuroso existente no fundo do lago tem um caráter biogênico (fruto da atividade de certos organismos). Enfim: na citada massa de água inferior vive uma importante colônia de bactérias responsável pela produção do sulfato. Essas bactérias utilizam os íons de sulfato (livres) e os que constituem o gesso. (N. do M.)

¹² O “berço” dispunha de uma “membrana” externa com propriedades de resistência estrutural muito especiais. Uma rede vascular finíssima, por cujos dutos flui uma liga liquidificável, mantém ativa essa membrana. Alguns de seus elementos não ocupam volumes superiores a 0,07 milímetro cúbico. As funções fundamentais da “membrana” eram as seguintes: projeção de um “escudo” IV (radiação infravermelha: acima de 700 nanômetros) sobre o módulo. Isso tornava o aparelho invisível; absorção – sem reflexo ou retorno – das ondas decimétricas, utilizadas pelos radares; por último: a “membrana” provocava uma incandescência cada vez que se realizava uma inversão de massa, evitando, assim, a entrada de germes em outro tempo ou em outros âmbitos dimensionais. (N. do M.)

Fui avisado uma hora antes.

A decolagem do avião que me levaria aos Estados Unidos da América foi programada para o amanhecer.

Assim era Curtiss.

Alguém me arranhou roupas.

Acaricieei a “pérola” pendurada em meu pescoço e abandonei o hospital. Minha única bagagem era a memória.

Um avião da USAF me aguardava em uma ponta da pista 02/4 da base de Nevatim.

Um veículo me deixou ao pé da escadinha e alguém uniformizado me convidou a embarcar. Fez uma saudação militar e eu respondi de má vontade.

Foi meu adeus à terra de Israel, uma terra especialmente querida. Mas não seria minha última visita.

Fiquei surpreso. O aparelho era um veterano Boeing – KC-97L – devidamente preparado com equipamentos médicos. Não faltava nada.

Dentro dele me esperava um dos diretores do projeto Cavalo de Troia e uma equipe médica. Tudo de primeira. Foi o que pensei.

E, às 7 horas e 31 minutos, os quatro motores PrattWhitney, a hélice, de 3.500 cavalos, ergueram-me rumo a meu Destino.

Naquele momento, meus pensamentos se encontravam muito longe, e muito perto, dependendo do ponto de vista. Ninguém teria então imaginado o que me reservava o referido Destino debochado.

Acomodei-me. Tinha muitas horas de voo pela frente.

Mas a paz (?) durou pouco.

Ao atingir o nível de cruzeiro – 9.500 metros –, o diretor se sentou a meu lado e, caderno em mãos, sem preâmbulos, começou a me interrogar.

– Achei que já tivesse contado tudo – repliquei, meio contrariado.

O indivíduo, com quem mal tive contato durante a preparação do projeto, sorriu brevemente e prosseguiu.

Eu não gostava daquele sujeito. Ele não olhava nos olhos. Fazia-me lembrar de Judas.

Era magro, tinha cabeça raspada, pele macilenta e meio esverdeada e lábios sempre com alguma baba.

Insistiu. Queria saber a verdade.

A verdade? Eu já a havia contado até me faltar.

Não se alterou. E perguntou, autoritário:

– Onde está a nave? Exijo a verdade.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo. O que era aquilo? O que pretendia aquele sujeito?

Neguei-me a repetir o que já tinha explicado a Curtiss e aos outros diretores.

– Tem medo da verdade?

A pergunta do “babento”¹ quase me fez perder as estribeiras. Algo me obrigou a me manter sereno. Aquela conversa era mais importante do que eu imaginava.

– Onde foi parar o “berço”?

Olhei para ele desconcertado, mas não consegui ler nas entrelinhas. A pergunta, como comprovaria mais tarde, continha veneno.

– Vocês sabem tanto quanto eu.

– Você não entendeu – sorriu, malévolo. – Sabemos que a nave não está ali.

E apontou com a mão esquerda pela janelinha, para o mar.

Precisei de alguns segundos para entender.

– O que está insinuando?

– Já lhe disse: suspeitamos que Eliseu voltou.

Eu me neguei a responder. Aquele sujeito era um bastardo. A partir daquele momento, passei a chamá-lo de *Slimy*. Ele merecia.

O diretor percebeu minha atitude e mudou de assunto. A conversa ficou mais tensa.

Slimy se interessou pelas amostras de sangue e de cabelo do Mestre e de sua família.

– O que foi feito delas?

Compreendi.

Aquele desqualificado estava a par dos propósitos dos militares de tentar clonar o Galileu. Daí seu especial interesse pelo conteúdo do cilindro de aço.

– Os informes estão no “berço” – respondi com repugnância. – Eliseu cuidou disso. Não sei mais nada – menti –, nem quero saber.

Ele tornou a sorrir, cínico. E estourei:

– Desçam vocês e resgatem-nos!

O babento sentiu o golpe e me fez recordar o que eu assinara antes de entrar no projeto. Invocou o protocolo COL/10/6, que exige “íntima colaboração com a USAF” e “confidencialidade até a quarta geração”.

– Podemos jogá-lo na prisão pelo resto da vida.

– Já estou na prisão, graças a vocês.

Mas *Slimy* não sabia do que eu estava falando.

– Quanto ao “COL”, podem enfiá-lo no rabo.

Ele sorriu, se divertindo, e acirrou as perguntas.

Foi então a vez da vida sexual da Senhora e de seu Filho.

– O que você descobriu? Era verdade o que pregam as igrejas? Jesus se casou com Maria Madalena? O Galileu teve amantes? Era homossexual?

Mandei-o direto para o inferno.

Levantei-me e me refugiei na cabine com os pilotos.

O KC-97L voava mansamente. Li o instrumental. Velocidade: 478 quilômetros por hora. Tempo estimado para a primeira escala: sete horas. As turbinas J-47 empurravam com uma força de 2.545 quilos.

Sim, nada é casual.

Aquela desagradável conversa com *Slimy* me deixou em guarda. Alguém no esgotado projeto Cavalo de Troia estava escondendo alguma coisa. Mas teria que passar um tempo – não muito – para que as cartas fossem abertas.

E às 18 horas daquela terça-feira, 10 de julho de 1973, o aparelho aterrisou com doçura

nos Açores.

Não me permitiram desembarcar.

Slimy não me incomodou mais. Continuou concentrado no caderno. De vez em quando falava pelo rádio.

A escala foi breve. Abastecemos e o KC-97L rodou pela pista 15/33 da base aérea de Lajes, na ilha Terceira. O Boeing percorreu os 3.313 metros em 1 minuto e 2 segundos.

E subimos. Tínhamos mais de três mil milhas pela frente.

E me perguntei, uma vez mais: o que seria de mim?

A noite não tardou a nos alcançar.

E fiquei pensando...

Sentia falta dele. Tinha saudades do Mestre.

Precisava pôr as mãos na massa. Tinha que escrever toda a nossa aventura na Palestina de Jesus de Nazaré. Nada ficaria oculto. O mundo tinha direito de saber.

E recordo uma estranha sensação. Descartei-a, evidentemente, mas continuou a meu lado, impertinente: “Tudo teria sido só um sonho?”.

Olhei a minha volta. Ali estavam a equipe médica e Slimy. Eu recordava a queda no mar de Sal, os beduínos e Marcos.

Não, não fora um sonho.

Não demorei a adormecer.

A viagem foi tranquila e sem sobressaltos. Quando acordei, Slimy estava vigiando e babando.

O que pretendia?

A primeira surpresa daquele dia estava chegando.

Nosso destino não era a base de Edwards, na Califórnia.

Às 3 horas, os pilotos iniciaram a manobra de aproximação. Eu não tinha ideia de onde estava. Fiz cálculos. Só podia se tratar da costa da Flórida.

Era isso mesmo.

Curtiss tinha tudo planejado, e de que jeito!

Mas por que a Flórida?

Sobrevoamos a baía de Hillsbourough e intuí para onde se dirigia o KC-97L.

O general sabia escolher.

E às 3 horas e 45 minutos da madrugada de quarta-feira, 11 de julho, aterrissávamos em uma das intermináveis pistas da base área MacDill, ao sul da cidade de Tampa, no mencionado Estado da Flórida.

Em um primeiro momento pensei em uma nova escala. Achei estranho. A autonomia do Boeing era de 6.880 quilômetros. Isso teria nos permitido aterrissar em Houston.

Também não quis perguntar. Não queria o menor contato com Slimy.

Pelo que eu sabia, MacDill era uma das bases mais seguras dos Estados Unidos, e possivelmente do mundo. Ali operavam o Comando Central e Operações Especiais e se guardavam (debaixo da terra) os restos da nave extraterrestre que caíra em Roswell (Novo México). Sem autorização, ali não entrava nem ar.

Um dispositivo armado me esperava ao pé da escadinha.

Tudo se desenrolou a grande velocidade e com precisão. Era óbvio que a operação havia sido ensaiada.

Era uma noite quente.

Algumas estrelas me olharam surpresas. Uma delas cintilou com pressa.

Mensagem recebida.

Soube que era Rute, minha ruiva querida.

Colocaram-me em uma ambulância, acompanhado por dois dos médicos que viajaram no KC-97L.

Segundos depois, partíamos a grande velocidade, fortemente escoltados.

A polícia militar, na entrada da base, pôs-se em posição de sentido à passagem do pequeno comboio.

Abandonamos as instalações da USAF e nos dirigimos para o norte.

Era a hora perfeita: 4 horas da madrugada. Nem uma alma nas ruas.

Sim, tudo minuciosamente planejado.

Ao deixar MacDill para trás me perdi por completo. Não tinha a menor ideia de qual era meu destino.

O que havia na Flórida?

O mais lógico seria que houvéssemos ido ao Mojave. Ali havia muito a fazer.

Mas a incerteza não se prolongou demais. Vinte minutos depois da saída da base aérea de Tampa, abriam-se as portas do veículo hospitalar, e os soldados fizeram filas a minha volta.

O silêncio era total.

Foi assim que acabei no “JAHVH”. Assim chamavam o Hospital de Veteranos “James A. Haley” situado em New Port Richey, ao norte da citada cidade de Tampa.

Comecei a entender.

Naqueles dias, o “JAHVH” era uma instituição de grande prestígio, com a tecnologia médica mais avançada do mundo.² Um lugar suficientemente grande para se passar despercebido.

Curtiss e sua gente não negligenciaram um único detalhe.

O segundo andar foi fechado e ali me instalaram.

E à equipe médica que me acompanhou no voo desde Israel juntaram-se outros especialistas, todos militares. Eu não conhecia ninguém.

Os acessos ao andar foram guardados por militares à paisana. E durante três longos e incômodos dias fui submetido a todo tipo de checagens, exames e testes.

Perdi a conta.

Ninguém me informou nada. Perguntar era inútil. Ninguém respondia.

Imaginei que apenas o chefe do projeto estaria autorizado a responder a minhas perguntas.

Mas Curtiss não apareceu.

Os especialistas em ressonâncias, scanners e demais máquinas se limitavam a realizar os exames. Depois, desapareciam.

Tive que esperar chegar a Edwards, de fato, para receber informação.

Na realidade, não descobriram nada que eu já não soubesse.

Em síntese, isto foi o que o general Curtiss me permitiu ler quando voltei ao Mojave, na Califórnia (suponho que tenha escondido muito mais do que falou):

O envelhecimento – dizia o informe confidencial – prosseguia ao ritmo calculado, conforme antecipou o “Papai Noel”.³ As perdas neuronais foram estimadas em 1,4 bilhão por ano. Em um adulto saudável, essas perdas (a partir dos 20 anos) beiram os 36 milhões de neurônios anuais.

Em outras palavras: a deterioração era inexorável. A expectativa de vida (teórica) oscilava entre cerca de oito e nove anos (com sorte).⁴

As novas microfotografias (especialmente do cerebelo) foram determinantes. O acúmulo de lipídeos nas mitocôndrias dos neurônios era evidente e letal.

Ao citado envelhecimento prematuro era necessário somar outras alterações não menos graves. A saber: inclusões intranucleares, invaginação da membrana nuclear, acúmulo de lipofusцина e diminuição do número de ribossomos e das referidas mitocôndrias. Essas perturbações eram escoltadas por transtornos bioquímicos, entre os quais se destacavam a diminuição da síntese de proteínas, a tendência à oxidação dos aminoácidos sulfurados e uma queda da oxidação intramitocondrial.

Em suma: uma catástrofe generalizada.⁵

Mas nem tudo foi horrível.

O informe não mencionava a amiloidose. Não foram detectados os 19 tumores alojados nas profundezas de meu cérebro, nem o da língua. Como deve recordar, “Papai Noel” acabou com eles, e em circunstâncias que prefiro não rememorar.⁶ Também não dizia nada sobre a “iminente amiloidose secundária” anunciada pelo computador central anteriormente.⁷

Já era alguma coisa.

Curtiss, em uma tentativa de me animar, sugeriu que prestasse atenção a um dos parágrafos do relatório médico. Fazia alusão a um assunto “desconcertante”. Quem isto escreve estava envelhecendo de forma prematura e ostensiva. Isso era evidente. Mas os sinais vitais e a memória não mostravam indícios de deterioração. Era uma contradição.

Interroguei o general, mas ele não respondeu. Não sabia ou não quis falar.

Como era possível? A destruição neuronal era grave. Os radicais livres me devoravam⁸ e, não obstante, eu desfrutava de uma memória panorâmica. Minha aparência era de um velho, mas a capacidade de absorção de oxigênio atingia quatro litros por minuto. Esse é o consumo de um jovem de 20 anos. Em minha “idade”, o valor não deveria superar 1,5 litro por minuto.

Como disse, os especialistas estavam impressionados.

Curtiss me obrigou a anotar o último tópico: “Tratamentos e recomendações”.

A bem da verdade, os especialistas não entravam em acordo. Havia opiniões para todos os gostos.

A maioria aconselhava lutar contra a oxidação mitocondrial (envelhecimento) com uma extensa bateria de antioxidantes. Nada novo. Eliseu e eu já os havíamos consumido na passada aventura. Recomendavam vitamina E, brometo de etídio (de excelente resultado no experimento com drosófilas),⁹ a famosa dimetilglicina, glutamato e o também familiar N-tert-butil- α -fenilnitrona.

Levantei a vista dos papéis e contemplei Curtiss.

Maldito bastardo!

Fora ele quem ordenara a entrada daqueles fármacos no “berço”. Ele sabia desde o início que seríamos atacados pelos radicais livres.

Mas me contive. Não era hora de revelar o que sabia. Precisava esperar e manter a mente fria e distante.

Já chegaria a vez dele.

Meus pensamentos – sem saber – foram proféticos.

Chegou a hora dele, e antes do que todo mundo suspeitava.

Mas vamos prosseguir em ordem.

Tornei a ler o capítulo “Tratamentos” e me chamou a atenção a insistência na necessidade de consumir romãs. A romã é um poderoso antioxidante (um dos mais eficazes da criação), com altos teores de polifenóis (especialmente punicalaginas).

Lembrei-me imediatamente do bondoso Felipe e de seu “laboratório”, em Saidan. Como tinha saudades deles!

E uma ideia excitante me visitou: o que teria acontecido se este explorador tivesse decidido permanecer naquele tempo para sempre?

Talvez houvesse sido mais feliz.

Abandonei imediatamente tais pensamentos. Não era esse o propósito. Tive a oportunidade, única e maravilhosa, de conhecer o Homem-Deus, e isso não era de minha propriedade. Eu era obrigado a difundir isso. Ele sugeriu isso em diversas ocasiões. Eu era um *mal’ak*, seu mensageiro.

Prossigui com as “recomendações”.

A romã – dizia o informe –, além de frear o envelhecimento, acabar com as rugas da pele, beneficiar a hidratação geral, favorecer a circulação sanguínea e proteger o coração, é uma solução para prevenir o câncer e até multiplicar a atividade sexual.

O último tópico me afetou. Meu grande amor havia ficado do outro lado do tempo.

E lembrei-me de novo de Felipe e de suas experiências com a casca de romã. Para ele, era a melhor parte da fruta. Devorava-a ou a triturava, misturando-a com suco ou simplesmente com água ou vinho.

Estava no caminho certo. O poder rejuvenescedor da casca da romã é notavelmente superior ao do conteúdo.

A *bellinte* de Deus...

Um dia, o ser humano compreenderá: tudo está na natureza. Tudo foi testado nos “laboratórios” do Pai Azul. Ele disse: “*Abba* não improvisa”.

Mas a humanidade está cega.

Não importa – censurei-me. – Logo a humanidade vai acordar.

Para isso Ele veio.

Também aconselhavam tratamentos à base de fenóis e derivados de enxofre reduzido. Ambos têm papéis importantes na defesa do organismo contra as peroxidações incontrolláveis. E insistiam no consumo de ácido nordihidroguaiarético e tiazolidina carboxílico. Também falavam de fármacos energizantes, como a hidergina e a ubiquinona. Os estudos eram respaldados por cientistas do prestígio de Comfort, Bender, Powell, Kormendy, Miquel e Hrachovec, entre outros.

Não duvidei da sabedoria desses homens, mas...¹⁰

Finalmente, prometi estudar os “Tratamentos e recomendações”.

Mas não pretendia fazer isso.

Usaria apenas a vitamina E, as romãs e a vinburnina (por pura curiosidade).

Acho que já disse: não tinha medo de morrer. Só precisava de tempo para deixar por escrito tudo que havia vivido e que sabia sobre Ele. Foi o Mestre quem me ensinou: depois da morte nos espera a realidade.

Curtiss ordenou: a cada três meses eu me submeteria a novos exames médicos.

Incrível Destino... Os exames jamais se repetiram.

¹ O Major, em seu diário original, utiliza aqui a palavra *slimy*, que poderia também ser traduzida como “pegajoso”, “nojento”. (N. de J. J. Benítez.)

² Entre outras especialidades, recorro as seguintes: departamento de lesões cerebrais traumáticas (TBIC), de especial interesse para quem isto escreve; patologias da fala; terapia respiratória; medicina de reabilitação; seção de estresse pós-traumático (TEPT); medicina nuclear; centro de assistência a veteranos do Vietnã; microscopia eletrônica; neurologia profunda e oncologia. (N. do M.)

³ A situação era a seguinte: durante os processos de inversão de massa das partículas subatômicas, “algo” provocava uma mutação, ou perda de DNA nuclear nos neurônios do cérebro. Resultado: um incontável envelhecimento da rede neuronal. A causa, quase certa, devia-se à degeneração mitocondrial. (N. do M.)

⁴ Ampla informação sobre o mal padecido por Jasão e Eliseu nos nove volumes do *Cavalo de Troia*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ Também os níveis de óxido nítrico estavam elevados, conforme advertiu “Papai Noel” no último check-up de quem isto escreve. Sabíamos que, após o processo de inversão de massa, o óxido nítrico provocava a síntese do monofosfato cíclico de guanosina (segundo mensageiro dos neurotransmissores), e isso piorava as coisas. Os especialistas apontavam igualmente a possibilidade de que o NO pudesse reagir com o ânion superóxido, dando lugar ao peroxinitrito, outro destruidor de proteínas. (N. do M.)

⁶ O Major tentou o suicídio ao longo da referida intervenção cirúrgica, praticada pelo computador central. Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁷ Os “nemos” captaram sinais de uma iminente amiloidose secundária. Em breve, o organismo seria afetado por outros tumores, que invadiriam o fígado, o baço, os rins, os gânglios linfáticos e outros órgãos e sistemas. A morte chegaria em semanas. (N. do M.)

⁸ Segundo as palavras do prestigioso especialista J. Miquel, chefe de Patologia Experimental da Nasa no Ames Research Center, em Mountain View (Califórnia), “Os radicais livres de oxigênio (fragmentos moleculares do gás que respiramos) têm um papel crucial e desorganizador no envelhecimento. O alvo principal do ataque desses radicais são as mitocôndrias (estruturas celulares que utilizam o oxigênio na respiração celular para a produção da energia que apoia as funções fisiológicas)”. (Carta de J. Miquel a J. J. Benítez.)

⁹ Ampla informação sobre as moscas drosófilas em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

¹⁰ Não vou entediar o hipotético leitor destas memórias com os tratamentos recomendados contra o mal de que padeço. Mencionarei, muito por cima, algumas das sugestões propostas. A saber:

a) Neurogênese, ou regeneração das células nervosas. Baseando-se nos estudos de Altman e Gopal Das, os especialistas buscavam a duplicação cromossômica, anterior à divisão celular. E centravam o trabalho nos neurônios do hipocampo (especificamente na circunvolução dentada). O hipocampo – diziam – é uma “fábrica” de células, em todas as idades. “Com isso, potencializa-se a memória do paciente.”

Sorri com meus botões. A memória era o melhor de mim mesmo.

b) Uns pretendiam criogenizar meu cérebro. Ao baixar a temperatura do cérebro, o mortal avanço dos radicais livres seria reduzido. Curtiss rejeitou a ideia.

c) Outros especialistas defendiam a possibilidade de proteger as colônias neuronais mediante uma complexa engenharia genética. Tratava-se, enfim, de criar um gene que modificasse as proteínas protetoras. Curtiss e eu rimos da ideia.

d) Houve quem se centrasse na necessidade de aumentar o glutamato, um neurotransmissor que estimula a captura de íons de cálcio e beneficia a sinapse. Eu me neguei. Estava farto de tanto medicamento.

e) Alguém com bom senso propunha o consumo de L-carnitina, melhorando, assim, os níveis miocárdicos de carnitina. Ao estimular a succínico desidrogenase e a nicotina adenina dinucleotídeo desidrogenase (enzimas básicas dos processos energéticos), os níveis celulares melhorariam, assim como a capacidade funcional do coração. Prometi pensar.

f) Vinburnina. A ideia procedia do centro de investigação de Rennes, na França. A vinburnina é um alcaloide procedente de uma planta africana chamada Voacanga. Os efeitos – afirmavam – eram excepcionais: aumento das taxas de ATP e 2,3-DPG do eritrócito. Esses elementos fazem que o eritrócito, ou glóbulo vermelho, se deforme, permitindo sua passagem pelos capilares até atingir os neurônios. No caso de velhos, com os vasos obstruídos a vinburnina era quase milagrosa. E, como consequência do aumento do transporte de oxigênio (até 40%), os neurônios conseguiam restabelecer o equilíbrio perdido, aumentando em até 50% o consumo de glicose, seu “combustível”. Esse assunto me interessou.

g) Li igualmente algumas exposições sobre a necessidade de ingerir fármacos potencializadores do cérebro. Falavam de metilfenidato, um composto aparentado com as anfetaminas; inibidores da acetilcolinesterase; anti-histamínicos,

capazes de bloquear o receptor H3; inibidores da fosfodiesterase e, acima de tudo, ampaquinas, capazes de intensificar as respostas neuronais. Isso ajudaria a fixar minhas recordações “em longo prazo”. Tornei a sorrir com meus botões. Eu precisava de tudo, menos disso.

h) Outra equipe de investigação propunha ensaios destinados a ativar a telomerase, e, em consequência, retardar a hora do envelhecimento não celular. Se conseguissem descobrir o gene responsável pela telomerase, a vida de quem isto escreve poderia se estender em até 40%. E me perguntei: eu queria viver tanto? (N. do M.)

Tudo acaba (na matéria).

Ao entardecer de sexta-feira, 13 de julho (1973), os exames médicos chegaram ao fim. E recebi ordem para me preparar.

Íamos partir.

Não soube nada mais que isso. Ninguém falava comigo, salvo os médicos e os especialistas, e somente o necessário.

E às 2 horas da madrugada de sábado, 14, com o mesmo sigilo com que chegara, eu abandonava o “JAHVH”.

Eu me senti como uma cobaia. Não recebi a menor informação sobre meu estado. Foi Curtiss, como disse, dias depois, quem me mostrou os resultados. Mas, antes, fui testemunha de outros fatos não menos desconcertantes.

A ambulância se aventurou rápida pelas ruas de Tampa.

Às 2 horas e 30 minutos da madrugada cruzava de novo a porta de entrada da base da força aérea (MacDill). Fui igualmente escoltado até um dos hangares e ali, gentilmente, convidado a embarcar em um Deltic Orion, um quadrimotor Lockheed P-3A de combate antissubmarino.

Fiquei desconcertado.

Para onde pretendiam me levar?

Esse tipo de avião só é utilizado sobre “a” mar. (Surpreendo a mim mesmo: começo a utilizar a linguagem do Mestre. Ele dizia a mar, no feminino.)

Curtiss era imprevisível.

Acomodei-me e fiz alguns cálculos. O Deltic, com seus quatro motores Allison, de 4.910 CV, era capaz de voar a 760 quilômetros por hora, com uma autonomia de patrulha de 17 horas.

Isso significava que estava capacitado para chegar ao Alasca ou à Antártida (!).

O que queriam de mim?

E me deixei levar pela imaginação.

Seria submetido a novos exames médicos em alguma das bases norte-americanas situadas nos gelos do mar de Bering ou na Terra do Fogo?

Que mais podiam fazer comigo?

Depois, fui me acalmando.

O Deltic não foi preparado como avião hospitalar. A equipe médica também não me acompanhava.

Também não vi o odiado Slimy.

No aparelho, quase vazio, viajava apenas uma escolta uniformizada.

Continuei confuso.

Logo o Deltic se situava à altura de cruzeiro: oito mil metros.

E rumou para oeste.

Aquela direção não levava para o norte, nem para a Antártida.

Sobrevoamos Nova Orleans, Houston e Austin.

Foi quando intuí.

Curtiss era uma raposa. Nosso destino podia ser a Califórnia.

Acertei.

Dirigíamo-nos, com certeza, à base de Edwards, no deserto do Mojave.

Fazia nove anos que trabalhava na AFFTC.¹

O general estava despistando, como um bom militar.

Mas quem podia ter interesse naquele “velho” de 36 anos?

E me senti repentinamente inquieto. Não sei explicar.

Eu estava descansado, mas nervoso.

Algo estava prestes a acontecer. Algo grave.

Pendurei de novo a “pérola” com a placa de identificação e me fiz uma pergunta, uma importantíssima pergunta: “Como pretendia decifrar o ‘DR’?”.

As dúvidas me assaltaram.

Ninguém sabia da existência em meu poder do “leitor de sonhos”. Talvez eu não tenha agido corretamente. Deveria tê-lo entregado a Curtiss? Minha intuição negou com a cabeça.

“Ele está bem onde está.”

Mas, para acessar o conteúdo do “DR”, eu precisava do Cavalo de Troia. Abrir aquele dispositivo não era simples. A tecnologia, além de tudo, era secreta. Para descobrir o que estava armazenado na “pérola”, eu tinha que solicitar autorização. Nesse momento delicadíssimo, fariam perguntas e, o que era pior, podiam confiscar-me o “leitor”.

Como agir?

E comecei a amadurecer um plano.

Precisava entrar na...

Eu estava louco! Isso era inviável.

Essa área estava permanentemente vigiada. As câmeras de segurança varriam até o último centímetro do último canto.

Pensaria em alguma coisa.

Tinha que tentar. Precisava descobrir o conteúdo da “pérola”, e tinha que fazer isso sigilosamente.

Como disse, a intuição havia me avisado. A “pérola” era vital para meus propósitos.

Encontraria o momento adequado. Deslizaria na escuridão da noite...

Seria questão de minutos.

Lembro que na vertical de Albuquerque outra manada de dúvidas me assolou.

E fiquei nervoso.

Eu era um velho.

O que aconteceria se fosse afastado do exército? Era o mais provável.

O Cavalo de Troia havia terminado, pelo menos para quem isto escreve.

Se o “berço” não aparecesse, Jasão receberia baixa e seria enviado para casa. Que casa? Eu não tinha um lar.

Mas não quis me desviar do tema principal. Se fosse exonerado, seria obrigado a abandonar a base. Nesse caso, a “pérola” seria apenas um enfeite.

Tentei me consolar.

Escreveria de cabeça, e desde o começo. Recordava nomes, palavras, datas,

acontecimentos... tudo.

E as dúvidas me derrubaram de novo.

O que continha o “DR”? Quem o pendurou em meu pescoço? Foi Eliseu? Por quê? Fui eu? Por que não recordava?

Sim, o conteúdo devia ser importante.

Eu arriscaria. Abriria o “DR”.

E o Destino – como não – sorriu, entretido.

Não houve jeito de conciliar o sono.

Muitas incógnitas.

Como sentia falta dele! Jesus de Nazaré, o Homem-Deus! A melhor coisa que me aconteceu na vida.

E como sentia falta dela, meu único grande amor!

Querida Ma’ch!

Estavam tão longe e tão perto...

Eu devia me sentir um homem de sorte, repetia a mim mesmo, mas não me sentia. Um sentimento de tristeza pairava sobre mim. Eu pressentia alguma coisa.

As surpresas aguardavam logo ali embaixo. Eu tinha que ser forte.

Querida Ma’ch, espere-me no céu!

E, às 8 horas, o aparelho começou a descer.

Chegávamos a Edwards, entre os condados de Los Angeles e de Kern.

O alvorecer, como nos velhos tempos, recebeu-me violeta e distante.

Às 9 horas, o Deltic rodava impecável e resmungão pela pista 04/22. O piloto não precisou de mais de metade dos 4.576 metros da pista.

As hélices se renderam.

Havíamos estacionado perto do Dryden, o Centro de Investigação de Voos da NASA.

Quantas recordações! Parecia que haviam se passado dois mil anos...

Ora! Passaram mesmo!

A porta se abriu e, depois de eu me despedir da tripulação, a escolta me precedeu em direção à escadinha.

Mandaram-me aguardar.

Segundos depois, a um sinal do sargento, avancei rumo à plataforma.

Edwards continuava seca, cinza e empoeirada, tal como a deixara.

Ao vê-los, fiquei perplexo.

Não sabia o que fazer.

Os pilotos do Deltic observavam pelas janelinhas da cabine com curiosidade. Ninguém no avião sabia quem eu era, mas deduziram que aquele velho era alguém importante. Talvez um general reformado.

Ao pé da escadinha, para meu desconcerto, esperava-me um grupo de militares.

Reconheci quase todos.

Eram os 61 membros do projeto Cavalo de Troia: cientistas, técnicos, diretores...

Curtiss, na primeira fila, usava o uniforme de general.

E caiu o silêncio sobre o estacionamento.

Os olhares estavam fixos naquele velho.

Tentei fazer uma saudação, mas minhas pernas tremiam. Tive que me segurar no corrimão da escadinha.

Desconcertante. Fui treinado para quase tudo, mas não para uma situação como aquela.

Eu me senti perdido.

Então, surgiram uns murmúrios. E se espalharam como uma onda.

Compreendi.

O piloto havia voltado como um velho.

Foi muito impactante para a maioria. Estavam atônitos.

Finalmente decidi descer os degraus.

Desci devagar e inseguro.

A escolta se manteve atenta.

E, conforme me aproximava, os murmúrios voaram.

Tudo era silêncio de novo.

Parei no último trecho da escada e os observei atentamente.

Eram olhares de incredulidade.

Eles não podiam imaginar o que este explorador havia vivido e sofrido.

Não sabiam.

Estavam em outra galáxia.

Eu, agora, procedia da luz e voltava à escuridão.

Entenderiam minha tragédia?

Como explicar? Como fazê-los ver? Como dizer que tudo que se sabe sobre o Mestre é errado? Como lhes mostrar?

Mas que bobagens estava pensando! Eles seriam os últimos a saber.

Curtiss acabou dissolvendo a densa situação.

Avançou dois passos em direção à escadinha. Parou. Bateu continência e gritou, de modo que fosse ouvido por todos:

– Bem-vindo!

Maldito hipócrita!

O silêncio se desfez como chumbo derretido. Ninguém respirava.

Acabei descendo os degraus e, ao tocar o solo da base, bati continência e respondi à saudação.

Curtiss começou a transpirar.

Sim, faltava alguém, e ele sabia.

Havíamos fracassado.

Mas, de repente, tudo mudou.

Alguém começou a aplaudir, e logo todos se contagiaram.

A salva de palmas se propagou pelo estacionamento. E escutei alguns vivas.

Fiquei em posição de sentido, saudando.

Os aplausos aumentaram.

E um estranho fogo me percorreu por dentro.

Meus joelhos tremeram novamente.

Eu não estava preparado para algo assim.

Não pude evitar. Meus olhos se umedeceram. Curtiss percebeu e esboçou um meio

sorriso.

Que estranho! Eu não costumava chorar. Mas a lembrança de Eliseu se misturou com os aplausos, e uma lágrima traidora correu por minha face.

O grupo se deu conta e aplaudiu com frenesi.

Depois, pouco a pouco, o silêncio tornou a se impor.

O general baixou a mão e caminhou para onde resistia este perplexo explorador. Os demais homens o seguiram e acabaram apertando minha mão e me abraçando.

Foi emotivo e triste.

Sim, faltava meu irmão.

Os olhares eram curiosos e esquivos. Prolongavam-se só o necessário.

Estavam aterrorizados com minha aparência.

“Como isso pôde ter acontecido?”, lamentavam-se. “O que falhou?”

Eu não sabia para onde olhar nem o que responder.

“Sinto muito” foi a frase mais repetida.

Slimy não se aproximou. Observou-me e moveu os lábios, mas sem emitir som algum. Só captei a palavra “traidores”. E o babento desapareceu.

Alguém, então, por indicação de Curtiss, levou até mim uma cadeira de rodas. Não tive remédio senão me sentar nela.

E assim fui acompanhado até o próximo e familiar pavilhão de oficiais.

Alguns, impressionados, assomavam nas janelas e cumprimentavam.

Curtiss empurrava a cadeira.

Continuava pálido e suando.

E, de repente, alguém entoou o hino dos Estados Unidos da América.

Foi outro minuto de glória (?).

Ao chegar em frente ao edifício dos oficiais, o grupo se dissolveu.

O general se despediu com um cortês “até segunda-feira”.

Um veículo passaria para me pegar às 7 horas.

Curtiss havia previsto tudo, naturalmente.

Traidores? Por que traidores?

Slimy se referia, obviamente, a Eliseu e a quem isto escreve.

E a minha mente voltou a imagem do cilindro de aço com as amos-tras do Mestre e de sua família.

O que estava acontecendo com os homens do projeto encerrado?

A resposta – avassaladora – chegaria na segunda-feira, 16 de julho.

O general, como disse, era um homem previdente... em quase tudo.

No quarto do alojamento havia sido colocada minha roupa, meus poucos pertences, um pouco de dinheiro, meu passaporte e as credenciais necessárias para eu me locomover pela base e, em especial, pela área restrita, ao norte (que chamávamos de “Fog”, e à qual me referirei em breve).

Sobre a modesta mesa, descansava um envelope lacrado.

Não identifiquei a figura impressa no lacre vermelho de goma laca e terebentina.

Era uma estrela de cinco pontas, invertida, com um círculo central e um lema em latim a

sua volta. As palavras se distinguíam com dificuldade.

Julguei ler algo assim como "... fidelidade". É possível que fosse: "Além da fidelidade", mas não tenho certeza.

Aquilo me desconcertou.

As estrelas de cinco pontas usadas nos emblemas das bases aéreas da USAF não aparecem de cabeça para baixo, e eu também não recordava um lema parecido.²

E fiz algo pouco usual para mim. Deixei-o em cima da mesa sem abrir.

Imaginei que deviam ser novas ordens.

Estava farto.

Eu o abriria na segunda-feira.

Tomei um banho, descansei um pouco, tentei em vão ordenar minha mente e acabei fugindo do quarto. Precisava falar com alguém, ou pelo menos esticar as pernas.

Eu tinha o fim de semana e excessivas recordações. Desassossego demais. Perguntas demais sem resposta. Tristeza demais, até a beira da alma.

Parei no bar dos oficiais.

Ali continuava Joco, o velho companheiro de bebedeiras e solidões.

Joco era uma curiosa mistura. Havia nascido no Alabama, de pai japonês e mãe mexicana. Passara a infância em Tijuana.

Era como um chimpanzé, mas com olhos humanos. Cuidava do bar fazia 20 anos.

Joco parecia um macaco, mas se comportava como um anjo.

Seu coração, sem dúvida, era de ouro maciço.

Ele sabia tudo sobre Edwards: o sigiloso e o sigilosíssimo.

Não sei como conseguia estar tão bem informado. Minto: sabia sim. Todo mundo sabia. Joco era um "remenda-corações". A cada noite, um ou dois bêbados, ou mais, apoiavam-se no balcão e falavam sobre o humano e o divino.

Já se sabe: nós, pilotos, descemos à terra para beber e esquecer os medos que fabricamos lá em cima.

Joco, enfim, acabava sendo o grande confidente. Não importava a hierarquia. Quando se bebe, as estrelas desaparecem.

Se alguém quisesse saber algo sobre a base, ou sobre seu pessoal, o melhor era ir ao bar dos oficiais.

De início, ele não me reconheceu. Depois, espantado, perguntou enquanto derramava café para fora da xícara:

– Você é aquele que voltou do inferno?

Apressado, limpou o café e me observou com curiosidade.

Sorri de má vontade e bebi o primeiro gole.

Maravilhoso! Era café, café!

– Está vivo! – exclamou Joco com incredulidade.

Olhei para meu uniforme de major e comentei:

– Vivo e morto ao mesmo tempo.

O homem não compreendeu e continuou com suas tarefas, dando um brilho desnecessário às garrafas de uísque e tequila.

Depois de alguns minutos, mordido pela curiosidade, aproximou-se e perguntou se eu queria outro café.

Assenti. Fazia dois mil anos que não provava um verdadeiro café.

Dessa vez, fui eu quem perguntou:

– E o que falam sobre mim?

Joco hesitou.

Estimulei-o. Estávamos sozinhos.

– Você, Major, voltou, mas o coitado...

– A quem se refere?

– A seu colega.

E mencionou o verdadeiro nome de Eliseu.

Ele sabia do que estava falando.

– Acha que está morto?

– É o que dizem. Ao que parece, não conseguiu pular a tempo.

As notícias voavam supersônicas.

– Mas você sabe melhor que eu e que ninguém.

– Como sabe tanto?

Pergunta estúpida.

Joco sorriu e me forneceu um dado desnecessário:

– É um segredo público na Fog.

Era bom saber que rumores corriam na base; especialmente na área restrita, a Fog.

No resto do fim de semana, fiquei passeando e planejando o “assalto” ao pavilhão onde queria decifrar o conteúdo da “pérola”.

Pobre tolo! Quando aprenderei a não fazer planos para além de minha sombra?

Edwards, como disse, não havia mudado muito.

Era uma cidade em miniatura,³ igual – quase gêmea – às quase 50 bases aéreas norte-americanas existentes no mundo: pouco mais de mil casinhas térreas, jardins esforçados naquele deserto, 1.200 famílias que supostamente viviam em harmonia, escolas não raciais, ônibus amarelos, cinco supermercados, uma capela, carros reluzentes, cinco salões de beleza femininos, barulho de reatores, suor, fins de semana chatíssimos e cerveja a qualquer hora. E ao norte, o proibido: a área restrita.

Cruzei com velhos conhecidos, mas não me reconheceram.

Passei reto.

Parei em frente à placa que homenageava Glen W. Edwards, capitão naquela base e morto quando voava para Northrop YB-49, a tristemente célebre “asa voadora”. Ele e outros quatro colegas pereceram no acidente. Edwards tinha apenas 30 anos. A placa diz: “Foi um herói que nunca reconheceu sua ousadia”. Não sei por que, mas surgiu em minha mente a imagem de Eliseu.

Fiz uma oração por Glen. Ele agora conhece a verdade.⁴ No domingo, 15, após conversar com alguns colegas, fui descansar. E dormi muito, profundamente.

No dia seguinte – eu sabia – aguardavam-me novas emoções. Algumas especialmente excitantes.

O envelope lacrado, com a misteriosa estrela invertida, continuou em cima da mesa, fechado.

Eu estava espantado comigo mesmo.

Era um homem novo, sem dúvida.

Em outras circunstâncias, o envelope teria sido aberto de imediato.
Ele havia me mudado. Nada mais era o mesmo.
Eu sabia que a vida não é o que parece. Nada tinha que me alterar.
Sim, essa era a verdade, mas...

¹ AFFTC: Air Force Flight Test Center, uma das designações da base de Edwards.

“Foi na primavera de 1964”, conta o Major em seus diários “que, confidencialmente, e por mera coincidência (?), chegou a meus ouvidos a existência de um ambicioso projeto, bancado pela Afosi e a Afors (Gabinete de Investigações Espaciais e Gabinete de Investigação Científica da Força Aérea, respectivamente), no qual trabalhava havia anos um grande grupo de especialistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

“Eu havia sido selecionado em outubro de 1963, com outros 13 pilotos da USAF, para um dos projetos da NASA. Em minha qualidade de médico e engenheiro em física nuclear, e visto que continuava pertencendo à OAR (Gabinete de Investigação Aeroespacial), encomendaram-me um trabalho específico de supervisão do chamado VIAL, Veículo para a Investigação da Aterrissagem Lunar. Na mencionada primavera de 1964, duas dessas curiosas máquinas voadoras – nas quais começaram os primeiros ensaios para as futuras alunissagens do projeto Apolo – chegaram por fim ao local onde eu havia sido destinado: o Centro de Investigação de Voos da NASA, na base de Edwards, da Força Aérea norte-americana, a 80 milhas ao norte de Los Angeles.

“Naquela paisagem desolada permaneci até o fim de 1964, quando acabaram com sucesso os testes preliminares do voo dos VIALs.

“Durante meses convivi com outros candidatos a astronautas, oficiais, cientistas e técnicos. E chegou a meus ouvidos um fantástico projeto: a operação Swivel (‘elo giratório’, ‘tornel’).

“Uma vez finalizado meu trabalho em Edwards, a Nasa achou que eu deveria ser incorporado ao Centro Marshall de voos espaciais. Minha verdadeira vocação sempre foi a pesquisa. Especificamente, o jovem ‘mundo’ da teoria unificada das partículas elementares. Contudo, minhas inquietudes naquele mês de dezembro de 1964 corriam por outros caminhos. Os custos da Nasa haviam começado a disparar e o Centro Marshall trabalhava dia e noite para encontrar novos sistemas, ou fontes de energia, que baratassem as caras baterias ‘químicas’ dos projetos Explorer, Mercury e Geminis.

“Uma semana antes do Natal, por motivos de trabalho, tive que voar novamente para a base de Edwards. Durante um dos almoços com a equipe especializada, conheci o novo chefe do projeto Swivel, o general..., um homem que soube escutar minhas divagações e lamentos sobre a miopia mental de alguns altos cargos da NASA, que haviam rejeitado repetidamente minhas sugestões sobre a necessidade de substituir as antiquadas baterias químicas por células de combustível ou por baterias atômicas.

“O general pareceu se interessar por alguns detalhes das pilhas atômicas, e eu – reconheço – me excedi, saturando-o com uma chuva de dados e informações sobre as excelências do plutônio 238, do cúrio 244 e do promécio 147. Antes de se retirar da mesa, o general me fez uma pergunta: ‘Quer trabalhar comigo?’.

“Desta forma, em janeiro de 1965 eu abandonava definitivamente a Nasa para me incorporar ao módulo de experiências da USAF, no Mojave. Eu havia conhecido boa parte dos cientistas e militares que trabalhavam naquele fantástico projeto durante minha etapa anterior na base de Edwards. Isso facilitou as coisas, e minha definitiva integração na operação Swivel foi rápida e total.” (N. de J. J. Benítez.)

² Algum tempo depois, quando aconteceu o que aconteceu, compreendi que eu estava enganado. Naquele momento, três bases aéreas da USAF ostentavam outras tantas estrelas de cinco pontas (invertidas): Ramstein, na Alemanha (3ª Força Aérea); Yokota, no Japão (5ª Força Aérea) e Elmendorf, no Alasca (11ª Força Aérea). Suspeita e curiosamente, todas ficavam fora do território nacional. (N. do M.)

³ Inicialmente (1933), a base aérea de Edwards era um campo de exercício do Exército do Ar. Era conhecido como Muroc. Em 1949, após a morte do capitão Glen W. Edwards, mudou de nome. Foi planejada e construída sobre dois grandes lagos secos (Rogers, ao norte, e Rosamond, ao oeste). Dispõe de 12 pistas principais. A mais comprida atinge 12,1 quilômetros. Em Edwards foram testados todos os aviões de guerra dos EUA, bem como os protótipos e foguetes da Nasa. A série “Bell-X” foi uma das mais renomadas. O famoso “X-15” (1961) bateu recordes de velocidade, situando-se em Mach 6,7 (3 de outubro de 1967). Em julho de 1963 atingia uma altitude de 106.010 metros. Depois, outro protótipo, o Mirlo SR-71, superou as duas mil milhas por hora (3.331 quilômetros por hora) a uma altitude de 24.462 metros. Como disse, todos os jatos da Força Aérea norte-americana foram testados em Edwards: do XP-59A ao Shooting Star. Em 1951, a base foi reconhecida como o centro de testes de voo, e a escola de pilotos de Wright Field foi transferida para Edwards. Praticamente todos os astronautas passaram pelo deserto do Mojave. Aqui se desenvolveram os programas mais secretos da USAF e da Nasa. O projeto Swivel é um deles. Como também mencionei, em Edwards ergue-se um complexo centro de investigação (Dryden), a serviço da Nasa e, evidentemente, do Pentágono. Eu trabalhei nele. (N. do M.)

⁴ Glen W. Edwards faleceu em 5 de junho de 1948, perto de onde eu estava (rumo a oeste), quando participava de um voo experimental. Testou muitos outros aparelhos, como o perigoso bombardeiro XB-42. Em dezembro de 1945, com o tenente Alcaide, estabeleceu um novo recorde ao voar de Long Beach, na Califórnia, à base aérea de Bolling, em Washington D. C., em apenas 5 horas e 17 minutos. Era um jovem promissor que teria gostado da Operação Cavalo de

Troia. (N. do M.)

Naquela manhã de segunda-feira, 16, depois de tomar um banho, abri o envelope lacrado. Eu estava recuperado.

E intuí surpresas.

A primeira chegou quando tirei do envelope aquele papel branco.

Não era o que eu imaginara. Não eram novas ordens.

Li desconcertado. Depois, foi a vez do envelope.

Nem ideia.

Não tinha remetente.

O papel, de 21 por 15 centímetros, tinha uma única frase, escrita à máquina, no centro geométrico da folha.

No canto superior esquerdo brilhava um emblema.

Que estranho!

A frase dizia: “Marte, alerta”.

Eu não sabia o que significava.

O emblema, em relevo, era composto de dois elementos. O principal era uma estrela, também de cinco pontas e igualmente invertida, como a do lacre.

Era azul-escuro, com um círculo vermelho no centro.

Em volta se lia: *ULTRA FIDEM* (Além da Fidelidade).

Não encontrei data nem remetente. Nada, nem uma única pista que revelasse a identidade do autor, ou autores.

Fiquei pensativo e perplexo.

Seria uma brincadeira?

Em um primeiro momento, descartei a hipótese.

O lacre era impecável. O papel, de boa qualidade, assim como a frase datilografada no centro. Quanto ao emblema, belo e perfeito.

A estrela media três por três centímetros.

Muito trabalho, e muito caro, pensei, para se tratar de uma brincadeira.

Mas não encontrei sentido.

As frases não me disseram nada.

Eu sabia alguma coisa sobre simbologia, mas o especialista era Eliseu. A estrela de cinco pontas, segundo o estudado, é a representação máxima da luz e do universo em expansão. Para muitos é o símbolo do microcosmo humano. Para a maçonaria, no grau que corresponde a companheiro, a estrela flamejante simboliza a letra hebraica *yod*: o Princípio Divino no coração do homem ou da mulher iniciados.

Retifiquei. Estava enganado. Para os maçons, no centro da estrela aparece sempre a letra “G”, e este não era o caso. Não era um símbolo maçônico. Além do mais, a estrela, como eu disse, estava de ponta cabeça.

Sentei-me e examinei com atenção o estranho envelope.

O que significava?

Alguém estava querendo me dizer alguma coisa.

As letras de “Marte, alerta” haviam sido espaçadas. Isso me chamou a atenção.

Não sei por que, mas comecei a tirar medidas.

A frase media exatamente seis centímetros. Quanto à estrela, como disse, três por três centímetros.

E me deixei arrastar pela imaginação.

O “9” e o “3” se repetiam.

Busquei na memória.

O “9” encerra uma grande simbologia.¹

Para mim era o número do Mestre.² E recordei as lições de Yu, o chinês chefe dos carpinteiros no estaleiro de Nahum: “O Tao produz o um. O um produz o dois e o dois produz o três”. Sim, Jesus de Nazaré era chamado também de Príncipe Yuy (“Dois” em árabe).

Em relação ao “3”, eu sabia pouco. Yu dizia que é o número do céu, o caminho que se percorre sozinho. Depois, dizia, o indivíduo se encontra com seu outro “3” e tudo se torna “8”.

Não queria me distrair, e afastei as ideias do querido e saudoso chinês.

Por que o “3” e o “9” se repetiam naquele enigma?

Fiquei um longo tempo concentrado na mensagem – porque era uma mensagem –, mas não descobri nada, sob nenhum ponto de vista.

Talvez eu estivesse diante da obra de um louco ou de um engraçadinho.

Em Edwards havia de tudo, e o que dizer da Fog...

Enfim, nunca se sabe.

Devolvi o papel ao envelope e o guardei cuidadosamente no meio de minhas roupas.

Estava ficando tarde.

Mas deduzi uma coisa: *Ultra Fidem* não era um lema da USAF. (E não é uma piadinha de duplo sentido.)

Comi bem no café da manhã e às 7 horas, como foi estabelecido por Curtiss, apareceu o veículo que devia me levar à área restrita, ao norte da base.

Ao nos despedirmos, Joco me deu uma piscada, animando-me com um sorriso. Fez-me recordar um dos gestos do Filho do Homem. E as palavras do Mestre surgiram em minha mente “5 × 5” (alto e claro): “Confia!”.

Sim, confiaria n’Ele.

Tudo era muito confuso, mas confiaria.

Percorremos os seis quilômetros que nos separavam da Fog.

O dia prometia fogo.

Naquele momento, não sabia que outro tipo de “fogo” estava prestes a cair sobre quem isto escreve, e de forma imprevista.

O Destino, sim. “Alguém” de quem me esqueço com frequência.

Na porta principal da área restrita, a polícia militar bloqueou meu acesso.

Caramba, esqueci-me de colocar as credenciais em lugar visível.

Apresentei as “tssc”³ e o cabo sugeriu que as pendurasse no pescoço.

Sorri agradecido, e assim fiz.

O policial voltou à guarita, pegou um telefone e falou com alguém.

Trinta segundos depois apareceu um veículo militar. Três homens armados trocaram

algumas palavras com o cabo e este mandou levantar a barreira.

Passei para o outro lado e me sentei no Jeep recém-chegado.

Foi assim que voltei à maldita Fog.

Fog (Névoa) era o local secreto por excelência na base aérea de Edwards. Nós o chamávamos assim por conta da neblina que cobria a área quase permanentemente. Era o ideal para não ser observado.

Com o tempo, a Fog acabou se tornando um monstro.

A área restrita erguia-se a noroeste do lago seco Rogers. Ficava longe de tudo, mas relativamente próxima do núcleo da base, assim como da estrada 58, que liga Mojave a Silt e Bouron.

As dimensões da Fog eram consideráveis.

Formava um gigantesco triângulo equilátero de dez quilômetros de lado.

As “joias” eram a 06/24 e o chamado hangar “vermelho”.

A primeira era uma pista de concreto de quase oito mil pés.

O segundo...

Mas irei por partes.

Outras pistas, pintadas de preto, cruzavam o deserto.

Pelo leste, a pouco mais de 30 quilômetros, passava a 395, a estrada que foge para o norte e para o sul.

A Fog, enfim, era um enxame de pavilhões, escritórios e hangares em completa desordem, todos confidenciais (mas não se sabia por quê).

O complexo tinha altas cercas de arame farpado, valas antitanque (!), câmeras de segurança, barreiras de infravermelho, uma estrada que corria paralela ao perímetro, cães especialmente adestrados, as inevitáveis linhas vermelhas (lembro-me de meia dúzia altamente “sensíveis” cercando alguns hangares), guardas por todos os lados (inclusive nos telhados) e, evidentemente, os *smokers*.

Havia áreas às quais só se tinha acesso com as “tssc” de níveis vermelho e violeta. Era o caso da “cidade subterrânea”, à qual me referirei mais adiante.

Era divertido.

Na Fog, a primeira coisa que olhávamos não eram os olhos de uma pessoa, e sim a cor de suas “tssc”.

O segundo “rei” da Fog, como dizia, era o Z-412. Nós o chamávamos de hangar “vermelho”, por conta da cor dos muros e dos telhados, de chumbo.

Era um dos edifícios importantes da área restrita devido aos arquivos ali contidos e à grande plataforma circular na qual subiam e desciam os protótipos secretos.

Em uma das dependências do hangar vermelho ficava a sala de Curtiss. Nós o conhecíamos como o “defumadouro”.

O resto era um labirinto de salas e dependências. Ali trabalhava parte da equipe do Cavalo de Troia.

E deixei a descrição dos *smokers* para o final, não casualmente. A USAF se sentia orgulhosa da “invenção”. Era um dos segredos do sucesso daquela área, repetiam os generais em voz baixa quando visitavam a “cidade subterrânea” ou o resto da Fog. Santo Deus! Que

mediocridade!

A Fog dispunha de dois *smokers*: um a leste e outro a oeste. Em palavras simples: consistiam de bocas, a cinco metros abaixo da superfície, que vomitavam névoa quando os responsáveis pelo campo julgavam necessário. Era uma névoa densa e perolada que se apoderava do triângulo em questão de minutos. Uma teia de tubos de tório de dois milímetros sobrevoava a área a dez metros do solo, mantendo a fumaça “encarcerada” graças aos campos gravitacionais que agiam como “fachada”.

Os *smokers* e a bruma natural existente no lago seco Rogers tornavam praticamente “invisível” a área restrita de Edwards. Nenhum observador estava capacitado para descobrir o que se cozinhava naquela remota paragem.

E, sinceramente, foi muito, e de enorme transcendência, o que se experimentou (e se experimenta ainda) na base de Mojave.

Enquanto os *smokers* lançavam névoa, era terminantemente proibido circular pela Fog.

Outros edifícios “notáveis” naquele complexo supersecreto eram os hangares “5” e “1”, situados também a leste e a oeste da área restrita, respectivamente. Neles se camuflavam três poderosos elevadores que ligavam a “cidade subterrânea” à superfície.

E o hipotético leitor destas memórias se perguntará: por que revelo parte de uma instalação militar secreta? Por ódio? Por vingança? Como resultado da inconsciência?

Pensei nisso profundamente e entendo que a razão não tem nada a ver com isso. A explicação é simples. Os militares são cidadãos a serviço da comunidade. Essa comunidade os paga e os sustenta. Qualquer segredo militar é um insulto ao cidadão. Ainda assim, guardei alguns. Sou tão pecador quanto eles.

Mas não pretendo me desviar do essencial.

Às 7 horas e 20 minutos daquela segunda-feira, 16 de julho (1973), o Jeep da polícia militar parou na esquina leste do referido hangar vermelho. A bruma, alheia ao que estava prestes a acontecer, lambia os edifícios com certo tédio. Via-se e não se via.

Eu conhecia bem o lugar.

Descemos do veículo e nos encaminhamos a uma pequena porta metálica disfarçada no muro vermelho.

Um dos militares apertou uma campainha e esperamos.

Ninguém falava.

Seguindo o costume, fiquei observando. Dessa vez, reparei nos subfuzis automáticos que os policiais portavam. Brilhavam, reluzentes. Eram “M3A1”, de fabricação norte-americana. Provavelmente procediam da Ithaca Gun Co. Acho que não pesavam mais de três quilos e pouco. Munição: nove milímetros, ou talvez 11,43 milímetros. Carregador extraível (30 balas). Cadência de tiro: 350 a 450 disparos por minuto. Uma joia.

Em minha época o chamávamos de *grease gun*, pela semelhança com as pistolas lubrificantes.

O mecanismo de pontaria era fixo, com uma alça que permitia atirar a cem jardas (cerca de 90 metros). Havia prestado bons serviços durante a Segunda Guerra Mundial, a Guerra da Coreia e a Guerra do Vietnã.

E, de repente, eu me senti envergonhado.

Estava admirando uma arma; algo idealizado para ferir e matar. Não era isso que pregava o Filho do Homem.

Os policiais me examinaram de cima a baixo, intrigados. O que fazia um velho em um lugar como aquele?

Eram muito jovens. Não podiam sequer suspeitar.

A porta foi aberta por um dos diretores do Cavalo de Troia.

Omitirei nomes por segurança.

Sorriu e me convidou a entrar enquanto segurava seus grossos óculos de aro de tartaruga com o dedo indicador esquerdo.

O policial no comando disse que esperariam ali mesmo. E os “M3A1” continuaram com os olhos de aço fixos no chão.

Segundos depois, entrávamos na sala das “tempestades”. Nós a chamávamos assim porque era o lugar onde se discutiam os assuntos mais afiados. Sempre acabávamos aos gritos.

O dos óculos de aro de tartaruga me abriu caminho e fez-se silêncio entre os ali reunidos. Pareciam muito acalorados. Provavelmente estavam discutindo.

Não havia muito a descrever naquela sala.

Uma mesa de vidro, fria e distraída, era o habitante principal. Era um capricho de Curtiss, proveniente de Deus sabe onde. Olhando para o norte se abria uma janela, a única. Mostrava-se orgulhosa de sua blindagem. Só via alambrados e deserto, coitadinha.

No alto, duas lâmpadas peladas e sempre acesas. Pairavam em meio à fumaça, com os fios em desordem e desvestidos. Uma piscava sem parar, como protesto.

Na parede da direita (tomarei como referência a porta de entrada) havia um retrato do presidente Nixon, desbotado – quase azul –, com um sorriso falsíssimo.

Junto à janela, no canto, uma bandeira norte-americana, tão sem graça quanto a mesa e as cadeiras.

Na parede da esquerda via-se um grande quadro-negro, de um negro ameaçador. Ali sempre começavam as disputas. Não sei como ele aguentava.

Por último, também na parede da esquerda, a dois metros do chão, o armário quadrado do ar-condicionado vigiava todos. Esse vivia permanentemente ligado. Não o culpo. Naquela sala havia ouvido o que não está nos escritos.

Na cabeceira da mesa distraída sentava-se o general, de costas para a janela que só via alambrados.

Curtiss fumava um de seus intermináveis charutos.

Em volta da mesa encontravam-se os demais diretores, todos eles.

Três ou quatro fumavam nervosamente.

Sim, preparava-se o cenário para uma grande tempestade.

Curtiss fez sinais para que eu avançasse e me sentasse a sua esquerda, perto da bandeira.

Nixon nem me olhou.

Éramos 12.

Eu os observei durante breves segundos, e eles a mim.

Slimy babava, como sempre. Em frente a ele, em cima da mesa de vidro, descansava uma maleta prateada, metálica, algemada a seu punho direito. O que continha? A que se devia tanta segurança?

Percebi dureza nos olhares. Por qual motivo poderiam me recriminar? Por que discutiam?

Curtiss notou que o charuto havia se apagado e procurou fósforos.

Não teve tempo de revistar os bolsos.

Dois dos diretores se levantaram de imediato e lhe ofereceram fogo.

Eram os aduladores de sempre.

E o general aproveitou a pausa para pedir café.

O dos óculos de aro de tartaruga saiu da sala e o silêncio se sentou ao nosso lado. Já éramos 13.

Curtiss se interessou por minha saúde.

Puro convencionalismo.

O instinto tornou a tocar meu ombro. Alguma coisa não andava bem entre os diretores.

Era melhor eu me preparar.

E assim foi.

Depois, compreendi a pobre janela. Precisava fugir, mas não podia.

Chegou o café e todos agradecemos.

O silêncio sabia que estava sobrando, levantou-se e foi embora.

Nixon o seguiu com o olhar.

E a conversa discorreu por caminhos desimportantes. A recente raiva parecia esquecida, mas não...

Curtiss, então, dirigiu-se a um dos diretores (nós o chamávamos de “o texano”) e ordenou que repetisse o que havia exposto pouco antes, quando eu estava entrando na sala.

E o texano falou com certo ar de desafio:

– Digo que o “berço” não está no mar Morto.

Observou os rostos de incredulidade e repetiu:

– Temos informação que ratifica isso. A nave não está onde pensávamos.

O silêncio não chegou à porta. Deu meia-volta e retornou para junto dos diretores.

Eu estava pálido.

Olhei para o general buscando uma explicação, mas não a obtive. Curtiss, impassível, nem me olhou. E incitou o texano a prosseguir.

O diretor que havia lançado a bomba não era chegado em rodeios (embora pareça inacreditável), e prosseguiu decidido.

Isto é o que recordo daquela avassaladora exposição:

De acordo com as fotografias e os dados fornecidos pelo Big Bird e por outros dois satélites especialmente desviados para a órbita do mar de Sal,⁴ a nave não aparecia no fundo.

Alguns dos diretores – dentre os quais se encontrava o dos óculos de aro de tartaruga – protestaram.

“A informação não era determinante. Os radiômetros multiespectrais ofereciam perfis confusos”.⁵

E voltaram as discussões, mais ácidas ainda.

Alguém insistia na questão dos radiômetros.

“Não são de confiança...”

O texano se levantou, apontou para a maleta que continuava algemada ao punho de Slimy e gritou acima do resto:

– Depois falaremos disso!

Vi o silêncio desaparecer, entediado.

Curtiss ordenou calma e tornou a acender seu charuto agonizante.

A fumaça se encaracolava, asfixiando-nos.

A lâmpada continuava protestando com suas piscadas constantes, mas ninguém se dava conta.

E o texano prosseguiu.

Os radares de penetração profunda também não haviam obtido resultados concludentes.⁶ O “berço” não aparecia em lugar nenhum.

Os diretores que se opunham ao texano afirmaram que aquele também não era um argumento confiável. O fundo do mar de Sal, como expliquei anteriormente, somava cerca de cem metros de sedimentos, em sucessivas camadas químicas e argilosas, consequência dos arrastos fluviais. Enfim: cem metros ou mais de puro lodo, que se comporta como areia movediça.

O “berço” pesava mais de 20 toneladas.

Era mais que possível que o lodo o houvesse sugado, literalmente.

Talvez se encontrasse a 50, até 80 metros de profundidade. Quem podia saber?

E pensei em Eliseu.

Meu Deus! Sepultado no lodo!

Senti minha alma se encolher.

Bebi o segundo café.

Julguei entender a situação da equipe diretora do Cavalo de Troia.

As informações e imagens fornecidas pelos satélites haviam dividido as opiniões sobre o paradeiro da nave. E a brecha se abria cada vez mais.

Um grupo integrado por seis diretores, entre os quais se encontrava Slimy, defendia que o “berço” não estava no mar Morto.

Os outros quatro achavam o contrário.

O general não se manifestou.

E o texano, em nome dos que concordavam com ele – que a partir de agora chamarei de “falcões” –, acrescentou:

– O foco emissor de calor localizado na fossa sul também não é a nave.

Os novos protestos não se fizeram esperar.

– Isso é absurdo – disse o dos óculos de aro de tartaruga. – Não há nada no mar Morto capaz de provocar uma fonte de calor como essa.

Alguém falou da aragonita e do hidrogênio sulfuroso.

Calaram-no de imediato. Como já mencionei, o enxofre não podia provocar uma coisa assim, e muito menos a aragonita.

O texano deixou rolar a discussão.

Quando os ânimos se acalmaram, concluiu:

– Esse foco de calor é real, mas não é o “berço”.

Fez uma pausa e arrematou:

– Essa fonte de calor poderia estar relacionada com a nave.

O desconcerto e a surpresa se deram as mãos. Ninguém entendeu.

Curtiss urgiu:

– De que diabos está falando?

O texano esperava esse momento. Fez um gesto para o “babento”, e Slimy soltou as algemas que prendiam a maleta a seu punho direito.

O silêncio se sentou de novo entre os diretores. Nixon perdeu o estúpido sorriso.

Todos estávamos na expectativa.

Slimy abriu a maleta prateada e tirou dela um envelope cor de laranja.

Estava lacrado.

E o depositou no vidro, em frente ao general e chefe do projeto.

Foi quando reparei. O lacre era o mesmo que fechava o envelope que eu havia recebido em meu quarto, no pavilhão dos oficiais de Edwards.

Uma estrela de cinco pontas, também invertida!

O que era tudo aquilo?

Curtiss rompeu o lacre rapidamente e tirou uma coleção de fotografias.

Pareciam imagens captadas pelos satélites.

Silêncio.

A lâmpada gaga continuava piscando. Era insuportável.

O charuto do general havia falecido fazia tempo.

Curtiss pediu explicações:

– O que é isso?

O texano respondeu:

– Poderia se tratar de acumuladores.

– Explique-se.

E o texano se explicou, afundando-me na confusão.

– Esse foco de calor – e apontou para a mancha laranja que aparecia nas imagens – não é do “berço”. Se procedesse da nave, seria levemente radiativa... e não é.

Falava com razão.

A liga com o tório tornava a blindagem do módulo “levemente radiativa”.

– A fonte de calor que observam – continuou o “falcão” – é de origem química.

– E?

– Acreditamos que são acumuladores.

O general pediu mais clareza.

– Acumuladores, você sabe: baterias elétricas como as que usava o...

O texano parou e retificou:

– Como as que usa o “berço”.⁷

Busquei na memória.

As baterias em questão estavam estrategicamente distribuídas pela nave. Eram elementos complementares, destinados a suprir algum tipo de déficit menor ou secundário. Eu me lembrava de tê-las utilizado em uma ocasião, ao explorar a cripta funerária da aldeia de Nahum, na Galileia.⁸ Nessa oportunidade, o acumulador alimentou uma potente lanterna de 33 mil lúmens. Que eu soubesse, nunca mais saíram da nave.

– De quando são essas fotos?

O general tinha a resposta a sua frente, na legenda das imagens, mas não a viu.

O texano indicou:

– Aí consta o dia e a hora.

– Estou vendo – adiantou-se Curtiss. – Dia 15, às 13 horas.

Isso foi no dia anterior. As fotografias haviam sido tomadas no domingo.

Curtiss não compreendeu o alcance do que o texano estava sugerindo e acabou passando as imagens para o resto da equipe.

Não houve discussão. A informação parecia correta.

E o general, depois de acender um novo cigarro, levantou a questão chave:

– OK, são acumuladores pertencentes ao “berço”. E eu pergunto: onde está a nave?

Durante alguns segundos ninguém respondeu.

Finalmente, o texano falou com sensatez:

– Não sabemos.

– O que está insinuando? – perguntou o general com desconfiança.

– Não estou insinuando nada... por enquanto.

O diretor insistiu no já sabido:

– Não há rastros da nave. Isso não quer dizer que tenha afundado.

Curtiss continuou ausente, sem captar o duplo sentido das palavras do texano. Pediu as imagens e as pôs nas mãos de quem isto escreve.

– E você, o que diz?

Eu as examinei com avidez.

A teledetecção ativa e os radiômetros multiespectrais ofereciam uma informação impecável.⁹ A mancha laranja era nítida. Aquilo representava uma fonte de energia de origem química. Era o mesmo foco emissor que Curtiss havia mostrado em 7 de julho na base judia de Nevatim.

Calibrei as dimensões do foco emissor. Eram sensivelmente inferiores às do “berço”. Isso me deixou atônito. O texano tinha razão: podiam ser acumuladores.

Mas logo rejeitei a ideia.

Tornei a examinar as fotografias, comparei-as e cheguei à mesma conclusão: aquilo não eram acumuladores.

O general captou minha estranheza e perguntou rápido:

– O que foi?

Precisei de alguns segundos. Minha mente era um labirinto.

“Aquilo” não era possível.

Finalmente expliquei:

– Não podem ser acumuladores. Não os da nave.

– O que está dizendo? – interveio o texano.

Indiquei a mancha laranja e abreviei:

– Estão agrupados. Insisto: não podem ser acumuladores.

– Explique-se! – exigiu o general com nervosismo.

E expliquei.

Se a nave houvesse se aberto como consequência do impacto na água, as baterias ou acumuladores elétricos poderiam ter escapado do “berço”, ou não. Como mencionei, encontravam-se estrategicamente distribuídos, prontos para serem usados em caso de emergência. Era fisicamente impossível que, ao sair da nave, permanecessem agrupados. A fluutuabilidade era notável, e isso os teria impulsionado para a superfície do lago, e em desordem.

Curtiss me olhava perplexo. O charuto se apagara de novo. Nixon não sabia do que eu estava falando, como quase sempre.

– Como é que as imagens mostram os acumuladores reunidos em uma espécie de cacho? Nem em um milhão de anos ocorreria uma coincidência dessas. E, ainda por cima – acrescentei –, estão ativados.

O texano e vários dos seus homens sorriram. Deduzi que já sabiam.

E continuei:

– Esses acumuladores não funcionam automaticamente. É preciso ligá-los manualmente.

– Poderiam ter se ativado com o choque?

A pergunta de Curtiss era desnecessária, mas esclareci a dúvida:

– Difícil...

E uma nova incógnita ficou pairando na fumaça: quem os teria posto em funcionamento?

Eu não recordava. Além do mais, por que razão teria feito algo assim?

– São como lanternas – expliquei. – É preciso apertar o interruptor para que se “acendam”.

O general havia compreendido, e recapitulou:

– Vejamos... Está dizendo que esses acumuladores, ou o quer que sejam, não deviam estar aí?

Assenti com a cabeça.

– E está insinuando que alguém os ativou, um por um?

Tornei a mover a cabeça afirmativamente.

Todos, creio, fomos visitados pelo mesmo pensamento, mas ninguém se atreveu a expressá-lo.

– Mas os acumuladores – murmurou Curtiss para si mesmo – estão aí...

– Afirmativo. E não entendo.

– E isso não é tudo – interveio Slimy pela primeira vez. – Os acumuladores estão boiando a cinco, dez metros do fundo.

Curtiss e eu examinamos a linha que marcava o fundo do mar Morto. A apreciação era correta. Os acumuladores estavam acima do lodo.

A nova observação me deixou atônito.

E exclamei sem poder me conter:

– Negativo! Isso é igualmente improvável! As baterias flutuam!

Slimy perguntou, malévolo:

– Trata-se de um milagre?

Amaldiçoei-o dentro de mim.

– Só há uma explicação – disse o texano. – Alguém os colocou assim. Alguém reuniu os acumuladores, ativou-os e os mantém presos ao fundo com algum tipo de peso.

Mas os interessantes comentários do diretor se diluíram em um novo protesto. Estávamos elucubrando. Tudo eram suposições. Precisávamos de mais informações.

E o dos óculos de aro de tartaruga apontou a necessidade de realizar uma incursão ao mar Morto. Falou de sondagens eletromagnéticas, magnetômetros de prótons, radares com laser, sonares de baixa frequência e de varredura lateral (capazes de levantar cartas do fundo do lago) e os “asdic”, outro dispositivo sonar inventado para detectar a presença de submarinos.

Os “falcões” tornaram a debochar, e com razão.

Com que desculpa organizariam uma expedição assim? O que argumentariam para os judeus ou os jordanianos?

A guerra estava virando a esquina. Todos naquela maldita base sabiam disso.

Esse não era o caminho.

E outra dúvida me fez afundar um pouco mais na confusão: como era possível que os acumuladores, supondo que isso fossem, estivessem ativos havia 17 dias? Para esses modelos, o limite era de 114 horas.

Curtiss me tirou desses negros pensamentos.

Hora do almoço.

Após o almoço, os “falcões” voltaram à carga.

Não estava tudo dito.

E o texano, implacável, perguntou algo a que ninguém havia feito referência, que eu soubesse: por que as medidas de segurança da nave em caso de impacto ou afundamento no mar falharam?

Sim, foi estranho. Ninguém mencionou isso nos dias anteriores.

Não compreendi por quê.

Imaginei que deram por certo que o golpe havia sido tão violento que as inutilizou.

Isso não era correto.

As “BALs”, abreviatura de *Break Aleg*, como designávamos as referidas medidas de segurança, foram concebidas justamente para desastres dessa natureza.

Em síntese, as “BALs” consistiam no seguinte:^{[10](#)}

“Coluna 20” (Col.20).

Se o “berço” afundasse (este era o caso), em 20 segundos a “membrana” externa, cuja espessura total era de 0,0329 metro, e à qual já me referi nestes diários, era ativada automaticamente pelo computador central. E dela partiam milhares de finíssimos raios laser, que formavam um cilindro perfeito, de um metro de diâmetro. Os raios laser viajavam protegidos por IV, de modo que só podiam ser observados mediante visão infravermelha. A “col.20” partia do “berço” verticalmente. Não importava a posição da nave. O “Papai Noel” cuidava disso.

Era questão de tempo até que os buscadores localizassem o citado “tubo” ou “cilindro” a laser. A coluna era visível a quilômetros de distância. Aparecia sobre a superfície do mar como o que era: uma coluna de luz, e se perdia no espaço.

Cada laser, ainda, era portador de um sinal auxiliar (121.5), que podia ser captado por radiômetro, com um sistema de posicionamento que garantia um erro máximo radial de 1,8 centímetro.

O sinal múltiplo permanecia ativo indefinidamente, desde que a SNAP 27 não fosse danificada.

O procedimento, como disse, era automático. Tudo estava nas “mãos” do “Papai Noel”: as melhores “mãos”, aliás. Quem isto escreve sabia disso por experiência própria.

Se os pilotos morressem ou perdessem a consciência, o sistema agiria automaticamente.

E o texano perguntou:

– Por que não conseguimos localizar esse “cilindro” no mar Morto?

Ninguém replicou. Era inexplicável.

– Por que ninguém conseguiu ouvir o canto desses milhares de balizas? Temos três satélites aí em cima.

Novo e significativo silêncio.

Alguém tinha que ter escutado o “121.5”, e não só os satélites. Qualquer avião em voo sobre a área, ou as estações civis ou militares que contornam o mar de Sal, deviam tê-lo detectado.

Era muito estranho.

Os diretores que se opunham ao grupo dos “falcões” levantaram uma questão mais que razoável: se a nave foi engolida pelo barro, adeus à “membrana” e adeus às “BALs”. Toneladas de lodo podiam estar obstaculizando os sistemas. Era lógico que não funcionassem.

“Col.60.”

Era a segunda medida de segurança, que também não havia funcionado, até onde soubéssemos.

Aos 60 segundos do afundamento do “berço”, também de forma automática, o computador central procedia ao congelamento da água contida na “coluna” laser. Não importava a altura dela. A “membrana” injetava gás no “tubo” (geralmente hidrocarbonetos com fréons) e a temperatura da água baixava. Ao inverter a polaridade da alimentação elétrica, em um efeito relativamente similar ao Peltier, a água “prisoneira” no “cilindro” laser aumentava de temperatura até o ponto de ebulição. Isso provocava um “buraco” no mar, facilitando o acesso à nave, assim como o resgate dos ocupantes.

Pois bem, como eu dizia, nada disso aconteceu no mar Morto.

E a discussão derivou para o já sabido: o lodo do fundo poderia ter inutilizado os sistemas que ativavam a “col.60”.

A terceira e última medida de segurança não tinha nome.

Funcionava cinco minutos após o afundamento.

O “Papai Noel” foi programado para lançar à superfície – sempre pelo “cilindro” laser – um produto de composição química parecida com a clorofila, que “tingia” as águas com “brilhos” que oscilavam entre 6,9 e 89 gigahertz. As observações corriam por conta dos radiômetros passivos de micro-ondas instalados nos satélites.

O resultado foi igualmente negativo.

Absolutamente nada.

E o texano retornou à primeira pergunta: por que nenhuma das “BALs” havia funcionado?

Todos demos de ombros.

Repito: era inexplicável.

E o general foi direto ao que importava:

– Nós falhamos. O “berço” não emite sinais porque não pode emitir.

O silêncio foi significativo.

Curtiss tinha razão.

Estávamos perdendo tempo. O mais provável era que o módulo, com Eliseu dentro, estivesse nas profundezas do lodo, no leito do mar Morto.

Alguém ergueu a voz e timidamente levantou a possibilidade de a nave ter explodido

enquanto afundava.

Duvidamos.

Os restos da bateria atômica teriam sido localizados imediatamente.

E na superfície do lago teria aparecido uma infinidade de restos.

Eu a vi descer borbulhando.

Se houvesse ocorrido uma explosão, quem isto escreve a teria detectado. A onda expansiva, inclusive, poderia ter acabado comigo.

A sugestão sobre a desintegração do “berço” não prosperou.

A questão do lodo era outra. À razão de dez metros por segundo, a nave poderia precisar de 30 a 40 segundos para se cravar no lodo.

Também não fazia sentido.

O primeiro alarme – “col.20” – teria que ter disparado automaticamente. O contato com a água não era impedimento para a ativação da “membrana” externa.

A não ser que...

As discussões – quase todas inúteis – se prolongaram até bem avançada a tarde.

Naquela semana de 16 de julho não se registraram mudanças substanciais.

Continuaram fazendo reuniões na sala das “tempestades” e prosseguiram as polêmicas, cada vez mais ácidas e opostas. As imagens e informações fornecidas pelos satélites não mudaram. E as posições contrárias recrudescentes. Os diretores passavam o dia discutindo ferozmente. Enquanto isso, tudo era silêncio na fossa sul do mar Morto.

As posturas, como disse, não mudaram. Os diretores que o texano liderava defendiam que o “berço” não estava no fundo do lago. Os demais – que chamarei de “pombas”, para simplificar – se enroscaram no assunto do barro e na necessidade de organizar aquela expedição impossível ao fundo do mar de Sal. Estávamos em julho de 1973. As notícias sobre uma guerra iminente entre árabes e judeus corriam como rastilho de pólvora. Alguns na base davam por certo que as hostilidades começariam nos primeiros dias de outubro. Sabiam de fonte segura.

Compareci às reuniões, mas, sinceramente, não esclareci nada.

Foi uma semana indigerível.

Eu me senti fracassado e impotente.

Depois de tantos dias, Eliseu só podia estar morto.

Não fomos capazes de reagir. Ou melhor, nós mesmos nos enredamos.

Na sexta-feira, 20, chegaram os relatórios médicos procedentes do Hospital de Veteranos, em Tampa. Curtiss e eu nos reunimos em particular e o general, como já expliquei anteriormente, permitiu-me lê-los e tomar notas sobre os “tratamentos e recomendações”.

Curtiss não disfarçou sua admiração pela pessoa que isto escreve.

Segundo aqueles papéis, restavam-me oito ou nove anos de vida e, contudo, segundo o chefe do projeto, minha única preocupação era Eliseu.

Sim e não.

Ao longo daquela e de outras conversas, estive tentado a lhe mostrar a “pérola”. Eu a acariciava enquanto conversávamos, mas Curtiss não reparou nela.

E a intuição me obrigou a manter silêncio. Não era o momento. Ainda não.

Obedeci.

O Mestre falou muito sobre a intuição, “esse anjo que passa na ponta dos pés”.

Ele não estava equivocado.

Mas vou tentar respeitar a ordem dos acontecimentos.

Foi no final da conversa.

O general guardou os relatórios médicos e, olhando-me nos olhos, perguntou sobre o “berço”.

– O que você acha?

Eu disse a verdade; dessa vez, sim.

– Estou confuso.

O general, compreendendo, tentou ajudar:

– Admitamos... é só uma suposição... que a nave não esteja no fundo do mar Morto.

Onde poderia estar?

Olhei-o desconcertado.

Curtiss sabia mais do que aparentava.

– Não entendi – eu me defendi.

– Você sabe o que quero dizer.

Percebi a pressão e dei de ombros. Não queria mais complicações.

– Acha que ele voltou?

– Voltar? Para onde?

O general sorriu de má vontade. E acrescentou:

– Não se faça de desentendido. Você sabe muito bem que esses aí – imaginei que se referia aos “falcões” – estão maquinando o retorno.

Eu não sabia, e assim lhe mostrei.

A resposta de Curtiss me deixou atônito:

– Às vezes você parece de outro planeta. Não sabe que eles estão pressionando as altas esferas para enviar outra nave e descobrir o que aconteceu?

Fiquei de boca aberta.

E o general reafirmou:

– Às vezes você parece de outro mundo.

– Estão maquinando isso? Querem voltar ao tempo do Mestre e descobrir o que aconteceu com Eliseu?

O general negou com a cabeça e esclareceu:

– Não estão nem aí com Eliseu. Querem o “berço” e o que contém.

– E como você sabe disso?

– Sou general, mas não sou surdo. É o rumor que corre pela Fog e, suponho, pela base.

E perguntou, sorrindo:

– Você não frequenta o bar de Joco?

Assenti.

– É estranho que não tenha ouvido nada. Pergunte a ele.

– Está falando sério?

– Claro. O Cavalo de Troia não é uma brincadeira.

– Não entendo... Voltar para quê?

O general esboçou um sorriso protocolar e respondeu sem responder:

– Como disse, você não é deste mundo.

Pensei a grande velocidade.

Qual era o conteúdo do “berço” que tanto lhes interessava? As informações sobre Jesus de Nazaré? O cilindro de aço?

Intuí por que estavam maquinando o retorno ao tempo do Mestre: o cilindro de aço.

As informações sobre a vida, os pensamentos e a mensagem do Galileu não lhes interessavam; pelo menos não aos “falcões”. Foi uma dedução matemática. Ninguém, em quase três semanas, havia se interessado por nossa aventura na Palestina de Jesus. Ninguém perguntou pelo Filho do Homem. Era desconcertante.

Vi com clareza.

O objetivo era a nave. Para ser exato, o objetivo eram as amostras de sangue e de cabelo do Homem-Deus e de sua família.

Bastardos!

E me perguntei, com idêntica surpresa: se Curtiss era um dos instigadores dos diabólicos planos do Cavalo de Troia revelados por Eliseu antes de entrar em coma,¹¹ por que levantava essas questões? Era como se o referido “retorno” não fosse de seu agrado. Ou havia algo mais?

Eu não tardaria a descobrir.

E o general voltou ao assunto do “hipotético retorno”, mas com outras palavras:

– Acha que Eliseu poderia ter ativado a inversão de massa dos *swivels* e retornado ao “agora” de Jesus Cristo?

– Jesus de Nazaré – corriji.

– Certo... O que acha?

– Está se referindo a modificar os eixos do tempo antes da chegada do “berço” ao fundo do lago?

– Exato.

– Se Eliseu não pulou, se permaneceu na nave, evidentemente poderia tê-lo feito, mas não vejo por quê.

Curtiss esboçou um sorriso enigmático e se deu por satisfeito com a resposta.

– Era o que eu queria saber... por enquanto.

E mudou de assunto, interessando-se por minha saúde.

– Estou bem – repliquei sem muita convicção –, dentro do possível.

Fim da conversa.

Aquele sábado, 21 de julho, foi relativamente sereno.

Não aconteceu nada... fora de minha mente.

Fiquei passeando e bebendo leite no bar de Joco.

As últimas questões apontadas pelo chefe do Cavalo de Troia ocuparam a maior parte de meus pensamentos. “Eliseu teria retornado à época de Jesus de Nazaré? E por que para esse ‘agora’? Também poderia ter ido a outro momento histórico. Talvez para o futuro?”

Que bobagens cheguei a pensar! Eu estava me deixando contaminar pelos “falcões”. Tinha que manter a mente fria e distante. Esse é o segredo do sucesso.

Alguma coisa dentro de mim (agora sei que foi a “centelha”) me corrigiu: “O sucesso consiste em despertar, e nisso a mente não intervém”.

Mas eu continuei pensando.

Eliseu estava morto.

Naquela manhã me isolei em um pequeno parque que sobrevivia próximo ao pavilhão dos oficiais, a 600 metros a oeste da estrada que ia para a cidade de Lancaster. Era um bosque modesto, com um nome sonoro: Onizuka.

Ali me sentei e busquei respostas.

Conversei comigo mesmo e às vezes com uma família de cactáceas, que se dedicava todo santo dia à busca de água. Eles não sabiam que eram cactos.

Havia uns cilíndricos, lanudos, trepadores para lugar nenhum, em forma de círio e de penca; outros que chamavam de “cholla”, chaparraís anões, zimbros meio religiosos, e o *Pileocereus*, sempre de barba por fazer. E no meio dos verdes e dos espinhos, o rei de Mojave: um cacto de cinco metros de altura de tronco fibroso e centenário. Era um milagre que pudesse se manter em pé. As flores se abriam na primavera e imploravam água aos céus. Por isso, ao vê-los, os mórmons os batizaram de “árvore de Josué”. Eram notoriamente pobres. Não tinham nem anéis concêntricos. Assim disfarçavam a idade.

Como disse, mantive mais de uma conversa com o tal Josué, mais conhecido nos dicionários como *Yucca brevifolia*.

Eu perguntava e o velho replicava, a sua maneira.

– Por que Eliseu iria voltar para junto do Mestre?

A árvore de Josué me olhava, semicerrava os olhos cor de mostarda, e digo eu o que ela pensava:

– Outro piloto louco.

Mas me dava trela. Não tinha outra coisa para fazer, salvo o negócio da água. E murmurava:

– Enfim, diga.

– Estava pensando nas razões pelas quais meu colega, Eliseu, poderia ter voltado para junto de Jesus de Nazaré.

– Pois bem, e quais são?

– Ocorrem-me várias. Primeira: por gratidão. O Filho do Homem o curou.

– Não conheço essa história.

– É lógico – repliquei –, ainda não tem editora.

– E como o curou?

– Foi em um pôr do sol, mas isso não importa. Talvez tenha desejado voltar para lhe agradecer.

– Isso se sustenta a duras penas, como eu.

Josué sabia mais do que aparentava; exatamente igual a Curtiss. E arrematou:

– Eliseu é um “escuro” e vai morrer como um “escuro”.

– Segunda razão: poderia ter voltado por Rute.

– Quem é?

– Minha amada.

– Não entendi.

– Talvez quisesse tornar a vê-la e viver com ela até o fim de seus dias.

Josué perguntou com estranheza:

– Você não disse que é sua amada? O que Eliseu faz atrás de Rute?

– Ele disse que estava apaixonado por ela, mas não acredito.

– Você voltaria por essa razão... Você está apaixonado.

– Ocorre-me mais uma coisa: Eliseu pode ter voltado para recuperar o cilindro de aço.

Ele, com certeza, leu os diários. Ele sabe que foi roubado na aldeia de Beit Ids.

O pobre Josué se perdeu.

– Que cilindro? Que diários? Que aldeia?

– Não importa – respondi. – A questão é que essa sim é uma excelente razão para “saltar” no tempo e voltar.

Josué recomendou que eu descansasse. Pensar tão rápido não podia ser saudável. Ele havia durado cem anos porque pensava só o necessário.

Segui o conselho e adormeci.

Tive sonhos inquietantes. Um deles se mostraria profético, mas eu, nesse momento, não podia saber.

Foi isto que sonhei:

Eu estava deitado, dormindo, no citado bosque.

Os cactos continuavam ali, empenhados em negociar água.

Contemplei meu corpo do alto. Era velho e comprido.

De repente, de dentro de minha cabeça, do Palácio de Cinábrio, surgiu um cacto comprido, verde, com dois galhos como se fossem braços. Elevou-se a nove pés.

No alto tinha uma cabeça humana. Fez que eu recordasse Judas, o traidor.

Tinha olhos vermelhos, acesos.

A seguir, vi florescer um segundo cacto. Nasceu do coração. Ergueu-se a três pés e nove polegadas (exatamente). Era cilíndrico e com uma cabeça de mulher na ponta. Era muito linda. Era Rute!

E então, dos testículos daquele Jasão que dormia no bosque brotou um terceiro cacto. Era um círio, também com uma cabeça humana no alto. Reconheci igualmente o personagem: era Tarpelay, o guia negro que me acompanhara em muitas aventuras pelo Jordão! Usava um turbante amarelo. O cacto atingia três pés e 36 polegadas, também exatamente.

Não tive tempo de me espantar.

Um quarto cacto, lanudo, violeta, amanheceu em meu ventre e cresceu e cresceu até os três pés e 20 polegadas. Na ponta superior descobri a cabeça de outro querido e saudoso amigo: Yu, o chinês.

Os olhos dos quatro personagens se moviam inquietos. Procuravam alguma coisa.

No horizonte habitava um sol laranja. Achei que estava se escondendo, mas não. O sol estava imóvel. Todo o Mojave estava tingido de ouro.

E ali, na distância, identifiquei a silhueta de Eliseu.

Corria para o sol.

De vez em quando parava, voltava-se para o adormecido Jasão e gritava: “Aceite! Aceite!”.

Depois, acordei.

Josué continuava com seus pensamentos verticais, interrogando Deus sobre sua insuportável imobilidade.

Tudo respirava calma.

Sim, eu havia tido um pesadelo.

Mas que estranho... O sonho me fez recordar – não sei por que – uma passagem do profeta Isaías (capítulo 11) que fala de um broto do tronco de Jessé¹² e de como brotará um rebento de suas raízes.

Não lhe dei maior importância.

Eu estava acabrunhado diante da suposta possibilidade de Eliseu ter ativado os *swivels* e voltado ao ano 28 de nossa era. Essa era a causa, provavelmente, do pesadelo. Pobre tolo...

E esqueci outra recomendação do Homem-Deus: “Busca sempre a pérola dos sonhos”.

Na tarde desse sábado fui, pontualmente, ao bar de Joco.

Os rumores na base não corriam: voavam.

Alguns daqueles boatos tinham que ter nascido na sala das “tempestades”, necessariamente. Não havia outra explicação. Afinavam muito bem a pontaria.

Lembro os seguintes:

“O ‘berço’ não estava no mar Morto; Eliseu me jogou nas águas e, a seguir, voltou para o tempo de Jesus; A missão não havia terminado; Os de cima estavam soltando faíscas; O projeto era o deboche do Pentágono; Nixon e o doutor Kissinger estavam espumando de raiva; Uma segunda nave estava pronta no Mojave para ‘saltar’ de novo no tempo, capturar o traidor e voltar com o ‘berço’ e seu secretíssimo conteúdo.”

Não podia acreditar no que ouvia.

Joco, impassível, dava de ombros e servia mais leite.

Ele só contava o que lhe contavam.

E, a despeito de minha mente – fria e distante –, alguns rumores mexeram com quem isto escreve.

Uma segunda nave?

Eu precisava esclarecer o assunto. Perguntaria diretamente ao general.

Curioso. Meu grande objetivo – escrever e dar meu testemunho sobre o vivido junto ao Galileu – ficava cada dia mais distante.

¹ Embora a relação de símbolos seja interminável, eis algumas das equivalências do “9” segundo o mundo da iniciação: representa o final de um ciclo e de um trabalho ou carreira (é o fechamento do anel da vida). Hesíodo se refere a ele em *Teogonia* como o tempo necessário para chegar da vida à glória: nove dias e nove noites. Para a maçonaria, o “9” é o número do eterno e da “germinação para baixo”. Allendy vai além e se aproxima da natureza do Filho do Homem, afirmando que o “9” representa a perda da personalidade em benefício do amor total. Para a velha e sábia Pérsia, o “9” era o supernúmero: o final sem fim. Algo similar ao *hak* dos sufis: aquele que atinge o “9” ao longo de sua vida está mais perto da verdade. Era Parmênides quem dizia que o “9” concerne às coisas absolutas. Para o citado René Allendy, o “9” simboliza a análise total. É o “muito”, que volta ao “um”. É a redenção e a solidariedade cósmica. O “9” é a “montanha do sol”, segundo os egípcios. Tudo desce e sobe pelo “9”. Na Índia, a mais antiga seita filosófica – a Vaisheshika – sintetiza a vida em nove estágios. “Ai daquele que vir surgir diante de si, repetidas vezes, o ‘9’! A morte o espreita.” Para os astecas, era a conexão com os mundos infernais. Para os maias, o contrário. E assim, como disse, até o infinito. (N. do M.)

² Ampla informação sobre o “9” e seu vínculo com as datas relacionadas com Jesus de Nazaré em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

³ As “tssc” consistiam em credenciais – nível azul-4 – que permitiam acesso a segredos que afetam a defesa nacional dos Estados Unidos da América. Não posso dar mais informações a respeito. (N. do M.)

⁴ Os satélites de apoio ao Grande Pássaro foram os Landsat. Havia sido dotados de cartógrafos temáticos e escâneres multiespectrais. O primeiro dispositivo podia obter imagens com uma resolução de um metro (em sete faixas: três no espectro visível, uma no infravermelho térmico, outra no próximo e duas no infravermelho médio). Com relação aos escâneres, estavam capacitados para medir a radiação refletida pela superfície terrestre em quatro faixas. Um dispositivo adicional e secreto emitia micro-ondas e registrava os ecos. No caso de naufrágios, os restos apareciam como imagens brilhantes. O fundo do lago era uma superfície escura. Foi utilizada uma combinação de polarização e comprimento de onda para conseguir imagens coloridas, ressaltando o leito do mar Morto. As vistas estereoscópicas permitiram medições de todos os naufrágios suspeitos. O texano e os diretores que defendiam essa hipótese tinham razão: nem rastro do “berço”. (N. do M.)

⁵ Um radiômetro é um dispositivo que mede a radiação eletromagnética de acordo com diferentes comprimentos de onda. Alguns percebem a referida energia eletromagnética graças a sensores ópticos e a técnicas eletrônicas. Os utilizados no rastreamento do “berço” mediram o fundo do mar Morto em comprimentos de onda compreendidos entre 0,4 e 14 micrometros. Mas os radiômetros multiespectrais não foram definitivos. Alguns dos diretores tinham razão. Tanto os de varredura quanto os de empuxo ofereceram imagens pouco convincentes. (N. do M.)

⁶ Os radares embarcados nos satélites artificiais emitiam pulsos eletromagnéticos (em frequência de micro-ondas) que desciam sobre o ponto escolhido, rebotando para as antenas. A informação, então, era processada e transmitida. Neste caso, a frequência do pulso oscilava entre 2 e 18 gigahertz. As resoluções eram melhoradas com a ajuda da compreensão do pulso. Os radares de penetração profunda podiam “ver” o subsolo até dez metros abaixo da superfície. Ao atravessar as várias camadas de areia, argila, rochas etc., os impulsos eletromagnéticos iam “desenhando” o que cruzava seu caminho. Os computadores faziam o resto. Até dez metros, como disse, o perfil da nave era inexistente. (N. do M.)

⁷ Tratava-se de 12 baterias, ou acumuladores elétricos, que armazenavam energia graças aos polímeros de íon de lítio (uma tecnologia pesquisada anos atrás pelos militares, e por mim mesmo, e que seria de grande utilidade nos satélites de comunicações). Dispunham de quatro células (14,8 volts, com uma voltagem nominal de 3,7 volts. Baseavam-se nas baterias de íons de lítio, mas atingiam maior densidade de energia e uma taxa de descarga muito superior. Eram de tamanho mínimo (30 centímetros de comprimento), com um peso não superior a 500 gramas. Uma carcaça as tornava herméticas e garantia a flutuabilidade. A autodescarga não ultrapassava o 1% anual. A utilidade era múltipla: como geradores de energia de tipo secundário e também como lanternas. Para funcionar, tinham que ser abastecidas previamente no que chamávamos de “processo de carga”. O “Papai Noel” cuidava disso, com a ajuda da bateria atômica. (N. do M.)

⁸ Ampla informação sobre a exploração na cripta funerária em *Cavalo de Troia 3 – Saidan* (N. de J. J. Benítez)

⁹ O processo de coleta de dados por parte dos satélites é realizado mediante os chamados sensores ópticos eletrônicos. As ondas são transformadas em sinais digitais, e estes em imagens. No caso do Big Bird, trabalhava-se com faixas espectrais, resoluções radiométricas e espaciais. Os algoritmos matemáticos faziam o resto. Os “TIMS” (escâneres multiespectrais em IV) mediam as radiações infravermelhas com uma margem de erro de 0,1 °C. (N. do M.)

¹⁰ As presentes medidas de segurança aérea e marítima não foram declaradas à opinião pública. Continuam sendo material confidencial, propriedade dos militares norte-americanos. (N. de J. J. Benítez.)

¹¹ Ampla informação sobre a confissão de Eliseu em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

¹² Jessé foi um personagem bíblico. Era neto de Boaz e de Rute. Segundo o Antigo Testamento, teve oito filhos. Um deles foi Davi, que chegaria a rei. Na Idade Média, os artistas representaram a genealogia de Jesus de Nazaré servindo-se do que chamaram de árvore de Jessé. Jessé aparece dormindo no chão e dele brota um tronco. Nos galhos foram pintados os supostos ancestrais do Mestre. O quadro de Stumme é famoso: *A árvore de Jessé*, assim como os evangeliários alemães e tchecos dos séculos XI e XII, que representam essa árvore. (N. do M.)

Alguém bateu na porta de meu quarto.

Eram 4 horas da madrugada do domingo, 22 de julho (1973).

Dois policiais militares me cumprimentaram na penumbra e aconselharam que me vestisse. Tinham ordens de me escoltar até a Fog.

Não fiz perguntas.

Provavelmente não sabiam.

Na sala das “tempestades” a equipe diretora, completa, aguardava.

Sentei-me perto da cabeceira e contemplei o pessoal.

Estavam todos com uma cara péssima. Havia sido arrancados da cama, como eu.

Alguma coisa grave estava acontecendo.

Nós nos interrogamos mutuamente, mas ninguém soube explicar.

Às cinco Curtiss apareceu.

Fiquei impressionado.

Estava perfeitamente barbeado, com o uniforme impecável. Seus olhos brilhavam.

Na mão esquerda segurava um daqueles inquietantes envelopes cor de laranja. Na direita, evidentemente, o inseparável charuto, ainda virgem.

Que notícias traria?

Tinham que ser importantes, a julgar pela hora, por seu aspecto e pelo brilho em seu olhar.

O silêncio chegou atrás do general e se sentou na sala.

Nixon continuava altaneiro, querendo mostrar que sabia, mas não era verdade.

Curtiss abriu o envelope, extraiu o conteúdo e foi caminhando ao redor da mesa de vidro, depositando várias fotografias em frente a cada diretor.

Eu fui o último a receber as imagens.

O general me olhou de soslaio. Seu olhar estava se apagando.

Que diabos estava acontecendo?

E percebi uma súbita palidez no rosto do militar.

Deduzi que as notícias não eram boas.

Tratava-se de fotografias do Big Bird e dos Landsats, satélites artificiais que vigiavam o mar Morto.

De início, não identifiquei nada de anormal.

A lâmpada gaga avisou com suas piscadas, mas não percebi.

As imagens tinham data do dia anterior, sábado, às 17 horas.

Todos nos olhamos, intrigados.

Nenhum dos diretores sabia o que tinha que olhar.

Eram fotos em preto e branco e coloridas com diversas manchas e perfis.

Curtiss esperou uma resposta, mas ninguém abriu a boca.

Ninguém sabia.

Foi o general quem indicou um ponto nas proximidades da costa oriental, perto da foz do

Mujib.

E continuou em silêncio, atento às reações da equipe.

Todos nos concentramos naquela mancha.

Era um perfil...

Então, senti um calafrio.

“Não é possível!”

Examinei-a de novo. Não estava enganado.

Levantei o rosto e interroguei o general com o olhar.

Ele assentiu levemente com a cabeça.

Meu Deus!

E Curtiss falou. Seu tom era de alguém cansado:

– Tudo parece indicar que sim.

O texano explodiu:

– Indicar o quê? Do que você está falando? Não estamos vendo nada nestas malditas fotos!

O general pediu café e calma.

O dos óculos de aro de tartaruga saiu da sala e Curtiss se sentou na cabeceira, passando a mão pela mesa de vidro. Mas ela, distraída, não deu atenção ao gesto.

Curtiss acendeu seu charuto, cerimonioso como sempre, deixando escapar nuvens de uma fumaça branca e aromática que acabou cortejando as lâmpadas estupefatas.

O texano insistiu:

– O que deveríamos ver?

O general interrompeu abruptamente:

– Por ora, limite-se a esperar. Faltam seu colega... e o café.

Os diretores baixaram a cabeça e se esforçaram para identificar o perfil.

Não era fácil.

Finalmente chegou o café e, com ele, a notícia e o desconcerto.

– O Big Bird e os outros – anunciou Curtiss – transmitiram ontem.

Isso já sabíamos.

– Encontra-se a 60 metros de profundidade.

Ninguém respirou.

Deus do céu! Como era possível?

– Os radiômetros – prosseguiu o general com segurança – verificaram repetidamente. Não há possibilidade de erro.

E continuou, diante do tenso olhar dos diretores:

– Distância da margem oriental do lago: 140 metros.

O texano e os demais estavam quase explodindo.

Curtiss não levou isso em conta.

– Trata-se, como sabem, de um penhasco com agulhas, antes da fossa sul.

O charuto começou a fazer das suas e Curtiss interrompeu a explicação. Acendeu-o de novo e o saboreou com prazer.

A seguir, contemplou seus homens e prosseguiu com satisfação:

– Nós o encontramos.

Olhei as fotografias e neguei com a cabeça.

Não era verdade.

Não tive tempo de replicar. Slimy se antecipou:

– Do que está falando? Não estamos entendendo. Está se referindo ao “berço”?

Curtiss sorriu malicioso e replicou:

– Sim e não.

A equipe se remexeu, nervosa.

Eu tornei a negar com a cabeça, mas ninguém prestou atenção.

Nixon sorria o tempo todo feito um idiota.

E o general, compreendendo que já havia triturado os “falcões” o suficiente, declarou:

– É o *landing*. Foi encontrado.

Os diretores procuraram o perfil novamente e fizeram uns segundos de silêncio.

Estavam perplexos.

Era, de fato, o *landing pad*, a plataforma de aterrissagem do “berço”, integrada por uma armação metálica, retangular, à qual ficavam aparafusados os quatro pontos de apoio, extensíveis, de 13 pés cada um (4,33 metros) e 3 mil libras (1,5 tonelada). As imagens, uma vez amplificadas, ofereceram detalhes específicos e inquestionáveis. Ali se viam as antenas de aterrissagem dos radares, as sondas de percepção em cada pé e parte da escadinha, presa ao “cinturão” retangular.

– Lamento, senhores – sentenciou o general –, a nave está no fundo.

Eu não acreditava no que via. Era o trem de pouso do “berço”, mas sem a nave. Como era possível? Eu conhecia o sistema de expulsão do *landing*. A nave podia ser liberada do trem manualmente ou de forma automática. O “Papai Noel” cuidava dessa última opção.

Mas alguma coisa não estava certa.

E eu ia levantar a questão quando alguém chamou nossa atenção para um assunto no qual eu não havia reparado: onde estava o foco emissor de calor?

Examinamos as fotografias uma por uma.

Negativo.

A mancha laranja não aparecia em lugar nenhum.

Curtiss, tão perplexo como os demais, pegou o telefone e deu uma ordem.

Precisava de fotografias dos dias anteriores.

Eu continuei absorto no *landing*.

Medi e tornei a medir.

Havia um erro ali.

Em poucos minutos, um dos assistentes de Curtiss apareceu na sala das “tempestades” e entregou ao general outro maço de fotografias.

Nixon parecia rir de tudo.

Eram imagens dos satélites, registradas entre 16 e 21 de julho. Nas tomadas captadas às 15 horas do referido 21 de julho, sábado, o foco de calor aparecia com nitidez. E o mesmo acontecia nas fotos anteriores. A partir das 17 horas desse sábado, 21, a mancha laranja desapareceu.

Isso significava que o cacho de acumuladores estava desligado. As baterias, no fim, mantiveram-se ativas durante 23 dias. Inexplicável.

Mas o interessante assunto dos acumuladores foi esquecido momentaneamente.

Slimy se concentrou no *landing* e se antecipou a minhas intenções. Falou em nome dos

“falcões”.

– Alguma coisa não cheira bem – afirmou. – Se o “berço” afundou a meio quilômetro a oeste do Mujib – e apontou para mim com indiferença –, por que o trem de pouso apareceu a 140 metros da costa?

O que Slimy dizia era coerente. Era o que eu pretendia expor.

Fui eu quem deu a primeira notícia sobre o lugar onde afundara o “berço”. De fato, a 500 metros, mais ou menos, da costa jordaniana, em frente ao *wadi* do Mujib. Os satélites, posteriormente, como se poderá recordar, detectaram o foco emissor de calor bem na fossa sul do mar Morto, no lugar indicado por quem isto escreve.

– O que está insinuando? – perguntou Curtiss inquieto.

– Exatamente o que vocês ouviram. Alguma coisa não cheira bem nisso tudo.

A pedido do general, a equipe analisou todas as fotografias captadas pelos satélites, da primeira à última. Ali estava o *landing*, fotografado desde o dia 6 de julho. Não soubemos vê-lo. Passou despercebido, como mais uma mancha. Foi erro nosso. Pensamos que podia se tratar de mais um naufrágio.¹

Alguém, ingenuamente, quis justificar a presença do trem de pouso no citado penhasco submarino argumentando que a nave, ao se chocar com a água, poderia ter sofrido o desprendimento do referido trem. Depois, as correntes o arrastaram para a costa e ali afundou.

A explicação do diretor – pertencente ao grupo das “pombas” – não convenceu ninguém. Uma tonelada e meia de metal teria ido para o fundo, exatamente como o resto da nave. Eu, além de tudo, ao vê-la afundar a percebi completa, com os pontos de apoio, e sem a escadinha.

Alguma coisa, de fato, não se encaixava.

O texano interveio e me perguntou diretamente:

– Os pilotos poderiam liberar o *landing* manualmente?

Ele sabia, mas respondi à pergunta:

– Claro. E também o computador central.

– É evidente – resumiu o representante dos “falcões”. – Alguém está debochando de nós.

– O que quer dizer? – interveio Curtiss.

– É muito simples: esse trem de pouso pertence ao “berço”, sem dúvida, mas não deveria estar aí.

E o grupo se enroscou em outra ácida polêmica.

Ácida?

Fazia tempo que eu não participava de uma discussão tão corrosiva.

Uns e outros se atacaram sem medida e sem pudor. Insultaram-se.

Os “falcões” destruíram as “pombas”, mas elas não ficaram para trás.

Eliseu foi acusado de traição.

Troquei um olhar com Slimy.

Agora eu entendia.

Quis defender o engenheiro; ele não estava ali para dar a cara a tapa.

Não tive oportunidade. Não me permitiram falar. “Falcões” e “pombas” pisavam uns nos outros aos gritos.

A cena foi lamentável.

Fiquei em silêncio, desanimado.

O texano deu a entender que a presença do trem de pouso naquele penhasco submarino, pertinho da margem, era outra argúcia do “traidor”, exatamente como o foco emissor de calor flutuando a cinco metros sobre o lodo durante 23 dias.

– Alguma coisa não cheira bem! – gritaram os “falcões” em coro. – Puro teatro!

Nisso lhes dei razão. Eliseu era um excelente ator.

Curtiss tentou impor ordem em duas ocasiões, mas não conseguiu.

Os “falcões”, como disse, estavam fora de si. E exigiram do general que acabasse com aquela situação. Era preciso enviar uma segunda nave e esclarecer o mistério.

Slimy foi mais explícito:

– Temos que capturar o traidor e devolvê-lo acorrentado pelo nariz.

– Pelo nariz não – interveio o texano –, melhor pelo saco.

O rumor era verdadeiro: havia uma segunda nave.

E a atmosfera continuou fervendo.

As “pombas” exigiam mais informações, mas não se negavam a enviar a “Raio negro”.

Fiquei perplexo.

“Raio negro”? O que era isso? Estavam se referindo a essa segunda nave?

O general acabou dando um soco na mesa de vidro, que, sobressaltada, ficou fria de susto.

A fumaça, covarde, fugiu para o alto.

Não tenho certeza, mas acho que na fotografia de Nixon seu sorriso caiu no chão.

Curtiss, pálido, esperou.

O silêncio voltou, sentou-se ao lado dos estupefatos diretores e todos tememos o pior.

O pior? O que era pior nesse momento?

O general foi claro e conciso: não enviaria uma segunda nave a lugar nenhum.

Eu esperava alguma alusão à “Raio negro”, mas não houve.

E sentenciou:

– A segurança da tripulação em primeiro lugar.

Apontou para mim com o dedo indicador esquerdo e declarou:

– Fui claro? O resultado da primeira expedição está à vista.

Curtiss estava mentindo de novo. Não era a tripulação dessa suposta segunda nave que o preocupava. Mas isso eu perceberia pouco depois, enquanto conversava com o cacto Josué.

Ninguém deu um pio. O general, aparentemente, falava com razão.

E Curtiss insistiu no que já havia sido analisado pela equipe de diretores:

– Não é hora de pensar nisso. A guerra entre Israel e os árabes é iminente. Lançar uma segunda nave, como sabem, exige um planejamento minucioso e exaustivo.

Fez uma pausa.

Os diretores foram assentindo com a cabeça.

– É preciso selecionar um local de lançamento – prosseguiu o general –, levar os equipamentos e o material, enfim, nem vou contar o que isso implica.

– A “Raio negro” – intercedeu o texano – dispõe de um combustível muito superior ao do “berço”. Poderíamos situar o local de lançamento fora de Israel. Isso facilitaria a operação.

Eu estava desconcertado. Não sabia nada sobre essa nave. A que tipo de combustível se referia o “falcão”?

Curtiss não cedeu.

Negou com a cabeça e sentenciou:

– Está decidido. A “Raio negro” não sai do lugar.

Em algo o chefe do encerrado projeto Cavalo de Troia tinha razão. A quarta guerra árabe-israelense era iminente. A tensão na área era crítica. As últimas notícias sobre o frustrado atentado contra o presidente sírio Assad haviam retesado a frágil corda da paz no Oriente Médio.² Todos sabíamos do diabólico plano denominado Rapto de Europa, orquestrado pela União Soviética e por meu país para colapsar as economias do Japão e da Europa. Era o único meio – diziam – para salvar os programas expansionistas de soviéticos e norte-americanos. O Rapto de Europa pretendia provocar essa quarta guerra.³ O conflito estrangularia o fluxo de petróleo aos verdadeiros inimigos (econômicos) de Moscou e de Washington.

O próprio Curtiss nos falou disso em fevereiro desse ano (1973), quando preparávamos o segundo “salto” do “berço” no alto da meseta de Massada, em Israel.

Sabíamos, inclusive, a data em que estouraria o conflito: início de outubro.

Faltavam dois meses.

Fim da tormentosa reunião.

Curtiss guardou as imagens dos satélites e ordenou a dois diretores (ambos do grupo das “pombas”) que preparassem tudo para uma viagem a Washington D. C. Os três pegariam o avião naquela mesma tarde.

Imaginei que o general queria informar os chefões do Pentágono, incluindo o dr. Kissinger, assessor de Nixon em assuntos de segurança nacional e muito a par do projeto Cavalo de Troia.

Às 8 horas daquela manhã nos despedíamos.

Foi a última vez que vi o dos óculos de aro de tartaruga e o outro diretor.

O Destino, implacável, tinha tudo calculado.

Eu me retirei para o bosque dos cactos.

A partir de agora, vou chamá-lo de bosque de Josué.

Eu estava confuso.

“Trem de pouso... ‘Raio negro’... Eliseu traidor... A negativa de Curtiss de enviar a segunda nave... O desaparecimento dos acumuladores... Rapto de Europa... A guerra...”

Os pensamentos surgiam brigados uns com outros.

O que fazer? O que decidir? Qual era meu papel em tudo aquilo?

Eu só queria me afastar para bem longe e escrever.

Jesus de Nazaré!

A aventura continuava se desvanecendo como se fosse um sonho.

Peguei um cantil e fui dar água a Josué.

O cacto dos olhos cor de mostarda me observava do alto de seus cinco metros e suspirava, agradecido. Pelo visto, eu era o primeiro piloto que fazia algo assim. Foi o que eu entendi.

Depois, sentei-me ao pé do velho e contemplei sua sombra recém-nascida.

– Que bela manhã! – pensei em voz alta.

Como mencionei, Curtiss estava mentindo. Foi pura dedução. Não era a segurança da tripulação que o preocupava. Não foi isso que o levou a imobilizar a segunda nave.

E deixei a intuição falar.

Se a “Raio negro” fosse enviada ao tempo de Jesus – talvez ao ano 28 de nossa era – e Eliseu fosse capturado, ou se entregasse, os planos secretos dos militares poderiam ser descobertos. Curtiss não tinha interesse nisso. Se o engenheiro falasse sobre a clonagem do Mestre e de sua família, Curtiss seria afastado do projeto, ou coisa pior.

Era melhor se proteger atrás do pretexto da segurança da tripulação e invocar a guerra iminente.

Josué, que escutava atentamente esses pensamentos, não se conteve:

– De que guerra está falando?

– Não vai afetá-lo. Vai estourar longe, como todas as que meu país planeja.

– Que sacana, esse Curtiss!

– Você nem imagina.

– Eu imagino. Conheço muitos generais. São duplamente mentirosos.

E o cacto perguntou:

– Sabe o que um homem necessita para chegar a general?

– Sou major – repliquei. – Não aspiro a mais nada.

– Vou dizer da mesma maneira. Para ser general você tem que ser esperto e ter uma escada.

– Quanto à inteligência, eu entendo. Mas sobre a escada, sinceramente não.

– Eu disse esperto, não inteligente.

– E a escada?

– Simples: com ela você pode subir mais alto que o resto. Ser general não é nada além disso. Todos têm do que se envergonhar.

Nesse dia percebi algo terrível. Eu falava com os cactos e com as coisas porque não podia falar com ninguém. A natureza de meu segredo era tal que acabou me engolindo. Meu Deus, que solidão!

A quem me dirigiria? O que contaria? Explicaria que havia conhecido o Filho do Homem e que era depositário de sua verdade? Ninguém acreditaria.

Era melhor assim.

Continuaria falando com os cactos.

Não é real que a verdade nos liberta. Aceitando que ela exista – e eu a conheci –, a verdade afasta.

Naquela tarde busquei refúgio no bar de Joco, como quase sempre.

E perguntei pela “Raio negro”.

O japonês não sabia muita coisa. Eram só boatos.

Estava na Fog, naturalmente. Era uma nave enorme, com uma tecnologia “não humana”.

– O que quer dizer?

Joco deu de ombros. Repetia o que ouvira naquele mesmo bar, revelado por alguém que tinha acesso à “cidade subterrânea”. Ali a nave “flutuava”, pronta para ser utilizada. Era a joia do programa Swivel.⁴ Tripulação: entre quatro ou cinco pilotos. Talvez mais.

Eu não tinha credenciais que me permitissem o acesso à “cidade subterrânea”, na área restrita da base.

Teria que me resignar. Ou não? A curiosidade começou a me roer.

“Raio negro”. Por que ninguém me falou dessa máquina? Ou não era uma máquina?

Joco também não soube esclarecer o porquê do nome.

E a conversa acabou desviando para outro assunto quente no momento: Nixon e o “Watergate”, um poço negro que estava engolindo o presidente dos Estados Unidos, tal como vaticinara o general Curtiss.

Na semana seguinte – especificamente na quinta-feira, 26 de julho –, Nixon receberia três mandados judiciais que o obrigariam a entregar as fitas que o vinculavam diretamente ao referido escândalo das escutas no hotel “Watergate”.

Os rumores na base diziam que Nixon desprezaria os mandados.⁵ E corriam as apostas. Em último caso, se o presidente se negasse a entregar as provas, o assunto acabaria no Supremo Tribunal. Seja como for, Nixon estava nas últimas.

Mas o mais grave é que uma cópia dessas fitas gravadas estava em poder de Curtiss. Os ratos do DRS (Serviço de Investigação da Defesa) na Casa Branca se apressaram a entregar cópias das mencionadas fitas para diversos estamentos militares. Curtiss foi um dos beneficiados (Eliseu, como pode recordar, era agente do DRS).

Joco resumiu a situação:

– Se Curtiss ou o Pentágono entregarem essas fitas à imprensa, adeus Nixon.

E acrescentei:

– E adeus Kissinger.

Era isso. A carreira política de ambos estaria gravemente comprometida.

O perigoso para Curtiss era que os dois eram venenosos. Kissinger mais que Nixon.

O general tinha que andar pisando em ovos... e com a bendita escada mais perto que nunca.

O que não calculei naquele momento é que tanto Nixon quanto Kissinger já haviam começado a mover seus tentáculos.

¹ Além de outros naufrágios de barcos de madeira, os satélites captaram perfis de embarcações de ferro que poderiam fazer parte da navegação comercial no mar Morto, assim como das expedições científicas de que temos notícia: 1778 (Gay Lussac realizou as primeiras análises quantitativas da água do mar de Sal); 1806 (Satzan, o primeiro que chegou ao sul do lago e descreveu sua toponímia); 1818 (Irvi e Mangels, da armada britânica, fizeram o primeiro mapa detalhado do sul do mar Morto); 1837 (os pesquisadores Moore e Bach observaram que a temperatura para fazer ferver a água do mar Morto é superior ao estabelecido pela ciência); 1847 (Molineux viajou pelo Jordão até o sul do mar de Sal); 1864 (expedição do duque de Lyns: fixou a densidade da água em diferentes profundidades); 1900 (expedição de McLister, do departamento britânico para a Pesquisa de Israel); 1908 (Aharoni e o botânico Aharanson se unem à expedição de Blankenhorn); 1929 (Ashbal, estudioso da climatologia israelense); 1936 (Elazari-Volcani demonstra que existe vida no mar Morto); 1948 (uma expedição da Marinha norte-americana estabelece o nível exato do lago: 394 metros) e 1967 (Neev e Emery registram a constituição estratigráfica do mar de Sal). Os satélites descobriram também uma série de tesouros, sobre os quais não estou autorizado a escrever. (N. do M.)

² Dias antes, o presidente sírio Hafez Assad havia conseguido escapar de uma tentativa de assassinato. O atentado ocorreu em 10 de julho, quando unidades “rebeldes” do Exército sírio abriram fogo contra o cortejo de Assad no momento em que este se dirigia ao norte da Síria, procedente de Damasco. Assad foi ferido na perna esquerda. Cerca de 300 oficiais, incluindo o general Abdel Moneim Ibrahim, foram presos. Como é fácil supor, a CIA e os serviços de inteligência militar norte-americanos estavam por trás de tudo. (N. do M.)

³ Apesar de esse plano aparecer detalhado em *Cavalo de Troia 2 – Massada*, entendo que, aqui e agora, é oportuno fazer uma síntese dele. Isto é o que afirma o Major: “Washington e Moscou, no mais estrito sigilo, haviam chegado a um acordo e traçaram um plano cujo codinome era Rapto de Europa. Tanto o corrupto Nixon quanto o frio e impiedoso Brejnev sabiam que a fórmula mais eficaz para afundar moral e economicamente o Japão e a Europa era a utilização do petróleo. Se a Europa e o império nipônico tivessem seus respectivos fornecimentos de petróleo cortados, as economias de ambos seriam freadas. Como conseguir isso? Como fazer que os poços petrolíferos do Oriente Médio – principais ‘torneiras’ de alimentação da pujança da Europa e do Japão – fossem fechados, total ou parcialmente? O Rapto de Europa era a solução. Uma nova guerra entre Israel e os árabes conduziria, inexoravelmente, ao fechamento dos poços dos países árabes, ancestrais inimigos dos judeus. E a quarta guerra foi planejada minuciosamente no Kremlin e no Pentágono. Sabiam-se, inclusive, as possíveis datas de início dela. As mais propícias para o ataque a Israel foram determinadas, inicialmente, em três momentos de 1973, na segunda quinzena de maio, em setembro e no mês de outubro. De fato, em janeiro de 1973 o presidente egípcio Sadat ordenaria ao chefe do Estado-Maior, general Shazli, a ‘preparação’ da travessia do canal de Suez. Com o passar do tempo, os russos se inclinariam a favor da terceira data. Determinaram a duração máxima do conflito, os países que deveriam lutar contra os judeus, as táticas a seguir, o material bélico a utilizar por uns e por outros, os limites nos apoios logísticos por parte da URSS e dos EUA, as ‘pontes’ aéreas e marítimas a utilizar por ambas as partes, o número de baixas...

“Entre os métodos a seguir para ‘elevar a temperatura do pré-guerra’ na área, o Rapto de Europa estabelecia uma série de mobilizações escalonadas dos exércitos árabes (o Egito o fez em 20 ocasiões), intensas campanhas terroristas, envenenamento da opinião mundial contra Israel (no sentido de um iminente ataque judeu aos países árabes), falsas pistas e comunicados à imprensa estrangeira em relação ao ‘deficiente material bélico dos árabes’ etc. “O Rapto de Europa acabava com uma não menos exaustiva análise das posições políticas e econômicas dos países europeus e do Japão a respeito de árabes e judeus e das ‘quase certas’ consequências dessa guerra. (No caso do Japão, seu consumo de petróleo, em 1971, representava 8% da produção mundial. Dessa porcentagem, 75% procedia dos poços do Oriente Médio.)

““A armadilha era perfeita. O resultado da guerra – previamente traçado por Washington e Moscou – era pouco importante. A chave da operação era outra: forçar o mundo árabe a fechar ou cortar o abastecimento de petróleo. O fantasma da alta dos preços do petróleo pairava fazia tempo sobre os países industrializados. Com essa jogada criminosa, a Europa e o Japão seriam forçados a tomar posições a favor do dinheiro judeu ou do vital fluxo do petróleo árabe. A neutralidade diante da guerra era quase impensável. E, se acontecesse, nenhum bando a perdoaria. A sorte do Japão e da Europa estava lançada. Em 8 de novembro de 1973, a Arábia Saudita reduziria sua produção de petróleo em 31,7% (em comparação com a produção de setembro). O exemplo da Arábia foi seguido pelos demais países árabes, e a Europa e o Japão mergulharam em uma crise da qual ainda não se ergueram”. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ Ampla informação sobre Swivel em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ Os mandados judiciais, ou *subpoena*, que seriam entregues a Nixon eram três: dois assinados pelo senador Sam Ervin, presidente do comitê especial que investigava o “Watergate”, e outro assinado por Archibald Cox, promotor que dirigia o caso. Nixon era o segundo presidente na história dos Estados Unidos que recebia uma *subpoena*. Em 1807, o presidente do Supremo Tribunal, John Marshall, enviou uma citação judicial ao então presidente Thomas Jefferson, que se negou a comparecer ao julgamento por traição de Aaram Burr. Jefferson, contudo, entregou os documentos que lhe

solicitavam. (N. do M.)

E chegou a trágica segunda-feira, 23 de julho.

Às 7 horas e 30 minutos eu entrava na sala das “tempestades”.

Primeira surpresa.

Curtiss estava sentado à cabeceira da mesa de vidro. Analisava uns papéis.

Olhou-me e compreendeu meu desconcerto.

Fez um gesto para que me aproximasse e me sentasse na cadeira habitual, a sua esquerda.

Estávamos sozinhos.

Nixon continuava com o sorriso de sempre, e a lâmpada gaga fazia o que podia. A luz do Mojave entrava pela janela, mas com cautela. Não confiava, e tinha razão de sobra. O que acontecia naquela sala era de enfartar.

Quando me sentei, Curtiss se justificou em voz baixa, como se temesse que o ouvissem.

E pensei: “Poderiam estar gravando?”.

Claro que sim.

– Problemas familiares...

Foi o que argumentou. Essa foi a razão pela qual, segundo ele, não fora na tarde anterior de Los Angeles a Washington D. C., capital federal.

Não acreditei muito.

Todo mundo em Edwards sabia que sua relação com o assessor de Nixon, o senhor Kissinger, ia de mal a pior. Em especial desde o fracasso do Cavalo de Troia. Kissinger responsabilizou o general e o urgia a “resolver as pontas soltas” (eufemismo muito próprio de Kissinger, que dificilmente se comprometia com alguém).

“Resolver as pontas soltas” significava encontrar o “berço”.

Na Fog, todos estavam a par da estreita relação de Kissinger com os “falcões”. E embora não se pronunciasse abertamente, o assessor de Nixon para a segurança nacional era outro convicto da necessidade de enviar uma segunda nave para “recuperar o que é nosso”.

Isso era lógico: os “falcões” informavam pontualmente a Kissinger e Curtiss evitava contato com o assessor presidencial.

Essa, em suma, foi a verdadeira razão pela qual o general não foi para Washington D. C. Os outros dois diretores foram, conforme o próprio Curtiss havia previsto.

Naquela manhã de segunda-feira, 23, os diretores em questão teriam duas importantes reuniões. A primeira no Pentágono. Depois, com Kissinger. Portavam as imagens do trem de pouso do “berço”, afundado a 60 metros de profundidade, como já mencionei.

Os diretores – supúnhamos – receberiam instruções.

O retorno estava previsto para terça-feira, dia 24.

Esse retorno nunca ocorreu.

E a manhã transcorreu sem discussões, mas sob o fogo cruzado de olhares pouco amistosos. Todos na sala das “tempestades” suspeitavam que o Pentágono e Kissinger poderiam se inclinar pela solução dos “falcões”: preparar uma nova nave e programar outro “salto” no tempo. Nesse caso, Curtiss engoliria suas palavras.

E a tensão crescia.

Os olhares, disfarçadamente ou não, concluíam seu trajeto naquele enorme telefone preto se que comunicava com o exterior.

Às 11 da manhã, a fumaça dos charutos e dos cigarros havia deixado a atmosfera praticamente irrespirável. As lâmpadas tossiam. O retrato de Nixon tossia. A bandeira tossia. A janela solitária tossia. O grande quadro-negro tossia. Só quem não tossia era Curtiss. Estava tão excitado que, mais que fumar, mordida os charutos, e entrava e saía sem parar da citada sala das “tempestades”.

Mas o telefone continuou preto e em silêncio.

Tomamos litros de café.

Falávamos em voz baixa, ou simplesmente não falávamos.

Eu optei por me sentar em meu lugar e fugir com a mente para o bosque de Josué. A janela que só podia contemplar alambrados me viu sair e entrar várias vezes, espantada. Como eu conseguia?

Alguém, desconfiado, foi até o telefone e verificou se estava funcionando. Estava, claro.

E me perguntei repetidamente: qual seria meu papel se o Pentágono ordenasse a mobilização de uma segunda nave?

Supondo que Eliseu estivesse vivo, tornaria a ver o Mestre?

A ideia me fascinou, confesso, mas logo voltei à realidade.

“Isso é absurdo. O ‘berço’ está afundado no lodo do mar de Sal. Eu o vi se precipitar na escuridão. Mas e se acontecesse? Se a ‘Raio negro’ fosse enviada ao tempo de Jesus, o que aconteceria com quem isto escreve?”

“Eu era a pessoa mais preparada para uma missão assim. Conhecia o terreno, os personagens, as circunstâncias... Mas era um velho... Essa missão, se prosperasse, seria coisa para jovens.”

O tormento e o êxtase se prolongaram por um tempo.

O telefone tocou, finalmente.

Eram 11 horas e 20 minutos.

Um dos diretores atendeu à ligação e cedeu o fone ao general.

– Sim, sou eu.

Curtiss escutava atentamente e mordiscava um charuto moribundo.

Um dos aduladores lhe ofereceu fogo, mas o general recusou.

– Malditos inúteis! Falsos! Lerdos!

Curtiss começou a andar perto da distraída mesa de vidro enquanto soltava todo tipo de impropérios.

O diretor que havia atendido à chamada fez um gesto. Do outro lado da linha estava o dos óculos de aro de tartaruga.

Eram más notícias, obviamente.

Entendi que o diretor estava transmitindo as ordens do Pentágono.

– Russos? Que russos? Do que está falando?

Todos nos olhamos, atônitos.

– E o que mais?

Houve outro longo silêncio. Curtiss acabou devorando o charuto. Ao perceber, tirou-o da boca e o jogou no chão, pisando nele com raiva. Um dos aduladores se apressou a recolher os

restos do charuto.

E prosseguiram os insultos:

– Comunistas! Isso é o que são esse bando de sem-vergonhas e piratas!

Silêncio.

– Está bem... Eu entendo... Ligue quando falar com o judeu.

Desligou com violência e buscou no bolso interno de seu uniforme. Pegou outro charuto e o acendeu, bufando como um búfalo.

– Filhos da mãe! Folgados! Flores de estufa, é o que são! Bando de ladrões e comunistas!

Deduzi que Curtiss estava falando do Pentágono.

Eu concordava com quase tudo.

O general foi até sua cadeira na cabeceira da mesa, não tão distraída, aliás, e desabafou:

– Esses imbecis do Pentágono acham que o “berço” pode ter caído nas mãos dos soviéticos.

Nós nos olhamos tão espantados quanto as lâmpadas.

– Ignorantes! – continuou vomitando o general. – Burocratas!

Slimy babava, sorridente.

– Filhos da mãe! Burocratas! – insistia Curtiss.

– Mas isso é impossível – intervim no meio da tempestade. – O “berço” não tinha combustível.

E recordei o que manifestara em outras oportunidades:

– Quando fui empurrado para as águas, a nave havia acabado de entrar na reserva. Tínhamos 492 quilos. Queimávamos à razão de seis quilos por segundo. A margem, portanto, era de 80 segundos. Como Eliseu poderia entregar o “berço” aos russos?

E concluí, enojado:

– Eliseu não é um traidor! Nunca faria uma coisa dessas. A hipótese do Pentágono é simplesmente ridícula.

O general aprovou minhas palavras com vários movimentos de cabeça, mas o texano acabou intervindo, e com evidente desprezo por minha pessoa:

– Esse negócio do combustível ainda precisamos checar.

– Não estou mentindo.

– Isso também temos que ver – disse o “babento”.

Tive que fazer um esforço. Teria quebrado seus dentes ali mesmo.

Mas os “falcões” abandonaram a sala.

Compreendi.

Nenhum deles havia acreditado em minha versão.

Às 13 horas e 15 minutos o telefone tocou de novo.

Dessa vez eu atendi.

Era o dos óculos de aro de tartaruga. Saudou brevemente e perguntou pelo general Curtiss.

Notei mal-estar no tom de sua voz.

– Aqui é Curtiss.

O general escutou com atenção.

Imaginei que o diretor o estava informando sobre a reunião com Kissinger.

O charuto se apagou de novo.

A exposição foi breve.

E Curtiss estourou:

– Maldito cachorrinho! O que esse daí sabe?

Novo silêncio.

– Tem certeza? E o que mais?

Os diretores, antecipando-se, foram tomando posições ao redor da mesa distraída.

A tempestade estava chegando.

As notícias – deduzi – eram péssimas.

– Mas 72 horas? Do que está falando?

O dos óculos de aro de tartaruga repetiu a exposição e Curtiss se remexeu, furioso. Mas o fio do telefone o embarçou. E o general continuou xingando:

– É um bosta! Esse judeu de merda é um puxa-saco! Ninguém pode fazer uma coisa dessas!

O silêncio ficou denso uma vez mais.

Um tempo depois, Curtiss concluiu:

– Entendo... OK! Amanhã nos veremos. Boa viagem.

A raiva monumental do general foi descontada no telefone. Bateu o aparelho com estrépito e foi se sentar à cabeceira da mesa.

– Lunático! Nixon vai arrastá-lo em sua queda.

O ódio de Curtiss por Kissinger era quilométrico.

E o general, refugiando-se atrás da fumaça do charuto, voltou a informar a equipe: Kissinger havia “recomendado” a redação de um informe que conduzisse à recuperação do “berço”.

Os “falcões” respiraram aliviados. Era o que queriam.

Curtiss olhou para mim e comentou com ironia:

– E o quer pronto em 72 horas.

– Não consigo entender – intervim. – Quer que redijamos um informe sobre como recuperar o “berço”?

O general assentiu apressado.

– Mas – insisti – de onde o devemos resgatar? Do mar Morto?

Os “falcões” riram da “piadinha”. E o texano simplificou:

– Esse é o último lugar onde procuraremos.

Curtiss consultou o calendário.

Na segunda-feira, 30 de julho, ele deveria ir a Washington D. C. e apresentar o esboço ao puxa-saco.

Os “falcões” se parabenizaram. Sabiam muito bem o que representava esse passo para o general. Teria que se ajoelhar perante Kissinger.

Às 14 horas e 30 minutos, Curtiss abandonou a sala das “tempestades”. Não houve despedidas. O general não deu nenhuma ordem. Simplesmente desapareceu. Para trás ficou o rastro do charuto e do ódio.

O texano foi até o grande quadro-negro e escreveu:

“Operação RAIO NEGRO.”

Quem isto escreve abandonou a sala também.
Eu não aguentava.
O desastre se aproximava.

Voltei a meu quarto, no pavilhão dos oficiais, e tentei descansar. Impossível. Minha mente borbulhava.

Era impressionante. Todos pretendiam localizar o “berço” fora do mar de Sal.

E me debati, uma vez mais, entre o real e o especulativo. O que tínhamos? Pouco, muito pouco.

A nave afundou. O trem de pouso apareceu perto da costa, submerso a 60 metros.

O que mais?

Os acumuladores permaneceram 23 dias ativos e agrupados. Isso, como já disse, era inexplicável.

Não tínhamos mais informação. O lógico seria que a nave se encontrasse no lodo, a uma grande profundidade, e, portanto, indetectável. Mas não era hora para uma expedição de busca.

Em resumo: não tínhamos provas concludentes para enviar uma segunda nave ao ano 28 de nossa era.

Ainda assim, deixei-me levar pela fantasia.

Se a “Raio negro” fosse ativada, talvez a paranoia do Pentágono, ou de Kissinger, pudesse me beneficiar. Se eu fizesse parte da tripulação, talvez a aventura se repetisse. Eu daria um jeito de encontrar o Filho do Homem.

Peguei papel e lápis e dei início a uma louca corrida de cálculos. Do que necessitávamos? Onde situar a nave? A Galileia parecia o lugar adequado. Saidan ficava perto. E os equipamentos? Como transportá-los? Como camuflá-los? Quem faria parte dessa tripulação? Quem ficaria no comando? Devia pensar em janeiro do ano 28 ou em outra data?

Logo acabei jogando o lápis em cima da mesa.

Era um idiota. Por que me deixava enredar em algo impossível? Nem sequer sabia o que era a “Raio negro”.

Decidi tomar um longo banho. Isso me relaxaria. Depois, caminharia e conversaria com Josué.

E estava nessa – no meio do banho – quando escutei o telefone.

Olhei o relógio. Marcava 17 horas e 10 minutos.

Reunião de urgência na Fog.

Ora! O que seria dessa vez?

Imaginei que Curtiss havia maquinado algo contra os planos de Kissinger. Ou se tratava do “berço”? Havia surgido novidades? Ele fora detectado, finalmente, pelos satélites?

Apressei-me.

Às 18 horas voltava para a sala das “tempestades”. Ali continuava a equipe diretora.

Slimy apagou rapidamente o que estava escrito no quadro-negro.

Conseguí ler a palavra “Jordânia”.

O que estavam tramando?

Ninguém conhecia o motivo daquela nova convocação urgente.

Curtiss entrou na sala às 18 horas e 10 minutos.

Estava suando.

Caminhou inseguro até a cabeceira da mesa distraída.

Alguma coisa grave estava acontecendo.

Segurava uma folha de papel na mão esquerda.

Fiquei alarmado ao não ver o habitual charuto na direita.

Dois de seus assistentes apareceram atrás dele.

Aquilo não era habitual.

Olhamos uns aos outros desconcertados.

E pensei: o “berço”...

O general não se sentou.

Olhou para nós, mas duvido que estivesse vendo. Seus olhos estavam vidrados.

A folha de papel tremia.

Que diabos estava acontecendo?

O general limpou a garganta e tentou ler.

Não conseguiu. Sua voz se negou a obedecer.

Curtiss se esforçou.

O suor fez as têmporas do militar brilharem.

Senti fogo no estômago.

E tornei a pensar: Eliseu... encontraram-no.

Estava enganado.

Por fim, incapaz de articular as palavras, Curtiss passou o papel a um de seus assistentes e desabou na cadeira. Olhou para mim, mas não me olhou. Não olhava para ninguém.

Estava perdido.

Nunca o havia visto nesse estado.

Tinha que ter acontecido algo especialmente impactante.

E acontecera.

O assistente – major, como eu – contemplou os presentes e comentou com um fio de voz:

– Preciso anunciar uma má notícia.

Eu não sabia o que pensar.

E passou a ler:

– Esta tarde, às 17 horas e 43 minutos (hora de Missouri), o voo 809 da companhia aérea Ozark sofreu um gravíssimo acidente perto do aero-porto Lambert, em Sant Louis.

O assistente interrompeu a leitura e tornou a olhar para nós.

Entendeu.

Ninguém sabia o que aquilo tinha a ver conosco.

E esclareceu, lamentavelmente:

– Dois dos diretores desta equipe estavam no bimotor.

Não houve nem um murmúrio.

Ficamos arrasados com a notícia.

Eram os diretores que haviam ido a Washington D. C. Ao que parecia, estavam voltando.

Curtiss segurava a cabeça nas mãos. Acho que soluçava.

E o assistente prosseguiu:

– Pelo que sabemos...

Engoliu em seco e prosseguiu:

– Pelo que sabemos, há sobreviventes. Quando tivermos mais informações, comunicaremos. Por favor, não saiam desta sala.

O general acabou se levantando. Seus olhos estavam úmidos, de fato.

Não disse nada.

Caminhou devagar para a porta e desapareceu.

Os assistentes seguiram-no apressado.

Julguei entender o estado de ânimo do general. Ele devia ter viajado com esses diretores, e possivelmente nesse mesmo voo. Foi a aversão por Kissinger que o salvou.

Meu Deus! Eu havia falado com o dos óculos de aro de tartaruga naquela mesma manhã...

E as notícias chegaram avassaladoras.

O avião era um Fairchild Hiller FH-227B. Viajavam nele 41 passageiros e três tripulantes. Até o momento haviam localizado 38 corpos e quatro sobreviventes.

O bimotor se estatelou no solo a 2,3 milhas ao sudeste de Lambert (nove milhas ao noroeste de Saint Louis). Duas casas foram destruídas no impacto.

Ignoravam-se as causas do sinistro, mas tudo apontava para o mau tempo.

O “809” saíra de Marion, em Illinois, às 17 horas e 5 minutos (local).

E me perguntei: por que pegaram esse voo? Havia outros.

À meia-noite confirmaram o que suspeitávamos: os diretores estavam entre os falecidos. No total, 38 pessoas perderam a vida. Os pilotos e quatro passageiros conseguiram sobreviver.

Pouco a pouco, as notícias foram se afinando. A possível causa do acidente devia ser buscada na aproximação ao aeroporto (especificamente à pista 30L de Lambert). Ao que parecia, foi realizada no meio de uma tempestade, e de forma instrumental.

Consultamos a meteorologia.

Nesse dia, as rajadas de vento atingiram 41,8 quilômetros por hora. Nesse momento havia nuvens baixas e chuva.

O capitão, Arvid Linke, de 37 anos, declarou à polícia que foram atingidos por um raio quando estavam em plena aproximação.

Estava claro.

O jovem piloto se precipitou.

Que azar...

Retirei-me de madrugada.

Joco esperava com café quente. E falou dos rumores que corriam pela base: o acidente do “809” se devia a um atentado.

Olhei para ele perplexo.

– Sim – acrescentou o japonês –, dizem que tudo se deve à vingança de Nixon. Você sabe, por causa das fitas em poder de Curtiss. Nixon mirou contra o general, mas falhou.

Não concordei.

Os especialistas falaram de um raio ou de uma microrruptura, muito frequentes na aviação durante tempestades elétricas. O aparelho perdeu a comunicação.

Mas o rumor continuou circulando.

Na manhã de terça-feira, dia 24, tentei entrar em contato com Curtiss.

Ele era um miserável, mas senti pena dele.

Havia perdido dois de seus homens e levado o maior susto da vida.

O Mestre me ensinou a ser generoso, especialmente com o inimigo.

O assistente que atendeu a chamada – um velho conhecido dos tempos da base de Wright Patterson, em Ohio (que a partir de agora chamarei de Domenico) – estava desesperado.

O general estava trancado em sua sala, no hangar vermelho, desde a tarde/noite do acidente do bimotor. Não sabiam o que estava acontecendo. Não comia, não recebia ninguém. Não atendia ao telefone.

– Só fuma e reza – disse Domenico com cansaço. – A família já ligou 20 vezes, mas não sei mais o que inventar.

Nesse dia, nem no seguinte, não se registrou atividade alguma por parte da equipe. Eu, pelo menos, não fui convocado.

Os “falcões” se reuniram? Muito possivelmente.

Eles continuavam com o assunto da “Raio negro”.

E os rumores em Edwards se tornaram sufocantes. O avião – diziam – havia sido derrubado com uma carga explosiva. O alvo era Curtiss, mas o general tinha sete vidas. Nixon, naturalmente, era o autor intelectual do atentado. Kissinger estava a par da operação.

Acabei entediado. Tudo aquilo era só falação.

A verdade é que as medidas de segurança na base foram dobradas, especialmente na Fog.

No início da tarde do dia 25, quarta-feira, recebi uma ligação telefônica inesperada. Era Estrella, esposa de Curtiss.

Percebi que estava inquieta e preocupada. Seu marido não aparecia em casa havia quase dois dias. Os assistentes a evitavam. Ela não tinha acesso à área restrita. Acabava de saber que Curtiss devia ter pegado o voo “809”.

O general, pelo visto, não lhe falava de seu trabalho.

Invocou nossa velha amizade (?) e pediu que eu me informasse. Só queria saber como estava seu marido e o que estava acontecendo.

Prometi que cuidaria do assunto. Faria todo o possível e ligaria quando tivesse notícias.

Estrella sabia que eu sempre cumpria minhas promessas.

E fiz mais que isso.

Decidi não esperar até o dia seguinte.

Fiz bem.

Fui até o hangar vermelho e procurei a sala do general.

Eram 17 horas.

Domenico se espantou ao me ver. Salvo sua esposa, quem isto escreve era o único que havia se preocupado com o estado de Curtiss.

E o assistente repetiu o que detalhara por telefone:

– Continua ali – apontou para a sala do chefe do projeto. – Não atende a ninguém. Expulsou-nos a pontapés.

Nesse instante, na verdade, fiquei bastante pessimista.

Ele não me receberia.

Mas os céus agem por caminhos inescrutáveis.

E foi Domenico quem deu uma possível solução:

– Por que não tenta? Entre e pergunte que diabos está acontecendo com ele.

Olhei para ele, incrédulo. O bondoso Domenico me incentivou:

– Você é como Lázaro para o general.

Ora! Isso eu não sabia.

E Domenico me empurrou suavemente para a sala de Curtiss.

– Se ele não o expulsar em um minuto, vai dar tudo certo.

Parei um instante diante da madeira cinza da porta.

Tornei a hesitar.

Olhei para o major, e este, dando um sorriso, incentivou-me a pros-seguir.

“Que seja o que Deus quiser.”

E nesse momento escutei a voz do Mestre em minha cabeça. Ouvi 5 × 5 (alto e claro):

“Confia!”

A porta obedeceu dócil.

E entrei.

Eu conhecia aquela sala. Visitara-a em outras oportunidades.

Na Fog a chamavam de “defumadouro”, e com razão.

De início só vi fumaça. O lugar era uma densa e branca fumaceira.

Assustei-me. Procurei fogo, mas não havia.

Eram os malditos charutos.

Em frente à porta destacava-se uma janela. A luz entrava pelas persianas e se derramava pela grande sala retangular com dificuldade. A fumaça não cedia. Era de chumbo.

Curtiss estava sentado em sua cadeira giratória, de costas para quem isto escreve. Olhava, aparentemente, pela janela.

Eu me aproximei devagar, pela esquerda da mesa que presidia o aposento (tomarei como referência a porta de entrada).

A grande mesa de mogno parecia adormecida. Cinco torres de papéis – todos confidenciais – me viram passar com evidente curiosidade.

O general estava de olhos fechados.

Dormindo?

Contemplei-o por alguns instantes.

Tinha péssima aparência: barba de três dias, olheiras e a camisa manchada de cinzas. Na mão esquerda segurava um rosário de prata. Achei estranho não ver um charuto na direita.

Perguntei-me o que fazer.

Deveria acordá-lo?

Desisti.

Deixaria o Destino agir, como sempre.

Procurei relaxar.

Impossível.

A fumaceira se colou em mim e pouco faltou para eu começar a tossir.

Passei cautelosamente em frente à janela e fui me sentar no sofá preto acolchoado que se espreguiçava colado à parede da direita. As molas musicais me delataram.

Ninguém percebeu, salvo a fotografia de Nixon pendurada nessa mesma parede. Mas o

presidente ficou na sua, sorrindo para ninguém. Aquele homem não tinha jeito.

E esperei fazendo minhas coisas: observando e anotando referências.

Eu sei: eu também não tenho jeito.

Em cima da mesa, além dos papéis, encontravam-se as fotos habituais. Uma de Estrella e dos filhos do general quando eram pequenos. A mulher me viu e sorriu agradecida. Sei que me encorajou.

“Farei o que puder”, repliquei no sofá das molas musicais.

A outra fotografia era do papa Paulo VI quando tomou posse como arcebispo de Milão. Tinha dedicatória. Data: 6 de janeiro de 1955. Montini me dedicou um olhar enigmático, mas não disse nada.

E, no meio dos papéis e pastas, três cinzeiros de ferro, como três valas comuns. Apodreciam neles não sei quantos charutos, com a boca aberta, como os mortos.

Em cima de uma das torres de papéis, li o título de uma pasta.

Fiquei assombrado.

Não sabia que “aquilo” era “*top secret*”.

Ecclesiam Suam. Esse era o rótulo da pasta em questão.

Não era essa uma encíclica de Paulo VI? Ou se tratava de outra operação secreta?

Tinha que perguntar ao general.

A minha direita, em um canto, cochilava também a bandeira norte--americana, com as listras e as estrelas desmaiadas, não sei se pelo sol do Mojave ou por tanto sigilo.

Por último, na parede da esquerda o general havia mandado pendurar um quadro de Fra Angélico, pintado a têmpera sobre madeira. Era *A anunciação*, em tamanho natural (1,94 × 1,94 metro). Um anjo se apresentava diante da Senhora e lhe dava a boa-nova. À esquerda da cena, Adão e Eva expulsos do Paraíso. Sobre o joelho direito de Maria descansava um livro aberto.

De início não reparei no que estava escrito no livro.

Foi depois...

Eu conhecia o quadro original. Tive a oportunidade de admirá-lo no Museu do Prado, em Madri.

E deixei o tempo passar.

Eram 17 horas e 30 minutos.

Tinha que tomar uma decisão. Não podia continuar sentado naquele sofá indefinidamente.

O que fazer quando escurecesse?

Reparei nas luminárias.

Duas delas, audazes, haviam pulado de paraquedas azuis em cima da mesa.

Um terceiro foco de luz, mais modesto, aninhava-se no alto do quadro de Fra Angélico.

A situação era ridícula e perigosa.

Se acordasse e me descobrisse, o general poderia me desterrar para o deserto da Arábia.

Tinha que fazer alguma coisa. Mas o quê?

Minha mente estava vazia.

Olhei em volta pedindo ajuda aos móveis.

Permaneceram mudos. Bem, nem todos.

Nesse momento, como se o assistente houvesse escutado meus pensamentos, a porta cinza se abriu.

Domenico permaneceu no limiar e me interrogou por sinais.

“Está tudo bem?”

“Tudo ótimo”, repliquei também com gestos.

E indiquei que não fizesse barulho. Curtiss estava dormindo.

“Tenha calma”, transmiti.

“OK.”

E o assistente se retirou.

Mas o azar (?) quis que, ao fechar a porta, Domenico não calculasse bem a distância e a força empreendida por seu braço, e então a folha bateu no batente com estrépito.

Caramba!

Curtiss percebeu o barulho e estremeceu.

Levantei-me e caminhei devagar para a cadeira giratória.

Alarme falso. O general continuava dormindo.

O rosário estava no chão.

Peguei-o e o examinei com curiosidade. Fazia muito tempo que não contemplava uma daquelas “ferramentas” para oração.

Sorri com meus botões.

O Mestre nunca teria usado um rosário.

Era lindo, de prata, desgastado pelo uso.

Eu havia esquecido que Curtiss era um homem religioso, conservador.

A pequena cruz brilhou, como um alerta, mas não entendi sua linguagem.

A luz que chegava do oeste fez cintilar o crucificado pela segunda vez.

Foi como uma piscada.

Aí sim compreendi.

Era como aquele gesto do Homem-Deus quando dava uma piscada.

Não gostei da pequena cruz. Por que os católicos insistem em mostrar seu Deus cravado em um pedaço de madeira? É horrível! Não seria melhor e mais lógico que o representassem sorridente, ou nos muitos momentos de glória?

Inclinei-me sobre o general com o propósito de devolver-lhe o rosário, mas hesitei. Não sabia onde deixá-lo. Na mão esquerda, onde estava antes? Podia cair de novo. No colo?

E estava nessa, com a cruz oscilando no ar, quando Curtiss abriu os olhos.

Olhou-me incrédulo.

E imediatamente um dos brilhos da cruz acertou seus olhos.

O general os fechou de novo.

Engoli em seco.

Eu me senti perdido.

Curtiss podia me arrancar os galões e a cabeça.

O que aquele verme fazia em sua sala, a meio metro dele, sem avisar?

Foi tudo muito rápido.

Optei por resistir.

Ele abriu novamente os olhos e notou a cruz que se agitava no ar, segurada por quem isto escreve.

Nessa oportunidade, os brilhos eram continuados e iam diretos aos olhos dele.

Curtiss pestanejou.

A luz chegada do oeste foi oportuníssima. As demais contas também colaboraram, inclusive uma pequena imagem da Senhora engastada entre a cruz e o rosário propriamente dito.

Esbocei um sorriso sem graça.

Foi a única coisa que consegui improvisar.

E o general (ele confessaria dias depois) me tomou pelo que eu não era: um enviado dos céus. Ou era?

– Quem o envia?

Não houve resposta.

Estendi o sorriso e supliquei ao Destino que o general não explodisse.

Não explodiu. Ao contrário.

E repetiu gentil:

– Diga, quem o envia?

– Isso não importa. Fui enviado.

A cruz o mantinha hipnotizado.

Dezessete dias depois, durante uma conversa em sua casa perto da cidade de San Francisco, ele me faria uma revelação: “Os intensos reflexos da cruz foram a resposta a minhas orações”.

Ele, de novo, interviera.

Curtiss pegou o rosário que eu lhe oferecia e beijou a cruz com veneração.

Dei um passo para atrás e esperei.

O general acabou se levantando e procurou algo na mesa de mogno.

Pegou um charuto, e na segunda tragada mostrou-se mais seguro.

Não houve perguntas nem recriminações. Limitou-se a me observar com curiosidade.

Aquilo se prolongou durante um minuto ou mais.

Eu não sabia onde me esconder.

Finalmente, depois de soltar um aro de fumaça sobre os papéis confidenciais, convidou-me a sentar no sofá das molas escandalosas.

Foi quando, com voz serena, como se nada houvesse acontecido, perguntou:

– Você acredita no acaso?

Eu não sabia por que perguntava, mas também não parei para encontrar uma explicação. Era momento de ser rápido, simplesmente.

– Faz muito tempo que não, meu general.

E acrescentei, pouco consciente da transcendentalidade de minhas palavras:

– Não acredito no acaso... desde que o conheci.

– Conheceu quem?

– Ele, senhor.

– Quer dizer Jesus Cristo?

– Quero dizer Jesus de Nazaré – corrija mais uma vez.

– Isso...

E prosseguiu:

– Eu deveria estar morto, sabia?

Assenti em silêncio.

E continuou curtindo seus anéis de fumaça.

Então, arrisquei:

– Tudo na vida está sujeito a uma ordem minuciosa e impecável. Uma ordem que não imaginamos.

Curtiss me acompanhava espantado. E acrescentei:

– Além do mais, morrer não é o fim.

– Você fala com muita segurança.

– Ele me ensinou.

– Ele? Ah, entendo: Cristo.

– Jesus de Nazaré.

– Sim, claro.

Encantou-se com a fumaça do charuto e a observou subir para os paraquedistas.

Pouco depois, convicto, pronunciou uma frase que modificaria meus planos e os dele:

– Retardamos esta conversa durante muito tempo.

Ele me contemplou intrigado e perguntou:

– Quanto tempo faz que você voltou?

Consultei o relógio.

– Às 22 horas completarão 27 dias e 12 horas.

O general apertou uma campainha.

Cinco segundos depois aparecia o assistente.

Domenico nos olhou de boca aberta.

– Traga café – ordenou Curtiss – e uma garrafa de uísque. Temos muito que conversar.

Depois, pode se retirar.

O major bateu continência, feliz.

E olhou-me desconcertado.

Eu havia conseguido!

– A propósito – acrescentou o general –, ligue para Estrella e diga que voltarei de madrugada... suponho.

– Às suas ordens, meu general.

– Você tem razão – prosseguiu Curtiss. – Passaram-se 27 dias e não falamos uma só palavra sobre o mais importante.

Assenti de novo com a cabeça.

– Você viveu a maior odisseia da humanidade, conheceu o Filho de Deus, e não lhe perguntamos nada.

E o general soltou um de seus inconfundíveis epítetos:

– Somos uns vermes!

Eu adorava aquelas qualificações.

Ele tinha razão.

Até aquele momento só havíamos nos preocupado com o “berço”. Certamente tinha prioridade, mas...

Tínhamos um tesouro – o grande tesouro de todos os tempos – e, não obstante, ninguém parecia se importar, começando por Kissinger. Nixon era um caso perdido.

O Pentágono só se preocupava com a URSS. Outros, com a possível volta de Eliseu à

época de Jesus. As “pombas”, com como derrubar os “falcões”. Curtiss, com como evitar o “retorno”. Eu, sinceramente, com como “voltar”.

Enfim, foi assim, na tarde daquela quarta-feira, 25 de julho, que o general e eu iniciamos uma longa conversa sobre o Mestre.

Foi assim, enfim, que Curtiss e quem isto escreve inauguramos uma nova relação, benéfica para ambos (especialmente para mim).

Mas devo ir passo a passo.

Às 18 horas e 59 minutos, o general ligou as luminárias paraquedistas e levantou as persianas. A luz laranja do ocaso, que vivia em frente, se espalhou pela sala e apagou o medo. Até que se esgotou, dourou tudo: perfis, fotografias e palavras.

E continuamos conversando.

Mais exatamente: ele perguntava e eu respondia.

Não sei se agi certo.

Uma coisa é viver, e outra muito diferente é transmitir o vivido.

Mas fiz de coração.

Curtiss – não sei se já esclareci – era um homem extremamente religioso, conservador, não à moda antiga, e sim à moda arcaica.

Era mais papista que o papa e, além de tudo, feio e sentimental.

Estava ancorado (a palavra exata seria fossilizado) nos dogmas da igreja católica.

Acreditava no inferno como um lugar físico, com um fogo que jamais se apagava e que ultrapassava os 1.400 °C (!). Para lá iam os pecadores, e especialmente os comunistas.

Acreditava piamente no purgatório e no limbo.

O primeiro – segundo ele – era igual ao Pentágono.

O limbo era como o cinema mudo.

Mantinha uma minuciosa contabilidade de seus pecados (mortais e veniais) e, o que era pior, anotava os de seus inimigos.

A morte em pecado mortal conduzia inexoravelmente aos 1.400 °C por toda a eternidade.

A fila para entrar no inferno era interminável.

Afirmava que Maria, a Senhora, mãe do Galileu, havia sido virgem “permanentemente”. Nunca mais teve filhos – “isso era uma blasfêmia” – e sempre permaneceu ao lado do Homem-Deus. Era seu apoio e seu consolo. Isso era o que Curtiss defendia. Isso era o que pregava (e prega) a referida igreja católica e outras confissões.

Maria foi a corredentora na salvação do mundo.

O general afirmava também que a igreja é a depositária da verdade e que fora dela não há possibilidade de salvação.

Muçulmanos, judeus, budistas, protestantes, ateus e comunistas eram as novas pragas do Egito.

Seu ódio pelos comunistas era patológico.

Comungava diariamente e rezava o rosário toda vez que tinha oportunidade.

De início não foi fácil. Tive que caminhar pisando em ovos.

Mas o general, apesar do exposto, era inteligente e soube escutar sem soltar raios e trovões.

Foi assim que lhe falei de uma parte mínima, mas essencial, do que havia vivido e experimentado junto ao Filho do Homem e aos que o cercaram.

Falei do Mestre e de sua verdadeira personalidade. Disse-lhe que era um homem risonho e divertido. Passou a maior parte da vida rindo. As igrejas e a tradição é que o mostram como um fiscal, sempre distante e, ainda por cima, pendurado na cruz.

Lamentei essas circunstâncias.

E falei também de seus ensinamentos, da mensagem e de como os seguidores se afastaram – desde o início –, escolhendo uma religião “adequada” à figura do Mestre.

Ele nunca quis que o imitássemos.

Ele encarnou para experimentar a matéria e, muito especialmente, para revelar o Pai Azul, um Deus oposto a Yaveh.

E lhe falei muito da grande esperança: somos imortais desde o instante em que o Criador nos imagina!

Não importa o que façamos ou o que pensemos. Somos imortais e viveremos sem tempo!

Ele escutou com atenção minha versão sobre a “centelha”, o Espírito Divino (fração infinitesimal (?) do Pai) que nos habita desde os 5 anos.

E me estendi quanto pude sobre os 12; sobre a forma como foram designados e, em especial, sobre a mente fechada desses discípulos. Mostrei-lhe que eles não entenderam. Suas ideias messiânicas eram quase genéticas. Acreditaram – e desejaram – que Jesus era o Libertador político-religioso-militar de que seu povo precisava. Com essa ideia o acompanharam e com essa ideia o viram morrer. Depois, escreveram algo muito diferente da realidade, e, com toda a certeza, com o passar dos séculos, outros colocaram a mão nos evangelhos, deformando ainda mais a figura e a mensagem do Homem-Deus.

Enfim, abalei muitas crenças.

– Você o considera um Homem-Deus?

– É o que Ele é.

Curtiss não pôde disfarçar seu espanto. E replicou:

– Desconcertante! Você não é religioso. Por isso o escolhemos. Você se tornou um seguidor do Mestre?

Assenti com a cabeça. Para que negar?

– Se você houvesse contemplado o que eu contemplei... Se o houvesse conhecido... Enfim, compreenderia.

E acrescentei:

– Não é necessário ser religioso para buscar e encontrar o Pai Azul. Aliás, Ele, *Abba*, também não é religioso.

Curtiss engasgou com o uísque.

– Isso é blasfêmia!

Sorri entretido.

– Por que insiste tanto no Pai?

– Ele insistia. *Abba* é o final.

Expliquei:

– O final de uma longa etapa. Depois prosseguiremos, transformados em Deuses (com letra maiúscula).

O general me olhava perplexo. E reconheceu:

– Em uma coisa você tem razão. A igreja esqueceu o Pai. Ninguém fala dele.

– Obviamente está enganada. O Filho do Homem falava dele o tempo todo, por qualquer

motivo, e com quem fosse. O Pai Azul é a fonte. Sustenta tudo e nos chama, sussurrando. Ele nos habita, como lhe disse.

E Curtiss voltou a um dos pontos conflituosos:

– Por que você afirma que Cristo não instituiu nenhuma igreja?

– Jesus de Nazaré.

O general, intrigado com minha insistência em corrigi-lo, pediu uma explicação. E lhe dei uma:

– Cristo, ou Jesus Cristo, são nomes que definem o contrário do que Ele pretendia. Cristo ou Jesus Cristo é o que não foi, nem quis ser... Cristo, como sabe, é a tradução para o grego da palavra hebraica “ungido”. Pois bem, como expliquei, o Galileu foi tudo menos um Messias. Ele não veio quebrar dentes, nem conduzir exércitos, nem libertar Israel.

– O que Ele foi, então?

– Um enviado.

– Só isso?

– Acha pouco? Jesus foi um enviado de luxo. Refrescou a memória de uma humanidade perdida e lhe deu esperança. Não somos o que acreditamos. Somos muito mais: somos filhos de um Deus, somos irmãos.

– Os comunistas também?

– Lembre-se: você é imortal. Faça o que fizer e diga o que disser.

– E como fica a maldade?

Essa pergunta me era familiar. Eu também a fiz ao Galileu. E repliquei com as mesmas palavras do Filho do Homem:

– Não julgue, Curtiss. É tão perigoso quanto dormir em pé.

– Mas os maus...

– Tudo está calculado. A maldade existe, evidentemente, mas faz parte do jogo.

– Não entendi.

Olhei-o intensamente, mas ele não se deu por aludido. Deixei correr o assunto.

– Um dia, gostaria de lhe dar um presente.

A sugestão intrigou o chefe do projeto.

– Que presente?

– O melhor que terá ganhado na vida.

E cortei a expectativa ao meio:

– Mas, para isso, preciso de um quadro-negro.

– Quer que tragam um?

Neguei com a cabeça e soprei as brasas de sua curiosidade:

– Outro dia, em outro lugar.

Curtiss registrou a informação. Não esqueceria. E retrocedeu na conversa, empenhado em esclarecer sobre a fundação da “santa madre igreja”.

Eu lhe dei minha versão:

– Nada é santo, general, pelo menos não na matéria. Vou ser sincero. Não cheguei a assistir a essa cena. Não posso confirmar se Jesus de Nazaré fundou uma igreja. Os indícios apontam que não. Esse não era o pensamento do Homem-Deus. Ele veio para algo mais importante. Ele é um revolucionário da esperança.

E arrematei, pensando no Vaticano:

- Para buscar o Pai Azul não é necessária uma multinacional.
- Então, segundo você, não temos que nos preocupar com os comunistas.
- Preocupe-se em viver. Além do mais, há comunistas honrados e capitalistas miseráveis.
- Você virou comunista?

Tornei a rir.

– Não, senhor, a política não me preocupa, e muito menos os políticos. Ele também não se interessou por eles, e era mais sábio que eu.

Foi ao longo daquelas intensas conversas que reparei no estranho “detalhe” do quadro de Fra Angélico.

Lembro que havia me levantado e caminhava perto do quadro. Ao passar, reparei, sem querer (?).

Estava sonhando?

Li de novo, belisquei-me e verifiquei que não era um sonho.

O general continuava perguntando, incansável.

Aproximei-me e praticamente enfiei o nariz nas páginas do livro que Maria segurava sobre o joelho direito. Como expliquei, é um livro aberto.

Respondi a Curtiss, mas sem precisão.

Nesse momento estava em outro lugar.

E me lembrei do envelope que encontrei em meu quarto, no pavilhão dos oficiais, quando cheguei à base de Edwards.

Era uma única frase.

E li de novo.

Que estranho!

Não me lembrava de tê-la visto no quadro original.

Quase perguntei, mas não o fiz.

Dizia: “Marte, alerta”.

Era a mesma coisa que estava escrita no centro do papel contido no envelope lacrado que, como disse, estava guardado em meu quarto.

“Aquilo” não era casual.

Por que foi pintado nessa tela? Que tinha a ver o general Curtiss, chefe do projeto Cavalo de Troia, com “Marte, alerta”? E, acima de tudo, que diabos significava “Marte, alerta”? O que tinha a ver comigo? Era uma advertência?

Arquivei aquilo na memória e prossegui com o que importava.

A animada conversa se prolongou até bem avançada a noite.

Curtiss era cabeça-dura, mas soube ser respeitoso.

Eu estivera ali com Ele, e o general sabia que não estava mentindo.

Isso lhe causava grande angústia e uma enorme curiosidade, em partes iguais.

Mas o importante, enfim, é que o general foi resgatado da profunda depressão em que se encontrava e devolvido à atividade.

Estranho Destino!

Um rosário de prata foi o responsável por boa parte dessa recuperação. O resto ficou por conta de uma “pérola”.

Vou explicar.

Quase no final da conversa, Curtiss disse o seguinte:

– Você tem que arregaçar as mangas e escrever suas recordações.

Fiquei surpreso. Essa era minha intenção.

Na verdade, eu já havia feito isso. Ali estavam os diários.

– Você deve isso a...

Curtiss não terminou a frase.

Vi-o hesitar e julguei entender por quê. Devia a quem? Aquilo que Eliseu e quem isto escreve havíamos vivido era matéria reservada. Alto segredo. A quem eu devia?

E o general acabou se retificando:

– Deve a mim. Para dizer verdade, deve a mim.

Que cinismo!

E, instintivamente, ainda não sei por que, acariciei a “pérola” que pendia em meu pescoço.

Ninguém sabia que continuava comigo.

E cometi um erro, supostamente:

– Está tudo escrito.

O general não compreendeu.

Tirei o “DR” da corrente e o deposei em cima da mesa de mogno, entre as pestilentas valas comuns dos charutos.

Estrella e Paulo VI espiaram meus movimentos, zelosos.

E insisti:

– Quero dizer que suponho que esteja tudo escrito.

Não sei por que fiz aquilo. Ainda me pergunto.

Ignoro por que confiei em Curtiss. Era um maldito bastardo.

Ele havia me enviado para a morte. Restavam-me nove anos de vida. E fez isso com frieza, e mentindo como um velhaco.

Era um sujeito vil e sem entranhas! Pretendia clonar o Mestre e os seus!

Por que lhe entreguei o “leitor de sonhos”?

Não estou sendo totalmente sincero.

Agora sei por que o fiz. Foi o Destino quem me obrigou.

Curtiss se inclinou sobre a “pérola”, observou-a com curiosidade e acabou pegando-a com a ponta dos dedos delicadamente.

Não disse nada e continuou observando-a.

Um minuto depois, olhou-me e perguntou:

– É o que acho que é?

Eu me fiz de bobo.

– Não sei.

– É um “DR”?

Assenti.

– Como chegou a você? Procede do “berço”?

Fui sincero:

– Não sei. Estava em meu pescoço quando pulei.

– Não entendi.

– Eu também não.

– Pode ter sido Eliseu?

– Sim.

Continuou examinando a pequena esfera negra e foi direto ao ponto:

– Por que diz que está tudo aqui?

– Intuição.

Curtiss continuou em silêncio. Acendeu um novo charuto e depositou a “pérola” na palma de sua mão esquerda.

O “leitor” se moveu com timidez.

Curtiss brincou com ele durante um tempo, enquanto recebia um jorro de pensamentos.

Paulo VI, Estrella, os papéis confidenciais, o estúpido Nixon, o anjo do quadro e até Adão e Eva esperaram impacientes. E o que dizer de quem isto escreve...

– Não há dúvida – proclamou finalmente o general. – Você tem razão.

E tornou a cair no mutismo.

A “pérola”, incomodada, quis voltar para mim, mas o general não permitiu.

– Em que tenho razão?

Curtiss sorriu benevolente.

– Está bem: aceito. Existe essa ordem benéfica e maravilhosa de que você fala.

– Agora eu é que não entendo.

– Não importa. Melhor assim.

Não deu mais explicações.

Levantou-se. Caminhou até o sofá das molas musicais e ergueu o punho esquerdo para a fotografia do presidente Nixon. Dentro da mão continuava a “pérola”.

E clamou, vitorioso:

– Zé Ninguém! Você e seu melro não ganharam ainda!

Imaginei que o qualificativo de “melro”, ou dedo-duro, se destinava a Kissinger.

Depois, voltou à cadeira giratória e confessou, quase para si mesmo:

– Sim, maravilhosamente ordenado.

Levantou a vista e me obsequiou com um “estou começando a gostar de sua teoria”.

O que ele estava tramando?

– Continuo não entendendo – repliquei –, e não é uma teoria.

– Não importa. Agora, escute atentamente.

Todos escutam. Estrella, Nixon, o papa, todos.

– Alguém mais sabe da existência desse “leitor”?

– Que eu saiba, não.

– Pois bem, salvo nós, ninguém deve saber que existe.

Olhei a minha volta.

Salvo nós? Havia muita gente ali.

– Entendeu?

Eu disse que sim enquanto olhava de soslaio para Nixon. Curtiss ergueu de novo o punho esquerdo com a “pérola” e declarou, solene:

– *Top secret*.

– Sim, mas...

– Ninguém deve saber – repetiu –, e muito menos esses imbecis.

Imaginei que estava se referindo aos “falcões”.

– Onde quer chegar?

– Você vai ver.

Ele me devolveu o “leitor de sonhos” e disse:

– Amanhã...

Consultou o relógio e retificou:

– Hoje mesmo darei as ordens oportunas para que...

Hesitou.

– Melhor ainda... Você vai cuidar disso pessoalmente. Não quero curiosos.

E esclareceu:

– Hoje você vai pôr a mão na massa. Quero que trabalhe na decifração do “DR”. Só você.

– Mas general...

– Está decidido. Ninguém vai incomodá-lo. Vai se instalar no “vespeiro”. Vou lhe fornecer o necessário. E lembre-se: *top secret*.

Continuou com o punho erguido.

Ora, que anticomunista!

– Vai prestar contas a mim. Estou sendo claro?

Nixon estava tão alucinado quanto quem isto escreve.

Eu disse que sim, naturalmente. E tentei pensar rapidamente.

– Quando descobrir o conteúdo do “leitor”, por favor, avise-me. Não importa a hora.

O que ele pretendia?

E o general terminou esfregando as mãos, de puro prazer.

Depois, tornou a dirigir o punho esquerdo para o retrato de Nixon e gritou feliz:

– Babaca!

Quando eu estava saindo – já na porta –, Curtiss fez outras recomendações:

– Trabalhe sem descanso. Eu o libero da viagem a Washington D. C. Voltarei em 1º de agosto. Então, vou querer boas notícias.

E concluiu:

– Logo cedo apresente-se a meu assistente.

Ao mencionar a viagem à capital federal, o general se referia à cerimônia fúnebre em memória dos diretores mortos. Seria no sábado, 28, no cemitério nacional de Arlington.

Assim terminou aquela indelével quarta-feira, 25 de julho de 1973.

Não dormi muito bem.

Os pensamentos chegavam em ondas.

Eu não tinha intenção de ir ao funeral dos diretores. Fazia tempo que esses atos não me agradavam. Além do mais, o dos óculos de aro de tartaruga e o outro estavam melhor que eu e que ninguém. Possivelmente em MAT-1, como dizia Eliseu.

Na segunda-feira, 30, o general se reuniria com Kissinger e lhe entregaria o informe “Zero”, o esboço para o possível envio de uma segunda nave à época de Jesus (talvez ao ano 28). Referiam-se à “Raio negro”.

Esse assunto, sim, era de meu interesse, mas não me atrevi a abordá-lo na recente conversa com Curtiss. Teria que esperar.

E me vi assaltado pelas velhas dúvidas:

“Por que havia agido com tanta leviandade? Curtiss não era de confiança. Por que lhe mostrei a ‘pérola’? Poderia tê-la perdido.”

Mas, ao mesmo tempo, em minha mente “alguém” sussurrava que a iniciativa fora correta.

Era isso que eu queria.

Eu precisava acessar a tecnologia do Cavalo de Troia para decifrar e descobrir o conteúdo do “DR”. O general – ou melhor, o Destino – deu-me a oportunidade de bandeja.

Eu aproveitaria a ordem e as circunstâncias.

Nesse momento, não podia imaginar que o Destino escondia um ás na manga.

O que continha o “leitor de sonhos”?

Passei muitos minutos tentando recordar.

Foi inútil.

Minha mente estava vazia.

Como disse, quem isto escreve jamais utilizou um “DR”. A não ser que o tenha feito nesses dias finais (janeiro do ano 28) que não conseguia lembrar.

Algo me dizia que não. Eu não tinha nada a ver com aquela história estranha.

Mas foram só suposições.

Vi impaciente o amanhecer chegar.

Nesse dia, o orto solar foi registrado no Mojave às 5 horas e 0 minuto.

O sol me preveniu.

Apareceu branco e misterioso, como se soubesse o que me aguardava.

O deserto, ao vê-lo, fugiu em todas as direções.

Sim, algo muito especial sobrevoou nesse dia a base de Edwards.

E no horizonte da memória surgiu de novo a querida e última imagem do Homem-Deus. Levantava o braço e saudava. “Confia.”

Confiaria.

Às 7 horas, sem tomar café da manhã, já estava na sala do assistente de Curtiss no hangar vermelho.

Domenico me abraçou.

Não sabia como eu havia conseguido, mas o general estava bem novamente. Naquela mesma tarde pegaria um avião para Washington D. C. com parte da equipe diretora.

Estrella me mandou beijos e uma torta de maçã. Eu me senti mais que recompensado.

– O general deixou isto para você.

Domenico me entregou um envelope fechado.

Continha uma folha azul manuscrita.

Curtiss me dava instruções precisas.

Li com atenção:

“1. Solicite as chaves do ‘vespeiro’. Domenico sabe.”

“2. Peça a meu assistente que solicite – verbalmente – (sublinhou ‘verbalmente’) uma escolta de grau três ao chefe de Segurança da Fog, coronel ... (suprimi o nome). “A escolta permanecerá com você o tempo necessário. Domenico sabe.”

“3. Meu assistente cuidará também das credenciais para entrar no ‘vespeiro’ (nível 5 azul).”

Assinado: Curtiss.

A nota tinha dois PS:

“PS 1: Para evitar rumores desnecessários, almoce no ‘vespeiro’.”

“PS 2: TRITURE.”

Mensagem recebida.

Passei a folha a Domenico. Ele a leu e agiu: introduziu o bilhete na máquina trituradora de documentos e executou as ordens do general.

Domenico era eficaz.

Enquanto esperava, tomei café na sala do assistente.

A torta era uma delícia. Domenico me ajudou.

E o familiar fogo interno, aquele que sempre anuncia acontecimentos especiais, me preveniu.

Eu estava prestes a entrar no “vespeiro”.

Às 8 horas e 30 minutos apareceu no hangar vermelho um Jeep “Quadratrac”, automático, fechado, equipado com sete lugares.

A escolta, integrada por um cabo e dois policiais militares, fez uma saudação, verificou minhas novas credenciais e se pôs a minha disposição.

O cabo se chamava Walter.

– Para o “vespeiro”! – ordenei, enquanto entrava no Jeep.

Partimos, e o condutor se dirigiu ao sudoeste.

Caramba!

De repente, percebi.

Havia esquecido as chaves.

Foi preciso dar meia-volta e retornar.

Domenico, suado, saiu a nosso encontro. Corria pela rua de acesso ao hangar vermelho. Trazia as benditas chaves.

Resolvido o percalço, dirigimo-nos de novo ao “vespeiro”. Não conversamos.

Os rapazes eram jovens.

Carregavam os célebres subfuzis “M3A1”, brilhantes e prontos.

E pensei: “Também não é para tanto”.

Mas deixei Curtiss agir. Nesses assuntos, ele sabia mais que eu.

Se os “falcões” suspeitassem que eu tinha um “DR” procedente do “berço”, e que estava prestes a decifrá-lo, adeus.

Kissinger poderia confiscá-lo.

O problema era: quanto tempo levariam para perceber a manobra do general?

Como disse, em Edwards os rumores não corriam, voavam.

O “vespeiro” se erguia a oeste da área restrita, perto dos alambrados, do *smoker* número dois e de uma das torres de vigilância.

Alguém o havia isolado de propósito.

Era uma das joias da coroa.

O acesso não era fácil. Ficava a três quilômetros dos hangares e dos pavilhões principais da Fog.

Ao sul do “vespeiro”, a cerca de 20 metros, sobrevivia um velho edifício de telha-vã de uralita. Era como da família. Proporcionava às vezes um simulacro de sombra. Havia bebido todos os sóis de Mojave desde 1952.

Ali parou o “Quadratrac”.

Pulei do Jeep e me encaminhei apressado ao único edifício existente na área: o “vespeiro”.

A escolta tomou posições.

O “vespeiro” era um monstro de concreto e chumbo, de nove por seis metros e mais cinco de altura, sem janelas, pintado com as cores do deserto.

Os muros, de um metro de espessura, eram espetaculares.

Eram revestidos com placas de chumbo eletrolítico, com uma pureza de 99% e 30 centímetros de espessura. Era uma liga secreta. O chumbo continha uma pequena dose de pirocatecol¹ que tornava inviável qualquer tentativa de fotografia aérea.

O telhado era plano e igualmente forrado de chumbo.

À direita do edifício, via-se um pequeno complexo, timidamente geminado, também de concreto, que protegia os depósitos de gás e abrigava o necessário para a manutenção do “vespeiro”.

Tudo foi pensado para burlar os aviões de reconhecimento e os satélites russos (!).

Chamavam-no de “vespeiro”² porque desde o início as vespas do Mojave – grandes como dedais – o haviam escolhido para a construção de seus ninhos. E os faziam de uma forma singular. As pequenas colmeias, pretas e esféricas, eram feitas nos muros, sempre no lado contrário ao dos ventos dominantes nessa época.

Dessa forma, conhecendo a posição das colmeias, os pilotos sabiam com antecedência quais eram os ventos que os ameaçavam.³

Em suma: as vespas eram os meteorologistas mais certos de Edwards.

Um soldado no alto da torre de vigilância nos observava com binóculos. Ergui o braço e o saudei.

O coitado ficou em posição de sentido.

Empurrei a porta com dificuldade.

Pesava 200 quilos.

Eu não me lembrava mais da baixa temperatura do lugar. Oscilava entre 4 e 5 °C. Isso era essencial para o melhor funcionamento dos delicados sistemas.

De início era uma bênção. Só de início.

Praticamente tudo continuava igual.

Fazia muito tempo que eu não punha os pés no “vespeiro”.

Ao abrir a porta, automaticamente o computador situado à direita (tomarei a porta de chumbo como referência) acionou suas luzes, todas embutidas nas paredes. Era um computador gêmeo do “Papai Noel”, também com memória de cristais de titânio.⁴ Estava conectado a três periféricos, que chamávamos de “tôner”. Trabalhavam, entre outras tarefas que não devo revelar, como impressoras a laser, tipo toner (uma tinta seca que atuava sobre o papel mediante um sistema eletrostático). Haviam sido fabricados pela Centronics Corporation em Nashua. Tratava-se do modelo 101, habilmente manipulado pelos especialistas militares.

Era uma maravilha.

Cada “toner” lia ou imprimia à razão de 80 mil dígitos por minuto, com velocidades que oscilavam entre 280 e 1.066 cópias por segundo.

O resto do “mobiliário” era formado pela reserva de papel (não cuchê) muito abundante de 120 gramas por metro quadrado, uma caixa-forte à esquerda da porta e uma mesa com duas cadeiras no centro da sala.

O cofre era um obeso “Wes 149” de um metro de altura especialmente modificado pela USAF. Estava parafusado no chão. O prisioneiro tinha uma porta impressionante, de cinco polegadas de espessura. Teria resistido a uma temperatura interna de 350 °C. Foi fabricado com aço blindado com manganês e dispunha de um sistema de combinação biométrico.⁵

A mesa e as cadeiras eram igualmente prisioneiras, mas podiam se mover (se alguém fizesse a gentileza.).

Ativei os sistemas. Cumprimentei o gêmeo do “Papai Noel” (como sentia sua falta!) e realizei duas checagens rotineiras.

Em um instante o computador advertiu que “estava tudo pronto”. Eu podia introduzir a “pérola” e verificar o conteúdo do “leitor de sonhos”.

Mas hesitei.

Se o “toner” selecionado trabalhasse mediante impulsos elétricos, a central de segurança da Fog detectaria imediatamente os referidos passos.

Foi um erro de Curtiss, e também meu.

Não devia correr riscos.

E pensei no fornecimento de gás.

Se o “toner” em questão fosse alimentado por este último procedimento, a máquina não registraria os passos. Só ficaria registro do gasto de gás, mas no contador do depósito. Um gasto, aliás, mínimo. Para descobrir a manobra, alguém teria que ir até a cabine de manutenção do “vespeiro” e consultar o conteúdo do tanque.

Isso me pareceu pouco provável.

Dito e feito.

Saí do *bunker* e fui rapidamente para o edifício que guardava o gás.

A escolta me viu, mas continuou na sua, fumando entediada.
O rapaz da torre procurava o que não existia: russos infiltrados.
Chequei os dois tanques.
Tudo em ordem. Nível: 95%. Capacidade de cada tanque: quatro metros cúbicos.
Havia combustível de sobra.
Chequei os demais parâmetros.
Pressão de trabalho: 20 bar. Temperatura: -20 °C. Pressão de prova: 30 bar. Foi o suficiente.
E abandonei o recinto.
Notei agitação nas escoltas.
O rapaz da torre havia localizado uma cascavel.
A patrulha correu para o lugar, localizou o perigoso ofídio e um dos soldados atirou com seu subfuzil.
Péssima ideia.
A detonação podia acabar alertando o pessoal da Fog.
Maldição!
Tinha que agir com rapidez.
E disse para mim mesmo: “Por que tanta preocupação? Você está cumprindo ordens”.
Tranquei-me no “vespeiro” e me preparei.

9 horas e 45 minutos.
Introduzi o “DR” no computador e procedi ao quinto *loop*.⁶
A “espera” foi nenhuma (!). A descarga se registrou em um milésimo de bilionésimo de segundo (10^{-15}).
As telas ofereceram uma primeira visão do conteúdo do “leitor de sonhos”.
Observei incrédulo. Solicitei mais informação.
Oh, Deus!
Nisso, bateram na porta.
Caramba!
Desliguei e atendi ao chamado.
Era Walter, o cabo.
Alguém estava perguntando pelo oficial no comando. Esse era eu.
Caminhei até o “Quadratrac” e atendi ao rádio.
Era um suboficial da central de segurança.
Tal como imaginei, haviam ouvido o tiro. Queriam saber o que havia acontecido.
O cabo contou a verdade, mas exigiram a presença do oficial no comando, se houvesse um.
Eu me identifiquei e confirmei a versão de Walter.
Alarme falso.
Aí terminou a comunicação, mas fiquei inquieto.
Em questão de minutos toda a Fog saberia que eu estava no “vespeiro”. Tinha que me apressar.

Dez horas e dez minutos.

Tranquei-me novamente no “vespeiro” e procurei me acalmar.

Comecei tudo de novo.

Liguei, e o computador ofereceu a mesma visão.

Analisei o que tinha a minha frente a grande velocidade.

Não havia dúvida.

Fiquei atônito.

Como era possível? Não conseguia recordar.

E assim se passaram 30 minutos, mais ou menos.

E aconteceu de novo.

Bateram na porta pela segunda vez.

Maldição!

Desliguei os sistemas e abri de novo.

Era um dos soldados da escolta.

Apontou um Jeep, um CJ5 de dois lugares. Estava estacionado junto ao “Quadratrac”.

Uma dupla de policiais militares conversava com o cabo.

Não gostei daquilo.

Tudo estava se complicando desnecessariamente.

Aproximei-me, saudei e perguntei aos policiais o que estava acontecendo.

Ao que parecia, não estavam satisfeitos na central de segurança. Precisavam de mais informações sobre o incidente.

Walter se ofereceu para mostrar os restos da serpente.

Um dos recém-chegados se dirigiu a seu veículo e falou pelo rádio.

Autorizaram-no a ver a serpente.

Aquilo era de enlouquecer.

Fomos até o local e os policiais examinaram a cascavel. Era um *Crotalus durissus* verde amarelado de quase 1,80 metro. Sua mordida era fatal.

E estávamos nessa quando reparei no “vespeiro”.

Eu havia deixado a porta aberta!

Os soldados discutiam. Tinham que levar o ofídio, mas não sabiam onde guardá-lo. E o que era pior: nenhum dos dois se atrevia a pôr a mão nele.

Parecia morto, mas...

O soldado da torre se divertia muito.

O que devia fazer? Eu precisava de uma solução, e rápido.

Não precisei pensar muito.

Logo vimos aparecer outro Jeep. Era um “Commando”, muito maior.

Parou na área dos alambrados onde estávamos e um capitão desceu. Atrás dele desceram outros quatro policiais militares.

Comecei a tremer.

Em breve, toda a Fog estaria ali.

Tive que controlar o nervosismo.

O capitão fez uma saudação e interrogou primeiramente seus policiais. Explicaram e apontaram a serpente.

Depois, ele se dirigiu a mim, bateu continência e expôs o que já sabia.

E tornaram a discutir.

Decidi acabar com aquilo.

Fui até a cascavel, peguei-a pela base da cabeça e a levantei.

Os soldados deram um passo para trás, temerosos.

Não havia problema. Estava morta.

E me dirigi ao “Commando”.

Seguiram-me intrigados.

Joguei o crotalídeo na parte de atrás do Jeep e dei por encerrado o assunto.

O capitão se desculpou. Entraram nos veículos e se afastaram.

A escolta me observou com certo temor reverencial.

E quem isto escreve, sem mais delongas, dirigiu-se a seu trabalho.

Que nada...

Eu estava perto do “vespeiro” quando os vi voltar.

Caramba!

O capitão pulou novamente do Jeep, dirigiu-se ao cabo Walter e perguntou pelo soldado que havia matado a cascavel. O garoto se apresentou. Deu seu nome e outro policial militar exigiu seu subfuzil. Examinou-o. Verificou o número de projéteis disparados e devolveu o M3A1 ao confuso soldado.

Novas saudações e nova poeirada.

Afastaram-se.

O cabo tentou acalmar o outro, do subfuzil.

Rotina.

Fechei a porta de chumbo, respirei fundo e repeti as operações.

Senti uma profunda emoção.

Como era possível?

Por mais que me esforçasse, não conseguia recordar. Mas ali estava.

Era real. O computador não mentia.

12 horas e 30 minutos.

E estava nessa, contemplando “aquilo”, quando bateram na porta uma vez mais.

“O que é agora?”

Tive que desligar a máquina.

Entreabri a porta e encontrei o rosto infantil de Walter.

Estava suando.

– Deseja comer alguma coisa, major?

Precisei de alguns segundos para reagir.

– Sim... não.

– Sim ou não? É a hora do almoço, senhor. Um dos rapazes vai voltar ao hangar para buscar comida.

– Não, obrigado – corrija, por fim.

Dei um sorriso forçado e agradei a atenção. Não era de comida que eu precisava.

Precisava de paz e que ninguém voltasse a bater naquela maldita porta.

Fechei.

Não acreditava em meu azar... e no que continha o “DR”.

A “pérola” que havia aparecido pendurada em meu pescoço acabou se revelando um tesouro.

Reunia os diários completos de quem isto escreve e todos os exames feitos por Eliseu e por este explorador ao longo dos três “saltos” no tempo.

Um tesouro, sim.

Parabenizei-me.

Ali estavam os informes sobre os sudários do Filho do Homem,⁷ os espetaculares resultados do chamado corpo “glorioso” do Ressuscitado,⁸ as informações que conduziriam, algum tempo depois, ao histórico achado do “suporte” ou “habitação” da alma,⁹ as investigações de meu irmão sobre as amostras de DNA (decisivas para demonstrar que Jesus de Nazaré não foi concebido de forma sobrenatural),¹⁰ as conclusões do Papai Noel sobre o prodígio de Caná,¹¹ análise de vegetais, estudos sobre o pergaminho da “vitória”, sobre o jade preto, sobre Yehohanan, sobre Rute, os textos completos de minhas conversas secretas com o Homem-Deus e uma longa lista de documentos aos quais me referi ou dos quais falarei no momento certo (suponho).

Fiquei desconcertado e feliz ao mesmo tempo.

Ali estava tudo, ou quase tudo.

Senti falta, evidentemente, dos papiros nos quais relatava as viagens confidenciais de Jesus, pouco antes de sua vida de pregação. Não fiz o correto. Não realizei a transcrição.

O incêndio na ilha de Nahum acabou com eles.

E me propus a escrevê-los de novo. Eu os recordava muito bem, palavra por palavra.

Precisava de tempo e de um lugar afastado onde me retirar. Ali revisaria meu “tesouro” e o atualizaria.

Mas como?

Precisava imprimir o conteúdo da “pérola”. Fora da base de Edwards, o “DR” não servia para nada. Precisava de uma cópia em papel, e, acima de tudo, tirá-la daquele recinto militar.

Naquele momento, creio, comecei a maquinar como realizar a operação. E me senti desconcertado também.

Uma velha dúvida, teimosa e encurvada, surgiu diante de mim.

Quem passou aquela monumental informação do banco de dados do “Papai Noel” ao “DR”? Tentava recordar, mas não conseguia. Não tinha consciência de algo assim.

Fui até o final dos diários muitas vezes. Analisei tudo em busca de uma pista.

Negativo.

A última coisa escrita por este explorador nos mencionados diários remontava a novembro do ano 27.¹²

Depois fiquei com Eliseu e não voltei ao Ravid.

Não conseguia.

Não recordava.

E o bom senso pôs um nome diante de mim: Eliseu.

Foi ele?

Às 18 horas e 58 minutos o sol se afastou pelo oeste, entediado.

Compreendi.

A escolta estava naquela torradeira havia muitas horas.

Desliguei o computador e pendurei o “DR” no pescoço.

Pouco depois, voltávamos ao hangar vermelho.

Havia sido um dia intenso e afortunado. O “tesouro” estava a salvo, aparentemente. E continuei me interrogando: “Quem fez aquilo?”.

A intuição tocou meu ombro e sussurrou um nome.

Mas, ao chegar à sala do assistente de Curtiss, eu me distraí.

Domenico confirmou a partida do general para Washington D. C. A equipe diretora o acompanharia.

Não mencionei meu achado. Teria tempo de dar a notícia a Curtiss.

Fiquei só o necessário na Fog e, após coordenar o encontro com a escolta para o dia seguinte, retirei-me ao pavilhão dos oficiais.

Walter e os outros haviam começado a se afeiçoar a mim.

E prossegui com o que importava: Como burlar a vigilância na área restrita? Como tirar uma cópia da base? Era um material volumoso. Tinha que pensar, em primeiro lugar, em um jeito de escondê-lo. Depois, em como cruzar a barreira sem levantar suspeitas.

Não era simples.

Não importava. Faria o impossível. O mundo tinha direito de saber.

Mas tinha que ser especialmente cuidadoso. Se o “DR” caísse nas mãos dos “falcões”, adeus a meus sonhos.

Fui ao supermercado e comprei minha cota diária de frutas.

Foi quando reparei em uma coisa.

“Aquilo podia ser a solução.”

Acaricieei a caixa de madeira que continha os figos e fiz alguns cálculos mentais.

“Poderia servir.”

Naquela noite, Joco me atualizou sobre os rumores que corriam pela base.

Nixon, arrogante, havia se negado a entregar as fitas que a justiça exigia. Era o que presumíamos.

E pensei em Curtiss.

A negativa do presidente a colaborar na investigação do caso “Watergate” podia ocasionar desgostos ao chefe do projeto. E assim foi.

Esqueci o delicado assunto. Já tinha bastante com que me preocupar.

E o japonês falou também das serpentes, no plural, que haviam sido capturadas naquela manhã na área do “vespeiro”.

Fiquei perplexo.

Não era uma cascavel, e sim dez (!).

Enfim, Joco sabia de tudo, ou quase tudo.

Naquela noite dormi com uma obsessão: tirar o “tesouro” de Edwards. Eu o levaria para longe. Leria tudo, atualizaria. Depois, tinha que conseguir que fosse difundido, mas não sabia como.

Tentei me tranquilizar.

Meu avô, o caçador de patos, dizia: “Primeiro chegue ao rio. Depois, atravesse-o”.

Não foi uma noite fácil. Tive pesadelos.

Um deles, em particular, deixou-me inquieto. Pareceu-me premonitório, como tantos.

Eu não estava enganado.

O sonho aconteceu em uma casa de campo, à margem do mar.

Era dia.

De repente, saí à varanda e vi uma mulher. A seu lado, de ponta cabeça, vi um menino nu.

O rosto era de Curtiss (!).

A mulher abriu-lhe as costas com uma faca.

Não saiu sangue.

Extraíu algo do corpo, depositou-o em um copo de vidro e o mostrou para mim.

Eu conhecia a mulher, mas não recordava de onde.

No copo flutuava algo negro e espesso. Não era líquido.

Desci ao jardim, examinei o copo de perto e entendi que o conteúdo podia ser pólvora.

Experimentei.

Não era pólvora.

Nisso, levantei a vista.

Pelo mar vi se aproximar uma gigantesca e solitária nuvem branca e preta palpitante.

Relacionei-a com a glória de Yaveh descrita no Antigo Testamento.

Era uma nuvem “inteligente”. Fervia.

Dirigia-se para nós ameaçadora.

Era Yaveh, que queria vingança por meus pecados.

Fiquei aterrorizado.

Instantes depois, quando a nuvem vinha para cima de mim, o alarme do despertador me acordou.

Na sexta-feira, 27 de julho (1973), voltei à Fog bem cedo.

Levei agasalho.

A mesa, as cadeiras e a caixa-forte espiaram meus movimentos, invejosas.

E fiquei lendo.

Aquilo era fantástico! Ali estavam todos os detalhes.

E foi ao longo dessa manhã que recebi o título que deveria encabeçar os diários: “Cavalo de Troia”.

Não sei se mencionei. Faz tempo, muito tempo, que acredito que as ideias e pensamentos não são nossos. Que os recebemos. Isso é tudo.

No início da tarde a escolta me avisou. Alguém estava me chamando no hangar vermelho.

Que estranho! Curtiss estava fora.

Domenico me pôs em contato por telefone com o general. O chefe do projeto queria falar com quem isto escreve.

Foi uma conversa breve e cifrada.

Compreendi os receios de Curtiss.

– Como foi a caça? – perguntou com impaciência.

– Ótima, meu general.

– Explique. Quero detalhes, detalhes.

– A pérola é verdadeira.

Curtiss captou o sentido:

– Valiosa?

– Eu diria que muito valiosa.

– Excelente, mas quão valiosa?

Vi-me em um aperto.

– Teria que mandar avaliar, meu general.

– Continua com você?

– Durmo com ela. Havia pensado em levá-la este fim de semana a um joalheiro fora da base e fazer uma cópia.

O general adivinhou minhas intenções e me interrompeu:

– Nem pense nisso!

E acrescentou moderando o tom:

– Sei de uma boa joalheria em Rodeo Drive, em Los Angeles, mas iremos juntos. Estrella nos acompanhará. Ela entende de diamantes.

– Pérola – interrompi. – É uma pérola, meu general.

– Isso mesmo. Entendeu?

– Sim, devo esperar, nada de cópias.

E acrescentou imperativo:

– Nada de joalherias desconhecidas! Esse presente merece o máximo respeito!

Entendi.

– Voltarei a Edwards na quarta-feira, 1º de agosto, se esse “infeliz” me permitir.

Imaginei que se referia a Kissinger.

A reunião entre o assessor presidencial e o general Curtiss, como já mencionei, aconteceria na segunda-feira, 30 de julho.

– É uma ordem! – concluiu Curtiss. – Guarde a pérola e espere meu retorno! Não a tire daí!

Não gostei da decisão do general. Foi algo instintivo.

Os “falcões” voltariam na segunda-feira, 30, ou talvez no dia 31. Eu tinha que aproveitar aquele fim de semana.

Era uma oportunidade única.

Mas, por ora, obedeci.

Voltei ao “vespeiro” e continuei a ler os diários.

Não demorei a comprovar que os problemas me cercavam.

Algumas passagens não deviam cair nas mãos de Curtiss nem de ninguém. Sobre tudo a confissão de Eliseu ou minha tentativa de suicídio.¹³

Assinalei-as. Se chegasse o momento de imprimir o “tesouro”, as referidas passagens seriam suprimidas.

Mais adiante, veríamos.

Evidentemente, na hora de publicar os diários os textos seriam respeitados integralmente.

E estava nessa, concentrado na leitura, quando a intuição apareceu.

Não sei como entrou. Sentou-se a meu lado e me observou muito séria.

Deixou um pacote em minha mente, levantou-se e desapareceu.

Olhei a minha volta, desconcertado.

Não estava mais lá.

Perguntei à caixa-forte e aos “toners”. Deram de ombros.

Nunca haviam visto uma mulher tão delicada e tão bonita.

Abri o pacote e encontrei uma frase:

“Imprima o ‘tesouro’.”

Isso significava desobedecer à ordem de Curtiss.

E recordei o que o Mestre repetia sem parar: “A intuição nunca trai”.

Era verdade.

É a razão que chega depois da intuição e, ao julgar, estraga tudo.

Não hesitei.

Chamei o cabo e perguntei se podia me arrumar caixas de madeira. Caixas vazias de frutas e hortaliças. Na cozinha da Fog eu havia visto umas.

Walter escutou perplexo, mas reagiu de forma inteligente:

– Quantas, major?

– Oito ou dez está bom.

Duas horas depois o Jeep voltava com dez caixas de madeira vazias.

Excelente.

Coloquei-as no “vespeiro” e as examinei com atenção.

Haviam servido para armazenar pêssegos romanos.

Eu os conhecia. Degustara-os no pavilhão dos oficiais. Eram enormes, dulcíssimos, de caroços vermelhos.

As caixas mediam 40 × 40 centímetros.

Achei que eram perfeitas para meus propósitos.

Na madeira, pintado de vermelho, lia-se “La Mimosa” e o local de procedência: Riverside, na Califórnia.

Concluí os cálculos e deduzi que cinco caixas seriam suficientes. Agora precisava de corda, sacos plásticos e um total de 80 pêssegos.

No dia seguinte, sábado, podia arranjar a fruta.

Com um pouco de sorte a introduziria na área restrita na manhã do domingo, 29. Seria o momento adequado. A presença na Fog era mínima.

Os habitantes do “vespeiro” me contemplavam desconcertados.

Aquilo era pura maluquice.

A caixa-forte murmurava e cochichava com os periféricos. Estes, por sua vez, comentavam com a mesa.

“O que essas caixas de fruta toscas e primitivas faziam em um lugar santo como aquele?”

As cadeiras olhavam com ódio, mas não disseram nada.

Eram nascidas em Seattle, e todo mundo sabe como se comportam no Estado de Washington.

Não prestei atenção.

Eu estava ocupado.

Naquela noite arranjei uma corda, uma tesoura, os sacos plásticos pretos e um saco de pêssegos romanos deliciosos.

Joco me viu entrar com o carregamento e tentou ajudar.

Agradei, mas dispensei. Eu podia lidar com tudo.

E me refugiei no quarto com novas maquinações.

O plano não ia falhar.

O problema era tirar a cópia de dentro de Edwards. Eu não tinha nem a mais remota ideia de como fazer aquilo.

Confiei no Destino. Ele sabe.

E acredito que sabia!

O sábado, 28, foi outro dia de tensa calma.

Dei-me uma folga. Estava precisando.

A escolta descansou e eu dediquei parte do dia a pensar e a conversar com Josué, meu cacto favorito.

Dei-lhe água e lhe contei parte de minha vida.

Eu era um sujeito estranho: tinha 36 anos de idade, mas aparentava 80. Havia conhecido um Homem-Deus. Conversara com Ele. Ele me revelara segredos. Fora testemunha de seus prodígios e de sua morte. Estava apaixonado, mas meu amor era violeta. Tentara me suicidar e fora salvo por um computador. Esse Homem-Deus me ensinara que a vida não é a realidade e que estamos condenados a ser felizes em curto prazo. E lhe falei de *Abba*, o Pai Azul que nos imagina, que nos dá a imortalidade, e a quem chegaremos um dia.

Josué olhava do alto com seus olhos cor de mostarda e repetia:

– Coitadinho, coitadinho...

A questão é que o Pai Azul acabou intrigando-o.

E perguntou:

– É outro general?

Como é difícil explicar a supersimetria!

E me lembrei do Galileu e de suas dificuldades para se aproximar da verdade.

– De certo modo, sim – repliquei. – Manda muito, mas não se nota.

– Então, é um bom general. Onde fica o posto de comando?

– A base fica em uma ilha distante, além das estrelas. É a base Paraíso. Todos chegaremos ali, mas para isso é preciso morrer. Além do mais, ele habita a mente humana.

– Como assim? Tem um quartel-general em uma ilha e habita os humanos?

– Isso mesmo. Foi isso que proclamou o Homem-Deus. É um segredo. Nem mesmo os anjos sabem.

– Anjos? O que são?

– Sargentos, mas com menos mau caráter.

– Compreendo. E há uma área restrita nessa base?

– Não sei. Acabei de começar o caminho.

– Tem que haver – murmurou o cacto. – Em todas as bases há segredos.

– E que segredo poderia esconder o Pai Azul?

– Penso em um: esse Deus são muitos.

– Ora!

– Acredite. Estou aqui há muito tempo e não faço mais que pensar e negociar água. Não é um Deus. São muitos.

– Pode ser que você tenha razão.

– E pergunto eu: por que esse Pai Azul habita só os humanos?

– As coisas, os vegetais, os animais, tudo tem direito a perdurar.

Ocorreu-me uma coisa. Não sei se uma bobagem, mas eu disse:

– Poderia ser um problema logístico. Na realidade, pode ser que não haja espaço para tanta gente.

Josué me olhou incrédulo.

E acrescentei, tentando justificar minha ousadia:

– O céu, dizem, cabe na palma da mão.

– Não entendi.

– Não importa. Seja como for, você não vai morrer.

– Até parece.

Fiquei sério e reafirmei:

– Você é imortal porque vive na memória de alguém.

O cacto sorriu também em cor de mostarda e agradeceu minha delicadeza.

– Agora você vive em minha memória – acrescentei –, e um dia viverá na de muitos.

– Na de muitos?

– Um dia – declarei solene –, nossas conversas serão lidas por muitos.

– Pretende escrever um livro?

– Algo assim.

– E mencionará o cacto que era todo cor de mostarda?

Assenti.

– Não poderei comprá-lo – lamentou. – Sou prisioneiro.

– Ninguém é prisioneiro quando um Deus o habita.

– Fale-me Dele.

– O Espírito da Verdade nos preenche e se preenche. É um truque dos céus. Ele dá e recebe em troca.

– O que pode receber de uma pobre *Yucca brevifolia*?

– Informação, justamente, sobre as *brevifolias*. O que são? Como se comportam? Qual é sua linguagem? O que deseja um cacto? Por que são tão bonitos? O que veem dessa altura? Enfim, eu poderia prosseguir até amanhã.

– E tudo isso, para quê?

– Para maior glória dos Deuses. Eles, assim, estão a par de suas misérias e de seus sonhos. É assim que tudo é um. E o mais baixo e primitivo ascende de mãos dadas com um Deus.

Josué não pôde resistir e formulou a pergunta capital:

– Quem lhe ensinou isso?

Fiquei em silêncio.

Ele não teria acreditado.

E Josué insistiu:

– Vai me fazer imortal? Vai me levar na memória?

Assenti de novo. E acrescentei:

– A partir de agora, você viajará na mala das recordações.

E surpreendi a mim mesmo.

Falar com as coisas (supostamente inanimadas) não é tão louco. Tudo está habitado pela Divindade.

Desde então, a grama, as pedras solitárias, o pó da estrada, as nuvens que passam, os

horizontes, os brilhos distantes, as invejadas aves, os monstros marinhos, os grãos de areia, os animais que cruzam meu caminho, o que toco e o que não toco, o visível e o invisível, tudo me inspira um respeito infinito. O Espírito da Verdade, outro formidável Deus, está em todos eles. Se falo com eles, também falo com Ele.

Quando me afastei do bosque, Josué chorou verde de pura emoção. Nunca havia parado para pensar que era um templo.

Nessa noite, Joco, o japonês, me informou sobre o enterro duplo celebrado em Arlington.

Curtiss, em seu discurso, chamou os diretores falecidos de heróis.

Eu sabia que eram mais que heróis.

¹ Em química orgânica, o pirocatecol é denominado orto-dihidroxibenzeno e costuma ser obtido por descarboxilação do ácido protocatéquico. Tem todas as propriedades dos fenóis, destacando-se como bom redutor, em especial do óxido de prata. Ao ser transformado em orto-benzoquinona pode ser utilizado como revelador fotográfico. O Major não fala das características da liga chumbo-pirocatecol. (N. de J. J. Benítez.)

² Nos diários do Major aparece como *wasp's nest*. (N. de J. J. Benítez.)

³ Naquela região, os ventos mais temíveis são os chamados do “diabo”. Procedem do leste e do sudeste e costumam aparecer na primavera e no outono. Também são denominados ventos de Santa Ana, mas esse nome, com toda a probabilidade, é uma corrupção de Satã ou Satanás. Assim os espanhóis chamaram os referidos ventos do “diabo”, que sopram carregados de areia e elevam consideravelmente a temperatura. Quando aparecem, as casas se enchem de pó e de vinganças. Os ventos do “diabo” limpam o ambiente, proporcionando à base uma estimável visibilidade. Era nesse momento que os *smokers* mais trabalhavam. Às vezes, ao entardecer, surgiam também os *sundowner* ou ventos do pôr do sol. Eram fortes e irritantes. O resto do ano pertencia aos ventos do Pacífico, mais suaves e femininos. (N. do M.)

⁴ Ampla informação sobre “Papai Noel” em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ Para abrir o cofre, era necessário apresentar uma digital específica. O “Wes” tinha uma capacidade de armazenamento de 30 digitais. As baterias resistiam a mil aberturas. (N. do M.)

⁶ O Major não esclarece a natureza da operação. Um *loop*, em informática, é uma instrução, ou conjunto de instruções, cuja execução se repete até que se atinja um objetivo (geralmente uma condição de saída). (N. de J. J. Benítez.)

⁷ Ampla informação em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

⁸ Ampla informação em *Cavalo de Troia 3 – Saidan*. (N. de J. J. Benítez.)

⁹ Ampla informação em *Cavalo de Troia 3 – Saidan*. (N. de J. J. Benítez.)

¹⁰ Ampla informação em *Cavalo de Troia 6 – Hermon*. (N. de J. J. Benítez.)

¹¹ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

¹² O texto ao qual o major da USAF faz alusão diz assim: “Voltei ao Ravid em várias oportunidades. Precisava pensar. Precisava saber o que fazer. Escrevi muito. Deus! Rute e Eliseu iam partir, e eu não podia fazer nada por nenhum dos dois. Kesil chorava, e chorava ainda mais quando me via. Ele sabia de minha impotência. Ajudei no que pude. Dei-lhe a dimetilglicina que ficava na nave e procurei novos antioxidantes nas frutas (especialmente no melão, no pêssago, no limão e na amora), na carne, no aspargo e no espinafre. Todos continham betacaroteno, tocoferol, selênio e ácido ascórbico. Não foi suficiente. O mal continuava avançando. Não me afastei dele durante dois meses.” (Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*). (N. de J. J. Benítez.)

¹³ Ampla informação sobre ambos os acontecimentos em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

Joco também participara da operação Riverside, mas eu nunca soubera.

Irei passo a passo.

Naquela manhã de domingo, 29 de julho, o japonês me levou até a barreira de acesso à Fog.

Seu carro “Cowboy”, de 1971, coberto de imagens dos Beatles, era famoso em todo o Mojave.

Ele me ajudou a descarregar o saco com os pêssegos romanos e esperou que a polícia militar telefonasse para a patrulha que devia me escoltar.

Um dos soldados abriu o saco, observou as frutas e me olhou perplexo. Não disse nada.

Adivinhei seus pensamentos: “Esses aviadores são loucos”.

Ele me permitiu passar e me afastei no Jeep que havia estacionado junto à barreira.

Era domingo, mas ninguém achou estranho.

Na Fog se trabalhava o tempo todo.

Mudaram de escolta.

E às 8 horas e 30 minutos eu estava de novo em frente ao computador, pronto para continuar a revisão dos diários.

O saco de pêssegos também não foi do agrado dos habitantes do “vespeiro”. “Isto parece um mercado apache”, diziam.

Problema deles.

E o dia foi igualmente excitante.

Não, excitante não é a palavra.

Como definir?

O hipotético leitor destas memórias que o julgue.

Aconteceu no meio da manhã.

Que estranho!

Sou minucioso em tudo que faço.

Até demais, segundo Eliseu.

E ainda mais no que dizia respeito ao Filho do Homem.

Como era possível?

Repassei várias vezes.

Não havia dúvida: eu estava diante de um *lapsus calami*, um erro escrito e evidentemente involuntário.¹

Aparecia em um texto correspondente ao 12 de maio do ano 26. Nessa passagem, quem isto escreve tomava referências no chamado vau de Josué, perto de Betânia (a do Jordão).²

Ao descrever o candelabro situado no alto do monumento das Doze Pedras, este explorador havia escrito o seguinte: “Ao longo dos dois braços inferiores do candelabro foi gravado um texto de Zacarias (4,6): ‘Ele me respondeu, dizendo: Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos exércitos’. Nos restantes cinco braços, repartido, lia-se outro texto do mesmo profeta: ‘São estes os sete

olhos do Senhor, que discorrem por toda a terra’.”.

Pois bem, uma das frases apresentava um erro.

Em vez de “São estes os sete olhos do Senhor” li: “Também o sétimo são os olhos do Santo” (Zacarias 2,7).

Era estranho...

Zacarias (2,7) não diz isso.³

Fiquei pensativo.

Muito estranho...

Mas prossegui.

Imaginei que tivesse me distraído.

Corrigi o lapso e prossegui a leitura um tanto contrariado.

Não gosto de errar em nada relacionado ao Filho do Homem. A história e a tradição já contêm demasiados erros.

Mas as surpresas não terminaram aí.

Pouco antes do entardecer, quando já ia voltar ao pavilhão dos oficiais, espantei-me de novo.

Olhei várias vezes.

O que estava acontecendo?

Aquilo não era normal. Eu não fazia as coisas daquele jeito.

Mas ali estava, claríssimo.

Cinquenta páginas depois do primeiro erro, detectei uma segunda anomalia.

Não podia acreditar em minha burrice.

Nessa ocasião, o texto falava do acontecido em 14 de junho, também do ano 26 de nossa era. Quem isto escreve estava na prisão do Cobre. Tentava localizar Yehohanan. Fui conduzido por um dos guardiões aos aposentos de Nakebos, prefeito da temida prisão existente na foz do rio Yaboq.

O “amarelo” ordenou que esperasse em uma sala e fiquei só durante alguns segundos. As paredes estavam decoradas com textos de diversos profetas. Tive tempo de ler um dos escritos. Era de Jó (28,5-11).⁴

Dizia assim: “Quanto à terra, dela procede o pão, mas por baixo é revolvida como por fogo. As suas pedras são o lugar de safiras, e têm pó de ouro. A ave de rapina não conhece essa vereda, e não a viram os olhos do falcão. Nunca a pisaram feras altivas, nem o feroz leão passou por ela. O homem estende a mão contra a pederneira, e revolve os montes desde as suas raízes. Corta canais nas pedras, e os seus olhos descobrem todas as coisas preciosas. Ele tapa os veios d’água para que não gotejem; e tira para a luz o que estava escondido”.

Como disse, fiquei perplexo.

Havia outros erros ali; não importantes, mas chamativos.

A palavra “raiz” havia sido modificada, e em seu lugar se lia “milho”.

Fiquei desconcertado.

Eu não devia ter escrito algo assim.

O milho não era conhecido em Israel na época do Mestre. Chegou à Europa muito depois, após a descoberta da América.

Caramba!

Mas, insisto, pareceu-me estranho.

Enfim, podia ter me equivocado ao digitar, é evidente.

A segunda anomalia era mais escandalosa.

Onde devia dizer “e tira para a luz o que estava escondido” dizia: “e cada erro conduz à luz” (Zacarias 3,1).

Li de novo, atônito.

No “vespeiro” eu não tinha os textos bíblicos, mas os recordava de cabeça. Zacarias, no capítulo 3, versículo 1, não diz o que eu havia escrito nos diários.⁵

Como pude cometer esses erros?

Dei de ombros e atribuí aquilo à forte tensão daqueles momentos.

E me dispus a corrigi-los.

Mas, subitamente, algo me deteve.

Agora sei. Foi essa “força” misteriosa e benéfica que sempre me acompanha. Retifico: que sempre nos acompanha.

E o instinto avisou.

Mas, burro, não percebi.

Limitei-me a anotar as “anomalias”.

Voltei ao pavilhão dos oficiais francamente preocupado.

Consultei as citações bíblicas. As lidas nos diários, efetivamente, estavam erradas.

O que havia acontecido comigo?

Havia localizado dois erros (na verdade, cinco). Quantos mais poderia ter cometido?

Tinha que revisar os diários com lupa.

Era intolerável!

Realmente, estava ficando velho.

Na segunda-feira, 30 de julho, entreguei-me a uma minuciosa revisão dos diários.

Não encontrei nada anormal, por ora.

Aquilo me acalmou.

O essencial na história do Homem-Deus estava impecável.

Os diretores não voltaram nesse dia.

Deduzi que haviam decidido esperar em Washington D. C. o fim da reunião decisiva entre Kissinger e o general Curtiss. Como já disse, essa reunião aconteceria na manhã da segunda-feira.

O “negócio” era tão simples quanto notável: se o assessor presidencial para assuntos de segurança nacional desse seu aval para o informe “Zero”, a “Raio negro” entraria em ação.

Curioso.

Com o passar dos dias, a imagem de meu colega Eliseu também começava a desvanecer.

Como a vida está bem projetada!

E, enquanto lia, continuei amadurecendo o que chamei de operação Riverside. Em outras palavras: como tirar da base de Edwards uma cópia em papel do conteúdo do “DR”. Eu sabia que, cedo ou tarde, Curtiss ordenaria a impressão dos diários. Se queria lê-los, o lógico seria que o fizesse com comodidade. Era impensável que se sentasse em frente a um computador durante horas e horas. Esse tipo de consulta era desconfortável e perigosa. Alguém podia

enfiar o nariz e fazer perguntas embaraçosas.

Oficialmente, como mencionei, o “DR” não existia.

E comecei a me animar.

Tinha de imprimi-lo. Esse era o primeiro passo. Depois, veríamos.

Naquela noite, Joco me informou sobre o que havia acontecido na capital federal. A reunião entre o general e Kissinger havia sido um sucesso para todos, menos para Curtiss.

A “Raio negro” recebera “luz verde”.

O japonês não sabia mais nada.

Os “falcões” – imaginei – deviam estar esfregando as mãos.

Curtiss foi derrotado.

E me perguntei: “O que fará o general? Pedirá demissão?”.

Curtiss era cabeça-dura. Duvidei que quisesse seguir à frente de um projeto que repudiava (embora suas verdadeiras razões não fossem honestas).

Nesse caso, se o general se demitisse, o que aconteceria comigo?

Os “falcões” me desprezavam. Qualificaram-me de traidor. Mais ainda: que seria de meu “tesouro”?

Se Curtiss fosse retirado do projeto Swivel, o mais provável é que eu desaparecesse junto. Desaparecesse ou algo pior.

Essa sim era uma razão de peso para acelerar a impressão do conteúdo da “pérola” e, acima de tudo, para tirar a cópia da Fog.

À merda as ordens!

Tinha que agir com rapidez e precisão.

Não podia me permitir nem uma só falha.

Quem sabe o que aconteceria a partir da quarta-feira, 1º de agosto, com o retorno de Curtiss...

E me retirei para descansar.

Precisava planejar direitinho.

Ali no quarto me aguardava outra surpresa.

Ao abrir a porta, eu a vi.

Fiquei quieto, com a mão na maçaneta.

Como havia entrado?

Que pergunta mais tola! Eu nunca trancava a porta.

Ao me ouvir, voltou-se.

Estava sentada em frente à mesa. Xeretava meus papéis.

Estava belíssima, como sempre.

Vestia uma túnica de gaza azul até os pés. Ou era uma camisola?

Era linda, sim...

Olhou-me com aqueles olhos rasgados e penetrantes e disse tudo com um olhar.

Estava muito séria, como sempre.

Seus cabelos negros descansavam sobre os ombros.

Percorri-a com a vista e senti um intenso prazer.

Ela apontou para a cama, mas não disse nada.

Eu não estava entendendo.

Ela notou, ergueu-se e continuou me olhando intensamente.

Procurei sorrir, mas meu sorriso evaporou. Senti meus joelhos tremerem.

E a mulher indicou a cama de novo.

A gaza me permitia ver sua nudez.

Seus pequenos seios me fascinaram.

E ela manteve a mão esquerda levantada apontando o leito.

Foi quando reparei “naquilo”.

Em cima da cama, em um canto, havia um pequeno pacote embrulhado em papel de presente.

– É para você – falou por fim.

– Por quê? – balbuciei. – Não nos conhecemos o suficiente.

– Isso não importa agora.

Hesitei.

Sempre hesito com as mulheres, e com aquela mais ainda.

– Abra.

Caminhei para o canto da cama, peguei o presente e tentei abri-lo, desajeitado.

Tive que me sentar no leito e respirar fundo.

Por fim, consegui.

Ela continuava em pé me observando.

Sei que estava se divertindo.

Era uma caixinha.

Contemplei-a intrigado.

Era de papelão azul como o mar.

Era lógico, procedendo de quem procedia.

E, lentamente, retirei a tampa.

Oh!

O pacote continha uma pérola negra muito bonita, e um papel, também azul, com uma frase:

“Leve-me para longe.”

Quando compreendi e levantei a vista, a linda mulher havia desaparecido.

Era a intuição que me visitava de novo.

Havia me dado um presente interessante.

Seguiria seu conselho.

Imprimiria o conteúdo da “pérola” e o levaria para longe, muito longe.

Passei a noite inquieto com medo de tudo e de todos.

Estava desconfiado.

¹ Nos diários foram detectados erros. O Major os justifica em uma nota que aparece no final de *Cavalo de Troia 9 – Caná*. Diz assim: “Nos presentes diários foram introduzidos – intencionalmente – erros de terceira ordem, assim como afirmações não provadas e inconclusas, acontecimentos anunciados e não narrados, e supressões que não afetam o essencial. Tudo isso se deve à necessidade de diminuir, dentro do possível, a credibilidade do narrado.” E acrescento: alguns desses erros intencionais foram iniciativa minha. (N. de J. J. Benítez.)

² “O vau de Josué” – escreve o Major – “era um lugar especialmente santo. Segundo a tradição oral e os livros sagrados, foi naquele trecho do Jordão que ocorreu o primeiro prodígio do caudilho Josué, o homem que ficou responsável pelo “povo escolhido” após a morte (?) ou desaparecimento (?) de Moisés. Ao chegar à margem, Yaveh ordenou a Josué que introduzisse a arca da aliança na água. E assim fez. Quando os sacerdotes que carregavam a arca entraram no leito, as águas do Jordão pararam 30 quilômetros acima, dizem que na região de Adam e Damiya (vau das Colunas), e o povo e o gado atravessaram o Jordão. Em memória a esse milagre, Josué mandou tirar 12 grandes pedras do leito seco do rio e ergueu um monumento. Cada pedra representava uma das 12 tribos de Israel (as que haviam atravessado o leito).” (N. de J. J. Benítez.)

³ Zacarias (2,7): “E eis que saiu o anjo que falava comigo, e outro anjo lhe saiu ao encontro.” Trata-se de uma visão de Zacarias (a terceira) vinculada ao “medidor”. Nada a ver, portanto, com o que estava à minha frente. (N. do M.)

⁴ Ampla informação sobre essa passagem em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ Zacarias, em 3,1, escreve textualmente: “Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava à sua mão direita, para se lhe opor.” (N. do M.)

Na terça-feira, 31, bem cedo, tranquei-me no “vespeiro”.

Walter e os outros cuidaram de novo da proteção.

Eu tinha que me apressar e ser prudente e eficaz.

Naquela mesma noite, com toda a probabilidade, a equipe diretora e Curtiss estariam de volta à base.

Tudo devia estar concluído antes do entardecer.

Antes do entardecer?

Em uma hora havia liquidado o “negócio”.

Os habitantes do “vespeiro” olhavam e não acreditavam.

Vantagens da supertecnologia.

Mas como ia dizendo...

“Aqueci” as máquinas e preparei o “toner”. Tudo estava pronto para a reprodução em papel dos diários. Ou melhor, tudo menos o previamente apagado. Mais adiante (?), se o Destino julgasse oportuno e se os diários devessem ser difundidos, restituiria as passagens censuradas.

Pronto.

Às 7 horas e 2 minutos o computador entrou em ação e a cópia viu a luz em seis segundos (!).

Impressionante!

De início, interpretei isso como um erro.

Revisei. Olhei. Olhei de novo.

Tudo OK. De primeira.

Não havia erros.

Ali estavam os diários quase completos.

A caixa-forte parabenizou os “toners”, e estes, por sua vez, ao computador. A mesa chorou de emoção. As de Seattle, já se sabe, continuaram silenciosas e estupidamente verticais.

A sugestão do computador deu resultado.

Ao imprimir frente e verso, o número de folhas se reduziu à metade. Ainda assim, o volume era considerável: milhares de folhas.

Total de toques, segundo o computador: 11.627.204.

Acaricieei o papel com emoção. Ali estava a quase totalidade de minhas vivências e conversas com o Filho do Homem.

De fato, um tesouro... que não era de minha propriedade, nem da USAF.

Ordenei os papéis, embrulhei-os nos sacos plásticos e os amarrei com carinho.

A seguir, fui depositá-los nas caixas de madeira.

Precisei de cinco.

Perfeito.

E chegou a vez dos pêssegos romanos.

Os cálculos foram exatos.

Coloquei nove no alto de cada saco preto e assim camuflei o verdadeiro conteúdo. Agora sim pareciam caixas de frutas.

Em uma possível vistoria, a polícia militar pensaria que se tratava de pêssegos.

E, de repente, aquela velha conhecida, a dúvida encurvada e berrante, parou diante de quem isto escreve e soltou na minha cara:

– Acha que os policiais militares são idiotas?

Caramba!

Novos problemas.

Como ia tirar os diários da área restrita?

E comecei a pensar.

Mas o sucesso, por ora, havia mudado de lugar.

Não sabia como resolver a questão.

Precisava de um veículo, naturalmente, e de uma desculpa que fizesse os policiais olharem para outro lado.

Que desculpa?

Eu não tinha nenhuma.

Contemplei as cinco caixas e comecei a me desesperar.

Tanto trabalho para nada...

A caixa-forte moveu a cabeça com preocupação e comentou:

– É, você tem um problema.

As de Seattle falaram, por fim, e compararam o “vespeiro” com um cercado e com um contubérnio (no sentido figurado, suponho).

A propósito, sobraram 14 pêssegos.

E prossegui a leitura dos diários na tela do computador.

De vez em quando olhava as cinco caixas e sentia um calafrio. A operação Riverside estava em ação, mas...

E me perguntei: Por que os calafrios? Pelo crescente temor ou pelos 5 °C do “vespeiro”?

Por volta das 13 horas bateram na porta.

Ora, esqueci... Hora de almoçar.

Pois não.

Ao abrir, encontrei um Walter pálido e nervoso. Até seu subfuzil tremia.

A patrulha observava de perto.

Pareciam consternados.

– Que foi?

O cabo baixou o tom de voz.

Que coisa ridícula! Estávamos no meio do nada!

– Estão dizendo na Fog que Curtiss... – e retificou –, estão dizendo na Fog que o general Curtiss morreu.

Precisei de alguns segundos para reagir.

Havia ouvido perfeitamente, mas perguntei:

– O quê?

Walter assentiu com a cabeça mecanicamente.

A cor de seu rosto ia e vinha.

O M3A1, de ponta cabeça, também parecia muito afetado. Nem brilhava.

Chacoalhei o cabo exigindo uma explicação.

O garoto replicou como pôde:

– Dizem que estava nesse avião que caiu em Boston.

Olhei-o incrédulo.

– Que avião? Do que está falando?

– Boston – repetiu sem tino – Boston... Boston...

Não consegui tirá-lo daí.

Ali o deixei.

E empreendi uma louca corrida pelo deserto em direção ao hangar vermelho.

Segundos depois, parei.

“O que estava fazendo? Por que estava correndo?”

O hangar ficava a três quilômetros.

E lembrei: havia deixado a porta do “vespeiro” aberta!

Meu “tesouro”!

Voltei sobre meus passos à mesma velocidade.

A patrulha havia se mobilizado e se dirigia de Jeep para quem isto escreve. A julgar pela poeira, a toda velocidade.

Chegaram a mim e frearam.

Não parei.

Continuei correndo e me perdi no pó.

Imaginei a cara das escoltas, desconcertadas.

E ouvi gritos.

Era Walter. Chamava-me.

Não liguei.

Cheguei ao “vespeiro” e, sem pensar, fechei a porta.

Foi quando percebi.

Maldito idiota!

Havia deixado as chaves em cima da mesa! Não tinha como abrir!

Não houve tempo para mais nada. O Jeep deu marcha a ré e se situou em frente ao “vespeiro”.

Eu continuava olhando para a porta como o que era: um perfeito inútil.

– Major! – gritou o cabo. – Vamos!

A voz de Walter me devolveu à realidade.

“Curtiss.”

Pulei no veículo e voamos – literalmente – para os pavilhões da Fog.

Aqueles poucos minutos foram intermináveis.

Procurei pensar rapidamente.

“Se o general havia morrido, o que eu devia fazer? Fugir? Tentar tirar a cópia dos diários da base? Como? Precisava de ajuda. Sim, fugiria para o fim do mundo. Eu não tinha nada a fazer naquele deserto. Tinha que espalhar a grande mensagem. Esse era o objetivo. Os ‘falcões’ acabariam comigo. Como disse: precisava sair de Edwards.”

Notei agitação nos pavilhões.

Isso não era nada bom.

Alguns olhavam pelas janelas.

Observei rodinhas de pessoas.

Contemplavam-nos ao passar.

Senti um nó no estômago.

Outra vez aquela sensação familiar.

E pensei na úlcera péptica.

Meu Deus, outra vez não!

Corri para a sala do assistente do general. Domenico se assustou ao me ver.

– O que aconteceu? – perguntou alarmado.

Respirei fundo e olhei para ele sem saber como abordar a questão.

E pensei: “Por que Domenico parece tão tranquilo?”.

– O que houve? – perguntou de novo o assistente.

– Isso é o que quero saber.

– Entendo. Ouviu rumores...

Foi nesse instante que descobri que tudo se devia a um dos malditos rumores que corriam diariamente pela base.

Expus o que havia acabado de ouvir sobre Curtiss e ele sorriu de má vontade.

– Eu sei, o telefone não para de tocar.

E o assistente me tranquilizou.

Havia acontecido um novo acidente aéreo, sim, mas o voo procedia do Canadá.

O general Curtiss e os diretores voavam naquele momento para Los Angeles.

Deixei-me cair em uma das cadeiras, desarmado.

E ali fiquei até bem avançada a tarde.

Esqueci o “vespeiro”.

Com o passar das horas, os ânimos na Fog foram se acalmando; relativamente.

O avião sinistrado era um McDonnell Douglas DC-9-31. Havia caído pela manhã no aeroporto Logan, em Boston (Massachusetts). A névoa, ao que parecia, fizera que o aparelho, com 89 pessoas a bordo, batesse num muro existente no final da pista. O DC-9 acabara se incendiando.

Por ora, haviam sido recuperados dois sobreviventes.

Após o impacto, os restos do avião se precipitaram na baía de Boston.

O voo, da companhia Delta Air Lines, procedia de Montreal (Canadá).

Domenico, paciente e eficaz, forneceu-me outro jogo de chaves do “vespeiro”.

Eu me despedi da escolta e me dirigi ao pavilhão dos oficiais.

O que havia acontecido naquele dia tinha que me servir de lição.

Se Curtiss morresse ou renunciasse, quem isto escreve tinha que saber o que fazer.

Eu não confiava em ninguém.

Vi com clareza: minha retirada da USAF estava se aproximando. Mas, antes, tinha que me apoderar da cópia dos diários.

E continuei maquinando, maquinando...

“Como tirá-la de Edwards? Tinha que conseguir antes que os ‘falcões’ se dessem conta da existência do ‘DR’. Talvez já soubessem. Isso não era possível. A ‘pérola’ era um segredo

entre mim e Curtiss. Intuí: a quarta-feira, 1º de agosto, podia ser crucial naquele labirinto. Quarta-feira? Isso era o dia seguinte. Tinha que ficar alerta.”

Naquela noite de terça-feira, 31, o bar de Joco era um ferredouro de fofocas.

Uns acusavam Nixon do novo sinistro aéreo.

Não tinham ideia do que estavam dizendo.

Outros afirmavam que os atentados continuariam. Curtiss – diziam – era um perigo para Nixon. Sabia demais.

Nisso tinham razão.

O general era uma bomba-relógio para o presidente.

Curtiss prognosticara: “O ‘Watergate’ será seu túmulo político.”

E os rumores se propagaram como uma mancha de óleo.

“Curtiss estava com os dias contados.”

A maior parte desses rumores era pura fofoca, pura falsidade. Mas nem todos, a julgar pelo que aconteceu 28 dias depois.

Naquela noite dormi pouco e mal.

Peguei papel e lápis e tentei traçar a segunda parte da operação Riverside. Assim como Einstein, só compreendo o que posso desenhar.

Mas essa segunda fase – tirar os diários da área restrita – resistia.

Não achava a solução.

Pedia ajuda a Domenico? Usava um veículo oficial? Cortava o alambrado e fugia com a cópia?

Esqueci o mais importante: Curtiss.

Acabei dormindo em cima da mesa com o lápis na mão.

Às 7 horas daquela quarta-feira, 1º de agosto de 1973, eu estava novamente no “vespeiro”.

O instinto me advertiu.

O general chegaria de uma hora para outra.

Assim foi.

Chequei a caixa de pêssegos. Tudo parecia em perfeito estado para a revista. E esperei colado à tela do primo do “Papai Noel”.

Faltava muito para revisar.

E às 8 horas bateram na porta.

Ao abrir, encontrei à escolta em posição de sentido e pálida como papel de fumo.

Em frente ao *bunker* descobri o “Wagoneer” branco e impecável do general.

Ainda rugia.

Era um potente veículo militar com 155 cavalos e faróis sorridentes.

Eu o havia visto muitas vezes, mas falávamos pouco.

Domenico o dirigia.

Curtiss desceu do “Wagoneer” e caminhou decidido para a porta em que eu estava.

O assistente me cumprimentou.

O cabo me observou de soslaio e perguntou com o olhar: “E agora?”.

Compreendi.

Era a primeira vez que um general da USAF passava revista em sua tropa de brinquedo.

Acalmei-o com um gesto.

Não serviu de nada. Walter continuou tremendo, e também seu subfuzil.

O general passou pela frente da escolta e, como suspeitava, nem olhou. Havia começado a preparar um de seus charutos.

Saudei, e Curtiss correspondeu, mas com o charuto.

E entrou rapidamente no *bunker*.

Fechei a porta e lhe ofereci assento. As de Seattle se sentiram recompensadas, enfim.

O general foi direto:

– O que você tem?

Fiquei em silêncio.

Fui até a caixa número um. Retirei os pêssegos, desamarrei a corda, abri o saco plástico e extraí um maço de folhas.

Curtiss olhava atônito.

Depositei as folhas em cima da mesa e o convidei a ler:

– A “pérola” é de primeira, meu general.

Curtiss ia acender o charuto. Não permiti.

Ele resmungou e acabou mordiscando-o.

O computador e os “toners” piscaram para mim. De nada.

E a leitura dos diários o capturou.

Perguntei se queria café.

Não respondeu.

Isso significava que sim.

Saí e solicitei uma garrafa térmica ao chefe da escolta. Aproveitei para trocar impressões com Domenico.

O assistente não resolveu minhas dúvidas. Desconhecia as intenções do general sobre continuar ou não à frente do projeto Swivel. Não sabia ou não quis se comprometer.

E anunciou o que sabia: Kissinger havia dado luz verde à “Raio negro”, e a equipe diretora trabalhava a todo vapor na preparação dele.

Insisti.

– Curtiss vai continuar como chefe do projeto?

Domenico deu de ombros e evitou meu olhar.

Não gostei daquilo.

Domenico estava escondendo alguma coisa.

A leitura dos diários se prolongou por toda a manhã.

O assistente do general estava perplexo. Curtiss não havia saído para fumar nem uma única vez.

Eu continuei na minha, atento à tela do computador.

De vez em quando observava Curtiss.

Estava concentrado na leitura. Ele mesmo pegava as folhas da caixa de frutas e tornava a se sentar.

Do charuto não restava nada. Ele o havia comido, literalmente.

Às 13 horas levantou os olhos do papel. Contemplou-me como se fosse a primeira vez que me via e declarou:

– Bom trabalho!

Eu não sabia a que se referia exatamente.

Também não indaguei.

O que me preocupava era outro assunto.

O general se levantou, guardou as folhas e se entreteve amarrando a corda. Depois, feliz da vida, foi colocando os nove pêssegos sobre o saco preto, disfarçando o conteúdo da caixa.

Concluída a manobra, reconheceu sorridente:

– Foi a melhor desobediência de sua vida.

– Sim, meu general – balbuciei.

Ele ficou sério, com o olhar perdido nas cinco caixas. Logo voltou à realidade e comentou:

– Temos que tirar isso daqui. Principalmente agora.

O que quis dizer?

Fiquei com a primeira frase.

Era o que eu pretendia!

– Tem alguma ideia? – interveio Curtiss.

Neguei com a cabeça.

Estava dizendo a verdade. Não sabia o que fazer.

Curtiss caminhou em silêncio junto aos “toners”. Acariciou-os com a ponta dos dedos e acabou se reunindo a quem isto escreve em frente à mesa e às de Seattle.

Olhou-me fixamente e proclamou:

– Acho que sei como fazer.

Não deu explicações. E eu, como um tolo, também não perguntei.

Consultou seu relógio:

– A que horas escurece?

Digitei no computador e repliquei:

– Às 18 horas, 54 minutos e...

Não me deixou terminar. Sorriu satisfeito e sentenciou:

– Não, você não tem jeito...

Abriu a porta e, quando já ia sair, ordenou:

– Espere meu retorno.

– Sim, meu general, mas...

– Estarei de volta ao anoitecer.

Pôs um pé do lado de fora e, de repente, como se houvesse se lembrado de algo importante, voltou-se e acrescentou:

– A propósito, você não acha que eu mereço umas férias?

Eu não sabia o que dizer.

Férias? Por que essa pergunta?

– Suponho que sim, meu general.

Foi a única coisa que consegui pensar.

O que ele pretendia?

– Lembre-se – concluiu –, não saia daqui.

Apontou para as caixas de pêssegos e reconheceu, baixando o tom de voz:

– Essa “pérola” é realmente valiosa. Você tinha razão. É melhor avaliá-la bem e conservá-la devidamente.

– Sim, meu general.

Aguardei, atento ao monitor azul do computador.

Não detectei novas anomalias.

Isso me tranquilizou, em parte.

O que o general estava maquinando? Como pretendia tirar as cinco caixas de folhas do “vespeiro”, e especialmente da área restrita?

Era questão de esperar.

Às 18 horas e 57 minutos bateram na porta.

O sol havia acabado de se pôr.

Era Walter.

Apontou para os pavilhões.

Pela estrada de pó cabeceava um 4 × 4. Estava com os faróis acesos.

A luz violeta e rasante do deserto o perseguia inutilmente.

Era um velho e barulhento Hardtop de 1964; um CJ6 verde oliva, com sete janelas de acrílico e capacidade para oito humanos.

Freou em frente ao “vespeiro”.

Eu não podia acreditar.

Curtiss estava ao volante!

Domenico o acompanhava.

Que diabos estava tramando?

Andei intrigado ao redor do veículo militar. Era antigo, mas teimoso. Os bancos da parte de trás haviam sido retirados.

Recordei as características: carga útil, 372 quilos; torque, 11,75 quilos; velocidade mínima sustentada (em TT), 5 quilômetros por hora; peso máximo, 590 quilos; freios hidráulicos; tração de árvore dianteira com um *transfer* de duas velocidades; apoio para metralhadora de 30 milímetros.

Onde ele havia arranjado aquela velharia?

O general pulou do Hardtop e fez uma saudação.

Santo Deus!

Estava de uniforme de campanha, com quepe de beisebol¹ e todas as suas medalhas (!), inclusive a DFC e a DSM.²

Quase soltei uma gargalhada, mas Domenico me fulminou com o olhar.

A escolta imaginou o pior, com razão.

Walter sussurrou em meu ouvido:

– Major, os russos desembarcaram?

Dei corda a sua suposta brincadeira:

– Não, Walter... É Pearl Harbor outra vez.

A tropa estava alucinada.

E o cabo, que não estava brincando, insistiu:

– Mas, major, o que vamos fazer? Quase não temos balas...

Quis acalmá-lo.

Curtiss era muito teatral.

E recordei o que ele havia aprontado em Massada com os beduínos.³

O general se dirigiu ao cabo e ordenou:

– Acompanhe-me, filho!

E seguiram para o “vespeiro”.

Corri atrás deles.

O que ele pretendia?

Ao ver as caixas com os pêssegos, o cabo ficou perplexo.

O general lhe disse que chamasse seus homens e que as carregassem na parte de trás do Hardtop.

Walter me olhou, confuso.

Assenti com a cabeça, e o cabo, confuso, esqueceu a ordem e foi levantar a primeira caixa. Mas seu subfuzil deslizou de seu ombro e se estatelou no chão. Pouco faltou para que disparasse.

E, por um momento, imaginei: Curtiss ferido no pé, todo cheio de sangue. Uma investigação. Alguém descobre a cópia dos diários. O general no hospital e eu na cadeia.

Apaguei os negros pensamentos e me concentrei no que tinha que me concentrar.

Recordei a ordem do general, e o cabo, acalmando-se, saiu atrás de seus homens.

Curtiss estava lívido.

Ameaçou pegar um charuto, mas proibiu novamente.

E a escolta acabou carregando as caixas de pêssegos romanos até o veículo.

“Foi uma operação militar rápida e brilhante”, nas palavras do general.

E acrescentou feliz:

– Como na Coreia.

Os olhos do general estavam brilhantes.

Deduzi que estava falando sério.

Concluída a “operação militar”, Curtiss deu mais duas ordens: a escolta deveria abrir caminho para nós com o Jeep até a barreira de saída da Fog, e quem isto escreve acompanharia o general e seu assistente no Hardtop.

Walter me olhava estarecido.

Adivinhei seus pensamentos.

“De onde haviam saído as cinco caixas de pêssegos? Ele havia me fornecido dez, mas vazias. Agora haviam transportado cinco, mas cheias.”

Não sei se ele era crente e pensou na multiplicação dos pães e dos peixes.

Nessa cena eu não estive.

Também não esclareci nada. Para quê?

Pendurei a “pérola” no pescoço, fechei o “vespeiro” e combinei com o cabo de nos vermos no dia seguinte, no lugar e hora de costume.

Domenico se acomodou de novo no banco do passageiro.

Não tive opção.

Entrei na parte de trás do Hardtop e me acomodei como pude no chão do veículo.

Os 45 pêssegos me olhavam redondos.

E com as primeiras estrelas que surgiram no Mojave – ninguém queria perder uma cena como aquela –, alcançamos a barreira e o controle da polícia militar.

Comecei a tremer.

Havia chegado a hora da verdade.

Os pêssegos romanos me viram transpirar e continuaram redondos de puro susto.

Os policiais reconheceram o “condutor”.

E ficaram em posição de sentido.

Um cabo se aproximou da janela do general, bateu continência e introduziu uma forte lanterna na cabine.

Domenico piscou incomodado, mas permaneceu impassível.

O cabo identificou igualmente o assistente e repetiu a saudação.

Domenico replicou rápido.

Ninguém fez perguntas nem houve comentário algum.

O policial caminhou, então, pela lateral esquerda do veículo e focalizou a lanterna através do acrílico das janelinhas.

Viu-me em um canto.

Iluminou-me durante vários segundos e fez uma saudação.

Correspondi, mais morto que vivo.

Eu continuava suando de terror.

A luz passou depois por entre as caixas de frutas e finalmente se apagou.

Os pêssegos e quem isto escreve respiraram.

O cabo fez um sinal ao soldado da barreira e este a levantou.

A PM ficou em posição de sentido de novo e Curtiss acelerou bruscamente.

Tive que segurar as caixas.

Aquele homem não sabia dirigir. Freava ou acelerava sem medida e sem razão. O coitado do Hardtop arfava.

As medalhas do general e as estrelas do Mojave tilintaram atordoadas.

Os pêssegos começaram a ficar tontos.

Meu coração também teve que se segurar.

O único impassível era Domenico.

E imaginei os comentários da PM: “Isso é o fim do mundo, tão anunciado pelos maias. E isso é um sinal: os generais roubarão pêssegos da tropa”.

Procurei me distrair.

Eu havia conseguido! A cópia dos diários estava em meu poder!

Agora, tinha que planejar onde escondê-la.

Pensei no pavilhão dos oficiais.

Negativo.

Talvez...

E lembrei que não tinha família nem amigos.

Onde, então?

Bom, isso não importava. Encontraria um local.

E depois?

Pensei em encaderná-la. Era o mais confortável e mais prático.

Depois, deixaria passar um tempo. Reuniria o material em uma mala. Melhor, em duas. Não, melhor em um baú. E chegaria o momento decisivo: publicaria meu “tesouro”.

No Vaticano?

“Está louco!”

Era melhor procurar um jornalista. Em Washington há uns muito bons.

Mas, de repente, aquelas especulações foram interrompidas.

Ouvi Curtiss falar, mas não entendi as palavras.

O assistente respondeu, mas também não consegui compreender.

Estavam falando em outro idioma.

Afinei os ouvidos e escutei:

– *Ave Maria, gracia plena... Dominus tecum...*

Oh!

E Domenico replicou:

– *Benedita tu in mulieribus et benedictus fructus ventris tui...*

Caramba, era latim!

Depois, prosseguiram em inglês:

– Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

Ou eu muito me enganava, ou aquilo era um rosário.

O general iniciava as chamadas “décimas” e Domenico as completava.

E eu pensava que já havia visto tudo... mas não.

E a noite engoliu o esforçado Hardtop.

Às 19 horas e 43 minutos daquele importante 1º de agosto (1973), o veículo freava violentamente em frente ao pavilhão dos oficiais.

Todos respiramos aliviados.

Olhei os pêssegos romanos e me perguntei: “Como vou subir com as caixas para meu quarto?”.

Desci do Hardtop e esperei ordens.

“Talvez Domenico e Joco pudessem me ajudar.”

A ideia não me agradou.

Joco faria perguntas, com certeza.

Podia descobrir o artifício.

Esse não era o caminho.

“Eu subirei com elas. Devagar, caixa por caixa.”

Também não me pareceu boa ideia.

Enquanto subia uma das caixas, as outras quatro teriam que ficar abandonadas.

Nem pensar!

Curtiss continuava ao volante. O assistente e o general falavam... ou rezavam.

“E que alternativa resta?”

O general por fim saiu do veículo.

Estava feliz. Havia começado a fumar.

Avançou para quem isto escreve e, sem mais nem menos, me abraçou.

O gesto me confundiu.

Não entendi.

Senti as medalhas frias. Ou foi o coração de Curtiss?

E declarou:

– Continue seu trabalho no “vespeiro”. Meu assistente o manterá informado.

Apontou com o charuto para o Hardtop e exclamou sorridente:

– Estou com muita leitura atrasada.

Saudou com o charuto, e a fumaça desenhou uma espécie de sinal de interrogação na noite. Eu não soube ler a advertência do Destino.

Deu meia-volta e voltou ao Hardtop, mas pela porta da direita.

Domenico havia se deslocado e ocupava agora o banco do motorista.

Eu compreenderia depois.

Tudo havia sido meticulosamente planejado pelo general.

Maldito bastardo!

E o veículo se afastou sem protestos.

Ali fiquei, como um imbecil, sem meu “tesouro”.

Eu o roubei da USAF e Curtiss, por sua vez, roubou-o de mim.

Nunca aprenderei.

Eu estava tão confuso e irado que precisei de tempo para descer à realidade.

Quando consegui, estava sentado no balcão do bar de Joco.

O japonês falava sem parar, mas não sei de quê.

“O que o general pretendia? Onde pretendia guardar os diários? Que intenções tinha?”

Aquilo tinha cheiro de vingança.

Era lógico supor que não voltaria à Fog com a cópia.

Então...

Tive que desistir. Meus pensamentos acabaram embaraçados.

Foi quando prestei atenção às palavras de Joco.

Falava da última novidade. A saber: a recente reunião entre Kissinger e Curtiss em Washington D. C., celebrada na segunda-feira, 30 de julho.

A operação “Raio negro” estava em andamento. Havia começado a contagem regressiva.

Uma nova tripulação foi designada.

Ouvi perplexo.

– Vão voltar – afirmou o japonês –, localizar o “berço” e trazê-lo de volta para casa.

E destacou:

– Com Eliseu ou sem ele.

Os “falcões”, ao que parece, haviam começado a calcular os detalhes.

– E Curtiss?

Joco deu de ombros. Depois, levou a mão direita ao pescoço e simulou uma decapitação.

– Ninguém dá um centavo por ele. Está duplamente amaldiçoado. Nixon o odeia, e Kissinger...

– Mas – interrompi – quem será responsável pelo projeto?⁴

Joco não sabia, mas prometeu se informar.

Perguntei a data e o lugar do “lançamento”.

– Antes do Natal, e possivelmente na Jordânia.

O japonês se defendeu:

– Foi o que ouvi.

Natal? Faltavam cinco meses.

Bastardos! Ninguém tinha certeza de que Eliseu estava vivo.

E tentei entrar de novo na mente de Curtiss.

“O que pretendia fazer com a cópia? Lê-la? Possivelmente. E depois?”

Imaginei que acabaria em algum canto de sua casa, ou, o que era mais provável, como combustível da lareira.

Pensei que ia ficar louco.

Como fora tão imbecil? Por que confiara naquele cínico carola?

Jordânia!

Eu havia lido isso no grande quadro-negro da sala das “tempestades”.

Mas por que esse país?

Recebi um pensamento: a guerra em Israel está se aproximando. A tensão é máxima.

Pensei em me apresentar ao general Curtiss e exigir o que era meu.

Ri com meus botões.

Em primeiro lugar, os diários, embora escritos por mim, não eram de minha propriedade.

Segundo: se eu exigisse algo assim, Curtiss ficaria irado e eu acabaria no deserto árabe (lugar favorito do chefe do projeto).

Passei parte daquela noite na companhia de Joco e do uísque.

Que se dane a úlcera péptica!

O que devia fazer?

Eu tinha a “pérola” e as chaves do “vespeiro”.

Curtiss ordenou que “continuasse com meu trabalho”; ou seja, com a revisão dos diários.

Podia imprimir-los novamente e tentar tirar a cópia da base.

O primeiro não era difícil. Quanto ao segundo...

Riverside 2?

Como? Outra vez em caixas de pêssegos?

Nem pensar! Dois raios não caem duas vezes no mesmo lugar.

Eu podia envolver Walter...

E assim passaram-se as horas, mareadas na mente calorenta de quem isto escreve.

Na quinta-feira, dia 2, ao entrar no “vespeiro”, outra surpresa me esperava.

Nunca imaginei algo assim.

Em cima da mesa apareceu um envelope lacrado cor de laranja.

Hesitei.

Curtiss o esquecera enquanto a escolta transportava as caixas de pêssegos?

O general não trazia nada nas mãos, salvo o charuto. Além do mais, Curtiss não era desses que esquecem.

No envelope li meu nome completo datilografado. E grafado corretamente.

A USAF nunca acertava...

O lacre me pareceu familiar. Nele se apreciava uma estrela invertida de cinco pontas.

Eu havia recebido um envelope similar em meu quarto, no pavilhão dos oficiais, assim que entrara na base de Edwards.

Em volta da misteriosa estrela lia-se a mesma frase: “Além da fidelidade”.

Que diabos era aquilo? Quem o enviava? Por que a mim?

Abri-o desconcertado.

Estava claro que alguém o deixara no *bunker* ao longo da noite anterior, a não ser que houvesse sido Curtiss.

Tornei a rejeitar a ideia. O general não tinha nenhum envelope laranja nas mãos. Eu teria visto. Ou estaria escondido?

Mas, se não foi Curtiss, alguém tinha uma cópia das chaves do “vespeiro”.

Eu me lembrava bem.

Eu o havia fechado.

Como era possível?

Teria sido Domenico?

Ele tinha acesso às chaves.

Descartei igualmente a ideia. Eu não via o comedido assistente do general embarcado em uma aventura dessas.

A porta de chumbo do “vespeiro” constava de três fechaduras tipo *go back*.⁵ O intruso tinha que estar em posse de três chaves. Do contrário não podia abrir.

E continuei me perguntando: se alguém estava capacitado para entrar, teria descoberto a

cópia dos diários quando estava escondida nas caixas?

Era muito possível...

Dentro do envelope descansava um papel branco idêntico ao que havia recebido na ocasião anterior.

No canto superior esquerdo brilhava o mesmo emblema (?), integrado por uma estrela de cinco pontas em relevo, azul-escuro, e invertida. No centro, um círculo vermelho.

Em volta da estrela, também em relevo, lia-se: “*Ultra fidem*”.

Aquilo, obviamente, não era casual.

Alguém estava tentando me dizer alguma coisa.

Mas, insisto, por que a mim?

Não conseguia entender o enigma.

Li perplexo.

Revisei o papel e o envelope.

Negativo.

Nem uma única pista.

Cheguei a cheirá-los.

Não tinha ideia de quem seria o autor da “brincadeira”. Ou não era uma brincadeira?

E outro assunto me intrigou: por que esse segundo envelope não fora deixado em meu quarto, no pavilhão dos oficiais, fora da área restrita? Entrar na Fog era arriscado.

Se era um louco, evidentemente gostava de jogar.

No centro geométrico do papel – como no caso precedente – havia sido datilografada uma palavra.

Eu não entendia nada.

Não sabia...

O que queria dizer? Ou melhor, o que tinha a ver comigo?

Era uma expressão em hebraico.

Quem havia escrito aquilo, sem dúvida, era alguém culto.

Dizia: “*Chilul hashem*”.

Significa “blasfêmia”.

Eu me sentei e contemplei a “mensagem”.

Além de tudo, a palavra havia sido escrita de ponta-cabeça.

Entendi menos ainda.

“Blasfêmia”? Por quê? A que se referia o autor? Eu não me considerava um blasfemo, muito menos no que havia escrito sobre o Homem-Deus.

Estava especulando. Talvez a “brincadeira” (?) tivesse outra intenção.

Recordei o primeiro papel. Dizia: “Marte, alerta”.

“Marte, alerta” e “Blasfêmia”.

Nem ideia.

Não fui capaz de sustentar um único pensamento coerente.

Tornei a repassar na memória o acontecido na noite anterior:

Escurecia quando bateram na porta.

Eram 18 horas e 57 minutos.

A “brilhante operação militar” demorou 33 minutos.

Fechei a tripla fechadura do “vespeiro” às 19 horas e 31 minutos, aproximadamente.

E partimos para o controle de entrada e saída da Fog.

Em consequência, o intruso deve ter entrado no *bunker* a partir das 19 horas e pouco.

Conclusão: alguém estava a par de nossos movimentos.

Conseguira entrar ao longo da noite.

Infelizmente, nenhum dos habitantes do “vespeiro” quis falar. Ou não sabiam, ou sabiam demais.

E o que era pior: esse “alguém” podia saber da existência da “pérola” e, evidentemente, da cópia dos diários.

A imaginação me arrastou para longe: esse “alguém” sabia tudo.

Foi inevitável.

Surgiu em minha mente a lembrança dos *darkdarn*, agentes especiais do DRS (Serviço de Investigação da Defesa), ao qual Eliseu pertencia.

Os “escuros do inferno”!

E me perguntei: estava exagerando?

Eliseu, em sua confissão, reconheceu que o número de “escuros” infiltrados na Operação Cavalo de Troia chegava a 52.⁶

Acabei afogado em minhas próprias reflexões.

Optei por deixar para lá.

Depois veria.

E me concentrei na leitura dos diários. Faltava muito para revisar.

Foi assim que esqueci – mais ou menos – o segundo envelope lacrado e a “perda” da cópia de meu “tesouro”.

Ao entardecer, Domenico me chamou.

Senti curiosidade. Que fim havia levado a cópia?

Mas não perguntei.

Limitei-me a escutar.

E o assistente foi me informando:

1. O general havia decidido tirar umas “merecidas férias”.

Curtiss havia insinuado isso, de fato.

Domenico repetiu as palavras do general: está com muita leitura atrasada.

Compreendi, mas não sabia se o assistente estava a par do verdadeiro conteúdo das caixas de pêssegos.

Não perguntei, como disse.

2. O general estava em sua casa de campo, na baía de Paulo, perto da cidade de Francisco.⁷

Não sabia especificar quando voltaria a Edwards.

3. Os “falcões”, com a reticência de dois diretores do projeto, trabalhavam sem descanso na preparação da “Raio negro”.

Isso eu também sabia.

As ordens de Curtiss eram claras: não me meter nesse assunto.

Domenico insistiu:

– Você obedecerá somente ao general, entendeu?

Assenti.

E o assistente acrescentou:

– Se lhe oferecerem participação nesse trabalho, o que eu duvido, recuse. Olhou-me fixamente e repetiu:

– Você está sob as ordens diretas do chefe do projeto.

Pouco faltou para que eu perguntasse sobre as diferenças entre Curtiss e Kissinger, mas a prudência tapou minha boca.

Nesse momento eu não imaginava que o próprio Curtiss me falaria do assunto.

Perguntei ao assistente sobre a data do “lançamento” da segunda nave.

Domenico não tinha certeza, ou fingiu não ter:

– Talvez no Natal.

Isso eu também sabia, graças a Joco.

4. Por ora, até segunda ordem, eu continuaria no “vespeiro” fazendo meu trabalho.

A “Raio negro” estava em andamento, mas eu devia ignorar isso.

Os nove dias seguintes transcorreram em calma. Uma tensa calma.

Algo estava sendo gestado na Fog e no Pentágono.

Algo muito grave.

Os “falcões” não me chamaram, e eu me alegrei por isso.

Reuniam-se o tempo todo.

A Fog soltava fumaça, literalmente.

E começaram a circular apostas no bar de Joco.

A tripulação da “Raio negro” – ainda desconhecida – pegaria o traidor.

Era impressionante. Todo mundo tinha certeza de que Eliseu continuava vivo.

Que eu soubesse, os satélites não haviam fornecido mais nenhum dado relevante.

Domenico só me chamou no hangar vermelho na manhã da segunda-feira, 6 de agosto. Mas, antes, aconteceu algo notável, embora este ignorante explorador tenha continuado alheio à importância do que ia descobrindo. Felizmente, tudo está escrito. Maravilhosamente desenhado por essa inteligência não humana que nos imagina.

Aconteceu no sábado, dia 4.

Por volta das 10 horas detectei um novo erro nos diários de quem isto escreve.

Fiquei irritado.

Na verdade, a irritação tinha outra origem, já comentada antes.

De repente, ao reler o texto sobre a primeira visita deste explorador (julho do ano 26) à chamada torre das “Verdes”, na companhia do fiel *sais* negro Tarpelay⁸, reparei “naquilo”.

Li desconcertado.

Outra vez!

Originalmente, quando escrita no Ravid, essa passagem dizia: “Decidi ir até o torreão. E ao chegar em frente à porta descobri duas inscrições, gravadas sobre o lintel. Uma, em *a’rab*, dizia: ‘Allat me protege. Mas quem me protege de mim mesmo?’. Allat era uma deusa árabe, correspondente posteriormente a Afrodite. A segunda gravação, também na pedra, estava em

grego: ‘Em boa sorte. Zeus Oboda ajuda Abdalgos, que construiu esta torre sob novos presságios, no ano 188, com a ajuda do mestre de obras Wailos e de Eutiques’.”

Pois bem, o que eu via na tela era o mesmo, mas diferente.

Li uma segunda e uma terceira vez.

Não tive dúvidas.

Era outro erro.

“Aquilo” não era o que eu recordava e o que havia escrito com a ajuda do “Papai Noel”.

O texto que estava diante de mim dizia assim:

“... Zeus Oboda ajuda Abdalgos, que construiu esta torre em cem entardeceres, no ano 025, com a ajuda do mestre de obras Wailos, de Eutiques e de Turing.”

Fiquei perplexo.

Como podia ser tão ignorante?

“Cem entardeceres”?

Não me lembrava de ter escrito nada parecido.

“Ano 025”?

Francamente, não compreendi o erro nem a forma de expressar a data.

Explico.

Eu nunca teria escrito “025”, e sim “25”.

Além do mais, no que havia redigido no alto do “porta-aviões”, eu me referia ao ano 188 (a.C.). Minha visita ao torreão, como disse, foi em julho do ano 26, e verifiquei que a construção era antiga. Era impossível que a datasse no ano anterior.

O negócio de Turing, por fim, me fez cair das pernas.

Estava bêbado quando escrevi?

Claro que não.

Então...

Como é que havia visto o nome daquele gênio da computação⁹ em uma inscrição em pedra, existente havia mais de dois mil anos?

Por mais que tenha pensado naquilo, não consegui esclarecer.

Era absurdo!

Eu admirava o trabalho de Turing, e Eliseu muito mais, mas isso não justificava sua presença nos diários.

Era a terceira anomalia.

Não sabia o que pensar.

Pobre idiota!

Quando vou aprender que Deus se diverte quando imagina...

Anotado.

Provavelmente, como disse, eu estava ficando velho.

Outra estupidez!

Velhos são os trapos. Eu era um idoso.

O resto do fim de semana seguiu sem maiores sobressaltos.

Dei água a Josué. Bebi pensamentos. Bebi no bar de Joco e gostaria de ter bebido mais uma vez na companhia do Filho do Homem e da ruiva.

Os rumores continuavam: a “Raio negro” estava pronta. A iminente guerra entre árabes e judeus a mantinha na “cidade subterrânea”. Havia sido designados quatro tripulantes, mas os

nomes eram meras conjecturas. Eu não constava dessa lista.

A impaciência me consumia.

Eu não sabia de Curtiss, e muito menos dos diários.

Tudo indicava que o general continuava lendo-os. Mas eu não podia confiar.

Quanto à operação Riverside 2, sinceramente, não avancei nem um pouco.

Eu estava bloqueado.

É evidente que tenho muito que aprender. O Destino não funciona com parâmetros humanos.

Na segunda-feira, 6 de agosto, fui chamado de novo pelo assistente do general.

Corri para o hangar vermelho.

Curtiss nos convidava para passar o próximo fim de semana em sua casa de campo, na baía de Paulo, ao noroeste do Mojave.

E quando digo “nós”, refiro-me a Domenico e a quem isto escreve.

– Não pode rejeitar um convite desses – meu colega, o major, tentou me convencer.

Eu não precisava de ajuda.

Aceitei com prazer.

De volta ao “vespeiro”, pensei: “A que se devia o convite? Curtiss era zeloso de sua intimidade. Nenhum de seus subordinados, que eu soubesse, era convidado à casa da baía de Paulo.”

Alguma coisa estava acontecendo.

E me preparei.

O instinto tocou meu ombro.

“Um fim de semana dá para muita coisa”, pensei. “Ficarei alerta.”

E começou a dança das suposições: “Curtiss me devolveria a cópia dos diários? Queria algum esclarecimento? Eu lhe perguntaria sobre a ‘Raio negro’. Por que este explorador não participava da nova operação? Ninguém conhecia o ‘terreno’ como eu”.

E surpreendi a mim mesmo: “Que insensatez isso que estava pensando! Eliseu possivelmente estava morto. O que importava a ‘Raio negro’?”.

E a realidade se impôs.

Queria ser gentil e retribuir a gentileza de Curtiss, na medida de minhas possibilidades.

O que podia levar?

Eu sabia pouco sobre os gostos do general.

Perguntei a Joco.

O japonês, conhecedor da furiosa antipatia de Curtiss pelos comunistas, sugeriu que lhe levasse uma caixa de charutos.

E riu, entretido.

Mandei-o passear, mas, pouco a pouco, a ideia me pareceu acertada.

O general era um fumante compulsivo, mas só de charutos.

Indaguei na base, e os contrabandistas de plantão me aconselharam e forneceram o melhor do melhor: uma caixa de charutos “Upmann”, chegada diretamente de Cuba. Eram os favoritos de Fidel (?).

O pacote dizia: “A camada madura acentua o sabor e o aroma”.

Os “Upmann” – afirmavam – eram para homens e mulheres corajosos. São doces e picantes ao mesmo tempo.

E pensei: “Fidel Castro é doce e picante ao mesmo tempo?”.

Não sei.

E o mais importante: “Como o general receberia o gesto? Jogaria o presente em minha cara? Quem sabe...”.

E me preparei para a singular oportunidade.

Não a esqueceria jamais.

¹ Se bem me lembro, o quepe tinha o nome do time Montana State Bobcats, ou algo assim. (N. do M.)

² DFC: cruz de voos distintos (pela guerra da Coreia). Constava de fita azul com uma faixa vermelha no centro bordada em branco. A DSM (medalha de serviços distintos) ele também ganhara na Coreia. Tinha fita branca guarnecida por uma faixa escarlate. Só as usava nas grandes ocasiões. (N. do M.)

³ Ampla informação em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ O projeto Swivel se dividia em outros programas. Ampla informação em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ O Major não dá detalhes sobre essas fechaduras. Em inglês, *go back* pode ser traduzido como voltar atrás. (N. de J. J. Benítez.)

⁶ Ampla informação sobre a confissão de Eliseu em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁷ Nos diários do Major se observa seu receio e desconfiança em relação a Paulo de Tarso, o discípulo que nunca conheceu o Mestre. Jasão não acreditava na santidade das pessoas. Por isso não o chamava de São Paulo. E o mesmo acontece com San (São) Francisco, a cidade. (N. de J. J. Benítez.)

⁸ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁹ Alan M. Turing foi um dos gênios da computação e da inteligência artificial. Hoje é considerado o precursor da informática. Em uma de suas viagens aos EUA participou do desenvolvimento dos computadores com memória de titânio. Durante a Segunda Guerra Mundial teve um papel de destaque na quebra dos códigos dos alemães. Uma de suas façanhas foi a chamada “máquina de Turing”. Enfim: demonstrou a possibilidade do impossível. Eliseu o adorava. Turing faleceu em 1954. (N. do M.)

Na sexta-feira, 10 de agosto (1973), bem cedo, Domenico passou para me pegar no pavilhão dos oficiais de Edwards.

Apareceu ao volante de um pequeno “Renegade II”, de 1971.

Eu sou fascinado por automóveis.

O “Renegade” era conversível, com um notável estrabismo no farol esquerdo e uma adaptação muito benfeita (motorização 4.0 de seis cilindros e 185 cavalos). Em outras palavras: a inveja da base.

Os bancos eram de cair de costas. O assistente os havia forrado com pele de zebra.

Revezamos para dirigir.

A baía de Paulo fica a 500 quilômetros da base.

Não sei se mencionei, mas, francamente, acho que isso não tem importância neste relato: Domenico era homossexual.

Na viagem, falamos de tudo um pouco.

Seu último companheiro havia acabado de abandoná-lo – após dez anos de relacionamento –, trocando-o por um sargento paraquedista baseado em Fort Campbell (Kentucky).

Ele estava desesperado.

Pensava em suicídio.

Não lhe recomendei. Eu falava por experiência própria.

A vida é uma oportunidade única.

Ele confessou que Curtiss e a fé o mantinham em pé. O general estava a par de sua situação.

Comecei a compreender a reza do rosário quando “fugíamos” da Fog com as caixas de pêssegos.

Enfim: ele se sentia perdido. Não acreditava na vida. Não sabia por que havia nascido com aquela “falha” e por que Deus o castigava de forma tão cruel.

Eu não disse nada.

Não posso passar a vida apagando incêndios e tentando provar que Deus não é responsável pela chuva.

Eis aí outra razão de peso para tornar públicos os diários de quem isto escreve.

Nos últimos 200 quilômetros, eu dirigi.

De repente, perto de nosso destino, com a Angel Island à vista, em um dos fugazes olhares no espelho retrovisor eu a vi sentada no banco de trás.

Ora!

Ela me olhava séria, como sempre.

Era a bela intuição.

Dessa vez não houve pacote/presente, mas ela me transmitiu uma curta mensagem: “Alerta!”.

Não compreendi.

Alerta? Por quê? Por Domenico? Por Curtiss?

Dei de ombros.

“Que seja o que Deus quiser.”

Ao olhar de novo, ela não estava mais lá.

E às 15 horas, conforme havíamos previsto, deixamos para trás a cancela de ferro que servia de entrada para a casa de Curtiss.

Um cão amarelo de raça indeterminada veio até nós, furioso pelo estrabismo do “Renegade”.

Chamava-se Henry.

Ora, por Deus!

A casa de campo de Curtiss era de uma cor nevada, nascida com o século na comodidade de alguns milhares de metros quadrados.

Os ventos do diabo a maquilavam de areia, mas Curtiss, intocável pelo desânimo, pintava-a pessoalmente todos os anos. Só o primeiro andar.

A propriedade e a casa foram herdadas de seu pai, e este, por sua vez, as recebera do seu, um buscador de ouro que, segundo as más línguas do condado, chegara em 1852, em plena febre do ouro, com uma mão na frente e outra atrás.

O avô de Curtiss procedia de Montana. Ali trabalhara como cirurgião (mais para açougueiro). Ao chegar à Califórnia – como escreve Pérez Rosales – acabou se transformando em um “afortunado mineiro clandestino”. Ganhou muito dinheiro nos rios da Nova Helvecia e acabou comprando a casa de campo. Chamou-a de Gold Rush (“Corrida do ouro”).

O general a havia modernizado, acrescentando um segundo andar que a deixava realmente senhorial.

A madeira, escolhida por Estrella, sua esposa, procedia dos bosques de Alberta, no Canadá. Era cipreste americano. No verão se tornava amarelada, combinando com a paisagem.

A “Gold” tinha um alpendre que a cercava por completo. Era um dos habitantes mais resmungões da casa.

Perto, ao sul da mansão, cochilava uma piscina, sempre azul e pacífica, à qual se assomavam dois balanços de correntes enferrujadas e bancos de borracha (provavelmente subtraídos da base).

Mais além, ao norte, erguia-se um galpão que dava asilo político aos trastes do lugar. E por todos os lados, extenuantes, as moscas do Pacífico, pretas e dolorosas como um beliscão.

Curtiss as chamava de soviéticas.

Por último, a oeste da propriedade verdejava uma mancha de “arbequinas”: oliveiras frondosas e centenárias, célebres por um fruto pequeno, compacto, capaz de fornecer um azeite que capturava o arco-íris a cada tempo.

Eu conhecia bem a espécie. Era a *Olea europaea ilderdense*, de folhas com pelos extraordinários, o que dava ao bosque uma cobertura singular.

Ao vê-la, estremeci. Não sei por quê.

Aquela roda de oliveiras guardava um emocionante segredo.

Emocionante especialmente para quem isto escreve.

O general me faria saber disso pouco antes de nossa partida da “Gold” na manhã do domingo.

Curtiss nos recebeu no alpendre.

O tal Henry latia furioso.

Domenico hesitou.

Saía ou não saía do “Renegade”?

E Curtiss deu uma bronca em Henry:

– Judeuzinho! Vá com Nixon!

E o cachorro amarelo, acovardado, fugiu correndo para as oliveiras.

Ninguém latia para Curtiss!

O general, descalço, estava de bermuda xadrez branca e laranja. Completava seu desconcertante vestuário de verão uma camisa da Costa do Marfim, comprida e bem passada, com um dos bolsos cheios de charutos. Os charutos mostravam a cabeça com timidez. Pareciam resignados a sua sorte.

Curtiss se protegia do sol com um boné vermelho onde se lia um pequeno “Bob”. Depois eu soube que se tratava de seu time favorito de beisebol: os Montana State Bobcats.

Estrella, a generala, apareceu atrás dele.

Estava secando as mãos em um avental azul de grandes e felicíssimas margaridas brancas e amarelas. Assim me pareceram: felicíssimas.

Estrella havia sido atraente. Ainda era.

Entre as rugas de seu rosto habitava o azul de uns olhos permanentemente tristes e resignados.

Por que as generalas que conheço levam a tristeza no olhar?

Os cabelos eram brancos e valentes, até os ombros.

Curtiss e Estrella sobreviviam sozinhos.

Os filhos haviam partido fazia muito tempo.

Acomodamo-nos.

No andar superior alinhavam-se os dormitórios.

O meu era espartano.

Vou descrevê-lo, seguindo o costume de situar-me na porta.

O único luxo era a vista que se contemplava de uma janela situada à direita. Alguém com perícia e bom gosto havia pintado ao longe a baía de Paulo. E usara um azul que imitava o mar; mas só conseguiu mais ou menos.

A estampa, porém, era linda.

Na parede da esquerda havia seis rosários e um crucifixo de madeira.

Eram de nácar, de cristal, de prata, de sementes...

Procurei não esquecer: eu estava na casa do general Curtiss, um fanático pela religião católica.

Ao fundo me olhavam uma cama e um criado-mudo claramente de direita (pela localização). Alguém teve piedade e lhes deu um abajur com uma tela confeccionada de papel de pergaminho. Na tulipa foram desenhadas inúmeras claves de sol e uma enigmática equação: “ $5 + 5 = 1$ ”.

Contei as claves de sol: 101.

Eu sei. Não tenho jeito.

E, nesse momento, enquanto contemplava as claves e os números, surgiu em minha mente a linda imagem de Íris.

Não sei por quê.

O abajur, de fato, era uma excelente dama de companhia.

E acima da cama, ocupando quase toda a parede, uma cópia de um quadro belíssimo: Francisco confortado por um anjo, de Murillo. Um óleo de 1,72 por 1,83 metro.

Inspecionei-o curioso.

O anjo alado tocava um violino. E com a mão direita.

Nunca imaginei que os anjos fossem destros.

Que decepção!

Minha admiração pelos canhotos não tem limite.

Mas o mais singular do quadro estava nas cordas do referido violino. Eram cinco! Segundo o pouco que sei de música, os violinos dispõem de quatro cordas.¹

Tornei a contá-las: cinco!

Pensei em um erro de Murillo.

Na parede da direita, próximo à janela que pintava paisagens, encontrei, em pé, um humilde genuflexório. Devia ser franciscano, a julgar pelo banco de junco.

Na parede, olhando para o genuflexório, encontrei outro quadro, têmpera sobre madeira, que representava João, o Batista, no deserto. Era cópia de um veneziano. Eu havia visto o original na National Gallery, em Washington D. C.

Yehohanan foi pintado nu, com uma auréola de santidade sobre a cabeça, o cabelo curto e amarronzado, e sem rastro da criptorquidia bilateral² de que padecia. O rosto também não apresentava a borboleta que eu havia contemplado.

Sorri para mim mesmo. Nada é o que parece.

Isso era tudo.

Deixei minhas coisas em cima da cama e continuei xeretando.

Esqueci.

Na citada parede da direita, tentando inutilmente olhar para a baía, vivia um armário chinês grande e preto com dobradiças. Estrella havia abandonado dentro dele um indefeso jogo de toalhas azuis.

Que inconsciência! O armário de pau-santo podia devorá-las.

Tentei ligar o ventilador de madeira que flutuava no teto. Impossível. Sofria de algum tipo de paralisia.

Em cima do criado-mudo havia sido depositado – não sei se intencionalmente – um missal romano diário, em latim e em inglês, com o santoral completo e um seletor devocionário. Era nascido em 1952, em Montana.

Com ele havia um “missalzinho” (variação do missal romano) dedicado aos “jovens de ambos os sexos” (!) com uma coleção de recomendações, orações, fórmulas de pureza e um regulamento para a vida cristã (dia a dia). As 798 páginas foram ilustradas a estilográfica com imagens ingênuas e retrógradas.

Junto aos missais – meio constrangido, verdade seja dita – olhava-me um exemplar de *O amor, as mulheres e a morte*, de Schopenhauer.

Não pude resistir.

Folhee o “missalzinho”.

Aquilo era a mais pura ortodoxia católica.

Abri-o ao acaso (?).

Página 142.

Ora, ora!

E li: “Os modelos da juventude”.

Entre as páginas 142 e 145, ao lado de retratos de oito homens e mulheres, “modelos” de juventude, pude ler coisas como as seguintes: “Domingos Sávio: Antes morrer que pecar; Maria Goretti: O pecado não, não e não; Teresinha: Quero ser santa; Estanislau: Sou devoto de Maria; Tarcísio: Não tirarão Jesus de mim; Luis Gonzaga: Vou contente para o céu; Inês, virgem: Jesus, defende minha pureza; Bernadette: Como sois linda, oh Maria!”.³

Deus do céu! A que extremos chegam as religiões!

“Aquilo” estava a anos-luz do que desejava e pretendia o Filho do Homem.

Irritado, refugiei-me em Schopenhauer.

Não podia ser pior.

E me perguntei: “O que fazia um livro do pensador alemão em uma casa tão católica, tão apostólica e tão romana?”

No meu entender, Schopenhauer é um dos fundadores do pessimismo moderno. Os cristãos, por definição, deveriam ser otimistas. Na verdade, qualquer um que conheça a verdadeira mensagem do Homem--Deus deveria.

Folhee-o também.

Alguém havia assinalado determinados parágrafos a lápis.

Curtiss? Talvez sua mulher?

E fui parar – também não sei por que – nas últimas linhas da página 64. Dizia textualmente: “Amar é essencialmente sofrer; e como viver é amar, a vida toda é, por essência, dor. A vida não é mais que uma luta pela existência. A dor a acompanhará sempre, até a consumação dos séculos”.

Olhei a baía de Paulo.

Não concordava com Schopenhauer.

O Mestre não dizia isso.

A vida é um presente. A dor é só parte do jogo, como a maldade. A vida não é unicamente uma luta pela existência. A vida – segundo Ele – é uma oportunidade para experimentar. Para quem ama, a felicidade é superior ao possível sofrimento. Schopenhauer, obviamente, não sabia de um amor violeta. É mais feliz quem ama que quem é amado. A respeito de a dor acompanhar a humanidade até a consumação dos séculos, veremos. O Mestre proclamou: “Chegará o dia em que o mundo será ancorado na luz”.

Descansei até as 18 horas.

As surpresas estavam chegando à “Gold”, mas eu não sabia.

A sala me recebeu em silêncio.

Não havia ninguém, salvo as coisas e o espírito que as habita.

Os ventiladores marcavam o ritmo da vida. Giravam. Eram de pás velhas e lustrosas. Também haviam navegado sua cota.

Decidi esperar.

E me entreguei a minha fraqueza: xeretar e tomar referências.

Mas para que precisava delas na casa de campo do general Curtiss? A sequência, se muito, duraria dois dias.

E pensei: “Nunca se sabe”.

Tomarei como referência principal a porta de entrada (a frase me é familiar).

A sala da “Gold” era ampla, luminosa e delicadamente organizada.

Via-se a mão feminina em cada detalhe e em cada canto.

Ali, como disse, escondidas entre os móveis, espreitavam várias surpresas interessantes.

Caminhei devagar para o fundo.

Naquele lugar, a sala se comunicava com a cozinha, sem porta. Que milagre! O ar era o mais feliz. Entrava e saía sem bater.

No canto da esquerda, Estrella havia montado o escritório de Curtiss. Nada sério. Uma dupla estante de livros, em ângulo, erguia-se até o teto. Em frente murmurava uma mesa, também de freixo e de carvalho. E murmurava com razão: carregava centenas de papéis e de pastas. A única frivolidade permitida por Estrella era uma cadeira giratória. Como imaginar Curtiss sem uma cadeira giratória?

Enfiei o nariz nas estantes.

Calculei 395 livros.

Tinham cheiro de criaturas queridas e acariciadas.

Fiquei surpreso com o pequeno grande tesouro.

Não sabia que o general era um homem culto.

Eu me equivoquei de novo. A cultura não consiste em ler, e sim em tolerar.

Isso também aprendi com o Filho do Homem.

Alguns títulos me desconcertaram.⁴ Em especial dois deles: o *Zohar*, que remonta ao século XIII, embora seja atribuído a Shimon bar Yochai, que viveu no século I, e *O livro da claridade*, também conhecido como *Sefer ha Bahir*. Ambos são textos essenciais no mundo da Cabala.

Folhee-os.

Curtiss os havia sublinhado profusamente e tinham uma infinidade de anotações e comentários nas margens.

E a imagem do general adquiriu, de repente, uma dimensão desconhecida.

Em uma das prateleiras descansava um venerável toca-discos.

Fazia muito tempo que eu não via uma daquelas benditas *pick ups*.

Li: “Pionner (modelo PLC 590)”. Tinha um display para medição de decibéis e das rotações por minuto (33 e 45). Eixo: 10 milímetros e cápsula (agulha) Z-1-S. A tampa era de mogno.

A seu lado cochilavam discos de vinil de 45 rotações.

Acaricie-os com as pontas dos dedos. Também eram criaturas veneradas, como os livros.

Curti bastante.

Eu admirava Barbra Streisand. Não importavam seus devaneios políticos... *People! Stoney end!* A orquestra de Cleveland... Charles Aznavour... *Que c'est triste Venise!* Nino Rota... A música de *O poderoso chefe*! *War of the Worlds*, de Jeff Wayne...

Quantas recordações!

Os Beatles! *Help!* Beethoven e a maior parte das sinfonias... A abertura de Egmont, minha favorita! Os grandes compositores do Romantismo: Schumann, o prodigioso Chopin, Liszt, Rossini, von Weber, *Los hugonotes*, de Meyerbeer, Berlioz, *Orfeu e Ariadne*, de Monteverdi...

E, como não, Maria Callas, a divina, e James Last e seu inesquecível *Happy Heart*, de 1969.

Finalmente, uma surpresa. Outra: o melhor do tango, com arranjos e letras de Mercedes Simone, José Basso, Héctor Varela e alguns mais.

Não me lembro do resto.

Desde quando o general gostava de tango? Ou era a generala?

E a joia das joias: a *Ave Maria*, de Franz Schubert.

Na estante da referida parede da esquerda haviam feito um nicho de 70 por 40 centímetros. Ali foi pendurada uma cópia da original e sugestiva *Anunciação*, de Rossetti. Era a célebre *Ecce Ancilla Domini*, executada a óleo em 1850.

Fiquei encantado.

Uma Maria ruiva e assustada recostada em sua cama diante da presença de Gabriel, o anjo que lhe anuncia a boa-nova. Gabriel flutuava sobre fogo.

A ruiva me fez lembrar Rute.

Agora sei que foi uma piscada do Destino.

Em cima da mesa murmuradora, como disse, acumulavam-se papéis e pastas.

O instinto tocou de novo meu ombro.

E me lembrei da bela intuição sentada no banco de trás do “Renegade”.

“Alerta!”

Aqueles papéis...

Resisti à tentação. Continuava sozinho na sala, mas não devia...

Uma das torres de documentos me pareceu familiar.

Prossegui a inspeção.

Sobre a boca negríssima de uma lareira havia outro quadro. Era *La Pietà*, de Botticelli.

Maravilhoso. Fez-me vibrar.

Mas, de repente, surpreendi a mim mesmo.

Voltei-me sobre meus passos e olhei de novo a torre de papéis.

A curiosidade me puxava pelo nariz.

Não devo...

Sim, devo...

Não devo...

Não mexi. Não xeretei.

E retornei à *Pietà*. Era outra cópia (têmpera sobre madeira) de quase um metro e meio de altura por mais dois de comprimento.

“Devia ter olhado os papéis”, censurei-me.

Uma Nossa Senhora de olhos fechados, envelhecida e enlutada, segurava sobre as pernas o Filho morto. O discípulo João a ajudava a segurar o corpo. Outros homens e mulheres completavam a cena. Uma dessas mulheres me impressionou vivamente. Abraçava a cabeça do Mestre e derramava lágrimas. Uma das lágrimas brilhava de pura dor. Outra fugia pela face

esquerda para a comissura dos lábios. A mulher também era ruiva.

Jesus de Nazaré estava perfeitamente barbeado.

À direita, ao fundo, via-se um Pedro, também com o halo de santidade sobre a cabeça e com uma enorme chave na mão esquerda. Abençoava o Mestre (!).

A chave do reino, segundo as igrejas.

Os mantos das duas mulheres ajoelhadas junto ao Filho do Homem eram ar e sentimento.

Botticelli sabia e não sabia.

No canto dessa mesma parede, encontrei uma família de sofás vermelhos de solidão, desgastados e entediados. Haviam adotado uma mesinha baixa policromada com toda a pinta de forasteira. A mesinha seguia o ritmo deles, simplesmente. Em cima dela, a dona havia destacado uma dezena de fotografias, todas em preto e branco.

Examinei-as. Eram fotos familiares e de Curtiss na guerra da Coreia.

Uma das que mais se destacava mostrava Estrella e o general com Montini, recém-nomeado papa (1963). Parecia uma audiência no Vaticano. A mulher era a única que olhava para a câmera. Paulo VI e Curtiss olhavam para cantos diferentes.

E nessa mesma parede, acima de um dos sofás, estava pendurado, e sempre torto, um terceiro quadro: *A transfiguração do Cristo*, de Bellini. Cópia em óleo sobre madeira.

Nessa cena eu também não estive.

Do outro lado da sala, na parede da direita, as coisas eram diferentes. Era outro mundo.

No canto próximo à porta de entrada descobri o habitante mais enigmático da casa: um aquário quadrado, de um metro de lado, cheio de água e vazio de peixes. Uma luz chegada de longe dava-lhe um toque interessante e tentava, em vão, pintar as borbulhas de azul. As borbulhas, ruins que só elas, não faziam nada além de fugir e fugir.

Um pouco mais além, no meio da sala, contemplavam-me uma mesa de madeira torneada mais que aposentada e dez cadeiras de pés helicoidais, uma mais arrogante e insuportável que a outra. Diziam proceder do final do século XVII, mas não tinham fundamento. Eram piores que as de Seattle.

Nesse lado, duas grandes janelas transportavam a luz diretamente do norte.

Mas ninguém na sala tinha ciência do enorme e continuado esforço que isso representava.

Debaixo da segunda janela, austera, na ponta dos pés, via-se trabalhar sem trégua um aparador igualmente fabricado de freixo e carvalho. Esse sim era nascido no século XVII a golpe de formão e cinzel, como deve nascer um aparador que se preze.

Era preto de nascença e tinha os achaques próprios da idade. A saber: uma das gavetas enroscava e era preciso dar-lhe um tapa para que funcionasse.

Curtiss o mimava, mas era por interesse.

No alto crepitava um coro de garrafas com as bebidas mais extravagantes provenientes de lugares que provavelmente não existem. Assim era o general.

Li, achando graça: “Licor da Galileia”, “Rum com sabor a nozes”, “genebra budu”, “bourbon sem milho e sem centeio”, “mosto com mel”, “saquê comanche”, “brandy malaio”, “Cardeal Mendoza” e “Luis Felipe”, entre outros.

O resto da sala era pura tropa: ventiladores com pressa no teto de madeira, quatro lâmpadas paraquedistas e cinzeiros coloridos nas posturas e nos cantos mais inverossímeis.

Não tive tempo para mais nada.

De repente, vindo da cozinha, irrompeu na sala a dona da casa, a generala.

Segurava na mão esquerda uma bandeja de madeira onde viajavam duas cervejas “bud”, muito louras e desejáveis, e uma garrafa do uísque favorito de Curtiss: “Jack Daniel’s”, a bebida sagrada do Tennessee.

– O general o espera no alpendre – anunciou Estrella. – Quer beber alguma coisa?

Pedi uma “Budweiser” e a segui.

Curtiss, de fato, estava no alpendre. Balançava-se suavemente em uma cadeira de balanço de carvalho vermelho. Fumava e contemplava Domenico. O assistente havia optado por um banho de piscina.

Segundo o general, aquela cadeira de balanço havia acalmado os ânimos de seu avô e também de seu pai.

Estava mentindo, claro.

Eu me sentei a seu lado e o contemplei.

Fabricava anéis de fumaça branca e lhes concedia a liberdade. Os anéis fugiam, naturalmente.

Curtiss estava absorto.

Não sei se chegou a me ver.

E esperei, curtindo os tons de laranja do entardecer e minhas atentas observações.

Em frente a nós erguia-se uma atormentada mesa de carvalho vermelho combinando com a cadeira de balanço. Era formada por dois blocos da mesma árvore.

Eu havia visto algo parecido em uma pousada de Northamptonshire.

O suporte da mesa era integrado pela parte de onde nascem as raízes e um breve pedaço do tronco nodoso.

A tábua correspondia a uma seção transversal do referido tronco.

Era uma árvore centenária. Os anéis contavam por volta de 250 anos.

A parte inferior da mesa era forrada por dezenas de pregos de prata. Isso sim era próprio do avô de Curtiss.

E me lembrei da caixa de charutos.

Ora! Esquecera-a no quarto.

Eu a entregaria naquela noite, durante o jantar.

Em volta da mesa, Estrella havia colocado meia dúzia de cadeiras “Windsor” muito confortáveis. Os assentos eram de olmo, os pés de bétula, e os arcos dos braços e dos encostos de teixo sagrado. Dizia a lenda que quem se sentasse sobre teixo podia voar.

E falando em voar...

Ali mesmo, no canto do alpendre, voavam dois albatrozes de pés pretos de madeira policromada.

Alguém os havia pendurado no teto.

A brisa do Pacífico não tardaria a brincar com eles, fingindo que os ressuscitava. As asas, articuladas, tinham uma envergadura de um metro. Curtiss, ignorando a ortodoxia, pintou os bicos de vermelho. Coisa dele.

Estrella voltou.

Fez que limpava a mesa, ofereceu-me a cerveja, retirou o cinzeiro com os charutos mortos e olhou-me com intensidade. Queria me dizer alguma coisa, mas não consegui ler naquele azul-celeste.

E se retirou.

A tristeza a levou pela mão.

As soviéticas voavam atacadas. Nada bom. O vento do diabo não tardaria a aparecer.

Curtiss as defumava, mas não conseguia fazê-las retroceder.

Era uma guerra perdida, e o general sabia.

– Dedos-duros!

Imaginei que Curtiss se referia às moscas.

Fiquei perplexo.

Por que as chamava de “deladoras”?

Finalmente fugiu de suas reflexões (?) e, sem mais nem menos, comentou:

– É tão difícil de acreditar, mas, ao mesmo tempo, tão bonito...

Não entendi.

O general continuou ensimesmado com a fumaça e as soviéticas.

Depois me observou um segundo e prosseguiu seu monólogo:

– Se eu não o conhecesse, se não soubesse melhor que ninguém que a operação foi real, acharia que o que estou lendo é um romance.

Deduzi que se referia ao Cavalo de Troia e aos diários.

Não sabia o que responder.

E ele continuou convicto:

– Se um dia decidir tornar públicos esses diários, por favor, eu lhe peço, pense duas vezes.

Isso me surpreendeu.

– Você sabe que o mundo viria abaixo?

– Não necessariamente – repliquei com decisão. – Não se trata de impor. O Mestre nunca impôs.

E me perguntei: “Por que ele está falando de publicar os diários? Eu nunca insinuei isso”.

Não resisti à tentação e o interroguei:

– Acha que alguém o tornará público?

Sorriu com brevidade e continuou atordoando moscas com a fumaça do charuto.

– Eu também leio os pensamentos de meus homens – resumiu. – Por isso sou general.

Ele me pegou.

E Curtiss, esquecendo as soviéticas, solicitou:

– Prometa-me uma coisa.

O tom era solene.

Contemplei-o temeroso.

A brisa do Pacífico se apresentou e os albatrozes, de fato, saíram voando. Ou melhor: sonharam que estavam voando. Agitavam as asas brancas, mas não avançavam um milímetro.

Que angústia!

– Prometa-me uma coisa – insistiu Curtiss com expressão grave.

Tirou o boné vermelho e deu maior solenidade ao momento.

Assenti com a cabeça sem saber.

– Se um dia os diários forem publicados – solicitou –, procure minimizar a credibilidade da história.

Ele compreendeu minhas dúvidas e interveio:

– Enquanto eu viver, essa história não se tornará pública.

Hesitou.

– Mas não viverei para sempre. Chegando esse momento, se os diários vierem à luz, por favor, dê um jeito para que pareça ficção.

– Por quê? A mensagem é revolucionária e está cheia de esperança.

– Olhe para mim. O que vê?

– Um general da USAF.

– Olhe com atenção. O que vê?

Também não sabia a que diabos ele se referia. Ele se adiantou:

– Sou um velho.

E pensei: “E eu mais ainda”.

– Sou um velho – sorriu Curtiss de má vontade. – Minha vida e meus princípios estão cristalizados. Não posso nem quero mudar.

E acrescentou com a voz embargada de emoção:

– A verdade, supondo que exista, chega tarde para mim. Respeite os que, como eu, acreditam firmemente em algo, mesmo que equivocado. Não me fira com a verdade.

Ele tinha razão.

– Deixe que o mundo siga seu curso. Não queira mudá-lo.

Falava com razão de novo.

– Essa informação, se um dia se tornar pública, chegará a quem tiver que chegar. Os diários buscarão a pessoa, e não o contrário. Mas, em benefício de gente como eu, por favor, minimize a credibilidade da história.

Eu lhe prometi.

Se chegasse esse momento (?), eu daria um jeito. Não sei como, mas cumpriria minha palavra.⁵

Naquela tarde o general estava inspirado:

– O grande beneficiado por essa mensagem não somos nós, querido amigo. É o futuro.

Mas a inspiração se esgotou logo.

A “Bud” me reconciliou com o mundo.

O lúpulo era suave, e o casamento entre a cevada e o arroz prometia felicidade.

Brindei em meu coração ao Filho do Homem, onde quer que estivesse: *Lehaim!*

O entardecer me viu e sorriu violeta.

– Estou impressionado – prosseguiu o general.

Deixei-o falar.

E Curtiss se esvaziou.

Havia lido parte dos diários. Por isso me convidara a ir a sua casa de campo. Queria esclarecer alguns pontos.

– Estou indignado.

Fulminou-me com o olhar. A fumaça, sábia, fugiu.

– Por quê?

– Com certeza você está mal informado.

Deixou que a dúvida engordasse em minha mente e acrescentou convicto:

– Ela não foi assim.

– Ela?

– Você a chama de Senhora, e com grande respeito. Em consequência, não entendo por que afirma coisas tão terríveis.

– Eu me limito a contar o que vi e ouvi.

– Maria, a mãe do Senhor, não foi como você a desenhou.

Ele tinha fogo nos olhos.

Foi difícil, mas não repliquei. Não valia a pena.

– Ela compreendeu seu filho.

E Curtiss levantou a voz, ameaçador:

– Seu único Filho! Maria não teve mais filhos! Foi virgem permanentemente! Só os odiosos judeus e os comunistas dizem essas blasfêmias!

Não vou esconder. Aquele era Curtiss quimicamente puro.

– Você sabe que não sou comunista.

– Por isso disse que com certeza está mal informado. A Senhora, como você a chama, entendeu perfeitamente a mensagem de Jesus Cristo.

– Jesus de Nazaré.

– Isso.

E continuou, inflamado:

– Ela permaneceu com o Filho até o final; não como outros. Ela resistiu ao pé da cruz.

Ela chorou por Ele e por todos nós. Por você também.

De repente, recordou o assunto da “virgindade permanente” e se remexeu furioso:

– Quanto a esse estudo de DNA... Outra blasfêmia!

Fiquei perplexo. Que cinismo!

Era ele quem pretendia clonar o Mestre e os seus.

– Fico feliz por o “berço” ter se perdido! – acrescentou.

Continuei em silêncio. Não fazia sentido discutir, especialmente com quem não quer ouvir. Ele me ensinou: “Não polemize. Insinue. Não procure convencer nem vencer”.

Assim fiz.

Curtiss não era má pessoa, mas o fanatismo o estragava.

E continuou sem freio:

– A santa madre igreja ensina que Maria é o caminho para os que se dirigem a Cristo.

– A Jesus de Nazaré.

– Isso. Você leu a encíclica *Mense Maio*, de Paulo VI?

– Eu não acredito na igreja católica. Na realidade, não acredito em nenhuma igreja.

– O papa diz com clareza: “A pessoa que encontra Maria encontra Jesus Cristo”.

– Jesus de Nazaré.

– Isso.

– Já lhe disse: não acredito que o Homem-Deus tenha fundado nenhuma igreja.

– Mas isso você não viu.

Assenti. Não cheguei a ser testemunha dessa cena.

E o general continuou:

– Maria é a corredentora. Nós nos salvamos graças a ela. Ela diz “sim” ou “não”. Sua

intercessão é decisiva.

Neguei com a cabeça desanimado.

– Nada é possível sem ela. Maria é nossa mãe amantíssima.

Continuei negando em silêncio.

E Curtiss se descontrolou:

– Você é um sabichão!

– Não, meu general. É que não é isso. Jesus de Nazaré não veio redimir ninguém de nada.

Ele encarnou por um motivo mais importante. Maria não é corredentora de nada.

– Como se atreve? A Senhora é um exemplo de devoção e dedicação ao plano de resgate do Filho. Sem ela estamos mortos.

– Não, Curtiss... Não é isso, não é isso. Estamos salvos desde o instante em que o bondoso Deus nos imagina e aparecemos.

O general não ouvia.

E prosseguiu com sua ladainha enquanto enchia o copo com a bebida sagrada do Tennessee.

– Os santos evangelhos dizem: Ele veio redimir a humanidade de seus pecados.

Estourei.

– Santos? Os evangelhos são outro naufrágio. São o *Titanic* do fanatismo de vocês.

Reconheço que passei dos limites.

Não devia ter dito algo assim.

Pedi desculpas, mas acrescentei:

– O Cavalo de Troia confirmou que esses textos foram manipulados.

O olhar do general soltava raios e faíscas.

Mas concluí a exposição impassível:

– Manipulados e censurados, do primeiro ao último. Os evangelistas não compreenderam e escreveram segundo seus interesses e suas crenças.

Curtiss estava lívido.

– Depois chegaram outros – acrescentei – e puseram a mão.

Senti dó do chefe do projeto.

– Lamento, meu general. Não é minha intenção feri-lo. A verdade não é o que a igreja conta. A Senhora foi uma mulher valente e extraordinária, mas equivocada.

E tentei arrematar:

– E não a culpo.

Mas não pude concluir.

Domenico foi até a mesa dos pregos de prata. Estava coberta com uma toalha.

Achei prudente dar uma guinada na conversa.

E perguntei:

– Sabe-se alguma coisa do “berço”?

O assistente, de sunga molhada, foi se sentar em uma das “Windsor”.

Curtiss, sério, serviu-lhe um uísque.

Ambos trocaram um olhar de cumplicidade.

Pressenti algo.

Foi o general quem se decidiu a falar:

– Não há nada relevante. Os satélites não ofereceram nada de novo. Estamos onde

estávamos.

Domenico tomou a bebida sagrada do Tennessee.

– Agora, como sabe – intercedeu Curtiss –, a prioridade é outra.

Imaginei que fazia alusão à “Raio negro”.

E quando ia perguntar pela segunda nave, Estrella apareceu.

– Está na hora – anunciou a seu marido.

E foi se sentar ao lado de Curtiss.

Olhei o relógio. Eram 18 horas e 43 minutos.

A que a generala se referia?

– Do que estão falando? – perguntou Estrella.

Curtiss e Domenico ficaram em silêncio.

Não me pareceu justo e perguntei abertamente à mulher:

– Acha que Eliseu está morto?

Ela nos olhou desconcertada.

Ela sabia do que eu estava falando.

Uma ou duas estrelas se apressaram para brilhar. Também queriam saber a opinião da bela dos olhos azuis.

Os albatrozes haviam se cansado de voar.

– Diga: que razão seu colega poderia ter para “voltar”?

Dei de ombros.

Eu havia pensado sobre isso, mas não tinha certeza.

– Por amor ao Mestre? – tornou a perguntar Estrella.

Ninguém respondeu.

Ví outras estrelas aparecerem, igualmente curiosas.

– Por dinheiro, talvez?

Esbocei o ceticismo em meu rosto.

– Claro que não – declarou a mulher. – Por que, então?

Novo silêncio.

Faltava a razão mais provável – o cilindro de aço –, mas não abri a boca.

– Pode ter voltado por amor a uma mulher?

Dessa vez foi Curtiss e quem isto escreve que trocamos um olhar significativo.

Curtiss havia lido essa parte dos diários.

O instinto feminino é invejável.

Mas todos ficamos mudos.

E Estrella finalmente sentenciou:

– Talvez não esteja morto.

A oportunidade era excelente. E interroguei os homens:

– O que acham? Está morto?

Curtiss se remexeu na cadeira de balanço, mas acabou murmurando um “sim”.

O assistente o acompanhou:

– Morto, sim.

E Estrella interveio de novo:

– Está na hora.

Curtiss assentiu e apontou para a toalha e a sunga úmidas de Domenico.

– Que falta de boas maneiras – acrescentou o general. – Suba e troque de roupa.
O assistente pulou da cadeira e desapareceu rápido.
Curtiss, então, apagou o charuto e fechou os olhos.
Eram centenas e centenas de estrelas que estacionavam sobre a baía de Paulo.
Por quê?
Não tardaria a descobrir.

Fiquei na vontade. Por que a generala achava que Eliseu não estava morto? Por que não perguntei?

Muito simples: não era o momento.

Logo Domenico retornou.

Fez-nos uma grata surpresa.

Vestia um terno de linho branco imaculado com umas rugas perdidas aqui e ali, como se nada fosse. Eram rugas verdadeiras, não de imitação.

Acompanhavam o lindo linho uma camisa cor de rosa ternura, uma flor de tangerina na lapela e pés descalços.

Imediatamente a reunião se encheu de um perfume branco e frágil.

Domenico estava sorridente. O assistente se sentou e Curtiss se preparou para o grande momento.

Eu não tinha ideia do que estavam preparando.

E o general tirou de um dos bolsos da bermuda aquele rosário de prata que tive nas mãos quando fui a sua sala, no hangar vermelho.

Curtiss fechou os olhos e fez o sinal da cruz.

Estrella e Domenico o imitaram.

Eu fiquei quieto e em silêncio, atento.

– Mistérios gozosos.

E teve início a reza do rosário.

– Ave, Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco. Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre: Jesus, a quem vós, oh Virgem, recebestes pelo poder do Espírito Santo.

A mulher e Domenico responderam juntos:

– Santa Maria, mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora de nossa morte.

As estrelas cochichavam e trocavam cintilações.

Não sei dizer se estavam a favor ou contra.

A brisa do Pacífico notou a oração, deu meia-volta e voltou à casa. Ali ficou um tempo, de lá para cá.

Os albatrozes voaram. Tive a leve sensação de que pretendiam fugir.

Não conseguiram.

À terceira Ave Maria Domenico se equivocou.

Em vez de recitar “agora e na hora de nossa morte”, não sei por que se confundiu e disse: “agora e na hora de sua morte”.

Curtiss interrompeu a oração.

Abriu os olhos e grunhiu.

Pelo que contou Estrella naquela mesma noite, um erro ao rezar a Ave Maria era sinal de azar.⁶

Domenico retificou e tudo seguiu seu curso com normalidade.

Eu prossegui com as observações. E cheguei a uma conclusão: aquela gente vivia uma fé que teria feito o Galileu sorrir com benevolência.

Curtiss não teria aceitado a mensagem do Filho do Homem mesmo que a houvesse ouvido de seus próprios lábios.

O Galileu tinha razão: a alma desperta quando chega a hora; nem antes nem depois.

Terminado o rosário, Curtiss entoou a ladainha lauretana.

A mulher e o assistente replicaram com precisão.

– *Kyrie, eleison... Christe, eleison...*

As estrelas, entediadas, brilharam para outro lado.

A brisa também disse adeus, e os albatrozes pousaram no ar. Na ladainha contei quatro “santas”, doze “mães”, seis “virgens”, catorze “rainhas” e não sei quantos atributos mais, todos falsos.

Pobre Senhora! A história e a tradição acabaram com ela.

E quase no final da oração, quando Curtiss cantou o *regina profetarum*, após o correspondente *ora pronobis*, o general fez um sinal a sua esposa. Ela compreendeu, levantou-se e desapareceu na sala.

Segundos depois, uma voz e um piano deixaram a vida em suspenso.

Curtiss e Domenico finalizaram a ladainha, e a *Ave Maria* de Schubert se apossou do visível e do invisível.

Foi uma reconciliação de todos com tudo.

Ave Maria... gratia plena...

Estrella voltou e deixou uma vela em cima da mesa de carvalho.

Sentou-se e ficou em silêncio, comovida.

A chama amarela brilhava, mas não brilhava. Éramos nós quem brilhávamos.

E aquela voz, limpa e transparente, foi se elevando para o firmamento. Os corações saíram atrás dela.

As estrelas não acreditavam na beleza procedente daquele minúsculo e remoto mundo azul.

Só alguém apaixonado pode ter composto uma música assim.

Ave Maria... Mater Dei...

Schubert fez o prodígio.

De repente, eu me transportei e vi a Senhora na periferia de Caná, alegre e feliz. Estava colhendo flores. E a vi ajudando a trazer um bebê ao mundo, na caravana mesopotâmica de Murashu. E a vi lavando o rosto de Rute.

Ave, ave dominus... Dominus tecum...

E a vi na “casa das flores”, em Nahum, no escuro, transida de dor. E a vi, triunfante, nas bodas de Caná.

Tive que me segurar para não chorar.

Curtiss foi mais sincero. E uma lágrima assomou incrédula a seu rosto de veterano de guerra.

Domenico também chorou.

Estrella permitiu que o azul de seus olhos transbordasse.

Depois, ao terminar a *Ave Maria*, vimos chegar o silêncio. Ele nos cobriu e assim ficamos um tempo, agasalhados.

Eu me lembrei do túmulo de Franz Schubert em Viena. E não concordei com a inscrição que foi gravada na lápide: “A música enterrou aqui uma rica posse”.

O mais valioso de Schubert não está sepultado.

A delícia cantada pela soprano norte-americana de origem grega Ana Maria Cecilia Sophia Kalogeropoulou se prolongou por seis minutos e 17 segundos. A diva cantou em alemão e eu fui traduzindo para o latim em meu coração.

Nunca esquecerei aqueles seis minutos e 17 segundos.

Naquela noite jantamos no jardim.

Estrella e Curtiss se esmeraram. Luzes coloridas, mais música, comida excelente, melhor uísque e muita cerveja mexicana.

A carne para o churrasco fora enviada – *ex profeso* – das pradarias de Montana, ao leste das Montanhas Rochosas: charolais de primeira, uapiti,⁷ costeletas de porco e baby beef. Uma salada de manga suavizou o poderio das carnes.

Um chefe indígena da nação Siksiká, que Curtiss chamava de Nitoh Mahkwi, mandava as carnes regularmente à base de Edwards.

O tal “Lobo solitário” havia sido rastreador a serviço do general durante o conflito da Coreia. Segundo Curtiss, Nitoh pensava tão rápido quanto uma mulher.

Fingimos medo.

Aproveitei o bom humor do general para lhe entregar a caixa de “Up-mann”, os charutos favoritos de Fidel Castro.

Curtiss abriu o presente e, ao ver seu conteúdo, ficou me olhando muito sério.

Tem o pior.

Será que o considerou um insulto?

E já ia me desculpar quando, sem uma palavra, o general avançou para quem isto escreve e me abraçou.

Respirei aliviado.

Estava vendo: política não tem nada a ver com bons charutos.

Curtiss não esperou acabar a refeição.

Sentou-se na escada do alpendre, pegou um cortador de guilhotina de fio duplo de ouro maciço e cortou um dos “Upmann”.

A cerimônia foi lenta e comedida, como deve ser.

Depois, com o semblante grave, como se fosse algo relacionado ao fim do mundo (tão alardeado pelos maias), levou o charuto ao ouvido direito, apalpou-o com delicadeza, fez que girasse sobre si mesmo, tornou a apalpá-lo e tentou “ouvir” a linguagem do charuto.

Assim ficou por vários segundos.

De vez em quando balançava a cabeça afirmativamente.

Estrella traduziu:

– O general diz que fala com seus charutos.

Ninguém se atreveu a questionar.

Curtiss era uma figura!

– O general – acrescentou a esposa – afirma que eles anunciam o futuro.

Sem comentários.

Terminada a “conversa”, Curtiss foi até uma das grelhas, inclinou-se e introduziu o “Upmann” entre as brasas. Aspirou com ansiedade e acendeu o charuto.

– A brasa não tem sabor – declarou. – É só nisso que esses comunistas de merda têm razão.

Aspirou de novo suavemente e a fumaça branca encheu sua boca.

Reteve-a ali quatro ou cinco segundos, degustando-a como se fosse um bom vinho.

Depois, satisfeito, deixou-a em liberdade. E proclamou:

– Eu poderia perdoar esses sem-vergonhas do Fidel só por isso.

E apontou para o poderoso charuto.

Foi assim que nos entregamos a uma conversa que nunca esquecerei.

Todos os dias se aprende; principalmente eu.

Foi com a quinta cerveja que a língua de Curtiss começou a se soltar.

Éramos gente de confiança. Não havia problema.

E confessou um segredo que me desnorteou.

Precisei de tempo para processar aquilo, e, ainda assim...

Insisti várias vezes, incrédulo, e o general confirmou com total segurança. Curtiss sabia de boa fonte: o Pentágono.

– Fidel Castro é da CIA.

Fiquei perplexo.

Domenico, assustado, refugiou-se na flor de tangerina que levava na lapela e insultou o comandante:

– Sinhozinho!

Castro, ao que parece, fora captado pela Agência Central de Inteligência norte-americana antes da revolução cubana. A captação por parte da CIA teria ocorrido após os assaltos aos quartéis de Moncada, em Santiago de Cuba, e Carlos Manuel de Gramados, em Bayamo (julho de 1953).

Castro, como é sabido, participou desses protestos contra o regime de Fulgencio Batista.

Sim, nada é o que parece.

E Curtiss acrescentou algo mais:

– Por isso continua onde está.

– Mas...

Minhas objeções foram vãs.

Curtiss sabia de tudo:

– Cuba é um laboratório do Pentágono. Após a crise dos mísseis, os comunistas viraram nada. Quando o muro de Berlim cair – pois cairá –, Cuba vai entrar em estertor. Depois...

Domenico o interrompeu:

– Quer dizer que Fidel é um dos nossos...

– Sim, mas não parece... essa é a questão. O Pentágono está informado de tudo graças a ele.

– Não entendo – intervim de novo –, a CIA tentou acabar com Fidel Castro em várias

ocasiões.

– É o que dizem.

E Curtiss riu com gosto.

Mensagem recebida.

– Nunca confie nas aparências – disse o general. – Onde acha que não há, costuma haver, e o contrário.

Dei-lhe a razão.

– E o que diz da tentativa de invasão na baía de Cochinos?

Curtiss abriu a sexta cerveja e suspirou resignado diante da pergunta de seu assistente. Finalmente proclamou:

– Teatro, querido Domenico. Teatro.

– Teatro? Muitos leais anticomunistas participaram daquilo.

– Teatro... Pura mentira. Esses petroleiros da Flórida não sabem de nada.

– Como pode dizer isso?

– Digo e repito. Eu vi os documentos que provam isso.

E o general fez uma observação que acabou de me desconcertar.

– Foi um plano perfeito. O fracasso em Cochinos fortaleceu nosso homem em Havana.

Curtiss levantou a cerveja e brindou:

– A Fidel, o novo Barba Azul!

Ninguém se atreveu a acompanhar o brinde.

Maldita política!

Acabamos dançando ao ritmo de Andy Williams, Roberta Flack e Joe Cocker.

Curtiss, mais pra lá do que pra cá, com sua mulher. Quem isto escreve com Domenico.

Ainda bem que ninguém jamais soube.

O assistente acabou nos braços de Curtiss, bêbados feito gambás. Domenico chorava sem consolo e jurava de punho erguido que mataria, com suas próprias mãos, o sargento paraquedista de Kentucky.

Assim passou aquela sexta-feira, 10 de agosto (1973), mais ou menos.

¹ O violino possui quatro cordas afinadas por quintas justas (sol₂, ré₃, lá₃ e mi₄). A nota mais aguda que é capaz de produzir é o dó₇. Abarca do sol₂ ao sol₆. (N. do M.)

² O Major conta em *Cavalo de Troia 8 – Jordão*: “Não havia dúvida. Pude contemplá-lo durante um longo tempo e de ângulos diferentes. Yehohanan sofria uma criptorquidia bilateral; ou seja, a ausência dos dois testículos. O mais provável é que houvessem ficado presos no ventre, ou no duto inguinal, durante o período fetal, ou na infância, na obrigatória emigração para o escroto ou para as bolsas onde mantêm uma temperatura levemente inferior à do corpo, favorecendo, assim, o amadurecimento. Essa ectopia testicular, ou situação anômala, podia provocar a degeneração desses órgãos e torná-lo um homem estéril. Se a atrofia, como eu suspeitava, fosse permanente, além da referida esterilidade, Yehohanan estava sujeito igualmente a algum tipo de impotência”. (N. de J. J. Benítez.)

³ Os textos que acompanhavam esses “modelos” católicos eram surrealistas (para utilizar uma expressão caritativa). Lembro alguns:

“‘Maria Goretti: Que simpática esta mocinha de 12 anos! Quando pequena fazia suas orações, comparecia gozosa ao catecismo e à santa missa. Andava muito modesta pelas ruas, e todos diziam que parecia um anjo. Em certa ocasião, quiseram obrigá-la a cometer um pecado impuro, e ela disse não e não. Digam todos com ela: ‘O pecado não, não e não’.”

“‘Tarcísio: Houve um tempo em que os bons cristãos eram perseguidos e trancafiados em prisões escuras, e às vezes os jogavam às feras ou os matavam, após horríveis tormentos. Antes de morrer queriam receber a sagrada comunhão. Um dia, ia Tarcísio a levar a eucaristia à prisão, e dizia: ‘Não, não tirarão Jesus de mim’. E morreu antes de entregar as santas hóstias. Digam com ele: ‘Não tirarão Jesus de mim’.”

“‘Inês, virgem: É a padroeira da modéstia cristã. Sabe por quê? Porque andava sempre muito modesta; afastava-se de coisas e lugares maus e tinha muito cuidado, acima de tudo, em se vestir como Deus manda. Assim faz a boa menina. Um dia levaram-na a um lugar ruim; ela não queria ir, e um anjo a defendeu. Digam com ela: ‘Jesus, defende minha pureza’.”

“‘Domingos Sávio: Era um rapazinho de casa pobre que amava muito seus pais. Ia muito à igreja e aos cinco anos já ajudava na santa missa. Afastava-se de maus companheiros e todos o respeitavam e desejavam sua companhia, por ser tão bom. Era esperto e aprendia muito bem as lições. Chamava-se Sávio, e soube ser sábio e santo. Digam todos com ele: ‘Antes morrer que pecar’.”

“‘Bernadette: Era muito pobre e se vestia humildemente. Não sabia ler nem escrever; mas sabia rezar e amar muito a Deus e a Nossa Senhora. Um dia, ia pegar lenha para fazer a comida e de repente lhe apareceu a Virgem Santíssima cheia de resplendor. Várias vezes a Virgem apareceu para ela, e lhe dizia que rezasse o rosário e que era conveniente fazer penitência. Viu-a pelo menos umas 18 vezes. Um dia a veremos no céu. Digam com a santa: ‘Como sois linda, oh Maria!’.”

“‘Luis Gonzaga: Era filho de casa muito nobre e rica e tinha todo o conforto e riquezas. Mas Luis não dava valor a essas coisas. Era o irmão mais velho. Quando tinha apenas oito anos, prometeu a Deus sempre fugir de coisas impuras. E cumpriu. Quando estava para morrer, uns choravam; mas ele dizia: ‘Não chorem, porque vou para o céu. Se forem bons, ao morrer poderão também dizer: Vou contente para o céu’.” (N. do M.)

⁴ Lembro-me de obras como *Introdução crítica ao Antigo Testamento*; *Grandes pecadores*, de Marchi; *O Catecismo*; *História do papado*, de Arienti; *Teologia do Antigo Testamento*, de Gerhard von Rad; *Figuras de la Pasión de Señor*, de Miró; *A religião antiga*, de Karl Kerényi; não sei quantas vidas de Jesus e sobre mariologia; Concílio Vaticano II: documentos, decretos e declarações; *Novo comentário bíblico de São Jerônimo* (vários volumes); *Do magistério da igreja*, de Denzinger, e inúmeras histórias dos judeus. (N. do M.)

⁵ Isso explicaria a nota que aparece no final de *Cavalo de Troia 9 – Caná*: “Nos presentes diários foram introduzidos – intencionalmente – erros de terceira ordem, assim como afirmações não provadas e inconclusas, acontecimentos anunciados e não narrados, e supressões que não afetam o essencial. Tudo isso – diz o Major – se deve à necessidade de diminuir, no possível, a credibilidade do narrado”. (N. de J. J. Benítez.)

⁶ Pesquisei e deduzi que a superstição poderia proceder de Alan de la Roche, ardoroso seguidor da Senhora. De la Roche afirmava que havia visto a Virgem e que em uma das revelações ela lhe comunicara o seguinte: “Um erro ao rezar o rosário significa ódio ou mornidão, e, em consequência, castigo eterno (inferno)”. Assim escreve Luis de Montfort (1710). Se essas aparições fossem verdade – coisa de que duvido –, a Senhora jamais ameaçaria com o inferno, e menos ainda por causa de um erro. De la Roche era dominicano. Viveu no século XV. (N. do M.)

⁷ O uapiti, ou *Cervus canadensis*, tem uma carne rica em proteínas e pobre em gorduras, com grande teor de ferro, zinco e fósforo. (Não confundir com o *Cervus elaphus nannodes*). (N. do M.)

Naquela madrugada acordei angustiado.

Tive um pesadelo.

Isto é o que recordo:

Eu trabalhava como quitandeiro (!) em Nova York. Tinha uma barraca de frutas e verduras.

Era Natal.

Nevava de vez em quando, sem muita convicção.

O dia estava chegando ao fim.

As coisas tinham uma cor caramelo, como em quase todos os meus sonhos.

De vez em quando, diante da escassez de clientes, eu me refugiava nas proximidades de um tonel onde dançava uma comuna de chamuscas vermelhas e hippies.

No sonho, ao longe, ouvia-se uma música de Nino Rota. Eu conhecia aquela música.

Então, apareceu um homem. Era elegante: casaco marrom claro, gravata com listras horizontais (pretas, brancas e queimadas) e chapéu combinando.

Seu rosto me era familiar.

Dirigiu-se em italiano a um jovem que aguardava apoiado em um Ford Super Deluxe 1942, e lhe disse:

– Espere, Fredo, vou comprar umas frutas.

Fredo?

Eu o havia visto em algum lugar.

– Está bem – respondeu o jovem.

E o tal Fredo entrou no Ford preto reluzente. A propósito, tratava-se do modelo 73-B, quatro portas, com um motor V8 (4,1 litros, cem cavalos e 3.300 rotações por minuto). Fiquei olhando o para-lama. Era um espetáculo: uma peça única e grade retangular, sem cromados (por conta da guerra).

Ajeitei o boné e fui atender o homem da gravata listrada.

Peguei um saco de papel e escutei o cliente.

Eu conhecia aquele homem.

Ele observou as laranjas e apontou duas delas com o dedo indicador direito.

Peguei-as e as depusitei no saco.

A seguir, apontou os pimentões e comentou:

– *Peperoni*.

E assim estava, introduzindo os pimentões no saco cor de laranja, quando no sonho apareceram uns pés, em plano curto.

Eram sapatos masculinos. Eram dois homens.

Em um primeiro momento caminhavam com pressa.

Vi as poças e a penumbra desmaiada na calçada.

Desviavam dos transeuntes.

Depois começaram a correr, também em plano curto.

Meu cliente sentiu alguma coisa.

Voltou-se e olhou para o fundo da rua.

Os homens andavam entre os automóveis estacionados.

Tinham as mãos escondidas nos bolsos dos casacos. O da direita – olhando da câmera – usava um casaco de lã cor de mostarda. O outro, um de brilhos negros.

Atravessaram a rua e foram até a barraca onde nos encontrávamos.

Foi quando puxaram os revólveres.

Meu cliente saiu correndo em direção ao Ford Deluxe. Seus olhos estavam fora das órbitas.

Não teve tempo de nada. Os agentes da CIA abriram fogo contra o sujeito da gravata listrada.

Contei 11 tiros.

As laranjas rolaram pela rua.

O homem se contorceu em cima do Ford.

Vi os buracos no casaco. E sangue.

Ele tentou se levantar.

Não conseguiu.

Escorregou pelo veículo e caiu em frente ao para-lama espetacular.

Fredo havia saído do automóvel de pistola em punho.

Dirigiu-se ao ferido, mas, atrapalhado, perdeu o revólver. A arma acabou voando pelos ares.

O Ford ficou manchado de sangue. Que dó...

O homem alvejado perdeu o chapéu e ficou despenteado.

Um fio de sangue apareceu na comissura direita de sua boca.

Ele estava imóvel.

Pensei: “morreu”.

E Fredo, aterrorizado, ficou em pé, contemplando meu cliente.

Depois, foi se sentar no meio-fio e começou a gemer e a chorar, clamando em italiano: – *Papa!*

O impecável chapéu de Fredo também acabou no chão.

E começou a chegar gente. Contei seis ou sete pessoas.

Ninguém se atreveu a tocar no homem da gravata listrada.

Então, lembrei.

Era Fidel Castro!

Mas o que estava fazendo em Nova York no Natal de 1945?

Ouvi um cachorro no horizonte do sonho.

Depois, uma criança chorou.

Por que eu sabia que os pistoleiros eram da CIA?

A música subiu levemente e o sonho se fundiu em preto.

Nesse momento, acordei.

Que sonho mais estranho!

E deduzi que era consequência da conversa da noite anterior.

Ora! No fim, a CIA acabou com a vida de seu homem em Havana.

Tentei encontrar a pérola do sonho. O Mestre defendia que sempre existe; em todos os

sonhos.

Não a encontrei.

Pareceu-me um pesadelo “Kleenex”, simplesmente.

Mas o papel do para-lama do Ford e o de John Cazale como Fredo foram um espetáculo.

Eu já havia visto aquela cena, mas não lembrava em que filme.

E a paralisia do ventilador acabou me capturando.

“Coitado... Será que sofre muito?”

Desci para tomar o café da manhã.

Estrella me atendeu solícita.

Estava de azul, combinando com seu olhar. Pareceu-me mais bonita que nunca.

Curtiss e Domenico haviam saído.

– Acho que foram buscar algo para você – esclareceu a generala.

Não perguntei.

Naquela manhã, não fiz muita coisa. Passeei entre as oliveiras e me perguntei: “Que fim terá levado a cópia dos diários?”.

Tinha que interrogar o general a esse respeito.

Tomei banho e recordei as mornas águas do *yam*, na Galileia.

Como sentia falta dele!

No fim da manhã, Estrella me chamou e perguntou se não gostaria de lhe dar uma mão na cozinha.

Aceitei feliz.

Tomamos posse da pequena cozinha e a mulher me mostrou a matéria-prima com que queria preparar o jantar. O cardápio prometia: batatas recheadas de caviar, lagosta à Saint Croix (ilhas Virgens, EUA), de onde era oriunda, e sobremesa surpresa.

Comecei pelas batatas novas.

Lavei-as criteriosamente.

Olhamo-nos de soslaio.

Percebi-a tensa.

Depois, pus os tubérculos para cozinhar com sal grosso.

Ela preparou a manteiga e o caviar.

O olhar de Estrella foi ao meu encontro em várias ocasiões.

O azul-claro havia se apagado inexplicavelmente.

Alguma coisa estava acontecendo.

Escorri com esmero as batatas – segundo seu conselho – e comecei a retirar a casca.

Senti certo pudor. Nunca gostei de despir ninguém.

Ela pegava cada batata, cortava a parte mais fina e guardava o “chapeuzinho”. A seguir, fazia um vão dentro do tubérculo. Não muito grande.

– O que aconteceu? – aventurei.

Ela ficou perturbada.

Voltei atrás.

Não tinha direito de me meter na vida dela.

Mas ela adiantou alguma coisa:

– Você foi o único que se preocupou com Curtiss.

Estrella nunca chamava o general pelo nome de batismo.

– Não sei – balbuciei –, talvez.

Pegou quatro recipientes de vidro e disse:

– Vou lhe contar, mas você tem que prometer...

Parou e retificou:

– Você tem que jurar que esta conversa não sairá daqui.

Eu jurei.

Ví o silêncio entrar.

E ali ficou um tempo enquanto Estrella colocava três batatas em cada vasilha. Agasalhou-as com fio de ovos e sorriu. Parecia um ninho, de fato.

Pensei que havia se arrependido.

Pegou uma colher de manteiga quente, quase derretida, e a esvaziou no buraco de uma das batatas. O pobre tubérculo estremeceu, não sei se de prazer.

Estrella deixou que a manteiga se infiltrasse.

Depois, pegou o caviar e recheou a batata feliz.

Aguardei paciente.

O que estava acontecendo?

O silêncio deu meia-volta e desapareceu.

– O ideal é servi-las quentes – lamentou a mulher –, mas você sabe como é Curtiss. Sei quando sai, mas nunca quando volta.

Suspirou.

Suas mãos se enroscaram no avental e, olhando em meus olhos como se buscasse compreensão, declarou:

– Curtiss teme pela vida dele.

O azul-celeste tremeu.

Aquela mulher era especialmente inteligente. Não falava por falar.

Depositou o resto da manteiga derretida na molheira de prata e me serviu uma generosa taça de vinho branco.

Olhou-me aliviada.

– Agora você já sabe.

Provei o vinho.

Era um tranquilo Chardonnay da região de Temecula, no condado de Riverside, não muito longe dali.

O vinho se deixou beber.

E declarei, sem medir as palavras:

– Muita gente fala disso em Edwards.

Ela me contemplou desconcertada.

Procurei emendar a estupidez. Tarde demais.

– São só rumores, querida Estrella.

Ela balançou a cabeça negativamente.

Quando vou aprender que as mulheres são uma raça à parte?

São mais rápidas e intuitivas que os homens.

Assim demonstram os estudos hemastópicos realizados na Universidade de Portland: o

pensamento feminino trabalha entre 2,01 e 2,03 vezes mais rápido que o pensamento masculino.

Enquanto o homem vai com o fubá, a mulher já voltou com a polenta.

– O que dizem na base? – perguntou a generala.

Não fazia sentido eu mentir ou amenizar os rumores. Estrella não merecia algo assim.

– Dizem que as diferenças entre Curtiss e Nixon são grandes.

Estrella me interrompeu:

– Grandes não, insuperáveis.

E arrematou:

– Esses filhos da mãe não perdoam nem esquecem.

Naquele momento eu não sabia se ela se referia ao suposto fracasso do Cavalo de Troia ou ao tenebroso assunto das fitas em poder de Curtiss, nas quais o presidente aparece manchado pelas escutas ilegais feitas ao partido democrata no hotel “Watergate”, em Washington D. C.

– Nixon é cruel e vingativo – resumiu Estrella. – Virá contra Curtiss com toda a artilharia pesada.

Eu concordava.

E prosseguimos com o segundo prato: lagosta *à la* Saint Croix.

Ingredientes: 1 quilo de lagostas, já partidas e limpas; uma colher (sopa) de manteiga; óleo de coco; uma cebola picada; três dentes de alho também picados; três tomates sem semente; meia xícara de molho de tomate; alcaparras; meia xícara de suco natural de laranja e outra de caldo de galinha; coentro; louro; sal e pimenta.

Estrella fez o refogado (Curtiss gostava ao estilo italiano: sem linguiça nem pimentão): um generoso fio de óleo de coco (em vez do habitual azeite de oliva), manteiga e a cebola e o alho picados.

Mexeu e esperou cinco minutos.

– E o que me diz desse judeu?

Ela soube se conter a tempo.

– Kissinger?

Assentiu com repugnância.

– Não sei – repliquei. – Parece que também não se dá bem com o general.

– Por que você é tão diplomático?

E a mulher prosseguiu ardente:

– Eles se odeiam!

O alho e a cebola começaram a chiar. Estavam queimando!

– Curtiss está encurralado – afirmou Estrella. – Chegou a hora dele.

Não me permitiu intervir.

– Vão matá-lo! Percebe a gravidade da situação?

– Não diga isso – repliquei com pouca convicção.

A cebola e o alho perderam os sentidos. Foi a melhor coisa que lhes pôde acontecer.

O olhar azul de Estrella escureceu.

Tentei resgatá-la daquela borrasca. Não foi fácil.

Tinha razão em quase tudo.

O tempo provaria.

Nixon era uma naja cuspidreira e Kissinger tocava a flauta.

Ainda assim, tentei:

– O general sabe se cuidar.

Estrella acrescentou os tomates picados, as alcaparras, o suco de laranja (truque pessoal da generala) e o caldo de galinha.

Mexeu de novo e ficou pensativa observando o tomate naufragar no refogado.

E insisti:

– Ele sabe...

A mulher agradeceu o salva-vidas e me acariciou com o azul-celeste, proclamando:

– Curtiss só sabe de Maria Santíssima e de bicarbonato.

E se lamentou:

– No fundo, é um idealista.

“Nem tanto”, pensei.

O silêncio voltou à cozinha, deu uma olhada no refogado, suspirou e desapareceu de novo.

– O que aconselha que faça?

Não consegui ordenar as ideias, e muito menos articular uma resposta medianamente coerente.

– Vão matá-lo!

Não quis acreditar.

– Não são capazes...

– São, você sabe.

Continuou concentrada na panela.

O cheiro, amabilíssimo, distraiu-nos, mas foi só um instante.

– Poderíamos fugir.

Sorri com meus botões.

Ela mesma retificou:

– Não adiantaria nada. Nixon e o judeu acabariam nos encontrando.

O silêncio entrou de novo na cozinha. Sentou-se e ficou contemplando a última fase do refogado.

Estrella acrescentou a lagosta, o louro, o coentro, o sal e a pimenta.

Consultou o relógio.

E a cada cinco minutos a partir do acréscimo da lagosta administrou à borbulhante panela um longo fio de leite de coco, seu segundo segredo.

Quinze minutos depois, o silêncio se levantou e foi embora.

Estrella adoçou o azul de seu olhar e perguntou com timidez:

– Você o viu de verdade?

Estava se referindo ao Galileu.

Estrella sabia mais do que parecia.

Assenti sorridente.

– É como dizem?

– Não.

– Não?

– Era melhor. Infinitamente melhor.

Ela me olhou maravilhada.

Sabia que ela queria detalhes, e lhe forneci.

– Era mais humano do que escreveram. Mais amigo, mais próximo, mais generoso, mais respeitoso, mais divertido, mais sábio, mais poderoso, mais misericordioso, mais bonito.

– Muito bonito?

Não fui capaz de responder. Não tinha (nem tenho) palavras.

Não fez mais perguntas.

E se dedicou à sobremesa. Cuidou de tudo sozinha.

Eu me limitei a espiar e a anotar na memória.

Misturou queijo cremoso mascarpone com açúcar glacê. Depois preparou a manga. Triturou-a no liquidificador até deixá-la em estado de graça; ou seja, líquido. Bateu à mão o creme de leite e permitiu que açúcar, queijo, manga e creme de leite se abraçassem. Feito o milagre, colocou um morango no alto e mandou tudo para a geladeira.

Era um “Lumi”.

Assim ela chamou a sobremesa: “Delícias de Lumi”.

Eu não sabia quem era Lumi, mas estava delicioso.

Aquela conversa entre batatas nuas, lagosta no leite de coco e mangas em estado de graça foi outro aviso do Destino.

Faltavam 17 dias para a tragédia, mas eu, obviamente, estava alheio.

Curtiss e Domenico voltaram com o sol a pino.

Chegaram “contentes”.

Haviam se distraído pelo caminho bebendo à saúde de brancos; brancos e chineses.

Estrella os fez mergulhar na piscina e ali os manteve até que recuperaram o rumo.

Haviam comprado um quadro-negro com moldura de madeira de álamo.

Caramba! Havia esquecido o assunto.

Colocaram-no em pé sobre um improvisado cavalete (perto do aquário sem peixes) e fizemos um lanche.

A água e a bronca da generala fizeram milagre.

Curtiss obedecia como um cordeirinho.

E às 15 horas o general exigiu o que era seu: o presente prometido por quem isto escreve em sua sala, na Fog.

Todos foram se sentar em frente ao quadro-negro. A luz e o silêncio também.

Curtiss me entregou um pacote de giz colorido onde se lia “Ticatl”.

Voltou à cadeira, acendeu um charuto, relaxou e deu a ordem:

– Quero meu presente!

Todos estavam ansiosos na sala, inclusive os ventiladores e as borbulhas do aquário.

Sinceramente, foi um momento terrível.

Eu não sabia por onde começar.

E quis dar para trás, mas tropecei com a expressão seca de Curtiss.

Que seja o que Deus quiser.

Abri o pacote de giz e escolhi o vermelho e o azul.

Fui até o ângulo superior esquerdo do quadro-negro e desenhei dois círculos

concêntricos. O interno pintei de azul e o externo com giz vermelho.

Depois, fui para o canto superior direito e pintei uma esfera com seus continentes.

– A Terra – anunciei desnecessariamente.

O público seguia absorto meus movimentos.

O silêncio e a luz me olhavam céticos.

A seguir, tracei uma flecha que partia dos círculos concêntricos e apontava para a Terra.

Parei no meio do caminho e pintei duas esferas menores. Uma azul e outra vermelha.

Olhei para a plateia.

Ninguém tinha ideia do que eu pretendia.

Melhor assim.

E escrevi sobre os círculos concêntricos:

“MOMENTO ZERO.”

Depois, também em branco, pintei perto de cada esferinha: “MULHER” (na azul) e “HOMEM” (na vermelha).

Contemplei novamente os ali reunidos, mas continuavam perdidos.

E anunciei:

– Trata-se de um presente para o general, mas, na verdade, é um presente para todos.

E agora, ao revisar estes diários, penso: “Foi um presente para aquela gente, mas, acima de tudo, para o hipotético leitor destas memórias”.

Como dizia o Mestre: quem tiver ouvidos, que ouça.

E abri com uma explicação que, evidentemente, não era minha.

– Uma parte dos habitantes da Terra é assim antes de nascer.

E indiquei os círculos concêntricos.

Deixei que se embebessem na ideia.

E insisti com um leve toque do giz, chamando a atenção sobre o vermelho e sobre o azul interno.

Os olhares se concentraram nos círculos concêntricos e nas palavras desenhadas neles: “MOMENTO ZERO.”

A incredulidade também estava sentada entre meus amigos.

Era lógico e natural.

Prossegui com as explicações:

– Digamos que são pura energia.

E indiquei de novo os círculos concêntricos.

– Pura energia. Pois bem, nesse “momento zero”, por assim dizer, o Grande Computador permite escolher entre os trilhões e trilhões de cadeias de experiências que um ser humano pode viver em uma existência material.

Domenico me acompanhava com dificuldade.

Notei que seus olhos se fechavam.

O charuto de Curtiss havia morrido e ele olhava para o quadro-negro de boca aberta.

Estrella – eu sei – estava mais à frente deles.

– O ser não nascido – continuei – estuda esses trilhões de “ofertas” e escolhe uma, livremente.

Ofereci um respiro e destaquei:

– Livremente!

Domenico acabou dormindo.

– Então “alguém” pergunta: “Tem certeza dessa escolha?”. Se a criatura confirmar a escolha, esse “alguém” replica: “Assine aqui”.

Estrella parecia surpresa.

– Ao assinar, faz-se o milagre. A criatura desce à Terra.

Indiquei o desenho do planeta.

– E nasce, mas dividida ao meio.

Então, dirigi o giz para as pequenas esferas nas quais havia escrito “mulher” e “homem”.

E insisti:

– A criatura que era pura energia é agora um homem e uma mulher. E na Terra viverão e experimentarão segundo o combinado previamente. É quase certeza que nunca vão se encontrar. Não vão saber um do outro. E se chegar a acontecer...

Mas, de repente, recordei uma questão vital.

– Peço desculpas. Há uma coisa importante que não disse: ao nascer, a memória perpétua dessa criatura é apagada. Nem o homem nem a mulher sabem realmente quem são, nem de onde procedem nem por que estão na Terra. E ao longo da vida se perguntarão com frequência: “O que estou fazendo aqui?”.

O rosto de Estrella se iluminou.

Sei que ela compreendeu.

– E, ao morrer, voltam à realidade e se tornam um, tal como eram antes de...

E parei por aí.

Fui de novo ao quadro-negro e desenhei uma coisa na parte inferior: uma segunda Terra, também com seus mares e continentes, e uma esfera, similar aos círculos concêntricos que havia pintado no canto superior esquerdo. Da Terra partiu outra flecha, em direção a esses segundos círculos concêntricos. Também os pinte de vermelho e de azul.

Voltei-me e proclamei:

– Nada é como acreditamos. A verdade é muito mais bonita.

E concluí:

– Fim do presente, meu general.

O silêncio ficou alguns segundos em sua cadeira, desconcertado. Depois, fez uma careta e se retirou.

Problema dele.

Curtiss tomou a palavra:

– Quer dizer que escolhemos o que somos antes de nascer?

– Mais ou menos. E escolhemos tudo: família, amigos, inimigos, anonimato, riqueza, pobreza, dor, sabedoria, escuridão... E até o jeito e o momento de morrer.

Curtiss negou com a cabeça e comentou:

– Isso não é lógico. Eu não poderia ter escolhido esse velhaco do Kissinger como inimigo.

Não discuti.

Eu tive uma reação parecida quando o Mestre me instruiu nessa verdade.

A generala continuou pensativa. Por fim, fez a pergunta capital:

– Quem lhe ensinou tudo isso?

E apontou os desenhos do quadro-negro.

Sorri sagaz.

A mulher entendeu imediatamente.

Curtiss continuou firme e se negou a aceitar a “absurda proposição”. Assim a chamou.

Dessa vez, repliquei:

– General, reconhece que, se a proposição fosse certa, teria recebido o presente de sua vida?

– Falou bem: se fosse certa.

– Por que disse “uma parte dos habitantes da Terra”? – interrompeu Estrella. – E o resto?

Sorri satisfeito. A mulher, de fato, está sempre à frente do homem.

E declarei:

– Isso não faz parte do presente.

– E quanto à liberdade?

– clamou Curtiss notavelmente irritado.

– Foi o que eu perguntei.

– A quem?

– A Ele, claro.

– Então...

Estrella e eu trocamos um olhar de cumplicidade.

Curtiss estava atrasado.

E respondi:

– A liberdade não é viável na matéria em que vivemos.

O general, alterado, replicou:

– Os Estados Unidos são o símbolo da liberdade!

Dei de ombros e proclamei:

– Os Estados Unidos só sabem guerrear. Meu general: é livre aquele que conhece. Mas esse território pertence à realidade.

– De que diabos está falando?

– Da realidade.

– Não entendi.

– A realidade nos espera depois da morte. É disso que estou falando.

Curtiss se levantou decepcionado.

E caminhou para o canto do aquário sem peixes.

Domenico dormia profundamente. Não ficou sabendo de nada.

E fui apagar os desenhos do quadro-negro.

Estrella me pediu que não.

– Preciso pensar.

Atendi a seus desejos e ali ela ficou um bom tempo contemplando as esferas azuis e vermelhas.

Eu me senti recompensado.

Fui até o general.

Queria me desculpar. Talvez não tenha sido prudente ao expor o “presente”. Nem todos entendem.

Curtiss estava absorto, com a vista fixa no aquário.

Na mão direita segurava o charuto falecido. Com a esquerda jogava comida na água.

Era um alimento vermelho.

Pelo que li na caixinha, sangue desidratado para peixes com 45% de proteínas.

Explorei o aquário de vidro.

Eu estava atônito.

Não vi peixes ali.

As borbulhas azuis emergiam em coluna disciplinadamente, como os alunos de um colégio particular.

Ao chegar à superfície, desapareciam. Que mistério!

– Recomendaram-me os flocos – comentou de repente o general –, mas flutuam e sujaram tudo.

Olhei de novo alarmado.

Observei as pedras do fundo.

Não havia peixes ali.

– Também tentei alimentos desidratados. E granulados.

Balançou a cabeça negativamente e sentenciou:

– Mas são melhores para borbulhas grandes.

Eu me belisquei disfarçadamente.

– Borbulhas? – perguntei feito idiota. – Não entendi, meu general.

Curtiss me contemplou perplexo.

– Borbulhas, sim.

E apontou para a coluna.

– Não sabe o que são?

– Não, meu general. Sim, meu general.

– Não ou sim?

– Sim, claro. Mas por que dá comida às borbulhas?

– E por que não? Elas têm o mesmo direito que o resto.

– Evidentemente, meu general.

E perguntei uma estupidez, reconheço:

– São borbulhas de águas frias ou tropicais?

– Homem, será que não vê?

Olhei de novo; dessa vez como um perfeito bobo.

– Não sei.

– Filho, não sabia que você era tão idiota. São borbulhas tropicais! Estamos na Califórnia!

– Ora! Não havia me dado conta.

Eu estava tão abobado que não consegui reagir.

Curtiss abandonou a caixa de comida para borbulhas azuis tropicais e indicou o canto esquerdo da sala enquanto ordenava:

– Venha comigo. Eu também quero lhe dar um presente.

Comecei a tremer.

Estrella continuava meditando sobre os desenhos do quadro-negro.

Domenico não meditava; roncava.

Curtiss caminhou até sua “sala” e apontou a cadeira giratória. Queria que eu me sentasse. Hesitei.

Era a cadeira dele.

Finalmente exclamou, imperativo:

– Sente-se!

Obedeci, claro.

Minha mente continuava do outro lado da sala, dentro do aquário. Aquele negócio das borbulhas de águas tropicais havia me transtornado.

A seguir, em silêncio, Curtiss se dirigiu ao quadro pendurado no centro da estante de livros da parede.

Como já disse, tratava-se da *Anunciação*, de Rossetti.

Ora! O quadro era uma fachada!

Girou-o para o lado direito e surgiu um cofre tipo 125 UL-1, cinza Gunmetal, com combinação e chave tubular.

A ruiva e Gabriel ficaram olhando para a outra estante. Puxa vida!

O general abriu o cofre e procurou alguma coisa lá dentro.

Olhei para outro lado, por pudor, mas a única coisa que consegui ver foram borbulhas.

Em cima da mesa murmuradora continuavam as pastas e aqueles papéis tão familiares.

De onde eu os conhecia?

A de freixo e carvalho disse algo, mas não tenho certeza.

– Leia isto – disse Curtiss enquanto depositava em minhas pecadoras mãos um dossiê medianamente volumoso.

Na capa se lia: “*Top secret (Warning: special access required)*”. Era uma advertência. Para consultar aquelas páginas, era necessário ter uma autorização especial.

O dossiê – “supersecreto” – tinha como título: “Informe Zero”.

A pasta não tinha número.

Recordei.

Era o informe que Curtiss apresentara a Kissinger em Washington D. C.!

Era o trabalho inicial sobre a “Raio negro”!

Olhei para o general, perplexo.

Curtiss, com rosto grave, limitou-se a fazer um comentário totalmente desnecessário:

– Você não pode fazer anotações. Só ler.

Saudou com o charuto falecido e acrescentou:

– Voltarei em uma hora.

Deu meia-volta e se afastou rumo ao aquário sem peixes. Mas, de repente, recordou algo. Voltou sobre seus passos e declarou em voz baixa:

– Eu não lhe mostrei nada. Se falar com sua sombra sobre isso – e apontou o dossiê –, vou fuzilá-lo.

E desapareceu.

Olhei de novo a capa.

“Informe Zero.”

Deixei que os segundos rodassem.

Não acreditava no que estava acontecendo.

A visita de fim de semana à baía de Paulo não era casual. Que bobagem! Na vida não

existem coincidências.

Eu tinha uma hora. Ia aproveitá-la.

E me perguntei: “Por que Curtiss estava me mostrando aquilo?”.

O general havia insistido, por meio de seu assistente, que eu não me metesse na “Raio negro”.

Por que a mudança? Ou não era uma mudança?

Girei a cadeira suave e lentamente.

Então, vi.

Ora!

O cofre havia ficado aberto.

Olhei a minha volta.

Tudo continuava igual.

Estrella ao pé do quadro-negro. Domenico ao pé de seus roncros.

Ninguém mais.

E se eu desse uma olhada lá dentro?

Sentado na cadeira, identifiquei outras pastas.

A curiosidade começou a me puxar.

Resisti.

Não devia fazer uma coisa dessas.

E me concentrei no que tinha nas mãos.

Eram 60 folhas.

Os rumores que circulavam na área restrita e no bar de Joco tinham base.

A nave estava pronta para a viagem. Estabeleciam cinco possíveis localizações. Jordânia, de fato, era uma delas. Eu não conhecia o combustível. Quase tudo era novo para quem isto escreve. Li muitos detalhes.

Meu Deus!

Li meu nome. Tornei a ler, incrédulo.

Não havia dúvida.

Eu era um dos cinco membros da tripulação da “Raio negro”.

Senti um calafrio.

Os demais ocupantes da nave eu não conhecia. Imaginei que deviam ser pilotos jovens.

Li um capítulo dedicado a novas armas e a uma tecnologia não humana, como antecipara o japonês.

O propósito da “Raio negro” era único e claro: recuperar o “berço” e devolvê-lo a seus legítimos proprietários.

Falavam alguma coisa sobre os soviéticos.

Que absurdo!

Para minha perplexidade, no informe não se falava de Eliseu, nem de pista alguma que pudesse fazer suspeitar que havia “retornado” à época do Mestre.

E me interroguei de novo: “Por que tanto empenho em enviar a “Raio negro” se ninguém tinha certeza de que meu irmão havia voltado? Ou tinham essas pistas?”.

O projeto estava tão detalhado que determinavam inclusive a data do “lançamento”: “Depois da guerra entre árabes e judeus”.

Era espetacular.

Tudo havia sido minuciosamente programado.

E vi a mão dos “falcões” em tudo aquilo.

Li com avidez.

Subitamente, assaltou-me um pensamento chegado de muito longe: “Eu poderia ‘voltar’ e me encontrar de novo com Ele?”.

Engoli em seco.

O Mestre! Voltar a vê-lo!

A ideia se instalou em minha mente e comecei a me sentir bem. Muito bem.

Quem sabe! Não seria difícil despistar aqueles novatos. Com certeza contaria com a ajuda de Eliseu.

E me deixei arrastar pela fantasia.

Tornaria a vê-lo e a vê-la!

Quarenta minutos foram suficientes. O “Informe Zero” ficou absorvido palavra por palavra em meu cérebro.

E nisso, enquanto eu fantasiava, levantei-me e tropecei de novo com o escuro e atraente interior do cofre.

Caramba!

E a curiosidade, chatérrima, me puxou.

Era só dar uma olhadinha.

Só uma olhada.

A dona da casa havia se retirado.

O assistente continuava dormindo na cadeira “Windsor”.

Era o momento.

Curtiss prometera voltar em uma hora. Faltavam 20 minutos.

“Você só tem que olhar”, insistia a curiosidade.

“Não devo”, eu dizia a mim mesmo.

“Deve sim.”

“Não.”

E olhei, claro. Ou melhor, fuzei.

Mexi nas pastas e li os títulos. Um deles me chamou a atenção: “SPAN.”

Não sabia a que se referia.

“SPAN?” Espaço? Instante? Espaço-tempo?

Por que me atraiu?

Sentei-me precipitadamente, como se tivesse acabado de cometer um assassinato.

Eu sei: não tenho jeito.

E, absorto na “Raio negro, aguardei o retorno de Curtiss”.

O general apareceu pontualmente.

Eram 18 horas.

O dossiê secreto descansava em cima da mesa murmuradora.

Eu ainda não entendia o que dizia a de freixo e carvalho.

Falava em um idioma desconhecido. “*Istripu*”, repetia. “*Istripu*”.

Eu estava tentando organizar meus pensamentos. Foi inútil.

Eles eram como crianças.

Jogavam pedras uns nos outros e berravam feito macacos. Chegavam à praia da mente e se derramavam como ondas.

“Raio negro.” Uma missão diabólica!

– E então? – interessou-se Curtiss.

Balancei a cabeça desanimado. E lhe entreguei o dossiê.

– É uma loucura, meu general. Eliseu provavelmente está morto.

Curtiss folheou os papéis, muito por cima, e os devolveu ao cofre. Em seguida, fechou-o, e o quadro de Rossetti recuperou a posição habitual.

A ruiva continuava aterrorizada; mais ou menos como eu.

Ameacei me levantar e ceder-lhe sua cadeira.

O general rejeitou a oferta e ordenou que continuasse sentado.

Explorei o olhar do chefe do projeto Swivel.

Não parecia ter notado meus enredos dentro do cofre, ou pelo menos disfarçou com perfeição.

E continuei tremendo.

Curtiss era uma caixa de Pandora.

De repente exclamou:

– Quero que me prometa uma coisa.

Retificou:

– Quero que me jure uma coisa.

Caramba!

Nada mal: dois juramentos em seis horas.

Aquilo estava ficando interessante.

– Diga – repliquei intrigado.

De repente, ele empalideceu.

Inclinou-se para quem isto escreve e olhou-me nos olhos.

O que estava acontecendo?

– Se a “Raio negro” seguir adiante, e seguirá, jure por sua honra de militar que não dará para trás.

– Dar para trás?

Não entendi.

– Jure que fará parte dessa tripulação, aconteça o que acontecer.

Eu não compreendia e, apontando o cofre, comentei:

– Ali diz que eu faço parte da “Raio negro”.

– Eu sei. Foi decisão minha.

Sua palidez se tornou mais intensa.

E percebi umas pérolas de suor em suas têmporas.

Fiquei alarmado.

– Não importa que não entenda – continuou. – Jure!

Hesitei. Eu não sabia do que ele estava falando.

Curtiss compreendeu que eu estava perdido e, baixando o tom de voz, sussurrou:

– Tudo está se precipitando. Se me acontecer alguma coisa, e vai acontecer, quero que você esteja lá, na “Raio negro”. Não renuncie.

– O que acha que vai lhe acontecer?

E surgiu em minha mente o temor de Estrella.

Curtiss manteve um silêncio eloquente.

– Não entendi – disse. – Há alguns dias você me ordenou que não me metesse nos trabalhos de preparação da “Raio negro”. Agora, estou na lista da tripulação.

O general não caiu na armadilha.

– Isso foi o que eu transmiti a Domenico. Mas já faz alguns dias. Agora os problemas são outros.

Tornou a me olhar fixamente e ordenou:

– Não faça mais perguntas.

Vi o silêncio chegar.

Curtiss pegou um charuto.

Acendeu-o.

Suas mãos tremiam.

Aspirou com ansiedade e vi a fumaça branca flutuar. Ficou perto do teto, como se soubesse do que o general estava falando.

O charuto acalmou seu ânimo, em parte.

E Curtiss sussurrou:

– Ninguém está a salvo com esse Nixon putrefato – parecia que falava consigo mesmo –, e eu menos que ninguém.

Tornou a se inclinar sobre quem isto escreve e rugiu no melhor de seus estilos:

– Obedeça, mula de carga! Sua vida depende disso! Não renuncie à “Raio negro”!

A palidez ia e vinha.

E concluiu com a voz trêmula:

– Não renuncie, aconteça o que acontecer e veja o que vir!

A fumaça do “Upmann” me envolveu, literalmente.

E comecei a tossir.

Curtiss se manteve a um palmo de meu rosto, indiferente, e esperou uma resposta.

Só consegui tossir.

– Além do mais – acrescentou suavizando o tom –, você é o mais capacitado.

As palavras abriram caminho por entre a fumaceira, e com dificuldade consegui perguntar:

– O que eu tenho a ver com Nixon? Por que diz que minha vida corre perigo?

– É uma ordem, babaca! Jure!

Entendi claramente. Curtiss não tinha intenção de dirimir nenhuma das minhas dúvidas. Pelo menos não naquele momento.

E jurei realmente assustado.

O general estava escondendo algo muito grave.

– Engraçado – comentei –, eu nem sequer vi a “Raio negro”.

Curtiss se deu conta. Minhas credenciais eram “Azul-4”. Para acessar a “cidade subterrânea”, na área restrita de Edwards, eu precisaria de uma “tssc” de categoria superior.

– Ajeitaremos isso quando eu voltar à base – intercedeu o chefe do projeto. – Falarei com Domenico para que organize tudo.

O general estava mais calmo. E começou a soltar anéis de fumaça branca.

Tive um pensamento horrível: “Será que lhes dava comida, como às borbulhas tropicais?”.

– Amanhã, quando você voltar à base – prosseguiu Curtiss –, continue o que está fazendo. Ninguém pode suspeitar que você está na lista da “Raio negro”. E lembre-se: se falar, eu o fuzilo.

– Joco já deve saber.

– Joco sabe o que eu quero que ele saiba.

Mensagem recebida.

E me atrevi a insistir:

– Acha que Eliseu está vivo?

O general continuou com o jogo dos anéis.

Depois de alguns segundos, já meditada a resposta, replicou:

– Meu amigo, Curtiss só acredita na Virgem Santíssima e no bicarbonato. Nessa ordem. E no último, cada vez menos.

E pensei: “Não esqueça as borbulhas azuis tropicais”.

Mas engoli o pensamento.

Eu sabia disso por Estrella.

E o general ficou mais calmo.

Não me atrevi a perguntar de novo. Curtiss havia sido um bom piloto. Não era conveniente repetir a questão.

E nessas estávamos quando Estrella apareceu na sala.

Acordou Domenico e veio até nós.

Sorriu para mim com o olhar e anunciou a Curtiss:

– Está na hora.

O general procurou algo em uma das estantes e pegou um livro de capa vermelha e grandes letras douradas. Era uma encadernação de couro polido e jaspeada.

Não consegui ver o título.

Aquilo me intrigou.

Curtiss me convidou a acompanhá-los.

Foi quando, ao nos retirarmos, a mesa de freixo e de carvalho tornou a murmurar naquela linguagem indecifrável. E a ouvi dizer:

“Istripu... ez hildako.”

Ninguém prestou atenção.

E ela gritou quando nos afastávamos: *“Istripu ez hildako!”*.

Tornei a reparar nos papéis que habitavam o alto.

Eu os conhecia.

Acomodamo-nos no alpendre, em frente à mesa dos pregos de prata.

O general se abandonou na velha cadeira de balanço e ela o recebeu com um breve, mas carinhoso meneio.

Os albatrozes olhavam imóveis, com os falsos bicos vermelhos orientados para o leste, atentos à brisa do Pacífico. Mas a brisa patrulhava outros lares.

O entardecer se aproximava devagar, na ponta dos pés, mas se aproximava.

Curtiss amassou o charuto e o esqueceu agonizante em um dos cinzeiros inverossímeis.

A mulher colocou uma vela amarela, combinando com a chama, em cima da mesa de

carvalho e se sentou ao lado do marido. Domenico e quem isto escreve nos sentamos perto do casal.

Nessa oportunidade não houve rosário.

Era sábado e, de acordo com o costume do general, era dia de leitura e meditação.

Curtiss abriu o livro vermelho.

Tratava-se de *A imitação de Cristo*, atribuído a Tomás Hemerken, mais conhecido como Tomás de Kempis.¹ Eu conhecia o texto de cor, mas agora, depois da aventura na Palestina do Filho do Homem, repudiava-o.

E Curtiss iniciou a leitura.

Começou pelo livro 4 (capítulo 1,5): “Santíssimo Sacramento do altar, exortação devota para a Sagrada Comunhão. Oh, Meu Deus! O que não fizeram aqueles para agradar-te? Mas, aí de mim! Quão pouco é o que faço! Que curto tempo gasto em me preparar para a Comunhão!”.

O general parou. Olhou para os presentes e balançou a cabeça afirmativamente, repetindo:

“Que curto tempo gasto em me preparar para a Comunhão!”

E deixou que a frase pairasse nos corações.

Eu fiquei em silêncio, atento.

“Raras vezes estou totalmente absorto”, continuou Curtiss, “e raríssimas vezes me vejo livre da distração. E, na verdade, em tua saudável e divina presença não deveria me ocorrer pensamento algum pouco decente, nem ocupar-me criatura alguma. Porque não vou hospedar um anjo, e sim o Senhor dos anjos.”

O general interrompeu de novo a leitura e os três inclinaram a cabeça, meditando sobre o lido.

Fiquei mudo e atônito.

Como lhes explicar que o Mestre jamais pretendeu instituir a chamada eucaristia?² Isso teria ido contra seus mais básicos pensamentos. Jesus de Nazaré não era partidário de fórmulas mágico-matemáticas.

Tudo se devia a más interpretações, e especialmente às censuras e manipulações posteriores.

Eu me resignei.

Eles eram felizes assim. Eu não tinha direito de modificar suas bússolas.

E Curtiss prosseguiu no parágrafo sétimo: “Por que, pois, não me inflamo mais em tua venerável presença? Por que não me disponho com maior cuidado para receber-te no Sacramento, ao ver que aqueles antigos Santos patriarcas e profetas, reis e príncipes, com todo seu povo, mostraram tanta devoção ao culto divino?”.

Santos? Ninguém é santo na Terra.

Meditaram novamente, e o general passou o Kempis a Domenico. Este, por sua vez, leu o livro primeiro (capítulo 23,5): “Da meditação e da morte”.

E disse: “Não confia em amigos, nem em vizinhos nem dilata para depois tua salvação; porque mais rápido do que pensas estarás esquecido dos homens”.

Baixaram a cabeça e refletiram (?).

Meu Deus! Não é isso!

Ele repetiu até o esgotamento: somos imortais! Não precisamos de salvação! Confie ou desconfie, não importa. No fim, após a morte, você será imensamente feliz.

Mas continuei trancado no mutismo.

Domenico passou ao 23,9: “Trata-te como hóspede e peregrino sobre a Terra, a quem não lhe interessam os negócios do mundo. Guarda teu coração livre e erguido a Deus, porque aqui não tens domicílio permanente”.

Nisso eu concordei.

A Terra é uma simples – ou complicada, depende – aventura. É um suspiro de 20, 50 ou cem anos. Um dia – no não tempo – a vida será só uma difusa recordação. Tínhamos de vivê-la e a vivemos. E passaremos, felizmente, à realidade.

Meditaram, e foi a vez da mulher.

Leu o livro terceiro (capítulo 14): “Teus juízos, Senhor, me aterram como um assustador trovão, estremecendo todos os meus ossos penetrados de temor e tremor, e minha alma fica apavorada”.

Estrella me olhou, trêmula.

Neguei levemente com a cabeça. Quis lhe dar a entender que aquele texto não tinha sentido. Não sei se ela captou a mensagem.

O Pai Azul, *Abba*, não julga ninguém. E ninguém julga ninguém depois do doce sono da morte.

A imitação de Cristo é uma obra bem-intencionada, mas equivocada e catastrófica.

Meditaram, e Estrella passou à leitura da última passagem (livro segundo, 12-11): “Quando chegares a tanto, que a aflição te seja doce e prazerosa por amor a Cristo; pensa, então, que está tudo bem; porque encontraste o paraíso na Terra”.

“Não é isso, não é isso”, pensei. Não viemos à Terra para sofrer, e sim para experimentar, o que é muito diferente. Sofremos na Terra porque é um mundo laboratório. Ele disse isso.

Meditaram de novo e eu fiquei em silêncio, alinhavando pensamentos.

Não é isso...

O jantar, na sala, foi delicioso e tranquilo.

Bebemos Chardonnay e Chenin, das cepas brancas do condado de Napa, ao norte da baía de San Francisco (devia ter escrito Francisco, mas, enfim...).

Domenico repetiu a sobremesa.

E, como era tradição na família, durante o jantar se falou sobre o que havia sido lido minutos antes: a necessidade de imitar o Mestre.

Falavam e não concluíam, elogiando as excelências de Kempis.

Eu fiquei à margem, ocupado especialmente em elogiar o resplandecente Chardonnay. O vinho me olhava e dava piscadas amarelas. Que bela criatura!

Mas Estrella não tardou a perceber minha “ausência”. E perguntou:

– O que você acha?

Abandonei o diálogo com o Chardonnay e interroguei a mulher, claramente distraído:

– O que acho sobre o quê?

– Sobre a necessidade de imitar Jesus Cristo.

Curtiss a corrigiu:

– Jesus Cristo não... Diga Jesus de Nazaré.

A mulher escutou sem compreender.
Curtiss e eu nos olhamos satisfeitos.
E me concentrei na pergunta da generala:

- O Mestre não desejava algo assim.
- Não desejava o quê?
- adiantou-se Estrella.
- Não pretendia que o imitassem.
- Por quê?
- interveio Domenico.
- Cristo é...

Curtiss o interrompeu também.

- O certo é Jesus de Nazaré.

O assistente, confuso, prosseguiu com seu argumento:

- Você disse que Cristo, perdão, Jesus, é o supremo exemplo em qualquer aspecto da vida.

O general tomou a palavra e explicou:

- Isso mesmo. O Mestre foi um exemplo em sua vida diária, em seu trabalho como carpinteiro, na relação com seus pais, na moral, em seus pensamentos, sempre puros, no jeito de orar, nos sacrifícios e jejuns que praticou, em sua caridade, na ausência de pecado, em seu celibato, e inclusive no jeito de morrer.

E a mulher repetiu a pergunta:

- O que você acha?

Eu não sabia por onde começar.

A sagrada bebida do Tennessee me deu uma mão.

E expressei o que acreditava com base no que havia visto com Ele.

- Jesus encarnou em um lugar e um tempo específicos.

Todos me escutavam expectantes.

- Nada foi por acaso. Tudo foi minuciosamente pensado.

Mas eu não queria desviar do assunto principal, e voltei à pergunta de Estrella:

- Aquela Palestina e aquele século primeiro não têm relação alguma com nosso tempo. O Filho do Homem não quis que o imitássemos porque as circunstâncias históricas mudam dia a dia. O que foi bom para Ele não tem por que ser para nós.

Domenico não me deixou terminar.

- Então, se não consiste em imitá-lo, do que se trata? Por que e para que estamos aqui?

E lembrei que ele havia dormido durante a “absurda apresentação” que realizei com a ajuda do quadro-negro.

Não importava. E resumi:

- Não se trata de imitar o Mestre, e sim de viver.
- Viver? E em que consiste, segundo você?
- Eu falei hoje à tarde. Viver é experimentar a imperfeição. Ninguém vai lhe contar isso depois de morto. Viver é degustar a vida que você mesmo escolheu.

E reforcei as palavras do general:

- Jesus de Nazaré é o símbolo do amor e da espiritualidade. Disso ninguém duvida.

Assentiram em silêncio.

– Mas cada um tem seu Destino.

Eu também deixei que a ideia pairasse sobre os corações, e acrescentei, sabendo das reações que ia provocar:

– Hitler cumpriu o seu, e agora nos precede no caminho para o Pai.

Curtiss foi o primeiro a estourar:

– Como se atreve a insinuar que esse ser desprezível foi acolhido pelo Pai?

– Está tergiversando as palavras, meu general.

Ele me olhou atônito.

– Esse canalha – rugiu o assistente – está ardendo no inferno!

– Deixe-o falar! – interveio a generala.

– Eu não insinuei. Afirmar.

O charuto de Curtiss se apagou de repente.

– Ninguém é rejeitado – disse, e olhei para Domenico. – Ninguém... Faça o que fizer ou diga o que disser. Tudo faz parte do plano. Nada é gratuito. Essa foi a mensagem do Galileu. Essa é a grande esperança.

– Hitler foi um assassino em massa.

Repliquei para Domenico:

– As Cruzadas também.

E sorri imediatamente para ele.

– Não tema. Tudo está traçado para o bem, mesmo que não compreendamos.

E fiz minhas as palavras do Mestre:

– Sabe por que as formigas não olham para o céu?

Curtiss e Domenico pensaram: “Está maluco”.

Antecipei-me e proclamei:

– Não olham para o céu porque não sabem que existe céu.

E voltei ao assunto da imitação:

– Jesus também não rezava como vocês rezam. Suas orações eram diálogos com o Pai.

E espetei:

– Jesus seria incapaz de rezar o rosário.

Eu me arrependi imediatamente. Isso não foi legal.

E continuei, a duras penas:

– Jesus foi mais que um carpinteiro. Foi um educador revolucionário.

– Como Fidel?

A brincadeira de Domenico suavizou a tensão.

– Ele também não fez jejuns, pelo menos não de maneira consciente.

Curtiss escutava de boca aberta e o charuto apagado.

– E se foi celibatário – acrescentei – é porque convinha a seus planos, não porque fosse contra o casamento. Quanto à família...

Hesitei. Não queria feri-los de novo.

Mas Estrella me incitou a continuar.

– Quanto à família, o relacionamento com a mãe e com os irmãos não foi como vocês pensam. Eles não o compreenderam.

E a generala acrescentou com tino:

– Nem na época, nem hoje.

Domenico, ao que parece, vinha arrastando uma pergunta fazia tempo, e a soltou:

– O Mestre aceitaria um homossexual?

Curtiss o queria comer com o olhar.

Sorri de novo para ele e repliquei:

– Houve homossexuais que o seguiram.

E acrescentei, seguro de mim mesmo:

– Um dos 12 foi homossexual. Talvez dois...

O rosto de Domenico se iluminou.

E continuei:

– Vou lhe contar uma coisa que você não sabe.

E narrei o que acontecera quando caminhávamos do monte Hermon a Nahum, junto ao *yam*. Naquela ocasião, Eliseu formulou uma pergunta ao Filho do Homem: “Diga, Senhor, como explicar a homossexualidade em um reino tão perfeito como o do Pai?”.³

– Continuamos caminhando, mas o Galileu não respondeu a meu irmão. De repente, parou à esquerda do caminho. Um velho *badawi* (beduíno) vendia uva.

Os três escutavam muito atentos.

– E o beduíno, querendo vender, proclamou: “As *anavim* (uvas) são um presente dos deuses. Além do mais, clareiam a pele. Iluminam seu rosto”. Jesus deslizou a mão esquerda sobre uns cachos brancos com pintas pretas e, após hesitar, arrancou um dos frutos. Ergueu-o e, dirigindo-o ao sol, contemplou satisfeito a textura e a firmeza da polpa. Depois o deu ao engenheiro para que comesse. Era muito doce. Finalmente, colocando as mãos nos ombros de Eliseu, respondeu à aparentemente esquecida pergunta: “Filho, acha que o Pai comete erros?”.

Domenico proclamou eufórico:

– Então, não somos desprezíveis.

Quis lhe dizer que não, mas Curtiss não permitiu. A bronca foi monumental. Para o general, a homossexualidade era outra praga do Egito, como o comunismo. Se aceitava seu assistente, era por sua comprovada eficácia.

Estrella, mais uma vez, aliviou a tensão da caldeira.

De repente, levantou-se e pôs música.

Callas e *Madame Butterfly* fizeram o prodígio.

Os ânimos retrocederam e nos entregamos à beleza simplesmente.

Depois, foi *Norma*, de Bellini.

A voz da diva nos pianos era sublime.

Acabamos naturalmente reconciliados.

Estrella, feliz, presenteou-nos também com *La Bohème*, do inquebrantável Puccini.

Callas era um monstro sagrado. Seu registro de soprano abarcava três oitavas. Não importavam os superagudos estridentes. Era uma *sfogato*.

E, de repente, Domenico soltou:

– Por que você não funda uma igreja?

Fiquei atônito.

– Você é um novo são Pedro.

– No máximo, um Pedro – corriji.

Curtiss e eu nos olhamos.

E recordei suas palavras sobre a necessidade de minimizar, dentro do possível, a

credibilidade daquela história.

Mensagem recebida.

Retirei-me a uma hora prudencial.

Em minha mente fervilhavam emoções e pensamentos.

Precisava pôr ordem no coração.

Eles ficaram na sala, hipnotizados com o poderio de Maria Callas.

Mas as surpresas daquela noite não haviam terminado.

Ao entrar no quarto descobri-o em cima da cama.

Caramba! Como havia chegado até ali?

Procurei usar a lógica.

Negativo.

Não sabia.

Na casa só estávamos nós, além de Henry, o cão amarelo. Mas esse não contava.

Era tudo muito estranho.

Inspecionei intrigado.

E cheguei a olhar em volta como um idiota.

Francisco e o anjo do violino, de Murillo, deram de ombros. Disseram não saber de nada.

Eu sabia que isso era impossível.

Tinham que ter visto alguma coisa. Estavam em um lugar privilegiado, acima da cabeceira da cama.

Não respondi. Problema deles.

As claves de sol e a misteriosa equação da tulipa ($5 + 5 = 1$) ficaram em silêncio. Isso foi mais grave. A clave de sol, como é bem sabido, representa o amor violeta e, portanto, o mais sincero.

Algo grave, gravíssimo, havia acontecido naquele quarto.

Eu teria que descobrir.

Com o armário chinês nem falei. Continuava obcecado com a baía de Paulo. Só queria olhar pela janela; mas isso era impossível. Era um guarda-roupa.

Nem o crucifixo de madeira nem os rosários pendurados na parede deram uma única pista. Já tinham o bastante com seus próprios problemas.

O genuflexório e Yehohanan olharam para o outro lado.

Para bom entendedor...

Resignei-me.

Só restava o ventilador de pás de madeira, mas ele estava tetraplégico. Não perguntei por respeito.

Em suma, ninguém quis se comprometer.

Em minha ausência alguém havia depositado um envelope laranja em cima da cama. Era idêntico aos que recebera anteriormente. O mesmo lacre, a mesma cor.

Inspecionei-o por um bom tempo.

Não tinha cheiro.

Contudo...

Tentei pensar velozmente: “Só alguém que me acompanha na casa pode ter entrado no dormitório. Mas quem? Por quê?”.

Abri-o e encontrei outro papel branco, com o já familiar emblema em relevo no ângulo superior esquerdo: uma estrela invertida de cinco pontas cercada pelo lema “além da fidelidade”.

Domenico? Talvez Estrella? Ou pode ter sido ser o general?

Os três eram católicos, apostólicos e romanos. Os três eram anticomunistas.

E pensei de novo: “E o que isso tem a ver com essas mensagens?”.

Eu estava confuso.

Não conseguia solucionar a incógnita.

No centro geométrico do papel, datilografada, estava a seguinte frase: “*Deditionem fac, proditor*”.

Era latim.

Podia ser traduzido como “Renuncie, traidor”.

De novo aquela acusação. Por quê? Eu não era um traidor. E a que devia renunciar?

Não compreendi.

E recordei as “mensagens” anteriores. Ou eram ameaças? “Marte, alerta” e “Blasfêmia”.

Pensei e pensei, mas não cheguei a nenhuma conclusão.

“Marte, alerta/blasfêmia/renuncie, traidor.”

Eu estava esgotado.

As emoções haviam me atropelado.

E fiz o melhor que podia fazer: guardei o enigmático envelope laranja e fui para a cama.

Demorei a conciliar o sono.

Queria uma solução para o mistério, mas não a encontrava.

“Eu não era um traidor”.

Finalmente, o sono entrou no dormitório e me cobriu com sua capa negra.

Tive sonhos inquietantes e, agora sei, meio proféticos.

Um, em especial, me impressionou.

Isto é o que recordo:

Eu estava na sala das “tempestades”, na Fog.

Em volta da mesa de vidro reunia-se uma impressionante coleção de personagens.

Todos estávamos com os trajes de astronautas do projeto Swivel, exceção feita a Domenico, que era o escrívão.

Eu estava muito irritado.

Vi Maria Callas, alta, séria e poderosa. Também vi o compositor italiano Giacomo Puccini. Como era possível? Puccini morreu em 1924. Seu cabelo estava alvoroçado e usava um enorme bigode. Acariciava o traje branco e a bandeira norte-americana costurada no ombro esquerdo. E parecia dizer: “O que estou fazendo neste sonho?”.

Tomás de Kempis era outro dos congregados.

Abraçava uma edição de luxo de *A imitação de Cristo*. E repetia como um papagaio: “É uma tradução de Nieremberg”.

Ninguém prestava atenção nele.

Aristoteles Sokratis Onassis era outro presente à reunião. A USAF o havia obrigado a prescindir de seus enormes óculos, e isso o obrigava a apertar os olhos.

Cada vez que piscava se ouvia um som estranho. Algo como o barulho de uma caixa registradora.

Curtiss presidia a incrível assembleia.

E, como disse, quem isto escreve estava muito incomodado e irritado.

As queixas eram dirigidas ao general e chefe de projeto.

Ao que parece, os presentes, salvo Domenico, eram integrantes da tripulação da “Raio negro” (!).

E eu gritava alterado:

– Como vou resgatar o “berço” com essa tropa?

Curtiss pegou o rosário e começou a rezar.

– Nenhum deles está capacitado para voar! – protestei.

Maria Callas, então, deu um soco na mesa e se levantou.

Todos ficamos em silêncio.

A diva quase tropeçou com o teto.

Nixon parou de sorrir por causa do susto.

A mulher levantou o punho e cantou:

– *Crudel!*

– Eu, cruel? – respondi. – Está me confundindo com Jon Vickers, em *Medeia*.

E começaram a assobiar e a bater com os pés no chão.

Callas me olhou com desprezo e tornou a cantar:

– *Crudel!*

Fez uma pausa e continuou com o canto:

– “*Ho dado tutto a te...*”

Traduzi para Curtiss:

– Ela disse que lhe deu tudo.

O general corou como uma papoula.

Onassis começou a aplaudir e os demais o acompanharam entusiasmados. A ovação se prolongou por três minutos.

Também não era para tanto, pensei.

Os agudos eram sonoros, mas não se ajustavam aos cânones estabelecidos. Eu não sabia se eram registros de uma soprano aguda ou de contralto.

Mas isso, que importância tinha?

Estávamos discutindo o resgate de Eliseu.

Comecei a transpirar.

Aquilo era um fracasso.

Kempis também se levantou e clamou:

– Eu vim falar de meu livro! A Paramount Pictures Corp. está interessada em levá-lo ao cinema!

Domenico me fez um gesto e perguntou:

– O que significa Corp.?

– Não sei... Não me distraia.

Protestei.

Não estávamos nos concentrando.

Curtiss não aceitou o protesto.

E Tomás de Kempis prosseguiu:

– Talvez Coppola dirija o filme.

Houve um murmúrio de admiração.

Todos o cumprimentaram.

E Callas perguntou:

– O que se sabe do elenco?

– Está muito avançado... Marlon Brando, Diane Keaton, Al Pacino, Robert de Niro, Duval, Talia Shire, James Caan, Richard Castellano...

Puccini o interrompeu:

– Tenho duas óperas para estrear. Talvez a Paramount se interesse por essa.

Kempis duvidou.

– *La Traviata* eu faço barato.

– Não sei – murmurou Kempis. – Que tal *La Traviata* e *La Bohème* pelo mesmo preço?

– *Porca miseria!* – murmurou Puccini.

– E você tem que me dar de presente a *Missa*, de 1880, o *Prelúdio Sinfônico* de 1876, e o *Réquiem* de 1905...

Kempis era um tubarão.

Puccini aceitou com a condição de que lhe apresentasse Marlon Brando.

Não consegui pôr ordem na reunião.

E Curtiss, para meu desespero, deu por concluída a convocatória.

E os “astronautas” se encaminharam para a “cidade subterrânea”. Ali esperava a nave.

Domenico continuava empenhado:

– O que é Corp.?

Mandei-o passear.

As coisas não estavam para frivolidades.

Quando já íamos descer para a “cidade subterrânea”, a polícia militar me interceptou.

Desceram todos, menos eu.

Protestei.

Disseram que eu não tinha as credenciais necessárias.

Que absurdo! Aquilo era um sonho.

Procurei argumentar com o sargento da PM.

Então, percebi...

Debaixo do capacete estava o rosto infantil de Walter.

Cumprimentei-o pela promoção.

Nem se alterou.

Acusou-me de adulator e exigiu as “tssc” correspondentes.

Esvaziei os bolsos. Isto era o que eu carregava: um dado para falar com Deus, as chaves de lugar nenhum, cinco dólares (símbolo do Pai Azul), a carteirinha de sócio da Área 51, 12 cartões de crédito (alguns vencidos), comprimidos para tosse, uma foto de meu avô (o caçador de patos), números de telefone, (secretíssimos), toalhinhas higiênicas com aloe vera, canetas hidrográficas vermelhas e pretas, os óculos, um inalador (sem receita) e uma chave de sol.

Walter estava desesperado. E comentou:

– Mais alguma coisa?

As “tssc” não apareceram.

Era simples: eu não as tinha.

Invoquei minha amizade com Curtiss.

Negativo.

Falei de nossas peripécias com as caixas de pêssegos.

Negativo.

Entreguei-lhe os cinco dólares.

Negativo.

Prometi a ele duas entradas para o jogo de basquete entre os Nets e os Stars.

Hesitou.

Achei que havia conseguido, mas não.

Ofereci a receita da lagosta *à la* Saint Croix.

Negativo.

Walter era concreto armado.

Insinuei que era amigo do Mestre e que dispunha de informações em primeira mão sobre sua vida.

Negativo.

Walter era protestante.

Eu me rendi.

E, palidíssimo, abandonei o hangar vermelho.

Caminhei rumo a lugar nenhum.

As pessoas de lugar nenhum que me viam passar vestido de astronauta debochavam às minhas costas e cantavam *Madame Butterfly*.

As pessoas são cruéis até em sonhos. Refugiei-me no bosque de Josué.

Chorei tudo que tinha para chorar e, de quebra, reguei o cacto dos olhos cor de mostarda.

Como era previsível, acabei no bar de Joco abraçado a uma garrafa da sagrada bebida do Tennessee.

E o japonês comentou:

– Trouxeram isto para você.

Era outro envelope laranja lacrado.

Caramba!

Perguntei pelo portador e Joco piscou para mim:

– E você escondendo o ouro!

Serviu outro uísque e a descreveu:

– Era muito bonita, séria, de cabelo preto até o traseiro e um andar peculiar.

Julguei adivinhar de quem se tratava.

– Parecia que andava na ponta dos pés, como os anjos.

E Joco aventurou:

– Eu diria que era uma apache.

Quase tive certeza. Era a bela intuição de novo.

Não sabia que funcionava nos sonhos.

– Abra-o! – insinuou o japonês.

Acabei meu uísque.

Joco começou a se impacientar.

E pensei: “Outra ameaça?”.

Continuei brincando com o envelope laranja.

– Não pretende abri-lo?

E o japonês acrescentou:

– Lembre-se do hipotético leitor destas memórias.

Mas continuei na minha, girando os pensamentos.

“Não”, pensei, “a intuição nunca ameaça.”

– Se quiser, eu abro.

Não era má ideia. E o entreguei a ele.

Ele o rasgou com precipitação e, no sonho, extraiu um papel branco com o já conhecido emblema azul em relevo.

“Oh, não! Outra mensagem.”

Joco leu em silêncio, observou-me e comentou decepcionado:

– Que estranho...

– Por quê?

– Olhe você mesmo.

E me entregou o papel.

No centro geométrico estava escrito, à mão, em letra de forma: “29 AGOSTO.”

Não vi nada mais.

Joco consultou um calendário.

Faltavam 17 dias para o que quer que fosse.

E resolvi somar: $1 + 7 = 8$.

Ora! O número da morte, segundo Eliseu.

Joco insistiu:

– Estranho, sim senhor.

E perguntou malicioso:

– Como se chama a felizarda?

– Chu’ma nem – improvisei. – “Gota de orvalho”.

– Então, não é apache.

– Dakota.

E fui para meu quarto.

Eu estava tão decepcionado que me joguei na cama sem tirar a roupa de astronauta. E no meio do sonho dormi (!) e “resonhei” (!) que acordava no dia 29 de agosto.

Estava cansado, mas não era para tanto.

Dormi 17 dias!

Tomei banho, cantei alguma coisa e fui à sala de Domenico.

Queria saber como andava a “Raio negro”.

Ao entrar, vi-o rezando o rosário.

Não tinha notícias de Curtiss. A expedição, ao que parece, se desenrolava com normalidade (?).

Não fiz perguntas (coisa rara em mim) e me juntei à oração.

Nos sonhos, as obrigações são opcionais.

Rezava os mistérios dolorosos. Devia ter imaginado.

Na terceira Ave Maria entrou o assistente do assistente.

Trazia uma coleção de fotografias nas mãos.

Chorava.

Entregou-as a Domenico e comentou abalado:

– Todos mortos.

Domenico olhou-o incrédulo e perguntou, por sua vez:

– Todos?

O assistente do assistente assentiu com a cabeça e soltou um murmúrio:

– Sim, major. A “Raio negro” capotou.

Eu odiava essa palavra. E censurei o assistente do assistente:

– Capotar significa que um avião ou um automóvel ficou em posição invertida, tombado.

Você é piloto?

O assistente do assistente parou de lacrimejar.

Domenico examinou as imagens e começou a chorar amargamente.

Refugiou-se no rosário, e o assistente do assistente se juntou a ele.

Inspecionei as fotos e fiquei espantado.

No meio de um bosque viam-se os restos fumegantes de uma nave.

Santo Deus!

Nos galhos dos pinheiros estavam penduradas as peles de Callas, de Puccini, de Onassis e de Kempis.

Pareciam casacos ao vento!

Então, ao observar de novo as imagens, notei algo que não fazia sentido.

Pedi uma lupa.

– De fato – comentei quase para mim.

– De fato, o quê? – interrogou Domenico.

Fiquei em silêncio.

Queria ter certeza.

Por fim explodi:

– Isto não é a “Raio negro”!

E mostrei, no meio da catástrofe, uma cauda em “T”, própria de um avião. E indiquei os estabilizadores e o timão de profundidade muito danificados.

– Isto é um avião! – acrescentou Domenico.

– Sim.

E indiquei a roda do nariz e o que restava do trem de pouso, assim como os flapes, parte dos flapes internos e os *spoilers*.

A “Raio negro” era outra história.

Depois, foram os assistentes que viram os motores (ou o que restava deles). E vi também a carenagem e os suportes incendiados.

– E Curtiss? – perguntei ansioso.

O assistente do assistente não sabia.

E nisso, Domenico foi até a janela e abriu as cortinas. O sol nascente queria participar da reunião.

Foi quando acordei.

A luz solar me acariciava com doçura. Chegou montada em um amanhecer pálido.

Em um primeiro momento não sabia onde estava.

Aquele avião caído...

Depois, fiquei mais calmo.

O anjo de Murillo continuava tocando aquela música silenciosa em seu violino. Francisco o contemplava extasiado.

Nada havia mudado.

Bom, algo sim.

Uma clave de sol havia pousado em meu travesseiro e me contemplava com amor.

Acabou me beijando e mordeu meus lábios. Foi um beijo apaixonado.

Não dei maior importância ao sonho, e muito menos ao “resonho”.

Pensei que se tratava de uma miscelânea mental, consequência de tantas emoções.

Sim e não.

Tomamos café da manhã e nos despedimos do casal.

Tínhamos que voltar a Edwards.

E, quando já ia entrar no “Renegade” de bancos de pele de zebra, Curtiss fez um gesto, pedindo que o seguisse.

Havia esquecido uma coisa.

Henry, o cão amarelo, latia furioso protegido pela distância.

Covarde!

E caminhamos até o bosque das oliveiras.

Já entre as “arbequinas”, o general perguntou:

– Estas árvores lhe dizem alguma coisa?

Andei por entre elas e inspecionei os galhos, os troncos e os milhares de verdes.

– Nada, meu general, lamento.

Curtiss sorriu benevolente e esclareceu:

– Eu li em seus diários. O Mestre plantou o broto de oliveira que entregamos a vocês em Massada.

Recordei.

– E o plantou com amor, na chamada “casa das flores”, em Nahum.

Julguei entender.

Aquele broto procedia da “Gold”.

O general adivinhou meus pensamentos:

– Sim, vocês levaram uma “arbequina”. E foi um broto dessas.

Em minha memória apareceu Curtiss pouco antes do segundo “salto”, no alto da meseta de Massada, em Israel. O general segurava nas mãos um cilindro de cristal. Com o olhar úmido estendeu suas mãos para Eliseu, entregando-lhe o broto de oliveira dentro do cilindro.

E Curtiss falou:

– Uma última súplica. Levem também este broto e plantem-no em nome dos que ficaram deste lado. Será o humilde e secreto símbolo de homens que só buscam a paz. Uma paz sem fronteiras. Uma paz sem limitações de espaço nem de tempo. Obrigado! – E repetiu. – Boa sorte!

Hipócrita!

Mas isso agora não importava.

Passado o tempo, quando estávamos no alto do monte Hermon (atual fronteira entre o Líbano e Israel), meu irmão, o engenheiro, acabou dando o broto de presente a Jesus de Nazaré. Foi em seu 31º aniversário (21 de agosto do ano 25). O Mestre adorou, e o recebeu de Eliseu com as seguintes palavras:

– Um presente de outro mundo para o Senhor de todos os mundos.

E acrescentou satisfeito:

– Vamos plantá-lo como símbolo da paz. A paz interior: a mais árdua.

Semanas depois, de fato, o Homem-Deus o plantaria com amor em uma das jardineiras da “casa das flores”, em Nahum, à esquerda do portão de entrada. E ali ficou, até que o Destino decidiu transferi-lo.⁴

Então, compreendi por que eu havia estremecido ao ver o bosque de oliveiras pela primeira vez.

Curtiss cortou um galho e me deu.

Eu o guardaria para sempre.

Voltamos ao “Renegade II”.

Henry continuava latindo, principalmente em inglês.

O general, farto, pegou uma pedra e tentou lapidá-lo.

– Desertor!

E voltamos para a base.

Reconheço: foi um fim de semana singular, emocionante e profético.

¹ Supostamente, Tomás de Kempis escreveu inúmeras obras sobre espiritualidade e teologia. Uma delas foi *A imitação de Cristo* (1441). Kempis entrou na ordem dos irmãos da vida comum (1398). Foi ordenado sacerdote em 1413. *A imitação de Cristo* foi escrito em latim e consta de quatro partes fundamentais. É a máxima expressão do movimento em voga naquele tempo: a *Devotio moderna*, uma corrente ascética nascida nos Países Baixos. Pretendia uma espiritualidade acessível a todos os fiéis. (N. do M.)

² Ampla informação sobre a última ceia em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém* e *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

³ Ampla informação em *Cavalo de Troia 7 – Nahum*. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ Ampla informação sobre o broto de oliveira em *Cavalo de Troia 2 – Massada*, *Cavalo de Troia 6 – Hermón* e *Cavalo de Troia 7 – Nahum*. (N. de J. J. Benítez.)

¹ Como dizia o Mestre, “quem tiver ouvidos que ouça”. (N. de J. J. Benítez.)

² Os radiômetros hiperspectrais, altamente secretos, geravam informação em 36 canais (desde o visível até o infravermelho), com uma sensibilidade de 12 bits. Os radiômetros proporcionavam 15 imagens diárias da área selecionada, com uma capacidade de penetração de 120 metros. Não importava que fosse rocha, lodo, argila ou água. A informação era capturada em paralelo em 406 linhas por minuto. Por sua vez, os geradores de raios X trabalhavam entre 10 quilovolts e 250 quilovolts. (N. do M.)

³ No jargão do projeto nós os chamávamos de *aces*. Os russos têm outro nome para os trajes de astronautas: *sokol*. Os *aces* constavam de duas camadas, com 92% de fibra “nomex”, 3% de P-140 e o resto de “kevlar”. A camada externa recebia um tratamento especial – similar à “pele de serpente” –, que deixava o traje praticamente invulnerável. A área em contato com a pele era de algodão “w-7”, que impedia a perda de calor e absorvia a transpiração. Todos estavam dotados de radiobalizas e pequenos equipamentos de sobrevivência. (N. do M.)

⁴ Charles Colson era assessor de Nixon e esteve envolvido no escândalo do “Watergate”. Uma das “aventuras” de Colson consistiu em entrar no consultório do psiquiatra de Ellsberg para tentar encontrar documentos que desprestigiasssem o tal de Ellsberg. Este havia vazado para a imprensa os chamados “documentos do Pentágono” sobre os abusos dos EUA no Vietnã. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ Em *Cavalo de Troia 9 – Caná*, no final de sua aventura, o Major escreve: “O engenheiro pulsou o sistema hidráulico e, no mesmo instante, o alçapão localizado no piso do módulo se abriu por completo. Vi as águas azuis, a pouco mais de dez metros, eriçadas pelos gases do peróxido de hidrogênio.

“– Vamos, Major! Temos que saltar!

“Indiquei que estava com o escafandro.

“Eliseu assentiu e se desculpou pela falha.

“Ele o retirou e fez o mesmo com o seu.

“– Já! – ordenou o engenheiro. – Não há tempo nem combustível!...

“Dirigiu o olhar para os controles e confirmou:

“– Restam 40 segundos!

“Porém continuei hesitando...

“– Maldição! Vamos!

“Eliseu não me esperou, acabou empurrando-me no vazio.

“E caí...

“Senti o roçar quente dos gases nos cabelos e na pele.

“Depois, senti o choque contra a água...

“Depois, tudo azul.

“Afundei.” (N. de J. J. Benítez.)

⁶ Ampla informação sobre a “pele de serpente” em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

⁷ Como deve recordar, a entrada dos “encanadores”, ou espões de Nixon, no quartel-general do Partido Democrata, em Washington D. C., ocorreu no dia 17 de junho de 1972. As escutas ilegais foram feitas no hotel “Watergate”. (N. de J. J. Benítez.)

Na segunda-feira, 13 de agosto (1973), voltei a minhas obrigações principais em Edwards.

A saber: revisão dos diários no “vespeiro” (sempre com escolta; Walter continuava como cabo), conversas com o cacto Josué e atualização sobre os segredos da área restrita (leia-se: bar de Joco, o japonês).

Os “falcões” continuavam insistindo em sua postura.

Não sabiam que eu sabia.

E foi na terça-feira, 14, que se desencadeou a surpresa das surpresas.

Aconteceu bem cedo, assim que me sentei em frente à tela do computador.

Digitei. Procurei os diários e comecei a leitura.

Caramba! A 130 linhas do terceiro erro surgiu uma nova anomalia.

Li desconcertado.

Outra vez!

Como podia ser tão imbecil?

Quando relatava minha aventura ao pé do que denominei “rocha dos grafites”, perto da torre das “Verdes”, e investigava a inscrição gravada no alto do penhasco,¹ detectei outros possíveis erros no texto.

Eu havia escrito originalmente: “A uns 15 ou 16 metros do chão distinguia-se uma inscrição (?) gravada na rocha. Era aramaico antigo. Li com dificuldade. A gravação era impecável. Não parecia recente. Alguém teve muito trabalho. Pensei em subir ao cume de arenito e inspecionar com mais atenção. As letras eram perfeitas e de dimensões idênticas. Só uma palavra aparecia mais destacada. Sim, subiria ao penhasco e exploraria. A inscrição – ou o que fosse – começava com uma frase: ‘Eram 200 os que desceram no cume do monte Hermon’. Como disse, não sabia do que se tratava: ‘Primeira coluna: SEMIHAZAH’ (Era a única palavra um pouco maior). A seu lado lia-se: ‘chefe dos encantamentos’”.

Pois bem, onde devia dizer “chefe dos encantamentos”, li: “chefe dos encantamentos depois de morto (SEMIHAZAH 3,5)”.

Não era possível.

Li de novo, alterado.

Outro maldito erro!

Não me lembrava de ter escrito algo parecido.

Semihazah, que eu soubesse, não corresponde a nenhum escrito bíblico. Como mencionei nessa mesma passagem, os nomes da gravação na rocha podiam pertencer a anjos caídos.

Mas o desastre não terminou aí.

Nessa mesma página, para meu desespero, encontrei mais duas anomalias.

Passei o dia enroscado com esse assunto.

Fiz anotações e cheguei a uma conclusão: eu era um grande imbecil.

O quinto erro surgiu ao ler a relação de nomes dos referidos e supostos anjos rebeldes.

Inicialmente, eu havia escrito no Ravid:

“E continuava a primeira coluna:

“ *Ar'teqo'f* (segundo chefe e conhecedor dos sinais da Terra).

“ *Ramt'el* (terceiro conjurado).

“ *Hermoni* (o que ensinou a desencantar).

“Segunda coluna:

“ *Baraq'el* (o que ensinou os sinais dos raios).

“ *Kokab'el* (o que conhece as estrelas e pratica a ciência das estrelas).

“ *Zeq'el* (o que sabe de relâmpagos).

“ *Ra'ma'el* (o sexto).

“ Terceira coluna:

“*Dani'el* (o que conhece as plantas).

“*Asa'el* (o décimo de todos eles).

“*Matar'el* (o que conhece os venenos).

“*Iah'el* (o que conhece os metais).

“Quarta coluna:

“*Anan'el* (o que conhece os enfeites).

“*Sato'el* (décimo quarto).

“*Shamsi* (o que conhece os sinais do sol).

“*Sahari'el* (o que conhece e ensina os sinais da lua).”

O quinto erro em questão era o seguinte: em vez de “ *Zeq'el* (o que sabe de relâmpagos)”, aparecia “*Zeq'el* (será o dia do relâmpago) (3,4)”.

Estranhíssimo.

Quanto ao sexto erro (?) (já não sabia o que pensar), detectei-o 12 linhas mais adiante.

No “porta-aviões”, quem isto escreve redigira anteriormente:

“A quinta e última coluna estavam totalmente apagadas. As letras haviam sido apagadas intencionalmente. Não consegui reconstruir nem um só dos quatro presumíveis nomes.”

Estava falando, como disse, da estranha gravação na “rocha dos grafites”.

O que consegui ler naquele 14 de agosto de 1973 no computador não tinha nada a ver. Dizia assim:

“Na quinta e última coluna lia-se *Besa'el* (viverá o não vivido). Êxodo 3,3.”

Fiquei em frente ao monitor, desconcertado.

Além de faltar um texto, e da errônea citação bíblica, aquela frase acrescentada – “viverá o não vivido” – me deixou abalado.

“Viverá o não vivido”, como relatei, era uma frase que eu sonhara em Nazaré em 24 de fevereiro do ano 26. No profético sonho, a ilha de Nahum, onde vivíamos, estava em chamas. Ali morreram os meninos “lua”, os trigêmeos filhos de Gozo, a prostituta. Naquele sonho, quem isto escreve recolhia do chão um pedaço de papiro meio calcinado e lia em aramaico: “Viverá o não vivido”.²

Para meu desespero, algum tempo depois a ilha seria destruída de verdade em um incêndio provocado por Kuteo, o samaritano. No sinistro, os papiros nos quais eu relatava as viagens secretas do Mestre (anteriores a sua vida de pregação) ficariam igualmente reduzidos a cinzas.

Desconcertante!

Eu podia admitir que houvesse me enganado ao redigir os diários, mas não de uma forma

tão estranha.

Seis erros!

Voltei ao pavilhão dos oficiais e, na solidão de meu quarto, repassei as citações, supostamente bíblicas, que detectei nas citadas anomalias.

Surpresa!

Simplesmente, como imaginei, não eram citações. E me explico: as citações em questão não existiam ou não tinham relação com o lido na tela no “vespeiro”.³

Foi instantâneo.

Tive um pressentimento.

Eliseu poderia ter lido os diários?

Era mais que provável.

E reagi de forma inesperada.

Em vez de continuar por esse caminho, optei por esquecer.

Quero acreditar que me assustei.

Alguém tocou de novo meu ombro.

E por um motivo especialmente importante.

Mas eu, idiota e covarde, não percebi.

Fui até o bar de Joco e decidi bater papo com o japonês. Ele me atualizou.

E esqueci os erros... momentaneamente.

No sábado, 11, enquanto eu aproveitava o fim de semana na casa de campo de Curtiss, Nixon e seu assessor, Kissinger, haviam se reunido na residência de verão do presidente, em Camp David.

Os rumores sobre essa reunião eram negros e borrascosos: “Sobre o que falam dois mentirosos quando se encontram?”.

Joco pôs o dedo na ferida:

– Sempre de um terceiro.

Gerald Warren, porta-voz da Casa Branca, contrariou as fofocas e afirmou que Nixon e o judeu não “consideraram o assunto ‘Watergate’”.

– Mentira podre! – explodiu Joco. – Essas malditas fitas vão enforcar todos nós!

E me lembrei da conversa com Estrella naquela manhã do sábado enquanto cozinávamos.

A generala mostrara sua preocupação pela vida de Curtiss.

A intuição feminina sempre acerta, mesmo que aos homens nos incomode ou prejudique.

Estavam tramando alguma coisa na Casa Branca.

Ao mesmo tempo, a tensão no Oriente Próximo piorava.

A Líbia entrou em cena de novo e advertiu os EUA de que as companhias petroleiras estrangeiras poderiam ser nacionalizadas se continuassem com sua política evasiva com relação às legítimas demandas líbias. O ministro do petróleo, Ezdin Mabruk, foi muito claro: “À Ocidental se seguirão outras”.⁴

O diabólico plano Rapto de Europa seguia seu curso.

As petroleiras norte-americanas, por sua vez, continuavam pressionando o Pentágono para que invadisse a Líbia ou “neutralizasse” o coronel Gadafi.⁵

E, como se não bastasse, a estúpida e venenosa CIA pisou na bola de novo.

Os serviços de informação árabes descobriram que a Agência Central de Inteligência (?)

norte-americana e a embaixada dos EUA em Beirute passavam informações secretas aos judeus.

Naquela mesma terça-feira, 14, o líder da Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), doutor George Habbash, foi interceptado por caças israelitas quando ia de avião de Beirute a Damasco. A denúncia veio à tona, e a fogueira na região se tornou mais aparatosa.

A guerra estava se aproximando.

– Tenho uma cabana perto do vulcão Mauna Kea, no Havaí... Se a guerra estourar, você é meu convidado.

Aceitei o convite de Joco.

Naquele momento, não podia imaginar que em questão de meses acabaria visitando a aludida cabana do japonês.

¹ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

² Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

³ Zacarias (2,3) diz: “E eis que saiu o anjo que falava comigo, e outro anjo lhe saiu ao encontro”.

Zacarias (3,1) diz: “Ele me mostrou o sumo sacerdote Josué, o qual estava diante do anjo do Senhor, e Satanás estava a sua mão, para se lhe opor”.

Semihazah (3,5) não existe.

Zeq’el (3,4) também não.

O Êxodo (3,2-3) diz: “... Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima”.

Não há relação, portanto, com o tal Besa’el, nem com nada do escrito inicialmente por quem isto escreve. (N. do M.)

⁴ Na segunda-feira, 13 de agosto (1973), Armando Hammer, presidente da Ocidental Petroleum Corporation, anunciara que a petroleira havia recebido da Líbia 135 milhões de dólares como pagamento pelos 51% de suas ações. (N. do M.)

⁵ Até 1973 havia sido posto em marcha um total de seis planos para executar ou “neutralizar” Gadafi. Todos fracassaram. Entre os conselheiros das petroleiras norte-americanas, 31% são militares reformados, ou não tão reformados. (N. do M.)

Evidentemente, não escapei de meu destino.

Ninguém escapa.

Voltei ao “vespeiro” e continuei analisando os enigmáticos erros. Não cheguei a nada específico.

Foi na quinta-feira, 16 de agosto, que as coisas mudaram.

Foi uma guinada de 180 graus.

Eu estava imerso na leitura dos diários quando, de repente, a venda em meus olhos escorregou e comecei a enxergar com clareza.

Oh, Deus!

Isto foi o que vi e vivi: 89 páginas depois do sexto “erro” (agora sim entendo que devo usar a palavra entre aspas) apareceu “aquilo”.

O novo “erro” não era impossível: era impossivelmente impossível.

Não era eu quem errava, e sim o “Papai Noel”.

Foi essa circunstância que, como disse, me fez cair para trás. O computador central não costumava cometer erros.

Vou explicar.

Na época eu havia escrito no Ravid: “Partimos de Damiya no sábado, 16, e, por segurança, pernoitamos no vau de Josué. Eu viajava no primeiro *reda*. Tar nos seguia no seu. (Íamos para a fortaleza de Maqueronte.) Nesse domingo, 17 de novembro, o orto solar foi registrado às 6 horas, 5 minutos e 15 segundos. O ocaso – segundo o ‘Papai Noel’ – aconteceria às 16 horas e 37 minutos. A lua apareceria às 19 horas e 43 minutos e se ocultaria às 10 horas e 6 minutos, na fase minguante. Tudo estava calculado. Ou melhor, quase tudo”.

Pois bem, ao ler na tela, no “vespeiro”, observei que as horas da saída do sol e da lua não haviam sido escritas como era meu costume e, além do mais, os respectivos ortos ou saídas dos astros não eram corretos.

Li atônito: “Nesse domingo, 17 de novembro, o orto solar foi registrado às 3,1 horas, 27 minutos e 025 segundos (Número)”.

Um pouco mais adiante detectei outro “erro” desconcertante: “A lua apareceria às 3,5 horas, 33 minutos e 34 segundos (Ezequiel)”.

Os ocasos estavam corretos.

Como disse, fiquei perplexo, sem saber o que pensar.

Esses tipos de dados eram proporcionados por “Papai Noel”. Eram corretíssimos.

Além do mais – pensei –, o que são essas palavras depois dos ortos: “Número” e “Ezequiel”?

Eu jamais escrevia assim.

Naquela noite me certifiquei de que as horas que havia acabado de ler no “vespeiro” não eram exatas. O sol não saía às 3,1 (forma absurda de consignar um orto), e sim às 6. Nem a lua às 3,5 (!). Seu aparecimento em Israel nessa data (17 de novembro do ano 26) foi registrado às 19 horas.

E, como disse, “acordei”.

Não era preciso ser muito inteligente para descobrir que alguém havia manipulado os diários, mesmo que de uma maneira aparentemente não grave.

Mas quem?

Essa era outra pergunta sem muito fundamento.

Só Eliseu tinha acesso ao “berço” e, evidentemente, ao lugar onde ficavam os diários: “Papai Noel”.

E levantei a questão fundamental: que interesse tinha o engenheiro em alterar umas poucas palavras (supostamente de segunda ou de terceira ordem) e outros tantos números?

O que escondia aquele manicômio?

Então, bateram na porta do quarto.

Caramba!

Sempre me interrompiam no mais interessante.

Abri e a vi.

Estava belíssima, como sempre. Usava a túnica azul de que eu tanto gostava. O cabelo, preto e livre, acariciava sua cintura. Parecia uma apache, mas não era.

Era a intuição.

Então, sem palavras, ela me disse: “Finalmente!”.

Deu meia-volta e se afastou pelo corredor.

Caminhava na ponta dos pés.

Sim, senhor... Tinha um traseiro emocionante.

Fechei a porta e tentei me concentrar.

Não foi fácil.

Meu nervosismo estava descontrolado e rolava até o chão. Ali, agitava-se como cobra.

Precisava começar do começo.

E assim fiz.

Vesti-me de paciência e fui anotando os “erros”, na ordem em que apareciam.

Primeira versão:

Também o sétimo. (Zacarias 2,7)

... e cada erro conduz à luz. (Zacarias 3,1)

... em cem entardeceres, no ano 025, com a ajuda de Wailos, Eutiques e Turing.

chefe dos encantamentos depois de morto (Semihazah 3,5)

Zeq’el (será o dia do relâmpago) (3,4)

Na quinta e última coluna lia-se Besa’el (viverá o não vivido). Êxodo 3,3.

Deixei o sétimo grande erro – o dos ortos do sol e da lua – à parte.

Não sabia o que fazer com essas horas.

E comecei a deixar o assunto tonto. Dei voltas e voltas em minha cabeça buscando-lhe um sentido. Mudei as frases de posição, alterei os números, traduzi tudo para o grego e inglês, suprimi palavras...

Mas o que eu estava procurando?

Parei esgotado.

Não sabia.

Nem sequer tinha certeza de que “aquilo” encerrava uma “mensagem”.

Tudo eram suposições.

E me perguntei pela enésima vez: “Alguém está tentando me dizer alguma coisa?”.

Que bobagem!

Eliseu estava morto.

“A não ser que as ‘anomalias’ houvessem sido introduzidas nos diários antes de ‘voltar’ a 1973.”

Pareceu-me um comentário desnecessário de tão óbvio.

E aceitando algo assim, que sentido fazia?

Uma das frases (?) me chamou a atenção desde o primeiro momento: “E cada erro conduz à luz (Zacarias 3,1)”.

Certo.

Cada erro na vida – se soubermos estar atentos – leva à verdade (supondo que a verdade exista).

E pensei: “Esse erros conduzem à luz?”.

Mas que luz? Há um fim nesse labirinto?

Eu estava ficando obcecado.

E nessas, de madrugada bateram de novo na porta do quarto.

Caramba!

Abri e encontrei de novo a belíssima mulher de cabelo preto: a intuição.

Olhou-me intensamente.

Convidei-a a entrar, mas ela negou com a cabeça.

E me transmitiu:

“Prescinda do supérfluo.”

Sorriu satisfeita e se retirou.

Prescindir do supérfluo? E o que era o desnecessário naquele manicômio?

Repassei novamente os erros com atenção.

E tomei uma decisão.

Suprimi as citações bíblicas. Afinal de contas eram falsas, ou não relacionadas com o texto em questão.

E foi isto que obtive:

Também o sétimo.

e cada erro conduz à luz.

*... Em cem entardeceres, no ano 025, com a ajuda de Wailos, Eutiques e Turing.
chefe dos encantamentos depois de morto.*

Zeq’el (será o dia do relâmpago).

Na quinta e última coluna lia-se Besa’el (viverá o não vivido).

Continuei sem rumo.

Aquilo não tinha lógica para quem isto escreve.

Só as duas primeiras frases mantinham certa coerência (?): também o sétimo, e cada erro

conduz à luz.

Inverti a ordem, pontuei e li: “E cada erro conduz à luz. Também o sétimo”.

O instinto avisou.

Isto sim tinha um sentido maior. Mas continuei perdido.

“E cada erro conduz à luz.”

Eu havia detectado sete erros, mas um deles – justamente o sétimo – não estava sendo contemplado nesse momento.

Senti um calafrio.

“E cada erro conduz à luz. Também o sétimo.”

O autor das “anomalias” parecia conhecer a psicologia do receptor. Eu havia desconsiderado o sétimo “erro” (por ora).

“E cada erro conduz à luz.”

Fiquei emocionado.

E, de repente, um raio de esperança me iluminou.

Não foi a razão que chegou a essa conclusão; foi o instinto: “Eliseu está vivo”.

A lucidez foi breve.

Enrosquei-me de novo nas frases, e o bom senso – maldita criatura! – se impôs.

Assim se passaram as horas, intermináveis como desertos de pedra.

Então, recordei a advertência da bela intuição:

“Prescinda do supérfluo.”

Examinei novamente a confusão e tomei outra decisão.

Prescindiria do errado e das palavras que aparecessem repetidas no texto original.

Foi assim que construí o seguinte:

E cada erro conduz à luz.

Também o sétimo.

Em cem entardeceres e Turing.

Depois de morto.

Será o dia do relâmpago.

Lia-se Besa’el (viverá o não vivido).

Não avancei muito mais, mas duas frases chamaram minha atenção:

“Depois de morto será o dia do relâmpago.”

Aí fiquei; bloqueado de novo.

Quem tinha que morrer? Que diabos era dia do relâmpago? Alguém morreria nessa data?

Fiquei de novo desesperado.

O amanhecer clareava e eu escurecia.

Foi quando bateram na porta pela terceira vez.

Eu sabia.

Era a intuição. Voltava para me ajudar.

Assim foi.

Ao abrir a porta, encontrei-a diante de mim, a dois passos.

Dessa vez, ela sorriu e apontou o dedo para meu peito.

E sussurrou:

“Guie-se pelo coração.”

Ela tinha razão, como sempre.

Enfrentei de novo as seis frases.

Dessa vez, pinte-as.

“E cada erro conduz à luz” de vermelho.

Foi ao acaso: a primeira cor que me veio à mente.

“Também o sétimo” de verde.

“Em cem entardeceres e Turing” de azul.

E me deixei arrastar pelo conselho da bela intuição: “Deixe seu coração falar”.

Apaguei “e Turing”.

Entendi que estava sobrando. “Turing” era uma ratificação simplesmente.

Assim interpretei.

Era como se Eliseu houvesse acrescentado ao enigma um elemento que distrai e, ao mesmo tempo, uma confirmação de que aquilo era obra dele. Como disse, ele adorava Turing, o mago da informática.

De repente parei.

“Guie-se pelo coração.”

E continuei pintando de azul: “depois de morto”.

Foi assim que apareceu a seguinte frase: “Em cem entardeceres depois de morto” (azul).

“Será o dia do relâmpago” pinte de preto.

E faltava a última frase.

De que cor a pintura?

Não surgiu nada em minha mente.

Foi quando decidi enfiar a mão na caixa e, sem olhar, pegar um pincel atômico ao acaso (?).

Saiu o violeta.

“Lia-se Besa’el (viverá o não vivido)” ficou pintado de violeta.

“Guie-se pelo coração”, repetiu a bela mulher.

E suprimi “lia-se Besa’el”.

Não houve razão para isso. Foi puro instinto.

E o “código” – como eu havia começado a chamar as frases – se apresentou com um novo aspecto:

E cada erro conduz à luz (vermelho).

Também o sétimo (verde).

Em cem entardeceres depois de morto (azul).

Será o dia do relâmpago (preto).

Viverá o não vivido (violeta).

Era a quarta estrutura.

Fiquei pasmo.

Aquilo fazia mais sentido.

E a bela mulher falou de novo: “Guie-se pelo coração”.

Mudei uma das frases de posição.

Gostei mais.

E o código tomou nova forma:

*E cada erro conduz à luz.
Também o sétimo.
Em cem entardeceres depois de morto.
Viverá o não vivido.
Será o dia do relâmpago.*

Vermelho, verde, azul, violeta e preto.¹

Foi a quinta estrutura.

Passei muito tempo em frente ao código.

Algo estava claro para quem isto escreve: se Eliseu tentara se comunicar – sabendo, como sabia, de minha proverbial estupidez –, o código tinha que ser extremamente simples.

E me surpreendi de novo.

“Por que eu dava por certo que o engenheiro estava vivo?”

Ainda bem que me concentrei no que realmente importava: as frases.

“Em cem entardeceres depois de morto” estava me deixando obcecado.

Fiz todo tipo de cálculos.

Não conseguia desembaraçar a frase.

Cogitei todas as hipóteses que me foram enviadas.

Estava se referindo ao próprio Eliseu?

Aceitando que houvesse morrido, quando ocorreu essa morte?

Era óbvio.

O falecimento – se é que morreu – devia ter acontecido às 21 horas do dia 28 de junho (1973). Foi nesse momento que vi o “berço” afundar nas profundezas do mar Morto.

Consultei o calendário.

Caramba!

“Cem entardeceres depois de morto” (?) coincidia com o dia 6 de outubro.

Era para essa primeira semana do mês de outubro que o Rapto de Europa previa o início da guerra entre árabes e judeus.

O instinto tocou meu ombro, mas não notei a sutileza.

Aí fiquei.

O dia 6 de outubro seria o dia do relâmpago?

O resto do código – ou o que quer que fosse – não me disse nada.

E uma voz soou clara dentro de mim: “Eliseu está vivo!”.

O som foi nítido: “Vivo!”.

Mas isso significava que havia “voltado” para o Mestre.

Meu Deus!

Eliseu estava tentando me dizer que estava com o Filho do Homem?

Eu não entendia.

E por que ia voltar ao tempo do Homem-Deus?

Já havia pensado nisso, mas voltei ao assunto.

Que razão podia ter Eliseu para manipular de novo os eixos dos *swivels* e retornar à época de Jesus?

E qual era meu papel em tudo aquilo?

Se fosse verdade que o engenheiro estava de novo no ano 28 de nossa era, o que

pretendia?

E o mais desconcertante: por que tentava se comunicar com quem isto escreve?

Eu estava acabado.

Ainda assim, refleti sobre as já referidas razões: por gratidão ao Galileu? Ele o havia curado.

Não sei.

Eliseu era frio e calculista.

Queria continuar o que eu não pude terminar? Pretendia seguir o Mestre pelo resto de sua vida de pregação?

Se assim fosse, senti uma intensa inveja.

Por Rute, a ruiva?

Não acreditei.

Para resgatar o cilindro de aço com as amostras?

Isso se encaixava na personalidade e no “trabalho” do “escuro”.

Por uma mistura de todas elas?

Quem sabe!

E a lógica voltou e se impôs: “Você está se excedendo”.

Talvez estivesse com razão. Eu havia visto a nave afundar no mar de Sal.

“Está vivo!”, insistia a voz interior. “Está vivo e tentando lhe dizer alguma coisa!”

“Está morto!”, insistia a razão.

“O código não é casual!”, eu escutava em minha mente. “Nada é por acaso.”

Sim, eu sabia. Nada é casual. Nada.

Mas a razão tinha seu peso.

E estava nessas quando bateram na porta uma vez mais.

Pensei: a bela intuição.

Ela vai esclarecer minhas dúvidas.

Abri e fiquei decepcionado.

Não era a linda mulher que caminhava na ponta dos pés.

Era um policial militar.

Caramba!

Domenico estava me chamando.

Às 8 da manhã da sexta-feira, 17 de agosto, eu entrava na sala do assistente do general Curtiss, no hangar vermelho.

Esse seria outro dia que eu não poderia esquecer com facilidade.

Domenico não me olhou.

Acho que não percebeu minha chegada.

Em cima da mesa havia cinco grandes fotografias coloridas.

O assistente as contemplava com a ajuda de uma lupa.

Notei-o absorto e sombrio.

Fiquei em silêncio, do outro lado da mesa, atento.

As imagens me alertaram.

Alguma coisa estava acontecendo.

Finalmente ele percebeu minha presença.

Ergueu o rosto, e captei uma sombra de inquietude em seu olhar.

– Que foi? – perguntei enquanto olhava de soslaio as superfícies foscas das fotos.

Ele pegou uma e a entregou a mim, sugerindo:

– É melhor se sentar.

Assim fiz, e examinei a fotografia.

Era uma imagem tomada por um satélite.

“Mais uma”, pensei.

Mas não. Aquela era diferente.

Em um primeiro momento, não distingui muita coisa.

Tratava-se do mar Morto, como quase sempre.

À esquerda estava a costa jordaniana.

Na legenda li: “16 agosto. 1973. 12 horas, 12 minutos. Coordenadas...”.

Esse era o ponto onde o “berço” havia afundado.

Dia 16 havia sido o dia anterior.

Hesitei.

Aquelas malditas fotos nunca me diziam nada.

O assistente indicou um ponto a meio quilômetro ao oeste do *wadi* Mujib.

Inspecionei de novo a fotografia, mas só encontrei uma mancha. E a olhei sem compreender.

Domenico, então, abriu uma das pastas e pegou dois documentos. Entregou-os a mim e me convidou a ler.

Era um informe confidencial procedente do Pentágono (seção cartográfica do Centro de Desenvolvimento Tecnológico e Industrial).

Li rápido, e a confusão me esmagou.

Troquei um olhar com o assistente.

Ele assentiu em silêncio.

– Mas...

Ali se reconhecia que o “berço” estava a 92 metros. Enterrado no lodo do leito do mar Morto.

Voltei à fotografia, mas continuei perdido.

Só se distinguia uma mancha.

E comentei, farto:

– Isto pode ser uma cagada de mosca.

Domenico sorriu de má vontade e me incitou a concluir o informe.

O pessoal do Pentágono expunha inúmeros dados técnicos que supostamente avalizavam a descoberta.

O autor (ou autores) se referia ao “inconfundível perfil do módulo” e à “clara ausência do trem de pouso”.

A detecção – diziam os papéis – havia sido possível mediante sensores hiperespectrais de alta resolução espacial,² com a ajuda de raios X e a “canalização ultrassônica”.

Os satélites, finalmente, conseguiram a penetração no barro e a localização da nave.

Não sei explicar, mas aquilo me pareceu suspeito.

É verdade que as descobertas militares nos EUA ultrapassam uma dezena por ano, e que

difícilmente vêm à tona. Tudo era possível, mas...

Acabei dando de ombros e exclamei:

– Quem sabe!

Domenico me contemplou perplexo.

– A informação – argumentou – procede do mais alto escalão.

– É onde há mais merda.

O assistente me incitou a continuar a inspeção das demais fotografias.

Assim fiz.

Dessa vez empalideci.

As quatro imagens eram diferentes. Muito diferentes.

Domenico se adiantou a minhas intenções e me cedeu a lupa.

– O que é isto? – perguntei após uma atenta primeira observação.

Meu colega replicou:

– Sinceramente, não sei. Parece um dos nossos.

Nas fotos, nítido e perfeitamente focalizado via-se um corpo. Era um cadáver.

Li o verso: “Mar Morto. 11 de agosto 1973. Jordânia. Identidade desconhecida”.

Não havia dúvida. As imagens foram tomadas em uma praia da costa oriental do mar Morto (zona jordaniana).

Inspecionei-as repetidamente, cada vez mais nervoso.

– Não pode ser...

– Parece que sim.

E repeti:

– Não é possível...

– É sim. Por isso o chamei.

Na primeira fotografia via-se o cadáver de ponta cabeça perto da água. Usava um traje branco, aparentemente de astronauta.

Observei os detalhes.

Era similar aos que usávamos no projeto Swivel, mais especificamente na Operação Cavalo de Troia.

Estava de escafandro.

Nas proximidades apreciavam-se os pés de vários soldados. Eram botas. O fotógrafo era um militar, obviamente.

Na segunda imagem o “astronauta” (?) aparecia de barriga para cima.

Passei a lupa sobre o escafandro, mas a proteção, uma película preta, não permitia ver o interior.

No ombro esquerdo distinguia-se a bandeira norte-americana (13 × 7 centímetros), costurada no traje.

E começaram os calafrios.

– Não é possível – eu repetia.

Continuei aproximando a lupa do traje.

Afirmativo.

Era idêntico ao que usávamos Eliseu e eu quando fui empurrado para as águas do mar de Sal.³

Domenico continuava em silêncio, de cabeça baixa.

A terceira fotografia me desconcertou um pouco mais.

Era uma ampliação do braço direito.

Uma maleta metálica, de porte médio, estava algemada ao punho.

Não entendi.

Perguntei, mas Domenico não sabia o que responder.

Na face visível da maleta via-se parte de um número gravado no metal.

Julguei ler 1357.

Não fazia ideia.

Que eu soubesse, não levávamos no “berço” esse tipo de maleta.

A última fotografia era outra ampliação. Nesse caso, do peito do astronauta.

A lupa tremeu.

Não demorei a reconhecer o emblema circular, de sete centímetros de diâmetro, que distinguia o Cavalo de Troia. Estava sobre o coração.

Estremeci, e Domenico percebeu.

Rapidamente pegou o rosário e murmurou as preces com os olhos fechados.

No centro do peito, à altura do esterno, lia-se um sobrenome.

Santo Deus!

Estava costurado no traje.

Interroguei Domenico novamente.

Ele não respondeu.

Continuou com as Ave Marias.

“Não”, pensei, “não é ele.”

Sim, era. Pelo menos foi esse o nome que li.

Era Eliseu!

Seu sobrenome (real) estava sobre o peito.

As cinco letras estavam deterioradas, mas legíveis.

– Meu Deus! Não é possível...

O assistente interrompeu o rosário e respondeu:

– Como vê, parece que sim. Fim do pesadelo.

– Curtiss sabe?

– Está a caminho.

Apontei as fotos e perguntei, embora já conhecesse a resposta:

– Que garantias há de que isso seja verdadeiro?

– Garantias? – clamou Domenico com estranheza. – Vêm do mais alto escalão!

E recordei Eliseu e os “escuros do inferno”. Também procediam do mais alto escalão.

– Não sei o que pensar – lamentei.

O assistente se levantou.

O rosário oscilou nervoso.

Domenico desabafou:

– Eu lhe direi o que você tem que pensar: Eliseu morreu.

Hesitou uns instantes, mas continuou, valente e decidido:

– Provavelmente se afogou. Talvez tenha morrido no impacto. Isso não importa, morreu!

Receberá honras militares.

– Que se danem as honras!

– Quando Curtiss chegar perguntarei, e avisaremos a esposa e a família.

E surgiu em minha mente o código.

Que estranha situação!

Aquelas frases não casavam com o que eu estava vendo.

Estava ficando obcecado?

Não fiz mais comentários e abandonei o lugar.

Caminhei sem rumo.

Eu estava extremamente confuso e angustiado. Não podia negar o que acabara de ver, mas alguma coisa me puxava em outra direção. Não sei explicar.

Foi, sem dúvida, um dos momentos mais difíceis daquele período.

As esperanças nascidas ao amparo do código estavam desaparecendo segundo a segundo.

Acabei no bosque de Josué.

Falei muito com o cacto dos olhos cor de mostarda.

Procurei pôr ordem no galinheiro da mente.

Foi quase impossível.

Josué olhava e exclamava:

– Coitadinho!

Ele foi meu confessor:

– Vamos começar do começo. O que você viu?

Eu disse que vira uma mancha na foto de um satélite.

– Você tem razão – disse. – Isso é manipulável.

E falei igualmente dos documentos do Pentágono.

– Um momento – intercedeu espantado –, o que você tem a ver com Ellsberg?

– Nada.

– E com Colson?

– Muito menos.⁴

– E com o “analfabesta” do Nixon?

Incomodou-me a pergunta, mas prossegui com as explicações:

– As outras fotografias são outra coisa.

– Por quê?

– Vê-se um cadáver vestido de astronauta. Dizem que é Eliseu.

– Quem disse?

– Tem o sobrenome no peito.

– Isso não significa nada. Viu o rosto dele?

– Não.

– Quando apareceu?

– Há uma semana. Tem uma maleta algemada no punho.

– Uma maleta? Como o homem que nunca existiu!

– O que quer dizer?

– É coisa minha. Você não havia nascido.

E, de repente, lembrei algo que podia ser importante.

Não havia me dado conta na sala do assistente.

– Como morreu?

Não prestei atenção às palavras do cacto.

– Afogou-se? – insistiu ele. – Bateu em alguma coisa? Morreu no impacto?
– Não sei – balbuciei. – Eliseu era um atleta.
– O que lembrou?
– O “berço” estava estacionário quando fui empurrado para as águas.
– Nível?
– Trinta pés (por volta de dez metros).
– Restava combustível?
– Os tanques da reserva entraram em funcionamento ao ficarmos estacionários sobre o mar Morto.

– Isso quer dizer que...
O cacto calculou. Eu o ajudei:
– Restavam 492 quilos.
– Quanto o “berço” queimava?
– Nesse momento, se bem me lembro, seis quilos por segundo.
E acrescentei:
– Quando pulei, tínhamos uma margem de 40 segundos.
– Vejamos – meditou Josué –, você foi empurrado, afundou nas águas e voltou à superfície.

– Isso mesmo.
Eu não sabia aonde ele queria chegar.
– Tudo isso deve ter levado entre 20 e 30 segundos.
Dei-lhe razão:
– Mais ou menos.
– Na realidade, você observou a nave pouco antes de voltar à superfície.
Concordei. Vi-a afundar quando comecei a subir.
– A nave, portanto, não havia consumido todo o combustível quando cruzou com você debaixo d’água.

Dessa vez eu fiz os cálculos.

Ele tinha razão.

Quando a vi se perder nas profundezas do mar de Sal, podiam ter se passado 15 ou 20 segundos desde que eu havia sido empurrado por Eliseu. Talvez menos. Recordei que, segundos antes de meu colega me empurrar, ele gritou enquanto olhava os controles: “Faltam 40 segundos!”.

Caramba! A observação do cacto me deixou perplexo.

A nave não se precipitou no lago de forma violenta. Desceu suavemente. Não houve impacto.

Em outras palavras, entrou no mar Morto com a metade do combustível da reserva.

Quando cruzei com o “berço”, segundo essas estimativas, havia combustível para mais 20 segundos, no mínimo. E pensei: “Vinte segundos é uma eternidade”.

E o negócio do escafandro – a ideia que havia me assaltado pouco antes – voltou com força.

Ali deixei o bondoso Josué matutando.

E fui de novo para a área restrita.

No caminho pensei, pensei.

Eliseu tivera tempo de ativar a inversão de massa... e “desaparecer”!

Mas o que devia pensar do cadáver?

Se ele se afogou (?) no dia 28 de junho, por que apareceu 44 dias depois? E mais: se o “berço” estava a 92 metros, no lodo, como explicar a presença do “astronauta” na margem? Quem encontrara o cadáver? Em que circunstâncias? Em que ponto exato?

E o mais importante: por que ninguém retirara o escafandro?

Muitas perguntas sem resposta. Talvez Domenico tivesse razão.

“Fim do pesadelo.”

Talvez eu tivesse que aceitar a ideia: Eliseu estava morto.

Ou não?

E o código?

Será que tudo se devia a uma manobra orquestrada pelos “escuros do inferno”?

Eu estava delirando.

E o que pensar da estranha maleta metálica algemada ao punho direito do corpo?

O que continha?

Talvez o cilindro de aço com as amostras do Mestre e de sua família.

Descartei a ideia.

Isso não era possível.

O cilindro se perdera em Beit Ids.

Talvez contivesse algo de que Eliseu não havia falado.

Outro segredo?

Ao entrar na sala do assistente de Curtiss, no hangar vermelho, fui direto para as fotografias do “astronauta”.

Domenico me seguiu desconcertado.

– Que foi?

Não respondi. Só queria me certificar.

De fato.

E fiquei novamente confuso.

O corpo encontrado na margem jordaniana, como disse, portava um escafandro com película preta.

Que estranho!

Como disse, segundos antes de este explorador ser empurrado por Eliseu nas águas do mar de Sal, o engenheiro retirou meu escafandro, e depois fez o mesmo com o seu. Os dois escafandros, além de tudo, eram transparentes. Lembro que o meu estava manchado de sangue.⁵

Como o cadáver, supostamente de Eliseu, estava de escafandro com película? Havia colocado o escafandro de novo depois? Por que razão? Se pretendia pular, o escafandro na água teria atrapalhado.

Ou não eram essas suas intenções?

Tive que me sentar.

Tudo escurecia a minha volta.

Li de novo o informe do Pentágono e repassei as demais fotografias.

Não disse nada a Domenico sobre o assunto do escafandro.

O assistente não conseguiu esclarecer minhas dúvidas.

Não sabia muita coisa.

As fotos do “astronauta”, ao que parecia, tinham sido tomadas pelo exército jordaniano e entregues na embaixada norte-americana em Amã. Dali foram remetidas ao Pentágono.

Domenico não sabia quando haviam sido feitas realmente, mas no verso do papel havia uma data, já mencionada: 11 de agosto (sábado).

Ele também não sabia como o cadáver havia chegado à costa.

“Alguém deu o alerta”, imaginou, “e as autoridades foram ao local.”

Fazia sentido.

E pensei: “Faz 50 dias que o ‘berço’ afundou, sempre supostamente. Esse cadáver, aceitando que seja de Eliseu, deve estar em avançado estado de decomposição. Ou muito me engano ou a identificação pode ser lenta e laboriosa. A propósito, que explicação a embaixada deu às autoridades da Jordânia?”.

Isso é problema deles.

Foi naquela nova observação das fotografias que vi. Aproximei a lupa e o confirmei.

Era outro detalhe “impossível”.

Domenico me observava com curiosidade.

Para ele, eu era quase um extraterrestre.

O traje do astronauta estava levemente rasgado à altura do joelho esquerdo.

Isso era inviável.

Como disse anteriormente, a camada externa era protegida por um composto coloidal⁶ que resistia às agressões físicas e químicas. O impacto de um calibre 22 americano, a dez metros, não o afetava.

E me perguntei: “Como pode estar rasgado?”.

Também não fiz comentários a respeito.

Ainda bem.

Curtiss apareceu no hangar vermelho às 16 horas e 6 minutos.

Chegou nervoso, com o charuto falecido entre os dedos. Soltava faíscas. O Pentágono o havia informado de manhã. Sempre era o último a saber das notícias. Era o que dizia.

Domenico começou a tremer, com razão. O general examinou as fotografias enquanto o assistente guardava seu quepe.

Curtiss grunhiu. Exigiu os papéis do Pentágono e continuou grunhindo baixinho.

Domenico começou a empalidecer.

Isso significava “tempestade à vista”.

O chefe do projeto me olhou, mas não me viu. E continuou emitindo sons roucos e ininteligíveis.

Domenico acendeu o charuto, ressuscitou-o, e o general, com os documentos e as fotografias nas mãos, encaminhou-se ao “defumadouro”.

A irritação de Curtiss espirrava.

De repente parou, girou sobre seus calcanhares e, dirigindo-se a quem isto escreve, rugiu:

– Temos que conversar, você e eu!

O tom parecia de tempestade a bombordo.

O que eu havia feito dessa vez?

A batida de porta foi cinematográfica.

Eu não sabia o que fazer.

Sentava? Fugia?

Optei por esperar.

E começaram os gritos.

Curtiss estava falando com o Pentágono.

Depois chegaram os palavrões e adjetivações.

Domenico se escondeu atrás dos papéis. Nem respirava.

Os telefones soltavam fumaça.

– Eu sei que é sexta-feira, imbecil! – clamava Curtiss. – Isto aqui tem prioridade! Vá buscar esse *trapalhão* do caralho!

Silêncio.

Depois, novos gritos e mais lindezas:

– Como assim não encontrou o oficial de operações? Soviéticos! Inúteis! Vá buscá-lo e traga-o pelo saco, entendeu? Vá, malditos *jevas*!

Domenico traduziu e corou:

– *Jeva*, em Cuba, significa viado.

– E *trapalhão*?

– Vem do português: trapalhão, trapaceiro.

Curtiss os chamou de tudo.

Ninguém estava onde devia estar.

Chamou-os de traidores, putas sem cigarro, bêbados, puxa-saco e militares de calça curta (?).

O repertório não tinha fim.

– Como assim está caçando no Alasca? Maldito imbecil! Mande trazê-lo! É uma ordem!

Depois foi a vez dos políticos.

Chamou-os de vampiros, folgados crônicos, cornocratas, lambe-cus e ladrões, entre outros agrados que não recordo.

Uma hora depois, em plena tempestade, eu me retirei.

Se o general quisesse falar comigo, Domenico sabia onde me encontrar.

O bar de Joco era um incêndio. Os rumores consumiam tudo.

E escutei pasmo: Nixon havia se dirigido à nação declarando-se inocente no caso “Watergate”.¹

Meus colegas militares o chamavam de pérfido e verborrágico.

Disse que não renunciaria.

E as risadas foram cinematográficas.

Joco o chamou de santo do pau oco.

Kissinger e a CIA continuavam incendiando o Chile, mas pela porta dos fundos, de acordo com seus hábitos.

Allende, o legítimo presidente, advertia sobre a possibilidade de uma guerra civil. Mas Nixon e os “macacos” olhavam para o outro lado.

Para piorar, caças judeus haviam interceptado outro avião de passageiros. E o obrigaram

a aterrissar na cidade de Lod. No bar de Joco corria o rumor de que Salah Khalaf, um terrorista que dirigia a organização Setembro Negro, estava no aparelho.

E pensei: “Outra argúcia do Rapto de Europa para aquecer o ambiente”.

A guerra uivava muito perto.

Todo mundo a ouvia, mas ninguém fazia nada.

Malditos políticos e malditos militares!

A maioria de meus colegas obedece, eu sei, mas alguns são vilões, e da pá virada.

O dinheiro e o poder os domina.

Pobres iluminados!

Não sabem que a única coisa que vão levar deste mundo é a mala das recordações. Mas, ainda assim, cumprem seu “contrato”.

Comecei a me sentir fraquejar.

Eu me sentia derrotado.

Curtiss não me chamou.

E optei pelo mais sensato: ir para meu quarto e continuar pensando.

Os pensamentos eram o mar Vermelho da Bíblia: de repente se abriam e logo depois se fechavam com estrépito.

E eu me via chacoalhado em águas turbulentas:

“Eliseu... estava vivo? O código... Um cadáver no mar de sal... Fim do pesadelo... Vou lhe dizer o que tem que pensar... Temos que conversar, você e eu... Como assim está caçando no Alasca? Havia combustível para 20 segundos... Indiquei meu escafandro e ele o retirou... Cem entardeceres depois de morto...”

Eu me rendi abraçado ao código.

Já não era sem tempo.

Dormi profundamente.

E amanheceu aquele fim de semana inesquecível.

Decisivo, diria eu, nesta história.

Após tomar o café da manhã e passear um pouco pelo bosque de Josué, tranquei-me de novo no pavilhão dos oficiais.

Não tive notícias de Curtiss. Melhor.

E, mais sereno, dediquei o tempo a algo que havia deixado de lado conscientemente; não sei se por medo ou negligência. Acho que pelo primeiro.

E pensei: “Por que não enfrentei aquela última parte do código muito antes?”. Teria me poupado tempo, energia e, acima de tudo, desgostos.

Quem sabe...

O Destino não mede como nós.

O que chamara de “sétimo erro” (no código) surgiu diante de mim na noite do sábado, 18 de agosto de 1973.

Mas irei passo a passo.

Peguei papel e lápis e me preparei para desmascará-lo.

O texto em questão, como deve recordar, dizia assim:

“Nesse domingo, 17 de novembro, o orto solar foi registrado às 3,1 horas, 27 minutos e 025 segundos (Número).”

Um pouco além, continuava da seguinte forma:

“A lua apareceria às 3,5 horas, 33 minutos e 34 segundos (Ezequiel).”

Tive um pressentimento. Ali havia algo escondido.

Que idiota! Até um cego teria visto!

Coloquei o código – colorido – à vista e comecei.

Comparei.

Trouxe para cá e levei para lá.

Suprimi palavras.

Acrescentei outras.

Foi um trabalho em vão.

Assim se passaram várias horas.

O “erro” parecia de ferro. Não consegui nem arranhá-lo.

E, entediado, pensei em desistir.

O especialista em números era Eliseu. O melhor.

E estava nessa, prestes a jogar a toalha, quando bateram na porta.

Era a bela intuição!

Não entrou.

Estava lindíssima.

E sussurrou no corredor:

– Os números!

Os números?

E a bela se afastou na ponta dos pés.

Fechei a porta da imaginação e concentrei minha inteligência (?) nos números que apareciam no referido “sétimo erro”.

Esqueci as palavras, coloquei os números em fileira, como apareciam no “erro”, e li:

17-3,1-27-025-3,5-33-34

Olhei e olhei de novo. Continuava no escuro.

Que homem mais imbecil!

Permutei dígitos.

Inverti a ordem.

Comecei pelo final.

Absolutamente nada.

Casei uns números com outros.

Divorciei-os.

Fiz todas as diabruras que me ocorreram e algumas mais.

Não me disseram nada.

Eram números dóceis e sofridos.

E as combinações, cálculos e especulações provocaram uma fumaceira em meu cérebro.

Lógico.

Eu me rendi pela segunda vez.

Optei por desistir, por ora, e dar outro passeio.

Comi alguma coisa e arejei a mente.

Logo estava de novo em meu quarto.

Era impressionante.

Alguma coisa me puxava, e pelo nariz.

E continuaram as conjecturas, as anotações, os quebra-cabeças e a fumaceira nos miolos.

Nada.

O “sétimo erro” era inquebrantável.

Eu estava equivocado ao considerá-lo uma anomalia?

A única coisa de que eu tinha certeza era que não era uma falha minha.

E, de repente, quando o sol se afastava entediado, recebi aquela espécie de faísca.

Que burro!

Por que não vira antes?

Por segurança, comecei do zero. Resgatei os seis primeiros “erros” e observei, com alívio, que os números que acompanhavam as falsas citações bíblicas eram os mesmos com que eu estava especulando desde cedo.

Caramba!

E li aturdido: “Zacarias 2,7/Zacarias 3,1/no ano 025/Semihazah 3,5/ (será o dia do relâmpago) (3,4) e Êxodo (3,3)”.

Então, recordei o sussurro da bela intuição:

“Os números!”

Extraí os dígitos das referidas falsas citações bíblicas e os arranjei em fileira (em ordem de aparecimento):

2,7-3,1-025-3,5-3,4-3,3

Caramba, mil vezes caramba!

Esses números eram quase idênticos aos que apareciam no “sétimo erro”. A saber: 17-3,1-27-025-3,5-33-34.

O 17 era o único que não se repetia.

Suprimi-o.

E as duas fileiras ficaram assim:

2,7-3,1-025-3,5-3,4-3,3 (citações bíblicas).

3,1-27-025-3,5-33-34 (“sétimo erro”).

Fiquei bobo.

Não fosse pelas vírgulas, os números eram praticamente gêmeos.

Aquilo não tinha jeito de coincidência, longe disso.

O 3,1 da primeira fileira se cruzava em X com o 3,1 da segunda. E o mesmo acontecia com o 2,7 e o 27.

O 025 e o 3,5 mantinham posições idênticas nas duas fileiras.

Na “cauda” repetia-se de novo o cruzamento em X.

Impressionante!

Em criptografia, o duplo cruzamento em X é denominado “ratificação dançada”¹ (!).

Acaso? Duvido.

Ora! Aquela frasezinha me era familiar.

E cheguei a uma brilhante conclusão: eu, burro até dizer chega, teria precisado de mil anos (?) para chegar a uma construção dessas.

Simplesmente me pareceu simples e árdua.

O autor era um gênio.

Mas eu não havia visto tudo.

Pressenti que estava acariciando alguma coisa. Senti nas pontas dos dedos.

Alguém estava tentando se comunicar com quem isto escreve.

Mas esse alguém só podia ser Eliseu.

Eliseu?

Meu Deus! Eu havia acabado de ver seu cadáver. Ou melhor, seu suposto cadáver.

E os céus tiveram piedade de mim. Que outra coisa posso pensar?

Nisso, bateram na porta de novo.

Era a belíssima de novo.

Pestanejou, emocionada, e sugeriu:

– As vírgulas.

E se afastou na penumbra do corredor.

Que traseiro maravilhoso e emocionante!

Esqueci a banalidade e mergulhei de novo no código.

Caramba, mil vezes caramba!

Suprimi as vírgulas, como aconselhava a intuição, e foi isto que apareceu:

27	31	025	35	34	33
31	27	025	35	33	34

Os pares de números, idênticos, embora em posições diferentes, giravam em volta do 025 e do 35.

E os cruzamentos, em X, surgiram em todo seu esplendor.

Como disse: quem isto escreve não teria conseguido algo assim nem em mil anos.

Não foi um calafrio o que senti. Foi uma corrente de calafrios.

“Alguém” estava se aproximando sigilosamente.

E foi ao contemplar a dupla sequência – de forma panorâmica – que meu cérebro de piloto reagiu.

Santo Deus!

Como não havia visto isso muito antes? E eu era aviador?

Um idiota, isso sim!

Olhei o relógio.

Marcava 21 horas.

E escrevi triunfante:

27°	31'	025"	–	35°	34'	33"
31°	27'	025"	–	35°	33'	34"

Eram coordenadas geográficas!

Eu estava nas nuvens.

Havia conseguido!

Para ser exato: quase havia conseguido.

Eram coordenadas, mas faltava uma coisa vital: a longitude e a latitude.

O que indicavam? Eu deveria procurar algo em particular nesse ponto? Que ponto? Por que coordenadas?

Foi tal a emoção que minha mente ficou encharcada.

Não pude dar um passo.

Queria chorar, mas não sabia como.

Larguei tudo e corri ao bar de Joco.

Alguém, de fato, havia chegado até mim.

Finalmente.

A bela intuição jamais trai, nem se engana, como afirmava o saudoso Mestre.

Os supostos erros não eram erros.

Alguém inserira “anomalias” nos diários com toda a intenção.

Esse “alguém” – eu sabia – era Eliseu, o engenheiro.

E aquele pensamento continuou pulsando: ele está vivo!

Mas, assim sendo, por quê? Qual era o sentido de tudo aquilo? O que ele estava tentando me comunicar? Por que não disse nada quando estávamos na nave? Teria sido mais simples.

Aquilo não tinha mais solução. As coisas eram como eram.

E dormi inquieto.

Tive sonhos absurdos.

A bela que caminhava na ponta dos pés apareceu em meus sonhos e repetia obsessivamente:

– “Número... Ezequiel... Número...”

Repetiu a palavra “Número” (não entendi por que dizia “Número” em vez de “Números”) 226 vezes.

Era extenuante.

Ela me perseguia aonde quer que eu fosse, inclinava-se para mim e sussurrava as citadas palavras.

“Ezequiel” ela pronunciou 137 vezes.

Quando se inclinava, eu via seus seios. Isso me consolava.

No domingo, 19, revirei tudo e comprovei, com espanto, que não tinha um único mapa no qual estudar as coordenadas.

Resignei-me.

Eu também não conhecia a informação-chave: as referidas longitude e latitude. Sem elas não havia nada a fazer.

Tinha que esperar até segunda-feira. Então, iria ao Dryden (Centro de Investigação de Voos da Nasa), situado perto do pavilhão dos oficiais, e resolveria o assunto.

Resolver o assunto?

Eu era mais tolo do que parecia.

Primeiro tinha que elucidar a incógnita da longitude e da latitude.

E, mesmo assim...

Contemplei de novo as coordenadas:

27°	31’	025”	–	35°	34’	33”
31°	27’	025”	–	35°	33’	34”

Aquilo admitia diversas combinações.

Muitas.

E recordei os sonhos.

Por que a bela insistira nas palavras “Número” e “Ezequiel”? Por que as repetira 363 vezes?

O instinto avisou. Ali se escondia alguma coisa.

E recordei o conselho do Filho do Homem: “Procura sempre a pérola dos sonhos”.

“Números” (não “Número”) é o quarto livro do Pentateuco (como um estúpido, insisti em “Números”).

“Ezequiel”, por sua vez, é o quinto livro profético do Antigo Testamento.

E que relação tinham com o que eu estava procurando?

Aparentemente, nenhuma.

Mas testei todas as fórmulas que me vieram à mente.

Procurei encaixar “Números” e “Ezequiel” entre as coordenadas.

Aquilo era misturar água e óleo.

O desastre foi total.

“Números” é o relato da peregrinação dos judeus pelo deserto.

Bom, minha missão também era uma peregrinação.

Quanto a “Ezequiel”, já se sabe: a visão do carro de fogo e do livro.

E, de repente, recordei algo contido no citado texto de Ezequiel (2,8): “Mas tu, ó Filho do Homem, ouve o que te digo: não sejas rebelde como a casa rebelde; abre a tua boca e come o que eu te dou”.

Agora, sabendo o que sei, “aquilo” é mágico e portentoso.

E outra frase, também de Ezequiel (2,3), fez alarde em minha memória: “Filho de homem, eu te envio aos filhos de Israel, às nações rebeldes que se rebelaram contra mim”.

Como eu disse: mágico.

O esforço se prolongou por toda a manhã.

Negativo.

“Números” e “Ezequiel” não tinham cara de latitude e longitude.

Eu me enganei, claro.

E durante um tempo me abandonei na cama, perdido.

Não sabia o que fazer.

E tornaram a bater na porta.

Pulei emocionado.

Socorro!

Era a bela, belíssima, do traseiro emocionante.

Também não quis entrar. Olhou-me e esclareceu:

“Estão sobrando letras.”

E desapareceu na penumbra da imaginação.

Caramba!

Como assim, estão sobrando letras?

Voltei à mesa e revisei o desastre.

“Números.”

E bateram de novo na imaginação.

Era ela, a intuição.

Não me permitiu perguntar.

Estava séria.

E exclamou:

– Número, no singular.

E se afastou.

Dessa vez nem reparei no traseiro.

No singular?

Repassei o chamado “sétimo erro” e percebi.

Eu estava enganado.

Na “anomalia” não se falava de “Números” no plural, e sim de “Número”.

A bela foi muito explícita: “Estão sobrando letras”.

E a isso dediquei 100% de minha capacidade.

“Estão sobrando letras.”

E fui eliminando-as das palavras “Número” e “Ezequiel”.

E nessas estava quando, subitamente, vi a luz.

Caramba, mil vezes caramba!

“Número” continha “n”, de norte, e “e” de (l)este. O resto das letras estava de sobra.

Fiquei gratamente desconcertado.

“Ezequiel”, por sua vez, reunia a inicial de (l)este (três vezes). O resto sobrava, igualmente.

Compreendi.

Se eu houvesse considerado “Números”, no plural, teria encontrado o “s”, de sul, e tudo

teria se enrolado um pouco mais.²

Meu coração deu um pulo.

“N” maiúsculo, e “E” igualmente maiúsculo.

Norte e Leste!

E a ratificação, sempre obrigatória em criptografia: a letra “E” ([l] este) se repetia três vezes.

Não tive dúvida.

Podia ser uma pista.

O problema, agora, eram as várias combinações que derivavam das sequências numéricas que interpretei como coordenadas geográficas.

Eu precisava me armar de paciência e procurar.

Uma das combinações tinha que me dizer alguma coisa.

Tinha que ter algum tipo de conexão com o código. Essa era a chave.

Os seis “erros” e o sétimo tinham que formar um todo.

E recordei: “Cada erro conduz à luz. Também o sétimo”.

Mensagem recebida.

Seis “erros” e umas coordenadas.

Sabia que estava no caminho certo.

Um código e umas coordenadas.

Mas as dúvidas, selvagens, atacaram pelas costas:

E para que servia aquele mistério? Se Eliseu estava vivo, o que pretendia? E se quem isto escreve não fosse capaz de resolver o enigma?

Evidentemente, a essa altura, o código fazia parte de mim mesmo:

E cada erro conduz à luz.

Também o sétimo.

Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.

Será o dia do relâmpago.

(Coordenadas)

Que mistério!

Durante o resto do dia roí os dedos de impaciência. Passeei. Chacoalhei o código para que falasse e imaginei.

A moça do traseiro emocionante não deu sinal de vida.

Que pena...

No bar de Joco corria um rumor sobre uma conspiração para matar Nixon.

Não dei bola.

E adormeci entre coordenadas, ao sul da razão.

¹ Trata-se de uma confirmação do enigma mediante uma ratificação com dados combinados ou “dançados”. (N. de J. J. Benítez.)

² Os diários, em inglês, falam de *number* (número). No plural teria sido *numbers*, e o “s”, em inglês, é a inicial de *south* (sul). Além disso, “leste” em inglês é “east”, ou seja, uma palavra que começa com “e”; daí as referências do Major à letra “e”. (N. de J. J. Benítez.)

Naquela segunda-feira, o sol apareceu às 5 horas e 18 minutos.

Timidamente, amarelo, como se soubesse o que ia acontecer.

Fazia tempo que eu olhava pela janela. Esperava-o ansioso.

Eu também intuía alguma coisa.

Aquele 20 de agosto (1973) seria mais importante do que eu imaginava. Pensei com atenção.

O jeito mais rápido e eficaz de resolver o assunto das várias combinações era submeter as coordenadas a um dos poderosos “Washingtons”. Assim chamávamos os computadores do Dryden.

Em segundos, a máquina ofereceria a relação completa dos lugares sugeridos pelos números (sempre em relação às posições Norte e Leste).

Esperei na rua, nervoso.

Abriram as portas, e às 7 da manhã irrompi no centro.

Eu tinha dois contatos entre os funcionários. Eles me ajudariam com os “Washingtons”.

Porém, ao atravessar o hall em direção ao elevador, alguém veio ao meu encontro.

Era a bela do cabelo até a cintura!

Fiquei surpreso.

Como acordava cedo! O que estava fazendo no Dryden?

Ali tudo era técnica e razão pura. Nenhum daqueles cientistas trabalhava com a intuição. E, segundo eles, ela era uma criatura pouco recomendável.

Passou ao meu lado e, sem parar, sussurrou:

– Nada de computadores.

Voltei-me desconcertado.

Não estava mais ali.

O jeito de ela aparecer e desaparecer me deixava transtornado. Não estou sendo sincero. Seu traseiro também me desmantelava.

Hesitei.

O processo de busca das coordenadas do jeito tradicional, com esquadros e paciência, era um suplício.

E decidi não seguir o conselho da bela.

Estava impaciente. Certamente a intuição compreenderia.

Peguei o elevador e cheguei ao andar dos “Washingtons”.

Mas...

Não havia dado nem cinco passos quando, de frente, encontrei Slimy, o diretor “babento”.

Estava conversando com dois cientistas.

Slimy mostrava umas fotografias.

Eu as reconheci: eram as do cadáver do astronauta.

Como haviam chegado a ele?

Isso não importava.
Eles me viram.
Cumprimentamo-nos e, ainda não sei como, dei meia-volta e fugi pelas escadas.
A bela tinha razão, como sempre.
Eu não permitiria que Slimy nem ninguém enfiasse o nariz em minha busca.
Arranjei mapas e o material necessário e me refugiei em uma das salas de reuniões, longe de câmeras de segurança e de olhares indiscretos.
Eram 7 horas e 20 minutos quando iniciei o histórico rastreamento.
E a manhã passou voando.
Foram horas de suspense empenhado em uma busca artesanal de não se sabia o quê.
Mas o entusiasmo e a curiosidade eram tais que limaram todo tipo de asperezas.
Ao longo das primeiras aventuras nenhuma coordenada disse nada.
Pareciam mudas ou se deixavam cair em lugares remotos e absurdos.
Aquilo não tinha relação com o que eu sabia, ou com o que eu intuía.
E continuei anotando.
Foi às 12 horas e 20 minutos que quase caí da cadeira.
Era a busca número 171.
Olhei várias vezes atônito.
Não acreditava no que estava vendo.
Era a última coisa que poderia imaginar.
Empalideci.
Chequei várias vezes.
Examinei os esquadros. Tudo em ordem.
Não havia erro.
A posição detectada no mapa estava OK.
E li pela enésima vez:

31° 27' 025" Norte

35° 33' 34" Leste

“Impossível!”, repetia. “Impossível!”

Estava sonhando? Era outro de meus sonhos espantosos?

Belisquei-me como um tolo.

Não estava sonhando. Era real!

Mobilizei novamente o instrumental e os esquadros confirmaram.

Exato!

Mas, teimoso e cético, neguei-me a aceitar a evidência.

Abandonei a sala e fui procurar outros mapas.

Que burro!

O resultado foi o mesmo, naturalmente.

Já não havia dúvidas.

“Aquilo” era obra de Eliseu.

Os “erros” haviam sido planejados pelo engenheiro.

Tremi.

Verifiquei uma vez mais.

Idêntico! Idêntico!

A combinação 171 forneceu uma localização em...

Maldição! Precisava de uma lupa.

O ar-condicionado fez o que pôde, mas não foi suficiente. Comecei a transpirar.

Sentia necessidade de pular, gritar... Mas me contive.

Como era possível? Ninguém tinha uma lupa no Dryden.

Costuma acontecer...

Tive que voltar ao pavilhão dos oficiais e suplicar.

Joco me contemplava atônito.

Subi, desci, corri, discuti, regateei... e acabei pagando cem dólares por uma lente de aumento.

Nem sei quem me vendeu a lupa.

Pilotos ladrões!

Voltei ao Dryden e as letras do mapa dançaram animadas pela lupa.

Incrível!

Ali estava, como um presente.

Um presente? Tudo dependia de...

As coordenadas em questão indicavam um ponto no mar Morto, a oeste do cabo Ras el Ghor, na margem jordaniana. Especificamente a pouco mais de quatro quilômetros da costa, em frente à confluência dos *wadi* Mujib e Heidan.

Impressionante!

Esse era um lugar próximo ao ponto onde o “berço” afundara em 28 de junho!

As imagens dos satélites, como deve recordar, situaram a hipotética posição da nave em frente ao referido Mujib, a cerca de 330 metros de profundidade.

Incrível!

Tive que fazer um considerável esforço para prosseguir o trabalho de localização das demais coordenadas.

Nem preciso dizer que nenhuma das combinações trouxe nada de interessante.

O peixe estava vendido.

O “sétimo erro” havia sido esclarecido.

Fiz anotações, devolvi o material e os mapas e me isolei em meu quarto, no pavilhão dos oficiais.

Eu me sentia bem, muito bem.

Mais que isso: eu me sentia pleno até a beira da alma.

Mas a felicidade se esgotou rapidamente.

Ao repassar o código, os fogos de artifício se consumiram conforme eu lia:

“E cada erro conduz à luz.”

Compreendido.

“Também o sétimo.”

Eram as coordenadas!

“Cem entardeceres depois de morto.”

Isso me levava, supus, ao 6 de outubro. Mas aí acabava o assunto.

“Viverá o não vivido.”

Nem ideia.

Continuava perdido.

E comecei a desanimar.

“Será o dia do relâmpago.”

Nada. Zero.

Não conseguia entender o significado das últimas frases, mas sabia que estavam ali por algum motivo.

Compreendi: tinha muito caminho pela frente. O código não estava resolvido, longe disso.

Procurei me acalmar.

Peguei papel e lápis e fiz um balanço do que havia conseguido. Foi isto que tracei:

1. Era evidente que Eliseu tivera acesso aos diários. E fora no Ravid.

2. O engenheiro habilmente inserira uma série de erros e anomalias nos referidos diários.

Todos faziam parte de um código.

3. Se a “pérola” houvesse caído em outras mãos, os leitores teriam tido dificuldades para detectar as anomalias. Só eu estava capacitado para descobri-las, e meu irmão sabia.

“E cada erro conduz à luz.”

E me perguntei pela enésima vez: “Que luz? O que o engenheiro queria dizer com aquilo?”.

Aquilo não era uma brincadeira.

Eliseu tinha alguma intenção. Mas qual?

Era uma situação insustentável.

De repente surgia a esperança, mas imediatamente as fotos de um cadáver a punham para correr.

E a razão e a intuição brigaram de novo dentro de mim:

– Você está louco! – proclamava a razão.

– Eliseu está morto!

– Não! – gritava a bela em algum lugar.

Muitas complicações. Muita tensão. Muitas incógnitas.

Nesses críticos momentos eu não sabia, mas tudo tinha um porquê.

O Destino é sábio.

E às 15 horas e 20 minutos bateram na porta.

Oh!

A intuição de novo?

Estava com saudade de seu andar elegante na ponta dos pés, de seus cabelos negros, de seu senso de oportunidade... e de outras coisas.

Era um policial militar.

Que decepção!

O PM me conduziu ao hangar vermelho.

Curtiss estava me chamando.

Domenico deu de ombros. Não sabia o que o general desejava.

– Sente-se – ordenou o chefe do projeto em sua cadeira giratória.

Juntei-me ao sofá preto acolchoado; aquele das molas musicais.

Nixon nem me olhou. Passava o dia sorrindo para o nada como um estúpido.

O general foi direto:

– O que acha das fotos?

Imaginei que se referia às do cadáver do astronauta encontrado em uma praia do mar Morto.

– Não sei – pensei a toda velocidade em uma vã tentativa de ir além das palavras de Curtiss. – Seria bom inspecionar o corpo e confirmar se é mesmo Eliseu.

Olhei para o general e prossegui com a verdade:

– Tenho dúvidas.

– Estamos fazendo isso – cortou o general –, mas os jordanianos não facilitam.

– O que está acontecendo?

– Esse pessoal do Pentágono é um bando de moribundos. Acham que tudo são rosas.

– Não entendi.

– Os jordanianos são árabes, mas não são tontos. Pedem explicações. Por exemplo: o que um astronauta norte-americano estava fazendo flutuando em suas águas?

Os jordanianos tinham razão, pensei.

Curtiss continuou explicando:

– O Pentágono exigiu a repatriação do cadáver, mas esses miseráveis de Amã se negam. São uns mocós!

– Mocós?

Curtiss me contemplou com benevolência e esclareceu:

– Em que mundo você vive? Mocó é caipira.

– Ah, bom!

E eu disse o que pensava:

– É natural que os jordanianos peçam explicações.

– As explicações que forem necessárias – interveio Curtiss –, mas não dinheiro.

E acompanhou as palavras com o gesto internacional de esfregar os dedos indicador e polegar da mão direita.

– Além disso – acrescentou –, estão exigindo que a autópsia seja compartilhada, e em território jordaniano.

– Por quê?

A pergunta era desnecessária.

– Não confiam. Lembre que estamos às portas de uma guerra e que nós apoiamos os inimigos deles, os judeus.

– Aliás, Israel sabe?

O general sorriu, malandro, e proclamou:

– Esses aí sabem de tudo antes até que aconteça.

E voltei ao assunto da autópsia:

– O que pretendem fazer?

O general não respondeu. Levantou-se, caminhou para o quadro da *Anunciação*, de Fra Angélico, e ali permaneceu alguns segundos contemplando a Senhora, encantado.

Não pareceu prestar atenção no livro aberto que Maria segurava sobre a perna direita. Como deve recordar, nesse livro estava escrito “Marte, alerta”.

Finalmente voltou à cadeira giratória, incendiou um charuto e soltou a fumaça com fúria.

E clamou:

– Esses bostas estão mandando que eu vá a Amã imediatamente, que acompanhe a autópsia e a repatriação de Eliseu.

Deduzi que estava falando dos chefões do Pentágono. Eu não teria sido tão benevolente ao qualificá-los.

– Quer que o acompanhe? Posso ser útil.

Hesitei, mas soltei:

– Embora não acredite que seja o corpo de Eliseu.

Ele me olhou como olham os generais, mas não disse nada no momento.

Deixou a fumaça branca dançar a seu bel-prazer e começou a expulsar anéis.

Curtiss gostava do suave balanço daquelas criaturas.

Então, replicou:

– Sei que seria útil, mas não, obrigado. Quero que você fique fora de tudo isso.

Soltou novos anéis e grunhiu:

– Estamos revirando esterco!

– Não entendi.

– Não importa. Continue seu trabalho. Ninguém vai incomodá-lo.

E retomou o assunto do corpo de Eliseu:

– Quer dizer, então, que você tem dúvidas.

Assenti, e o general continuou em silêncio e pensativo.

A partir daquele momento tudo se precipitou.

De repente, a bela apareceu.

Por onde entrou?

Que pergunta mais tola...

Veio ao meu lado, inclinou-se para quem isto escreve e sussurrou:

– Fale do código.

Nixon, eu sei, tentou ver os seios dela.

E a bela intuição desapareceu.

Como fazia aquilo?

O general também não a viu. Que mistério!

E respondi:

– Sim, meu general, tenho sérias dúvidas sobre a morte de Eliseu.

– Não entendi. O astronauta tem o nome dele no peito.

Decidi. Caminhei para a mesa de mogno e procurei algo em que escrever.

Caramba!

Tudo em cima da mesa eram papéis e pastas confidenciais.

Hesitei.

Curtiss adivinhou minhas intenções e dúvidas e me ofereceu que escrevesse em uma das pastas: a mais próxima a mim.

Assim fiz.

E enquanto escrevia o código, li de soslaio na citada pasta: “*Top Secret: GOG*”.

Caramba!

Curtiss me acompanhava com curiosidade.

E cada erro conduz à luz.

Também o sétimo.

Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.

Será o dia do relâmpago.

Guardei as coordenadas para mim, por via das dúvidas.

Entreguei-lhe a pasta e esclareci:

– Tenho sérias dúvidas... por isto.

Curtiss pegou a pasta fina e leu o código.

– O que isto significa?

E expliquei até onde julguei conveniente.

Ele me ouviu muito atento.

A fumaça branca e traidora quase me sufoca.

– ... E interpreto – continuei – que a frase “cem entardeceres depois de morto” poderia me conduzir ao 6 de outubro.

Notei que Curtiss empalidecia.

E pensei: “Tanto tabaco vai matá-lo”.

– Repita! – ordenou com um fio de voz.

– O quê?

– Repita, caralho!

E falei de novo do 6 de outubro próximo.

– O resto do código – acrescentei – não está decifrado. “Viverá o não vivido” e “será o dia do relâmpago” não têm sentido para mim.

Estrella e Paulo VI acompanhavam a conversa como uma partida de ténis.

Nixon, nas alturas, sorria.

Joco tinha razão: era um santo do pau oco; ou seja, um tolo que sabia das coisas (o pior dos piores).

– Repita! – ordenou de novo o general.

Fiquei alarmado.

O que estava acontecendo com ele?

– O código diz “e cada erro...”.

– Não, essa parte não – interrompeu abruptamente. – Estou me referindo ao 6 de outubro. Repita!

Caprichei. Talvez não houvesse me explicado com clareza.

– A frase “cem entardeceres depois de morto” poderia equivaler a cem dias após a precipitação do “berço” no lago salgado. Em outras palavras: dia 6 de outubro.

Fiquei em silêncio, na expectativa.

Curtiss urgiu:

– Continue... continue!

Tive que repetir:

– O resto do código, como disse, não está decifrado. “Viverá o não vivido” e “será o dia do relâmpago”...

Não me deixou terminar.

– Isso! O dia do relâmpago!

– Como?

E exclamou quase para si:

– Dia 6 de outubro: o dia do relâmpago!

– Claro – insinuei com timidez.

Levantou-se.

Sua palidez era significativa. Pensei que estava doente.

Largou a pasta em cima da sofrida mesa de mogno e caminhou devagar, concentrado em seus pensamentos, para o sofá das molas selvagens.

Alguns documentos contidos na “GOG” meio que escaparam da pasta.

Não pude evitar.

Minha vista os percorreu com avidez.

Um era um mapa militar.

Reconheci as ilhas do Caribe e o sul da Flórida. Este último estava circunscrito em um círculo vermelho.

E li: “Área do duplo impacto”.

Em um canto do mapa alguém havia escrito à mão: “29 de agosto de 2027”.

Dessa vez eu empalideci.

Outro documento era um segundo mapa, também de origem militar (muito detalhado), no qual se via o arco vulcânico da Indonésia.

Em vermelho se lia: “Erupção total”.

Devolvi os papéis à pasta e dediquei minha atenção ao general.

Não consegui muito.

Minha mente continuava no “GOG”.

Ano 2027?

Isso estava longe.

E, de repente, pensei no hipotético leitor destas memórias.

Como dizia o Mestre, “quem tiver ouvidos que ouça”.

Curtiss tirou o retrato de Nixon da parede.

Caramba!

Outra fachada.

E apareceu um cofre à prova de fogo, de combinação mecânica meio simples e boba.

O general o abriu e remexeu lá dentro.

Pegou um papel, leu-o por cima e, uma vez seguro, voltou à cadeira giratória.

O cofre ficou aberto, impudico, mostrando sua intimidade.

Ah, Deus! Eu não queria passar de novo pela mesma coisa...

Ele me entregou o papel e ordenou:

– Leia, mas lembre-se: só para seus olhos.

Fiquei em pé junto à mesa.

Estrella e Paulo VI esticavam o pescoço nas fotos, mas não conseguiam ler. Que azar, irmãos.

O documento – breve – tinha o carimbo circular da presidência dos Estados Unidos da América, com a águia, as estrelas e a legenda: “*President’s eyes only*” (Só para os olhos do

Presidente).

A informação em questão não podia ser copiada. Não constava numeração, nem registro de nenhum tipo. Os serviços de Informação chamam isso de *fly* (“documento que voa”). Apresentava uma faixa azul na borda direita.

A primeira leitura – rápida e em triângulo – deixou-me aparafusado no chão.

Não era possível...

Levantei a vista por cima do papel.

O general praticava seu esporte favorito: lançamento de anéis de fumaça branca.

Parecia estar em outro mundo.

Pensei em perguntar sobre a credibilidade do que estava a minha frente. Não perguntei. Teria sido uma imprudência.

Tratava-se de um documento *fly* para Nixon.

Isso era o importante.

Quatro militares, Kissinger e poucos mais o conheciam.

Os anéis fluíam morrendo de tédio.

Ninguém respirava no “defumadouro”. Eu também não.

E fiz uma segunda leitura, mais pausada.

Meu cérebro entrou em zona vermelha.

Santo Deus!

Comecei a compreender.

O documento – em 26 linhas – anunciava a Nixon que o início da quarta guerra árabe-israelense seria em 6 de outubro (1973).

Dia 6 de outubro! Dia de *Yom Kippur*, ou do Perdão; um dia sagrado para os judeus.

Eu estava perplexo.

O código falava de 6 de outubro!

Hora do ataque quase simultâneo de egípcios e sírios contra Israel (Hora “H”): 13h58 (local no Cairo, Jerusalém e Damasco). O cruzamento do canal de Suez seria às 14 horas.

Origem da informação: generais árabes Ismail, Bahaa el-Din Nofal e Mustafá Tlas.

Malditos militares!

Tudo estava planejado e combinado.

Ataques iniciais: Canal de Suez e altos do Golan.

Não me surpreendeu a data, e sim a relação com o código.

Sabíamos, já fazia meses, que uma guerra estava sendo preparada.

Curtiss falou no alto de Massada sobre o chamado Rapto de Europa, um diabólico plano para afundar as economias do Japão e do Velho Mundo. O desencadeante era um conflito armado entre árabes e judeus. Deduzi que em fevereiro desse ano (1973) Curtiss já sabia da data do início da quarta guerra¹ árabe-israelense.

Obviamente, se o general sabia, Eliseu também.

Eu não devia esquecer quem era o engenheiro e a que organização ele pertencia.

A informação secreta contemplava igualmente o número de baixas de ambos os lados: entre dois mil e três mil mortos no exército judeu e talvez dez mil na passagem do canal, entre os egípcios.

Duração do conflito: 30 a 45 dias (no máximo).

Pontes aéreas e marítimas: a URSS participaria com 3,5 bilhões de dólares; os Estados

Unidos “investiriam” 2,2 bilhões, também em armas, equipamento, aviões, tanques etc. Os “Antonov 22” russos aterrissariam no Cairo e em Damasco. Os barcos soviéticos atravessariam o Bósforo e desembarcariam os equipamentos de morte em Alexandria e Lataquia, entre outros portos. Os “Galaxy C5” levariam abastecimento para Israel. No total, os EUA previam “ajudar” seus aliados com 22 mil toneladas de armas e munições.

Nome cifrado da operação militar: “*Barq*” (Relâmpago).

Eu havia lido perfeitamente.

Barq!

Meus joelhos tremiam de tal forma que tive que me apoiar disfarçadamente na mesa.

Curtiss continuava em seu mundo.

Dia 6 de outubro: o dia do relâmpago!

E o código trovejou em minha memória:

“Será o dia do relâmpago.”

O cessar-fogo foi previsto para fim desse mês de outubro.

Todas as forças (soviéticas e norte-americanas) passariam ao estado de “alerta 3” (situação de emergência nuclear).

Nota final: Kissinger desejava uma derrota moderada do exército judeu (“superável”), para apaziguar o “orgulho árabe ferido”.

Malditos políticos! Todos!

Vi com a clareza que o relâmpago provoca.

O código estava quase resolvido.

“E cada erro conduz à luz.”

Afirmativo.

“Também o sétimo.”

As coordenadas... Afirmativo.

“Cem entardeceres depois de morto.”

Dia 6 de outubro!

“Viverá o não vivido.”

Negativo.

Continuava no escuro.

“Será o dia do relâmpago”

O estouro da quarta guerra árabe-israelense!

Seis de outubro!

Uma pista decisiva.

Só faltava elucidar “viverá o não vivido”.

Curtiss – tenho certeza – percebeu minha emoção, mas se manteve em um discreto silêncio.

Eu lhe agradei no íntimo.

A conversa estava sendo providencial.

Devolvi-lhe o documento e acrescentei emocionado:

– Mensagem recebida, meu general. Obrigado!

– Você não podia saber – comentou Curtiss enquanto se erguia e se dirigia de novo ao cofre.

Guardou o documento, moveu o retrato do casoso e retornou a sua cadeira.

E insistiu:

– Você não podia saber disso.

– De fato, meu general.

E fiz uma ressalva mental: “Mas Eliseu, outro ‘escuro do inferno’, sabia”.

E o general caiu no assunto principal:

– Então acha que Eliseu pode estar vivo..

Não esperou resposta e exclamou enquanto contemplava um daqueles sutis anéis de fumaça branca cubana:

– Interessante...

E sorriu malicioso.

Em que estava pensando?

Em nada de bom, imaginei.

O resto da conversa foi igualmente instrutivo; principalmente para quem isto escreve.

Curtiss queria falar dos diários.

Era outra razão de ter me chamado.

Ao que parecia, havia terminado a leitura, e resumiu assim a experiência:

– Fascinante... seja ou não verdade!

O comentário me incomodou.

– É verdade, meu general. Conto a verdade nos diários; pelo menos a que presenciei e da qual tive conhecimento.

– Acredita mesmo que Jesus Cristo foi assim?

– Jesus de Nazaré.

– Isso mesmo.

– O Jesus dos diários, meu general, é mais lógico e desejável que aquele vendido pelas igrejas.

Curtiss negou com a cabeça e replicou com certo cansaço:

– Para alguém com minha fé, isso é o de menos.

Não era minha intenção entrar nessa polêmica; aprendi com o Mestre.

E o general prosseguiu com o que realmente lhe interessava:

– Quero lhe fazer...

Hesitou.

– Quero lhe fazer, como dizer... duas sugestões e alguns comentários em relação aos diários.

A palavra “sugestões” estava carregada de dinamite.

Fui todo ouvidos e cautela.

E ele começou pela “sugestão” de menor importância:

– Não seria ruim se você acrescentasse uma nota pelo falecimento de seu colega.

Fiquei petrificado, mas repliquei:

– Por que eu iria fazer uma coisa dessas? Não temos certeza de que Eliseu morreu.

E disparei:

– Pode ser que esteja vivíssimo, como você acaba de comprovar.

Curtiss sorriu com suficiência. E respondeu:

– Isso não importa.
– Não entendi.
– Se esses diários vierem à tona, coisa que evitarei enquanto eu for general, e Eliseu não estiver morto, sua vida correrá perigo.

Olhou-me fixamente durante cinco ou seis segundos, depois perguntou:

– Fui claro?

Naquele momento não captei o duplo gume da advertência.

Só depois, quando aconteceu o que aconteceu, foi que compreendi.

Com frequência eu esquecia que Eliseu era um “escuro”.

– Estou falando para seu próprio bem – sublinhou Curtiss.

O instinto tocou meu ombro.

Devia aceitar.

E prometi pensar.

– E já que estamos falando de sua segurança – comentou o general –, não esqueça, por favor, o que lhe recomendei na casa de campo.

Surpreendeu-me o “por favor”. Não era o estilo de Curtiss.

Também não sabia a que se referia.

– Aconteça o que acontecer – esclareceu –, e veja o que vir, não renuncie à “Raio negro”.

Que obsessão!

Eu disse que sim, só para dizer alguma coisa.

O charuto, falecido fazia tempo, foi ressuscitado pela segunda vez.

Curtiss aspirou com ansiedade, como se sua vida dependesse daquilo, e foi liberando palavras e fumaça ao mesmo tempo:

– Não renuncie! É uma ordem!

Que diabos estava acontecendo com a “Raio negro”?

– Aliás – recordou o general subitamente –, falando nessa maldita nave, amanhã bem cedo apresente-se à sala de meu assistente.

Sorriu malévolo e acrescentou:

– Ele tem uma surpresa para você.

Caramba! As surpresas de Curtiss me horrorizavam.

Segunda sugestão.

Ficou sério, apontou para mim com o charuto e soltou sem o menor pudor:

– Você devia se trancar no “vespeiro”, até segunda ordem, e modificar os diários.

– Como? Modificá-los?

Ele assentiu em silêncio e esperou minha reação.

Fiquei pensativo.

O que aquele miserável pretendia?

Observou-me com ferocidade e prosseguiu:

– Isso mesmo. Modificar nos diários tudo aquilo que atente contra os princípios da santa madre igreja, e especialmente que manche a Santíssima Virgem.

Pensei a toda velocidade.

Se eu negasse, estaria morto.

Tinha que ganhar tempo.

Precisava decifrar o código.

O acesso ao “vespeiro” era vital. Ninguém podia me incomodar.

Eu conseguiria fingir que estava trabalhando nos “retoques”?

Sim, conseguiria.

Estava decidido: diria que sim.

Mas fingi resistir:

– Meu general, isso não seria correto.

– Homem de Deus, e quem vai saber?

– Eu, meu general... Eu vou saber.

– Insisto: esses diários nunca verão a luz do dia. Você não precisa se preocupar.

– Nesse caso – pressionei –, que necessidade há de mudar qualquer coisa?

– Eu ficarei mais tranquilo.

E acrescentou convicto:

– A Virgem merece outro tratamento.

De repente, teve uma ideia e clamou triunfante:

– Além do mais, se os diários fossem publicados, você seria crucificado.

– Não sou eu o protagonista.

– Não importa. Quem se atrever a torná-los públicos será crucificado. O poder da santa madre igreja vem de cima.

– Você tem certa razão. Primeiro O crucificaram. Depois vão crucificar a quem os tornar públicos.²

E lamentei:

– Que diferença faz enganar o mundo pela segunda vez?

Curtiss se regozijou.

– Vejo que, por fim, compreende. Só há gente pobre no mundo.

Entendi que queria dizer “mediocre”. E prosseguiu:

– O mundo! O que o mundo sabe?

Indicou com o charuto o cofre e comentou, dessa vez cheio de razão:

– Esses Joões-ninguém nascem, vivem mal, pagam impostos e morrem sem saber que políticos e militares os enganam. Uma guerra preparada, como todas, se avizinha e ninguém percebe. O povo é bobo.

Como eu disse, ele tinha toda a razão. Mas estava escondendo uma coisa: os militares mandam nos políticos.

Não quis criar confusão e silencieei meus pensamentos.

– Mãos à obra! – ordenou Curtiss dando por certo que eu aceitava as “sugestões”. – Você tem muito trabalho a fazer! Precisa mudar os diários!

E advertiu sutilmente:

– Quando terminar as “reformas”, vou lê-los de novo, inteiros. Mensagem recebida.

E Curtiss passou a outro assunto.

– Tenho uma dúvida.

Percebi que não sabia como apresentá-la.

– Diga.

– Por que mudou o estilo no final dos diários?

Achei que sabia a que se referia, mas me fiz de rogado.

– Como assim?

– Os últimos capítulos – explicou – não têm nada a ver com os primeiros.

– Pode ser mais explícito? Os diários contam uma única história.

– Sim e não. Até Beit Ids e esse feroz “Matador”, tudo é denso, com um mesmo estilo. Depois, os diários mudam. Falam de coisas frívolas, como a Chipriota, os dados de Tomé ou a segunda esposa de Mateus.

E Curtiss arriscou:

– Você parece distraído.

– Distraído? Você não vai conhecer ninguém mais atento que eu, e mais obcecado com os dados.

– Talvez eu não tenha usado o termo correto. Eu o entendo. Não é que seja bom ou ruim, é seu estilo, mas me chamou a atenção, só isso.

– Você sabe que não sou escritor – justifiquei-me. – Meu negócio é física quântica.

E me perguntei, indignado comigo mesmo: por que estava me justificando para aquele mentiroso e traidor?

– Ah, isso não! Também é bom em colorir, em tomar referências e em ruivas.

Empalideci.

Achei que havia suprimido as alusões a meu amor por Rute.

Talvez não.

Tinha que andar pisando em ovos.

Curtiss era rápido como uma cobra.

– Não sei – improvisei. – Talvez tenha pensado que um estilo mais descontraído podia ser do agrado de todos, inclusive do Mestre.

Ele me olhou atônito. E perguntou:

– O Mestre leu os diários?

Não me permitiu responder. E acrescentou:

– Você falou de mim a Jesus Cristo?

Neguei com a cabeça estupefato.

– Desculpe – retificou –, Jesus de Nazaré.

E continuou enroscado naquele absurdo:

– Então, falou do general Curtiss ao Salvador?

Eu me senti preso.

O próprio general me socorreu:

– Compreendo; deixou isso para o final. E o que ele dirá?

Eu estava de boca aberta, desconcertado.

– Vai falar de meus charutos? De Estrella? Do broto de oliveira? De minha decisiva atuação no Cavalo de Troia? De como tiramos os diários do “vespeiro”? De minha devoção pela Santíssima Mãe do Redentor?

– É possível.

– Vou achar bom, desde que não use comigo essas licenças literárias. E soltou uma gargalhada.

– Então, o Mestre construiu um barco nas colinas de Beit Ids...

Assenti.

– E a tal Rebeca se apaixonou por ele.

Eu disse que sim.

– E João era um arrogante presunçoso.

Fiquei sério.

– E enfiaram o pênis de Yehohanan em sua boca.

Interrompi:

– Não são licenças literárias. Eu nunca minto, meu general.

E dei um tiro certeiro:

– Não fui treinado para mentir... como certas pessoas.

Curtiss não se deu por aludido, ou deixou passar.

– Bom, também não é grave. Além do mais, encaixa com o que lhe propus.

– Não me lembro.

– Eu disse que tentasse diminuir a credibilidade da história. Pois bem, com esse estilo “descontraído”, conseguiu. Bravo!

Fiquei em silêncio. Discutir não era proveitoso.

E Curtiss sorriu agradecido. Aparentemente, quem isto escreve havia aceitado todas as sugestões.

Sim, aparentemente.

E ele pulou para outro assunto:

– E agora, responda a uma coisa que está me consumindo.

Ainda podia ser pior. E me preparei.

– Vou tentar, meu general.

– Fale-me da morte.

Tremi.

– Ele lhe explicou, pelo que li.

– Em várias oportunidades.

– Sei que era um tema de especial interesse para Eliseu.

– Era, e é.

Percebi medo no olhar do general. E recordei as palavras de Estrella, sua esposa, na manhã do sábado, dia 11, enquanto cozinávamos: “Curtiss teme pela vida dele”.

Procurei fugir:

– Tudo, ou quase tudo, está nos diários.

Ele não me permitiu:

– Eu sei, eu sei, mas você o viu... ressuscitado.

Assenti.

– E essa é a melhor prova – acrescentei – de que há vida depois da morte.

– Fale disso! Dê-me detalhes.

– Que detalhes?

– Pode me garantir que continuarei vivo depois da morte?

Seus olhos se umedeceram.

Trêmulo, pegou outro charuto e o acendeu sem parar de olhar para mim.

– Segundo Ele, sim... Após a morte despertamos para a realidade.

– Não quero filosofia – replicou. – Dê-me respostas claras e simples.

– A realidade espiritual não é filosofia. Tem sua própria gravidade.

– Mas como é esse negócio de morte? Em que consiste? Qual é o procedimento?

Comecei a rir.

– Não falamos sobre um manual, mas sei que a morte é um doce sonho.

E utilizei as palavras do Homem-Deus:

– A morte, meu general, é simples, como tudo que é genial. Dormimos e, de repente, acordamos em um lugar que não conhecemos.

– Rápido?

– Não existe tempo.

– E sabemos que estamos mortos?

– De início, não... Eles nos fazem compreender.

– Eles?

– Digamos que os anjos, mas não exatamente.

– E quem nos julga?

– Ninguém. Não se morre para ser julgado.

– Mas a santa madre igreja diz...

– Ninguém julga ninguém. Vamos para os mundos MAT para outras coisas.³—

Sim, a invenção de Eliseu.

– Bendita invenção! Devia ser ensinado nas escolas.

Ele assentiu mecanicamente, mas duvidei que houvesse compreendido o total significado de minhas palavras.

– Então, os comunistas...

– Também não serão julgados, meu general. Não é necessário. Lembra-se do meu “presente”?

– O quadro-negro, sim.

Mas Curtiss insistia.

– Você me garante que não irei para o inferno com os russos?

– Eu garanto que estará com os russos, mas não no inferno. Esse lugar não existe, nem o purgatório ou o limbo. São invenções humanas para infundir medo e escravizar. O Pai Azul não precisa de vingança. O amor não a utiliza.

– Então, se não existe inferno, existe o quê? O que fazemos com os comunistas?

Sorri com desânimo.

Nem em mil anos ele teria assimilado a mensagem de esperança do Filho do Homem.

Enfim, era o “contrato” dele.

– Depois da morte, meu general, existe vida, conhecimento, aventura, amor, não tempo, surpresas, irmandade espiritual, espanto infinito, gratidão e *bellinte*.

– *Bellinte*! A beleza e a inteligência do Pai na hora de criar.

– Afirmativo.

– E você me garante que verei Jesus Cristo depois do doce sonho da morte?

Percebeu e retificou:

– Jesus de Nazaré.

– O que sei, porque Ele me disse, é que o verá a seu devido tempo, embora ali não se possa falar de tempo no sentido convencional. Lembre-se: é a realidade.

Não me escutou.

– Mas a santa madre igreja diz que verei Deus assim que morrer se eu houver sido bom.

Meu Deus, eu precisava de paciência!

– Não é isso, Curtiss, não é isso.

E tentei outra abordagem:

– Não estamos preparados para ver o Pai Azul cara a cara, da mesma maneira que não devemos nos aproximar do sol.

– Entendo, mas eu o verei?

– Esse é nosso penúltimo objetivo, eu garanto.

– Garante, então, que serei feliz depois de morto?

– Cem por cento, meu general.

Espantei-me. De onde eu tirava tanta segurança?

Que pergunta mais tola!

– E Estrella? Vai estar ao meu lado?

“Quem sabe”, pensei. “Ela é mais esperta que você.”

Mas segui por um caminho menos comprometedor:

– Isso não importa, Curtiss. A felicidade não é coisa de um ou dois, e sim de todos.

– Ele disse isso?

– Sim.

– Não me lembro de ter lido isso nos diários.

Sorri malévolamente.

– Você escondeu coisas!

– Mas não as levarei ao túmulo, meu general.

Curtiss era obsessivo:

– Sou um pecador. A santa madre igreja diz que temos que fazer penitência e nos arrepender. Não me salve!

Não fazia sentido discutir. Curtiss não era culpado. Seu “contrato” era seu “contrato”.

Mas gritei:

– Você será feliz! Faça o que fizer e pense o que pensar!

Eu estava assombrado. Era a primeira vez que eu gritava com um general.

E replicou mansamente:

– Fácil assim?

– Temos que desaprender, meu general. O Pai Azul não é o que vendem.

Deixei passar alguns segundos e soprei em sua mente:

– O Pai é nosso navegador. Você voaria com alguém em quem não confia? O Número Um não é o que você acredita. É o TODO elevado à enésima potência. Ele já o salvou. Você tem uma alma imortal. Isto, a vida, é um aproximar-se da imperfeição. Depois, você continuará a aventura e voará para Ele mais que supersônico. Aproveite o que tem, porque depois da morte tudo será diferente!

E a conversa derivou para o imediato.

No dia seguinte, 21 de agosto, Curtiss iria para Washington D. C.

Ali se reuniria com os confrades do Pentágono.

Não mencionou Kissinger.

E concluiria os preparativos para as reuniões com os sátrapas de Amã. Prometeu me manter informado sobre as peripécias do cadáver do suposto Eliseu, tanto se realizassem a autópsia como se não.

Nosso elo seria Domenico.

Eu, enquanto isso, cuidaria do “combinado”: retificaria os diários e ajustaria o conteúdo ao sentir e aos dogmas da santa madre igreja.

Foi o que prometi, mas não era minha intenção mudar uma única vírgula.

Ninguém me incomodaria. Eu continuaria dispondo das chaves do “vespeiro” e de uma escolta. Seria minha única ocupação até segunda ordem.

Curtiss leria os diários quando voltasse da Jordânia.

Eu disse sim a tudo. O que mais podia fazer?

E o Destino sorriu, parecendo se divertir.

Nós nos despedimos.

Caminhei para a porta, e quando já ia sair do “defumadouro”, o general me chamou.

Havia se levantado.

Na mão esquerda segurava o rosário de prata.

Sua voz se mostrava humilhada.

Alarmei-me.

Ele bateu continência com o charuto e exclamou:

– Foi um prazer trabalhar com você.

Sorri e respondi à saudação:

– Obrigado, meu general!

Senti fogo no estômago.

Outra vez aquela sensação.

Parecia um aviso.

Curtiss, então, ainda saudando, acrescentou:

– Que Ele o abençoe, aconteça o que acontecer!

Tive um pressentimento.

Escurecia quando a polícia militar me deixou no pavilhão dos oficiais.

O sol fugiu nesse dia às 18 horas e 36 minutos.

Foi outro dia para não esquecer, sem dúvida.

¹ Ampla informação sobre Rapto de Europa em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. Segundo o Major (ver *Cavalo de Troia 9 – Caná*), o conhecimento da guerra entre árabes e judeus acelerou o segundo “salto” no tempo. (N. de J. J. Benítez.)

² Ambos tinham razão. O autor da saga *Cavalo de Troia*, transcrição dos diários do Major, sofreu todo tipo de críticas e desprestígios. E o mais grave, um atentado, do qual saiu ileso (ou quase). As palavras de Curtiss e do Major foram proféticas. (N. do E.)

³ Ampla informação sobre MAT em *Cavalo de Troia 6 – Hermone Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

De acordo com a ordem do chefe do projeto Swivel, bem cedo na terça-feira, 21 de agosto (1973), apresentei-me na sala do assistente do general Curtiss.

Domenico, como sempre, tinha tudo sob controle.

Curtiss iria naquela manhã para Washington D. C.

Seria acompanhado de três diretores da malograda (?) Operação Cavalo de Troia.

Slimy, o “babento”, era um deles.

Aquele, sem dúvida, foi outro dia emocionante.

Domenico as mostrou.

Contemplei-as assombrado.

O assistente sorriu satisfeito e me incitou a colocá-las no peito, por cima da camisa azul.

Não eram deslumbrantes como eu supunha, mas ali estavam.

Curtiss jamais esquecia.

E Domenico declarou:

– Temos que esperar que os *smokers* funcionem.

Tomamos café e falamos de trivialidades.

No fundo, nós dois estávamos assustados.

Domenico manifestou sua preocupação.

Queria trocar a tapeçaria do “Renegade”, mas não sabia o que fazer.

E me consultou:

– Pensei em um vermelho cereja, mas também gosto de manta de leão siberiano. Que posso fazer?

Acaricieei as novas “tssc”, as credenciais prometidas por Curtiss (vermelhas e violeta) que autorizavam o acesso à “cidade subterrânea”, e lhe recomendei que não fizesse bobagens. Os bancos de pele de zebra eram muito atraentes.

“A ‘cidade subterrânea’!”, pensei. “Nunca a visitei.”

Era o coração da Fog, a área restrita de Edwards.

Minhas credenciais habituais – nível 4 azul – não davam para tanto.

Os *smokers* foram ativados às 12 horas e 28 minutos.

A área restrita se cobriu com uma névoa densa e desagradável.

Depositamos os pertences pessoais na sala do assistente (especialmente os metálicos) e saímos do hangar vermelho.

A PM aguardava em um Jeep.

Tudo havia sido minuciosamente programado por Domenico e pelos serviços de segurança da Fog.

E o veículo se dirigiu, veloz, para o hangar número 5, no ângulo oriental da área restrita. No “5” se encontrava um dos acessos à “cidade subterrânea”.

As ordens do assistente, recebidas de Curtiss, eram precisas: mostrar-me a “Raio negro”, a nave que deveria ser transportada à Jordânia e dali “lançada” em busca do “berço” uma vez terminada a quarta guerra árabe-israelense.

Eu não sabia em que nível da “cidade subterrânea” estava a “Raio negro”.

Domenico também não fez comentários.

E a tensão cresceu.

Eu havia escutado rumores sobre a misteriosa nave, mas não sabia o que era, na verdade. As fofocas afirmavam que a tecnologia era mágica e que teria feito a do “berço” empalidecer.

Quem isto escreve se afeiçoou ao “berço”.

Foi nosso lar durante um tempo.

Ali habitava o fiel “Papai Noel”. Eu lhe devia a vida.

E, não sei por que, sem vê-la, me posicionei contra a “Raio negro”.

Entramos no “5” e nos dirigimos à área do elevador duplo que levava à “cidade subterrânea”.

Domenico se situou diante de uma das portas e pegou um fone de parede. Ativou-o digitando em um teclado. Li a sequência “ $5 + 5 = 1$ ”.

Esperou inquieto.

Eu já havia visto essa sequência numérica.

Os policiais militares se mantinham a uma prudencial distância, atentos.

Alguém atendeu do outro lado da linha e o assistente respondeu com uma senha, assentindo com a cabeça:

– Clave de sol.

Clave de sol?

Então recordei.

Tanto a sequência numérica ($5 + 5 = 1$) quanto as claves de sol estavam pintadas na tulipa existente sobre o criado-mudo no quarto que me foi atribuído na casa de campo de Curtiss, na baía de Paulo, perto da cidade de Francisco.

Eu não sabia o que pensar.

Era tudo muito estranho.

Dez segundos depois abria-se uma das portas do elevador duplo.

Domenico me convidou a entrar primeiro.

Entrei e fiquei desconcertado.

A PM permaneceu do lado de fora.

Cheirava a ozônio.

Era um cheiro intenso, picante e inconfundível.

Não consegui explicar a origem;¹ não naquele momento.

Não tive tempo de tomar referências, mas, verdade seja dita, nem havia.

O elevador era especial.

Nunca vira nada parecido.

Era puro alumínio, sem botões, sem alarmes, sem placas nem indicações, sem chaves de segurança ou de emergência. Tudo polido como um espelho. Seis faces imaculadas nas quais nos refletíamos por todos os lados.

Eu não sabia o que fazer.

Domenico não fez nenhum movimento.

Ninguém apertou nada.

Mas o que íamos apertar?

Suponho que eu estava de boca aberta feito um caipira.

Quando voltamos ao hangar vermelho, o assistente me proporcionou algumas explicações sobre aqueles singulares elevadores; únicos, diria eu.

Trabalhavam sem motores. Os cabos de tração tradicionais, de aço, foram substituídos por lasers sólidos. Esses “cabos” eram conectados ao computador que dirigia uma “maquinaria” inexistente. As ordens eram executadas por controle remoto. Dispunham de sistemas magnéticos que detectavam os sismos segundos antes de serem registrados. Isso tornava possível abrir as portas e proceder à evacuação imediata. Deslocavam-se à razão de dez metros por segundo, podendo variar a velocidade conforme as circunstâncias.

Ninguém podia ter acesso a eles sem a permissão do computador. Era inviável entrar com câmeras, armas ou com um simples lápis. Qualquer material que não fosse o programado previamente disparava os alarmes e o elevador ficava bloqueado. Uma bala ou uma goma de mascar na boca eram detectadas pelo computador, e a máquina parava. A segurança era tal que, antes de autorizar a entrada na “cidade subterrânea”, o computador checava as próteses ou os implantes dentários do convidado.

Enfim, se alguém tentasse burlar as normas, o sistema descobriria, e o traidor seria expulso de imediato; e, o que era pior, condenado ao isolamento, pelo resto da vida, em uma penitenciária árabe.

A traição, na Fog, equivalia a suicídio.

Domenico olhava para o teto do elevador. Ou melhor, contemplava a si mesmo.

Por que nos elevadores todo mundo olha para o chão ou para o teto?

A “viagem” se prolongou por cinco segundos.

Foi como voar.

Não havia ruídos ou brusquidão.

Depois, fiz cálculos.

Descemos a cerca de 50 metros.

Era o nível “9”.

A porta se abriu e o cheiro de ozônio ficou mais intenso; quase sufocante.

Meus olhos começaram a lacrimejar.

Ali mesmo se abria um longo corredor estreito, de apenas um metro de largura, com as paredes e o teto igualmente de alumínio.

E, bloqueando o corredor, dois sujeitos enormes, de uns dois metros de altura.

Fiquei estupefato.

Usavam umas singulares indumentárias transparentes, possivelmente de plástico, confeccionadas em uma peça única.

Portavam escafandros, também transparentes.

Sob os protetores distinguiam-se trajes parecidos com os dos mergulhadores, também em peça única.

Podia ser neoprene.²

Eram violeta.

No peito viam-se umas letras grandes, de uns três centímetros cada uma, douradas.

Imaginei que se tratava das iniciais dos nomes e sobrenomes deles. Mas não. Logo percebi: as letras eram as mesmas para os dois indivíduos: DSR.

Nem ideia.

Nos punhos direitos destacavam-se uns “relógios” (?) enormes, de uns dez centímetros de

diâmetro, sem ponteiros nem dígitos.

Também estranhei.

Não notei garrafas de oxigênio nas costas nem os habituais dispositivos respiratórios existentes nos trajes de astronautas ou nos mergulhadores.

Um deles, o que estava à frente, um pouco mais velho que o segundo, dirigiu-se a Domenico e falou.

Sua voz surgiu metálica e distorcida:

– Venus 635.

Cada vez que falava acendiam-se umas luzes piloto (?) vermelhas situadas nas laterais do escafandro (na altura das orelhas).

E o assistente se apressou a responder:

– Clave de sol.

Aquilo era surrealista.

O do escafandro assentiu com a cabeça, avançou um passo e observou minhas “tssc”.

Julgou-as adequadas e indicou que os acompanhássemos.

Deram meia-volta e avançaram pelo longo corredor retilíneo.

O cheiro de ozônio era insuportável.

Tomei referências, como sempre.

O corredor era perfeitamente iluminado. Do chão saía uma luz amarelada que refletia no teto e nas paredes.

Era estreitíssimo, como disse. Duas pessoas teriam se cruzado com dificuldade.

Procurei descobrir o final, mas não consegui. Podia ter mais de cem metros.

E o pobre Domenico começou a espirrar.

Um dos “vigilantes” – porque disso se tratava – voltou-se e ordenou silêncio.

Domenico se reprimiu como pôde. E teve que lançar mão do lenço.

Os espirros acabaram saindo por suas orelhas.

Os vigilantes caminhavam muito devagar, quase em câmera lenta, medindo cada movimento e pisando com delicadeza.

Levamos dez minutos para cobrir os cem metros.

Achei que não íamos chegar nunca.

O assistente estava nas últimas.

Finalmente chegamos a uma porta, também metálica.

Ali morria o corredor. Não havia outra saída.

Um dos vigilantes disse alguma coisa – não cheguei a ouvir – e a porta se abriu de baixo para cima, em absoluto silêncio.

E entramos.

Domenico não havia me prevenido.

Não me falara da “cidade subterrânea” nem da “Raio negro”.

Eram as ordens de Curtiss. Depois eu soube.

E fomos parar em uma espécie de vestiário, todo de alumínio, provido de “chuveiros”, cabines para troca de roupa, mictórios e reservados.

Não faltava nada.

O vigilante número “1”, o que havia solicitado a senha, falou de novo e ordenou que nos despíssemos “por completo”.

Assim fizemos.

Caramba!

Domenico usava calcinha.

Uma vez nus, acompanharam-nos aos “chuveiros” e ali fomos aspergidos (a expressão correta seria pulverizados) com um produto incolor e inodoro. Parecia um desinfetante, mas não tenho certeza.

Evaporava com rapidez.

Curiosamente, a pele se mantinha seca.

Não nos perderam de vista nem um segundo.

As luzes dos escafandros piscavam sem parar.

Deduzi que falavam entre si ou com um terceiro.

Estavam muito interessados em nossas mãos. Não paravam de observá-las. Não sei por que motivo.

O assistente continuava espirrando. O “banho de chuveiro” se prolongou por dois minutos.

Mandaram que saíssemos e apontaram para as cabines. Ali esperavam dois trajes de neopreno, similares aos que vestiam eles, mas pretos.

Devíamos nos embutir neles, mas, antes, era preciso urinar.

Insistiram, e muito.

E urinamos, claro.

Eram, como disse, trajes de neopreno, mas sem iniciais.

Examinei o meu com desconfiança.

Era um material de dois milímetros de espessura muito leve. Deduzi que o neopreno havia sido tratado com algum tipo de “spandex” (talvez um “superflex 2”), proporcionando-lhe maior flexibilidade. Ao voltar à superfície, Domenico confirmou a suspeita, acrescentando que o neopreno continha nitrogênio puro. O processo era realizado durante a fabricação. O ar era expulso, e em seu lugar se injetava o referido nitrogênio. Isso o tornava inviolável.

Na Fog, o pessoal cuidava até do último detalhe.

Depois nos entregaram os protetores de plástico e me ajudaram a encaixar o escafandro. Não entendi como chegava oxigênio ao interior do protetor.

O assistente de Curtiss teve problemas.

Notava-se que fazia muito tempo que não voava.

Tiveram que o ajudar a se embutir no neopreno e no protetor.

Não me autorizaram a lhe prestar ajuda.

E fiquei perto dele observando.

Se quiséssemos falar – explicaram –, podíamos fazê-lo livremente, mas sem erguer a voz. Insistiram também nisso: “nada de gritos”.

– Prontos? – perguntou o número “1”.

Levantamos os polegares e abandonamos o vestiário.

O “1” se colocou à frente e o vigilante “2” fechou a pequena comitiva.

E me perguntei, uma vez mais: “Aonde diabos estávamos indo? O que era a ‘Raio

negro”? Por que nos obrigavam a usar aqueles trajes? Por que o escafandro?”.

O instinto tocou meu ombro.

Atenção!

Percorremos outro corredor estreito – de uns cinco metros –, igualmente de alumínio e com idêntica iluminação, e topamos com uma segunda porta metálica.

Ali acabava o corredor.

Aquilo era como uma ratoeira.

O “1” falou com alguém (imagino que advertiu de nossa presença) e imediatamente a porta se ergueu. Em um segundo, sem ruído algum.

Então, surgiu uma claridade azul.

Fiquei deslumbrado por alguns instantes.

Foram dois segundos.

O número “2”, atrás de mim, acabou me empurrando sem cerimônia.

E desemboquei em um balcão, ou mirante, todo de vidro.

Meu Deus!

Ali estava a “Raio negro”!

Fiquei atônito.

Não sabia para onde olhar.

Domenico a havia visto antes, mas também ficou impressionado.

Os vigilantes tomaram posições, um de cada lado daqueles desconcertados visitantes.

E o “1” esclareceu:

– Vocês têm seis minutos. Nada de perguntas!

Tentei me acalmar.

Como disse, eu não sabia para onde olhar.

Tudo era novo para quem isto escreve.

E pensei: “É uma observação, só isso.”

Contei mais cinco vigilantes, também altíssimos, no fosso de areia que cercava aquela “coisa”. Vestiam-se como os outros que nos acompanhavam, com as mesmas iniciais no peito.

Nenhum portava armas.

Para quê? Aquilo era um *bunker* inexpugnável.

Absorvi com a vista tudo que pude, o que não foi muito.

Estávamos, como disse, em uma espécie de plataforma (isolada por um material plástico), e a uns 14 metros de um enorme reservatório de vidro (?) de uns 50 ou 60 metros de lado.

Deus do céu!

O que era aquilo?

– Cinco minutos.

A voz do vigilante soou alta e clara dentro do escafandro.

E continuei tomando referências.

O formidável tanque me fez recordar um aquário. Estava cheio até a boca com um líquido (?) espesso, azul índigo.

No recipiente flutuava uma esfera de uns 40 metros de diâmetro.

Era escura e brilhante como grafite e se balançava de forma quase imperceptível.

Os vigilantes que caminhavam pela areia que cercava o enorme reservatório de vidro

foram até o balcãozinho.

Estávamos quase no nível do fosso.

Observei que as luzes piloto vermelhas dos escafandros piscavam.

Falaram entre si.

Não pude entender por que não os ouvíamos.

Contemplaram-nos curiosos e acabaram se retirando para suas posições.

Eram, como disse, muito altos e jovens. Nenhum era negro.

O nível “9” era imenso.

Mas não quis me distrair com o entorno.

E me concentrei de novo na “Raio negro”.

Deduzi que a nave estava mergulhada em ozônio líquido: daí o permanente cheiro que inundava tudo.

Fiquei maravilhado.

O ozônio líquido é altamente instável.

Aquilo era uma bomba!

Como conseguiam domesticá-lo?

Eu não tinha ideia de como o fabricavam.³

Pensei que agia como desinfetante. O ozônio tem uma capacidade muito alta de ação bactericida (superior, inclusive, ao cloro).

Mas o que ele protegia? O que era a “Raio negro”? O que havia na esfera?

Ninguém deu uma explicação. Nem uma única palavra.

Sinceramente, senti medo.

Não gostei da “Raio negro”.

– Três minutos.

Não localizei janelas, nem motores, nem sistemas de propulsão que eu conhecesse.

Nada.

A esfera era lisa, com uma característica que me deixou confuso. Ao fixar o olhar em um ponto da referida esfera – não importava qual –, da superfície em questão nascia um breve raio curvo com as cores do arco-íris. O raio curvo (?) não ia além das paredes do grande “aquário”.

Domenico, ao voltar a sua sala, confirmou a observação, mas também não sabia interpretá-la.

Tratava-se de um efeito óptico, apenas?

Jamais vira coisa igual. Olhasse para onde olhasse, ali estava o raio curvo com as cores do arco-íris.

Durava tanto quanto a observação.

Ao piscar, o arco-íris desaparecia. E recomeçava.

Era um belo espetáculo, mas assustador.

– Fim do tempo – interveio o número “1”. – Sigam-me.

Os vigilantes nos obrigaram a abandonar o lugar e retornamos ao vestiário.

Ali trocamos de roupa e desfizemos o caminho previamente andado.

Os vigilantes nos escoltaram até o final.

Não houve despedidas, nem saudações, nem um miserável sorriso.

Eram blocos de gelo.

Não cheguei a ver mais nada no fugaz trajeto pelo nível “9” da “cidade subterrânea” da Fog.

E não foi pouco.

Às 15 horas nos sentávamos de novo na sala de Domenico, no hangar vermelho.

Devolvi as “tssc” e trocamos impressões sobre o que havíamos visto na “cidade subterrânea”.

Domenico esclareceu algumas dúvidas; não muitas.

Disse não saber nada sobre o interior da “Raio negro”.

Não acreditei, e continuamos falando de outros assuntos.

A nave, ao que parecia, estava pronta para partir.

Não lhe arranquei mais nada.

E sorriu malicioso quando o pressionei.

Mensagem recebida.

Trabalhavam no projeto 1.086 pessoas entre técnicos e cientistas. Dez vezes mais que no Cavalo de Troia.

Todos juraram fidelidade a Curtiss e assinaram o “protocolo 4”.⁴

Perguntei também sobre as iniciais que os vigilantes tinham no peito: “DSR”.

De maneira igualmente confidencial, o assistente me disse que os sujeitos de dois metros de altura integravam um seletor “clube” que chamavam de “Serviço de Custódia Direta”, ou algo assim. Eram militares (filhos e netos de militares). Só brancos. Só gente religiosa. Só solteiros. Prestavam serviços especiais em lugares especiais. Os contratos eram vitalícios.

E insinuou algo que me deixou perplexo: uma vez aposentados do serviço “DSR”, quase todos faleciam... “inexplicavelmente”.

– E não pergunte mais – suplicou Domenico.

Saí da Fog ao entardecer com um sabor amargo na boca.

Por que Curtiss havia solicitado que não renunciasse à “Raio negro”? O que se escondia por trás daquele projeto?

Caramba!

Era 21 de agosto.

E dormi com a imagem do Filho do Homem, ali, na distância do *yam*, com o braço erguido, despedindo-se de quem isto escreve.

Em um dia como aquele, em Belém, 1.979 anos antes, nascia na Terra o Homem-Deus.

Como sentia falta dele!

E também dela...

Descobri o amor tarde demais, e no lugar errado.

Não importava. Eu a amaria para sempre.

Era impressionante.

A aventura parecia um sonho distante e brumoso. Mas eu sabia que não havia sido um sonho.

O resto da semana foi relativamente tranquilo.

Fiquei trancado no “vespeiro”.

Revisei os diários até a última linha.

Não encontrei novos “erros” ou “anomalias”.

E a velha convicção se fez forte dentro de mim.

Eliseu estava vivo!

Eu não sabia como nem onde, mas estava.

E repassei o código repetidamente:

“E cada erro conduz à luz. Também o sétimo. Em cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido. Será o dia do relâmpago.”

Foi nesses dias de agosto que me propus seriamente: tinha que ir para a Jordânia ou para Israel e estar no dia 6 de outubro no lugar indicado pelo código.

Coordenadas:

31° 27' 025” Norte

35° 33' 34” Leste

Tinha que arranjar uma desculpa e abandonar a base de Edwards.

Mas qual?

Podia contar a verdade a Curtiss.

Não me pareceu uma boa ideia. Não confiava dele.

O general conhecia o código, mas não as coordenadas.

E o Destino, eu sei, sorriu entretido em uma das esquinas da vida.

Tudo estava minuciosamente calculado.

Quando aprenderei?

Aquela semana foi intensa no bar de Joco. Os rumores circulavam como locomotivas sem freio.

O FBI, o Serviço Secreto e a polícia de Nova Orleans haviam descoberto uma conspiração – era o que diziam – para acabar com a vida do presidente. Naturalmente, Nixon se dobrou de rir ao saber da notícia. Joco o chamou de obstinado.

No dia 22, quarta-feira, Nixon, o maluco, como o japonês também o chamava, fez outra das suas: nomeou Henry Kissinger como novo Secretário de Estado. Quem sabia algo sobre os venenosos tentáculos de Henry começou a tremer.

Kissinger ia substituir William Rogers, outra “vítima” do caso “Watergate”.

A nomeação de Nixon deveria ser aprovada pelo Senado. Mera burocracia.

E me perguntei: “Com Kissinger lá no alto, o que seria de Curtiss? Os dois se odiavam”.

Joco chamou Kissinger de troncho, molenga e fominha. Eu, sem querer, lembrei-me de Henry, o cão amarelo e covardão do general.

Em 24 de agosto, sexta-feira, Domenico me informou sobre as atividades de Curtiss na Jordânia.

O general e chefe do projeto Swivel havia ido para Amã na companhia de três diretores do Cavalo de Troia e dois legistas militares.

Os jordanianos não davam o braço a torcer. Exigiam dinheiro em troca da repatriação do cadáver do astronauta, bem como uma explicação oficial por parte de nosso governo e, como disse, uma autópsia compartilhada.

Domenico me mostrou o telex.

Fiquei estupefato.

Amã exigia dinheiro e um carregamento de armas. Especificamente, um milhão de dólares americanos e um avião carregado de granadas.

– Estão loucos – proclamou o assistente.

– E Curtiss, o que pretende fazer?

Domenico deu de ombros.

A decisão era assunto do Pentágono.

– A propósito – esclareceu desnecessariamente –, estão irados.

O cadáver do suposto Eliseu havia sido transferido para a base aérea jordaniana de Muwaffaq Salti, na região de Azraq, a leste de Amã.

Ali aguardavam Curtiss e os demais.

O general, segundo Domenico, rugia contra todos.

Chamava os do Pentágono de papa-hóstias. Aos árabes qualificava de embusteiros.

Segundo os comunicados do general, a equipe enviada à Jordânia tivera acesso ao cadáver. A inspeção – muito superficial e sempre sob vigilância jordaniana – fora negativa. A putrefação, ao que parecia, era intensa, e isso dificultava os trabalhos de identificação.

– Vão precisar de amostras – explicou Domenico. – Especialmente da denteição. Depois, vão comparar com as fichas da USAF.

O assistente continuava convicto: aquele cadáver era de Eliseu.

Eu não tinha tanta certeza.

No dia seguinte, sábado, 25 de agosto, Domenico me chamou bem cedo.

Novidades.

O pessoal do Pentágono havia se mexido rápido e autorizara a entrega das armas.

Um “Galaxy” já estava indo para a base de Muwaffaq Salti, sede da célebre Legião Árabe (ALAF).

Transportava dez mil granadas de mão (ofensivas) e cinco mil do tipo antitanque.

Era um carregamento “batizado”.

O assistente de Curtiss explicou satisfeito: as granadas haviam sido manipuladas pela Divisão de Investigação e Desenvolvimento do Exército. Nisso, o pessoal do “RD” era hábil.

Dado que a Jordânia se encontrava do lado árabe e que, presumivelmente, se uniria ao Egito e à Síria na próxima guerra contra Israel, o Pentágono deu a ordem de “modificar” o armamento requerido por Amã.

Nas granadas de mão, o sistema de ignição, que habitualmente funciona “por tempo”, fora anulado. Isso significava que, ao retirar o pino de segurança e acionar a alavanca de disparo, a granada explodia imediatamente.

O lançador seria morto ou mutilado.

Com os antitanques acontecia algo parecido. A Investigação e Desenvolvimento acionou o protocolo “TE”, alterando, assim, o dispositivo elétrico de magneto.

Resultado: o projétil explodiria na cara do lançador.

Nem perguntei o que era “TE”. Fiquei enojado.

O “Galaxy” chegaria aquela noite à base jordaniana de Azraq.

Das 15 mil granadas “dadas” pelos EUA, 1.500 haviam sido modificadas.

Os papa-hóstias e Domenico preferiam o termo “batizadas”.

O assistente me deu uma piscada e clamou, feliz:

– Como diz Curtiss, engulam essa, sátrapas!

¹ O ozônio é uma forma alotrópica do oxigênio (O₃). Em grego, a palavra *ozein* significa “cheirar”. É um gás azul que aparece durante as tempestades, em proporções muito pequenas (entre 20 e 100 partes por bilhão). (N. do M.)

² O neoprene faz parte da família das borrachas sintéticas. Sua estrutura se baseia no policloropreno, ou polímero de cloropreno. É a primeira borracha artificial produzida em escala industrial. É um excelente isolante térmico, assim como elétrico. A marca DuPont foi a inventora, baseando-se nos achados do professor Nieuwland, da Universidade de Notre Dame. (N. do M.)

³ Domenico explicou no hangar vermelho: para obter o trioxigênio líquido, faziam o ar passar por tubos concêntricos que sofriam uma descarrega de 15 quilovolts, com uma frequência de 50 hertz. A seguir, separavam o ozônio mediante destilação fracionada. O último processo consistia em irradiação com luz ultravioleta e condensação. As placas metálicas que cobriam os tubos ozonizadores eram sigilo militar. Com relação a como o mantinham sem risco de explosão no grande “aquário”, o assistente não soube ou não quis informar. (N. do M.)

⁴ O “protocolo 4” era um documento de confidencialidade. O assinante se comprometia a não revelar a natureza de seu trabalho. O compromisso abarcava sua família até a quarta geração. Em caso de descumprimento, a família poderia ser “anulada” (assassinada) e suas posses e dinheiro passavam diretamente para o governo. Esse era meu caso... Éramos (somos) os modernos escravos. (N. do M.)

E chegou o domingo, 26 de agosto (1973).

Foi outro dia para a história.

Ao receber o “carregamento”, Amã autorizou a autópsia e a repatriação do cadáver do astronauta.

Os médicos legistas agiram de imediato.

Foram cinco: três jordanianos e dois norte-americanos. Os de meu país pertenciam à Navy e à USAF. Haviam sido selecionados por Curtiss.

Segundo as informações do general, a autópsia foi iniciada às 7 da manhã (hora local de Azraq).

Passei boa parte desse domingo na sala de Domenico, atento ao telefone e ao telex.

Os resultados chegaram às 16h34 em um longo comunicado dos peritos médicos norte-americanos. No cabeçalho do informe liam-se umas frases de Curtiss.

Diziam literalmente: “Aos cuidados de Jasão. As diatomáceas também conduzem à luz”.

Caramba!

Aquilo me preveniu.

E seguiam-se 62 páginas.

Li com avidez.

Era um trabalho minucioso, muito profissional, no qual se adivinhava a mão especializada e segura do legista da Marinha.

Como expliquei anteriormente, o código só era conhecido por Curtiss e por quem isto escreve.

Domenico, que também leu o relatório dos legistas, não soube interpretar a “mensagem” de Curtiss com relação às diatomáceas. Nem eu esclareci.

O general podia não ter enviado aquele informe. Era confidencial. Contudo, ainda não sei por que razão, burlou as normas e o fez chegar à sala do assistente.

Já não era sem tempo.

Ao lê-lo fiquei desconcertado.

Vou poupar o hipotético leitor destas memórias das referidas 62 páginas semeadas de termos médicos e de descrições tão supérfluas quanto desagradáveis.

Sempre admirei a disposição e o sangue frio dos legistas.

Farei referência somente aos capítulos que, na minha opinião, jogavam luz sobre o grande dilema: estaríamos mesmo diante do corpo do engenheiro?

A julgar pelo descrito, e pelos resultados, os peritos contaram com o apoio de uma estrutura mais que aceitável.

A autópsia propriamente dita se prolongara por dez horas.

Fizeram exames anatomopatológicos, químicos e bacteriológicos, e contaram com a ajuda de uma sala de raios X.

Os legistas se guiaram pelo tradicional método de Virchow¹, que se caracteriza pelo reconhecimento global das vísceras (*in situ*) e por sua análise quando extraídas do corpo.

Retiraram o traje e observaram nele um nome (“meio apagado”) idêntico ao sobrenome de Eliseu.

“Rasgo no traje à altura do joelho esquerdo.”

E o relatório se concentrou em uma inspeção detalhada e minuciosa do cadáver.

Em síntese, era o que dizia:

“Homem. Branco. Tipo caucasiano. Idade: entre 30 e 40 anos. Constituição atlética. Estatura: 1,73 metro.”

A cor de cabelo também era a mesma de Eliseu.

Por ora, tudo coincidia.

Os legistas insistiam em algo de especial importância: o estado de putrefação do cadáver era avançado. O rosto aparecia desfigurado. Nem Curtiss nem os diretores reconheceram Eliseu.

Era um fato registrado no informe pericial.

Lembro que eu havia imaginado isso.

O corpo, como disse, fora encontrado nas águas do mar Morto (costa jordaniana) em 11 de agosto (1973). Assim constava do verso das fotografias. O grupo sanguíneo – AB negativo – também era o do engenheiro.

Porém, na descrição externa do corpo, de repente descobri um dado que me alarmou. O relatório dizia: “Observa-se uma tatuagem de 18 centímetros, em forma de íris, no tórax. A flor (azul) parece brotar do coração”.

Tentei lembrar.

Eliseu não gostava de tatuagens.

Não tinha nenhuma.

Eu o havia visto nu em várias ocasiões. Lavei-o quando teve aquele grave problema intestinal em setembro do ano 25, no vau das Colunas,² e também no final de nossa aventura (últimas semanas do ano 27 e primeiros dias de janeiro de 28), quando entrou em coma.³

Eliseu não tinha nenhuma tatuagem!

Aquele cadáver não era de meu colega!

Suspeitei naquele momento, mas fiquei em silêncio.

O instinto tocou meu ombro.

Atenção!

A dentição também não coincidia.

A de Eliseu era saudável e impecável.

No informe forense falava-se de dentes afastados e estragados.

Isso poderia se dever ao impacto com a água?

Achei pouco provável.

A seguir, li algo que também me deixou confuso.

Pensei atentamente, mas não fazia sentido.

Os pés, joelhos, área dorsal da mão esquerda e couro cabeludo apresentavam escoriações e feridas. Os legistas falavam de atrito do corpo com as pedras e o fundo do lago.

Isso era impossível, por duas razões: porque o corpo estava dentro de um traje, com o correspondente calçado, e porque no mar Morto os corpos boiam. Jamais afundam. As feridas em questão não podiam ser *post mortem*. A não ser que...

A ideia era tão absurda que a esqueci.

A seguir, a equipe médica entrava no exame interno do cadáver, a autópsia propriamente dita. O estudo era sistemático e na seguinte ordem: coluna vertebral, crânio, pescoço, tórax, abdome, aparelho geniturinário e extremidades.

A leitura não me disse nada, até que cheguei à inspeção dos planos profundos e da cavidade bucal.

Ali surgiram os primeiros sinais de submersão (afogamento): as vias aéreas estavam ocupadas pela típica espuma traqueobrônquica. A glote estava igualmente fechada pela espuma.⁴ Os pulmões estavam cheios de água e consideravelmente aumentados, dando a impressão de que não cabiam no peito.⁵ O coração estava praticamente abraçado pelos pulmões.

Eu estava impressionado.

Como era possível? O corpo usava um escafandro e um traje especialmente desenhado. Era muito difícil que entrasse água.

Não foram localizadas as manchas de Tardieu. O informe, pelo menos, não se referia a elas.

As aberturas do tórax e do abdome – praticadas simultaneamente mediante uma incisão única, oval e elipsoidal – reservavam outras surpresas.

Após as análises correspondentes, procederam à extração (em separado) dos dois pulmões. Para isso fizeram a seção do hilo.

O informe indicava congestão e acentuada cianose no lado direito do coração.

Os grandes vasos venosos estavam distendidos e com sangue escuro.

O esôfago e o estômago continham ar e água, assim como barro, plantas e outros materiais estranhos.

Colheram amostras de tudo.

Também encontraram areia no líquido bronquial.

Eu estava cada vez mais confuso.

O mar Morto está encravado em um deserto. Em suas águas é difícil encontrar plantas. Como elas teriam chegado ao estômago e à região bronquial do suposto Eliseu?

A lividez cadavérica era típica de um afogado. Mais clara que nas demais asfixias mecânicas.

O fenômeno teria sido explicável, em parte, pela hemodiluição e pela permanência do corpo em águas frias. Não era o caso. O mar Morto mantém temperaturas que oscilam entre 21°C e 31 °C.

Eu não conseguia entender esse assunto singular.

O corpo apresentava igualmente a chamada “pele anserina” devido à rigidez cadavérica, e uma extensa maceração cutânea, com enrugamento generalizado da pele das mãos e dos pés. Essa pele tem o aspecto de luvas e de meias, respectivamente.

E pensei, uma vez mais: “Isso não é viável. A maceração cutânea exige o contato do corpo com um meio líquido”.

A partir daí, as surpresas se encadearam.

A água contida nos pulmões e no estômago foi analisada nos laboratórios da base jordaniana.

Não era água salgada!

Era doce!

Fiquei perplexo.

Quanto ao barro encontrado no líquido bronquial, também não pertencia ao mar Morto.

Não possuía aragonita, um dos elementos constitutivos do barro do mar de Sal (aragonita, sal-gema e gesso)!

E o que dizer da concentração de íons?

Potássio, cálcio e magnésio apareciam em concentrações mais baixas que as existentes no mar Morto.

Eu não podia acreditar no que estava lendo.

Li de novo.

Correto.

Eu havia lido direito.

As análises eram claras e determinantes: o homem morreu por submersão em água doce, mas foi encontrado flutuando no mar Morto, cuja salinidade oscila entre 27 e 27,5%.⁶

Água doce!

Alguém estava tentando brincar conosco.

E as surpresas aumentaram.

No exame das vísceras surgiu a “adipocera”, um acentuado endurecimento e tumefação das gorduras do corpo. A gordura havia ficado branca e rígida⁷, aderida ao tecido ósseo e muscular.

Mas o mais desconcertante era que o fenômeno da “adipocera” exige de cinco a seis meses de processo de putrefação.

Fiz as contas de novo.

Aquela pessoa podia ter falecido em fevereiro ou março (1973), e o “berço” se precipitara ao lago em 28 de junho.

De fato, as contas não batiam.

Para acabar de complicar o labirinto, o relatório forense indicava a presença de ninhos de *Calliphora*, uma mosca que coloca ovos nas partes úmidas das feridas, boca e olhos, fundamentalmente. Esses “moscardos” se reproduzem poucas horas depois do óbito.

Supunha-se que o corpo estava protegido pelo escafandro e pelo traje hermético.

Essas moscas não deviam estar aí.

Fiz um balanço.

A autópsia falava de um homem com as características físicas de Eliseu (inclusive o grupo sanguíneo).

Havia sofrido morte por submersão e estava embutido em um traje do projeto Swivel (supersecreto), com o sobrenome de Eliseu costurado no peito.

Aparentemente, era o engenheiro.

Mas não era.

O que é que não encaixava?

Em primeiro lugar, a água doce. A pessoa não havia falecido no mar Morto.

Segundo: a tatuagem no peito.

Terceiro: as feridas nos pés, nos joelhos, na área dorsal da mão esquerda e no couro cabeludo. O traje o protegia.

Quarto: a “adipocera” e os ninhos de *Calliphora*. O indivíduo faleceu antes de nos precipitarmos no mar de Sal.

Quinto: o barro encontrado dentro do cadáver não era do mar Morto.

Enfim, para que prosseguir?

O instinto me preveniu de novo.

Não precisava ser muito esperto para deduzir que aquele infeliz não tinha relação alguma com o engenheiro.

E me perguntei: “Assim sendo, o que aquele corpo fazia nessa história? Quem era realmente? Por que o usaram? Quem o jogara nas águas do mar de Sal?”.

Naquele momento, não sei por que, voltaram a minha mente as imagens dos misteriosos envelopes lacrados que eu havia recebido no quarto do pavilhão dos oficiais, no “vespeiro”, e na casa de campo de Curtiss: “Marte, alerta”, “Blasfêmia” e “Renuncie, traidor”.

Não fiz comentários.

Deduzi que Domenico havia reparado também naquele cúmulo de despropósitos.

Até um cego teria visto.

Curtiss notou e me advertiu.

O assistente, contudo, escolheu o silêncio.

Um significativo silêncio.

Sou um desastre.

Por que não percebi muito antes?

Domenico, de fato, não era o que parecia.

Mas vamos por partes.

Não quero me desviar.

O informe dos legistas havia terminado.

Foi encontrada água no estômago, em uma quantidade superior a 500 mililitros.

Isso significava que o enigmático personagem estava vivo quando caiu (ou foi jogado) na água.⁸

Foram detectadas hemorragias no ouvido médio e nas células mastoideas.

E a autópsia foi concluída, como dizia, com os tradicionais exames complementares: radiológicos, microscópicos, químicos e bioquímicos.

Foi assim que se apreciou a opacidade dos seios paranasais (indicativo de submersão ou afogamento intravital: enquanto o sujeito estava vivo) e uma ampla colônia de protozoários ciliados e diatomáceas, os decisivos marcadores biológicos aos quais se referia o general no cabeçalho do relatório: “As diatomáceas também conduzem à luz”.

As análises, de fato, identificaram três tipos de diatomáceas.⁹ Todas elas apareceram na medula dos ossos longos, assim como no sangue cardíaco e demais órgãos irrigados pela circulação sistêmica. As provas se repetiram com exemplares existentes no cérebro, pulmão, fígado e rins.

Não havia dúvida.

O personagem se afogara em plena luta.

A respiração agitada do infeliz tentando sobreviver arrastou ar e água (com diatomáceas). Primeiro foram bombeadas para o coração, e dali distribuídas pelo resto dos órgãos.

Segundo os especialistas, a identificação das diatomáceas pode conduzir ao lugar exato onde se registrou a submersão ou afogamento. Em outras palavras: cada diatomácea procede de um ponto no planeta.

Supus que os legistas tinham perfeito conhecimento do risco de contaminação existente no processo de investigação.

Imaginei que haviam tomado todas as precauções possíveis.

Dei por certo que as diatomáceas localizadas dentro do cadáver eram alheias ao laboratório.

Neste caso, as diatomáceas detectadas foram as seguintes: *Scoliopleura lorami*, *Opephora Mutabilis* e *Scoliopleura peisonis*.

Naquele momento eu não sabia de onde procediam.

O informe também não falava disso.

Aí terminava o trabalho dos peritos.

Em resumo: o afogado não havia morrido no mar de Sal.

O general Curtiss estava tentando me dizer algo, mas não percebi.

Resignei-me.

Esperaria seu retorno a Edwards.

A propósito, da maleta nem uma palavra. Achei estranho que o informe não a mencionasse.

Domenico falou com Curtiss bem cedo na segunda-feira, 27 de agosto.

O chefe do projeto estava preocupado.

A equipe havia procedido ao embalsamamento do cadáver, mas a papelada para a repatriação do corpo era um assunto laborioso, quase agônico, que dependia totalmente dos jordanianos.

Curtiss, farto, chamou os árabes de lançarotes e folgados.

Ninguém sabia quando conseguiriam sair daquele buraco.

O Pentágono começou a ficar impaciente, e com razão.

Se os jordanianos descobrissem que as granadas haviam sido “batizadas”, Curtiss e os demais não sairiam vivos do país.

Para piorar – segundo Domenico –, o “Galaxy” que havia transportado as armas acabou fugindo como um coelho. Era necessário um transporte, com urgência, que aterrissasse na base aérea de Azraq e resgatasse o general, a equipe e o fêretro com o corpo do misterioso personagem.

Mas não era tão simples. A situação no Oriente Próximo continuava se deteriorando, tal como previa o sinistro plano Rapto de Europa.

Representantes do rei jordaniano e do presidente egípcio vinham celebrando frequentes reuniões intensas a fim de restabelecer relações diplomáticas.¹⁰

A guerra, insisto, uivava cada vez mais próxima.

Se a Jordânia estabelecesse relações com o Egito, dada a iminência do conflito com Israel, a sorte de Curtiss e dos seus podia ficar seriamente comprometida. E não eram frases feitas.

Curtiss sabia. O Pentágono sabia. Kissinger sabia. Nixon sabia.

A situação piorou.

As explicações secretas do governo dos EUA sobre a presença do astronauta no mar

Morto não foram do agrado de Amã. A embaixada norte-americana na Jordânia emitiu uma nota confidencial ao rei Hussein explicando que o falecido era membro de uma expedição conjunta e humanitária entre judeus e norte-americanos para a investigação do mosquito *Anopheles* (malária). A Jordânia, naturalmente, não engoliu essa.

E Curtiss insultou de novo políticos e militares chamando-os de luxuriosos e subalternos.

O general – segundo Domenico – estava subindo pelas paredes.

Eu dividi meu tempo entre o “vespeiro”, na revisão dos diários, e as consultas no Dryden sobre a natureza e a origem das diatomáceas que apareceram no cadáver.

No Centro de Investigação de Voos da Nasa não sabiam muita coisa. E me remeteram aos departamentos oceanográficos das universidades.

A única coisa que consegui esclarecer naquele momento foi que as referidas diatomáceas procediam da Hungria, do Texas e da Baixa Califórnia Sul.

Minha confusão se multiplicou. Aquele infeliz havia se afogado a milhares de quilômetros do mar Morto!

O assistente interrompeu as primeiras investigações sobre as diatomáceas. Tinha uma boa notícia. Ou melhor, duas.

Finalmente!

O Pentágono havia subornado os militares jordanianos com uma boa soma de dinheiro, e a papelada para a repatriação do “astronauta” foi milagrosamente agilizada.

A segunda boa notícia era o avião de carga C-141, que já se dirigia para a base de Azraq. Domenico não soube me dizer onde o haviam localizado. Supus que podia proceder de uma das bases dos EUA na Turquia. Chegaria à Jordânia naquela mesma noite.

Segundo o assistente, assim que aterrissasse, o C-141 carregaria o féretro, e a equipe fugiria dali rumo a Atenas. Ali pegariam outros norte-americanos e fariam uma nova escala na base de utilização conjunta de Torrejón, em Madri, Espanha.

Se tudo corresse bem, dia 30, quinta-feira, Curtiss e os outros estariam de volta a Edwards.

Se tudo corresse bem.

E tudo foi perfeito, ou quase.

O avião partiu da base de Azraq e aterrissou sem novidade em Atenas.

Curtiss se comunicou com seu assistente.

O general parecia mais relaxado.

Poucas horas depois, o C-141 se dirigia para a Espanha.

Domenico anunciou:

– O general tem uma surpresa para você.

Não disse mais nada. Curtiss provavelmente não lhe informara sobre o presente.

Uma surpresa?

Eu não gostava das surpresas de Curtiss.

Mas a recebi; sem dúvida a recebi.

Em Atenas se juntaram ao grupo os familiares de uma série de pilotos norte-americanos. Também estavam voltados aos EUA.

Eu me tranquei no “vespeiro” e me dediquei ao meu trabalho.

Mas, às 15 horas desse 28 de agosto, bateram na porta.

Era Walter.

Domenico me chamava de novo em sua sala no hangar vermelho.

O que havia acontecido dessa vez?

Encontrei o assistente largado em sua cadeira, pálido como cera.

Segurava o rosário com as duas mãos, com força, e o beijava sem parar.

Ele me viu, mas não registrou minha presença.

De vez em quando suspirava e dizia:

– Deus! Deus! Deus!

Não consegui que respondesse a minhas perguntas.

Beijava sem parar a pequena cruz e, de repente, desmaiou.

Pedi ajuda.

O que havia com ele?

Dois tenentes acudiram e tentaram reanimá-lo.

Foram buscar água.

Foi inútil.

Domenico estava inconsciente.

Perguntei.

O que estava acontecendo?

Os tenentes pareciam mudos.

Compreendi. Estavam escondendo alguma coisa.

Nem me olharam.

Finalmente entrou um capitão. Trazia um telex nas mãos.

Observou a cena e se dirigiu a um dos telefones, ordenando o envio de uma ambulância.

E deixou o papel em cima da mesa do assistente.

Não insisti.

Ninguém queria falar.

Logo chegaram os paramédicos e levaram Domenico.

Seu rosário caiu.

Agachei-me e o peguei com o propósito de devolvê-lo, mas o assistente já não estava mais ali.

Foi quando, ao ficar sozinho, perto da mesa reparei no telex que o capitão havia deixado ali.

Deixei o rosário em cima da mesa e “algo” mais forte que eu me levou a ler o texto.

Tive que ler pela segunda vez.

Meu Deus!

Não sabia o que fazer.

E compreendi o porquê do desmaio de Domenico e do silêncio dos tenentes.

Tinha que haver um erro...

Saí da sala e fui procurar o capitão.

Pensei que eu estava no meio de um dos meus sonhos, mas não.

Interroguei o capitão e o homem baixou a cabeça.

E assentiu com o silêncio.

Era verdade!

O C-141, no qual viajava o general Curtiss, havia desaparecido às 22h50 (hora local da Espanha).

Tive que me sentar.

O telex era claro e implacável: “Um avião de carga Lockheed C-141A--10-LM Starlifter, da USAF, perdeu contato com a torre de controle da base conjunta hispano-norte-americana de Torrejón, perto de Madri, quando se encontrava em aproximação a esta”.

Meu Deus! Outra vez!

O capitão foi me fornecendo novos informes.

O avião havia caído em um bosque perto de Pastrana.

Não havia dúvida.

Era o C-141 no qual viajavam os três diretores do Cavalo de Troia, o féretro com o “astronauta”, os legistas e Curtiss, bem como os familiares dos pilotos que voltavam de uma viagem turística pela Grécia.

As primeiras notícias não falavam de sobreviventes.

Algun caridoso me serviu um uísque.

Como disse, tudo era confuso.

Os teletipos repicavam informações sem parar, mas às vezes contraditórias.

Falavam de 24 vítimas.

Nunca mencionaram o féretro.

Número de registro do C-141: 63-8077.

E o que importava o registro?

Número de série: 300-6008.

O capitão verificou. Correto.

Tripulação: sete. Ocupantes: 18.

Isso fazia um total de 25. Por que falavam de 24 falecidos?

Número de horas voadas pelo C-141: 14.372.

E um dado que me deixou perplexo: ninguém sabia em que ano foi construído (!).

Eu não conseguia entender aquilo.

O avião podia ser velho, mas a tripulação (dois pilotos e dois engenheiros) era excelente. Eu os conhecia.

Curtiss era um sujeito perigoso. Eu não comungava com suas ideias, mas também não lhe desejava uma morte assim.

Senti uma enorme tristeza.

E pensei em Estrella, a generala. Teriam lhe dado a notícia? O capitão disse que não sabia. Era melhor esperar. Concordei. Era melhor confirmar tudo.

Senti meu coração se acelerar.

Os teletipos funcionaram até bem avançada a noite.

O hangar vermelho estava de cabeça para baixo.

Todos conheciam (e odiavam) Curtiss.

O C-141 levava uma carga de oito toneladas; muito pouco. Tinha quatro motores Pratt-Whitney TF-33-P-7, com 91 cavalos cada um. O peso máximo de decolagem (autorizado) era de 147 toneladas.

Após uma escala em Torrejón, o avião previa seguir para a base de McGuire, em Nova Jersey, e dali para Edwards.

Domenico não voltou.

Às três da madrugada foi fornecida a lista de falecidos, bem como a identidade do único sobrevivente. Curtiss e os outros estavam no telex. O ocupante vivo era o navegador: William H. Ray. Os moradores de uma cidade próxima ao local do sinistro haviam-no resgatado dentre os ferros retorcidos e fumegantes. Ao que parecia, havia sido transferido para o hospital mais próximo.

O aparelho – diziam – perdera altura na aproximação e batera nas oliveiras. O C-141 se partiu ao meio e pegou fogo.

De madrugada começaram a chegar fotografias do sinistro.

Fiquei arrasado.

Os restos do avião estavam espalhados no meio de azinheiras e oliveiras. Bombeiros tentavam apagar os rescaldos.

Meu Deus!

O aparelho estava de ponta cabeça.

Que estranho...

O impacto devia ter sido muito violento. Os telex falavam de 250 nós (463 quilômetros por hora) ao chocar com o morro.

E, não sei por que, surgiu em minha mente um sonho que tive na casa de campo de Curtiss. Nele vira os restos de um avião e as peles de Callas, de Puccini, de Onassis e de Kempis penduradas nas árvores.

Estremeci.

Por que no sonho não se viam os restos de Curtiss?

O Destino tocou meu ombro de novo, mas não percebi. Eu estava denso demais para sutilezas.

E continuei pensando em Estrella. Pobre mulher!

Suas palavras soaram alto e claro em meu cérebro: “Curtiss teme pela vida dele”.

Mas me enredei nas fotografias e nas informações que os teletipos continuavam proporcionando e esqueci, por ora, os temores da generala.

Santo Deus!

Em pouco mais de um mês haviam morrido cinco diretores e o chefe do projeto Swivel.

Não era estranho?

Já bem avançada a manhã da quarta-feira, 29, tentei localizar Domenico.

Não consegui.

Disseram-me que havia abandonado a base na companhia de Estrella.

Supus que o assistente havia se recuperado.

Achei uma boa ideia. A generala precisava de ajuda e companhia.

Imaginei que estavam indo para a casa de campo.

Tinha que ligar para ela e dar-lhe os pêsames.

Mas queria fazer isso pessoalmente.

Deixei para mais tarde.

E chegou um momento em que tudo estava dito sobre o acidente. Foi o que pensei.

Decidi me retirar.

O hangar vermelho e o pessoal destinado no projeto Swivel eram um caos. Após a morte de Curtiss, ninguém sabia o que fazer, e, o que era pior, ninguém se importava.

Falei com o capitão e disse que queria tirar uns dias de folga.

Ele assentiu e compreendeu.

Tomou nota e nos despedimos.

E fui me refugiar no bar de Joco.

O japonês entendeu meu silêncio e se limitou a encher meu copo de bom uísque. Foi a única coisa que pedi.

A base estava consternada.

Foi ali, no bar, que eu soube que estava sendo preparado um voo especial para levar a Madri os especialistas da UAAI.¹¹

Eram os melhores dos melhores investigadores de acidentes aéreos.

Iam analisar os restos do C-141 e tentar esclarecer as causas do sinistro.

No aparelho – segundo Joco – iria também uma unidade da AFI 91-204, outro grupo altamente especializado em acidentes “classe A” (aqueles em que há mortos, invalidez permanente, perda do aparelho e danos à propriedade do governo em valor superior a dois milhões de dólares). Eram os investigadores que investigavam os investigadores. Algo assim como “assuntos internos” da UAAI. Um dos chefes da AFI era o tenente-coronel Hansen, velho conhecido.

O voo decolaria de Edwards às 6 da manhã da sexta-feira, 31 de agosto (1973).

Foi quando a vi entrar no local.

Ah! Como era linda! Parecia uma apache.

Ostentava sua linda cabeleira escura até a cintura e a túnica azul, transparente.

Fez-se silêncio.

Ela parou um instante ao lado de quem isto escreve e sussurrou:

– Siga em frente!

E a bela intuição desapareceu de minha vista.

O bar recuperou sua pulsação habitual e Joco me deu uma piscada maliciosa. O japonês a conhecia. Em certa ocasião ela lhe deixara um envelope com um bilhete.

Mas acho que já falei sobre isso.

Não hesitei.

Dei ouvidos à bela e, na sexta-feira, às 5 da manhã, pouco antes do alvorecer, fui até o KC-130F, o quadrimotor que levaria os especialistas à base de utilização conjunta de Torrejón.

Apresentei-me a Hansen, e o homem, compreendendo, abraçou-me.

Não tive que dar muitas explicações. Queria colaborar no esclarecimento do caso.

Ele me propiciou a entrada no KC-130F e me ofereceu a ajuda de sua equipe “para o que fosse necessário”.

Disse se sentir orgulhoso de mim.

Não entendi por quê.

A verdade é que aquela atitude tão generosa acabaria me favorecendo, e de que forma!

O que consegui na Espanha se deve, em boa medida, ao tenente-coronel Paul M. Hansen.

Acomodei-me e procurei relaxar. Tinha uma viagem de 16 horas pela frente.

E organizei, lápis e papel na mão, aquilo que deveria ser minha investigação.

Primeiro conversaria com o sobrevivente, o tenente Ray. Depois visitaria a área do sinistro e interrogaria as testemunhas, se é que havia alguma.

Meu espanhol estava um pouco enferrujado.

Não importava.

O Pai Azul cuidaria dos detalhes.

Depois, veríamos.

E em um momento da viagem, subitamente, como se tudo estivesse mágica e minuciosamente calculado, surgiu em minha mente a recordação de uns sonhos singulares, todos relacionados com Curtiss.

Fiquei impressionado.

Naquele momento, sabendo o que sabia, os sonhos adquiriram um valor muito especial.

A “pérola” dos sonhos...

O primeiro, como relatei anteriormente, aconteceu em fevereiro de 26, em plena aventura.

No sonho, quem isto escreve estava em Saidan, no “pombal”. Olhava pela janela. Era uma noite estrelada, linda. De repente, no sonho, alguém tocou meu ombro direito duas vezes. Voltei-me, mas não havia ninguém. Então, ouvi uma voz desconhecida que dizia (em aramaico): “Já é hora de você voltar à realidade”.

Não compreendi e voltei à janela.

Logo depois, contudo, alguém voltou a tocar meu ombro (dessa vez no esquerdo), três vezes. Voltei-me assustado, mas o “pombal” continuava vazio. E aquela voz soou de novo em minha cabeça (“5 × 5”): “Pare de olhar pela janela e volte à realidade”.

Nessa oportunidade a voz falou em inglês.

E, nisso, bateram na porta do quarto.

Era o Mestre.

Ele sorriu, estendeu o braço esquerdo e me entregou uma das ampolhetas de barro utilizadas por quem isto escreve na visita a Caná.¹² Dentro, encontrei um pequeno pergaminho. Estava escrito em inglês! Dizia: “Curtiss o precederá no reino dos céus (Isaías 29,8)”. Um pouco mais embaixo lia-se: “Acautela-te e aquieta-te! Não temas, nem te desfaleça o coração... (Isaías 7,3)”.

Fim do sonho.

Lembro que fiz consultas.

As referidas citações de Isaías não me disseram nada.

Também não entendi a presença do nome de Curtiss; não nesse momento.

Isaías (29,8) fala de “sonhos”, mas não me dei conta.¹³

Quanto à segunda parte (Isaías 7,3), “Papai Noel” confirmou o que eu suspeitava: tratava-se de um erro (?). A frase “Acautela-te e aquieta-te! Não temas, nem te desfaleça o coração...” não correspondia ao versículo 3, e sim ao 4.

Fiquei intrigado e surpreendido pelo sonho, mas a coisa ficou por aí.

Curtiss tinha dois nomes de batismo na vida real. Um era Isaías.

E foi durante o voo que, papel na mão, comecei a brincar com os números das citações bíblicas.

Depois do que havia vivido com o código, achei normal.

Era noite fechada sobre o Atlântico.

Fiquei hipnotizado.

Eu olhava os números, mas não acreditava.

Era mágico! Como podia ser?

Isaías 29,8 e Isaías 7,3 podia ser lido de outra forma: 29-8-73!

Santo Deus!

Era a data na qual o general havia morrido!

Claro...

Curtiss (Isaías) o precederá no reino dos céus!

Fiquei lívido.

E julguei entender a segunda parte do sonho: “Acautela-te e aquieta-te! Não temas, nem te desfaleça o coração”.

Alerta, sim...

O Destino me reservava novas surpresas importantes.

Não temeria, não importava o que acontecesse. Meu coração não desfaleceria.

O Mestre estava comigo.

E recordei outro conselho (na verdade uma ordem) do general: “Aconteça o que acontecer, e veja o que vir, não renuncie”.

Mensagem recebida.

O segundo e não menos estranho sonho, também relacionado com Curtiss, deixou-me perplexo, mas eu não sabia interpretá-lo; não nesse momento.

Era lógico.

As coisas chegam quando têm que chegar.

Eu sabia que o Destino observava com atenção.

Como dizia: esse segundo sonho aconteceu na noite de 26 de julho, em meu quarto no pavilhão dos oficiais.

No sonho, vi um menino nu de ponta cabeça. Tinha o rosto de Curtiss. Uma mulher abria as costas dele com uma faca e tirava uma coisa preta. Colocava-a em um frasco de vidro e me mostrava. Pensei que se tratava de pólvora. Experimentei. Não era pólvora.

Acordei quando uma nuvem palpitante caía em cima de mim.

O terceiro sonho – igualmente referido – me deixou não menos atônito.

No sonho (registrado no sábado, 11 de agosto, na casa de Curtiss, na baía de Paulo) ocorreram dois fatos, um mais impressionante que o outro.

O primeiro foi o recado da bela intuição depositado em um envelope no bar de Joco. Em um papel branco dentro dele se lia: 29 DE AGOSTO.

No sonho somei os dias que faltavam para esse misterioso 29 DE AGOSTO: 17 dias. E pensei: “ $1 + 7 = 8$. Ora! O ‘8’ é o número da morte, segundo Eliseu”.

O segundo e alarmante acontecimento (contemplado dentro do sonho) foi o aparecimento de umas fotografias. Nelas vi os restos fumegantes de um avião espalhados pelo morro.

De início, pensei que era a “Raio negro”.

Nada disso.

Era um avião com a cauda em forma de “T”.

Curtiss não estava entre os falecidos pendurados dos galhos das árvores.

Eu, pelo menos, não vi sua pele.

Realmente, os sonhos são o pátio dos fundos dos céus.

O resto da viagem foi tranquilo.
Pensei muito e falei com o tenente-coronel Hansen.

No dia 1º de setembro, sábado, às 7 da manhã (hora local), aterrissamos na base aérea de Torrejón de Ardoz, a pouco mais de dez quilômetros a leste de Madri.

Levaram-nos aos pavilhões, e Hansen, acertadamente, permitiu que seus homens descansassem.

À tarde, embora fosse fim de semana, iniciariam o trabalho.

Deixei meus poucos pertences no quarto da residência de pilotos e optei por iniciar a investigação de imediato.

Eu me sentia estranhamente nervoso.

Alguma coisa ia acontecer. Eu sabia.

E às nove, após duas consultas, apresentei-me no quarto 109 do hospital militar. Ali encontrei o tenente e navegador William H. Ray, único sobrevivente do acidente aéreo.

Não vi vigilância alguma.

E por que haveria?

Ray era jovem. Estava sozinho e entediado. Tinha um gesso na perna direita.

Estranhou ao ver um velho de uniforme e cabelo branco.

Tentou saudar, mas fez um gesto tranquilizando-o.

Depois, conforme fomos falando, Ray se abriu. Em um primeiro momento, pensou que era outro oficial dos que o acossavam o tempo todo.

Estava farto.

Em dois dias haviam-no interrogado 30 vezes.

Por ali passaram médicos, pilotos, engenheiros, policiais militares, inspetores, controladores e até gente da CIA. Haviám-no fotografado e gravado, e fizeram-no assinar uma declaração de confidencialidade. Não podia falar do acontecido nem com a família.

Eu o tranquilizei.

– Estou aqui – disse – porque quatro passageiros eram amigos meus.

Ele me contemplou desolado, e expliquei quem eram esses amigos.

– O general – respondeu –, eu me lembro dele. Era um peixe grande.

– Muito grande.

– Ao aterrissar em Atenas solicitou permissão para descer e esticar as pernas.

Depositei a mão esquerda na testa do jovem e comprovei que não estava com febre.

Sorri, e o garoto se sentiu agradecido.

Com esse gesto, acho, acabei conquistando-o. E ele falou com fran-queza. Não sabia o que havia acontecido.

Todos mortos menos ele...

Saltaram-lhe as lágrimas.

A verdade é que teve sorte. Ou melhor, assim estava programado...

Ray sofrera contusões múltiplas, sem maior importância, e fratura do fêmur e da fíbula direitos.

Estava se recuperando bem.

E o tenente me contou o que sabia. Não foi muito, mas valeu a pena.

Estavam em plena aproximação à base de Torrejón quando aconteceu “aquilo”.

– Faltavam pouco mais de cinco minutos para aterrissar – continuou. – Tudo estava bem. Você sabe, redondinho.

Entendi. Tudo funcionava com perfeição no C-141.

Deixei-o falar.

Eu não estava anotando nada. Isso o tranquilizou.

– Lembro que estávamos vendo as luzes da base ao fundo. Fim do voo, pensei. Outra tripulação nos substituiria. Então, escutamos aquelas palavras. Entraram em nossa frequência. Todos ouvimos. Nós quatro que estávamos na cabine.

– Que palavras?

– Raposa dois.

– Raposa dois?

– Isso. Quem as pronunciou era norte-americano. O sotaque era bem texano.

Eu estava desconcertado.

Nada disso constava dos teletipos que eu havia lido em Edwards.

– As palavras – acrescentou Ray – foram pronunciadas com lentidão e segurança. E repetidas várias vezes.

– Quantas?

– Talvez quatro.

E pensei: “Isto deve estar gravado na caixa-preta”.

Mas não quis interromper.

– Nesse momento sentimos o aparelho estremecer. Escutamos um barulho na parte de trás do avião. Foi como uma explosão. O C-141 vibrou e caímos.

Não pude me conter e perguntei:

– Os alarmes dispararam?

– Negativo. Só depois, após aquele barulho.

– E antes da explosão?

– Negativo. Tudo estava tranquilo, como eu disse. Após a detonação, o *panel panic* ficou louco.

Fiquei em silêncio.

Em minha mente instalou-se uma imagem aterradora.

– Os pilotos conseguiram endireitar o aparelho, mas foi só ilusão. Ouvíamos gritos. Começou um incêndio. Os sinais luminosos e acústicos transformaram a cabine em um manicômio. Não sabíamos o que fazer nem aonde ir. Tudo foi incrivelmente rápido.

O tenente fez uma pausa.

As recordações doíam como metralha.

– Caímos no solo. O golpe foi muito violento. Estávamos voando a 250 nós (quase 500 quilômetros por hora). Tudo começou a girar. Os gritos continuavam. Havia fogo! O capitão gritava: “Merda, merda!”. Então, paramos de girar. Eu estava de cabeça para baixo, preso pelo cinto. Soltei-me como pude e caí. Os pilotos e o outro engenheiro estavam mortos. Destroçados. Ouviam-se gemidos. Havia fumaça e fogo por todos os lados. Minha perna direita doía. Tinha cheiro de carne queimada.

Ray parou, esgotado.

Dei-lhe água.

Nisso, entrou uma enfermeira. Olhou-me de cima a baixo. Deixou uma medicação em cima do criado-mudo, sorriu e desapareceu à mesma velocidade que havia chegado.

Eu tinha que me apressar, mas não devia forçar o valoroso Ray. Ele já estava fazendo bastante.

– Eu não conseguia mexer a perna direita – continuou. – E comecei a gritar em desespero. As chamas me cercavam. Achei que minha hora havia chegado. Quis rezar, mas estava aterrorizado. Depois, apareceu aquele homem. Falou comigo em espanhol, eu não entendia. Ele arriscou a vida. Chegou até mim e tentou me levantar. Não conseguiu. Finalmente, conseguiu. Eu me segurei em seu pescoço com desespero. Então, ele me tirou dali. Chegou um segundo homem. Conversaram entre si. Gritavam. Finalmente entraram em acordo e me carregaram. Um minuto a mais e as chamas teriam me devorado.

Isso era tudo, e não era pouco.

Insisti no assunto dos alarmes luminosos e acústicos do avião e Ray ratificou o que já havia mencionado: antes da explosão tudo funcionava corretamente. Não houve aviso de nada. Foi depois do “estremecimento” do C-141 que se precipitaram rumo à terra.

Ray confirmou que a altitude do aparelho no momento da “explosão” (?) era de três mil pés (mil metros).

Abandonei o quarto às 12 horas e 10 minutos.

Eu me sentia profundamente desanimado.

A terrível imagem continuava em minha mente.

E eu ainda não havia visto tudo naquela história dramática.

No fim de semana fiz o melhor que podia fazer.

Eu sei: os céus me protegeram.

Troquei de roupa e nesse mesmo sábado, dia 1º, aluguei um veículo.

Perguntei como chegar ao lugar do acidente e, à paisana, dirigi-me a Hueva.

Eram 14 horas e 13 minutos.

Hueva era uma aldeia pequena e sossegada, escondida entre azinheiras e oliveiras.

A viagem foi agradável. Só 35 quilômetros de Torrejón.

Parei antes de entrar na cidade e hesitei.

Ia direto à área do sinistro?

Hueva se encontra encravada entre morros.

Olhei a minha volta.

Eram hectares e hectares de bosques.

Eu teria necessitado muito tempo para encontrar o ponto de impacto.

A uns cinco quilômetros para oeste, erguia-se uma montanha mais elevada. Nos mapas é denominada Carabo, de 928 metros.

Era o lugar que eu procurava?

Fiz cálculos – bem depressa – e estimei que Ray tinha razão: a partir daquela cidade, a 250 nós o C-141 teria precisado de 5 minutos e 25 segundos para aterrissar na base.

Finalmente o bom senso se impôs.

Eu entraria na cidade e pediria ajuda. Os moradores com certeza sabiam onde o avião havia caído.

E assim fiz.

Percorri as dez ou doze ruas, conversei com todos os homens e mulheres que cruzaram meu caminho e acabei sentando com eles para beber um excelente vinho.

Foram gentis e comunicativos.

Todos lamentaram o triste acontecimento.

E todos que interroguei concordaram em dois assuntos; um deles de especial importância, do meu ponto de vista: o aparelho voava a baixa altura e em chamas.

Insisti no “em chamas” e – repito – todos concordaram.

A tragédia aconteceu pouco antes das 11 da noite.

As pessoas saíram de suas casas e viram o C-141 quando se dirigia para Torrejón.

“O barulho era enorme”, diziam. “O aparelho caía envolvido em chamas vermelhas e azuis.”

Depois, ouviram um estrondo.

E saíram para o cemitério. Pensaram que o avião havia caído.

Mas, com a precipitação, correram em sentido errado.

O fogo os alertou e então se dirigiram ao ponto correto: o Serrano, uma área de bosques.

Aquela gente, como a da região, conhece os aviões militares. Torrejón fica perto. Contudo, o lance das chamas azuis e de o aparelho voar “beirando os telhados” me pareceu um exagero.

Sim e não.

“Foi uma noite horrível.”

Após o choque, os restos do avião ficaram espalhados em um raio superior a um quilômetro.

“Foi impressionante”, declaravam. “Quando chegamos, tudo era fogo e fumaça. O aparelho se partiu ao meio e ficou de ponta cabeça.”

Conseguí conversar com Antonio Beas e Víctor Martínez, dois moradores que participaram ativamente do resgate do tenente Ray. Na verdade, todo o povo ajudou.

Carregaram o navegador e o colocaram em um automóvel, transferindo-o para o hospital de Guadalajara, a 38 quilômetros. Ali foi atendido pelo pessoal de plantão. Pouco depois, seguia para o hospital militar de Torrejón.

Naquela noite foi montado um perímetro de proteção em volta do C-141, e, ao alvorecer, os militares norte-americanos (exclusivamente) passaram a retirar os corpos e os restos do avião.

A PM proibiu a passagem de civis.

Houve dificuldades.

Aquilo era propriedade do povo, contudo ninguém pôde ultrapassar o perímetro policial.

Após a retirada dos restos, os militares formaram uma corrente e, “ombro a ombro”, fizeram uma varredura no local. Levaram até o último vestígio do acidente. Utilizaram a estrada de Fontelencina.

“Carregaram sacos e mais sacos.”

Em questão de horas, o bosque estava “limpo”.

No domingo, 2 de setembro (1973), voltei a Hueva, com mais calma.

As pessoas, amabilíssimas, me guiaram à área do acidente, a dois quilômetros ao leste, perto da estrada de Pastrana a Fontelencina. Especificamente nas coordenadas 40°27'49" N e

2°55'55" O. Ali apareceram os restos da cabine, a 954 metros de altitude. Mais a oeste, a 114 metros, foi encontrado o resto do avião, a 949 metros de altitude e a 2,21 quilômetros de Hueva. O trem de pouso foi catapultado alguns metros para o oeste, a 930 metros de altitude.

Ali fiquei a manhã toda, inspecionando.

Não esclareci nada.

As azinheiras e oliveiras estavam mutiladas e calcinadas.

A PM fizera um bom trabalho.

Um estranho silêncio governava o lugar.

Na segunda-feira, dia 3, não saí da base.

Troquei impressões com o tenente-coronel Hansen, mas não falei de Ray nem de minha visita ao lugar do acidente.

Ao que parecia, segundo as primeiras investigações, o sinistro se devia a uma série de lamentáveis erros dos pilotos.

Fiquei estupefato.

Não era isso que o navegador dizia.

E o instinto tocou meu ombro mais uma vez.

Atenção!

Alguém não estava dizendo a verdade.

Perguntei se estava autorizado a ver os restos dos passageiros, e do C-141, e Hansen disse que sim, oferecendo-se inclusive para me acompanhar.

Aquele foi um dia igualmente angustiante.

Os restos mortais dos 24 falecidos haviam sido depositados em um necrotério improvisado, em um dos hangares não utilizados habitualmente. A polícia militar vigiava o exterior.

Isso me espantou.

Mortos não precisam de vigilância.

O espetáculo era desolador.

Longas tábuas brancas com pés em forma de tesoura faziam as vezes de mesas.

Formavam um “U”.

Alguém sensível e respeitoso colocara um cristo de madeira entre os braços do “U”.

Ao pé do crucificado ardia uma vela e uma vareta de incenso.

Agradei.

Não sabia por onde começar.

O tenente-coronel ficou na porta do hangar conversando com alguns oficiais da 401 Tactical Fighter Wing.

Fez-me um gesto para que avançasse e inspecionasse.

Hansen estava pálido.

Compreendi. Imaginei que a visita não era de seu agrado.

Não lhe faltava razão.

Eu nem sequer sabia o que estava procurando naquele lugar.

Tentei me acalmar. Queria reconhecer os restos do general Curtiss, ou talvez os dos diretores que o acompanhavam.

Fiz uma primeira rápida inspeção. Olhei por cima, sem entrar em detalhes.

Aquilo era um caos!

Depois, andei devagar em frente às tábuas, tentando encontrar algo familiar.

Impossível.

Aquilo era um massacre!

Os corpos – ou melhor, o que restava deles – estavam esquartejados e carbonizados. A polifragmentação era extrema e muito severa.

Senti náuseas.

A minha frente eu tinha uma massa disforme, negra e retorcida onde se adivinhavam as formas (só isso: adivinhavam-se).

Os corpos estavam decapitados, sem membros, brutalmente mutilados, com as vísceras expostas, calcinadas.

Mesmo sendo médico, a visão de tamanha mortandade apertou minha alma.

Em uma ponta do “U” foram alinhados os braços e as mãos (insisto: o que restava deles). Perto encontravam-se os pés e os restos das pernas.

Parei diante de várias das cabeças.

Estavam trituradas.

Não reconheci Curtiss, nem os diretores.

A identificação das vítimas – aceitando que fosse feita – era um trabalho lento e quase humanamente impossível. A deterioração e, acima de tudo, a fragmentação e queimadura dos cadáveres complicavam muito a tarefa dos médicos legistas.

Precisei de uma hora para me acomodar ao lugar.

Hansen, entediado, acabou me fazendo um sinal e se retirou.

Como disse, não fui capaz de reconhecer os restos de Curtiss, nem os de nenhum outro.

O cristo olhava para o chão, com razão. Aquilo era só morte e tristeza.

E, não sei por que, continuei a busca.

Busca? O que eu esperava encontrar?

Não tinha nem ideia.

Mas continuei passeando diante dos restos.

De vez em quando eu me inclinava sobre uma perna ou sobre um tórax e tentava “ler”.

O que havia acontecido? Por que o C-141 caíra?

E o céu me guiou; tenho certeza.

Foi em uma das minuciosas inspeções que reparei em uma coisa que me chamou a atenção. Alguns corpos tinham restos de roupas. A maioria não. Pensei no fogo ou em um *blast* (síndrome de onda explosiva).¹⁴ Era como se “alguma coisa” houvesse arrancado as roupas, desnudando os corpos.

E a velha ideia voltou a minha mente.

Foi uma explosão que derrubou o C-141?

As multifraturas, desintegrações, esmagamentos e mutilações que eu via apontavam nessa direção.

Mas descartei a ideia. Eram só suposições.

O “detalhe” das roupas, contudo, me deixou alerta.

Continuei a inspeção e detectei outro assunto que me deixou confuso.

Contei de novo e comprovei que estava certo.

O número de vítimas subiu para 24, sem contar o cadáver do suposto Eliseu.

Por que, então, só havia 11 pernas e 12 pés? Onde estava o resto?

Eu mesmo me respondi: desintegrado.

Como era possível?

Em um impacto contra o chão, os corpos podem ficar seriamente mutilados, mas não desintegrados.

E pensei: “O lugar do acidente foi varrido pelos soldados minuciosamente. Era difícil que uma perna ou um pé houvessem ficado perdidos no bosque”.

Alguma coisa não estava certa.

Faltavam 39 pernas e 38 pés.

Aquilo não era normal.

Só recebi uma resposta: os passageiros foram desintegrados por um *blast* em pleno voo.

Isso significava a detonação de um artefato explosivo dentro do C-141, ou então...

Não, isso era uma barbaridade.

E esqueci a ideia que acabava de chegar a minha mente: um míssil.

Quanto ao féretro com o corpo do suposto Eliseu, nem rastro.

Fiquei mais uma hora no hangar.

O resultado foi negativo.

Como disse, não fui capaz de identificar Curtiss nem os outros.

Na porta, dois legistas comentavam:

– São as ordens.

Prestei atenção.

– Não há outro remédio a não ser “fazer *boiler*”.

Boiler, no jargão dos legistas da USAF, era “fazer um caldeirão de carniça” com os restos de uma catástrofe. Em outras palavras: encher os féretros de qualquer jeito. Não importava se misturassem os restos. Para alcançar o peso aproximado da vítima enchia-se o caixão com ferro, ou até com os restos do avião sinistrado. O féretro era lacrado e ninguém estava autorizado a abri-lo; muito menos os familiares.

Abandonei o local impressionado e com uma densa dúvida: “Quem eu enfrentava nessa ocasião?”.

Decidi visitar também os restos do C-141, o avião de carga da USAF que caíra na noite de 28 de agosto.

A polícia militar me escoltou até um segundo hangar, não muito longe do primeiro, igualmente em desuso, onde estavam armazenados os restos do quadrimotor a turbina.

A vigilância era superior à que eu havia visto no necrotério improvisado.

Um sargento da PM bateu continência ao me receber e se ofereceu a me acompanhar.

Parte da equipe de Hansen trabalhava com os restos.

Usavam macacões brancos e óculos especiais (provavelmente de visão infravermelha).

Iam e vinham examinando aquela ruína.

O que restava do aparelho estava espalhado pelo chão do recinto.

Os militares haviam colocado pequenos cartazes no meio dos ferros retorcidos e calcinados identificando as diversas partes do avião.

Alguns batiam fotografias.

Outros mediam, faziam anotações e aproximavam aparelhos dos restos. Pareciam contadores “geiger-müller”.

E me perguntei: “Por que estavam procurando radioatividade?”.

Um oficial da AFI se apresentou diante de mim e se pôs a minha disposição.

– O que deseja ver, major?

Eu não sabia o que responder.

Também não sabia que diabos estava procurando naquele hangar.

A louca ideia do míssil continuava navegando em minha mente. Não fui capaz de rejeitá-la.

E deixei que o Destino fizesse seu trabalho.

Adotei a postura da docilidade.

E, sem uma palavra, iniciei outra exaustiva análise, sempre sob os olhares atentos do oficial e do PM.

O C-141 estava destruído e consumido pelo fogo.

O impacto contra o solo havia sido mais violento do que supunha.

Pobre Curtiss! Pobre gente!

E, seguindo o costume, fiz uma primeira avaliação geral. Depois passei aos detalhes.

O trem de pouso, três motores e a cauda em forma de “T” estavam reconhecíveis. O resto – fuselagem e estabilizador vertical – era uma constelação de fragmentos negros e retorcidos, difíceis de identificar.

Caminhei um bom tempo sem rumo fixo e sem saber onde pousar o olhar. O que estava realmente buscando?

Estaria eu diante da consequência de uma lamentável série de erros humanos, como afirmava o tenente-coronel Hansen?

As versões de Ray, o sobrevivente, e de duas testemunhas do acidente (moradores de Hueva) não apontavam nessa direção.

E a incômoda ideia continuou instalada em minha cabeça: “Poderia ter sido um atentado? Um míssil? Por quê? Quem desejava a morte de Curtiss?”.

Ocorreu-me mais de um nome.

Nixon e Kissinger se destacavam na lista.

E havia o cadáver do suposto Eliseu. Um corpo igualmente incômodo, que exigia muitos esclarecimentos.

Sim, havia razões para o atentado, e muitas.

E “alguém” dirigiu meus passos, uma vez mais.

Quero acreditar que, em um primeiro momento, chamou minha atenção porque era a única coisa que meio que se sustentava no hangar.

Sim e não.

Os céus, como disse, estavam atentos.

Aproximei-me e a contornei lentamente.

A cauda do avião, ou empenagem, era idêntica à que eu havia visto em meu sonho.

Salvara-se em parte.

O estabilizador vertical tinha cinco metros de altura. Estava quase intacto. Os horizontais também permaneciam no lugar.¹⁵

Examinei a unidade auxiliar de energia.

Não parecia ter sofrido danos significativos.

O leme, porém, havia explodido.

O mesmo acontecia com os elevadores.

O oficial e o PM observavam meus movimentos com curiosidade.

Foi quando descobri aqueles buracos no meio da bandeira norte-americana estampada na parte superior do estabilizador vertical.

A cauda descansava sobre o estabilizador horizontal direito. Se fosse o contrário, a parte dos buracos teria ficado escondida.

Coisas do céu!

O caso é que chamou minha atenção.

Eu me inclinei sobre o referido estabilizador vertical e verifiquei que a bandeira, de fato, estava perfurada por seis orifícios de uma polegada de diâmetro cada um.

Os vigilantes conversavam entre si distraidamente, a uns cinco passos de distância. Não notaram minhas manobras.

Passei os dedos disfarçadamente sobre a bandeira e comprovei que os buracos se originavam de fora para dentro do aparelho.

Procurei medi-los.

Calculei três centímetros.

Eram idênticos.

Parecia um impacto múltiplo; como se a cauda houvesse sido metralhada.

Que estranho!

Revi intrigado o resto do estabilizador vertical e descobri outros orifícios muito similares.

Uma série – contei 12 buracos – se distribuía acima da mencionada bandeira.

Não tinham ordem aparente.

O diâmetro dos buracos era um pouco maior (por volta de cinco centímetros).

Os buracos também eram similares aos da bandeira (de fora para dentro).

Uma terceira onda de “impactos” (?) se via sobre o número do quadrimotor – 21072 –, pintado no meio da cauda.

Esses buracos eram menores que os anteriores. Somei 35.

Endireitei-me e contemplei o estabilizador vertical em seu conjunto.

O oficial e o PM continuavam falando, indiferentes a quem isto escreve.

Analisei igualmente os perfis dos orifícios situados sobre o “21072” e estimei que tinham a mesma origem dos anteriores. Dirigiam-se de fora para dentro.

Somei o número de buracos (53) e tentei refletir sobre o que tinha diante de mim.

Não sabia o que pensar.

Pareciam impactos de projéteis dirigidos a três partes da cauda. Mas por que de diâmetros diferentes?

O C-141 teria sido metralhado do ar? Talvez da terra?

Supus que os investigadores os haviam localizado. Contudo, não estavam sinalizados.

E pensei também: “Poderiam ser impactos naturais, consequência do choque com o solo ou com as árvores?”.

E nessas estava – conjecturando – quando ela surgiu.

Vestia a vaporosa túnica azul deliciosamente transparente.

Chegou na ponta dos pés.

Desviou do oficial e do PM e avançou para quem isto escreve.

Sorriu e sussurrou em meu ouvido:

– Volte à aldeia e procure.

Percebi um intenso e amabilíssimo aroma de jasmim.

Depois se afastou.

Que traseiro incrível!

Continuei no hangar o resto da tarde.

Analisei o C-141 minuciosamente.

O oficial e o PM acabaram esgotados e sentados em um canto.

Pude observar o aparelho à vontade, mas não encontrei nenhum outro impacto suspeito nem nada relevante para anotar.

E voltei à residência de pilotos convicto de que os 53 orifícios na cauda do avião era um assunto inquietante.

Eu sei. Ele me ensinou: “Nada é o que parece”.

Segui o conselho da bela intuição, claro.

Na terça-feira, 4 de setembro, passei o dia inteiro em Hueva com seus habitantes.

Os moradores se lembravam bem daquele velho de cabelos nevados tão curioso quanto tenaz, com um castelhano cerzido com alfinetes.

Conversei de novo com os mesmos e com mais alguns.

Percorri a aldeia de cima a baixo.

Passei pela rua atrás da igreja, pela Tropiezo, pela travessa do norte, pelo passeio de San Roque e pela rua Cuesta, entre outras.

Como disse, Hueva era uma aldeia de pouco mais de cem almas.

Ali era difícil guardar segredo.

E confiei nos céus.

Não sabia o que procurar, mas eles (os moradores e os céus) me ajudariam.

E assim foi.

Repassei os fatos daquela noite funesta desde o início e cada um ofereceu sua versão; a mesma que eu já havia ouvido.

Nada mudou substancialmente.

Ouviram barulho. Viram o avião voar baixo. Estava pegando fogo. Depois caiu. Depois resgataram Ray. Depois chegaram os soldados. Depois, nada.

À tarde, com o retorno à aldeia da maioria dos homens, a coisa se animou.

E, de repente, em uma das conversas, uma das mulheres mencionou algo que me deixou alerta.

Eu havia ouvido direito, mas ela repetiu a pedido de quem isto escreve.

Tratava-se de um pastor.

Testemunhara o impacto quando estava não muito longe da aldeia.

Ao que parecia, havia recolhido algo do chão e o guardara.

Não souberam me dizer se esse “algo” pertencia ao C-141.

Não souberam ou não quiseram.

Tentei localizar o pastor. Não foi possível.

“Ele anda pelos morros”, explicaram os moradores. “Vai voltar ao anoitecer.”

E esperei, naturalmente.

O pastor – cuja identidade não devo revelar por razões de segurança – era um rapaz jovem, de uns 30 anos, parco em palavras e desconfiado.

Aceitou contrariado minha presença.

Depois, ao ver alguns dólares aparecendo em minha carteira, foi ficando cada vez mais comunicativo.

Ficamos sozinhos e lhe ofereci cem dólares.

Fizeram milagre.

Ele respondeu a todas as minhas perguntas. Ou melhor, a quase todas.

Confirmou a versão da mulher. Naquela noite, ele estava perto do lugar onde o aparelho havia caído. Viu-o voar muito baixo. Vinha da área da represa de Entrepeñas. Sobrevoou a aldeia próxima, Valdeconcha, e caiu a uns 300 metros da estrada vicinal 200, a leste de Hueva.

O aparelho – segundo o pastor – voava com uma língua de fogo na cauda.

“Eram chamas azuis.”

Depois, caiu no solo e percorreu mais de 700 metros envolvido por uma bola de fogo.

Por último, o C-141 sofreu várias explosões.

Quando perguntei se ele vira outros aviões nos arredores, deu de ombros e desviou o tema e o olhar.

Pressenti que estava escondendo alguma coisa.

Serviu vinho e queijo e caiu em um significativo mutismo.

Compreendi.

Ofereci mais cem dólares e o indivíduo exclamou:

– Por esse preço não lembro absolutamente nada.

Maldita raposa!

Interessei-me pelo objeto que ele havia encontrado no local do sinistro e o pastor se apressou a negar novamente.

Ele não recolhera nada. Assim dissera aos militares que o interrogaram.

Peguei outra nota e repeti a pergunta:

– Roubou alguma coisa no local do acidente?

O pastor empalideceu.

Arrancou o dinheiro de minha mão e proclamou – por tudo que era sagrado – que ele não havia roubado nada. E acrescentou:

– Nem sequer o encontrei onde o avião caiu.

Ele caiu em sua própria armadilha. E não teve mais remédio a não ser explicar que foi em outro lugar que encontrou “aquilo”.

– Aquilo?

– As barras.

– Que barras?

Deu de ombros de novo.

Dessa vez foi sincero.

O pastor não sabia do que se tratava.

Pedi que me mostrasse as barras.

Ele sorriu, maroto, e fez o gesto internacional do dinheiro.

Eu me rendi.

Ofereci mais cem dólares e o sujeito desapareceu de minha presença.

Logo voltou com um pequeno pacote.

Colocou-o em cima da mesa e o desembulhou com grande mistério.

E à luz da humilde lâmpada ficaram expostas duas barras de cinco e oito centímetros de comprimento por uns oito milímetros de espessura. Eram brancas e brilhantes.

Perguntei se podia tocá-las.

Ele fez um gesto afirmativo e peguei uma delas.

Era metal. Ou melhor, uma liga.

Era pesada e parecia especialmente dura.

Julguei saber do que se tratava.

O pastor afirmou que as havia encontrado no bosque, a certa distância do ponto onde o avião caiu.

Insisti no assunto e ele se manteve convicto: não as encontrou entre os restos do C-141. Foi mais a leste.

E propus um acordo.

Eu compraria as barras por mais cem dólares, desde que aceitasse me levar ao local exato onde as encontrara.

Ele pensou por cinco segundos.

Pedi mil dólares apenas pela barra mais curta.

Pechinchamos como feirantes.

Finalmente chegamos a um acordo.

Fiquei com a barra pequena por 500 dólares.

Ele me fez jurar que não diria nada a ninguém.

E assim foi.

Na manhã seguinte, ao alvorecer, ele me guiaria até o local onde descobrira as barras.

Apertamos as mãos e fechamos o acordo.

Poderia confiar nele?

Não muito, mas não tinha alternativa.

Já avançada a noite, voltei ao carro alugado. Ali dentro examinei a barra de metal e tentei amarrar as informações.

Malditos bastardos!

E a velha ideia prosperou: o C-141 havia sido derrubado.

¹ Virchow (1893) realizou uma síntese dos métodos forenses aplicados até aquele momento. A saber: Morgagni (procedimento clássico, 1761); Rokitsky (foi o primeiro a realizar uma dissecação *in situ* das vísceras); Gohn (aperfeiçoou o método de Rokitsky formando blocos com os órgãos cadavéricos) e Letulle (fazia uma grande incisão oval na face interna do tórax e do abdome, procedendo depois à extração maciça das vísceras). Virchow se baseou também nos estudos do professor Thoinot e obteve um método que foi aceito na maior parte dos países. Seus estilos de corte são a base da maior parte dos regulamentos de autópsias. Virchow defendia o reconhecimento completo, respeitando as conexões interorgânicas. (N. do M.)

² Ampla informação sobre a gastroenterite sofrida por Eliseu em *Cavalo de Troia 7 – Nahum*. (N. de J. J. Benítez.)

³ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ A espuma em questão se forma pela mistura de muco e água nos movimentos respiratórios convulsivos agônicos. A água desce até os brônquios principais e expulsa o ar residual. Isso provoca hiperdistensão dos pulmões (enfisema hidroaéreo). (N. do M.)

⁵ A pressão sobre a superfície externa havia deixado a típica marca, a “fóvea”. Também apareceram as manchas de Paltauf (grandes hemorragias petequiais). A palpação – segundo o informe – dava a sensação de crepitação. Ao cortar os pulmões surgiu líquido espumoso abundante. (N. do M.)

⁶ Quando a morte por submersão ocorre em água salgada, seguem-se à aspiração outras alterações graves da química sanguínea e do balanço líquido. Uma delas é a concentração osmótica do sangue no leito capilar do pulmão, aumentando o conteúdo de sal. No caso de submersão em água doce, a água atinge o sangue pela barreira alvéolo-capilar, provocando hipervolemia e hemólise, com elevação dos níveis plasmáticos de potássio e queda dos de sódio. O miocárdio sofre uma agressão anóxica e o resultado é uma fibrilação ventricular. Em água salgada não se registra fibrilação nem hemólise. (N. do M.)

⁷ A “adipocera” ocorre como consequência de uma hidrogenação do ácido mais insaturado: ácido oleico em ácidos mais altos; ou seja, transformando-se o ácido oleico em esteárico opaco. Em outras palavras: $C_{17}H_{33}.COOH + H_2 = C_{17}H^{35}.COOH$. (N. do M.)

⁸ Quando a quantidade de água encontrada no estômago é superior a 500 ml, os legistas dão por certo que a pessoa morreu afogada (submersão intravital). Após a morte não é possível que o estômago receba tanta água. Também se observou rasgamento da mucosa da cárdia (consequência dos vômitos violentos produzidos pela ingestão abundante de água nos instantes finais). Foi detectada água no duodeno. (N. do M.)

⁹ As diatomáceas são algas microscópicas, muito resistentes, conhecidas também como *Bacillariophyceae*. A maioria é unicelular, mas ocorrem também em colônias, em forma de fitas, estrelas etc. Sua carapaça é de sílex e dispõem de um plasma claro, com grandes vacúolos e pirenóides. Habita a água e a terra. Os restos se acumulam nos fundos marinhos formando a chamada “terra de diatomáceas” (Kieselguhr), muito utilizada industrialmente. Atualmente são conhecidas cerca de 25 mil espécies, mas os cientistas suspeitam que a quantidade poderia chegar a 100 mil. (N. do M.)

¹⁰ O Egito rompeu relações com a Jordânia em 1972, como consequência do plano do rei Hussein de estabelecer um reino árabe unido que abarcasse a margem oriental do rio Jordão e também a ocidental, ocupada pelos judeus. A Síria, por sua vez, havia rompido relações com Amã em 1971 como protesto pela atitude jordaniana contra os comandos palestinos. (N. do M.)

¹¹ USAF Aircraft Accident Investigation. (N. do M.)

¹² Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

¹³ Isaías (29,8) diz: “Será também como o faminto que sonha que está a comer, mas, acordando, sente-se vazio; ou como o sedento que sonha que está a beber, mas, acordando, desfalecido se acha, e ainda com sede. Assim será a multidão de todas as nações que pelejarem contra o monte Sião”. (N. do M.)

¹⁴ O *blast* (literalmente “deslocamento de ar ou explosão”) conduz ao desnudamento dos corpos como consequência da pressão e depressão dos gases em uma detonação. A expansão do gás situado sob as roupas acaba provocando o arraste delas e a mutilação do corpo (“aspiração”). Dependendo da pressão atmosférica no local da explosão, assim se registra a disseminação molecular dos gases, podendo atingir velocidades da ordem de 1.500 metros por segundo. Como é sabido, o efeito da pressão positiva tem relação inversa com o quadrado da distância da explosão. Se o corpo estiver próximo ao local da detonação, será gravemente despedaçado. Se estiver muito próximo, o resultado será a desintegração. (N. do M.)

¹⁵ A empenagem, ou “conjunto de cauda”, forma a parte de trás do avião. Basicamente dispõe de duas grandes

superfícies: o estabilizador vertical e os estabilizadores horizontais. O leme se encontra unido ao estabilizador vertical e mantém o avião no rumo desejado. Por sua vez, os elevadores ficam igualmente ligados ao estabilizador horizontal. Na ponta do avião, debaixo da cauda, encontra-se a chamada unidade auxiliar de energia: um pequeno reator que bombeia ar e que permite a ignição dos motores, entre outras funções. (N. do M.)

Passei a noite no veículo.

A tensão e o regateio com o pastor me venceram.

Acordei sobressaltado às cinco da madrugada.

As suspeitas eram insuportáveis.

Fomos nós que derrubamos o aparelho em que viajavam o general e a equipe de diretores? Fomos capazes de uma atrocidade dessas?

Já fizemos coisas piores...

E a maldita barra – possivelmente de titânio – revirou meu estômago.

Eu tinha que ter certeza.

Era bom visitar o lugar onde o pastor havia dito que as encontrara, inspecioná-lo a fundo e, posteriormente, analisar o metal.

Eu sabia onde e como fazer isso.

E pouco antes do amanhecer atravessei a aldeia e me sentei em frente à porta da casa do pastor.

A aldeia dormia encolhida em preto e branco.

E esperei.

É curioso: minha vida é uma permanente espera.

O alvorecer surgiu entre as colinas, viu-me e ficou violeta; minha cor favorita.

Ainda bem que alguém me tinha consideração.

O pastor não tardou a dar sinal de vida. Primeiro se acendeu uma luz na casa. Depois vi sombras. Por último, a porta se abriu e apareceu o “negociante em dólares”.

Surpreendeu-se ao me ver, mas não disse nada; nem bom-dia.

E fez um gesto para que o seguisse.

A aldeia, como disse, estava no último sono. Não tardaria a abrir olhos e janelas.

Abandonamos a aldeia rápida e sigilosamente. Logo paramos em um aprisco de pedra.

O jovem abriu a portinhola e deixou sair umas 20 ovelhas brancas e lanudas.

Uma delas assumiu o comando e puxou as irmãs.

O pastor grunhiu algo e foi atrás das ovelhas.

Nisso, vi um cão alto e bagunceiro aparecer com o corpo pintado a pinceladas brancas e negras.

Fez-me recordar outro, o “braco del Mediodia”, mas não tenho certeza.

Tinha olhos de âmbar e o rabo cortado.

Ele me cheirou, curioso, dando-me sua aprovação.

Depois, deu um pulo e saiu a um galope curto atrás do dono.

O bagunceiro chegou ao pastor e começou a fazer festa, mas o dono respondeu com um coice.

O pobre animal chorou um pouco e ficou para trás.

E assim, sem trocar uma palavra, subimos e descemos todo tipo de colinas. A marcha se prolongou por quase duas horas.

O bagunceiro era o único preocupado com quem isto escreve. Parava e me esperava. Fez-me lembrar de Zal, o cão do Mestre. Ele também tinha um olhar acariciante.

Marchamos sempre para o leste. As ovelhas conheciam o caminho. Não pararam em nenhum momento.

O cão se desviava às vezes e se perdia entre as azinheiras e as oliveiras. Eu o via retesar o corpo em postura de caça; era um caçador nato. Supus que estávamos em terra de coelhos e lebres.

Procurei tomar referências, mas os horizontes apareciam e desapareciam em cada morro. Resignei-me.

Em um dado momento, o pastor contornou uma aldeia pelo sul e seguiu para nordeste.

Depois, de volta à base, eu soube: era a aldeia de Valdeconcha, relativamente próxima a Hueva. Uma estrada vicinal (a 2007) a visitava diariamente.

Fiz alguns cálculos mentais.

Estávamos longe do lugar do acidente do C-141; estimei que a uns três quilômetros.

Uma hora depois – às dez – paramos em um barranco de profundidade mediana, com o leito semeado de pedras vermelhas e as encostas arborizadas.

Fim da viagem.

O pastor soltou outro grunhido e as ovelhas pararam.

E começaram a ficar no lugar em busca de talos frescos.

O pastor se dirigiu a mim e apontou para uma árvore próxima.

– Foi ali.

Fui até o lugar indicado, mas não vi nada especial.

Tratava-se de uma morácea de tronco grosso e grande copa, com as folhas em forma de coração.

E me perguntei: “O que fazia aquela morácea solitária e perdida no meio de uma tribo de azinheiras?”.

Não me dei conta nesse momento. O céu fala assim, com sinais.

Folhas em forma de coração!

– Aí as encontrei – insistiu o pastor indicando a base da morácea.

Não esperou resposta.

Retirou-se para a sombra de uma das azinheiras e foi tomar seu café da manhã.

Eu me esforcei para descobrir onde estávamos.

Consegui mais ou menos.

Eu não dispunha de mapas nem de uma bússola.

Tive que me valer do sol e dos desenhos distantes das aldeias de Valdeconcha e de Hueva, bem como das estradas que se abriam nos bosques. Uma, como disse, era a que unia Pastrana a Valdeconcha e outra aldeia chamada Alhóndiga, mais ao norte. Em paralelo, para o oeste, corria outra estrada vicinal (CM-200), que desembocava em Fontelencina.

Essas foram minhas referências.

Uma vez na base, comprovei que as barras do possível titânio foram encontradas a 4,5 quilômetros (em linha reta) do ponto de impacto do C-141.

E a ideia da derrubada do aparelho continuou me conquistando.

Mas eu precisava de mais informação.

Dei-me uma folga e brinquei um pouco com o bagunceiro.

Ele tinha orelhas finas e compridas e bem enroladas por atrás da linha do olho.

As pulgas o devoravam.

Depois, tentei a sorte. Tomei a morácea como referência e comecei a inspecionar a área, traçando círculos em volta da árvore.

E assim se passaram 15 ou 20 minutos.

Não percebi nada de anormal.

Talvez estivesse equivocado.

O pastor havia acendido um cigarro e me contemplava, ambicioso. Senti fome, mas me contive.

E prossegui a busca... De quê?

Então, aconteceu algo providencial.

O cão, como bom caçador, estava fuçando entre as árvores.

E, subitamente, ficou imóvel, apontando o focinho rosa para uma grande rocha. Seu corpo era uma flecha. A pata esquerda estava dobrada. A postura era perfeita. O bagunceiro (nunca soube seu nome) havia detectado uma presa e a apontava.

Três segundos depois vi correr um coelho. E o cão correu atrás dele.

O pastor não se mexeu.

Sabia que o das pulgas pegaria o coelho.

E senti aquele olhar sobre mim.

Não gostei.

Pensei na carteira. Ainda tinha 600 dólares.

Pretendia me roubar?

Espantei a ideia. Só uma coisa importava.

Não sei por que, mas acabei me aproximando da rocha.

Então, eu o vi.

Fiquei perplexo.

Agachei-me e dirigi um olhar ao lugar onde o pastor continuava sentado. A rocha me ocultava, em parte.

E dediquei toda a minha atenção ao inesperado “achado”.

Ao notar sua natureza, senti um calafrio.

Santo Deus!

Podia chegar a 60 centímetros.

Olhei e olhei de novo.

Não havia dúvida.

Era um pedaço da fuselagem de um avião. Pertencia à parte de uma janela. Parte do material plástico estava embutido no metal.

Medi a distância da morácea.

Cinco metros.

E as ideias começaram a me atropelar.

Meu Deus!

Movi a peça com delicadeza e, ao girá-la, descobri algo que gelou meu sangue.

No plástico que dava forma à janela, do lado interno, apreciava-se uma massa viscosa.

Era carne humana!

Identifiquei um pedaço de osso – talvez o parietal – materialmente soldado ao plástico.

Santo Deus!
Era parte de um crânio!
Do osso pendia uma longa mecha de cabelo.
Passei os dedos sobre a estrutura metálica e verifiquei que havia outros restos humanos, igualmente projetados contra a fuselagem. Estavam desintegrados.
Tudo se encaixava.
Senti meus joelhos tremerem.
Levantei-me e tentei me controlar.
Não foi fácil. Meu coração intuía o acontecido naquele lugar na noite de 28 de agosto de 1973.
Não foi um acidente, a propósito.

Malditos! Malditos bastardos!
Não tive tempo de nada.
O bagunceiro voltou para seu dono com o coelho entre os dentes.
O pastor, em pé, pegou a presa e a guardou.
Vi-o caminhar para mim.
Contornei a rocha e me coloquei do outro lado do “achado”.
Não queria que o visse.
E, de repente, o cão saiu correndo.
Ultrapassou o pastor e se dirigiu à morácea.
Ali começou a latir de forma furiosa.
Pulava. Colocava as patas sobre o tronco e dirigia o olhar para a copa da árvore.
Havia detectado alguma coisa no meio da ramagem.
– Eu me despeço aqui – anunciou o jovem ao chegar a mim. – Sabe voltar?
Eu disse que sim com a cabeça, mas era só uma suposição.
O cão estava fora de si. Latia desafiador.
O pastor também dirigiu um olhar ao alto da morácea, mas não fez comentário algum.
Deu meia-volta e se afastou.
Mas, quando havia dado apenas quatro passos, voltou.
Olhou-me e sorriu malévolamente.
Pôs a mão na bolsa e tirou uma coisa de dentro.
Mostrou-me e exclamou:
– É sua por 500 dólares.
Na palma da mão brilhava a segunda barra de metal.
Fiquei desconcertado.
Aquele sujeito não tinha jeito.
Tentei pensar rapidamente. O possível titânio era uma prova. Melhor que estivesse comigo que com ele.
Aceitei sem pechinchar.
Paguei o dinheiro e o indivíduo me entregou a barra.
A seguir, tocou as ovelhas e se perdeu pelo barranco em direção norte.
O bagunceiro, histérico, continuava latindo, brincando e escavando a terra.

O que estava acontecendo com o nobre animal?

Tornei a observar a copa da árvore com a vista, mas continuei não vendo nada de anormal.

Ouvi um assobio e o cão reagiu imediatamente.

Esqueceu árvore e mistério e correu atrás do pastor.

Foi a última vez que vi o bagunceiro.

Eu lhe devo muito.

Fui até a morácea e inspecionei os galhos com atenção.

Negativo.

Talvez ele houvesse detectado a presença de um animal.

Uma serpente?

Não fazia sentido eu me preocupar com esse assunto.

O objetivo da viagem estava satisfeito, ou quase.

Foi o que considerei.

E quando já ia voltar para Hueva (modo de dizer), apareceu ela...

Caramba, mil vezes caramba!

O que ela estava fazendo tão longe da civilização?

Caminhava com desenvoltura entre as pedras.

Desceu sem pressa pela encosta e chegou até quem isto escreve.

A densa mata de cabelos negros flutuava sensual. Ela a deixava solta com toda a intenção.

Sorriu para mim.

Apontou a morácea e aconselhou com voz doce:

– Suba.

Então, prosseguiu seu caminho para lugar nenhum.

Andava descalça, na ponta dos pés.

Meu Deus! Eu estava perdendo o juízo?

O que faria? Seguiria o conselho da bela intuição?

Consultei o relógio.

Tinha tempo de sobra, aceitando que soubesse encontrar o caminho de volta.

Observei de novo a copa da árvore.

Uma brisa muito jovem começou a se infiltrar entre as folhas.

Por que eu tinha que subir? Que diabos se escondia entre os galhos?

Só havia uma forma de descobrir.

Subiria, sim.

Certifiquei-me de que o pastor e seu rebanho estavam longe. Depois, pulei e me agarrei aos primeiros galhos.

A morácea tinha lá seus anos. Era maravilhosa.

A copa surgiu diante de mim fechada e enorme. Calculei quatro metros de envergadura.

Os galhos fugiam para o céu e, no caminho, buscavam-se e se enredavam uns nos outros em curvas impossíveis. Pareciam serpentes no cio.

Era um prodigioso trabalho da natureza. *A bellinte.*

Olhei, mas não vi nada além daquela beleza.

Com santíssima paciência, a ramagem havia se transformado em uma fogueira de

madeira. Os galhos dançavam como línguas de fogo.

Pensei em descer.

Já não tinha idade nem humor para aventuras como essa.

E a brisa, esperta, me fez mudar de opinião.

Agitou as folhas em forma de coração e alguma coisa piscou para mim lá do alto.

Julguei ver...

Não era possível.

Subi um pouco mais e quase estive ao alcance de minha mão.

Meu Deus!

Acabei me colocando a sua altura e, ao reconhecê-lo, estremeci como as folhas da morácea.

A frondosidade da árvore o tornava praticamente invisível.

Toquei-o desconfiado.

Era o que eu pensava, de fato.

Em uma das forquilhas da labiríntica ramagem – cravada na madeira – havia outra peça do avião.

Santo Deus!

Tinha quase dois metros de comprimento.

Era parte do leme do C-141.

Recordei que, na visita ao hangar, a cauda estava sem ele.

Eu me movi como pude a sua volta e confirmei as primeiras suspeitas: estava muito deteriorado, mas conservava uma das três ferragens que o haviam articulado ao estabilizador vertical.

Observei também a forquilha e um dos galhos.

Não havia dúvida.

E, nisso, descobri um total de cinco orifícios, em desordem, similares aos 53 que havia detectado na cauda em forma de “T”.

Estavam nas proximidades da borda de saída e em idêntica posição: de fora para dentro.

Miseráveis!

Ali permaneci mais de uma hora fazendo anotações mentais sobre o que estava vendo.

Seria por acaso que as barras de metal, o pedaço de fuselagem do quadrimotor e parte do leme do C-141 teriam aparecido em um setor de dez metros de diâmetro e a quase cinco quilômetros do lugar onde o avião caíra?

Não, não era casual.

O aparelho havia sido derrubado.

Mas as surpresas não terminaram aí.

Pouco antes do meio-dia, terminada a inspeção, decidi descer.

E disse a mim mesmo: “Agora começa o desafio. Vou saber encontrar o caminho de volta à aldeia?”.

O Destino, suponho, sorriu, se divertindo.

A questão é que, em uma das manobras de descida, minha mão esquerda buscou apoio na reunião de vários galhos.

Senti algo estranho.
Eu havia tocado uma superfície macia e úmida.
Dirigi um fugaz olhar para “aquilo” e levei um susto enorme.
Reagi mal e acabei perdendo o equilíbrio.
Que homem mais imbecil!
Então, eu me precipitei para o chão.
Os galhos foram me amparando e amorteceram a queda.
Acabei com os ossos no chão.
A pancada foi espetacular.
Mas os céus me protegeram.
Levantei-me à mesma velocidade com que caí.
Apalpei minha roupa.
Só tinha pancadas e arranhões.
O orgulho – esse sim – estava ferido.
Olhei a minha volta como um perfeito estúpido.
Não havia ninguém. Ou melhor, havia o silêncio, e me observava estupefato.
Caramba!
E rebobinei a memória.
O que havia acontecido? O que foi que tocara na árvore?
Não acreditava no que havia visto nem em minha estupidez.
Pensei em subir de novo e confirmar a “visão”, mas não me senti com ânimo.
Não foi necessário.
A “visão” estava ao pé da árvore.
Havia caído comigo.
Estava de ponta cabeça.
Aproximei-me desconcertado.
Era o que achava que era!
Virei-o e retrocedi, desanimado.
Uma legião de formigas vermelhas o devorava.
Inspecionei-o a distância e cheguei à “brilhante conclusão” de que tinha muito a ver com a derrubada do C-141.
Era o pé direito de um adulto. Para dizer a verdade, o que restava dele.
Faltava a parte do calcanhar.
Através da carne e das implacáveis formigas distinguiram-se os ossos cuboídes e escafoídes.
O dedo polegar estava amputado à altura da primeira falange.
Não era preciso ser muito esperto para deduzir que pertencia a um dos passageiros do avião de carga caído nos bosques de Hueva.
Eu me sentei em uma pedra, desanimado.
Já não havia dúvida.
O C-141 havia sido atacado e, posteriormente, caíra.
E compreendi a excitação do cão.
Acabei buscando uma fenda no solo e depusitei o pé, sepultando-o sob um monte de pedras.

Depois, tomei o caminho de volta a Hueva.

Já havia visto mais que suficiente.

O desânimo era tanto que me limitei a caminhar, caminhar, sem pensar. Isso me salvou.

Não podia acreditar. Alguém derrubara o aparelho.

O sol teve piedade de quem isto escreve e me levou pela mão até a aldeia.

Naquela tarde, na base, alguém me preveniu: Hansen e os seus voltariam aos Estados Unidos no dia seguinte, quinta-feira. O trabalho de investigação estava concluído.

Eu iria com eles.

Arranjei mapas da área e me tranquei no quarto.

Precisava refletir e sintetizar o que havia vivido naqueles bosques.

Conhecia a resposta de antemão, mas quis ser objetivo.

Desenhei. Fiz cálculos. Consulte os mapas. Calculei de novo. Desenhei outra vez.

Afirmativo. O resultado foi o mesmo.

Eu me senti novamente desolado.

O C-141 fora derrubado, e por nós, os próprios norte-americanos!

Eu havia intuído aquilo ao longo das investigações. Agora estava claro.

Em resumo, isto foi o descoberto:

1. As barras metálicas, presumivelmente de titânio,¹ podiam fazer parte da carga explosiva alojada na cabeça de guerra de um míssil ar-ar.² Como piloto, infelizmente, eu sabia muito a esse respeito.

No momento do impacto, as barras de titânio se projetam em anel, partindo-se e agindo como metralha. O titânio (especialmente projetado para isso) destrói tudo que encontra em seu caminho, em um efeito guilhotina. No caso do C-141, parte da cauda ficou destruída, cortando cabos, sistemas hidráulicos e afetando, possivelmente, as turbinas. Isso explicava os vários orifícios misteriosos que encontrei na referida cauda, bem como a falta de roupa em muitos corpos e a desintegração de outros.

Por razões não difíceis de imaginar, parte da metralha caiu ao pé da morácea. E o mesmo aconteceu com o leme e com o pé humano. Ambos ficaram presos na ramagem. O pedaço de fuselagem, com parte do crânio, foi lançado um pouco além da árvore.

2. Que tipo de míssil ar-ar contém barras de titânio?

Segundo minhas notícias, o AIM-9 Sidewinder; um projétil guiado por calor,³ com uma carga explosiva de 9,4 quilos.

O maldito círculo continuava se fechando inexoravelmente.

3. E me fiz uma pergunta lógica: que aviões militares dispõem desse tipo de armamento?

A resposta foi dramática: aparelhos norte-americanos ou caças aliados.

Em outras palavras: o F-4 Phantom II.

“Casualmente”, esse tipo de interceptor e caça-bombardeiro era encontrado destacado nas bases aéreas de Torrejón e Zaragoza, ao nordeste de Madri.⁴

Tive que parar mais de uma vez.

Aquilo era desolador.

4. O lugar do impacto no solo não tinha relação com o barranco onde foram encontradas as barras de titânio e os restos humanos e do C-141. A dedução foi simples: o aparelho foi atingido por um míssil e acabou se estatelando a quatro quilômetros, nas proximidades de Hueva. Isso explicava a versão de Ray, o navegador, e a dos moradores, “que viram o avião

envolvido em chamas antes de cair no bosque”.

5. Os dados indicavam que o disparo havia sido feito por trás (possivelmente às “seis” da posição dos pilotos do quadrimotor) e de um nível superior. Por isso o F-4 não foi captado pelo radar do C-141. O míssil acertou a parte posterior do aparelho.

6. As palavras ouvidas no rádio pelo pessoal da cabine do C-141 foram igualmente importantes. “Raposa dois” é a expressão utilizada pelos pilotos quando lançam um míssil Sidewinder.

7. A meteorologia não interveio no acontecimento. As condições naquele momento (quase 11 da noite) eram as seguintes: não houve precipitações, a velocidade média do vento era de 4,6 quilômetros por hora (muito pouco) e a visibilidade, dez quilômetros (de sobra).

8. Dado que o alcance de um Phantom em combate é de 640 quilômetros, e 3.700 em missão de traslado, deduzi que o caça que havia disparado o míssil procedia de Torrejón. Da base de Zaragoza a Hueva são 300 quilômetros em linha reta. O piloto de caça – segundo o navegador – tinha sotaque texano.

Como dizia meu avô, o caçador de patos, “Elementar, meu caro”.

Enfim, 24 assassinatos.

O voo de Atenas a Torrejón havia se desenrolado com normalidade. De repente, quando faltavam cinco minutos para a aterrissagem, o C-141 estremeceu. Ouviram-se gritos. Surgiu fogo. Os alarmes na cabine dispararam e o aparelho perdeu altura, precipitando-se ao solo.

Lamentei não ter tido tempo de interrogar os controladores aéreos militares de Torrejón, mas supus que seus lábios estariam selados.

E recordei as palavras do tenente-coronel Hansen. Por que havia falado de uma série de lamentáveis erros dos pilotos?

Aquele assunto, francamente, cheirava mal.

E acabei formulando a pergunta-chave: a quem interessava a morte de Curtiss?

Tentei ser frio.

O Cavalo de Troia, aparentemente, havia fracassado.

Curtiss era o responsável e, além do mais, negara-se com todas as suas forças a dar sinal verde à “Raio negro”.

Kissinger o odiava. O Pentágono o invejava e o detestava em partes iguais.

E havia o outro assunto não menos delicado: as fitas cassete que comprometiam a carreira de Nixon, o trapaceiro. Curtiss tinha uma cópia, e a guarda de ferro do presidente (Erlichman, Dean, Colson e Magruder, entre outros) sabia, com toda a certeza.

Era mais que provável que houvessem ido contra o general.

E voltaram a minha mente, uma vez mais, os temores da generala. Aliás, como estaria ela?

Também não podia esquecer o desagradável tema do suposto cadáver de Eliseu. Ao derrubar o C-141, não só acabaram com a vida de Curtiss como também, de lambuja, destruíram a “isca” que havia levado o general ao ponto desejado.

Diabólicos, sim.

E me perguntei: “E os diretores do projeto? Por que tinham que ser aniquilados? Aquela operação fazia parte de um plano mais obscuro? Tratava-se somente de ‘danos colaterais’?”.

Senti falta da bela intuição.

Meu Deus! Já haviam morrido seis colegas.

Quem seria o seguinte?

Restavam cinco diretores vivos e quem isto escreve; ou melhor, cinco diretores, Eliseu e eu.

Estremeci.

Quem eu estava enfrentando?

E me lembrei dos envelopes anônimos recebidos no pavilhão dos oficiais, na casa de campo de Curtiss e no “vespeiro”.

Chamavam-me de “traidor”.

Eu teria gostado de descobrir o mistério, mas não pude. Não tinha ideia de quem estava manipulando os fios.

O que era evidente é que tinha poder.

E nesse instante percebi a presença da bela.

Ela se aproximou e disse: “Perigo...”.

Eu sabia. Eu podia ser o seguinte, a menos que fosse fiel aos conselhos do general: “Aconteça o que acontecer, e veja o que vir, não renuncie à ‘Raio negro’”.

Entendi com clareza.

Minha vida dependia de minha astúcia.

Assumi um firme propósito: seguiria em frente.

Continuaria a investigação.

E em silêncio.

Primeiro trabalharia com as barras de metal. Eu as colocaria nas mãos de um laboratório especializado e descobriria a natureza delas. Depois – se fosse titânio – puxaria o fio da meada. Com um pouco de sorte, e contatos, as características da liga me levariam ao míssil específico, e este, por sua vez, ao F-4 que o disparou.

Depois...

Nisso, bateram na porta.

“Ora”, pensei, “a bela!”

E me apressei a abrir a imaginação.

Mas não.

A porta real foi batida pela segunda vez.

Eu estava enganado.

Não era a intuição com suas gazes azuis. Era o tenente-coronel Hansen de uniforme. Azar meu!

Trazia uma pasta debaixo do braço.

O homem teve a gentileza de anunciar que o avião de volta para casa decolaria no dia seguinte às 7 horas.

O destino não seria Edwards, e sim a base Bolling, nas proximidades de Washington D. C.

Estranhei a mudança, mas não perguntei. Meus pensamentos estavam em outro planeta. Nós, militares, além de tudo, somos treinados para perguntar para dentro.

Isso foi tudo, ou quase tudo.

Hansen se despediu com um sorriso e me entregou a pasta azul.

– Dê uma olhada – comentou em voz baixa. – É confidencial, mas ele também era seu general. Você tem direito de saber o que aconteceu com o C-141. Amanhã me devolva.

A pasta continha um esboço do que deveria ser o informe oficial dos investigadores sobre o sinistro do quadrimotor no qual viajavam Curtiss e o resto.

O informe, brevíssimo (21 linhas), era acompanhado por uma notável coleção de fotografias coloridas dos restos humanos e do C-141.

Li-o com atenção e com uma crescente indignação.

Começava com os dados técnicos do aparelho⁵ e prosseguia, como disse, com um conteúdo tão parco quanto duvidoso.

“O acidente”, dizia o relatório, “era consequência dos erros dos pilotos e dos controladores de Torrejón.”⁶

Assunto concluído.

Tornei a ler, incrédulo.

Mas havia lido perfeitamente.

O relatório preliminar – com todos os meus respeitos a Hansen e aos investigadores – me pareceu um insulto ao profissionalismo dos aviadores e dos controladores militares.

Não era justo.

Evidentemente, não havia uma palavra (nem uma única fotografia) sobre os 53 orifícios existentes na cauda do C-141.

Revisei os mapas da área e comprovei que a montanha citada no informe (929 metros) não existia. A única elevação próxima a essa altitude (928 metros) era o Carabo – já mencionado –, que se ergue a mais de seis quilômetros do lugar do sinistro (!).

Como sempre, o mais simples é culpar os mortos.

Nessa noite dormi pouco e mal.

Alguém estava jogando pás de terra sobre a verdade.

Eu não permitiria. Continuaría investigando e, no momento certo, anunciaria o resultado.

Pobre ingênuo!

Pensei também na cópia dos diários.

Havia ficado em poder de Curtiss.

O que eu podia fazer para tê-la de volta? Tinha que traçar um plano e pegá-la.

Mas tinha que ser exageradamente cauteloso. Sentia o bafo do lobo na nuca.

Meia hora antes do amanhecer cheguei à pista.

A visão do KC-130F que nos levaria a meu país provocou em quem isto escreve um formigamento familiar.

Alguma coisa estava prestes a acontecer.

Em um primeiro momento não notei sua presença.

A equipe da UAAI e o resto dos investigadores de Hansen iam e vinham, ocupados no traslado do material e de sua respectiva bagagem.

Depois, o amanhecer nos visitou e começou a tingir os rostos e as coisas.

O dia chegou atrás, quase de mãos dadas com o alvorecer.

Consultei a meteorologia. Anunciava tempo calmo, com uma pressão atmosférica de 1.017,2 milibares.

Sentia falta do “berço”.

Um vento tímido, em rajadas de 9,3 quilômetros por hora, também foi se despedir. E despertou todos nós.

Foi quando o notei.

Em frente à cauda do KC-130F, descobri um pequeno trator. Arrastava um rebocador verde. Nele descansava um solitário caixão enrolado de forma descuidada em uma bandeira norte-americana.

Ninguém prestava atenção naquilo.

Caminhei para o reboque e fiquei junto ao fêretro, intrigado.

Quem era? Ninguém havia comentado nada comigo.

Por que só um dos corpos? O que aconteceria com os outros? Ou não se tratava de um dos passageiros do C-141?

O alvorecer havia visto tudo e se afastou definitivamente.

Então, sobre os morros distantes apareceu ele, redondo, com um amarelo recentíssimo. E o sol começou a cintilar sobre os Phantom que dormiam nas pistas.

Mas alguém me tirou de minhas observações.

Senti uma mão no ombro esquerdo.

Era Hansen.

Devolvi-lhe a pasta azul e aproveitei para perguntar sobre a identidade do morto.

Ele sorriu com brevidade e apontou para a pasta, evitando a pergunta com outra questão:

– O que acha?

Eu não estava disposto a mostrar minhas cartas, e disfarcei:

– Parece um informe muito parco. Parco demais.

– São as ordens.

– As ordens?

O tenente-coronel compreendeu que havia se excedido e fugiu respondendo à minha pergunta anterior sobre o fêretro.

– É seu general.

Retificou:

– Ou melhor, o que dizem que resta dele.

Apontei o caixão e formulei uma questão desnecessária:

– Curtiss?

Ele assentiu e acrescentou:

– Vamos levá-lo para casa.

– Já o identificaram?

– Isso não importa, está morto.

Eu sabia que naquele caixão não estava o corpo do general. Ninguém conseguiu identificar ninguém. O interior podia conter ferro e os restos mortais de outros.

Os legistas “fizeram *boiler*” e pronto.

Não houve comentários. Para quê?

E Hansen, notando a surpresa em meu rosto, tentou me aliviar:

– Os outros irão chegando aos poucos.

– Os outros?

– Sim, os outros 23 corpos.

Sorriu de novo maliciosamente e exclamou:

– Os chefões não querem que o povo sofra vendo tanto caixão.

– Não entendi.

Ele esclareceu:

– O Vietnã ainda dói.

– Quando serão repatriados?

Ele deu de ombros e concluiu:

– Isso depende do senhor Kissinger.

Deduzi que o novo secretário de Estado estava pensando principal-mente na catástrofe chamada “Watergate”.

– Quais são os planos em relação a ele?

E indiquei o féretro.

– No sábado será o enterro, em Arlington. O alto escalão estará presente.

Malditos bastardos!

Hansen se retirou e deu atenção a seus homens.

Eu continuei em frente ao caixão.

Meus sentimentos andavam confusos e contraditórios.

Curtiss não havia sido um homem de minha devoção. E eu o tachara de traidor. Tentar clonar o Mestre me parecera uma aberração.

Agora, contudo, vendo o féretro, sentia uma imensa piedade.

Ninguém merecia uma morte tão cruel.

Enfim, o general havia cumprido seu “contrato”.

O Galileu disse muitas vezes: “Não julgue, mesmo que acredite que você tem razão”.

Sim, ninguém é superior a ninguém.

Curtiss, no fim, havia dado sinais de humanidade.

Ele me fez alguns favores, e notáveis.

Agora, o general conhecia a verdade (ou parte dela).

Eu lhe desejei boa sorte e me retirei.

Logo a PM carregou o féretro e se dirigiu lentamente para o departamento de carga do KC-130F.

Não houve música nem honras.

Coloquei-me em posição de sentido e bati continência.

Senti um nó na garganta.

E nisso, quando os seis policiais militares caminhavam com o féretro para a rampa de acesso ao porão do aparelho, uma rajada de vento, cúmplice do Destino, arrancou a bandeira que mal cobria o caixão e a levou para longe. E ela se perdeu entre os Phantom que espiavam o cortejo no falso horizonte das pistas.

Eu aplaudi a simbologia.

Os céus, como disse, falam esse idioma.

Mensagem recebida.

Ninguém se preocupou com a bandeira.

E o KC-130F acabou engolindo o caixão do suposto Curtiss.

Às 9 horas, 16 minutos e 14 segundos decolamos pesadamente da base de Torrejón rumo aos céus e ao desconhecido.

A propósito: eu iria ao enterro do general.

O que eu não imaginava era que na base de Bolling – ao pé da escadinha do avião – outra surpresa me aguardava.

O voo foi tranquilo.

Pensei muito e tracei planos.

A raiva pela derrubada do C-141 se misturou com os pensamentos e tudo ferveu na mesma panela.

Eu tinha que analisar as barras metálicas. Isso era a primeira coisa.

Tinha que esclarecer o assunto da cópia dos diários. Se não conseguisse pegá-la, teria que traçar um plano “B”. A saber: imprimir uma segunda cópia e a tiraria da base de Edwards. Como? Nem ideia.

Tinha que pensar a quem entregar os diários e, acima de tudo, como fazer isso sem pôr em risco sua vida. A minha – praticamente consumida – não contava.

Tinha que pensar em nomes de jornalistas. Seria a solução ideal. O mundo ficaria impressionado. A USAF havia conseguido a façanha das façanhas. A verdadeira mensagem do Homem-Deus estaria ao alcance de todos. Nada de filtros. Nada de mutilações e interesses bastardos. Esses diários poderiam devolver a esperança a milhões de pessoas.

À merda as proibições e os protocolos de confidencialidade!

E, como disse, tracei um plano.

Evidentemente, não estava esquecendo o “compromisso” no mar Morto: 6 de outubro.

O instinto gritava que Eliseu continuava vivo.

Eu não podia me descuidar. Faltava um mês!

Primeiro tinha que dar um jeito de abandonar a base de Edwards, meu destino. Dessa vez não tinha nenhuma desculpa.

Tinha que pensar, e pensar, e pensar...

Eu precisava ir a Israel, ou à Jordânia, e dali, às coordenadas do código.

Não era tarefa fácil.

A situação política no Oriente Próximo continuava se envenenando.

E tudo isso tinha que ser executado com limpeza, efetividade e máxima prudência.

O falecimento de Curtiss traria problemas e muita confusão ao centro do já alterado projeto Swivel.

Não me enganei.

Aterrissamos em Bolling sem novidades. Eram 15 horas (hora local de Washington D. C.) da quinta-feira, 6 de setembro de 1973.

Ao olhar para a pista fiquei atônito.

Ao pé da escadinha aguardavam o chefe da base, Estrella, dois de seus filhos e o fiel Domenico, o assistente de Curtiss. Ninguém mais.

Também não houve música ou honras militares.

Filhos da mãe!

Nós nos abraçamos.

Estrella, a generala, estava encurvada, consumida e de luto fechado.

O mundo afundou ao vê-la.

Deixei que me inundasse com aqueles olhos azuis falantes.

Ela se esforçou para sorrir, mas a vontade falhou. E as lágrimas, incontidas, correram pelos olhos de todos.

Um dos filhos me expressou a gratidão da família por eu ter ido ao local do sinistro e por acompanhar os restos de seu pai.

Eu não sabia o que responder.

Eu me senti sangrar por dentro.

Não devia revelar o que havia descoberto na Espanha. Não fazia sentido somar dor à dor. Foram momentos pesados, como se desenhados por uma mão inimiga.

Desceram o féretro.

Alguém sabiamente havia coberto o caixão com uma segunda bandeira impecável.

Estrella segurou meu braço, e nós três (ela, a dor e quem isto escreve) caminhamos devagar atrás do caixão.

O KC-130F estacionou a sudeste, perto da capela. Foi outra atenção do coronel da base, velho amigo de Curtiss.

E a polícia militar, com o féretro nos ombros, caminhou marcial para o altar fúnebre.

Nós íamos atrás. Olhávamos, mas não víamos.

Ao longe se ouvia o tronar dos jatos decolando e aterrissando. A vida continuava, inexplicavelmente.

A capela era quase infantil, com quatro vitrais trêmulos, todos azuis, representando a ascensão do Senhor.

O coronel da base havia colocado rosas brancas no altar.

Um cristo de gesso de braços abertos recebeu os restos do suposto Curtiss.

Era bem feio...

Meu Deus! O general agora provavelmente estaria com Ele.

O sacerdote da base, a pedido da família, conduziu a oração do rosário.

Eu fiquei perto de Estrella em silêncio e rememorei os bons momentos na casa de campo do general, na baía de Paulo. Depois apareceu em minha memória a última imagem de Curtiss, no “defumadouro”, com o rosário de prata na mão esquerda. Era o entardecer de 20 de agosto. O general, em pé, saudou-me a sua maneira, com o charuto. E com a voz humilhada, exclamou:

– Que Ele o abençoe, aconteça o que acontecer!

Estremeci.

Lembro que naquele momento um pressentimento me assaltara.

O instinto nunca se engana. Ou sim?

Após o rosário, a família e Domenico ficaram na capela ao lado do féretro.

Eu escolhi o lado de fora.

Precisava respirar. A dor é máscula e asfixiante.

O outono assomava nas pontas das folhas das castanheiras.

O céu deixava acontecer.

E logo apareceu Domenico. Conversamos e ele me encheu de perguntas sobre o acidente do C-141.

Falei de assuntos menores mostrando-lhe ver que a morte de Curtiss havia sido instantânea, e que ele não sofrera. Nem eu acreditei.

Não mencionei o possível atentado.

E, subitamente, o assistente se deu conta de algo que havia esquecido.

Pegou uma folha de papel do bolso esquerdo da jaqueta e comentou:

– Quase esqueci, desculpe. O assistente de Haig ligou. O general quer falar com você.

Estendeu a folha e li as anotações:

“Pentágono. Dez da manhã de sexta-feira, 7 de setembro. Sala do general Alexander Haig. Entrar em contato com o assistente.”

– Do que se trata?

Domenico não soube esclarecer a questão.

– Deve ser importante – acrescentou. – Haig é o novo chefe do projeto Swivel.

Domenico compreendeu meu desconcerto e esclareceu:

– Você esteve ausente e, logicamente, não sabe. Kissinger acabou de nomeá-lo. Pelo menos é o que se fala no bar de Joco. A nomeação, como sabe, nunca será oficial.

E me perguntei: “Como Haig sabia que eu voltava dia 6?”.

Que pergunta mais tola!

Haig, amigo íntimo de Curtiss, era o braço direito de Kissinger. Em 4 de janeiro fora designado vice-chefe do Alto Estado-Maior do Exército. Nesse momento desempenhava também o cargo de chefe de gabinete na Casa Branca.

Em outras palavras: Haig sabia de tudo.

E acho que é hora de fazer referência a um assunto. O cargo de chefe de gabinete da Casa Branca era uma fachada perfeitamente estudada. Era o jeito ideal de desviar a atenção “de outros assuntos mais notáveis”.

O general Curtiss também desempenhara um cargo oficial, e com grande brilho. Mas não devo falar sobre isso.

E com as primeiras estrelas a viúva e os filhos se retiraram.

Um dos rapazes estava indignado. Não entendia por que a USAF não permitia que vissem o corpo de seu pai.

Dei de ombros e repliquei:

– Melhor assim.

Estrella me observou e compreendeu. Ficou em silêncio e puxou o filho.

Nós nos víamos no sábado no cemitério nacional de Arlington, em Washington D. C.

O cemitério dos heróis.

Eu me retirei com Domenico para a residência de oficiais da base de Bolling e ali continuamos conversando até bem tarde.

Eu não conhecia pessoalmente o general Haig, e comecei a me preocupar. O que ele queria? Eu já não apitava nada no fracassado (?) projeto Cavalo de Troia.

E o instinto tocou meu ombro mais uma vez.

Atenção, perigo!

¹ O titânio é um metal tetravalente cujas qualidades de leveza e de resistência mecânica (ponto de fusão: 1.660 °C) o tornam especialmente atraente para a indústria armamentista e aeronáutica. (N. do M.)

² O diâmetro da cabeça de guerra oscila ao redor de cinco polegadas. Dentro se acumulam 200 barras, geralmente distribuídas em camadas concêntricas. Cada barra de titânio atinge 30 centímetros de comprimento por quatro ou oito milímetros de diâmetro. (N. do M.)

³ A cabeça de guerra do Sidewinder contém um explosivo do tipo PBXN-3, de grande potência. É composto basicamente por octogeno (HMX) a 86% e náilon a 14%. Sua eficácia é maior que a de seus irmãos, os mísseis Falcon e Sparrow. O raio de ação dos Sidewinder é de nove metros. Naquele tempo eram fabricados pela Ford e pela Nammo, entre outros. O peso era de 85 quilos, com um comprimento de três metros e um diâmetro de quase 13 centímetros. Alcance efetivo: entre um e 31 quilômetros. Custo de cada míssil: 85 mil dólares. (N. do M.)

⁴ Naquela época (1973), as duas bases eram de utilização conjunta. Às vezes, dependendo das circunstâncias, o F-4 podia ser armado com quatro mísseis Sidewinder (fabricados pela General Electric) e seis Sparrow, bem como com 7.500 quilos de cargas lançáveis (incluindo armas nucleares). O Phantom utilizava também um canhão de 20 milímetros (M-61), situado debaixo da fuselagem. (N. do M.)

⁵ O avião Lockheed C-141A-10-LM Starlifter tinha um comprimento de 44,2 metros, com uma envergadura de 48,8 e uma superfície de asa de 300 metros quadrados. A altura, da cauda ao chão, era de 12 metros. Carga útil: 28,8 toneladas. Peso máximo em decolagem: 143,6 toneladas. Velocidade máxima: 919 quilômetros por hora. Avião de carga da USAF. (N. do M.)

⁶ Em essência, o texto preliminar dizia o seguinte: “O voo partiu de Atenas com destino à base de McGuire (EUA), com escala em Torrejón (Madri)”.

Estranhei, mas prossegui a leitura.

“A tripulação foi autorizada a uma aproximação ILS à pista 23 da base de Torrejón.”

“Na aproximação, os pilotos esqueceram de utilizar o protocolo de descida.”

Textual: “Não modificaram o altímetro (29,92 polegadas) para a altitude local (30,17 polegadas)”.

“Não ligaram o radar de altura.

” “O piloto foi autorizado a baixar de nível (voava a FL60), mas, devido à densidade de tráfego nesse momento, a autorização foi confusa. Os pilotos não sabiam se haviam sido autorizados a descer a 5 mil ou a 3 mil pés. A tripulação entrou em acordo e responderam que iam descer a 3 mil. O controlador de Torrejón não respondeu.”

Eu não acreditava no que estava lendo.

“O controlador também não percebeu a manobra do C-141 e sua descida a 3 mil pés (mas se estava na tela!) (!).”

“Os pilotos informaram de novo que iam descer a 3 mil pés, mas a torre (um segundo controlador) também não notou o erro.”

“Quando o aparelho estava a 3 mil pés (mil metros) de altura, o instrumental da cabine detectou e avisou sobre a presença de uma montanha à frente e acima do nível do avião. O piloto respondeu que ‘tudo parecia claro pela frente e que as luzes da base aérea estavam visíveis abaixo, no vale’.”

“A uma altitude de 929 metros (3.050 pés), e a uma velocidade de 463 quilômetros por hora (250 nós), o C-141 bateu no solo perto da borda de uma meseta. O aparelho se elevou, virou e se estatelou em um barranco.”

“No momento do acidente, a tripulação havia dormido oito horas (nas últimas 60). Várias teclas do painel de comando estavam em posição incorreta (sinal de fadiga dos pilotos).”

“Ironicamente estabilizaram a 3 mil pés, com os altímetros fixados em 29,92.”

“As condições meteorológicas informavam céu nublado a 20 mil pés (6.666 metros) e dez quilômetros de visibilidade.”

O informe estava assinado pelo tenente-coronel da USAF, Paul M. Hansen. (N. do M.)

Na sexta-feira, 7 de setembro (1973), cheguei ao ninho dos papa--hóstias com uma hora de antecedência. Era como Curtiss chamava o Pentágono.

Eu conhecia o “ninho” de outras ocasiões e sabia que os filtros de segurança eram irritantemente lentos. Meus cabelos brancos, minha aparência de velho e os galões (distintivos) de major provocaram desconfianças.

Fui paciente e sorri para todos.

Por último, um dos vigilantes me conduziu até meu objetivo: quinto andar, segundo andar, sala 540.¹

No Pentágono tudo é funcional, um tédio sem fim, mal-iluminado (de propósito) e construído sempre com dupla intenção. As portas não são só portas e as paredes têm a habilidade de ouvir.

No “ninho” todo mundo anda devagar, justamente porque tudo é para ontem.

Todo mundo insinua que sabe, mas, na verdade, ninguém sabe quem é quem.

O Pentágono, como a CIA, é o lugar na América do Norte com o maior número de espões por metro quadrado.

O Pentágono – como amaldiçoava Curtiss – não é só um ninho de ratos famintos por poder, mas, acima de tudo, o verdadeiro cérebro do planeta. Ali se planejam as guerras (para 15 anos). Ali se decide a sorte dos países, a oportunidade de uma fome, as contaminações virais ou a desinformação da sociedade. Mas o povo norte-americano está cego e não vê. Se o mundo soubesse, o Pentágono seria assaltado e demolido.

O assistente de Haig me esperava. Era um tenente-coronel. Atendeu-me com delicadeza e com uma mais que descarada curiosidade. Eu me senti como um fóssil do Quaternário.

Compreendi que ele sabia alguma coisa sobre o Cavalo de Troia.

O general me recebeu um minuto depois de minha chegada.

Alexander Meigs Haig considerava o tempo um dom de Deus. Tudo em sua vida era medido.

Levantou-se ao me ver e esperou que eu me aproximasse.

Saudei-o e ele revidou com um âmagio de sorriso.

Senti que ele me perfurava com seus olhos azuis, atentos a quase tudo.

Ele me percorreu de cima a baixo e, suponho, se decepcionou.

Eu não ostentava condecorações e meu uniforme estava tão desgastado quanto meu coração.

Haig, porém, estava impecável.

Seu uniforme formava um todo com seu olhar.

Os cabelos, mais brancos que louros, moviam-se ondulada e estudadamente da esquerda para a direita, como mandava a tradição familiar. A barba perfeitamente feita ia além do humanamente razoável. A camisa, de um branco brilhante, quase o estrangulava. Eu diria que era nova e engomada com carinho. O nó da gravata preta havia sido ensaiado quatro ou cinco vezes.

Sua voz era um trovão.

Haig era frio e prático; especialmente prático. Ninguém sabia se tinha coração. Corriam apostas sobre isso.

Nesse momento beirava os 50 anos.

Em cima da mesa, e nas paredes, as fotografias disputavam espaço umas com as outras. Contei 17. As favoritas eram as do general MacArthur. Estavam sempre na primeira linha. Também contemplei algumas da guerra do Vietnã, com Nixon, com McNamara, com o general Westmoreland e com Kissinger.²

Haig era católico, anticomunista beligerante e péssimo político.

Como o general MacArthur (falecido em 1964), Haig não teria se importado de lançar a bomba atômica sobre chineses ou soviéticos. “Os problemas”, dizia, “teriam terminado de uma vez.”

Em uma das paredes, ao lado da bandeira, pendia uma métopa de madeira com uma inscrição: “*Fide et opera*” (“Fé e trabalho”).

Um pouco além, em cima de outra mesa, alinhavam-se as medalhas e condecorações: estrelas de prata por seu heroísmo; uma de bronze; o coração púrpura; a cruz ao serviço distinto e a cruz distinta de voo, entre outras.

Em um lado da referida mesa, notei um cachimbo amarelo de sabugo de milho, como o que o citado MacArthur usava.

E mais fotos.

Convidou-me a sentar e continuou me explorando sem pudor.

Eu me senti desconfortável.

E continuei me perguntando: “O que pretende?”.

Falou com o assistente pelo telefone e pediu café.

– Deseja alguma coisa, garoto?

Ora! O “garoto” me deixou perplexo.

Era óbvio que sabia minha idade (36 anos) e que estava a par de meu “problema”.

Não perguntou por meu estado de saúde.

Eu disse que não queria nada e permiti que ele continuasse me estudando.

Um ordenança serviu o café e se retirou rápido.

Haig acendeu um cigarro e começou:

– Ouça, major, sei quanto gostava de Curtiss...

Negativo.

Eu não gostava do general falecido.

Estávamos começando mal.

– Eu ocupo o cargo dele agora – prosseguiu confirmando os rumores. – E tenho grandes planos para você.

“Para mim?”, pensei. “Está cego?”

Ficou em silêncio e lançou seu olhar azul pela janela da sala.

Uma bruma branca e premonitória havia acabado de se levantar sobre o rio Potomac e ameaçava devorar o Capitólio e a Capital Federal.

Haig baixou de novo à realidade e prosseguiu:

– Curtiss era um bravo anticomunista, mas a vida continua.

E foi direto ao ponto:

– Sabia que o doutor Kissinger está muito interessado em recuperar o que é nosso?
– Não compreendo – menti. Eu sabia que ele estava falando do “berço”.
– Estou me referindo à nave que você pilotou – fez um esforço para esclarecer. – Uma nave que é nossa e que pode ter caído nas mãos dos russos.

Oh, não! Outra vez não!

E me aventurei:

– Mas isso não é certeza, meu general.

Ele não me permitiu continuar:

– Escute bem, garoto. Quero recuperar essa nave a todo custo antes que o mundo livre tenha que lamentar. Entendido?

Assenti em silêncio.

– Pois bem, sei que você é crucial nessa operação.

Acendeu outro cigarro com a ponta do último.

Parecia que naquele ninho de papa-hóstias ninguém pensava com a cabeça. Nem sequer tínhamos certeza de que Eliseu estava vivo.

Fazia quatro meses que Haig havia sido designado chefe de gabinete do presidente. Como disse, uma fachada perfeita. Mas o assunto “Watergate” estava deixando todo mundo maluco.

– Conhece a “Raio negro”?

Eu disse que sim.

– Pois insisto: ninguém melhor que você para dirigir a operação de resgate. Você esteve lá e conhece o traidor, seu copiloto. Vai saber convencê-lo a voltar para casa.

A palavra “convencê-lo” pingava sangue.

Não pude me conter:

– Meu general, ninguém está em condições de afirmar que Eliseu voltou. E direi algo mais: ele não é um traidor.

– Não discuta comigo.

Fiquei mudo.

O aço azul de seu olhar se apagou. Haig era assustador quando se empenhava em alguma coisa. No Capitólio e na Casa Branca era chamado de presidente “37 e meio”.

A névoa havia nos notado e avançava lentamente.

– Está disposto a considerar minha oferta?

– Que oferta? Pode ser mais específico?

– Um general não precisa ser específico – fulminou-me. – Para isso estão os subordinados.

Engoli palavras e pensamentos. Eu estava me movimentando em areias movediças.

Mas ele gostou de minha sinceridade.

– Vou repetir só uma vez: aceitar liderar a “Raio negro”?

Ele me viu hesitar.

– Não precisa tomar a decisão neste instante.

– A “Raio negro” não vai dar certo – murmurei.

– Nada é certo na vida, garoto, salvo Haig.

O azul espada de seus olhos recuperou o brilho e o general continuou:

– Sabe de uma coisa? Eu gosto que fale pouco e de frente, como um soldado.

– Tenho que pensar – tentei escapar.

– Esse é meu conselho, garoto. Pense. Você tem tempo. Uma guerra se aproxima. A “Raio negro” será enviada quando acabar o conflito entre árabes e judeus.

E concluiu ameaçador:

– A “Raio negro” irá com ou sem você...

– E quando acha que terminará essa guerra?

Eu me lembrava do documento secreto que Curtiss havia me mostrado em sua sala. Ele falava do nome cifrado da guerra – “Relâmpago” – e de sua duração máxima: 45 dias a partir de 6 de outubro. Isso nos situava em novembro ou, mais tardar, em dezembro (1973).

O general não respondeu com uma data.

Era esperto.

– Não se preocupe com isso agora – procurou me acalmar. – Pense somente nesse novo serviço à pátria. Insisto: gaste o tempo que precisar.

– O que quer que eu faça?

Haig não mordeu a isca.

– Descanse. Você precisa. Já sofreu muito.

Olhou-me com cumplicidade.

– Um dia vai me falar dele.

O novo chefe do projeto Swivel, de fato, sabia mais do que aparentava. Eu tinha que ser extremamente cauteloso.

Haig apontou a porta da sala e comentou:

– No início de dezembro volte aqui. Se aceitar, as ordens estarão prontas.

Foi quando recordei as repetidas advertências de Curtiss sobre a “Raio negro”: “Se lhe oferecerem para participar do projeto”, dizia ele, “aceite. Sua vida depende disso”.

E rememorei também o estranho sonho que tive no bosque de Josué. Eliseu corria para o sol. De repente, parava. Voltava-se para quem isto escreve e gritava: “Aceite, aceite!”.

E surpreendi de novo a mim mesmo:

– O que vou ganhar em troca?

Haig me olhou com desprezo e calculou a resposta:

– Escute, garoto, e escute bem.

Eu gostava desse negócio de “garoto”.

– Nesta vida primeiro vem a honra. Depois a pátria. Depois Deus.

Baixei os olhos, enojado.

E pensei no C-141 derrubado por nós mesmos.

Maldita pátria!

– Mas eu entendo – suavizou o tom. – Não lhe resta muito tempo de vida e quer aproveitá-la.

Não era isso, mas deixei que falasse.

O general, ao que parecia, havia previsto tudo. Era provável que estivesse esperando esse momento.

Abriu uma gaveta, retirou um papel e o entregou a mim enquanto esclarecia:

– Isto é para você se aceitar comandar a “Raio negro”.

Li incrédulo.

Era um documento de borda azul; ou seja, altamente secreto.

Nele se estabelecia meu afastamento definitivo da USAF, com a patente de coronel, e uma compensação especial de dois milhões de dólares, “por danos físicos e mentais”.

Senti pena de mim mesmo. Minha vida valia só dois milhões de dólares.

Tanto a baixa do exército quanto a “compensação” seriam efetivadas na volta da “Raio negro”.

O documento não tinha data.

Procurei pensar velozmente.

Curtiss tinha razão. Aqueles abutres eram capazes de qualquer coisa.

A névoa atingiu o Pentágono e começou a devorá-lo.

Devolvi o documento e fiquei em silêncio.

E Haig sentenciou:

– Pense.

– Sim, meu general. Seguirei seu conselho. Tirarei uma folga e pensarei.

Haig tentou esboçar um sorriso, mas não estava acostumado a fraquezas como essa. O sorriso não saiu.

– Escute, garoto, e escute bem. Agora, recupere as forças e reflita. Tire umas férias. Ninguém vai incomodá-lo. Conversaremos em dezembro.

Levantou-se e deu por terminada a entrevista.

– Prepare-se para a glória.

Dei um sorriso forçado, saudei e lhe dei as costas, retirando-me.

O assistente consultou o calendário e pediu que entrasse em contato com ele no final de novembro a fim de agendar a nova reunião.

Curtiss havia acertado.

Ao sair do “ninho”, a névoa já não era branca. Ao devorar o Pentágono havia ficado suja. Percebi que andava perdida.

Caminhei bastante sem rumo. Tinha que decidir: ir atrás de Eliseu e sobreviver (?) ou renunciar à “Raio negro” e morrer.

¹ Perder-se no Pentágono é fácil. O “ninho”, que começou a ser construído em 11 de setembro de 1941, foi inaugurado em 1943. Trata-se, sem dúvida, do maior edifício de escritórios do mundo. Dispõe de 131 escadas normais e 25 rolantes, bem como de cinco andares visíveis e mais sete níveis subterrâneos, de acesso limitado. O “ninho” soma 31 quilômetros de corredores, 700 pontos de água, 12 mil armários metálicos, cem caixas-fortes de alta segurança e 477 “portáteis”, 7 mil câmeras de vigilância (externas e internas), 23 mil funcionários e 3 mil trabalhadores de apoio, 9 mil vagas de estacionamento, 4.200 relógios e quase 4 milhões de metros quadrados de escritórios. Os microfones ocultos são mais de 12 mil. São consumidas 5 mil xícaras diárias de café e feitas 200 mil chamadas telefônicas diárias. Há 17 patrulhas em constante vigilância externa. As internas são incontáveis. O “ninho” recebe 2 mil jornais diários (do mundo todo) e dispõe de uma biblioteca que beira os 500 mil volumes. Tem 865 banheiros (quando foi construído havia banheiros para brancos e para negros). Nos porões – verdadeiro “coração” do “ninho” – guarda-se parte dos restos do instrumental encontrado nas naves “não humanas” que caíram (?) em Roswell e na Alemanha. (N. do M.)

² O general Haig nasceu em 1924 no seio de uma família católica. Entrou na academia de West Point e se formou em 1947. Estudou economia na Columbia e foi assessor de MacArthur na Coreia. Trabalhou no Pentágono e foi professor em West Point. Destacou-se como assistente do secretário de Estado, McNamara, e foi um herói na guerra do Vietnã. Nixon o havia promovido a assistente militar de Kissinger e ele teve acesso ao Conselho de Segurança Nacional. (N. do M.)

A cerimônia fúnebre do general Curtiss foi breve e emotiva.

Pena que o caixão não continha seus restos.

Mas isso só alguns chefões do Pentágono sabiam – ali presentes. E quem isto escreve.

Haig, naturalmente, estava na primeira fila.

Dessa vez houve tiros de fuzil e uniformes impecáveis cheios de medalhas, e cavalos pretos puxando o féretro, e bandeiras amarradas (por via das dúvidas).

Curtiss (?) foi sepultado às 11 horas e 16 minutos.

Naquele sábado, 8 de setembro, quase tudo esteve no lugar.

O dia começou radiante, com uma pressão atmosférica impecável (1.018,1 milibares) e a umidade exata (50%); nem mais nem menos, como o general gostava. A visibilidade esbanjou (20,9 quilômetros) e o vento ficou na ponta dos pés (11,7 quilômetros por hora); mas não passou disso. O sol, seguindo o conselho de alguém, aqueceu os bosques do cemitério nacional de Arlington com uma temperatura média excelente: 23 °C. Os carvalhos-brancos ficaram em posição de sentido à passagem do cortejo e os cedros do Líbano anteciparam o outono, deixando cair folhas amarelas. Foi sua forma de saudar o velho soldado.

Para as cerejeiras silvestres foi mais difícil: fingir que era primavera e vestir o bosque de flores brancas e perfumadas.

Sei que Curtiss agradeceu, onde quer que estivesse.

Estrella e os filhos ficaram juntos.

Domenico os acompanhava de perto, lenço na mão, chorando desconsoladamente.

Os chefões seguiam atrás, com os pensamentos em outro lugar.

Haig conversava baixinho com outro general. Imagino que estava tentando convencê-lo de alguma coisa.

Eu escolhi a distância e repassei na memória as imagens do C-141 destruído e em chamas.

Malditos mentirosos!

Os tiros de outros fuzis nos recordaram que éramos o enterro número 13.

Caramba!

Cabe muita gente na tristeza.

Não houve discursos, a pedido da generala.

E, pouco a pouco, uma vez enterrado o féretro, os papa-hóstias foram se despedindo de Estrella e da família. E os veículos oficiais se afastaram. Mas o bosque não moveu uma folha; sabia que o mais importante ainda estava para chegar.

Estrella permaneceu em frente ao túmulo.

Os filhos e Domenico se dirigiram aos carros estacionados perto das lindas e perplexas *sakuras*, as cerejeiras provenientes do Japão.

Ali esperaram a mãe.

Foi meu momento.

Caminhei para o túmulo e surpreendi a generala em um pranto se-reno e silencioso.

Apertava um rosário entre os dedos.

Eu não disse nada.

Não era preciso.

E deposei uma rosa vermelha sobre a lápide branca.

Depois, retrocedi e fiquei ao lado da mulher.

Ela, então, sem uma palavra, ergueu-se na ponta dos pés e me deu um beijo na face esquerda.

Acho que respondi com um sorriso, mas não tenho certeza.

E ali ficamos um tempo, com os olhos e o coração fixos no nome gravado na pedra: Curtiss.

Na volta para os automóveis, Estrella me reteve uns instantes.

Estávamos longe. Não podiam nos ouvir.

Os verdes e os amarelos das árvores espiaram curiosos.

– Preciso vê-lo.

– Claro – repliquei, querendo satisfazê-la em tudo.

Olhou-me com intensidade e me senti afogar no azul de seus olhos. Não tive dúvida. Tinha que ser um azul roubado: era azul demais.

Estava linda. A tragédia torna as mulheres belas e desejáveis. Nunca soube por quê.

– Preciso vê-lo... a sós.

Observou o grupo de familiares com desconfiança, creio.

E insistiu:

– É importante.

– Hoje estou em Washington. Voltarei no domingo.

E acrescentei:

– Podemos nos encontrar onde quiser.

O azul se iluminou até quase ficar transparente.

Mas ela rejeitou a oferta:

– Não, aqui não.

Eu não compreendia.

Na realidade, nunca entendi as mulheres; nem preciso, acrescento.

Notei que ela tremia.

Aquela confissão havia sido difícil para ela. Mas por quê? O que queria? O que pretendia?

Eu lhe ofereci meu braço e ela se segurou com força.

Com as duas mãos.

Caminhamos devagar e em silêncio.

Em dado momento, ela suspirou.

Parou de novo e comentou em voz baixa, como se temesse que a pudessem ouvir.

– Terça-feira, 11 horas, é um bom dia.

Acalmou-se, em parte, e prosseguiu:

– Conhece o hotel Villa Florence, em San Francisco?

Assenti e fiz uma brincadeira sobre os coquetéis do bar Norcini, no térreo do hotel. Eu o frequentava com outros pilotos.

Pois bem, marcamos ali, às 14 horas.

Curtiss sorriu nos céus. Era a primeira vez (e a última) que um soldado lhe dava uma rosa vermelha.

Voltei a Edwards na tarde do domingo, 9 de setembro.

Viajei na companhia do desconsolado Domenico.

Passou metade da viagem me interrogando.

Queria saber até o mínimo detalhe sobre o encontro com Haig.

Não contei nada.

E me escondi como pude atrás do “acidente” do C-141.

– Haig queria informações de primeira mão sobre o acontecido – menti.

Domenico era esperto e especialmente sensível. Não acreditou em mim. E soltou a queima-roupa:

– Você também não acredita na versão oficial, não é?

Olhei para o outro lado.

Não queria entrar em um território tão pantanoso. Precisava de provas. Tinha que analisar as barras do suposto titânio.

Na base tudo eram rumores e apostas.

Ouvi dez nomes para o posto vacante. O de Haig soava com força.

Fiquei em silêncio sobre o que sabia.

O trabalho na área restrita estava quase paralisado. Todos esperavam o “novo”.

Percebia-se uma calma tensa.

Joco me atualizou: Haig era seu favorito para a chefia do projeto Swivel. Quanto à próxima guerra entre árabes e judeus, o japonês definiu a situação com uma expressão muito do estilo de Curtiss: “Podridão de podres”.

Depois, entrou em detalhes.¹

No dia seguinte, segunda-feira, fiz ouvidos moucos às recomendações de Domenico para que esquecesse a área restrita.

Entrincheirei-me no “vespeiro” e cuidei de dois assuntos... prioritários.

Na noite anterior, antecipando-me aos acontecimentos, pedira emprestado a Domenico seu “Renegade II”, o maravilhoso Jeep que sofria de estrabismo. Ele não se incomodou, desde que eu soubesse cuidar da tapeçaria de pele de zebra. Jurei por Maria Callas.

E, ao alvorecer, segundo meu costume, cuidei do primeiro objetivo.

Seguindo as recomendações do falecido general, introduzi nos diários algumas breves alusões à morte de Eliseu.

Eu suspeitava que o engenheiro estava vivo, mas considerei que esses comentários podiam evitar males maiores.

Tenho certeza de que, chegada a hora, o hipotético leitor destas memórias acabará entendendo.

Não farei mais reflexões a respeito. Tudo chegará.

O segundo trabalho daquela manhã de segunda-feira, 10 de setembro (1973), foi a ativação do computador.

Instantes depois surgia diante deste pecador uma nova cópia em papel dos diários.

Julguei que era o momento adequado para imprimi-los e tirá-los da base. O ambiente estava tão rarefeito em Edwards que talvez pudesse passar as folhas sem dificuldade pela frente da PM.

Pensaria em alguma coisa.

Eu me precipitei, claro.

E a segunda cópia do “tesouro” foi guardada no “vespeiro”.

Só eu tinha acesso a ela.

Não havia razão para problemas.

Eu a tiraria da Fog e da base quando voltasse da cidade de Francisco.

E ao meio-dia, conforme o planejado, abandonei Edwards rumo a Inyokern, no nordeste, a duas horas da base.

Ali se erguia a Estação Naval de Testes de Artilharia.

Eu tinha um excelente contato ali.

Pus em suas mãos uma das barras metálicas obtidas na Espanha e solicitei que realizasse uma exaustiva investigação dos componentes.

A análise era confidencial.

Ela concordou, satisfeita.

Não fez perguntas.

Finalmente chegava um pouco de emoção a sua vida.

Prometeu me informar o mais breve possível.

E às 17 horas peguei a estrada estatal 178 e me dirigi à cidade de Francisco.

Eu estava inquieto.

O encontro com Estrella me mantinha perplexo.

Não conseguia interpretar suas palavras. Não sabia o que ela queria exatamente.

Cheguei ao hotel Villa Florence já bem avançada a noite.

Era um lugar discreto, com velhas madeiras, velhos elevadores, velhos camareiros, velhas pinturas, ao estilo renascentista, velhas aspirações e uma cozinha italiana de primeira.

Eu estava perto do centro e da Union Square.

Descansei medianamente bem.

A imagem da generala arrasada pelo pranto aparecia a cada instante em minha memória.

Sentia um profundo apreço por aquela mulher bonita e inteligente.

Mas eu me perguntava repetidamente: o que queria de mim?

Pensei inclusive em algo absurdo: havia se apaixonado por quem isto escreve?

Com as mulheres (e com os homens) nunca se sabe.

Podia se tratar de outro assunto.

Mas qual?

Que eu soubesse, Estrella não participava dos “negócios” de Curtiss. Como eu disse, ela era mais inteligente que o marido.

Conjecturei bastante, mas não cheguei a lugar nenhum.

Estava perdido.

De uma coisa tinha certeza: o encontro não era gratuito, nem um capricho feminino.

Eu tinha que saber esperar. Não tinha alternativa.

Passei por Francisco, e às 13 horas estava sentado no hall, tremendo como um adolescente em seu primeiro encontro.

E a imagem de Rute, a ruiva, se sentou a meu lado.
Querida Ma'ch...
Que saudades sentia dela!

Estrella chegou meia hora antes do combinado.
Estava vestida de preto e azul.
Não chegou sozinha.
A seu lado vinha um dos filhos; o que havia reclamado pelo negócio do corpo.
O jovem carregava uma mala de couro cor de sangue.
Fiquei confuso e, para que esconder, contrariado também.
A generala, nervosa, olhava a sua volta o tempo todo.
E acabou perguntando:
– Você foi seguido?
– Seguido?
Assentiu com a cabeça e continuou inspecionando os que entravam e saíam.
– O que está acontecendo? Por que alguém me seguiria?
Ela não respondeu às perguntas e se dirigiu ao bar.
Nós a seguimos.
Sentamo-nos em um canto afastado do Norcini e pedi dois coquetéis. O filho não quis nada.
Estava sério.
Suas mãos suavam.
De vez em quando me olhava inquieto.
Foram minutos de um silêncio tenso; uma situação embaraçosa.
Ninguém falou.
Ela me contemplava ansiosa. Depois desviava o olhar azul para as sombras do bar.
Parecia estar procurando alguém.
E chegaram os coquetéis salvadores.
Estrella escolheu um “Yellow Mango”, à base de vodca, suco de laranja e açúcar.
Eu me inclinei por um “Washingtons” com muito uísque (“Chivas Regal”), licor ácido de maçã e mirtilo.
Delicioso.
E, sem saber o que dizer, ergui a taça e propus um brinde:
– Ao general, onde quer que esteja!
Não foi exatamente uma ideia muito feliz.
Percebi algum tempo depois.
Estrella empalideceu.
Notei que o azul de seu olhar se turvava, mas não compreendi.
Eu sei: sou muito burro.
A mulher reagiu e acabou se juntando ao brinde:
– A Curtiss!
Hesitou dois segundos e concluiu:
– Onde quer que esteja!

Nunca esquecerei esse brinde.

– E então – incitei –, o que tem de tão importante para me comunicar?

Ela negou com a cabeça e bebeu um segundo gole.

A seguir, mais animada, disse:

– Eu não disse que tinha que lhe comunicar nada.

Olhei-a perplexo.

Cada vez entendia menos.

Ela apontou para a mala vermelha que olhava entre as cadeiras e depois indicou a bolsa preta perolada que segurava no colo.

Continuei não entendendo.

E perguntou de novo:

– Tem certeza?

– De quê?

– De que ninguém o seguiu.

– Francamente, não sei.

E a abordei sem rodeios:

– Não entendo, o que a preocupa?

Não me escutou.

– Então, podem tê-lo seguido.

– Sim, é possível, mas...

– Estamos correndo um grande risco.

Foi nesse momento que comecei a me perguntar: “Será que o falecimento do marido a deixou transtornada?”.

E voltei à carga:

– O que está acontecendo? Do que tem medo?

– Disso – tornou a indicar a mala pacífica – e disso.

Indicou a bolsa com o dedo indicador direito.

Depois, passou os olhos pelo lugar, muito inquieta. O belo azul-claro de seus olhos queria fugir.

E estourei:

– Pelo amor de Deus, acabe com isso de uma vez!

E, misteriosa, ela se aproximou de meu ouvido esquerdo.

Senti um intenso aroma de alecrim.

E sussurrou:

– Antes de partir para a Jordânia, o general me fez prometer uma coisa.

Assenti desorientado.

– E tive que jurar que cumpriria. Jurei sobre o rosário de prata, lembra?

Eu me lembrava dele muito bem.

E esperei impaciente.

– Pois bem, se acontecesse alguma coisa com ele...

Hesitou, mas conseguiu superar as recordações.

– Se lhe acontecesse algo irreparável – repetiu –, eu deveria lhe entregar esta maldita mala.

Nova pausa.

Estrella tinha dificuldade de falar.

Tentei ajudá-la:

– O que contém?

– Não sei e não quero saber.

Olhei para a mala e a coitada corou.

Compreendi: Estrella estava mentindo.

Ela, a mala, não tinha culpa de nada.

Não fui capaz de adivinhar o conteúdo.

Então, descobri que alguém a havia amordaçado com um cadeado reluzente. Era de prata.

Esse “alguém” só podia ser Curtiss.

– A partir de agora, é sua.

A mulher fez um gesto, e o filho, atento e cerimonioso, se levantou, entregando-me a mala e uma pequena chave.

Estrella se ergueu também e comentou aliviada:

– Cumpri minha parte.

Deu-me um beijo no rosto e o filho apertou minha mão com força. Tinha o olhar perdido.

Intuí algo.

Que diabos estava acontecendo?

A generala se afastou uns passos e, de repente, parou. Voltou até mim e exclamou:

– Desculpe, quase esqueci.

Abriu a bolsa, pegou um pequeno pacote e o pôs em minhas mãos.

– Isto também é para você.

Esboçou um sorriso preguiçoso e concluiu:

– Da parte do general.

Convidei-os para almoçar.

O Kuleto, no hotel, era um restaurante aprazível e de qualidade.

Não aceitou.

Era óbvio que estava com pressa e muito nervosa.

E os vi se afastarem apressados pela rua O’Farrell.

Eu também olhei a minha volta preocupado. Estava sendo seguido ou era paranoia da generala?

Estrella – eu disse – era uma mulher equilibrada e inteligente. Nunca falava por falar.

Nem almocei.

Tranquei-me no quarto e deposei a tímida mala em cima da cama.

Pesava bastante.

Que diabos continha?

Curtiss era capaz de qualquer coisa.

Por que dera a ordem de que me fosse entregue se morresse? E, acima de tudo, o que eu tinha a ver com aquele imbróglio?

O pequeno pacote também não me dizia nada.

À primeira vista, não parecia grande coisa.

Estava cuidadosamente embrulhado em jornal.

Abri o pacote e encontrei uma caixinha de papelão amarela e órfã. Pesava pouco. E me distraí.

Como costuma ocorrer com frequência, em um primeiro instante prestei mais atenção no continente que no conteúdo.

Desdobrei as folhas de jornal e verifiquei que se tratava do *Guardian*, um dos periódicos da cidade de Francisco.

Correspondia ao dia 11 de agosto último.

Naquele sábado, se bem me lembrava, quem isto escreve estava na casa de campo do general.

Fiquei espantando por Curtiss comprar um jornal de esquerda. Seu anticomunismo era fervoroso.

Boa parte de uma das páginas do *Bay Guardian*, como também era conhecido na região, era dedicada à convulsionada situação do Chile.²

Na parte inferior do tabloide um pequeno anúncio me chamou a atenção. Alguém o havia destacado em vermelho, à mão.

O texto impresso dizia: “Enviado o pacote”.

Estranhei, como disse, mas a coisa ficou por aí.

E fui abrir a caixinha.

Aparentemente, servia para guardar lenços.

Devia ter 16 × 16 centímetros.

Mas parei. Quis adivinhar o conteúdo.

Seriam documentos secretos? Dinheiro? Uma carta de Curtiss reconhecendo sua culpa na Cavalo de Troia?

Que ridículo!

Curtiss nunca se arrependia de nada.

Não me ocorreu mais nada.

E fiquei alguns segundos a certa distância da caixinha amarela.

O instinto me preveniu.

Ali se escondia algo pouco ou nada agradável.

Abria a caixa ou a esquecia?

Não podia esquecer-la.

E optei pelo mais insensato.

Ao abri-la, encontrei um saco plástico preto perfeitamente fechado.

Recuei de novo.

Não gostei daquilo.

O instinto nunca se engana.

Mas a curiosidade me venceu e rasguei o saco plástico. Caramba!

Um gênio e uma figura até a sepultura.

Ali estava o célebre rosário de prata e uma fita cassete.

O crucificado piscou para mim como nos velhos tempos.

E escutei uma voz em minha mente: “Confia”.

Com o rosário e a fita Curtiss havia colocado um bilhete. Reconheci a letra amontoada do general. E li: “18,5 minutos de gravação. Acabe com esses engolidores de espada”.

Fiquei perplexo.

Não entendi.

Quem eram os “engolidores de espada”?

Por que devia acabar com eles?

Pensei nos papa-hóstias do Pentágono, mas não tive certeza.

Não era difícil imaginar que a fita continha algo explosivo. Mas o quê?

E minha mente chegou uma ideia tenebrosa.

Expulsei-a a pontapés.

Curtiss era surpreendente, mas não a esse ponto. Ou seria?

E a ideia voltou mais uma vez.

“Watergate”!

Finalmente consegui jogá-la longe.

Eu já tinha problemas suficientes.

Guardei o rosário e a fita e tentei me distrair com o que parecia mais importante: a mala cor de sangue.

Dessa vez não tentei adivinhar o conteúdo.

Fui direito ao cadeado de prata, que, dócil e belo, deixou que o abrisse. Nem gemeu.

Ao abrir a mala fiquei sem fôlego.

Não era possível!

Como o Mestre tinha razão! Nunca faça planos além de sua sombra!

Acaricie-os.

Santo Deus!

Que grande gentileza do general!

Era a última coisa que eu poderia ter pensado.

Mas por que ele fez isso?

Tinha que pensar. Tinha que pensar. Tinha que pensar.

Folhee-os, nervoso.

Não faltava nenhum.

Era a cópia dos diários! A que havíamos conseguido tirar do “vespeiro” na noite do dia 1º de agosto, nas caixas de pêssego, graças à “brilhante operação militar” que Curtiss dirigira pessoalmente!

O general os havia encadernado com uma sugestiva capa azul.

Em letras douradas li um título que me foi muito familiar: “Cavalo de Troia”.

O “tesouro” havia voltado a mim, e da forma mais insuspeitada!

E brindei a Curtiss, mentalmente, onde quer que estivesse.

Havia me poupado um problema.

Fui me sentar ao lado das folhas e me perguntei: “E agora?”.

Caramba, mil vezes caramba!

Agora eu tinha duas cópias.

Tinha que pensar, sim.

E foi nesse momento que ele apareceu, com os olhos injetados de sangue.

Não sei explicar como chegou, mas ali estava, no meio do quarto.

Era o medo.

Olhei-o de cima a baixo.

O medo não tem rosto.

Não se moveu. Ele sabia que cedo ou tarde me devoraria.

Pensei que o cheiro de “Watergate” foi o que o atraiu.

Se Nixon foi capaz de dar sua bênção ao Rapto de Europa – que desembocaria na quarta guerra árabe-israelense e colocaria o mundo à beira da terceira guerra mundial –, por que eu estranhava que ele houvesse eliminado Curtiss?

Nixon era capaz disso e de muito mais para se manter no alto.

Por isso o medo surgiu.

Se a fita de 18,5 minutos de duração continha o que eu imaginava (as provas do respaldo da Casa Branca à espionagem ao Partido Democrata), o “presente” de Curtiss era dinamite pura.

Eu podia ter o mesmo destino do general e dos cinco diretores mortos.

E o medo avançou um passo e apontou para mim.

Também não podia esquecer a cópia dos diários; outro segredo que eu tentava difundir.

Se Kissinger ou o Pentágono descobrissem, eu seria um homem morto.

Estava brincando com fogo.

E me lembrei da segunda cópia escondida no “vespeiro”, e dos envelopes anônimos, e dos temores de Estrella...

Iam me trucidar!

O medo, então, deu outro passo.

Não pensei com a cabeça.

Tinha que esconder a fita e as cópias e fugir!

Não, era melhor destruir tudo!

E escutei uma voz dentro de mim. Sussurrava: “Como assim? O mundo tem direito de saber”.

Eu me neguei a ouvir.

Não houve tempo para mais nada.

O medo se lançou sobre mim e tentou me estrangular.

Gritei que destruiria tudo.

O medo não ouve. E continuou me sufocando.

Finalmente escapei, como pude, juntei minhas coisas precipitadamente, paguei a conta do hotel e pulei no “Renegade”.

Depois voamos para o sul.

O medo corria perto do Jeep.

Acelerei.

Foi assim que fugi – literalmente – da cidade de Francisco.

Não tenho certeza de quem dirigiu durante a primeira hora.

Poucas vezes senti tanto pânico como naquela oportunidade.

Só estava tentando fugir de mim mesmo.

Enfim, isso é o medo.

Não sabemos que estamos “habitados” por um Deus e, em consequência, sentimos medo.

E, como disse, voamos.

Não sabia aonde estava indo, mas isso também não importava.

De vez em quando olhava pelo retrovisor e via o medo perto.

Corria veloz.

Até que, em uma dessas, ao consultar o espelho principal, eu a vi.

Oh!

Estava sentada no banco de trás.

O ar da costa emaranhava seus cabelos negros.

Ela o deixava agir.

Observou-me, entretida.

Era a bela!

Ela se inclinou para quem isto escreve e acariciou meus cabelos.

Senti um calafrio. Era a primeira vez que a intuição me tocava.

Então, sussurrou em meu ouvido: “Não destrua nada”.

E se fez silêncio em minha imaginação.

Quando olhei de novo, ela não estava mais ali.

Como fazia isso?

Mágica.

Tirei o pé do acelerador e me senti inundado por uma paz benéfica.

O medo havia se sentado no acostamento. Parecia derrotado.

Imaginei que ia procurar outra presa.

Segui pela rota federal 101 e tentei descobrir o que havia acontecido.

Ao deixar a aldeia de Salinas para trás, parei. E caminhei um tempo pela baía de Monterrey.

Eu havia me deixado intimidar por uma perturbação imprópria de alguém que se sabia habitado pelo Pai Azul.

Não tornaria a acontecer.

Algumas ondas cruzaram meu caminho e cabecearam, dando-me razão.

Quando descobrimos que estamos “habitados”, só nós mesmos nos fazemos sombra.

Eu me sentei perto do mar e tomei uma decisão séria, muito séria: os diários eram prioritários; Ele era prioritário; Sua mensagem era prioritária.

Eu não havia chegado até ali para me deixar avassalar por uma criatura pré-histórica como o medo.

E alguém, mais que familiar, ficou na ponta dos pés dentro de mim e exclamou: “Confia!”.

Ali mesmo, de frente para o rochedo, havia um pequeno restaurante de estrada.

Fui visitá-lo. Comi alguma coisa e desenhei na toalha de papel branco.

A bela tinha razão: não devia destruir nada. Disso já cuidam o medo e o tempo.

Pensei, e pensei.

E a noite espiou, curiosa, a toalha de papel.

Batizei o plano de “Bela 1”.

Primeiro, voltaria à base e esconderia a fita e a mala.

Depois, talvez na sexta-feira, 14, cuidaria de...

Mas devo ir passo a passo.

E naquela noite de terça-feira, 11 de setembro (1973), entrei no pavilhão dos oficiais de Edwards quando todo mundo dormia.

E fui descansar.

“Basta a cada dia seu afã”, repetia o Galileu.

Como sentia falta dele!
Realmente não tornaria a vê-lo?
O dia foi intenso e indelével.

No dia seguinte, quarta-feira, quando fui devolver o “Renegade”, Domenico me deu a notícia:

– Os corpos do C-141 estão sendo repatriados.

Sinceramente, aquilo não me interessava.

O major captou minha indiferença e acrescentou:

– Um desses corpos é o de Eliseu.

– Eliseu?

Ele assentiu e me mostrou o comunicado – confidencial – procedente do Pentágono.

Li incrédulo.

Ele havia sido enterrado em Arlington na manhã de 11 de setembro!

Domenico acrescentou:

– A família esteve presente.

E me censurou:

– Você devia ter estado presente.

Não repliquei. Aqueles abutres eram capazes de tudo.

Eu sabia que o féretro depositado no quadrimotor que caíra perto de Torrejón se desintegrara no impacto. E imaginei o que haviam enterrado em Arlington.

Malditos bastardos!

E me parabenizei pelas retificações feitas nos diários sobre a morte do engenheiro.

Curtiss tinha razão, uma vez mais.

Domenico tentou espremer meus pensamentos, mas não conseguiu.

Eu tinha que continuar alerta.

Naquela mesma tarde recebi notícias de meu contato em Inyokern.

Falamos em código, conforme combinamos:

– Afirmativo, Major – anunciou a cientista. – O pão (a barra de metal) contém veneno (titânio).

– Tem certeza?

– Assei-o três vezes.

– É saboroso?

– Muito.

– E o veneno?

– A 92%. O resto é aço.

– Como um pão pode conter aço?

– Como vê, amigo, não se pode confiar em ninguém.

– Que tipo de aço?

– Série “4140”.

– Compreendo.

A barra de metal, enfim, como eu suspeitava, era titânio de grande pureza, com uma pontinha de aço.

Não havia dúvida: aquilo fazia parte da cabeça de guerra de um míssil, e adulterado. O C-141 fora derrubado por um “caça”, presumivelmente norte-americano. Fiquei de ir buscar as análises assim que possível:
– Eu lhe devo uma, querida.
– Conto com isso.
E me dediquei de corpo e alma ao estabelecido: “Bela 1”.

O golpe de Estado no Chile e o contínuo agravamento da situação no Oriente Médio agitaram os ânimos na área restrita de Edwards. A confusão e a ansiedade se tornaram insuportáveis.

A guerra estava logo ali. Todo mundo sabia que Nixon e Kissinger estavam por trás atizando o fogo.

Foram momentos difíceis para quem isto escreve.

Eu havia me descuidado?

Talvez a guerra entre árabes e judeus não estourasse em 6 de outubro, e sim antes.

Confiei no código e em Curtiss.

Seguiria o plano traçado.

Joco estava indignado.

Será que ninguém via? Ninguém percebia as manobras da CIA para derrubar Allende, o presidente constitucional do Chile? Os rumores atropelavam uns aos outros. “Allende”, diziam, “foi ‘suicidado’.”³

Aquela agitação me favoreceu.

Na quinta-feira, 13, contudo, desanimei de novo.

Treze aviões “Mig-21” sírios foram derrubados pela Força Aérea Israelense.

Na base de Edwards falou-se de provocação orquestrada por Kissinger e os judeus.

Quase fiz as malas e peguei um avião para Israel.

Alguma coisa me conteve.

Depois da guerra eu soube: a derrubada dos aviões sírios era outra manobra dos árabes após a cúpula celebrada no Cairo entre o Egito, a Síria e a Jordânia. Os dois lados (russos e norte-americanos) se empenharam em suas campanhas de provocação, seja contra Israel, seja contra o mundo árabe. Valia tudo.

E a dramática situação, como disse, me favoreceu.

Era o momento adequado para tentar tirar a segunda cópia dos diários do “vespeiro” e da base.

E ativei o plano “Bela 1”.

Mas, antes, indaguei no Dryden e consegui que me prestassem um equipamento do mais novo sistema de localização por satélite.

Era chamado de “Navstar Global Positioning”.

Tratava-se de um aparelho de dimensões reduzidas que trabalhava com os satélites e que poderia me ajudar na fixação das coordenadas do código com uma precisão de cem metros.⁴

Evidentemente, eu continuava pensando que Eliseu, meu colega, estava vivo.

Onde estava?

Esse era o mistério.

Conversei com Joco e me arrisquei a lhe pedir três favores.

Ele aceitou sem saber.

Sempre estarei em dívida com ele.

Primeiro favor: ele deveria estar às 13 horas da sexta-feira, 14, na porta do “vespeiro” para me ajudar a carregar “algo” em seu velho “Cowboy” 71 cheio de sardas.

Feito.

Segundo favor: nessa manhã (se tivéssemos sorte) teria que me levar à cidade de Francisco, e no mesmo veículo.

Ele sorriu e aceitou.

– Finalmente um pouco de emoção – exclamou.

Terceiro favor: poderia me emprestar sua cabana no Havaí por al-guns dias?

Feito.

Também não fez perguntas.

E na sexta-feira, 14 de setembro, na hora marcada, vi Joco chegar ao volante do “Cowboy”. Os Beatles pintados no chassi sorriram. Foi um bom sinal.

O japonês estacionou em frente ao “vespeiro” e se pôs a minha disposição.

Não sei como consegui entrar na área restrita, nem perguntei.

Walter e a escolta ajudaram a carregar os sacos plásticos pretos que eu havia preparado (supostamente lixo) e riram às custas dos Beatles.

O “negócio” foi mais simples do que eu havia imaginado.

Tirar os “sacos de lixo” de lá na parte de trás do “Cowboy”, em plena sexta-feira, quando metade da população da Fog estava presa na barreira de controle, foi um acerto pleno.

A PM também estava querendo pendurar os uniformes.

Viram Joco e seu inconfundível e simpático “Cowboy” e nem olharam.

Aquelas palavras – “Siga, siga!” – pareceram a glória. Assim fugimos de Edwards (os diários e quem isto escreve).

Joco nunca soube.

O resto da viagem foi inesquecível.

Joco era fanático pelos Beatles, naturalmente, e ouvimos todo o repertório da banda, incluindo adaptações e orquestrações de Mauriat e Caravelli.

O japonês cantou. Principalmente *Across the universe*, *Something* e *Norwegian wood*.

Eu também cantei, aos gritos, minha favorita: *Michelle*.

Depois entoei *Yesterday*.

Discutimos sobre as letras. Eu afirmei que eram medíocres.

Joco freou em seco e me fulminou com o olhar.

Esclareci:

– Letras medíocres e música caída do céu.

O japonês me perdoou, e continuei cantando:

“Why she had to go I don’t know, she wouldn’t say. I said something wrong, now I long for yesterday.”

No caminho comprei duas malas: uma marrom-escura e outra laranja berrante.

Era parte do plano.

Convidei Joco a ficar no hotel Villa Florence. Era o mínimo que eu podia fazer.

O japonês dedicou o fim de semana a seus amigos e parentes.

Eu aproveitei o sábado e o domingo para varrer Francisco e procurar um apartamento pequeno, discreto e centralizado.

Depois de meditar, eu me decidi por Chinatown, o bairro chinês da cidade de Francisco. Ficava a 800 metros do hotel.

“Perfeito”, pensei.

E olhei de novo.

Havia uma infinidade de ofertas.

Finalmente escolhi uma espelunca na rua Stockton, pouco frequentada pelos turistas.

O bairro era apazível, com um mercado de peixes e dezenas de becos fedidos.

Era o que necessitava.

Fez-me recordar Hong Kong.

Aluguei dois quartos com direito a banheiro comunitário.

O extermínio dos percevejos e das baratas ficava por conta do locatário.

Não reclamei.

Achei que era apropriado para meus propósitos.

A dona, uma velha cantonesa, cobrou adiantado: 120 dólares por mês. Paguei três meses.

E “Bela 1” seguiu em frente.

Continuei atento às notícias que chegavam do Oriente Médio.

Deixavam-me de pelos arrepiados.

A Interpol passara um aviso a todas as polícias do mundo: “um grupo de terroristas árabes havia partido do Líbano com a intenção de praticar um atentado na celebração do Ano-Novo judaico”.

Os jornais de Washington faziam menção a um informe confidencial que revelava que a Líbia havia comprado da França um sistema de mísseis antiaéreos, de grande mobilidade, destinado à defesa do país diante de um possível ataque judeu. Os mísseis foram situados nas proximidades das bases militares líbias. Eram do tipo “Crotale”, superiores ao “Sam-D”.

Mas o que me alarmou e me deixou em guarda foi uma notícia procedente do Cairo: “Israel”, dizia a agência, “está concentrando tropas e carros blindados ao longo de suas fronteiras com a Síria, por conta do combate aéreo da última quinta-feira, 13 de setembro, sobre o Mediterrâneo. Nesse enfrentamento entre aviões sírios e judeus, 13 ‘Mig’ sírios foram derrubados”.

A guerra parecia iminente.

Eu tinha que agir com rapidez e destreza.

Faltavam 19 dias para o 6 de outubro e eu ainda tinha trabalho a fazer em meu país.

Joco voltou a Edwards na tarde do domingo, 16 de setembro.

Estava feliz e intrigado.

Ao me entregar as chaves de sua cabana no Havaí, disse:

– Não sou cristão... Um dia você devia me falar dEle. Você me deve essa.

Eu lhe prometi.

Nós nos abraçamos.

Demoraria muito para tornar a vê-lo.

Ele sabia que eu não ia descansar no Havaí.

E na segunda-feira, 17, fui ao banco e retirei parte de minhas economias.

Depois, procurei um lugar onde pudesse encadernar as folhas que havia tirado do “vespeiro”. Um dos garçons do hotel me ajudou a carregar os sacos pretos até um táxi. E coloquei no veículo a mala marrom recém-comprada.

Duas horas depois, ao meio-dia, tudo estava pronto.

Voltei ao Villa Florence.

Coloquei a mala marrom, com os diários encadernados, debaixo da cama e repassei o plano.

Peguei a mala laranja e a enchi com tudo que apareceu em minha frente, inclusive dois vasos. Lamentei pelas violetas.

Às 15 horas – de mala na mão – eu me encaminhei para a porta do Dragão, o arco de entrada a Chinatown. A avenida Grant estava muito movimentada.

Aquele velho arrastando uma mala laranja chamativa era o foco das atenções dos transeuntes.

Essa era a intenção.

De vez em quando eu parava e fingia que descansava.

Se alguém me seguisse eu estaria lhe facilitando as coisas.

Como disse, era o que eu pretendia: que o suposto vigilante conhecesse meu destino.

Houve pessoas que se ofereceram para me ajudar. Agradei, mas recusei.

Eu precisava seguir a pé e me fazer notar.

Parei seis ou sete vezes no bairro chinês. Fingi contemplar as vitrines.

Dei duas voltas pela praça Portsmouth, tomei saquê e assisti a uma partida de xadrez chinês.

Não consegui descobrir se estavam me seguindo.

Uma vez na espelunca, deixei a mala no chão, atrás da porta de entrada, em uma posição determinada, formando um ângulo de 45 graus com uma das paredes.

Se alguém entrasse no apartamento durante minha ausência, a mala seria derrubada ou empurrada.

Se o intruso a recolocasse no lugar, provavelmente não acertaria o ângulo original.

Isso provaria que estavam me seguindo.

Depois do que eu descobrira do C-141, eu tinha que ser especialmente precavido.

Assim terminou aquele dia.

Voltei ao hotel e me instalei confortavelmente no bar Norcini.

Repassei o “Bela 1”.

Tudo estava saindo conforme o plano.

Tomei um delicioso coquetel: um “russo” (à base de baunilha, licor Kahlúa e vodca).

Naquela noite dormi como um bebê.

Em minha mente fervilhavam outras ideias. Mas era cedo para ativar a segunda fase do “Bela 1”.

Eu tinha que ser paciente e esperto ao mesmo tempo.

O mais importante, evidentemente, era o encontro com o mar de Sal.

Mas tudo tinha sua hora.

E na terça-feira, 18, eu aterrissava em Hilo, capital de uma ilha do Havaí.

Por que estava ali?

Supostamente para tomar uma importante decisão.

Precisava de calma.

Minha bagagem era formada por duas malas e uma mochila.

Uma das malas – cor de sangue – continha os diários encadernados de azul entregues por Estrella, a pedido de seu marido.

A outra – marrom-escura – guardava a segunda cópia, encadernada em Francisco.

E me preparei para a nova e aparentemente aprazível aventura.

O Destino – eu sei – sorriu, entretido.

Joco, prudentemente, fez um pequeno mapa rústico para mim.

Chegar a sua cabana era fácil, mas nem tanto.

Eu disse cabana?

Contratei os serviços de um táxi e me abasteci de comida. Não sabia quanto tempo ficaria na ilha.

Depois, procuramos uma loja que vendesse máquinas de escrever.

Eu pretendia pôr os diários em dia.

Não havia muito onde escolher.

Acabei comprando uma velha Underwood (possivelmente do Paleolítico) de carro largo e teclado espanhol. Tinha 40 anos, no mínimo, mas ria cada vez que eu apertava suas teclas.

Comprei papel; muito papel.

A seguir, fomos para o extremo norte da ilha. Ali se erguia um hotel de luxo construído pelo próprio Rockefeller em 1965.

Chamava-se Mauna Kea Beach.

Era uma das referências no mapa de Joco.

Fim da viagem de carro.

Ali eu tinha que contratar os serviços de alguém que conhecesse o caminho.

Não foi difícil.

Dois garçons brigaram para carregar minhas coisas.

Tive que pôr ordem naquilo.

Pegaram o caminho da praia e me guiaram até a cabana.

O hotel ficava a 800 metros do lar de Joco. Era só descer até a areia e seguir para o sul. Não tinha como me perder.

A brincadeira me custou cem dólares.

Ao pisar a areia branca, o oceano Pacífico, desconfiado, montou nas ondas e tentou descobrir quem era o novo inquilino.

Não conseguiu.

As ondas eram ridiculamente pequenas e morriam antes de nascer.

Ficou na vontade.

Por que não vou com a cara do Pacífico?

A cabana (?) de Joco erguia-se na costa oeste do Havaí, a certa distância de Kalaoa, uma aldeia de pescadores e plantadores de cana-de-açúcar.

Era pura madeira de acácia breada de forma desigual, com um único luxo: um alpendre apaixonado pelo pôr do sol.

Nos dias claros – para quem olhava para o leste – distinguia-se a silhueta verde e negra do Mauna Kea, um vulcão extinto de 4.208 metros de altitude, visitado com frequência por uma família de nuvens brancas atarracadas de origem pouco recomendável (possivelmente nascidas no odiado Pacífico).

O resto era selva colorida e rios de lava negra que buscavam o mar inutilmente.

Ví relâmpagos azuis, vermelhos, amarelos e verdes.

Eram papagaios.

Ao pé da cabana esticava-se, indolente e feminina, uma praia de 1.200 metros. Vestia uma areia branca farinhenta e perfumada de algas que morria no hotel de Rockefeller.

E às 17 horas – finalmente – tomei posse da famosa cabana.

Maldito velhaco!

O japonês não me advertiu.

A cabana consistia em um só quarto, sem luz e sem água, e mal e porcamemente apoiada em pontaletes carcomidos.

No alto bocejava um ventilador de madeira, obviamente inútil.

E o que dizer das paredes?

Fiquei atônito.

Inspecionei-as incrédulo.

Joco havia extrapolado.

Eu sabia que ele adorava os Beatles, mas nem tanto.

Contei 240 fotografias em preto e branco.

Todas dos Beatles!

Desde o início, em 1960, até 1972.

Os Beatles cantando. Os Beatles comendo. Os Beatles fugindo. Os Beatles contemplando carros em miniatura. Os Beatles com suas namoradas. Sem as namoradas. Os Beatles com a dupla cômica formada por Morecambe e Wise. No show de Ed Sullivan. Com Cassius Clay. Lennon com Eleanor Bron...

Enfim, tudo.

Algumas imagens estavam assinadas por gente que eu não conhecia: Dave Sheppard, Alan Pinnock, Steve Torrington e Richard Jones, entre outros.

Não havia um vão nas paredes.

Na realidade, não era a cabana de Joco, e sim de seus amantes, os Beatles.

No centro da sala habitava uma mesa e, em cima dela, uma lamparina de petróleo da guerra de Secessão, no mínimo.

Não havia cadeiras. Não havia cama. Não havia chuveiro. Não havia pratos.

Jurei que o estrangularia com minhas próprias mãos.

Minto.

Em um canto flutuava uma rede de nós brancos saída não se sabe de onde.

Olhamo-nos, mas não fizemos comentários.

Tudo estava dito, e mais que dito.

A pia e o vaso sanitário ficavam na parte de trás da casa, entre as palmeiras.

As janelas não tinham vidro. O vento, os mosquitos e os papagaios entravam e saíam a

seu bel-prazer.

Aquilo era o desastre dos desastres.

Não desanimei.

Eu estava ali para outra coisa. A saber: para trabalhar.

Organizei-me.

Usei a mala marrom como assento e entronizei a Underwood em cima da mesa. A lamparina ficou contentíssima.

E naquela mesma noite comecei a pensar e a desenhar.

Pelas manhãs, após o banho de mar, eu escrevia febrilmente.

Pus os diários em dia (até a chegada ao Havaí).

A Underwood se comportou como uma profissional. À tarde era outra história.

Eu me jogava na rede e fazia girar em minha mente o nome dos jornalistas mais prestigiosos dos Estados Unidos.

Tinha que escolher um.

Tinha que decidir a quem entregar os diários.

Essa era a grande dúvida.

E assim vi escapar os cinco dias seguintes.

Pouco antes do anoitecer, eu caminhava pela areia e ia até o Mauna Kea Beach.

Ali, entre pacientes budas de pedra e papagaios incansáveis, eu desfrutava o único luxo do dia: um coquetel gelado, servido por Kawai, um barman de pele acobreada e olhos puxados.

Meu favorito era o “ketel”, bem trabalhado com vodca, amaretto e suco de laranja.

Ali eu pensava, pensava...

O retorno à cabana, sempre pela costa, era inquietante.

A selva se envolvia com a noite e emitia sons indecifráveis.

O Pacífico me espiava do alto das ondas.

Eu não lhe dirigia a palavra.

E o assunto da escolha do jornalista foi se enroscando.

Não era uma tarefa simples.

Esbocei uma relação de jornais que poderiam publicar os diários (talvez em fascículos): *The New York Times*, *The Washington Post*, *News-day* (de Long Island), *New York Post*, *Daily News* (de Nova York)...

Ou devia pensar na televisão?

Naquela época, as redes líderes eram quatro: ABC, PBS, CBS e NBC.

Conforme avançava, o panorama ia ficando pouco convincente.

Alguma coisa não me agradava.

Fiz outra lista com os jornalistas que se destacaram em 1973.⁵

Negativo.

A maioria só se interessava por política, corrupção ou escândalos sexuais.

Muitos daqueles jornalistas, além de tudo, eram informantes da CIA ou agentes dos serviços de Inteligência Militar dos Estados Unidos (ou dos soviéticos).

Não devia confiar neles.

Se eu entregasse as memórias à imprensa norte-americana, a história podia acabar no lixo, ou em um lugar pior.

E as dúvidas me devoraram.

Quem se interessaria por uma viagem no tempo e pela verdadeira história do Filho do Homem?

O que importava para eles era despedaçar *Little Richard*, o trapaceiro.

Existia, ainda, outro perigo, já apontado pelo general Curtiss: dependendo de em que mãos caíssem, os diários podiam ser manipulados.

Eu acabava o dia sempre com dor de cabeça.

Pensei inclusive em alguns “anti-Nixon”⁶ para entregar meu “tesouro”. Mas não. E comecei a me desesperar.

Conseguir a publicação dos diários de quem isto escreve não era tarefa simples. Além do mais, eram milhares de páginas.

Embora pareça incrível, não era uma operação oportuna.

E nessas estava – sem saber que partido tomar – quando chegou o entardecer da segunda-feira, 24 de setembro.

Os céus têm tudo desenhado milimetricamente.

Não consigo assimilar totalmente o conselho que o Mestre me ofereceu: “Confia!”.

Sou humano, eu sei.

Naquele dia, às cinco, larguei tudo e me dirigi ao hotel.

Estava farto. Não encontrava o nome do jornalista.

Minhas intenções eram simples: aproveitaria o ocaso, conversaria um pouco com alguém e beberia um bom coquetel.

Enquanto caminhava pela praia, consolei-me: “Vai aparecer, não duvide”.

E apareceu, mas não como eu imaginava.

O Mauna Kea Beach se assomava ao Pacífico de uma posição tranquila.

Ao pé do edifício, no meio de um terraço, erguia-se uma amistosa “palapa” de madeira e bambu. Ali eu me refugiava diariamente. Ali esperava a magia do crepúsculo e ali pensava e desenhava.

Pois bem, naquela tarde, quando o ocaso tecia as primeiras sombras, eu a vi.

Era ela!

Como havia chegado até o Mauna Kea?

Que pergunta mais tola!

Caminhei devagar para a “palapa”.

Os bambus a olhavam extasiados. E o mesmo acontecia com Kawai, o barman.

Não os culpo.

Era belíssima.

Estava sentada em um dos banquinhos altos.

De início, ela não me viu.

Segurava uma taça vazia com seus longos dedos delicados.

Então, reparei.

Ora!

Tinha um arco-íris em cada unha.

Eu não conhecia aquela moda.

Kawai lhe serviu um “mai tai”: manga, amaretto e suco de abacaxi, bem batidos e gelados.

Cheguei mais perto.

Seu cabelo preto estava preso na nuca.

Seu pescoço era interminável.

Vestia as gazes azuis transparentes que me deixavam louco.

Bebeu um gole, desceu do banquinho e caminhou na ponta dos pés para quem isto escreve.

O barman me perguntou se eu queria alguma coisa.

Não respondi.

Aquela criatura me transportava. Kawai insistiu:

– O que deseja, senhor?

A bela chegou a mim, depositou sua taça em minhas mãos e sussurrou muito séria: “Não pense mais no jornalista. Nós lhe diremos quem é. Nasceu para isso”.

– O que vai beber? – insistiu o barman.

Não respondi.

E a bela se perdeu em lugar nenhum.

Que traseiro formidável!

– Não sei – gaguejei por fim. – Deixo por sua conta.

O rapaz se esmerou.

Deixei a taça no balcão e fiquei um tempo em silêncio contemplando-a.

Unhas de arco-íris!

Kawai me serviu um “Blue” (gelado): rum, curaço Blue e piña colada.

Fantástico!

Continuei ausente enquanto o garçom confessava o segredo do “Blue”: a casca de laranja tinha que ser “delicadamente aromática”.

Eu não entendi a recomendação da bela.

Quem eram “eles”?

Quem era esse jornalista nascido para receber meu legado?

Poderia confiar na intuição?

Claro que sim.

Pois bem, aí terminou a busca do jornalista.

Ela sabia.

Comi alguma coisa no hotel e, já avançada a noite, cumpri o ritual: acariciei um buda de pedra ajoelhado e me dirigi à praia.

Naquela ocasião fui eu quem se deixou beijar pelo mar.

Ele ia e vinha entre meus pés nus. Eu o deixava agir.

O Homem-Deus tinha razão: a intuição é um anjo; age por pura misericórdia.

Mas as surpresas não haviam terminado aquela noite. Não, senhor.

Deviam ser dez horas.

A lua minguante rolava no meio da escuridão.

Ao fundo, na mata, distingui a dança azul da lamparina.

Não fazia sentido eu continuar na ilha. Pegaria minhas coisas e ativaria a última fase do plano.

Próxima parada: Washington D. C.

Faltavam 11 dias para o 6 de outubro.

Não podia me descuidar.

Entrei na cabana e a lamparina piscou para mim.

Estava cansado. Pensar esgota mais que uma pá e uma picareta.

A lamparina se esforçou e piscou de novo.

Foi quando me aproximei da mesa e o descobri. Alguém o havia depositado entre as brancas e submissas teclas da Underwood.

Procurei memorizar.

“Aquilo” não era meu.

Alguém havia entrado na cabana!

Olhei a minha volta.

Negativo.

Não vi ninguém.

Peguei a lamparina e andei pelo quarto cada vez mais inquieto.

Negativo, negativo.

Tudo estava no lugar. Aparentemente, não faltava nada.

Voltei à mesa e contemplei de novo a Underwood. A coitada não soube esclarecer o mistério. Escrevia, mas não falava.

Entre as teclas, como disse, havia um envelope idêntico aos recebidos em outras ocasiões.

Maldição!

Alguém estava me seguindo.

Examinei o lacre.

Era igual ao que eu conhecia: uma estrela de cinco pontas invertida.

Alguém sabia de minha estada na cabana de Joco.

Mas quem sabia?

Só o japonês.

Abri o envelope e encontrei outro papel branco.

Como os anteriores, tinha um emblema azul em relevo no canto superior esquerdo. A estrela de cinco pontas, também invertida, tinha um círculo vermelho no centro. Em volta da estrela lia-se a já familiar legenda: “*Ultra fidem*” (“Além da fidelidade”).

No centro do papel alguém havia escrito (à máquina e em inglês): “A Bíblia triunfará”.

Fiquei desconcertado.

Embaixo da frase destacavam-se duas gotas vermelhas, de 2 e 4,4 centímetros de diâmetro, respectivamente.

Parecia sangue.

Não encontrei remetente nem selos.

Alguém obviamente havia se dado ao trabalho de ir até o Havaí, esperar que eu saísse da cabana, entrar e deixar o envelope.

Era o quarto anônimo.

Não gostei daquilo.

E recordei as demais “advertências” (?): “Marte, alerta/blasfêmia/renuncie, traidor/ a Bíblia triunfará”.

O que estava acontecendo?

Por que estavam me seguindo?

Como souberam?

E o mais importante: o que representavam aquelas ameaças?

Teria algo a ver com a derrubada do C-141?

Percorri os arredores da cabana de lamparina na mão, mas não vi nada estranho. (Na realidade, não se via porra nenhuma.)

Também não ouvi nada estranho, salvo a algazarra dos papagaios.

O Pacífico martelava ao longe.

Não vi luzes no mar.

Tudo era escuridão.

Voltei para dentro e tentei pensar com rapidez.

Será que eu corria perigo? Que os diários corriam perigo?

Os diários!

Chequei de novo minhas coisas.

As malas estavam trancadas e as chaves em meu poder. Nunca me separava delas.

Abri-as e verifiquei que tudo estava em ordem.

A confusão se apoderou de mim.

Eu me sentei sobre a mala marrom e esperei a claridade do amanhecer.

Tinha que agir, e rápido.

E agi, naturalmente.

Minha estada no Havaí chegava ao fim.

O alvorecer apareceu pontual e violeta e me acompanhou.

Fui para a parte de trás da casa e examinei os pontaletes que a ancoravam à costa.

Não demorei a encontrar o que procurava.

Em um dos cantos a areia havia fechado o vão existente sob o chão da cabana.

Escavei com fúria até que consegui um buraco de dimensões aceitáveis.

Depois fui buscar a mala vermelha e a coloquei no buraco, cobrindo-a de areia.

Contemplei a “sepultura” e fiquei satisfeito.

Por que estava fazendo aquilo?

Não sei; simplesmente fiz.

Gravei uma marca no poste mais próximo e voltei para dentro da casa.

Aparentemente ninguém vigiava meus movimentos.

Digo bem: aparentemente.

E tomei a decisão de abandonar o lugar.

Deixei tudo, inclusive a fiel Underwood, e carreguei somente a mala marrom com os diários encadernados em Francisco.

E me dirigi ao hotel Rockefeller.

Porém, quando havia caminhado uma dúzia de passos, parei.

Voltei à cabana e me posicionei em frente a uma das fotografias dos Beatles.

Na imagem via-se George Harrison na companhia de Ravi Shankar, um grande músico de *sitar*. Era uma foto feita em setembro de 1970 no Royal Albert Hall. No final desse ano Harrison publicou um álbum triplo intitulado *All Things Must Pass* (“Tudo deve passar”).

Pois bem, não sei por que razão escrevi ao pé da fotografia: “Tudo passa, mas nada é o que parece”.

E assinei.

Depois, segui meu caminho.

Eu me despedi do mar com um intenso olhar e decolei de Hilo rumo ao continente.

Aterrissei na capital federal no fim da tarde de terça-feira, 25 de setembro de 1973.

Fiz duas escalas, em uma tentativa de despistar os possíveis seguidores.

Pobre ingênuo!

Cheguei moído.

Não saí do quarto do hotel.

E dediquei meu tempo a duas tarefas, uma mais importante que a outra.

Em primeiro lugar, repassei o que faltava fazer.

O “Bela 1” havia dado resultado, até certo ponto.

Faltava a elaboração de um código que eu deveria entregar ao jornalista finalmente selecionado.

Depois me dediquei, com atenção, à situação nacional e internacional.

Li atentamente o jornal que consegui pegar e fiquei colado à tela da televisão.

Em minha ausência, o doutor Kissinger havia sido ratificado pelo Senado como secretário de Estado. Votos a favor: 78. Contra: 7.

“Ruim para mim”, pensei, “e também para Eliseu, supondo que esteja vivo.”

A propósito, na semana anterior, no México, a viúva de Salvador Allende havia feito declarações explosivas: seu marido, o legítimo presidente do Chile, não se suicidara; fora assassinado. Tinha ferimentos a bala no peito e no estômago.

Joco e os militares de Edwards disseram: “Allende foi ‘suicidado’”.

Kissinger teve muito a ver com esse golpe de Estado.

Quanto ao Oriente Médio, os capacetes de guerra já se intuía do outro lado do quarto. A tensão estava quase arreventando a corda.

A guerra era iminente.

Em 18 de setembro, o rei Hussein, da Jordânia, fez um anúncio esclarecedor: libertaria todos os acusados de delitos políticos.⁷

Eu tinha que agir com rapidez.

Tinha que entrar em Israel com a maior brevidade.

O 6 de outubro era a data-chave.

“O dia do relâmpago”, recordei, “viverá o não vivido.”

A que Eliseu se referia?

Uma coisa estava clara: se estourasse a guerra e eu não estivesse no mar Morto, adeus ao código e, talvez, adeus a tudo.

Eu tinha que entrar em Israel antes desse 6 de outubro.

Meu Deus! Faltavam dez dias!

Quase mudei os planos e peguei um avião para Tel Aviv.

Mas me contive.

A elaboração do código também era importante.

Era o que eu tinha em mente.

O plano era simples e complicado ao mesmo tempo.

Eu queria construir um código, ao estilo de Eliseu, e entregá-lo ao homem ou à mulher escolhido como depositário dos diários. Se ele não decifrasse o código, não teria acesso ao “tesouro”.

Interpretei isso como uma prova de interesse pelo assunto e de fidelidade a quem isto escreve.

Mas não quero me antecipar aos acontecimentos. Devo ir passo a passo.

No dia seguinte, quarta-feira, 26 de setembro, pus em andamento a última fase do “Bela 1”.

Bem cedo, entrei no cemitério nacional de Arlington, em Washington D. C., e fiz uma primeira checagem: Eliseu estava sepultado naquele cemitério? Isso, pelo menos, era o que o Pentágono afirmava.

Eu sabia que o engenheiro não podia estar enterrado naquele lugar, mas deixei que o funcionário checasse.

De fato: Domenico tinha razão.

Os papa-hóstias haviam feito seu trabalho.

Ali constava o enterro de meu companheiro, e recente.

Malditos bastardos!

Tinham tudo sob controle. Bom, quase tudo.

Indicaram-me como chegar ao túmulo e caminhei surpreso por entre os álamos e os carvalhos.

Os cortejos fúnebres não tardariam a começar e a incomodar as pombas com os tiros dos rifles.⁸

Finalmente encontrei o túmulo.

O nome real do engenheiro estava gravado na lápide branca.

Data da morte: 1973 (sem mais).

E me perguntei: “Quem estava sepultado naquele lugar?”.

Malditos mentirosos!

Fiquei na área um bom tempo tentando esclarecer as maquinções dos filhos da mãe do Pentágono.

Não consegui.

Ao entardecer, uma modesta nespereira dava sua sombra ao túmulo.

Passeei por Arlington durante quatro dias.

Voltei à sepultura do suposto Eliseu.

Fiz medições.

Fiz cálculos.

Meditei diante do túmulo do soldado desconhecido.

Estudei a sentinela.

Somei seus passos.

Rezei diante da laje cinza que cobre a sepultura de Kennedy.

Somei as letras que formam os nomes e o sobrenome do presidente.

E, pouco a pouco, fui construindo o código de que necessitava.

O número “21” foi a chave.

E na sexta-feira, 28, fui ao quartel-general do U.S. Postal Service (Serviço de Correios).

Ali levei um balde de água fria.

Eu precisava alugar uma caixa postal – exatamente a “21” –, mas não foi possível. A “21” tinha dono.

Só pude preencher uma solicitação e esperar que essa caixa postal ficasse livre.

Isso não me preocupou excessivamente.

O “21” não era prioritário, por ora.

Eu esperaria.

O código estava praticamente concluído. Dizia assim:

A sentinela que vela o túmulo lhe revelará o ritual de Arlington.

Chave e ritual conduzem a Benjamin.

Abre seus olhos diante de John Fitzgerald Kennedy.

O irmão dorme em 44-W. A sombra da nespereira o cobre ao entardecer.

Passado e futuro são meu legado.

A segunda frase – “chave e ritual conduzem a Benjamin” – ficou em suspenso à espera do “21”.

Lidas na vertical, as primeiras palavras do código formavam uma frase, confirmando assim a chave.⁹

Também aprendi com Eliseu.

E me preparei para a grande aventura: Israel.

O que aconteceria no dia 6 de outubro no mar Morto?

Revisei as caixas metálicas e a bagagem e, em 30 de setembro, domingo, abandonei a capital federal rumo a Tel Aviv.

A sorte estava lançada.

¹ A tensão no mundo continuava aumentando, de acordo com o diabólico plano Rapto de Europa. As medidas de segurança em torno das embaixadas judaicas no planeta aumentaram ostensivamente. Kissinger e a maldita CIA continuavam alimentando a fogueira do golpe de Estado no Chile. A CIA já havia gastado mais de 400 milhões de dólares em subvenções aos descontentes. Allende era um cadáver. Assim avaliava a Inteligência Militar dos EUA. A Ford e a Fundação Asia eram perfeitas fachadas de Kissinger. Dias antes, “assalariados” da CIA haviam atentado contra o ministro do Planejamento Nacional jogando um artefato explosivo no jardim de sua residência. Mas os vigaristas da CIA falharam. Allende rejeitou a renúncia apresentada pelo chefe da Marinha, o almirante Raúl Montero. A embaixada da Arábia Saudita em Paris foi atacada por um comando palestino. As compras de armas no Oriente Médio aumentaram extraordinariamente, atingindo 10 bilhões de dólares. Alguém estava esfregando as mãos. Por último, Joco me falou de *Little Richard*, o trapaceiro (assim chamava Nixon). Acabavam de descobrir que havia grampeado os telefones de seu irmão, Donald. *Little Richard*, ao que parecia, temia que seu irmão pudesse estar envolvido em negócios sujos com o milionário Howard Hughes. Os telefones foram interceptados pelo Serviço Secreto. (N. do M.)

² Allende havia decidido incorporar os chefes das forças armadas a seu gabinete ministerial. No novo governo estavam o comandante chefe do Exército, general Prats; o da Marinha, almirante Montero, e o da Força Aérea, Ruiz Danyau. (N. do M.)

³ Após o golpe militar no Chile, os sublevados exigiram a imediata renúncia de Allende. A demanda foi assinada pelo comandante chefe do Exército, general Augusto Pinochet; o da Força Aérea, Gustavo Leight; o novo chefe da Marinha, almirante Jorge Toribio Merino, e o também novo diretor-geral dos Carabineiros, César Mendoza. Todos eles integravam a chamada “Junta Militar de Governo”, presidida por Merino. Ao mesmo tempo foram removidos de seus cargos o almirante Raúl Montero e o diretor-geral dos Carabineiros, José Maria Sepúlveda. O golpe foi iniciado por unidades da Marinha, que isolaram o porto de Valparaíso. Era o quarto atentado contra a vida de Salvador Allende. Em 16 de janeiro de 1971, a CIA tentara pela primeira vez. Um poderoso explosivo fora descoberto no jardim do palácio presidencial. Em 20 de julho de 1972, um grupo extremista (subvencionado pela CIA) tentou assaltar a casa do chefe do Estado chileno. Os 25 membros do comando foram detidos pela Polícia. Em 16 de setembro do mesmo ano tentaram de novo assassinar Allende.

No âmbito internacional, como disse, tudo era caos, como pretendia o plano Rapto de Europa. Os serviços secretos israelenses haviam dado o alerta: guerrilheiros palestinos podiam atacar contra o aeroporto de Orly, em Paris. Tinham foguetes Strela. Para piorar, o Egito e a Síria haviam retomado as relações diplomáticas com a Jordânia. Era outro sinal inequívoco: a guerra estava próxima. (N. do M.)

⁴ O “Navstar”, ou navegador estelar, funcionava com o apoio de quatro satélites militares. Os sinais recebidos forneciam a posição do sujeito em tempo real. O “Navstar” trabalhava latitude, longitude, altura e tempo (sem necessidade dos incômodos relógios atômicos). A exatidão superava os 95%. (N. do M.)

⁵ Em minhas anotações apareciam os seguintes: Vanocur, correspondente da NBC; Daniel Schorr, da cadeia de televisão CBS; Marvin Kalb (autor do livro *Kissinger*); Goodman, presidente da NBC; Tom Wicker, diretor adjunto do *New York Times*; James Reston, também do *New York Times*; Jack Anderson; Mankiewicz, colunista do *Los Angeles Times*; Hines, redator científico do *Chicago Sun Times*; Rowland Evans; Mary McGrory, colunista do *New York Post*; Marquis Childs, do *St. Louis Dispatch*, em Washington D. C.; Robert Woodward e Carl Bernstein, ambos do *Washington Post*; Zabludovsky, da televisão mexicana; Howard Smith, da cadeia de televisão ABC; William Randolph Hearst; John Chancellor, da NBC; Anthony Lewis, colunista do *New York Times*; Jim Hougan, da revista *Harpers*; Deborah Davis; Adrian Havill; Seymour Hersh; Walter Cronkite; Janet Cooke; David Rudenstine; Daniel Ellsberg e Tad Szulc, entre outros. (N. do M.)

⁶ Em 27 de junho de 1973, a imprensa de meu país publicou uma lista dos “inimigos” da Casa Branca segundo Nixon. No total, 206 nomes que provocaram o riso e a indignação. Ali apareciam políticos, líderes sindicais, atores de cinema, jornalistas, empresários, catedráticos e investigadores. Nixon os considerava “os mais perigosos”. Chamaram poderosamente minha atenção os atores e atrizes. Lembro-me de Jane Fonda, que lutava contra a guerra do Vietnã; Gregory Peck, presidente da Academia de Ciências Cinematográficas de Hollywood; Barbra Streisand, “por suas tendências democratas”; Steve McQueen e Paul Newman, “que apoiaram os candidatos democratas”, segundo a Casa Branca. Pouco faltou para que eu entrasse em contato com Gregory Peck. Pensei seriamente nisso. Primeiro me encontraria com ele. Depois, veríamos. Não foi necessário. Também cogitei o nome de Arthur Schlesinger, antigo conselheiro do presidente Kennedy, e o de Wiesner, presidente do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, com o qual o Cavalo de Troia se relacionara. (N. do M.)

⁷ Foi outro sinal da iminência da quarta guerra entre árabes e judeus. O rei Hussein comunicou a decisão ao governador militar, general Ziad al-Rifai. O decreto de anistia afetava “todos aqueles condenados, detidos ou procurados por delitos de tipo político, tanto se estiverem na Jordânia como fora do país”. Entre os beneficiados estava Mohamed

Daud, vulgo Abu Daud, dirigente dos comandos da Fatah. No total foram libertados 754 detidos. (N. do M.)

⁸ Nesse momento (1973), o número de túmulos em Arlington se aproximava dos 200 mil. Quase todos os enterrados eram veteranos de guerra. Arlington foi inaugurado em 1864. O gigantesco cemitério, propriedade do Exército, estava situado na margem ocidental do rio Potomac (Estado da Virginia). Os terrenos pertenciam ao general Lee, comandante das forças do Sul na guerra de Secessão. Por dia celebram-se em Arlington 20 cerimônias fúnebres. Nesse cemitério encontram-se os túmulos de John F. Kennedy e de seu irmão Robert, ambos assassinados (provavelmente pela mesma organização que perpetrou a derrubada do C-141 no qual viajava o general Curtiss). (N. do M.)

⁹ As primeiras palavras do código elaborado pelo Major são as seguintes: “*The guard...*” / “*Key and ritual...*” / “*Open your eyes...*” / “*The brother...*” / “*Past and future...*” – “The key open the past” (“A chave abre o passado”). (N. de J. J. Benítez.)

A viagem foi longa.

O nervosismo me devorava.

A razão e a bela intuição não fizeram mais que discutir entre si.

Lembro que diziam: “Eliseu está morto”; “Não”, replicava a bela, “o engenheiro está vivo”; “Que diabos está fazendo neste avião da PanAm?”, perguntava a razão. “Volte para casa! Vamos!”, intervinha de novo a intuição. “Coragem! Viverá o não vivido.”

Ao aterrissar em Tel Aviv (Israel) levei o primeiro susto.

O funcionário da alfândega contemplou minha bagagem e me olhou fixamente.

Eu conhecia aquela tática. Fora treinado para isso.

Sustentei o olhar e esperei.

– Abra.

E apontou para as duas caixas metálicas que me acompanhavam. Ao lado estava a mala marrom com os diários encadernados em Francisco e uma mochila.

Obedeci em silêncio.

Ao ver o conteúdo, o funcionário empalideceu.

– O que é isso tudo?

– Sou biólogo – repliquei com uma frieza que ainda me impressiona.

E me apressei a mostrar uma carta – mais falsa que o Iscariotes – da Universidade Stanford (Califórnia), na qual o reitor afirmava que este servidor fazia parte da equipe de Stanley Cohen e Herbert Boyer.¹

Não vou entediar o hipotético leitor destas memórias com os detalhes de como obtive a referida carta. Sei que poderá imaginar com facilidade.

A questão é que o Departamento de Biologia de Stanford me atribuía a delicada missão de coletar uma bactéria chamada *Clostridium*, de alto interesse científico,² bem como uma alga verde muito especializada denominada *Dunaliella*.³

Na carta, quem isto escreve era autorizado a navegar e a colher amostras em frente aos mananciais de Mazor, ao sul do oásis em Ein Gedi, na costa ocidental do mar Morto (território judeu). Nesses mananciais a concentração de sulfato é muito alta.

Enfim: o funcionário judeu estava diante de uma espécie de professor maluco, responsável pela obtenção de glicerina das algas do mar Morto.⁴

Acho que ele começou a alucinar.

O sujeito leu a carta, mas, obviamente, não entendeu muita coisa.

Voltou às caixas metálicas e solicitou que lhe informasse o conteúdo.

Guardei a carta e me armei de paciência.

Aquilo ia longe.

E fui apontando e descrevendo:

– Binóculos Sailor... 8 por 30... Carregados de nitrogênio seco... Ângulo de visão: 8,2 graus... Campo: 143 metros...

E prossegui:

– Câmera de vídeo à prova d'água... Capacidade de filmagem: 75 metros... Equipamento de iluminação de 2 por 25 watts...

– E para que precisa disso tudo?

– As bactérias...

– Que bactérias?

– Está na carta...

– Ah! Continue.

– Câmera fotográfica submarina com flash SB-102... Operacional até 60 metros... Sonar de varredura lateral, modelo CM800/S... O equipamento pode ser conectado ao “Navstar”...

O funcionário estava começando a ficar tonto.

– Sonda hidrográfica de dupla frequência (38 quilohertz), com penetrador de lodo... Sensores de temperatura... Sonda EQ32... Vibrocóer miniaturizado para a obtenção de amostras de lodo... Minigrupo elétrico, gerador de corrente trifásica... 380 volts... Sonda multiparamétrica com memória opcional de 1,5 megabytes... Perfilador de sedimentos com frequência primária de cem quilohertz e um transdutor de 22 por 22 centímetros...

O funcionário estava se afogando. Eu pressentia.

Mas fui implacável.

– Garrafa hidrográfica... cabos lastrados...

– Está bem!

O funcionário ordenou que eu devolvesse o equipamento às caixas e perguntou:

– Como disse que se chama essa bactéria?

– Qual delas?

– Tanto faz... Pode ir, professor!

E o funcionário deu luz verde.

A mala marrom e a mochila não foram incomodadas.

E às 10 horas e 10 minutos daquela segunda-feira, 1º de outubro, abracei de novo meu amigo Marcos, o árabe cristão do revólver .44 Magnum com a empunhadura de marfim que salvara minha vida na foz do Mujib.

Ele havia recebido meu telegrama a tempo.

E ali estava, no aeroporto Ben Gurion, disposto a me servir.

Colocamos a bagagem em uma velha picape RN-20; um Toyota de segunda geração, branco de pó do deserto, mas com quatro cilindros bem-dispostos.

E partimos para Belém.

Marcos não permitiu que eu me hospedasse em um hotel.

Ele me ofereceu sua casa. Eu sabia que a hospitalidade é sagrada para um árabe.

Não discuti.

Perguntei pela situação do país.

Marcos balançou a cabeça negativamente.

Mensagem recebida.

Não falamos mais sobre o assunto.

Claro que não adiantei nada sobre a iminente guerra. Para quê?

Mas falei de meus planos.

Eu tinha que me instalar na costa jordaniana do mar Morto no dia seguinte.

Especificamente no Mujib. Ele conhecia a área.

- Do que precisa?
- De uma embarcação.
- Grande ou pequena?
- Para duas ou três pessoas.
- Quanto tempo?
- Não sei.

E ficou em silêncio.

De certo modo, ele me recordava o fiel Tarpelay.

Como sentia falta deles! De todos!

Ao chegar a Belém, ele fez duas ligações telefônicas.

Ao voltar ao Toyota, ele comentou:

- Pronto. Partiremos ao amanhecer.

Quis lhe adiantar algum dinheiro.

Ele rejeitou.

Eu era um amigo.

E o nervosismo continuou me devorando.

¹ Cohen e Boyer conseguiram transferir pela primeira vez genes alheios ao material hereditário de determinadas espécies. Foi a base para a clonagem. (N. do M.)

² A *Clostridium* habita, fundamentalmente, o fundo do mar Morto. Trata-se de uma bactéria patogênica da gangrena e do tétano. Foi descoberta em 1891 por Lortet, pesquisador e aventureiro. Foi a primeira demonstração de que há vida no mar de Sal. (N. do M.)

³ A *Dunaliella* é uma alga fotossintética unicelular halotolerante que habita, em grandes colônias, as águas superiores do mar Morto. É especialmente atraente por sua capacidade de formar e acumular glicerina. Para isso assimila dióxido de carbono, transformando-o na citada glicerina. Esta é utilizada em farmácia (como substituto do açúcar) e na indústria (como solvente, para explosivos, resinas gliceroftálicas, anticongelantes e umectantes, entre outras utilidades). (N. do M.)

⁴ Para o caso de surgir algum contratempo, quem isto escreve arranjou uma segunda carta de recomendação – igualmente apócrifa –, assinada pela Universidade UCLA (Los Angeles), na qual me apresentavam como um eminente ornitólogo encarregado de supervisionar as migrações das gaivotas *Larus ridibunduse* da curruca falsa listada, muito comuns no Neguev e nas costas do mar Morto durante o outono. (N. do M.)

Ao alvorecer da terça-feira, 2 de outubro, partimos para a Jordânia.

Decidi que a mala marrom com os diários ficaria em Belém. Era o mais seguro.

O dia amanhecia morno e dourado, com promessas de temperaturas acariciantes (não superiores aos 25°C). Os céus azuis não tinham fim.

Senti um nó no estômago.

Faltava pouco para eu comprovar se o código tinha algum sentido ou se era fantasia de quem isto escreve.

“E cada erro conduz à luz.”

Ao cruzar a cidade de Jerusalém, notei tristeza nos rostos.

As pessoas se apressavam, mas eu não sabia por quê.

Intuíam alguma coisa, sem dúvida.

Os corações derramavam medo.

Antes de uma guerra todo mundo se lamenta sem saber por quê.

Marcos também pressentia alguma coisa.

Como árabe, ele sabia do ódio ancestral de seus irmãos pelos judeus, e vice-versa.

E pensar que os “judeus” que partiram do Egito no êxodo eram beduínos!¹

Escutamos rádio.

A situação só piorava.

Tropas jordanianas e sírias haviam estabelecido uma frente conjunta na região do Golan, ao leste. Os canhões apontavam para a Galileia.

O locutor (árabe) falava de um iminente ataque por parte de Israel. (!)

Puro veneno.

As agências de notícias internacionais se referiam a uma mobilização de forças israelitas ao longo da fronteira meridional com o Líbano. E a justificavam pela presença guerrilheira na área.

Outras notícias anunciavam milhares de civis judeus evacuados dos altos do Golan.

Marcos continuava dirigindo a caminhonete. Sua expressão era grave.

Por sua vez, o rei da Jordânia acabava de fazer declarações à revista norte-americana *Time* advertindo que, se Israel não se retirasse dos territórios ocupados, a guerra seria inevitável. Hussein pedia a Tel Aviv que aceitasse os termos da resolução 242 do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Essa resolução exortava o exército judeu a abandonar os territórios árabes, “em troca de uma paz garantida por fronteiras seguras e reconhecidas”.

Tudo estava preparado.

Tudo rolava para o abismo.

– Quer que eu fique com você no Mujib? – perguntou subitamente o guia.

Fui rápido e contundente:

– É importante que você volte a Belém esta noite.

– Por quê?

Repliquei com a primeira ideia que me passou pela cabeça:

– A mala...

Ele me olhou sem compreender.

– Refere-se a sua mala?

Assenti com a cabeça.

– O que há com essa mala?

– Alguém irá buscá-la – improvisei – em meu nome.

O árabe deu de ombros e aceitou.

– Confie – acrescentei.

Ora!

Eu estava copiando o Homem-Deus.

Cruzamos a ponte Allenby, perto de Jericó, por volta das sete da manhã.

Tudo era tranquilidade na fronteira.

Ninguém fez perguntas.

Ninguém revistou o Toyota.

Também não vi soldados nos arredores.

E me perguntei: “Estou errado?”.

Não era possível.

Eu havia lido aquele documento secreto no “defumadouro”, a sala do general Curtiss na área restrita de Edwards. Ele anunciava o 6 de outubro como o começo da quarta guerra árabe-israelense.

Faltavam quatro dias!

Será que eu podia confiar nos papa-hóstias do Pentágono?

Nesse maldito aspecto, claro que sim.

E nos dirigimos a Amã, a capital.

Fiz compras – fundamentalmente comida (para uma semana) – e Marcos fez duas ligações.

– O barco está em Al-Mazra’a – anunciou triunfante.

Consegui também uma tenda de campanha e um velho, velhíssimo, rádio transistorizado.

E rumamos para o sul.

A aldeia de Al-Mazra’a fica perto de Lisan, na zona meridional do mar Morto.

Eu conheci o lugar durante a aventura na cidade de Sal.

Como disse, Marcos sabia de meus planos como “biólogo” e de minha intenção de permanecer uns dias na margem jordaniana do mar Morto. Nunca lhe disse quem eu era na verdade nem por que estava ali. Ele também não perguntou.

Minha ideia, enfim, era fingir que estudava as águas.

Queria montar um acampamento perto da desembocadura do leito seco do Mujib.

Dali, com a ajuda do barco, varreria o lago em busca de não se sabe o quê.

Eliseu apareceria? Apareceria com o “berço”? Limitar-se-ia a deixar uma mensagem?

Não quis me perder de novo em especulações e me concentrei no imediato.

O Toyota não podia evitar os barrancos do Mujib e eu não queria que Marcos estivesse fora de Israel quando estourasse o conflito armado. Por isso dava todo tipo de desculpas – incluindo a mala – para ficar sozinho no *wadi*.

Eu havia estudado os mapas até a saciedade e intuía que o Mujib era o lugar ideal para montar o acampamento. Não existiam estradas que chegassem ao local. Ninguém me

incomodaria.

Dali ao ponto sugerido (?) pelo código havia só quatro quilômetros e pouco.

Atravessamos a cidade de Madava e, sempre pela estrada 35, descemos até Al Karak.

Ali paramos.

Era meio-dia. Faltavam pouco mais de cinco horas para o pôr do sol.

Tínhamos tempo, mas não devíamos dormir.

Naquela noite eu queria pernoitar no Mujib.

O guia fez outra ligação telefônica.

Eu o ouvi discutir em árabe.

Alguma coisa não andava bem.

O patrão do barco, ao que parecia, estava solicitando uma soma em dinheiro pouco razoável.

Caramba!

Retomamos a marcha e pegamos uma trilha esquecida e empoeirada que se lançava, suicida, entre barrancos brancos e queimados.

Marcos continuou mudo, atento ao tortuoso caminho.

Quantas recordações!

O pó e a desolação nos cercaram.

Ao fundo, ao longe, os azuis do mar Morto faziam reflexos.

E me vi com Ele, caminhando animados por aquelas paragens.

Quantas recordações maravilhosas bateram na porta!

E às 13 horas paramos em Al-Mazra'a, outra prisioneira do sol.

Tratava-se de uma aldeia beduína.

Os habitantes trabalhavam na vizinha cidade do potássio, um pouco mais ao sul.

Se ficassem na ponta dos pés, conseguiam ver o lago.

Marcos me fez um gesto. Devia deixá-lo negociar.

Os beduínos sabem de tudo.

Assenti e me transformei em sua sombra.

A cerimônia do regateio teve um longo preâmbulo.

Marcos perguntou pela família. Bebemos chá e mais chá.

E o patrão, por sua vez, interessou-se pelo clã de Marcos.

Uma hora depois – sem ter visto a lancha –, o guia chegou a um acordo com o beduíno chefe.

Fomos para a enseada que servia de porto e ali conheci aquela que seria minha companheira nos próximos dias: uma barca de madeira de oito metros de comprimento.

Marcos e quem isto escreve a examinamos minuciosamente.

Era humilde, mas suficiente para meus propósitos.

Os brancos do casco estavam um pouco desmaiados. Os azuis do convés estavam ali à força, não por vontade.

Na realidade, era preciso ter coragem para viver no mar de Sal.

Eu sabia por experiência própria.

Tinha um motor italiano (um “Fita”) nascido na Segunda Guerra Mundial, com um ronco valente e decidido.

O beduíno jurou por seu sangue que “aquela joia” podia voar de três a quatro milhas por

hora. “Deus a havia dotado”, disse, “de 12 cavalos e dois cilindros. Algo nunca visto no *yam*.”

Dispunha, ainda, de arranque elétrico e uma manivela vermelha (para o manual).

“O cúmulo dos luxos”, segundo o patrão.

A coitada não tinha nome.

Os *žnun*, gênios e espíritos maléficos do lago, o haviam levado. Foi o que afirmou o dono em voz baixa.

Eu sabia um pouco do assunto.

E ficou batizada como *Sem Nome*.

Pouco depois, após carregar os equipamentos, a embarcação virou a proa para o norte. Rebocamos uma pequena lancha, necessária para o retorno de Marcos e dos beduínos que nos acompanhavam.

Alcançamos o promontório de Ras el Ghor já bem avançada a noite.

Tudo correu bem.

A *Sem Nome* ficou ancorada na costa de seixos e os homens ajudaram a descarregar as caixas e a pequena mochila com meus pertences.

Montamos a tenda, jantamos, e Marcos e os demais embarcaram na segunda lancha, perdendo-se na noite.

O guia voltaria no dia seguinte a Belém.

Prometeu voltar no prazo de uma semana.

Eu sabia que isso era pouco provável.

Se estourasse a guerra, as fronteiras com Israel seriam fechadas. Abraçamo-nos e deixamos que Deus fizesse seu trabalho.

E ali permaneci, sob seu amparo.

A lua, infiel, havia fugido com outro às 21 horas e 12 minutos.

Não importava.

As estrelas, vestidas de branco, saíram para me receber.

E, de repente, percebi: o lago havia se apagado.

Era negro como uma boca de lobo.

E as dúvidas começaram a rondar: “Eliseu estava ali? Era tudo uma péssima interpretação de quem isto escreve?”.

Não podia ser.

Eu me refugiei no código: “E cada erro conduz à luz”.

Acabei dormindo, vigiado por oito mil estrelas brancas e outras tantas dúvidas negras.

¹ Ampla informação em *Cavalo de Troia 8 – Jordão*. (N. de J. J. Benítez.)

A quarta-feira amanheceu às 5 horas e 34 minutos.

Os céus me saudaram azuis.

O lago estava aceso de novo.

Ele estava fazendo a brincadeira de sempre: refletir o que estivesse à mão.

Sintonizei o rádio e alguém invisível deu vida ao deserto de pedra em que eu estava.

As notícias não eram ruins: eram piores.

Uns e outros – árabes e judeus – acusavam-se mutuamente. E os russos e norte-americanos esfregavam as mãos. Na vida sempre há tolos úteis.

O locutor falou de temperaturas moderadas. Não ultrapassaríamos os 28°C. Veríamos...

E os ventos se mostraram inquietos. Brincavam um pouco na margem do Mujib. Faziam ondas mixas e corriam para o outro lado montados em velocidades domésticas. Nenhum deles superava os 14,4 quilômetros por hora.

Tomei um banho, mas não consegui acalmar o nervosismo.

Devo ser sincero: estava tão excitado que não sabia o que fazer nem para onde olhar.

Fiquei desconfiado. Eliseu estaria me observando do lago? Talvez dos penhascos vermelhos?

Que estupidez!

Eliseu estava morto.

Não, não estava.

Eu estava ali por um motivo.

O código.

Fantasias!

Não, não eram.

Eu sei: estava uma confusão.

O que fazia eu no meio do nada, em um território onde uma guerra estava prestes a explodir?

Faltavam três dias!

Olhei a minha volta e me cansei de olhar.

Negativo.

Não notei nada estranho.

O vento ia e vinha ondulando a superfície do mar Morto. Isso era tudo.

Saí da água sem parar de olhar para trás.

Sentia medo, mas não sabia de quê.

E decidi que tinha que me manter ocupado. Não importava com quê.

Se Eliseu estivesse vivo, no dia 6 daria sinal de vida.

Era a única coisa com que devia me preocupar.

E tentei espantar as malditas dúvidas negras.

Tomei café da manhã e cuidei dos equipamentos transferindo-os ao convés da lancha.

Chequei até o último cabo.

Oficialmente eu era um caçador de bactérias, mas, na verdade, aquele aparato todo tinha outra finalidade, tão importante quanto improvável: o instrumental deveria me ajudar a saber alguma coisa do “berço”.

Conseguiria detectá-lo?

E cedo, antes que o sol despertasse, enchi o tanque da *Sem Nome* e me lancei ao mar.

A lancha colaborou desde o primeiro ronco do motor.

Era uma lancha inteligente.

Nós nos entendíamos com o olhar.

Ativei o “Navstar” e naveguei na direção indicada na tela do “buscador”.

Comecei pelo começo: situar as coordenadas que apareciam no código.

E foi nesse momento, ao explorar a superfície do lago, que senti falta dele.

Parei o motor.

Procurei no meio dos aparelhos.

Negativo.

Será que o havia esquecido em terra?

Como podia ser tão burro?

Voltei à foz do Mujib.

Virei a tenda de cabeça para baixo.

Negativo.

Havia esquecido o visor IV!¹

Será que o deixara em Washington D. C.? Provavelmente.

Amaldiçoei minha cabeça ruim.

Se a nave estivesse flutuando no mar de Sal, logicamente “camuflada” por infravermelho, não poderia vê-la. O visor IV era fundamental.

Não demorei a me resignar.

Por que achava que o “berço” estava no lago?

Era absurdo.

Se assim fosse, ao me ver na *Sem Nome* o engenheiro teria dado sinal de vida.

Por que esperar até 6 de outubro?

E mergulhado nesses pensamentos embarquei de novo e me dirigi ao ponto indicado pelo “Navstar”.

Coordenadas:

31° 27' 025” (N)

35° 33' 34” (L)

O mar Morto, como dizia, estava deserto.

Ao longe, na margem judaica, gritavam os brancos e os verdes do oásis de Ein Gedi.

Não respondi. Fiz-me de bobo.

Os penhascos jordanianos estavam num dia ruim. Estavam vermelhos e sérios. O arenito de Nubia observava com desconfiança: “O que fazia aquele humano idiota debaixo de um sol inclemente com um enorme *keffiye* xadrez vermelho na cabeça?”.

O vento ficou nervosinho e fez a *Sem Nome* cabecear. Nada sério.

Finalmente atingi o ponto desejado.

Olhei para todos os lados.

Negativo.

Revisei o “Navstar” 50 vezes.

Afirmativo.

Era o lugar indicado no código.

Eu estava nas coordenadas exatas.

Inspecionei de novo o lago. Desliguei o motor.

O vento e a correnteza nos empurraram com doçura para o Sudeste.

Negativo.

Ativei de novo o “Fita” e voltei às coordenadas.

Tomei referências.

Uma marca alta nos penhascos vermelhos e outra mais baixa na costa. Serviriam caso o “Navstar” parasse de funcionar.

E comecei a fazer cálculos com a ajuda dos equipamentos.

Foi quando tive aquela estranha sensação.

Olhei o relógio.

Eram 11 horas e 50 minutos.

Não sei explicar...

Senti uma presença atrás de mim.

Senti que me observava.

Meu pelos se arrepiaram.

Voltei-me, e obviamente não havia nada nem ninguém.

Observei a superfície do lago.

Negativo.

O vento brincava; nada mais.

Mas eu poderia jurar que...

E me dediquei ao que tinha que me dedicar.

A distância das coordenadas à praia do acampamento (em linha reta) era de 4,27259354 quilômetros.

Pelo outro lado – também em linha reta –, era de 12,20740645 quilômetros.

Batizei o lugar das coordenadas de “ponto vermelho”.

Muito bem. E agora?

Inspecionei de novo a superfície do *yam*.

Eu teria jurado que alguém me observava.

Isso era ridículo.

Não havia ninguém ali.

E hipotequei o resto da manhã na medição da profundidade.

Os aparelhos a estimaram em –720 metros. Isso dava uma profundidade real de 320.

Eu estava, portanto, sobre a fossa sul.²

Caramba!

Não havia como ancorar a *Sem Nome* ali.

E, de repente, tive de novo aquela sensação.

Voltei-me rápido.

Negativo.

E pensei: “Se a nave estivesse flutuando sobre o lago, mesmo que eu não visse, se rumasse a proa para esse lugar provavelmente me chocaria com ela”.

A ideia me pareceu um perfeito disparate.

Mas a sensação continuou em pé. Alguém me observava.

Fiz cálculos em uma vã tentativa de me distrair.

O “berço”, se bem me lembrava, havia afundado perto da costa jordaniana. Talvez a 500 metros. Por que o código indicava aquele ponto, a pouco mais de quatro quilômetros?

Finalmente me decidi.

Dirigi a *Sem Nome* para o local onde, supostamente, poderia encontrar o “berço”.

Se estivesse ali, eu não tardaria a vê-lo.

Mas, como imaginava, a lancha continuou navegando.

E me tranquilizei: “Pura fantasia”.

O calor se tornou insuportável e não tive remédio a não ser voltar à praia de pedra.

Naquela noite jantei carne refogada com vinagre; fria.

Não queria acender o fogo.

E dormi abraçando uma estrela.

Tinha que confiar.

¹ O visor IV era um par de binóculos de visão infravermelha com características especiais. Trabalhava com baterias tipo CR-123, com uma duração de 30 horas. Não precisava de ajuste interpupilar. A distância de detecção era de 300 metros, com um intervalo de enfoque de dez centímetros a infinito. Usava lentes de 26 milímetros, com um campo de visão de 40 ângstöms (1 quilômetro-640 metros). A resolução era excelente: 28-38 linhas por milímetro (G2 positivo). (N. do M.)

² A referida fossa sul se estende do wadi Mujib à zona de Ein Gedi. A profundidade oscila ao redor dos -730 metros. (N. do M.)

O alvorecer surgiu na quinta-feira às 5 horas e 35 minutos.
Chegou menos violeta que o habitual.
Por que não me dei conta de sua tristeza?
Alguma coisa se avizinhava.
Sintonizei o rádio.
Más notícias.
Decidi tomar banho.
Repassei o código, pela enésima vez, e tomei uma decisão.

E cada erro conduz à luz.
Também o sétimo.
Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.
Será o dia do relâmpago.

Era isso.
Tinha que ser muito rígido e me ajustar ao determinado pelo código: “Cem entardeceres”.
De café da manhã tomei café e comi ovos mexidos.
E, como disse, tomei a decisão de sair para o mar ao amanhecer e ao entardecer. Só.
Era o que indicava o código.
Se tivesse que acontecer alguma coisa, seria ao entardecer.
Ficar o dia todo no lago representava um desgaste significativo e desnecessário.
A umidade superava os 85%.
Era asfixiante.
As temperaturas subiam sem descanso.
Só ao entardecer, com a chegada da brisa do Mediterrâneo, suavizavam-se os vermelhos daquele forno.

E foi naquela manhã de quinta-feira, 4 de outubro, que me ocorreu algo que prometia.
Eu estava perto, muito perto da praia de pedra.
Poderia dar uma olhada.
Eu tinha o instrumental necessário.
Não tinha mais nada para fazer.
E rumei para o lugar que os satélites Big Bird e Landsat haviam indicado. Como se recordará, no dia 21 de julho Curtiss e os diretores notaram “algo” que aparecia preso entre os picos dos penhascos submarinos da costa jordaniana, não muito longe do Mujib.
Segundo os especialistas do Cavalo de Troia, aqueles restos pertenciam ao “berço”.
Era o *landing*, ou trem de pouso da nave.
Segundo as imagens feitas pelos citados satélites, os quatro pontos de apoio se encontravam a 60 metros de profundidade e a 140 metros, aproximadamente, da costa onde eu havia montado o acampamento.

Era uma oportunidade que, sinceramente, eu não havia contemplado.

E às 6 horas e 35 minutos, aproveitando o relativo frescor da manhã, dirigi a *Sem Nome* para a quadrícula estimada pelos satélites artificiais.

Tive um pressentimento.

Rejeitei-o.

E preparei o “ROV”,¹ um robô de pequenas dimensões e grande utilidade.

Estava capacitado para se mover em águas turvas ou de difícil acesso.

Era pequeno e bonito, como um bebê.

O manejo era simples.

Dispunha de um monitor com uma tela de 15 × 20 centímetros.

A guia havia sido reforçada com aço trançado de dois milímetros.

Ancorei o monitor no convés e lancei o robô na água.

E o “ROV” iniciou a busca.

O fundo, de fato, era rochoso, com um bosque de agulhas negras.

Fiz que descesse a 40 metros.

A escuridão era quase total.

E o “ROV” buscou, e buscou.

Desceu a 50 metros.

Negativo.

Tudo era escuridão e penhascos pelados.

Desceu então a 60 metros.

Diminuí a velocidade e tentei movê-lo com delicadeza.

O penhasco corria para a nascente do sima sul. Em breve, a profundidade despencaria para 330 metros.

E ali o mantive, a 60 metros, durante quase duas horas.

O calor estava apertando.

Negativo.

Não conseguia encontrar o trem de pouso.

E tentei mais uma vez.

O “ROV” focalizou uma das agulhas de pedra e julguei ver algo.

Caramba!

Ajustei a imagem e detive a navegação do robô.

Caramba, mil vezes caramba!

Era o *landing*!

Os satélites não haviam errado.

Ali estava, espalhado!

Aproximei o “ROV” e ele me forneceu detalhes.

Identifiquei a armação metálica retangular à qual estavam aparafusados os quatro pontos de apoio.

Meu Deus!

Depois, contemplei as antenas de aterrissagem dos radares, as sondas de percepção de cada pé e a escadinha. Ou melhor, parte dela, presa ao “cinturão”.

O que havia acontecido?

E me vi assaltado por dúvidas antiquíssimas: O “berço” realmente afundou? A nave

estava em algum outro lugar do mar Morto? Por que o trem de pouso se soltou? Que fim levou Eliseu?

Mas as surpresas não terminaram aí.

Uma hora depois, a 180 metros de profundidade e a quase 200 metros da costa, o “ROV” descobriu outros restos, supostamente do “berço”.

Fiquei perplexo.

Estavam igualmente espalhados pelo penhasco.

Aquilo não fora detectado pelos satélites.

O robô navegou repetidamente pela área e forneceu imagens familiares.

Eu as reconheci.

Não havia dúvida. Uma das peças era a *steerable*, uma das antenas de direção situada no alto do módulo.

A parabólica estava quase intacta.

Também vi parte da *egress*, ou plataforma de egressão.

E, um pouco além, a 190 metros de profundidade, o “ROV” localizou o resto da escadinha que ajudava a entrar e sair do “berço”.

Senti minha alma gelar.

Já não era só o trem de pouso.

Ali estavam outras partes da nave.

Meu Deus!

Teria se despedaçado ao se chocar com as águas?

Não sei.

Esqueci a promessa que fiz a mim mesmo e continuei rastreando o fundo até bem avançada a tarde.

Só encontrei naufrágios.

Voltei ao acampamento e analisei as imagens do “ROV” até a exaustão. E cheguei a uma triste conclusão: eu estava errado.

A nave caiu! Eliseu provavelmente estava morto.

E o código?

Naquela noite não consegui dormir.

Voltava a Israel? Faltavam dois dias para o não menos suposto estouro da guerra.

Talvez fosse tudo imaginação minha.

¹ O “ROV” (veículo por controle remoto) era a mais avançada tecnologia em exploração submarina. Eu o alugara em Washington D. C. com o resto do equipamento. Estava capacitado para descer a 200 metros de profundidade e captar imagens em alta resolução (570 linhas e 0,2 lux para cor e 430 e 0,03 para preto e branco). Um motor elétrico, sem escovas, proporcionava-lhe uma velocidade de três nós. Dispunha de quatro hélices, lâmpadas halógenas de quartzo e propulsão multidirecional. O cordão umbilical, de sete milímetros de diâmetro, reunia os sistemas de transmissão e ancoragem em uma única guia. Comprimento máximo: 250 metros. (N. do M.)

Ao amanhecer daquela sexta-feira, 5 de outubro, liguei o rádio.

Eu estava confuso e desesperado. O que ouvi também não me aliviou.

Golda Meir, primeira-ministra de Israel, havia acabado de voltar de Viena. Um grupo terrorista palestino, ao que parecia, havia sequestrado um trem.¹

E o que me importava isso?

Mudei de emissora.

A iminente guerra (?) não me interessava.

O “berço” estava ali, no fundo do mar de Sal, destruído.

Eliseu estava morto.

O locutor falou da Síria. Citou um jornal de Beirute, *Al Bayat*. Segundo o jornal, Damasco havia acabado de declarar estado de alerta em todas as suas unidades e convocado os reservistas e oficiais reformados.

“O ataque de Israel”, gritava o locutor, “é iminente.”

A Síria, ao que parecia, estava avisando os demais países árabes sobre a concentração de tropas judaicas na fronteira do Golan.

Que loucura!

Todas as notícias giravam em torno do mesmo assunto: Israel se preparava para atacar a Síria e o Líbano.

A jogada era perfeita.

Eu sabia, era tudo mentira.

Também chegavam notícias de Moscou: a URSS havia posto em órbita oito satélites da série “Kosmos” em um só dia!

Pesquisa espacial e científica?

Mentira!

Tudo estava programado para o acompanhamento da guerra.

Mudei de novo de emissora.

Os jordanianos se juntaram ao coro: “Israel se prepara para um ataque maciço”.

Era incrível! A opinião pública estava sendo manipulada mais uma vez.

Desliguei o maldito rádio e avaliei seriamente a possibilidade de voltar para Belém.

Era questão de me organizar. Eu podia carregar os equipamentos na *Sem Nome* e navegar naquele mesmo dia até a baía de Lisan. Ali devolveria a embarcação e contrataria um veículo que me levasse até a fronteira.

Se agisse com presteza – e assim estava escrito –, na madrugada de sexta-feira para sábado eu poderia estar de volta à casa de Marcos.

Mas, obviamente, isso não estava escrito.

E minha reação não teve nada a ver com a lógica.

Alguma coisa me puxava para o lago.

Não sei explicar.

Eu havia encontrado parte da nave. Se me esforçasse, talvez tivesse a sorte de encontrar

o resto.

Quem sabe...

Não eram esses os propósitos iniciais de quem isto escreve quando fui para Israel e Jordânia. Mas o que importava?

As circunstâncias haviam mudado.

Foi o que pensei.

Eu dispunha dos meios necessários para procurar o “berço”.

Estava no lugar certo e não tinha pressa. Ninguém precisava de mim.

Sobrava combustível e eu podia esticar a comida durante uma semana e meia. E, se fosse necessário, havia a possibilidade de me reabastecer em Al-Mazra’a.

Tive certeza.

Não surgiria uma oportunidade como aquela.

Eu tinha a obrigação moral de rastrear o lago e tentar encontrar meu colega.

Pobre tolo!

E o Destino me observou e sorriu, entretido.

E preparei tudo.

Carreguei na lancha o resto da guia do “ROV”, proporcionando-lhe, assim, 250 metros de cabo. Era tudo que eu tinha.

E às sete da manhã coloquei a *Sem Nome* na beira da fossa sul. A profundidade naquele ponto era de 200 metros.

O lago continuava deserto.

O robô, como já disse, podia descer a um máximo de 250 metros. Eu sabia que o sima atingia entre 300 e 330 metros, dependendo da área.

Não importava.

Eu varreria os arredores da fossa. Isso era suficiente, por ora.

Se não encontrasse a nave, arranjaría uma embarcação maior e solicitaria mais cabo. Mais cabo?

A companhia que havia me alugado o “ROV” ficava em Washington D. C. O “pedido” não era tão simples como eu imaginava.

Mas não quis pensar nesses “detalhes”.

Tinha mais o que fazer.

É curioso.

O achado do trem de pouso e das demais peças da nave apagou de minha mente o código. O objetivo capital daquela viagem – descobrir se Eliseu continuava vivo – desapareceu.

Como é frágil a vontade humana!

Repassei de novo o instrumental, firmei a ancoragem do monitor ao convés, chequei a guia do robô e, satisfeito, joguei-o na água.

Assim começou aquela nova e incrível aventura.

O “ROV” mergulhou docilmente.

E em segundos surgiu a escuridão.

Os focos procuraram e procuraram.

Cem metros.

Negativo.

A tela do monitor continuou mostrando rampas forradas de pedras que se precipitavam, irremissivelmente, para o grande sima.

Que visão angustiante!

A solidão, naquele mundo, era para sempre.

Escuridão e mais escuridão.

O robô não encontrava um só vestígio de vida.

Era a morte líquida.

As agulhas mostravam suas arestas, surpresas com as luzes halógenas.

Cento e cinquenta metros.

Em uma das encostas apareceu um naufrágio.

Parei o “ROV”.

O aparelho inspecionou os restos minuciosamente.

Alarme falso.

Tratava-se de um barco de ferro, morto sobre bombordo, com o casco roído pelo sal.

O encontro me entreteve um pouco.

O “ROV” levantou uma coluna de pó e a solidão agradeceu.

Duzentos metros.

O cabo guia se aproximava do limite.

Consultei o relógio.

Marcava 11 horas e 20 minutos.

O sol, louro e redondo, havia optado por se sentar no alto.

E me contemplava curioso.

Ao que parecia, não tinha intenção de seguir seu caminho.

Comecei a transpirar copiosamente.

Tinha que dar um tempo e descansar.

Eu me sentia esgotado.

O sono bateu na porta, com razão.

E nisso as imagens do monitor ficaram estranhas.

Agitaram-se, e o fundo de pedra desapareceu.

Caramba, interferências!

Interferências? Naquele abismo?

Procurei pensar.

As perturbações na recepção radioelétrica só podiam ter duas origens: naturais, por conta de parasitas atmosféricos, ou artificiais, provocadas por aparelhos elétricos. Havia uma terceira possibilidade – a interferência intencional –, mas não a considerei.

O céu estava azul. A presença de parasitas engendrados por uma borrasca não fazia sentido.

Deviam-se as interferências a parasitas industriais, nascidos de aparelhos elétricos?

Eu estava no meio do mar Morto.

Os sistemas elétricos conhecidos estavam muito longe: em Ein Gedi (a quase 21 quilômetros) e na cidade do potássio, ao sul do *yam* (a quase 38 quilômetros).

Não entendi.

Aquilo não fazia sentido.

Tentei recuperar o sinal.

Negativo.

Briguei com os comandos e com a tabela de tons de cinza durante cinco minutos.

Impossível.

A tela ficou definitivamente suja. Aquilo era um enxame de linhas e de pontos brancos.

Eu não conseguia identificar absolutamente nada.

O que estava acontecendo?

Não podia ter tanto azar.

E tive um pressentimento.

Olhei a minha volta.

O lago continuava rosa e azul e muito quieto. Parecia expectante.

O que estava acontecendo?

Mexi de novo no monitor.

Foi inútil.

O robô estava aparentemente avariado.

Dez minutos depois, irritado, desliguei-o.

“Se a avaria tiver sido significativa”, pensei, “adeus.”

Não quis ser agoureiro.

Pensei em içá-lo, mas estava cansado.

Faria isso mais tarde.

E fui me sentar na popa, ao lado do timão.

Cobri-me com o escandaloso *keffiye* xadrez vermelho e branco e tentei pensar.

Que situação!

O “ROV” havia malogrado em plena busca.

Ali estava, morto, a 200 metros de profundidade. Minto: a 210.

“Que mancada”, eu me recriminava, “que mancada!”

O silêncio voava a seu bel-prazer pelo *yam*.

“E se não conseguisse fazê-lo funcionar?”

Espantei a ideia.

“Tinha que funcionar! Eliseu estava ali embaixo, em algum lugar! Tinha que encontrar o ‘berço’!”

A *Sem Nome* brincava com o vento e se embalavam mutuamente. Não tinham mais nada a fazer.

E a falta de sono cobrou a conta.

Acabei cochilando.

Não sei quanto tempo permaneci naquele limbo.

Talvez cinco minutos...

A questão é que, de repente, um barulho me acordou.

Foi um golpe seco.

Foi na quilha, para a proa.

Caramba!

E, imediatamente, antes que eu conseguisse reagir, a lancha estremeceu.

Foi uma sacudida breve e intensa.

Afastei o turbante.

O que havia sido aquilo?

Levantei-me com um salto e explorei as águas, alarmado.

Pensei em um bloco de betume.

Às vezes escapavam do fundo pelas fendas e flutuavam à deriva, impulsionados pelas correntes e os ventos. Eu os havia visto durante a estada do Mestre na cidade de Sal.

Alguns eram enormes como hipopótamos.

Percorri de novo o lago com a vista.

O vento não era intenso. Devia manter uma velocidade média de 13 quilômetros por hora.

Negativo.

Não se viam ali blocos de asfalto.

Também não vi barco algum.

Eu estava perplexo.

Havia sido um sonho? Talvez.

E me tranquilizei, relativamente.

Sentei de novo e refleti.

Não foi muito o tempo que pude dedicar a pensar.

De repente, a *Sem Nome* sofreu outra sacudida.

Cabeceou, e achei que se movia.

Precisei de alguns segundos.

Estava sonhando de novo?

Levantei-me e comprovei que, efetivamente, a embarcação estava navegando... sem motor!

Suponho que empalideci.

Que diabos estava acontecendo?

Olhei na caixa do motor. O “Fita” estava mudo, mais desconcertado que quem isto escreve.

Belisquei-me.

Não estava sonhando.

A lancha estava navegando! Devagar, mas navegava.

Dirigia-se ao oeste, para o centro do lago.

Caminhei para a proa. O nervosismo se derramava a cada passo e se retorcia no convés.

Que diabos estava acontecendo?

Então, eu o vi.

Parei assombrado.

Não era possível...

O cabo do “ROV” estava tenso!

Alguma coisa o puxava!

O atrito com a madeira o fazia gemer.

Caramba, mil vezes caramba! Alguma coisa arrastava a *Sem Nome*.

Precisei de alguns segundos para compreender. E mesmo assim... Não podia acreditar no que via.

Quem, ou o que, estava puxando a lancha?

E voltou o pressentimento.

Rejeitei-o, naturalmente.
Não podia ser o “berço”.
Procurei ser frio.
Seria um animal?
Impossível.
Naquele mar não havia vida, salvo algumas malditas bactérias.
Estaria eu diante de um ser fantástico e desconhecido?
Isso era lenda.
Minto. Havia um animal ali: eu.
Como não me dei conta?
Que burrice!
Olhei pela proa e verifiquei que a guia continuava tensa.
O que quer que fosse puxava com firmeza e com suavidade. Parecia não querer machucar a embarcação.
Um “animal” (?) preso no cabo teria se comportado de outro modo.
Mas em que estava pensando?
Observei fixamente as águas.
Negativo.
Não notei borbulhas, pelo menos não nas proximidades da *Sem Nome*.
O monitor resistia ancorado à madeira do convés.
O sol saía andando, não menos perplexo.
Quanto tempo se prolongou o arraste?
Ignoro.
Perdi a noção do tempo.
Não sabia se gritava, chorava ou me jogava pela borda.
Estava ficando louco?
E o medo assomou sua cabeça sem rosto pelo vão da caixa do motor.
Caramba!
Mas, subitamente, o cabo afrouxou, e a embarcação diminuiu a marcha.
Atrevi-me a segurar a guia e notei que não suportava o peso do robô.
Fui recolhendo o cabo e o coloquei na *Sem Nome*.
Maldição!
O “ROV” havia se perdido.
E ao chegar ao final da guia fiquei novamente atônito.
Santo Deus!
Estava cortada de modo limpo, como se o aço trançado fosse uma cenoura.
Ao tocar a ponta me queimei.
Não era possível! Aquilo era coisa de maluco.
O que é que havia cortado o aço?
Consultei o relógio: 11 horas e 53 minutos.
Observei de novo os horizontes.
Nem uma alma.
Nada de blocos de betume. Nem uma única borbulha. Nada.
Comecei a me preocupar.

O sol e a solidão me faziam ter visões.

Mas não.

Aquele cabo cortado como se fosse um pedaço de manteiga não era uma alucinação.

E o pressentimento ficou cada vez mais forte.

Mas, tão idiota, continuei ignorando-o.

Eu era um cientista, ou melhor, um cientista estúpido.

Não consegui encontrar uma única explicação medianamente razoável para o que havia acontecido.

E não consegui porque simplesmente não existia uma.

Foi o que pensei.

Por fim, os pensamentos se concentraram no robô.

O que eu diria à empresa proprietária?

A que absurdos se chega em situações críticas!

Voltei à popa e tentei reconstruir o acontecido mais uma vez.

Primeiro foi a batida sob a quilha. A *Sem Nome* estremeceu e começou a navegar sem motor. Depois o cabo... O “ROV” se perdeu.

Fim da loucura.

Mas as reflexões duraram pouco.

Subitamente, a cinco metros da popa, debaixo do meu nariz, surgiu “aquilo”.

Era laranja, do tamanho de uma bola de rúgbi.

Pensei em uma boia.

De onde havia escapado?

A pergunta era insubstancial.

O mar Morto era uma lixeira. Podia proceder de qualquer lugar.

Flutuou por um tempo perto da *Sem Nome* (acho que divertida diante da visão daquele tolo sem tamanho).

Notei algo estranho na “boia”.

E a curiosidade ligou o motor.

Aproximei-me e descobri que não era uma boia. Parecia, mas não era.

Pareceu-me familiar.

Tirei-a da água e, ao examiná-la, entendi.

E nisso estava quando, de repente, a três metros, vi aparecer uma segunda “boia”.

Caramba!

E agora, o que estava acontecendo?

Joguei a primeira dentro da embarcação e “pesquei” a segunda.

E permaneci com a vista fixa na água – como um idiota –, caso surgisse mais alguma.

Não houve mais “boias”.

Desliguei o motor e contemplei a “pesca” desconcertado.

Estudei-as devagar.

Eram gêmeas.

Tratava-se de duas das 12 baterias ou acumuladores que guardávamos no “berço”. Na nave, como expliquei anteriormente, armazenávamos uma dúzia dessas baterias de lítio.

Estavam distribuídas estrategicamente e costumávamos utilizá-las em assuntos menores. A voltagem nominal era de 3,7 volts.

As vezes, como acho que já mencionei, foram usadas como alimentadores de lanternas. A carcaça as tornava à prova d'água e garantia a fluatibilidade. Tinham 30 centímetros de comprimento e um peso aproximado de 500 gramas.

E me fiz a grande pergunta: como chegaram à superfície?

Lembrei que os satélites haviam detectado um cacho de acumuladores a 330 metros de profundidade, na fossa sul, e a 500 metros do Mujib.

Inexplicavelmente, essas baterias estavam ativadas e agrupadas, como se fossem balões, e presas no fundo do lago.

As fotografias dos satélites feitas em julho advertiam que a “mancha laranja” era uma fonte de calor de origem química. Na sala das “tempestades”, em Edwards, discutimos muito sobre o assunto.

Pouco depois, em 21 de julho, as baterias se desligaram (?) de forma igualmente misteriosa.

Permaneceram ativas durante 23 dias.

Ninguém na área restrita sabia explicar o enigma dos acumuladores.

E repeti a pergunta: como atingiram a superfície do *yam*?

Naquele momento, a *Sem Nome* estava longe da fossa sul. Sob a quilha tínhamos 210 metros de água, e o cacho de acumuladores fora detectado a 330.

Alguma coisa não estava certa.

“Poderiam ter sido arrastadas pelas correntes”, disse a mim mesmo.

Nesse caso, onde estava o restante das baterias?

Continuei inspecionando-as.

Que estranho!

Por que haviam aparecido ao lado da lancha logo depois do arraste da *Sem Nome* e do corte do cabo?

E, de repente, reparei em umas fitas adesivas pretas que abraçavam o equador dessas baterias.

Não me lembrava de tê-las visto antes.

Descolei uma delas e descobri uma palavra escrita em preto com grandes caracteres.

Ao ler, quase caí de costas.

Santo Deus!

Limpei bem a superfície.

Reconheci a letra nervosa de Eliseu.

Santo Deus!

Era ele! Estava no lago!

Levantei-me e explorei os horizontes como se minha vida dependesse disso.

O *yam* continuava azul e adormecido.

E li de novo: “*Yobi*”.

A palavra era hebraico sagrado.

Significava *bellinte*: a beleza e a inteligência de *Abba* na hora de criar.²

Senti um calafrio.

Aquela palavra só três pessoas conheciam: Curtiss, o engenheiro e eu.

Era um termo afortunado que eu repetia com frequência nos diários.

Havia sido escrita, obviamente, por Eliseu. Depois, ele a ocultara com fita adesiva.

E me perguntei, como um perfeito tolo: “Qual o sentido de tudo isso?”.

A resposta foi fulminante: “Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido”.

Mas continuei no ar.

Sou burro, eu sei. Sempre fui. Já me dizia meu avô.

E a estranha sensação voltou: alguém estava me observando.

Cansei de explorar o *yam*.

Não encontrei nenhuma outra bateria.

O segundo acumulador continuava sobre o convés.

Tinha também uma fita adesiva preta que o cercava pela cintura.

Ocultaria outra mensagem?

Não descolei a fita.

Quis adivinhar.

Impossível.

Entrar na labiríntica mente do engenheiro era inviável.

Eu me rendi.

O acumulador, eu sei, também riu de mim.

Descolei a fita, e, ao encontrar a palavra, meu coração quase escapou pela boca.

Empalideci.

Procurei reprimi-las, mas foram mais fortes que eu.

E as lágrimas caíram sobre a *Sem Nome*. A lancha não sabia o que fazer.

Chorei de nervosismo.

Já não havia dúvida.

Eliseu estava vivo!

Ele sabia de meu grande amor por Rute e havia escrito um termo que eu utilizava nos diários para nomeá-la:

“MATCH.”

Estranhei. O nome estava mal-escrito.

Fiquei no lago até cair a tarde.

“Cem entardeceres depois de morto.”

E voltei à praia de pedra.

Meu ânimo serenou pouco a pouco.

As perguntas, porém, fizeram fila na porta.

Havia de todas as cores.

Não havia dúvida: Eliseu continuava vivo. Mas como conseguira? Por que estava ali? O que pretendia? Aquilo era uma brincadeira? O que quem isto escreve tinha que fazer? Devia fazer contato com ele? De que forma? O “berço” é que havia arrastado a *Sem Nome*? Foi Eliseu quem cortara o cabo? Por que não aparecia de uma vez? O que estava esperando?

E o código soou “5 × 5” na recordação:

E cada erro conduz à luz.

Também o sétimo.

Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.

Será o dia do relâmpago.

E, com o alvorecer, caí em um sono profundo.^{[3](#)}

¹ O jornal *Al Nahar* publicava uma mensagem das “Águias da revolução palestina” se responsabilizando pelo sequestro de um trem em Viena, que fora assaltado pelos palestinos no fim de setembro. Os guerrilheiros exigiram de Bruno Kreisky, chefe do governo da Áustria, o fechamento imediato do acampamento de trânsito de Schoenau, ocupado por emigrantes judeus russos com destino a Israel. Golda foi para Viena para tentar convencer Kreisky da necessidade de manter aberto, e em pleno funcionamento, o referido castelo de Schoenau. Os guerrilheiros ameaçaram a Rússia dizendo que tomariam represálias contra suas embaixadas no mundo se Moscou continuasse autorizando a saída de judeus soviéticos. Golda voltou a Israel sem acordo com os austríacos. (N. do M.)

² *Bellinte* era uma palavra utilizada pelo Mestre. Foi uma invenção dele; uma licença literária. *Bellinte* como tal não existe em aramaico, nem em hebraico, nem em koiné (grego internacional). Ele falava de *yobi*, que poderia ser traduzido como a soma da metade das palavras *yofi* (“Beleza” em hebraico) e *biná* (“Inteligência”, também em hebraico sagrado). *Yobi*, portanto, seria equivalente a *bellinte*. (N. do M.) Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

³ Estava esquecendo. Os acumuladores tinham números. De início os considerei referência de fabricação. No primeiro li: “53-1357”. A segunda bateria tinha gravada a seguinte sequência: “41-4-35”. Como dizia o Mestre, “quem tiver ouvidos, que ouça”. (N. do M.)

Tive um sonho misterioso. Mais um.

E recordei as palavras do Homem-Deus: “Procura a pérola nos sonhos”.

Em um primeiro momento o atribuí à tensão daqueles dias.

Agora, não sei o que pensar.

E nem sequer sei se foi um sonho.

Isto é o que recordo:

Era sábado, 6 de outubro.

No sonho eu consultava um calendário árabe e confirmava. Estava marcado em vermelho.

Era um dia sobressalente, mas eu não sabia por quê.

Que absurdo!

Na tenda de campanha, na foz do Mujib, eu não tinha calendário.

Saí precipitadamente da tenda. Gritava sem parar: “É o dia do Perdão!”.

Pulei na *Sem Nome* e naveguei a todo vapor para o “ponto vermelho”.

O sol me viu e se dirigiu também para o oeste. Eu corria mais.

E ao chegar ao lugar marcado pelo “Navstar”, eu o vi.

Apareceu de repente.

Imaginei que havia permanecido “camuflado” em IV (infravermelho). Pura precaução.

Era o “berço”!

Flutuava docemente, sem vontade.

O sol lhe arrancava brilhos avermelhados. Que ladrão!

Reparei em um detalhe: no alto da nave faltava uma antena de direção. E recordei que havia visto essa parabólica entre as agulhas rochosas do fundo do lago.

Aproximei-me a 50 metros.

Eliseu tinha que estar lá dentro.

Então o vi.

Era ele!

Cumprimentou com o braço erguido e, sem esperar resposta, pulou na água.

Estava vivo!

Controlei o relógio.

Que mania!

Por que me preocupava tanto com a hora? Aquilo era só um sonho.

Eram 17 horas e 10 minutos.

Faltavam 11 para o ocaso.

“Caramba!”, pensei. “Sobre o que se pode falar em 11 minutos?”

Eliseu nadou para a lancha.

Que estranho! Nadava como os cachorros.

Pensei em me aproximar.

Não tive opção.

Nisso, ouvi um rugido.

Levantei a vista e identifiquei uma formação de aviões de combate.
Eram “Mirages”.
Procediam do norte. Voavam a pouca altura.
Não tardariam a sobrevoar o “berço”.
Eu poderia jurar que o haviam visto.
Gritei para Eliseu e apontei para os cinco aviões.
O engenheiro estava ciente.
Tirou o braço direito da água e dirigiu uma espécie de caixinha azul, como de cigarros, para o “berço”. Eu não sabia o que era.
E imediatamente a nave desapareceu da vista.
Compreendi.
O engenheiro havia ativado alguma espécie de comando e o “Papai Noel” ligara a “projeção”.
“Papai Noel”, o querido computador central!
Eu também sentia falta dele.
Três segundos depois os caças nos sobrevoaram a 150 metros.
Ostentavam a estrela de Davi na fuselagem.
Estavam armados até os dentes.
Foi um trovão.
Nisso, acordei.
Olhei a minha volta, angustiado.
A luz do dia brincava com as cortininhas da tenda.
E um estampido fez oscilar a lanterna pendurada no teto.
Os caças! Eliseu!
E recordei o sonho.
Abandonei o colchonete e saí da tenda de campanha desconcertado.
Uma formação de três F-4 acabava de sobrevoar a praia do Mujib.
Dirigiam-se para o oeste.
Quase lambiam as pedras.
Eram judeus.
Ao se perderem no horizonte, julguei ouvir detonações. Pareciam tiros de canhão.
Ouviam-se distantes, além da margem ocidental do mar Morto.
Os Phantom tomavam essa direção.
Sim, eram canhões.
Os disparos eram contínuos.
Consultei o relógio: 14 horas e 20 minutos.
Eu havia dormido a manhã inteira.
E, de repente, recordei o início do sonho: 6 de outubro!
As imagens me atropelaram.
Vi Curtiss com o documento “azul” e secreto que anunciava a quarta guerra árabe-israelense.
Vi também o código e o “berço” flutuando no *yam*.
Havia estourado a guerra!
Corri para dentro da tenda e liguei o rádio.

Passei de uma emissora a outra.

A confusão era total.

Precisei de tempo e paciência para entender o que estava acontecendo.

Todos – árabes e judeus – proclamavam uma grande vitória.

As emissoras falavam de um ataque simultâneo lançado pelo Egito e pela Síria às 13 horas e 58 minutos.

Fazia 22 minutos!

A VI Frota norte-americana no Mediterrâneo estava em estado de alerta máximo.

O Egito, ao que parecia, estava atacando o Sinai. A Síria atacava pelo leste, na zona do Golan.

Malditos bastardos!

O plano Rapto de Europa estava em andamento.

Maldito Nixon! Maldito Brejnev!

Era *Yom Kippur*, dia da Expição ou do Perdão; um dia sagrado para os israelitas. Tudo ficava paralisado no país. Os judeus, onde quer que estivessem, se retiravam para rezar e pediam perdão pelos pecados cometidos durante o ano. Nada funcionava, salvo os serviços de urgência.

Os árabes haviam previsto tudo.

Ou melhor, os russos e meus compatriotas. E continuei ouvindo perplexo e angustiado.

Caças sírios – Mig-21 – atacavam as alturas do Golan, ao nordeste da Galileia.

A artilharia estava lançando uma cortina de fogo e metralha sobre os tanques judeus e sobre o quartel-general da Brigada Israelense, em Naffaj.

Setecentos tanques sírios avançavam com fúria para o nordeste de Israel.

Dois minutos depois – 14 horas –, a 640 quilômetros ao sudeste, oito mil infantec egípcios iniciavam o cruzamento do canal de Suez, atacando a península do Sinai.¹

Mil canhões enterrados nas dunas da margem oeste de Suez atiravam simultaneamente contra os 600 judeus que defendiam as fortificações da linha Bar-Lev.

Os soldados egípcios portavam lança-granadas russos RPG-7 e canhões antitanque, também soviéticos, do tipo Sagger.

Os sírios, por sua vez, haviam sido dotados por Moscou com os temidos foguetes Sam 6 e Sam 7.

Os aviões judeus caíam como moscas.

Ao voar baixo para tentar evitar os Sam, os Skyhawk, os Mirages e os Phantom israelitas encontraram a armadilha mortal dos canhões antiaéreos CSU-23, capazes de disparar quatro mil projéteis por minuto.

Uma hora depois do início da guerra, os exércitos judeus estavam sendo massacrados.²

Os papa-hóstias de Washington se pronunciaram e tiveram a desfaçatez de apregoar que “aquela guerra havia sido uma surpresa”.

Malditos políticos e malditos militares!

Hipócritas!

Fiquei colado ao rádio até que ela apareceu.

Oh!

Eu a vi recortada na porta da tenda.

Seu cabelo escondia seus lindos seios.

Ela me olhou muito séria e exclamou, apontando para o lago:

– Está na hora. Vamos!

Deu meia-volta e se afastou na ponta dos pés.

O que fazia a bela intuição no meio de uma guerra?

Não demorei nem um segundo para abandonar a tenda de campanha.

Pois bem, ela já não estava mais lá.

Como fazia aquilo?

Ao longe – em direção ao Sinai – ouviam-se detonações. O chão tremia e o céu se doía.

Eram 16 horas e 30 minutos.

Sim, havia chegado a hora; o grande momento.

Pulei para dentro da *Sem Nome* e rumei para o “ponto vermelho”.

“Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.”

Faltavam 51 minutos para o pôr do sol.

– Vamos, vamos!

Os gritos animaram a *Sem Nome*. Ela parecia saber o que estava acontecendo.

E voou...

O céu, a oeste, havia começado a se tingir de vermelho.

Era sangue humano que espirrava.

Os Sam 6 feriam os azuis repetidamente.

Os aviões judeus morriam.

Depois eu soube: naquele momento entraram em ação 240 aviões egípcios e mais de três mil foguetes.

Combatiam em terra, no ar, no canal e especialmente nos corações. Eram três mil anos de ódio.

Que grande amnésia é a guerra!

Eu estava a 360 quilômetros do Sinai, e a 200 dos altos do Golan, mas o fogo e a morte caíam dentro de mim.

Vi passar novas esquadrilhas de aviões judeus.

Nenhum prestou atenção em mim.

O dia ficou pastoso, como os olhares dos homens em guerra.

E os ventos se remexeram raivosos.

A guerra é assim: confronta todos contra todos.

E chegou um momento em que o sol se negou a avançar.

Ele sabia o que o esperava no oeste.

A *Sem Nome* precisou de 40 minutos para atingir o “ponto vermelho”.

O “Navstar” avisou.

Estávamos nas coordenadas indicadas pelo código.

17 horas e 10 minutos.

Faltavam 11 para o ocaso, supondo que o sol decidisse descer.

Não o culpo.

Mil canhões vomitando metralha são muitos canhões.

As detonações, o vermelho sangue e as estelas dos Sam 6 e dos Sam 7 haviam se

incorporado à paisagem.

Identifiquei aviões F-4, Mirages, Baraks, Skyhawks (tipo A-4) e até Mystères e Super Mystères.

Todos judeus.

Todos em voo baixo.

Todos desesperados.

Mais de 50 sobrevoaram minha cabeça.

Não os vi retornar a suas bases.

“Mau sinal”, pensei.

17 horas e 15 minutos.

Faltavam seis para o grande momento.

O “berço” apareceria? Eu conseguiria ver Eliseu? O que havia acontecido?

Parei o motor.

O vento notou e nos empurrou para o sudeste.

Ficou bonito, com rajadas de 27,8 quilômetros por hora.

Não me importava. Eu tinha mais o que fazer.

O sol continuava na dúvida. Deixava-se cair ou não?

Afinei os sentidos.

Tinha que ficar muito atento.

A nave estava perto, eu sabia.

Talvez houvesse sido “camuflada” em IV. Por isso eu não a via.

Os reflexos rosa fugiram do lago. O vento deixou cair outros, azuis, mas ninguém reclamou.

O sol, valente, continuou descendo sobre o Sinai.

17 horas e 20 minutos.

Começou a escurecer.

O nervosismo se desatou de novo e o vi serpentear pelo convés.

Repassei o código mentalmente.

Tinha que me ocupar com alguma coisa.

E cada erro conduz à luz.

Também o sétimo.

Cem entardeceres.

Uma voz dentro de mim me interrompeu:

– Confia!

Foi quando notei aquelas borbulhas na proa, bem pertinho.

Atenção!

Foi breve.

E fez-se o silêncio.

Os tiros de canhão continuavam ao longe, mas os apaguei.

Atenção!

Meu coração bombeava ansioso.

Os calafrios me percorreram.

Outra vez aquela sensação: eu me senti observado.

Não sabia o que fazer.
Olhava, mas não via. Ouvia, mas não escutava.
Sim, mas sentia.
A nave estava ali. Eu a sentia.
Então, julguei ouvir novas borbulhas, mais perto. Eu diria que na proa.
Meus pelos se arrepiaram.
Pensei tudo em segundos: Eliseu? Estava nadando para mim? O “berço”? O que devia fazer? Ligava o motor? Esperava?
A água continuou se agitando na proa.
Engoli em seco, armei-me de coragem e caminhei para o local das borbulhas.
Parei na proa.
Estava suando.
Estava com medo.
Por que estava com medo?
Não sei.
Finalmente olhei nas águas.
Meu coração olhou décimos de segundo antes de mim.
Santo Deus!
Mas que susto!
Não vi nada.
Alarme falso.
Tentei me acalmar.
Acaricieei meu coração, e o coitado diminuiu o ritmo.
Estava começando a ver fantasmas.
Sentei-me na proa.
O sol desapareceu no Sinai. Que coragem!
A maldita guerra o teria engolido? Fora derrubado?
17 horas e 21 minutos.
O vento se fez dono e continuou empurrando a *Sem Nome*.
O que devia fazer?
Era o momento do encontro com Eliseu. Era o que eu pensava.
“Cem entardeceres depois de morto viverá o não vivido.”
Mas o que tinha que viver? Em que consistia o jogo? Ou não era um jogo?
Xinguei-o.
E gritei seu nome até quase ficar rouco.
Então, ouvi risadas.
Caramba, mil vezes caramba!
Risadas? No meio do nada? Eu estava pior do que imaginava.
Vinham da popa. Hesitei.
E as escutei de novo.
Eu conhecia aquelas risadas. E me decidi.
Caminhei para o timão.
A embarcação me solicitava. Flutuava sem rumo.
Não lhe dei bola.

Mas o vento chacoalhou a *Sem Nome* e ouvi a voz da lancha pedindo auxílio.

E me compadeci.

E esqueci as risadas. Estava alucinando.

– Já vou, querida! – disse em voz alta. – Já vou!

E ouvi de novo as risadas. Também na popa, e mais claras.

Fiquei petrificado.

Não estava alucinando.

Os habitantes do lago falavam de sereias belíssimas, de cabelos louros e olhos verdes, que hipnotizavam os homens curiosos e imprudentes. Depois de seduzi-los com suas risadas e cânticos, arrastavam-nos ao “bosque petrificado”, no Lisan, e os devoravam.

Olhei pela popa com precaução. Precaução ou medo?

Não acreditava nas lendas, mas nunca se sabe.

Santo Deus!

Meu coração pulou na água, definitivamente.

E, desconcertado diante daquela “visão”, só consegui dar um passo atrás.

E o Destino sorriu, entretido.

Minha proverbial estupidez e o acaso (?) fizeram que eu trombasse com a parte alta da caixa do motor e que me precipitasse na água de costas.

Não pude evitar.

Eu me esborrachei na água.

Caramba!

O turbante, mais esperto, ficou pelo caminho.

Quando saí à superfície, estava flutuando perto da popa.

A *Sem Nome* havia ficado sem fala também.

E escutei de novo as risadas.

Risadas não: gargalhadas.

Ao levantar a vista para a lancha, vi uma mão aberta e estendida para quem isto escreve.

E uma voz familiar aconselhou:

– Vamos, Major!

Segurei-me com as duas mãos e o engenheiro me puxou, erguendo-me como uma pluma.

Fiquei contemplando-o no meio da lancha de boca aberta.

Era ele!

Estava nu, com uma pequena tanga preta.

Percorri-o dos pés à cabeça incrédulo.

O esforço e os sacrifícios haviam valido a pena.

Eliseu, sempre sorrindo, permitiu que o examinasse.

Seu cabelo era comprido e preto, sem um único fio branco.

Os cabelos grisalhos de tempos passados eram uma recordação.

Tinha um corpo musculoso, sem sombra das “recentes” (?) doenças.

Sua pele brilhava lisa e bronzeada.

O engenheiro não aparentava nem 20 anos.

Sua dentição era branca e impecável.

Meu Deus!

Eu o havia visto agonizante.³

Seus olhos tinham luz própria. Ele parecia feliz e sereno.

No pescoço, a placa de identidade e uma caixinha de vidro (?) de uma tonalidade azul turquesa.

Eu a vira no sonho!

Era de pequenas dimensões, como um maço de cigarros.

Eu não sabia o que era.

Finalmente nos abraçamos.

Não houve palavras.

De repente, outra formação de F-4 nos sobrevoou a baixíssima altura.

O estampido nos assustou.

A morte – preta e vermelha – lutava no horizonte.

– Vamos, Major! – exclamou Eliseu indicando as luzes dos Phantom. – Este não é o melhor lugar para conversar.

Ele tinha razão.

Liguei o motor e rumei para o Mujib.

Mas, de repente, percebi:

– E o “berço”?

O engenheiro apontou a caixinha azul e replicou:

– Sem problemas.

E perguntou malévolo:

– Ainda há cerveja gelada no acampamento?

De início não reagi.

Como ele sabia do acampamento?

Minha pergunta era uma estupidez.

E escolhi o silêncio.

Às 18 horas e 40 minutos, já escuro, sentamo-nos à porta da tenda e bebemos umas cervejas (não geladas, evidente). E iniciamos uma longa conversa.

Eliseu foi esclarecendo dúvidas, mas não todas.

Começou pelo começo.

O que aconteceu naquele sábado, 17 de janeiro do ano 28, quando perdi a consciência na praia de Saidan?⁴

– Nós nos assustamos. Você vomitou sangue e caiu duro.

Eliseu sabia resumir.

– Levamos você para o “pombal”, no casarão dos Zebedeu.

Fez uma pausa.

Sei que ele não gostava de recordar aqueles momentos, mas era necessário. E prosseguiu:

– Fizeram todo o possível. Chamaram os melhores “auxiliadores”.

O rapaz meneou a cabeça.

– Você estava morrendo. Assim se passaram as horas. Kesil e Abril não saíam do seu lado. Mas você não reagia a nada.

Escutávamos os tiros de canhão ao longe.

– Eu pensei muito – prosseguiu Eliseu. – Não havia mais nada a fazer. Finalmente, tomei uma decisão. E na segunda-feira, 19, subi ao Ravid. Fiquei ali três dias. Estava desesperado. Não sou médico. Achei que você ia morrer. Não sabia o que fazer.

Foi o único momento da conversa (mais um monólogo) em que Eliseu empalideceu.

– Eu havia lido os diários atentamente.

Olhou-me procurando minha compreensão.

Sorri.

O assunto já não tinha importância.

– E, como disse, amadureci um plano.

Não era preciso ser muito esperto para imaginar a que plano estava se referindo.

– Trabalhei a ideia durante esses dias – continuou. – O “Papai Noel” me deu uma mão.

Recuperou o sorriso e prosseguiu:

– O plano era simples. Primeiro eu o devolveria a 1973. Era o único jeito de salvar sua vida. Depois, retornaria ao Mestre.

Fingi que não entendia.

– Voltar?

– Você sabe o que quero dizer.

Fingi surpresa.

– Se tudo corresse bem – acrescentou –, uma vez concluída a vida pública do Filho do Homem, eu voltaria a 1973 e me juntaria a você em algum lugar.

Continuou sintetizando:

– Mas como fazer isso? Como avisá-lo? A solução foi o código.

Deixei-o falar. Eu tinha muitas perguntas, mas decidi esperar.

– Introduzi uma série de erros menores nos diários. Eu sabia que você os detectaria.

Sorri de novo com malícia.

– Você é rigoroso e sua memória não tem igual. Cedo ou tarde você notaria. E assim foi, obviamente.

Assenti em silêncio.

– Se os diários houvessem caído em outras mãos, as anomalias em questão teriam passado despercebidas, quase com certeza.

Ele tinha razão.

E o interrompi:

– Como sabia que a guerra ia começar hoje?

Ele me olhou estupefato.

Entendi.

Eliseu – não devia esquecer – pertencia (ou havia pertencido) à elite da Inteligência Militar. A pergunta era desnecessária.

– E por que você tinha que voltar a 1973 e se juntar a mim?

– Para lhe entregar uma informação. Esse era o plano. Eu voltaria para junto do Homem-Deus... gosto dessa expressão... seguiria seus passos, escreveria um novo diário e simplesmente o entregaria a você.

Fiquei perplexo.

Agora entendia.

Essa fora a verdadeira razão da volta de Eliseu ao tempo do Filho do Homem?

Desconfiei.

Além do mais, onde estava a informação?

Mas não interrompi.

– E durante esses dias no Ravid, como disse, trabalhei no código e nos detalhes dos novos “saltos” no tempo.

Eu estava impressionado.

– Na quinta-feira, 22, tudo estava pronto.

Como disse, eu estava pasmo. Assim, tão simples? E me lembrei de uma coisa que não sei se mencionei nestes diários: o coeficiente de inteligência do engenheiro triplicava o deste espantado explorador.

– Naquela mesma quinta-feira desci a Saidan e verifiquei que as coisas continuavam igual, ou pior. Você continuava inconsciente e desgastado. Abril e Kesil não sabiam o que fazer: você não comia, não bebia... continuavam os vômitos de sangue.

– E o Mestre?

– Ele o visitou em duas ocasiões. A segunda foi naquela tarde do dia 22. Eu estava lá.

– O que aconteceu?

– Nada. Ou melhor, tudo.

– Não entendi.

– Ele entrou no “pombal”, sentou-se a seu lado na beira da cama e o contemplou. Não disse nada. Nem uma palavra. Abril de vez em quando molhava sua testa. Depois de um tempo ele se inclinou sobre você, ergueu-o e o abraçou ternamente. Você parecia um boneco. Nós nos emocionamos e tememos o pior.

O engenheiro ficou em silêncio. Recompôs-se e prosseguiu:

– O Mestre deixou-o de novo no leito. Levantou-se e, também em silêncio, já ia abandonar o quarto. Seus olhos estavam úmidos. Ao passar, olhou-me com grande força. Julguei entender. E preparei tudo para aquela noite.

– Ele não disse nada?

– Só me olhou com intensidade.

Eu me lembrava daquele olhar.

– Contratei uma carroça, como outras vezes. Kesil me acompanhou. Abril chorava.

Fez uma pausa e foi sincero:

– A propósito, essa mulher estava muito apaixonada por você.

Não fiz comentários.

– E em plena noite nos dirigimos às portas de Migdal. Dali, como em outras ocasiões, eu caminharia até o “berço”. Carregaria você. Em Saidan tive que brigar com Abril. Ela queria acompanhá-lo. E ali ficou, arrasada. Mas, ao chegar às muralhas de Migdal, surgiu outro problema.

Não fui capaz de imaginar.

– Kesil insistiu em ir na carroça. Queria me acompanhar ao alto do Ravid. Não me deixaria sozinho com você no meio da escuridão. Não houve jeito de convencê-lo. Eu também não sabia o que dizer.

Compreendi a situação.

– Kesil carregou você e caminhamos para o Ravid. Procurei uma desculpa, juro, não encontrei. E ao chegar à “zona morta”, perto da macieira de Sodoma, fiz uma última tentativa

para que ele desse meia-volta e voltasse a Saidan. Ele perguntou por que, e me desarmou. Não podia dizer a verdade, você sabe.

Concordei.

– E o que fez?

Ele balançou a cabeça negativamente, lamentando o acontecido.

– A única solução foi bater nele.

Fiquei sério.

– O que podia fazer? Dizer que éramos astronautas e que escondíamos uma nave no alto do penhasco? E ali ficou ele, sem consciência. Carreguei você e me apressei para chegar ao “berço”.

– Kesil sabia da existência da nave? Chegou a vê-la?

A resposta me deixou petrificado:

– Quando retornei à época do Mestre, em janeiro desse ano 28, tive a sensação de que Kesil sabia de tudo.

– Por quê?

O engenheiro não respondeu.

– E então?

– Trabalhei rápido. É curioso: o que me deu mais trabalho foi o traje de astronauta. Precisei de uma hora para colocar você nele. Assustei-me, você parecia morto. E em uma das manobras, ao acomodá-lo no banco do passageiro, você teve outro vômito de sangue. O escafandro ficou manchado. Pensei em tirá-lo de você, mas o tempo urgia. Kesil podia aparecer no “porta-aviões” a qualquer momento. Você sabe que ele era cabeça-dura e corajoso.

Fez mais alguns segundos de silêncio e exclamou, quase para si mesmo:

– Pobre amigo!

Intuí algo grave, mas não perguntei.

– E às quatro da madrugada daquela sexta-feira, 23 de janeiro, o “Papai Noel” ativou o J85 e iniciamos o voo rumo ao mar Morto.

Fim de sua aventura.

Eliseu prosseguiu o relato, mais calmo.

Jantamos e conversamos até as 3 horas e 37 minutos do domingo, 7 de outubro.

A lua, na fase crescente, nos acompanhou, expectante, até as 3 horas, 49 minutos e 58 segundos.

Depois, esgotada com tanta guerra, fugiu.

A constelação de Órion, no alto, chorava betelgeuses, mintakas, bellatrixes, rigele, alnitake e não sei quantas lágrimas mais.

O voo do Ravid até o mar Morto – segundo Eliseu – fora tranquilo, com as únicas incertezas de meu estado e a escassez de combustível.

– O “Papai Noel” pilotou com finura.

E o engenheiro continuou resumindo:

– Ao ficarmos estacionários sobre o lago, os tanques de reserva entraram em ação.

Eu me lembrava daquilo.

Disponibilidade: 492 quilos. Ou, o que dá no mesmo, 80 segundos.

Eu o interrompi.

– O que teria acontecido se o “salto” no tempo houvesse sido dado na data estabelecida oficialmente?⁵

Eliseu sorriu com amargura. E sentenciou:

– Nem você nem eu estaríamos aqui, agora. Mas não estava escrito.

Caramba, que mudança! O engenheiro acreditava no Destino.

– O computador central obedeceu e realizou a inversão de massa que nos transportou às 21 horas do dia 28 de junho de 1973.

Fez outra pausa e proclamou:

– Missão cumprida, Major!

Contemplou minha cara de surpresa e acrescentou:

– Missão cumprida... ou quase.

Assim estava melhor.

Faltava muito para contar.

– Tive de empurrá-lo – lamentou o engenheiro. – Seu estado não era bom e o tempo corria inexorável.

Eu também me lembrava disso.

De repente, Eliseu interrompeu a narração.

Eram 2 horas da madrugada.

Consultou a caixinha azul e se levantou.

Caminhou até a água e permaneceu absorto por um minuto.

A noite se retorcia vermelha e branca no oeste.

Os tiros de canhão não paravam.

Imaginei que o engenheiro estava vigiando o “berço”; ou melhor, o “Papai Noel”.

Quando voltou, perguntei:

– O que é isso? Para que serve? – e apontei a caixinha azul. – Nunca a vi no “berço”.

O engenheiro desviou do assunto:

– Certas coisas você não conhece, Major. Onde estávamos?

Eu me resignei.

– Você disse que me empurrou e caí nas águas.

– Não tive opção. Faltavam 40 segundos. Tudo foi programado milimetricamente. O “Papai Noel” estava no comando.

– Não entendi. A nave afundou, eu a vi descer. Balançava.

Ele sorriu, malévolo.

– Essa era a ideia, Major.

Olhei-o desconcertado.

– Esse era o plano – prosseguiu. – Era o que eu pretendia: que você acreditasse que a nave havia ido para o fundo.

– Não afundou?

– Sim e não, como você gosta de escrever.

Esperei atento.

– Quando o “berço” desceu a 30 metros, o computador ativou o cinturão gravitacional,⁶ e os motores auxiliares foram nos aproximando do fundo lentamente. A bolha protetora foi um

escudo e uma “boia” perfeitos.

Eu estava de boca aberta.

– Ao chegar a 325 metros de profundidade, o “Papai Noel” passou à fase seguinte da trama: os acumuladores.

Fiquei sem respiração.

Eliseu notou e sorriu satisfeito.

– As 12 baterias que você conhece foram agrupadas em cacho e programadas para emitir energia no momento apropriado. Um peso de 24 quilos as manteria no fundo. E assim se fez. O “Papai Noel” liberou os “balões” e ali permaneceram, a cinco metros do lodo. Os cálculos eram exatos. O peso não foi absorvido pelo lodo graças ao “puxão” dos acumuladores. Em oito dias seriam ativadas automaticamente.

E recordei as fotografias recebidas em Edwards.

Os satélites detectaram uma “mancha laranja” (os acumuladores) em 6 de julho a 330 metros de profundidade, naquilo que chamávamos de “fossa sul” do mar Morto. Distância até a costa jordaniana: meio quilômetro.

Eu estava espantado.

E perguntei inocentemente:

– E se o cinturão gravitacional houvesse falhado?

– A nave teria se cravado no fundo do barro.

– Meu Deus! Você se arriscou!

O engenheiro se manteve sério.

– Não, Major. Na vida sempre deve haver um plano B. E eu tinha.

Ficou mudo alguns segundos.

Finalmente, declarou e tornou a me surpreender:

– Sabe que achava o Homem-Deus sobre a morte?

Não entendi por que aquilo, mas aguardei.

– Ele dizia que a morte é um plano B.

Mensagem recebida.

E, concluída a expulsão dos acumuladores – segundo o engenheiro –, o “Papai Noel” dirigiu o “berço” para a superfície.

– A nave emergiu “camuflada” a 140 metros da costa da Jordânia. Ali procedi à liberação do trem de pouso e de outras peças do “berço”. Algumas você já viu. Ali continuam, espalhadas pelo penhasco submarino.

– Desta forma – concluí –, todos pensariam que a nave havia ficado destruída na queda.

– Era o correto – explicou Eliseu – para que ninguém suspeitasse. Nosso encontro tinha que estar livre de maus pensamentos.

– Pois não foi assim – disse eu. – Uma parte da equipe diretora duvidou que...

– Eu sei.

– E ainda há coisa pior.

E lhe falei da “Raio negro” e do programado por Kissinger e pelo general Haig.

Ele escutou sério e replicou:

– Eu também sei.

Fui estúpido mais uma vez. Não pedi esclarecimentos. Como ele sabia? Naquele momento (outubro de 1973) a “Raio negro” não havia sido “lançada”.

Eliseu continuou:

– Terminada a operação de lançamento do *landing* e do resto das peças, pude me dedicar ao importante.

– O importante?

– Sim, você. O “Papai Noel” e eu observamos seus movimentos. O vento e as correntes, como supúnhamos, o empurraram para o lado jordaniano.

– O que teria acontecido se eu caísse na margem judaica?

Eliseu negou com a cabeça e acrescentou:

– Isso não podia acontecer.

E acrescentou, entretido:

– Além do mais, eu tinha o plano B.

Caramba!

– Finalmente, quando nos certificamos de que os beduínos haviam cuidado de você, levei a nave para o centro do lago, mergulhamos a cem metros e o “Papai Noel” realizou uma nova inversão de massa.

– Voltou para o tempo do Mestre?

– Afirmativo.

– Para qual momento?

– Segunda-feira, 26 de janeiro do referido ano 28 de nossa era.

– Para quê?

– Já lhe disse: eu queria seguir Seus passos. Eu me tornei Sua sombra durante dois longos anos.

– Meu Deus! Conte!

Ele ficou em silêncio.

Manipulou a caixinha azul e tirou algo dela.

Depois, abriu a palma da mão direita e me mostrou.

Caramba!

– E isso?

– É para você.

Era uma “pérola” negra igual à que havia aparecido em meu pescoço naquele 28 de junho!

Era um “DR”, um “leitor de sonhos”!

Ele o entregou a mim e comentou:

– Está tudo aqui. Você só tem de decifrá-lo. Já sabe como.

Eu estava perplexo.

– Então, foi você!

O engenheiro adivinhou meus pensamentos e assentiu com a cabeça.

– Foi você – repeti desconcertado – quem pendurou o “DR” em meu pescoço.

– Fiz isso no Ravid antes de vestir o traje em você.

Avaliou as palavras e sentenciou:

– Os diários não devem se perder.

Não prestei atenção. Estava fascinado.

– Mas conte-me! Que fim levou o Mestre? O que aconteceu nesses dois anos?

Ele apontou a “pérola” com o indicador direito.

E, quando ia falar, explodi:

– O que aconteceu com Rute? Foi curada pelo Homem-Deus? Eu sei que se curou. Ela está bem? Casou-se? Lembrava-se de mim?

Eliseu me pediu calma e se limitou a repetir:

– Está tudo aí, Major. É mais emocionante se você ler.

Não lhe arranquei uma palavra, salvo o maldito “está tudo aí”.

Depois, falamos de mil coisas.

Ele riu muito ao comentar o assunto das interferências, do arraste da *Sem Nome* e da perda do robô. Foi ele, claro.

E de vez em quando o engenheiro repetia:

– O mundo tem direito de saber a verdade. Não esconda os diários. Escreva, irmão, escreva!

Uma hora antes do amanhecer, eu o levei ao “ponto vermelho”.

Não houve despedida.

Antes de se jogar na água, exclamou:

– *Lehaim!*

E desapareceu na noite.

Nunca mais tornei a vê-lo.

E respondi, um pouco tarde:

– À vida!

Fiquei no lugar um longo tempo.

O alvorecer surgiu às 5 horas e 37 minutos.

Chegou violeta e pacífico, como sempre. Mas, ao ver o sangue derramado, fugiu pálido e se transformou em dia.

Fiquei no Mujib mais dois dias.

A guerra continuava, obstinada, absurda e odiosa.

O encontro com Eliseu modificou meus planos, em parte. Fiz um balanço.

O engenheiro me devolveu a meu tempo. Depois “voltou” à época de Jesus (janeiro do ano 28). Viveu mais de dois anos a Seu lado e, ao que parecia, havia escrito um diário. Estava contido na “pérola”. Eu, agora, devia retornar à base de Edwards e decifrá-lo.

Faria isso assim que possível.

“O diário de Eliseu” – assim o batizei – tinha prioridade acima de todo o resto.

E pensei muito: o que teria acontecido nesses dois anos de vida pública?

Teria que esperar para descobrir.

Na terça-feira, 9 de outubro, decidi voltar a Belém.

Tracei um plano.

As fronteiras estavam fechadas. Eu só poderia entrar em Israel clandestinamente. O acesso menos comprometedor era pela margem judaica do mar Morto.

Mas, antes de partir do Mujib, peguei uma das frigideiras de ferro e gravei no fundo: “*le’netzach netzachim*”.⁷

Depois, rumei para o sul.

Ao navegar sobre o sima, deixei cair a frigideira. E ela afundou na escuridão.

Assim refoguei, em parte, meu coração.

Ao entardecer, cheguei à costa do Lisan. Entreguei a *Sem Nome* e doei os equipamentos. Depois resolveria com a empresa proprietária deles. O “Navstar” ficou comigo.

Tive que caminhar até a aldeia de Al-Mazra’a e ali, com paciência e dinheiro, negocie meu traslado à costa hebreia. Especificamente a Ein Gedi.

Custou-me uma fortuna.

E, naquela mesma noite, a *Sem Nome* me prestava um novo serviço levando-me até o sul do oásis. Quando desembarquei, o beduíno que a pilotava se afastou veloz.

Peguei carinho pela lancha.

No dia seguinte, quarta-feira, 10 de outubro, após telefonar para Marcos, voltei à cidade de Belém.

O guia louvava sem parar o bondoso Deus. Todos me julgavam morto.

Durante 20 dias não saí de Belém.

A guerra continuou, conforme o planejado no Rapto de Europa.

Dediquei tempo e afã a escrever e a trabalhar na elaboração de um segundo código, fundamental para meus propósitos.

Pus os diários em dia e fiz alguns retoques.

Em 22 de outubro, segunda-feira, começou a se falar sério sobre um cessar-fogo. Os canhões, contudo, não foram silenciados até o sábado, 27.

A maldita guerra teve uma duração de 21 dias.

Nela morreram 2.378 soldados judeus. Os árabes nunca revelaram o número de baixas.⁸ Entre sírios e egípcios falou-se de 18.800 mortos.

Em 11 de novembro foi assinado um acordo de paz, finalmente.

Alguns esfregaram as mãos.

A Europa e o Japão – como pretendia o Rapto de Europa – afundaram economicamente. Os países árabes produtores de petróleo fecharam a torneira para o Ocidente como represália pela vitória de Israel.

E os traficantes de armas e de alimentos (com o Kremlin e o Pentágono à frente) embolsaram 21 bilhões de dólares... em 21 dias!

O povo árabe e judeu nunca soube.

Quando os ânimos se acalmaram um pouco, fiz algumas viagens curtas por Israel e concluí a construção do segundo código, também no mais puro estilo “Eliseu”.⁹

Depois, conforme o planejado, dividi os diários em duas partes. Uma voltaria aos Estados Unidos com quem isto escreve. A segunda, e mais volumosa, ficou em Israel.

O grosso do “tesouro” foi dividido em seis pacotes.

Cada um foi protegido com um duplo saco plástico preto refratário à luz.

Eu os numerei e me ocupei embrulhando-os em um grosso saco de aniagem.

Costurei-os com fio de seda azul e os contemplei durante um tempo.

“Quem seria o destinatário dessa incrível e fascinante aventura com o Homem-Deus?”

Deixei isso nas mãos do Destino. Ele sabe.

Depositei os pacotes na mala marrom e fechei a chave.

No fim de novembro (1973), faltando algumas horas para minha viagem aos EUA, entreguei a mala marrom com os diários ao guia Marcos.

E comentei:

– Alguém vai passar para buscá-la. Não sei quem, nem quando.

Ele não fez perguntas. Limitou-se a guardá-la.

Eu sabia que estava nas melhores mãos.

Depois, com lágrimas nos olhos, nós nos despedimos.

Também nunca mais o vi.

Ao terminar os diários, na casa de Marcos, escrevi: “O que me reserva o Destino? Devo aceitar a oferta do general Haig? Devo participar da ‘Raio negro’? E o mais importante: intuo o conteúdo do ‘DR’, mas ardo de desejos de ler esse diário. Sei que viverei o não vivido”.

Em *Abba*, sendo 12 horas de 12 de julho de 2012 (segundo a igreja católica, o dia de Jásão).

¹ Em 1967, após a chamada “Guerra dos Seis Dias”, o Sinai e as alturas do Golan caíram em poder de Israel. Antes eram território egípcio e sírio, respectivamente. (N. do M.)

² Segundo o Instituto de Estudos Estratégicos de Londres, Israel dispunha de um exército de 30 mil homens, com capacidade de mobilizar mais 300 mil em 72 horas. O potencial bélico dos egípcios se elevava a 298 mil homens. A Síria contava com 132 mil soldados. Israel somava 1.700 carros de combate. O Egito, 1.955 e a Síria rondava os 1.200. Os judeus dispunham de 488 aviões de guerra e os egípcios e sírios, de 620 e 326, respectivamente. Em peças de artilharia, egípcios e sírios triplicavam a capacidade de fogo de Israel. (N. do M.)

³ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁴ Ampla informação em *Cavalo de Troia 9 – Caná*. (N. de J. J. Benítez.)

⁵ O segundo “salto” no tempo foi registrado à 1 hora do dia 10 de março de 1973. Os astronautas deveriam estar de volta a Massada na noite de 19 para 20 de março. A estação receptora de fotos começou a transmitir em 10 de abril (1973). O Cavalo de Troia, portanto, tinha que abandonar Massada uns dias antes. Segundo conta o Major, Curtiss e a equipe resistiram na “piscina” até 28 de março, quarta-feira. Ampla informação em *Cavalo de Troia 2 – Massada*. (N. de J. J. Benítez.)

⁶ Segundo o Major, o cinturão gravitacional era um dos sistemas defensivos do “berço”. Da membrana externa partia uma poderosa emissão de ondas gravitacionais que envolvia e protegia a nave com uma “esfera” invisível. Podia ser regulada em distância e em intensidade. Nada nem ninguém estavam capacitados para penetrar essa barreira. O Major anuncia nos diários que essa “bolha gravitante” será a solução, no futuro, para os acidentes aéreos, de trânsito ou de trem. Ampla informação em *Cavalo de Troia 1 – Jerusalém*. (N. de J. J. Benítez.)

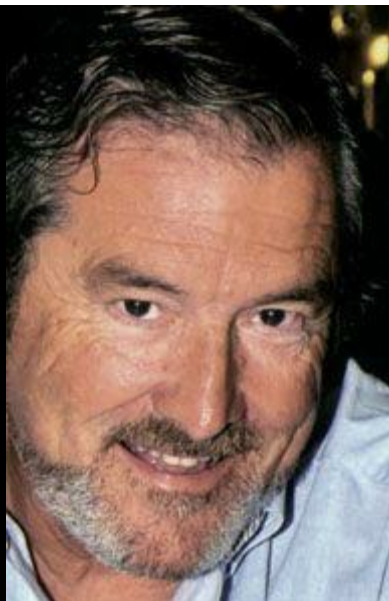
⁷ O Major não explica por que essa expressão hebraica. Segundo meu professor de Cabala, doutor Larrazabal, *le'netzach netzachim* pode ser traduzido como “para a glória das glórias”. (N. de J. J. Benítez.)

⁸ Segundo algumas agências internacionais, a Síria pode ter perdido cerca de 3.500 soldados. O número de mortos nos exércitos egípcios foi superior a 15 mil. Nunca foi confirmado. A Síria capturou 119 soldados judeus (entre 6 e 8 de outubro). Desses, 42 foram assassinados. A Síria se negou a entregar à Cruz Vermelha o nome dos prisioneiros israelenses. Fez isso, finalmente, em 28 de fevereiro de 1974. Os árabes perderam 2.200 tanques e 450 aviões. Israel, por sua vez, perdeu 800 tanques e 115 aviões de guerra. O número de prisioneiros árabes em poder de Israel chegou a 8.800. Entre o Egito e a Síria somaram-se 400 prisioneiros judeus. (N. do M.)

⁹ O Major se refere, sem dúvida, ao seguinte: “Veja, envio meu mensageiro a você MARCOS 1.2. Hazor é seu nome e suas asas o levarão ao guia MARCOS 6.2.0. O número secreto de suas plumas é o número secreto do guia que há de preparar seu caminho MARCOS 1.2”. Ampla informação em *Cavalo de Troia 2 – Massada* e *Cavalo de Troia 3 – Saidan*. (N. de J. J. Benítez.)

Se deseja entrar em contato com J. J. Benítez, poderá fazê-lo pela Caixa Postal (Apartado de correos) nº 141, Barbate, 11160, Cádiz (Espanha) ou então por meio de sua página oficial na internet:

WWW.JJBENITEZ.COM



© Blanca Rodríguez

J. J. Benítez nasceu na cidade de Pamplona, na Espanha, em 1946. Hoje mora em Barbate, na província de Cádiz, praticamente afastado de todo ato público, e se dedica, essencialmente, a pensar. De vez em quando escreve. Segue investigando, mas em silêncio. Acredita que sabe quem é e por que está no mundo. “O restante”, diz, “não importa.”

Conheça os outros títulos de J. J. Benítez lançados pela Editora Planeta:

CAVALO DE TROIA 1 – JERUSALÉM

CAVALO DE TROIA 2 – MASSADA

CAVALO DE TROIA 3 – SAIDAN

CAVALO DE TROIA 4 – NAZARÉ

CAVALO DE TROIA 5 – CESAREIA

CAVALO DE TROIA 8 – JORDÃO

CAVALO DE TROIA 9 – CANÁ

OS ASTRONAUTAS DE YAVEH

ENCONTRO NA MONTANHA VERMELHA

O ENVIADO

EXISTIU OUTRA HUMANIDADE

MEUS ENIGMAS FAVORITOS

O MISTÉRIO DA VIRGEM DE GUADALUPE

A REBELIÃO DE LÚCIFER

O TESTAMENTO DE SÃO JOÃO